

Camila ♥ Marciano

Família Ferreira | Livro Três

O ÚLTIMO HOMEM
da MINHA MULHER
sou eu

TE VEJO DEPOIS DA LINHA.



Sinopse: O Terceiro e Último Livro da Série vem para desvendar o moleque que passa sem que ninguém veja. Chegou com uma filhinha nos braços, os cabelos mais compridos, e mais bruto.

Mais bruto? O Médico? Logo ele, que é feito de contato?

Tinha uma envergadura de oceano, só se via lagoa.

Uma cowboy tem tudo o que o olho alcança. Dá teto e comida a quem quer que precise, vive de defender cavalo arisco e dança com eles, esperando não tomar coice.

Mas não gasta dois segundos para se olhar no espelho. O maxilar de aço, cansado de tomar coice de cavalo e homem, dói todo dia.

Pensando bem: o que não dói? Olha para o passado e se esconde dele, fecha os olhos para não ver, evita. Olha para o futuro e não pensa, não quer pensar. Evita. Vive de cuidar dos cavalos, descuidar de si, ignorar a irmã que precisa de ajuda e vai:

Para onde?

Para o fim da linha.

Prólogo

Se o corpo é teu a as regras são todas suas, por que foi que o deixou entrar, Bia?

Por que serviu café, almoço e jantar, porque o permitiu ficar e por que amanheceu e dormiu, todos os dias, aos prantos?

Se a anatomia é tua e foi Deus quem te fez assim, por que o deixou te corrigir? Por que se ajustou a ele e o proclamou divindade às três da madrugada enquanto ele exigia de você tudo aquilo que não foi feita para dar?

Você, Bianca Botelho, chorando pedindo perdão enquanto sua irmã, de joelhos, te entrega o mundo numa bandeja de prata.

Olhando a pista de corrida reformada, aos cavalos escuros de passada macia e veloz, a barriga corada, o casco lixado, ela só conseguia pensar que nada daquilo foi seu plano. Atravessando a correnteza num barril, só foi para onde as águas iam. Não seria capaz, nem nunca foi, de seguir um caminho sozinho, só seu. A Dê, ela sabia, a Dê sim que é mulher que guiar boi e guiar boiada, mesmo com seu sorrisinho tímido e voz sem tônus, a Dê sim que é moça de guiar.

Ela? Olhando a sua própria staff, aos peões ultra-capacitados e cavalos de milhões de euros, ela só fazia sua parte. Domava sem relho, acarinhava orelhinhas com torrões de açúcar nos dedos e reclamava quando não via cascos encerados. Ela, moça que domou o cavalo mais rápido do mundo, recorde mundial de velocidade dos cem metros, dona de uma besta-cavalo escura, comicamente apelidada por Bela e nenhum senso de lealdade, só conseguia dançar onde ditavam o ritmo.

A Dê estalava os dedos, a Bia seguia. Era assim que funcionavam. Tudo o que os olhos alcançam levavam o nome da Botelho de chapéu, desde as escrituras até às carteiras assinadas, Andressa não fazia questão de ser dona, de ter seu nome brilhando no hall de entrada: era tudo da Bia. Tudo o que as duas ergueram juntas, ao que deixaram para trás, ao que ainda vão perder pelo caminho. Tudo leva o nome da Bia.

Mas por que ela não consegue ficar feliz? Era o sonho da garotinha dos shortinhos atolados e as botinhas, não era? Um monte de cavalinho no quintal. Desde que ganhou um crioulo do Tio Carlos no aniversário de quinze anos, era esse o plano: cavalinho no quintal.

Ceceu, o veterinário-chefe desde Portugal, do outro lado da pista e de chapéu baixo, comentava algo consigo e não olhando duas vezes ao mesmo cavaleiro, assinava numa prancheta os tempos dos bichos. Todo dia, mesmo antes do sol nascer, é isso. Acordar, sentir o coice da dor do maxilar de aço,

vestir-se numa roupa mais ou menos limpa e ver o andamento dos planetas de camarote.

Toma café com os peões, cada um deles com diplomas e honrarias de faculdade o tanto quanto quiseram, desde Portugal esta trupe de vinte homens que seguem as Botelho para onde forem são os peões mais capacitados que aqueles cavalos já viram.

E mesmo assim, sabendo que eles podem dar andamento sem supervisão, ela continua, dia após dia, trabalhando de puxar guia de bicho sem Doma, escovando pelo de bicho banhado e limpando, problemas do ofício, bosta das baías como se não tivesse gente para fazer isso por ela.

No fundo. Houve, um dia, uma Bianca Botelho destacada desta melancolia muda que dissipa só no calor da raiva? Se houve, foi antes. Foi antes de saber o que é amor, o que é curvar-se. O problema não é o amor, todo mundo diz que o amor é lindo, o problema é o que o amor é capaz de fazer com a cabeça de um cowboy.

Ela sorri para o Ceceu quando ouve mais um tempo muito bom, quase milagre se ela não o ouvisse todos os dias, ela agradece pelo empenho do time de quatro cavaleiros que passam oito meses por ano montados em bichos superpremiados, ela é capaz até de soltar piadinhas infames com palavrões cabeludos colados na punchline, mas não é capaz de ir para casa, no fim do expediente, feliz por mais um dia.

Pelo contrário, é uma ladeira por dia. Um elevador que só desce. As conquistas, isso o Tio Digo sabe há mais tempo, elas não duram. Não dá para viver de comemorar. Um dia, os milhões de euros e o escambau viram rotina. Não ter mais que parcelar compra vira rotina, cai no tanto-faz. Simplesmente não importa. Ter que parcelar, ou, não ter que parcelar. Mandar comprar safra de feno, anabolizantes, tudo com cheques com zeros demais.

E não ter coragem de gastar dez reais numa camisa nova. E não ter vontade de dar cinco reais num anel. Todas as suas roupas datam dez anos. Jeans rasgados em partes que não importam, camisas puídas para lidar com bichos brilhantes que se banham dia sim e dia não. O Luxo é no chapéu do vô, um mais lindo que o outro, todos herdados, ninguém mais da família quis. Nenhuma pintura ao redor da face morena de Sol, nem adorno na cabeleira comprida e desidratada. Vivendo de sabores.

Já era tempo de ter aprendido a desamar, não era? E já desamou, sim. O primeiro é só desgosto, o segundo enfrenta processo judicial por roubo, agressão e mais um monte de nome difícil que a Dê fala, mas a Bia não é capaz de guardar porque simplesmente não importa.

Olhando a Baía agora reformada, local para onde os cavalos deveriam

todos ter ido quando voltaram de Portugal, ela se lembra da velha baía destruída por descuido e orgulho de um homem ferido. Ê, Jorge. E não consegue se esquecer dele quando vê as mesmas vigas principais, que num outro tempo, já foram plateia para juras de amor anunciadas aos suspiros.

Jorge é o tipo de armadilha que nem Lampoul foi capaz de armar. Sorri bonito para você, é capaz de te comprar quantos cavalos você queira ter, engana com a mesma fala macia que ele usava com seus cavalos e te arranca o coração do peito na primeira oportunidade. Homens como ele vivem de pisar naquilo que não têm.

Beijou a égua Bela no focinho, acarinhou e agradeceu pelo tempo de corrida, entregou um pedacinho de maçã que sempre leva no bolso e escondido dos olhos recriminatórios do Ceceu e sorriu com carinho. Nem sorrir ela sorri como já sorriu. É estampa de rosto, esses dentes arreganhados. Os humanos se confundem, supõem sorriso, mas os cavalos não se enganam. Olham para um igual e já percebem. Está no jeito da mãe de todos eles. Está no olhar baço e sem vida.

A égua Bel olha para a mãe e entende exatamente o que os olhos de lápide querem dizer:

Aqui jaz um corcel.

Entende porque, um dia, já foi a égua decepada e hoje corre como um foguete porque é esta a sua índole. Quatro anos de cavalo xucro sem doma, guiada no relho. Os especialistas dizem que ela é velha demais para correr como corre, todo ano passa por uma bateria de exames anti-dopping. Só drogada é que seria aceitável que um cavalo desses corresse do jeito que corre.

Duvidam. E ficam de camarotes, de boca aberta, inconformados. É essa sujeita sem modos que leva o Corcel de asas para casa? É essa menina que coloca o demônio de ferraduras no bolso e o leva para onde for?

É, exatamente assim. Porque tem alguém que fornece condições, logo atrás. Por trás de um grande homem sempre há uma grande mulher.

Por trás de uma grande mulher, sempre há outra mulher.

Nove anos atrás a Dê voltava ao Jockey de São Paulo. Seu primeiro ano em Portugal tinha acabado, tudo começava a fazer sentido, já tinha perdido o seu primeiro cem mil na mão dos mafiosos que riam com uma taça de vinho e mentiam na folha de pagamento toda vez que tinham que pagar o lucro da mocinha brasileira.

Cansada lá atrás ainda, pensou, perto do Natal, que teria ao menos quinze dias de paraíso onde pudesse ver que a irmã fazia valer seus esforços, honrava seu nome e sua confiança.

O que viu foi um moleque de chapéu e botas torcendo sua irmã até o

ponto de quebra. Jorge gritava com a Bia, nove anos atrás, como não grita com qualquer outro funcionário. Não existe empoderamento e discurso bonito quando você vê um metido a bruto tratando sua irmã igual lixo. Não existe palavra que baste quando você vê que sua irmã é capaz de largar uma tarefa pela metade e vai, escoia mansamente, atrás dele, visivelmente humilhada e desgostosa, mas ainda assim, vai.

Plácida sem expressão, numa visita surpresa só para saber como a Bia estava, a Dê viu e sentiu tudo. Mineiro não observa. Diminuída em potência e sabor. Atendeu ao chamado como uma criada atende ao rei e tomou um tapa na bunda, de posse, vulgar. Sem poder dizer nada, a Dê se calou e queimou por dentro, de nojo. Estavam se esfolando na cama, isso era óbvio. A Bia estava lá para cuidar da sua ala de fisioterapia, ela era a responsável pelo negócio no Brasil enquanto a Dê mantinha a ordem em Portugal; mas olhando assim, ao desrespeito do Jorge, a Bia não passava de cadela.

Tudo ali era do Jorge: A Bia, a Ala de Fisioterapia, o Jockey, os peões. Rei na terra dele, a Dê ali era só uma pedra necessária, um parasita a quem todos têm de conviver. Olhou da Bia para o Jorge e não disse nada. Com homens como ele não se bate de frente. Se abaixa, sai de cena e dá a rasteira.

Só depois, quando foram as duas almoçar, que a Dê tomou providências:

— Bia, tem espaço para você em Portugal.

— Tem não, nem começa.

— Tem, Bia. Eles têm um cavalo lá que ninguém doma. Eu digo a eles que você é capaz de domar, que não tem ninguém melhor que você.

— Eu ainda não aprendi tudo da Doma. Jorge ainda tem muita coisa para me ensinar.

— ...O dono está considerando eutanásia.

— Só porque ele não sabe dar uns passinhos ensaiados?!

— Não, o bicho ataca os outros, é ruim que dói, só esse ano derrubou sete cavaleiros e quase mata um.

— E daí, vão matar só porque não serve para competição?

— Você imagina o preço de manter um Puro Sangue Inglês que não tem jeito?

— Sempre essa história de dinheiro...

— Eu me prontifiquei a comprar, Bia.

— Sei.

— Mas não compro se você não for lá domá-lo para mim.

— Mas você é uma porra.

— Eu sei.

— Uma porra!

— Eu sei, mas alguém tem que ser. Faz as malas e vem comigo?

— Eu tenho escolha, Diabo?

— Graças a Deus. – E deitou a cabeça nos ombros da irmã, mais calma e disfarçando as mãos suadas – Faço de tudo para manter você longe desse homem.

— Quem, o Jorge?

— Aham.

— Dê, o Jorge é inofensivo, é bruto, e bruto é assim, mas o Jorge não tem problema, não.

— Vai olhar na minha cara e dizer que esse roxo é coice de bicho, Bianca? – Como uma detetive, a Dê arregaçou a manga da camisa da irmã até atolarem nos bíceps. Já tinha visto que a Bia impediu que a tocassem ali, mas não entendeu o porquê, só entendeu que algo doía. – A nossa mãe não criou a gente para isso.

— Já te falei que não foi nada.

— Você tem coragem de chegar e dar tchau para ele, Bia? – E a Dê falava tão sério, que os olhos pareciam que clareavam. Só a Bia percebia isso. Olhava para a irmã e era como se a lesse. – Pega suas malas, pega seu Encrenca e vamos embora daqui.

— Não posso.

— Sei que não – Sem olhá-la nos olhos, beijou-lhe o rosto e as mãos, mas não amenizou o teor da conversa – Mas eu tô mandando.

— Não posso.

— A gente faz a fisioterapia dos cavalos de lá. Conversei com duas universidades e já mandei seu projeto para eles. – A esse ponto, é suposto que o Leitor imagine que a Dê não tinha conversado com ninguém ainda. – A gente continua por lá. A faculdade daqui tem convênio com as de lá.

— Não posso.

— Eu não posso voltar agora. Não dá. Assinei no-competition em caso de quebra de contrato. Isso quer dizer que se eu venho para cá, cancelo nosso negócio e alguém que não é você vai passar a mandar no seu projeto. Bia, eu não quero chegar a isso, não me force a te obrigar!

— Você manda de lá, eu mando de cá, era esse o combinado.

— Mandar em quê? – A Dê não queria chorar, mas como? – Ele grita e você vai, ele faz e você abaixa a cabeça, ele manda e você obedece. Quem tá mandando no seu projeto, Bia? Não era seu plano? Não era a nossa piscina, o nosso estábulo, o nosso Encrenquinha? Bia, pelo amor de Nossa Senhora, vem comigo. Meu coração dói de ver você se sujeitando a um homem como ele!

— Eu amo aquele trem.

— Eu sei, Bia... - E beijou as mãos da irmã de novo, antes de segurá-la pelas bochechas – Mas confia em mim quando digo que tô fazendo isso pelo seu bem? Ninguém te ama mais que sua família... Você vai acabar grávida e apanhando todo dia.

— O Jorge não seria capaz.

— Mas você quer pagar para ver?

Não pagou. Anos depois, olhando o cavalo velho que corre como um cavalo novo, recordista mundial, um maxilar de aço e desgosto para uma vida toda, o ventre oco agradece e chora, tudo ao mesmo tempo.

Beijou a cabeçorra do cavalo que homem não doma, fechou a portinhola da baia e saiu. Tudo o que os olhos alcançam é seu, datado e registrado, do portão lá da Marginal até o outro extremo, IPTU isento, cavalos lindos de doer, quadro de funcionário feliz, capacitado, saudável e progresso. O Sol bate na grama de um jeito que dá vontade de chorar, tudo cheira a felicidade e cor, tudo tem jeito de fazenda de família, cuidado, luxo de gente da roça, madeira e pouca luz.

Cenário que a irmã ergueu para dizer a uma Bia menina que tudo é possível, sim. Que dá para ter sorte em tudo. A irmã move montanha para deixar os seus felizes, mas não é capaz de ir lá dentro do peito da Bia, limpar a fuligem dos cômodos e abrir as janelas. Em partes porque não é trabalho dela. Em partes, porque não é trabalho de mais ninguém além da Bia.

A neném Carol, filha do Jorge com a Roberta, ex-secretária do Jockey, corre com suas perninhas curtinhas para dentro do restaurante onde comem todos os funcionários do Jockey. Que alegria que bebezinha dá! Já está andando a coisinha, toda desengonçadinha pelo piso de madeira, ri e parece que colore o mundo todo!

Problema é que ela tem os olhos do pai e a Roberta ficou com uma cicatriz permanente na testa. Olha as duas e entende que aquela sequela podia ser dela.

E, em partes, fica triste por não ser.

Capítulo 1

— Sabe o que o Presidente do Centro Hípico me perguntou? – A Dê perguntou, com voz de cama, travando os dentes e as mãos nas ancas do marido.

— O quê? – E ele respondia à altura.

— Perguntou se é caro manter marido como é caro... manter esposa.

— ... - E ele mal podia responder, alucinando e procurando o teto para se guiar.

— Sabe o que eu respondi? – ela sorriu, soprando as palavras para dentro dos cérebros dele. Menino que sempre amou ouvir mais do que ver agora tem um arsenal de coisas para lutar contra e sempre perde.

— O quê?

O quarto deles ficou pronto, maravilha de Box in a Box que pode cair o mundo lá embaixo que ninguém ouve. Um quarto dentro do outro, blindado por óleo. Nível de ruído tão baixo que, se ficam quietos, escutam o farfalhar do lençol. O batimento cardíaco do outro. Tão silencioso que os Ferreiras mordem as Botelho num almoço escandaloso de domingo e o castelo deles não se abala.

De quatro, os dois, coisas secretas assim ninguém ousa invadir, nem ver, nem falar. Só faz e fica de risinhos pelos cantos. Louco do jeito que esse menino é, sem pudores, sem vergonha, filho de quem é e sem medo de parecer menos homem, à frente da esposa ele se abre enquanto ela encaixa, devagarinho, besuntada de lubrificante e vestida de um cinto com um consolo colado.

— Que é baratinho. – Disse, colocando para dentro dele tudo de uma vez, segurando-o pela cintura.

Os braços dele fraquejaram um pouco e ela achou lindo aos músculos marcados das costas, o pé do cabelo, o pescoço e as tatuagens. Os olhos cerrados, perdidos numa face congestionada, maluca de pedra, um pouco sorridente porque todo mundo sabe o que isso é.

— Era isso o que você queria fazer – Ela continuava, ao ritmo das estocadas, sorridente e igualmente descabida – quando reclamava que a gente transava pouco?

— Nem começamos. – Ele sorria, travando as mãos no lençol macio – Se eu ver que você tá melada por causa disso, me aguarde.

— Late muito mais do que morte. – Respondeu a mãe do filho dele, grávida que sequer começou a despontar barriga.

De frente, ele era muito mais lindo. Não se aguentava nos joelhos, escorregava. Ele se virou de frente e se encaixaram, o anverso do normal. O cinto de couro que suportava o brinquedo pegava nas pernas, por baixo do

bumbum, amarrado nela como se fosse dela.

Mas não era. Por baixo da fantasia inversa, ela escorria um pouquinho. Não fazia diferença, ele mesmo já disse uma vez, problema meramente vetorial. Ele se perdia no foco e nas mãos, todo inchado e duro, se tocando e se perdendo, num vai e vem frenético dos dois. Ela mal podia parar de sorrir porque gostava do jeito como ele conduzia, como era conduzido. Olhava para ela também, quase não sorrindo, só se arrependendo um pouco de não tê-la feito chegando lá primeiro.

— Tira a mão – ela disse, sorrindo, deitando sobre ele, menorzinha e sem alcançar a boca, encostando a barriga nele e, num esfregão, o fazendo gemer tão bonitinho que, só de ver, ela gemia junto.

Ela que era moça do gostar de ver. Mineirinha come-quieto, a songa-monga. Beijava-o onde via e ele se curvou para beijá-la também, segurando com força em tudo o que via, encaixando a barriga dela de um jeito que conseguia se masturbar com ela, roçando em tudo, sentindo os peitos dela no peito e repetindo infinitamente o quão ruim ela era para ele.

— Já vai? – Ela perguntou, vez dela de ter as sobrancelhas amarradas, a boca entortada de desejo.

— Não posso.

— Pode, Amor, goza para eu ver.

— Fica quieta. Não fala.

— Deixa eu ver, Lipe.

— ...

— Dá para mim.

Irrompeu, emergencial, um choro de bebê tão alto, que o clima acabou-se todo. Não era o filho deles, esse ainda não estava pronto, sequer sabiam o sexo. O quarto ao lado seria, antes de o Guto voltar para casa, o quarto do filho deles e, por isso, o Lipe instalou um sistema que amplifica para dentro do Box in a Box qualquer volume a partir dos quarenta decibéis, como uma babá eletrônica com microfone e caixas acústicas de alta definição.

Casamentos inteiros foram festejados com menos potência e definição que a babá eletrônica que o Lipe colocou no quarto. A bebê do Guto chorava tanto e tão alto, que parecia que estava ali, ao lado deles, assistindo tudo de camarote.

— Sem final feliz para você – Ela sorriu, doce como não é e totalmente cínica, saindo de dentro dele.

— Cadê esse Guto do caralho?

— É cedo, marido, deve estar dormindo.

— O filho da puta só tem um trabalho, por que não o faz? Caralho!

— Tá bravo, o Lipinho. — Comentou, baixinho e consigo, enquanto desafivelava o cinto.

Vestiu a bermuda de qualquer jeito, fulo da vida, o rosto vermelho, ainda abatido pelos sintomas do amor e ganhou o corredor, trancando a porta atrás de si, amarrado de contragosto. Atravessou a porta de madeira da nenê, e ouviu o choro ao vivo. Dentro dos braços do pai, deitada na cama, a coisinha dos olhos mais verdes do mundo chorava e nada do cavalo velho acordar.

— Eu te odeio, Guto. — Praguejava. — Eu te odeio num tanto que não dá nem para comparar.

Pegou a bebê com cuidado e a balançou, para lá e para cá, tentando acalmá-la. Beijava os cabelinhos enroladinhos, sabendo que era fome, a arrumando contra o peito. Puxou um cobertor felpudo para cima da nenê e saiu, escadas abaixo, em busca da lata de leite e de uma mamadeira limpa.

— Ouvi berreiro lá de casa — A Bia respondeu, dando desculpas por invadir a casa do cunhado assim, às pressas. Com a barriga no fogão, chacoalhava a mamadeira com uma dose de leite e três de paciência — Choro de fome eu reconheço.

— O Guto nem acordou, aquela puta.

— Sempre dormiu assim.

— Um bosta.

— Tó. — A Bia respondeu, estendendo a mamadeira.

— Você não quer dar, não?

— Não.

— Nunca nem segurou sua sobrinha...

— Não quero muito perto.

No fundo o Lipe sabia o porquê, mas não queria tocar no assunto, não. Só olhava, fingia que não via, e continuava com a vida. Balançando a bebê esfomeada com carinho, emborcou a mamadeira na boquinha e sorriu, olhando-a beber, pensando que logo logo era ele assim, com seu moleque de olho azul, berreiro para mais de metro e mamadeiras.

— Daqui a pouco a Dê arranca teu couro.

— Quê? — E ele viajando na maionese.

— Fala para ela cortar as unhas.

— Mas do que caralhos você tá falando?

— Tá todo marcado.

De unha, Lipe, seu lerdo! De u-nha! A Dê, não feliz em te comer até do avesso, te marcou todo com aqueles unhões que ela tem!

— Ahhhh. — Ele disse, depois que se tocou. — Já vou vestir a roupa.

— Carece não. — Pegou o chapéu de cima da geladeira, calçou-o com a

mesma brusquidão de quem veste botas e foi saindo.

— Bia?

— Quié?

— Amanhã é a primeira visita do Jorge. – Relembrou. – Ele vai entrar aqui e vai dar oi para a Carolzinha.

— Pois é. Justiça de merda.

— Não esquece que eu tô aqui, tá?

— Sei onde cê mora. – E saiu sem dar explicação, sem se preocupar em manter diálogo, sem dar pano para manga. O Lipe era o único que conseguia chegar perto da Bia, nem a Dê mais conseguia. Fechou-se num casulo escuro e frio e não sai de lá nem por decreto.

Nem para dar um cheirinho na Madá que bebe o leite e olha para o Lipe com os olhos que se planta, dá. Tão linda, essa menininha! Derretido como anda, todo geleião que nem o pai, bastava cinco segundos olhando para a bebê coberta e protegida dentro do arco de seu braço que nada parecia ruim, desencaixado, fora do espaço-tempo perfeito que ele mandou erguer só para a dele e para si.

Nem se lembrava mais do Jorge-ameaça de sanidades, nem do irmão melancólico que entra mudo e sai calado, nem dos pais passando por síndrome do ninho vazio e nem do próprio fundilho largo há cinco minutos por uma mulher que entra na onda e compra a briga, fosse contra quem fosse, desde que fosse com ele.

Se esquecia até que tinha prazo, que tinha de estar cedo na própria empresa, que tinha outra reunião nada agradável com a estatal do México.

Os caras queriam ampliação do dique de contenção, ele lembrava. Instalação de dreno em duas represas perto dos Estados Unidos e não queriam saber se a *Miller & Miller & Machado Consultoria* eram especializados em pontes: queriam diques. E estavam dispostos a pagar uma merreca.

— Aí está você. – A dele disse, com braços de amor, os dentes limpos e de roupão. – Bom dia, coisinha linda.

Sorriu para o pacotinho no colo do marido, toda embrulhadinha com as mãozinhas para fora do cobertor, os bracinhos gordinhos cobertos pela roupinha e a boquinha ainda esfomeada que não parava de chupar o bico da mamadeira.

— Faça outra dessas?

— Faz, Nina, que ela está com fome.

— Vai ver, veio da Bahia à pé, né?

— E o pai dela nem acorda.

— Não ligo. – A Dê sorriu, avançando para o fogão, enchendo uma leiteira com água e abrindo, de novo, a lata de fórmula infantil. – Sua mãe disse

que ele não dorme pesado assim desde a época da faculdade.

— Eu sei, porra, mas é todo dia.

— Ele se ajusta. – E sorria toda calma como se não tivesse sido a Vaca Doida de quinze minutos atrás. – A gente aproveita e já vai treinando um pouco, né?

— Tô com medo de ele ir embora.

— Tá com medo que eu vá embora também?

Ele não respondeu. Aceitou a nova mamadeira, entregou a antiga e continuou aninhando a bebê no braço. Preferia não pensar nisso. A cabeça lá no futuro, no bebê que não veio logo na primeira transa, infelizmente, um ano tentando muito até decidir vir. Quando para e pensa que ela pode ir embora a qualquer momento, disfarça o aperto no peito e desvia o olhar. Era melhor só acreditar que ela era feliz ali com ele, naquela casinha que ergueram juntos, rodeados de cavalos e com um quintal quilométrico.

Era melhor só acreditar que a fazia feliz do mesmo jeito que se sentia feliz ao redor dela.

O Guto desceu quando eles já tomavam café, envergado de cansaço. Recuperando sonos. Cumprimentou a cunhada com um beijo no topo da cabeça e pegou a filha, mas não disse nada ao irmão, não precisa, não eram de cumprimentos e chamegos. Conviviam tempo o suficiente para esquecer de educação.

— Obrigado por pegar ela. – Ele disse, se sentando afastado do casal, enfiando manteiga para dentro do pão francês sem se preocupar em cortá-lo. Voou farelo na bermuda e na nenê, a Dê até quis ajudá-lo, mas a carranca do Lipe por ter parado de transar na melhor parte ainda falava por ela. – Nem ouvi.

— Você nunca ouve.

— É só você desligar a babá eletrônica. – rebateu, sem se abalar e sem saber do motivo da frustração – Eu demoraria mais um pouco, mas ouviria.

— Não vou desligar a babá.

— Então não torra meu saco.

A Dê sabia que o Lipe jamais desligaria a Babá automática do quarto do bebê, fosse da Madalena, ou do bebê a caminho, jamais desligaria por medo de qualquer coisa. O Guto tinha um quarto só para si, a casa tinha três quartos, mas se recusava a dormir longe da filha.

— Madalena pegou no sono às quatro da manhã. – O Guto sempre fala o nome completo da filha só porque gosta do gosto que tem. – Dormi só duas horas.

— Tudo bem – É assim que os Ferreiras fazem as pazes. Mordem primeiro, perguntam depois. – Eu só não queria ter saído do meu quarto.

— Conseguiu fazer aquilo lá?

A Dê só conseguiu se esconder entre os ombros. Jamais que abriria a boca para responder àquilo. Uma coisa é falar coisas de amor com o marido, outra coisa é falar com todo mundo. Era o Guto, ali, seu melhor amigo, mas ainda assim era outra pessoa.

— Achei que ela não iria querer. – Já o Lipe, esse daí não tem vergonha de nada.

— Com você ela sempre vai querer tudo.

— Tá doendo, Marido? – A Dê achou melhor mudar de assunto.

— Não.

— Mas não doeu nem um pouquinho?

— Doeu, - sorriu, passando a mão pelos ombros dela, servindo um golinho bem pequenininho de café a ela – mas até a dor foi legal. Quem sabe assim você não libera o seu, né?

— No meu não entra nada, Ferreira.

— Calma, Dê, não tô falando agora.

— Não, - ela sorriu bebendo o chá num gole só e escondendo a tremedeira que não era novidade alguma para o Guto – no meu não entra nada.

O Lipe não respondeu. Aprendia, aos poucos, que bater de frente com ela também não o levava a lugar algum. Desenvolvia todo um processo de manipulação por cima da esposa que até fala grosso com o mundo lá fora, mas não pode falar grosso nem mandar em tudo dentro de casa. Às vezes ela se esquecia disso, viver no comando do mundo vicia, mas ele, o moleque que nunca ligou para liderança, aprendia que ou compartilhava as rédeas com ela, ou viveria sempre dois passos atrás.

Quem manipula o manipulador tem cem anos de perdão, não é assim que o ditado fala?

Capítulo 2

. No condomínio de três casas com piscina no fundo da casa do Lipe, a Bia conseguia, do seu quarto, ouvir tudo o que acontecia no quarto destinado ao moleque de olho azul, agora ocupado pelo irmão do cunhado e a bebê. Via, antes de dormir, um pai embalando uma pequena chorosa e até conseguia vê-lo dormir, se quisesse. Evitava olhar, por respeito, cada um na sua casa, mas não conseguia evitar de ouvir. A bebê chorava e seu coração diminuía para o tamanho de um botão, de tão doído que era o choro da bezerrinha.

Sempre quis filhos. Queria cavalo no quintal, era esse o seu sonho de menina, não queria holding ou fábrica de cavalos supersônicos. Queria cavalo no quintal e bezerrinho porta adentro. Um bom marido peão que cuidasse das crias com amor e que fosse nobre o bastante para entender que ela era a mulher dele, não serviçal, não puta que obedece ordem.

A bezerrinha chora e ela lembra que já estava na hora de produzir os seus. Trinta e dois anos, boa hora, mas faltava o principal. Acordava mais cedo que o sol e demorava para se levantar. Todo dia um pensamento diferente. Não era ódio da própria vida, nem podia, era mais um vazio, um buraco no meio do peito. Tinha tudo, mas tudo lhe faltava. Ouvia o choro da bezerrinha e morria de vontade de ir lá, cuidar dela, embalá-la até dormir de novo.

Via a bebê e a evitava. Nunca nem a segurou no colo. Como quando a gente vê um carro muito além das nossas possibilidades e sabe que nunca vai trabalhar o bastante para tê-lo. Inveja? E dá para ter inveja disso?

No começo até se empolgou com a bebê da Roberta, ex-esposa do Jorge, mas se distanciou por precaução. Por medo de se contaminar demais, por querer viver perto demais, ocupar um espaço que não lhe cabia. Deitada na cama, olhando pelo seu janelão a janela fechada do quarto do irmão de seu cunhado, na casa ao lado, ambas janelas sem cortina, se situava. Era dia de derrota.

Primeiro dia da visita monitorada do Jorge à filhinha. Primeira vez, em um ano e mais um pouco, que teria que vê-lo longe de um juiz. Dar de cara com ele, o rosto bonito, a barba benfeita, o chapéu de cowboy e botas. Não podia deixar Roberta lidar com seu agressor sozinha, ela sabia como lidar com agressores, viveu de amá-los, mas Roberta não merecia. Roberta era um doce de mulher, delicada e bonitinha, nunca mereceu nada daquilo.

Roberta não era uma cavalona desgovernada, boca-dura, nascida na brutidão, como ela. Roberta era educada, versada, tinha diploma, carreira. Merecia mais do que tudo aquilo e ela sabia, por contato, que jamais a deixaria lidar com o ex-marido sozinho.

Mas ter de lidar com ele... Ter de vê-lo de novo, ter de conversar com ele... Tudo isso cansa. Vai te esvaindo um pouco por dia. Ela olhava o janelão, sentia o coice matinal de seu maxilar de aço e chorava seco. Lamentava-se. O celular tocou e era Ceceu. Dona Bianca nunca atrasa, é sempre ela quem chega primeiro. Ceceu fazia o papel de pai mais do que de subordinado.

— A senhora tá doente?

— Doente o diabo, Ceceu.

— Tá atrasada.

Desligou. Podia dar satisfações, nunca tratou Ceceu como subordinado, se fossem outros carnavais diria do porquê se atrasar. Ali, deitada na cama, a potência em dez por cento, preferiu só fazer o de sempre. Enquanto as pessoas se preocupam com a grosseria, não veem o motivo da malcriação. A pata do cavalo não faz diferença depois que o coice dói.

Ergueu-se da cama olhando a janela dele. A bezerrinha ainda não chorava. Devia entrar lá e deixar a mamadeira pronta?

Não podia se esquecer do menino meio homem com quem viveu de favor durante aquele ano em São Paulo, depois de Belo Horizonte, depois que a Dê embarcou a Portugal. O ano em que Jorge desgraçou sua cabeça. Viveu de favor na casa dos Tios, Tio Digo e Tia Fê, e vivia recebendo cuidados silenciosos do filho mais novo. Amanhecia e suas botas estavam enceradas sem ninguém nem avisar que enceraria, no outro dia sua calça jeans estava limpa e passada, em cima da cama.

Coisas que só o Guto era capaz de fazer. Carinhos ausentes. A Manu, a pirralhinha dos Ferreira, vivia chamando o Guto por Gutão. Vivia com a roupinha passada, os modos à mesa, o respeito cego, surdo e mudo por ele. O Guto era esse cara que nunca demonstra carinho, nem amor, nem cuidado, mas está sempre ali. Lava seu sapato por julgá-los sujos demais, mas nunca diz nada. Manda você (e quem ele era, um cabrito de dezesseis anos que mal saiu das fraldas?) deixar seu chapéu no encosto da cadeira e você não diz um “a” para retrucar. Sabe que ele vai escovar a camurça e vai deixá-lo parecido com novo.

Arrumou-se sem café por estar atrasada e entrou, as portas da Dê nunca estão fechadas. Uma latinha de leite sintético em cima da geladeira, um dosador para ninguém fazer cagada no leite da pequena e um par de mamadeiras vazias e limpas. Sorriu olhando os carneirinhos da estampa da mamadeira enquanto chacoalhava. Não vai demorar para a bezerrinha acordar, ela nunca dorme no mesmo horário, mas sempre acorda às seis.

Um dos cavaleiros portugueses atingiu a porta da casa dela, por cuidado. Dona Bianca não atrasa e, se Dona Bianca atrasa, sinal que boa coisa não é. Com seu uniforme branco impecável de cavaleiro olímpico, o capacete de proteção no

braço, ele sorriu ao vê-la. Poderia aprender a gostar dele? Não. Era mole demais, bonzinho demais. Podia comê-lo e lamber os beijos como já fazia, mas, para apaixonar? Não servia, não.

Homens como ele e o cunhado não servem para ela. O Lipe e o cavaleiro são bonzinhos demais, curvam muito. Bastava a primeira briga para ver de que são feitos. Homens como ele aceitam que a mulher é doida e vão com ela para onde ela for, mas não fazem muito esforço para mudar seus modos.

No fundo, ela sabe que eles estão certos, amor não é feito para mudar personalidades, amor aceita, mas se um cabra chega nela e a aceita toda errada do jeito que é, ele vai para o fundo do poço rapidinho.

Porque o que ela precisa é alguém para botar ordem no canteiro. Alinhar certo com errado, ajeitar a festa, decorar os cômodos. Ela precisa, olhando-o chegar perto com um sorriso loiro barbado, de um milagre. E o máximo que homens como aquele cavaleiro têm para dar é amor.

— Vim ver se você está bem.

— Não posso atrasar dez minutos que o Ceceu manda reforço.

— Bia, foi meia hora.

— Manda avisar o Ceceu que quem bate ponto é ele.

— Ele não sabe que eu vim.

— Então use o recado para si mesmo.

Um homem com mais fibra diria que foi lá só por cuidado. Que só foi ver se estava tudo bem com ela, se ela precisava de alguma coisa. Ele só se conteve em ficar quieto. Outro jeito de lidar com feras, ele tinha. E ela achava que precisava de alguém com rédea, cabresto, brio e talento para domar leão.

A bezerrinha chorou lá no quartinho dela e estava tudo bem. Seis horas da manhã. Tudo do jeito que tem que ser. Riscou a grama do paraíso com suas botas de couro desgastados, conduzindo o cavaleiro que veio de reforço.

Silenciosa pelo caminho, nem fazia questão de puxar assunto. Era Leonardo o nome do cavaleiro e, por querer viver ao redor dela, tentava puxar assunto, conversar sobre os cavalos, dizer qualquer coisa que a fizesse perceber que ele estava ali, mas ela não queria saber. Nunca queria. Leonardo era acessório, coitado. Era legal quando o tinha por perto, ele gemia bonitinho, fazia um bom trabalho, durava bem na cama.

Mas passava longe de milagre.

— Filha, tá pálida. — Ceceu disse quando a viu. As rugas do rosto do homem mais velho entre todos os peões se esticaram em sorriso ao vê-la. Ajeitou o chapéu dela na cabeça e mostrou a camisa abotoada torta. — Eu dou conta de tudo aqui, volte para casa.

— Não. — E bastou. Ficar em casa e passar o dia pensando o quê? Cabeça

vazia, oficina do diabo. Ignorou Leonardo assim que pisou no estábulo dos Premium, foi atrás do cavalo de olhar ruim, da Bel que recusava sair da baia naquela manhã. – Ê, égua. Hoje cê tá para dar trabalho, né?

A Bel quando não quer, nem olha no rosto da mãe. A crina escura trançada com cuidado caía em cima dos olhos escuros e ela virava a cabeça, como uma princesinha esnobe que recusa o almoço que o criado oferece. A olhando deitada no seu cobertor, se importando num mínimo, a Bia mal a recriminava porque era essa a vontade que tinha, também. Deitar o resto do dia e não sair nunca mais do quarto.

— Vem, amor, dá uma voltinha só. – Encheu-se de paciência, respirando fundo. Sem paciência com seus filhos ela nunca fica. Guarda a dor no bolso, sabe que ninguém tem culpa da vida que leva e vai, aos mimos e com muita maçã picada, tirando o cavalo mais rápido do mundo da baia. – Cê vai me deixar montar em você, hoje?

Não. Até vai dar a tal voltinha pela pista, mas nada de montarias. Tudo bem, a Bia pensou. Esticando as pernas já é alguma coisa. Preguiçosa. Como pode o cavalo mais rápido do mundo ter o gênio tão ruim assim? Pior que muito humano que convive.

Leonardo, retumbante de lindo em seu corcel dourado, Ulisses da marcha regrada, sorri pensando no como a Bia consegue dar conta da besta-fera sem se abalar. Ninguém tem paciência como ela tem. Ninguém dá tanta atenção e tanto carinho a um cavalo que quebrou, num coice, seu maxilar. Seis meses sugando comida liquidificada por um canudinho por causa do monstro e ela continua assim, aos mimos, com jeito e carinhos.

Parte porque é o que ela queria que fizessem com ela. Tolerância. Bichos que passam a vida aos maus tratos aprendem a atacar como defesa e só se abrem assim, aos carinhos. Puxando a rédea num mínimo de força necessária, dá uma volta pela pista retinha e perfeita, acompanhando o trote amigável de Leonardo que não conta, mas tem medo que qualquer dia a Bel se exalte de novo e desconte na única aliada que tem.

— Leo, vai cuidar da vida.

— Estou.

— Vai cuidar do Ulisses e deixa que da Bela cuido eu.

— Mas eu –

— CECEU! – A Bia não aguenta quando esse franguinho de padaria começa a achar que pode protegê-la de qualquer coisa – Dá mais trabalho para esse cabra, que tá sobrando tempo para ele cuidar da minha vida.

— Não fica ruim comigo.

— Não se mete no meu trabalho.

E era melhor mesmo mantê-lo longe. Mulheres como ela, abusivas, ruins, mal educadas, brutas, desgraçam a cabeça de um cara. Se acha com o Jorge e como o outro, o pior e primeiro de todos. Se eles, que vieram do mato, são assim, ruins assim, brutos assim, maldosos, sem modos, sem jeito, tudo à base da dor e do troco, fizeram o que fizeram com uma igual, ela, que não é diferente deles, destrói um moço que tem tudo para ser, além de ótimo cavaleiro, um ótimo companheiro.

— Vem, cabra, Dona Bia não tá boa hoje, respeita. — E o Leo se foi, tímido e triste. Já devia ter se acostumado, ela é sempre assim. Sabe que não é desprezo, é mais... como dizer?

O normal.

Passou o resto do tempo entre cavalos dóceis e ágeis, com a mão na guia da Bel, ração e maçã dados na boca, carinhos na orelha. Escorre sua verdadeira essência pelos cavalos, não sobra nada aos humanos.

Foi, tentando sobreviver a mais um dia, entre o trabalho e os comandos, se esquecendo que de noite ainda teria que enfrentá-lo.

Bateu na porta da Beta, a terceira casa do condomínio, quando o relógio deu seis horas. Nem um minuto a mais. Cheirava a cecê de bicho e cecê humano, o chapéu escondendo a raiz molhada do cabelo, a jeans suja de terra nos joelhos. Era dela o nome que vai, talhado numa placa banhada a ouro, no hall de entrada?

— Ô, Dona Bia. — A Beta disse, a cicatriz no rosto, o sorriso refeito, os cabelos loiros como os da filha e o cinturão de cowboy cortando a figura ao meio — Tá tudo bem?

— Vim ficar com você.

Protegida. A Beta sorriu. A Bia entrou na casa da amiga e lá já estavam mais dois protetores. A bebê Carol sorria e brincava no tapete da sala, inocente de tudo, graças a Deus, sem saber o que era a cicatriz na cara da mãe ou os olhos preocupados das outras duas visitas.

A Dê e o Lipe, de mãos dadas, matavam o tempo assistindo televisão. A Dê assumia seu lado manipulador, o queixo beirando o teto, dona de tudo e de todos, a mão que assina cheque e sentenças, nem um pouco de dó ou de pena. O Lipe... só queria que tudo saísse bem.

Na porta, do lado de dentro, uma dupla de brutamontes, escolta armada, contratada só para aquilo, um de cada lado da porta, como parte da mobília. Silenciosos e de terno, sem rosto e nem emoção. Armas engatilhadas porque o Jorge não era flor de cheiro.

Seis e quinze, quinze minutos de silêncio depois, bateram à porta. Sozinho, perfumado, o sorriso que já parou trânsito e enganou nações inteiras. O bote perfeito para te foder. A Dê o olhou com o desprezo que ele merecia, o Lipe

só continuou no papel dele, de marido, ali para proteger as irmãs Botelho onde os brutamontes não conseguiriam.

Mas a Bia ainda sentia o balanço do sorriso. Terminou com ele porque foi isso o que a irmã a obrigou. Beberam de adeus e transaram com o mesmo mote, viram o sol nascer quadrado pela janela do quarto dele, a casa já nem existe mais, mas ela se lembra como é, choraram adeus e foi tudo. Dez anos atrás. E o peito ainda torce e se arrebenta pelos botões da camisa pelo mesmo cara que deixou cicatriz na ex-esposa.

Essas coisas de amor ninguém entende.

Amor?

A Dê via os olhos da irmã e entendia tudo. A Bia fingia que escondia, a Dê fingia que não via, mas via. E chorava em silêncio apertando a mão do marido. Nada do que fizesse seria o suficiente porque não houve explicação no mundo que a fizesse entender que aquilo não era amor.

Dá para chamar de amor um sujeito que bate sem medida? Um cara que quase a fez trabalhar de graça num ramo milionário? Se não fosse a Dê mudar tudo para holding e o escambau, a própria Dê já disse isso, a Bia só entenderia o golpe que tomou a vida toda quando ele se aposentasse com muito dinheiro e ela ainda vivesse de aluguel.

O mais engraçado de tudo é que a Ala de Fisioterapia, Jorge dizia, servia só para tratar cavalo condenado, tratar bicho custa muito, nenhum fazendeiro na redondeza se interessaria por um negócio desses, a Bia que é tonta de coração mole e que não tem mão firme para eutanásia.

E, se não fosse a astúcia e a confiança cega que a Dê tem no talento e no coração da irmã, seria o nome do Jorge na Forbes. Cavalo condenado dá dinheiro sim. E, só para ser um pouquinho diferente, fazendeiro que ama cavalo e tem condições de tratar, não mata. Gasta o que tem e o que não tem. Exatamente como a Bia faz.

A Dê olhando o Jorge e sentindo o ódio bater e voltar, sorria por dentro. Não porque a ocasião fosse engraçada, não tem nada de engraçado um agressor acusar a ex-esposa por alienação parental e exigir ver a filha de quinze em quinze dias.

Sorria porque tudo se encaixa e, numa chance em mil, os errados é que estão se ferrando. Sorria porque se era o Jorge quem fazia visitas, é porque aos dezoito anos, quatro mãos e uma Bic, ela fez a coisa certa. A Bia ainda não entendeu, tudo bem, por dentro a Bia mal vê seu nome talhado no hall da entrada e no como o Sol bate bonito na grama do Jockey, mas ela vai entender.

E quando a Bia entender, Jorge não entra nunca mais.

O Lipe olhou para a dele sem dizer nada, dizendo muito. Coisas de amor

às claras. “estamos nessa juntos”, ele dizia. Não se contamina com ele, Amor, porque ele está ali pela função de pai.

A Bia o viu baixar-se diante da bebê Carol, limpinha e arrumadinha, toda linda, sorrir para ela, paternal, meigo e silencioso. Duas palavrinhas de cuidado, um abraço de urso e um sorriso. Era para ser a filha deles, ali. Ele mal olhou para a Beta, escondida no canto, chorando mágoa e amor também, só olhava para a bebê com a cabecinha escondida atrás do mãozão de suporte e para ela. É, Bia, era para ser a nossa filha, ele dizia, os olhos num convite, as mãos na bebê que não entendia direito quem aquele homem era.

— Que saudades que o pai tava de você... - Sussurrou para a bebê, olhando para a Bia. Ele sabia, a Dê via, ele sabia que a vontade da Bia era ter sido mãe do filho dele.

E não houve discurso feminista do “você vai acabar grávida e apanhando todo dia” que superasse a visão do Jorge como um bebê no colo. E não havia lembrança de homem bêbado que repudiava a liberdade da Bia, com mãos em punho e ódio descontrolado. Havia só a quimera do ideal de amor, filhos e casamento, treino que começa do berço e nunca termina. Só havia aquele cowboy bruto de falar manso que dita juras de amor no escuro do quarto e que sempre compra perdão por murros com gentileza.

— Tá tão lindo o meu potrinho... - Ele dizia. – Estão cuidando direito de você?

A Dê sabia que se a Bia caísse no canto da sereia, o Jockey seria todo dele de novo. Tremia com a ideia de a Bia querer casar com ele, querê-lo de novo, entregar o reino nas mãos não de um bruto, mas de um monstro de cantar mansinho que lê tudo o que a Bia mais quer da vida.

No fundo, a Dê via as ações da Bia como ingratidão. Nunca bastava. A Dê monta uma Holding, ergue um castelo, coloca tudo na mão da Bia, paga os tratamentos do cavaleiro Encrência que agora vive encostado como se fosse brinquedo antigo. E nunca basta. A Bia não abre o olho, não cresce, não muda. Vive atrás do cowboy de jeans e fala de mel. Se esconde na fala dura, no coice, no maxilar de aço. Dá a outra face porque é mais fácil apanhar que tratar, buscar a origem do drama, entender que aquela mocinha de quinze anos não merece sofrer as consequências quase vinte anos depois.

— Você está tão linda! – Ele dizia. E o Lipe via que não era para a bebê, era para a Bia. Todo o espetáculo montado para ela, o bebê era o de menos, tanto faz, nunca fez questão de vê-la fora do Jockey, a Beta até já se prontificou a levá-la até a casa dele para que visse, mas o que ele queria era permissão para entrar lá, no seu antigo domínio, exercer terrorismo na Bia, mostrar que ele ainda pode, ainda tem alcance, tem garras.

Armadilhas. Desde o deserto e o sequestro armado que a Dê entende armadilhas mais que ninguém. Armaram para que as irmãs Botelho morressem, sozinhas, no deserto. A quase-máfia portuguesa de cavalos armou com uma tribo do deserto. Cem mil euros se conseguissem assassinar as Botelho, principalmente a gorda. A outra ainda vai acabar se matando, Delgado, o português dizia, o alvo é a brasileira gorda.

— Você tem mais quarenta e cinco minutos. – O Lipe disse, olhando o relógio da parede da Beta – Por que não se concentra em dar atenção à sua filha?

— Me traga um café. – Se era um pedido, parecia muito com uma ordem. Sem responder ao Lipe, o Jorge se virou para a Beta. Sem sorriso no rosto, ele era dono dela, faria com ela o que quisesse, podia até fazer que ela mandasse todos embora.

A Bia viu a Beta se esticar para a cozinha separada da sala por uma bancada, exatamente como a casa dela. Ouviu o queimador do fogão acender o fogo, a água cair na leiteira, mas não conseguia desgrudar os olhos dos dele.

Porque no fundo, ele também exercia um controle tremendo sobre o corpo dela, ela só fingia que não. Só queria acreditar que não, que o amor ficou para trás, que tinha mágoa pelos hematomas, pelos abusos, pelos pedidos humilhantes, sexo anal sem lubrificante e sem ela querer, tudo porque a Bia Botelho aguenta, é bruta que nem ele, não precisa melodrama.

Ela não via, passados dez anos, o que ele fazia com ela. Sorria com a filha no colo e sequer a tinha olhado duas vezes. O Jorge não estava ali pela filha, será que a Bia não vê?

— Como tem passado, Bianca? – Ele pergunta, cínico e desonesto, sabendo o que era e o que representava para ela.

— Não responda, Bia. – A Dê advertiu.

— Ora... O gato comeu sua língua? Me responda, amor, como tem passado?

— ...

— É, também não estive muito bem. – Dócil e manso. E a Beta se corrói de dor por saber que a filha dela ali, no colo do pai, era só um pretexto. Que ela, depois de tudo isso, depois de passar horas e horas para dar luz à síntese do amor deles, ainda não valia nada. Uma substituta fajuta da Bia que foi embora.

Pior. Esquentando o café para aquele filho da puta, a Beta queimava de ciúmes. Era para ele estar ali e querer puxar assunto com ela, a mãe, a mulher dele, não com essa daí!

Esquentando o café na casa que a Bia Botelho ergueu para ela. E em horas de raiva como aquela, pensa que as irmãs Botelho só ergueram a casa ali no canteiro delas para que o Jorge nunca mais fosse seu de novo.

— Tô com saudades – Ele disse, atravessando os tímpanos, o cérebro, atingindo a carne dura que nunca se atinge com nada. – Sai comigo para relembrar os velhos tempos.

— Bia, não responde. – A Dê advertiu.

— Você continua debaixo da saia da sua irmã? – E ele sorria, ainda. E a menininha nos braços dele ofereceu um bloco de montar ao estranho que a tinha no colo, mas ele não viu, não estava ali pela filha.

— Tô debaixo da saia de ninguém, cabra.

— Pelos velhos tempos, Bianca.

— Jorge... - A Beta tentou, lá da cozinha.

— Não estou falando com você.

— Por que bateu na Beta? – A Bia disse, descolada das brigas judiciais, das medidas protetivas, dos papéis. Voltou no tempo para aquele dia em que pisou no Jockey de novo, tudo lama e mosquito, tudo desvio de verbas, do soco no rosto arroxado da mãe da filha dele... E, aos poucos desmontava a couraça. Só queria saber. Não era louca o bastante para sair e tomar um café com ele, não bebia gasolina, se encharcava de outras bebidas. Queria saber, só isso. Por que tratá-la tão mal?

A si, entendia. A Bia justifica os maus tratos por ser quem é, mas não entende o porque faz a Beta sofrer se ela é um doce.

— Um tapinha de nada. Já te bati mais forte e você não fazia este escândalo todo...

O Lipe não sabia disso, a Dê nunca o deixou saber. Nunca soube que a Bia, logo a Bia, a prima mais forte de todas, apanhava. E pior que isso fazia todo o sentido.

A Dê já sabia disso? Pensou. *É claro*. Jorge não começou a bater em mulheres só depois que casou. Quem bate em esposa, bate em namorada, bate em rolo, bate em ficante...

Os brutamontes eram treinados para farejar raiva, mas, curiosamente, foram instruídos a não se abalarem caso o Jorge apanhasse. Um olhou para o outro e olhou para o Lipe. A Dê previa. A bebê Carol servia de escudo, enquanto ela estivesse no meio, Jorge nunca apanharia, mas então a Beta foi lá, instintivamente, ela também farejando raiva, e tirou a bebê das mãos do homem.

Bastou.

Não foi soco de menina que nunca precisou aprender a socar. Os pais não ensinam às meninas como é que soca, mas ensinam aos meninos e nem precisa de soco inglês. Levantou-se de fúria pelo problema que se arrasta há mais de um ano e deu. Soco e força como só o gesso, num ataque de fúria contra a dele, recebeu. De desmontar marmanjo feito. O Lipe é bonitinho assim, todo paizão e

marido, mas não tem sangue frio.

E a Bia é família dele.

Juntou lé com cré, entendeu o porque a Bia foi para Portugal, porque o Jorge continuava como gerente do Jockey depois de as Botelho o terem comprado, o porque ele não estava na cadeia nem pelo desvio milionário de dinheiro, nem pela agressão à esposa. Tudo fazia sentido.

Se a Bia é capaz de esquecer que apanhou de mão fechada “muito mais forte do que ele batia na esposa” era capaz de esquecer tudo. Deu com raiva e ódio, desfez o sorrisinho no rosto do Jorge, queria briga de cachorro grande, ia mostrar que alma de cowboy não tá no chapéu. Engrandecem demais essa coisa de chapéu e botas, arar terras, limpar bosta de bicho. Ser homem não tá nisso e o Lipe, que se abre para a esposa, sabe disso melhor que ninguém.

Alma de homem tá na essência, cowboy é profissão, é cargo. É puxar guia de gado e comandar um pedaço de chão. Cowboy e moço de roça é só isso, mesmo. Não tem honraria e integridade como pré-requisito.

Jorge quis morder de volta, arrancar os dentes do almofadinhas que vive atrás das saias da mulher, que vive de obedecer, baixar a cabeça, fazer o que ela quiser. Fechou a mão e deu, também, mas os brutamontes estavam lá, a Bia estava lá, jamais que a Bia deixa o Lipe apanhar porque se deixasse, era como deixar a Dê apanhar.

A Bia até achou, olha só, que o Lipe fosse apanhar. O Lipe? E os pais não ensinam aos meninos como é que briga?

Um com a mão no outro, O Lipe puxando o Jorge pela gola, os brutamontes com braços elásticos, a Bia no meio dos dois. Dois ou três socos e o Jorge sorri sangue. O rosto do Lipe arde e ele não sente, mal vê. A bebê com a cabecinha protegida no peito da mãe, a Beta que nunca entendeu, nem vai entender, com é que o Jorge é capaz de tudo pela Bia, mas nem cinco por cento por si e pela bebê.

— LIPE, PARA DE BATER NELE! – A Bia disse.

Ela protegia o Jorge? Desviou a atenção do homem para ela e não desviou da mão fechada.

— Ele desgraça a sua cabeça e você defende ele? – Parou de brigar e nem devolveu o soco. – Você tá louca?

— VAI EMBORA! PARA DE BATER NELE!

— Vem embora comigo, Bia... - O Jorge ainda tinha garras.

— Tirem-no daqui – A Dê ordenou aos dois brutamontes.

— Ainda tenho meia hora!

— Tinha. – A Dê disse, sentenciando, abrindo a porta para que os dois brutamontes expulsassem o Jorge do Jockey. – Leva a Bia para casa, Lipe, que

eu preciso cuidar da Beta.

— VOCÊ TAVA DEFENDENDO ELE?? – Só que o Lipe tinha ativado o modo cego e surdo, o lado dele que não vê, que não dorme, que morre de insônia quando as coisas não saem do jeito dele. Olhava para os olhos chorosos da Bia e não entendia. – ELE DISSE QUE TE BATEU E VOCÊ DEFENDE *ELE*?!

Sem responder, sem saber o porquê defendeu seu agressor, só deu meia-volta e foi saindo, atrás do Jorge, para ir com ele para onde ele quisesse. A parte da Bia que não pensa serve para seguir. E o Lipe não conseguiu ver a Bia indo atrás de seu agressor, pedindo desculpa, tentando impedir que os brutamontes levassem seu amor para longe.

Num puxão duro a tirou de perto do Jorge, sem dizer nada, mudo e sem crer no que via, e a arrastou para a casa dela. Nada fazia sentido. Como pode uma mulher dessas, que doma cavalos, que doma o mundo todo se quiser, se submeter a um sujeito que admite, sem vergonha alguma, que bateu fraco na esposa se comparado ao que batia nela???

— Você não vai embora com ele. – O Lipe gritava, assim que fechou a porta e encarcerou a Bia lá dentro.

— VOCÊ NÃO PODE ME IMPEDIR!

— VOCÊ NÃO VAI.

— SAI DA FRENTE, LIPE.

— Vai ter que passar por cima de mim.

E a Bia foi. Passar por cima do Lipe é fácil, é o Lipe, engenheirozinho igual a mamãe, catador de sucata eletrônica, moleque bonzinho que espera, com a mesa posta, que a mulher volte da guerra, faz café e sorri bonitinho com uma florzinha na mão.

É o Lipe, né? Ah, tá.

O mesmo cara que protege as meninas e nunca entende nada do que elas querem dizer é parede e perdição quando tocam-lhe a ferida. Sente os empurrões de mulher amargurada, aos xingamentos, às ameaças, e trava no batente da porta:

Ninguém sai dessa casa hoje.

— Você não merece a família que tem. – Ele disse, sem prato, cheio de dor por ver a melhor amiga da infância fazer burrada atrás de burrada. – Se você sair dessa porta eu proíbo a Dê e o meu filho de chegarem perto de você. – Ele falava e ela continuava insistindo.

— Você não é um terço do homem que acha que é!

— Me bate mais uma vez e você vai ver o homem que eu não sou.

A Bia, em todos os anos que conhece o Lipe, nunca o viu tão bravo, nem tão vermelho. Ele urrava com ela, vociferava com ódio, inflamado como nunca. Vermelho do jeito que o filho da Dona Fernanda, maluco beleza e moleque

pirado, não é feito para ficar.

Vermelho como o filho do Seu Rodrigo fica quando mexem com sua família.

— Bia... - A segurando pelos dois ombros, num chacoalhão de bronca que é para ver se pegava no tranco, ele continuava – Vai fazer desfeita com todo o carinho e amor que suas irmãs te dão por causa dele?! A Alicinha tinha dom com arte, mas foi para a cabeça da queijaria por você e a Dê! A Dê colocou tudo no seu nome, moveu mundos de fundos, me deixou cinco anos plantado esperando enquanto arrumava o mundo para rodar do jeito que você sonhou... E você deixa um cara qualquer bater em você? QUANTAS VEZES VOCÊ PRECISA SER SALVA ATÉ PERCEBER QUE SEU LUGAR É AQUI?

Ele nunca vai entender isso. Nunca teve na família dele, nunca viu uma coisa assim, não sabe como lidar e não entende. Vencido diante do silêncio dela, deu espaço para que saísse de casa.

— Eu não posso te obrigar a ficar. – Disse, sem olhá-la nos olhos. – Se tudo o que a gente faz por você não é o suficiente, então vai, Bia. Eu nunca vou abrir mão de você, mas vou dizer para suas irmãs abrirem. Você não pode fazer isso com elas a vida toda.

O chapéu ainda se mantinha na cabeça, mais torto que nunca. O cheiro de bicho, o calor do suor, o molhado da camisa. Nada aquilo era dela. Ela era aquele choro sentido e baixinho escondido debaixo da asa do chapéu, as mãos no peito dele, trêmulas, e sem saber o que fazer.

A parte racional dela aceitava que ele tinha razão. Era loucura ir atrás do Jorge para o que quer que fosse. A parte só coração (e esta parte sempre vence, sempre venceu) só queria que tudo fosse diferente. Por que ele não pode amá-la como uma pessoa normal? Por que ele não pode demonstrar afeto, esquecer Jockey, esquecer passados?

Por que ele não pode dizer a ela, implicitamente, que ela era uma mulher e era digna de amor como qualquer outra mulher? Por que sempre com ela tem que ser assim, empurrado, bruto sem respeito, desonesto e maldoso? Por quê? Por causa de sua boca dura? Por que ela doma cavalo melhor do que qualquer homem? Por que ela vai onde as mulheres não podem ir, entorta a boca do peão que a julga incapaz, por que ela é cowboy (e Deus nos livre da palavra cowgirl) de alma e está nesta não pelo que tem no meio das pernas, mas pelo que vai na parte interna do coração e nas fibras?

Chorando, o Lipe via a parte que ninguém vê. Chorava junto. A Bia não quer ir embora, só não sabe onde se encaixa. A Dê ergueu o castelo, mas não indicou o caminho para o trono. Pensou que a Bia soubesse onde se sentar. A Dê serve de fortaleza, controla entradas e saídas, defende o que quer que seja, mas

desejou que a Bia conseguisse lidar com os espaços, com a parte dela do jogo.

Também, por um lado, era confortável que a Dê cantasse o ritmo para a Bia dançar. Era esse o trato. A Dê dita, a Bia segue. Deram certo assim, a vida toda. Uma delas manda, a outra obedece. A Dê move o mundo pela Bia e pela Alice, mas nunca espera que elas sejam capazes de se mover por si.

Parte, porque se as duas se movem sozinhas, é a Dê quem perde seu lugar no mundo.

Ajeitou o chapéu na cabeça, respirou um ar quente de fúria, olhou bem nos olhos do Lipe, mas não disse nada. Tinha mais o que fazer, mais onde ir. Tinha contas a pagar. Partiu porta afora e o Lipe não foi atrás, nem podia. Tinha uma esposa chorando para dar conta.

Pisando duro como se soubesse o que faria, atravessou o condomínio das três casas até o absurdo de estacionamento que a Dê tem. Pegou um dos carros, qualquer um, tanto faz, todos tinham as chaves no contato. Embaralhou-se ao dar a partida, deixou o Rolls Royce engasgar e morrer, chapéu toldando o semblante doído, arrastando poeira e lágrimas, até sair do Jockey.

Sabia onde ele morava? Sabia, todas as notificações judiciais tinham endereço. Tinha coragem de ir lá? Coragem não era o problema, nasceu feita disso, o problema era o depois. E vai olhar na cara dele, Bianca, do homem que nunca a amou do jeito certo, e vai conseguir dar as costas e ir embora sem beijá-lo uma única vez?

Vai, Diabo, lógico que vai. Encostou no edifício nos Jardins, bem na parte mais cara de São Paulo, embaixo de uma placa bem grande que a proibia estacionar. Seria sensato pedir que ele descesse, era mais prudente do que ir na casa de um homem. Puxou o celular do bolso da calça e discou o número que já ensaiou ligar mil vezes antes. Tocou por tanto tempo que a espera a fazia esquecer que aquilo era errado e perigoso. Tocou o bastante para que já considerasse ir até o apartamento dele e tocar a campainha.

— Você já não cansou de tripudiar em cima da minha derrota, Tinhosa? — A voz dele parecia fraca.

— Desce, homem. Temo que conversá.

— Não dá, tô no hospital remendando o olho.

— Qual deles?

Arrancou com o carro de lá, direto para o Morumbi, o dobro da velocidade permitida. O coração atravessado no peito, confuso, sem saber o que pensar ou o que dizer. Só queria vê-lo, só isso. Ficar um pouco sozinha com ele, tirar essa história a limpo. Bater na Beta, meu Deus, por quê? Bater na mãezinha da Carol, uma gracinha de menina, tão loirinha e de olhinhos tão felizes! A Beta tá quebrada, não sorri e não se manifesta muito, vive atrás da Dê, faz o que ela

manda, a cicatriz no rosto fala por ela. A Beta nunca vai se sarar de ser mulher agredida, não?

E quanto mais olhava a rua, menos via o painel do carro. Menos via o volante e as marchas, os retrovisores e os motoboys entregadores de comida que buzonavam para a playboyzinha que desfilava com seu carro ultraextravagante sem conseguir se manter apenas numa única faixa.

Disse o nome dele na recepção do hospital com o chapéu na mão. Disse que era acompanhante dele, que ele esperava por ela. Subiu aos pulos por dois lances de escada até a porta que dizia: “Enfermaria”. Procurou por entre as poltronas com velhinhas medicadas por soro e moleques com galos na cabeça, até achá-lo, lá no fundo do cômodo, deitado num leito descortinado, uma bolsa de água quente no rosto. A manga arregaçada e as botas falavam por ele. Camisa azul, bota tinindo de nova.

Ele se sentou ao vê-la, também não a confunde. Calça surrada e botas desbeijando assim, só pode ser ela. Olharam-se. Toda a tensão do rosto dela se desfez ao vê-lo inchado e ensanguentado. Todo o dramalhão foi poupado porque o Lipe fez com ele o que ele fez com a Beta.

Não sabia que fosse gostar tanto assim de vê-lo ferido. Nunca imaginou que uma dose de vingança cairia bem. Não sorriu, mas vê-lo com uma bolsa de água fria na mão, as mãos machucadas, os olhos inchados quase instantaneamente... foi bom.

E ele olhou para aquele rosto segundos antes muito tenso e entendeu que ela estava preocupada com ele. Entendeu que as feições calmas fossem de alívio. Leu amor e sorriu grande, os dentes todos manchados de sangue, a boca cortada pelos próprios dentes.

Nunca imaginaria a mãozinha pesada que o Lipe tinha. Ele era alto e andava de bike, mas passava longe de um brutamontes.

— Chega mais perto – Ele sorriu, colocando a bolsa no colo e dando espaço para ela.

Como um imã, sem argumentar, ela foi. Se sentou ao lado dele, ouviu-o falar de amor e saudades, sentiu o braço dele passar por suas costas, o cheiro do perfume dele invadir seus poros e arrancar saudades dos tempos em que ele era o homem mais lindo do mundo. Sentiu os braços quentes ao redor de si, as palavras doces e o incrível jeito sedutor que ele tinha quando não falava com os punhos.

Homem que era capaz de levar café da manhã e dar flores por nada. Que era capaz de abrir a porta do carro e sorrir só de a ouvir reclamar de seu dia. Homem que era capaz de ser marido, pai de uma frota de bezerrinho e companheiro.

Os olhos inchados esperando sutura eram o de menos. O sorriso manchado era o de menos. Era ele, ali. Dez anos antes, o mesmo falar manso, o mesmo cantar. Era tanto ele que o jeito de encantar não mudou.

— Eu esperei tanto por você, meu Amor. — Ele dizia, os olhos incapazes de chorar ou de se comover. — Eu esperei todos os dias desde que você foi a Portugal...

— Esperou tanto que casou, né?

— Me perdoa, eu nunca soube ser sozinho. Eu procurei você em tantas outras pessoas... Eu vaguei procurando você em gente que nunca seria capaz de me domar como você fez, eu procurei tanto que me perdi, que me casei, que virei pai! Meu amor — Ele dizia e a puxava cada vez mais para perto — A saudade era tanta... !

— ... Jorge

— Você sentiu a minha falta também, não foi? Eu sei que sim, em algum lugar onde a sua irmã não te controla eu sei que você me ama. Eu vi a cara que você fez para a Roberta, eu vi você hoje enquanto eu segurava a bebê. Eu sei o que você quer, Bianca, e eu posso te dar isso mais do que qualquer outro homem no mundo. A gente se entende, Amor, você e eu, você se encaixa em mim e a gente consegue tudo... Tudo!

Olhando para dentro dos olhos dele, ela não conseguiu responder. Não parecia mais o que foi. Não parecia mais o mesmo cantar, nem o mesmo homem. Ao redor dos olhos e da boca, a pele caía e se enrugava. Os cabelos brancos se juntavam e brigavam contra os cabelos negros. A mão ao redor de seu ombro não era mais tão quente.

O amor acabou, Bia? Pelo amor de Deus, diz que o Amor acabou.

Não acabou, não. Só não amava e talvez nunca tenha amado a pessoa do Jorge. Olhava-o e não o sentia mais como Deus de seu mundo. Ele não vai dar casamento, quintal e filhotes. Ele não vai dar mamadeira às três da manhã e não vai trocar fraldas. Ele não fez isso com o filho que tinha e isso era o que doía mais. Bater ou não bater, é verdade, ela se convenciu, ele já bateu em si muito mais do que bateu na Beta, algumas ela fez por merecer, pensava.

O problema do Jorge é que ele não era um décimo do homem que ela sonhava que ele fosse. Ele a beijou com a aliança de casamento no anelar, ele segurava a filhinha deles tentando reconquistar um ex-amor perdido.

— Qual é o nome inteiro da sua filha?

— Não seja boba, Potranca, é Carolina.

E não é. É só Carol. Carol não é apelido e ele saberia disso se tivesse presente na gestação da esposa. E ele saberia disso se tivesse registrado a menina, se estivesse ao lado da mãe da Carolzinha por todo o tempo duro de

gerir e de trazer para a luz uma vida nova.

Olhava para o sorriso convidativo, os olhos inchados, e só tinha vontade de fugir. Injustiça sempre esquentava o lado de dentro das veias e ela vê o que a Dê cansou de falar:

O Jorge não está nem aí para a Carolzinha. O Jorge quer é ter acesso ao Jockey, transitar livre por ali, se fazer presente, dominar o que não tem mais domínio. A acusação de Alienação Parental só se sustentava porque a Beta mora dentro do Jockey.

A repulsa foi automática e tudo o que ela supunha certeza virava-se contra ela. O nojo fluía e ela teve vontade de correr. De se abraçar no banho e entender que seu sonho de ser mãe estava enterrado. De sumir no mundo e nunca mais querer saber dele.

Mas isso o Jorge viu. E vê-la se levantar para fugir ativou o Jorge que não sabe perder. Dez anos atrás as brigas começaram porque ela se recusou a namorá-lo. Queria só sair com ele, dar uns beijinhos, sair de mão dada e beber em companhia. Não queria coisa séria, a Bia de vinte e poucos não queria nada sério com homem nenhum.

E na primeira noite em que ele virou a mão para ela foi no dia do Não: Não, Jorge, não namoro com você. Não sou mulher de namorico e essa não é a minha terra.

Dez anos atrás e ali, na enfermaria, ele a olhou com fúria e a segurou pelos braços, os dois braços, bem forte. Os dentes travados de quem nunca aprendeu a perder.

— Eu vou matar aquela sua irmã por ter te virado contra mim. — Ele disse — Você não seria ninguém se não fosse por mim, Potranca. Essa sua pose de cowboy macho, essa fama de domadora, a terra que você chama de sua, isso tudo fui eu quem te deu! Isso é meu, Bianca, você roubou de mim e não pode ir embora e me deixar sem nada!

Não bateu nela porque a enfermaria toda estava de testemunha. Dez anos atrás estavam sozinhos e a Bia entendeu o gosto que tem seu próprio sangue. Gengiva, quando corta, demora muito a parar de sangrar e, se você não escova os dentes logo, eles mancham.

Sem dizer uma palavra, diminuta e envergonhada, saiu de perto dele e decidiu nunca mais voltar. Nunca mais querer saber dele. Bastava o que tinha feito com a Beta, mas não saber o nome da filhinha é demais.

Tudo bem, barganhava consigo, tudo bem não gostar mais da mulher, nunca ter se apaixonado nela como disse, mas a menininha não tem culpa e é assim que ele trata o que é tão parte dele quanto da Beta? É sujo e é baixo para qualquer ser humano.

Enquanto caminhava de volta para seu carro, pensou no Lipe e no quanto ele e a Dê discutiam o nome do bezerrinho a caminho. Se fosse menino e, se fosse menina. O Lipe vivia reclamando da Dê, do como ela tinha que parar de usar salto alto e do quanto ela o deixava de fora das coisas do bebê, mas ele vivia ao redor dela. Vivia para protegê-la e fazer seus gostos.

Não era raro o Lipe fazer café só para a Dê ficar cheirando e sempre mandar Dona Alexandra, a cozinheira-chefe do restaurante, fritar um pãozinho e mandar entregar no escritório dela, no meio da tarde, só porque a Dê virou a doida do pãozinho frito.

Sorriu entre as lágrimas e o ranho, limpou o rosto na camisa, deu a partida no carro. Não tinha coragem de voltar para casa, tudo muito recente, eles exigiriam posicionamento dela, decisões, o que fazer, quando fazer, quem entra e quem sai.

E ela só queria um tempo.

Procurou um posto de gasolina. Posto de gasolina sempre tem alguma coisa para molhar a garganta. Deu cem reais ao frentista para poder estacionar no posto, comprou cerveja e voltou para o carro. A menina de dez anos atrás sentou num bar e bebeu até cair. A mulher de agora entende os perigos da rua, sabe que não é inteligente ser mulher e ser bêbada no meio da rua, mas ainda continua com o mesmo ponto fraco:

Não é amor o que derruba seus cavalos antes da linha de chegada.

Capítulo 3

O celular soou alto dentro do carro. Cinco e meia da manhã, Ceceu querendo confirmar a cobertura do Heitor. Esqueceu-se? Sequer lembrava. Rodeada de latinhas vazias, olhava o escuro da manhã, a luz branca do posto de gasolina e entendia: estava no banco de trás. Ah, por isso não tem volante, desgraça?

Os olhos queimados de chorar, o banco molhado. Vai saber quanto que custa trocar o banco desse troço. Com o celular na orelha ouvia, mas não era capaz de dizer nada. Se vira, homem. Tá contratado para se virar, se não sabe fazer seu trabalho, pede a conta que eu contrato outro no seu lugar.

Melhor que Ceceu não tem, ela sabia, confirmar as coberturas dos bichos com ela fazia parte de seu trabalho. Respirou fundo e limpou a garganta com um restinho de cerveja choca e quente que tinha entre as pernas e disse, às pressas para desligar:

— Fazoquêê cê quisé.

E o alerta vermelho bateu na cabeça do Ceceu:

— Dona Bia, tem alguém aí com a senhora?

— Só Deus.

— Certo, me passa o endereço que eu vou aí fazer companhia.

Desligou. Sabia o rumo de casa. Passou do banco de trás para o banco da frente sem abrir a porta e caçou a chave. Nuépossíviumtroçodesse. Chavedocarai. Xingava e caçava. Embaixo do banco achou uma garrafa vazia de vinho barato. Mistureba sempre dá ruim. Achou a chave no bolso da calça e enfiou no contato. Sem engasgar nem deixá-lo morrer, partiu do posto para casa e só não estacionou o carro direito na vaga da garagem porque precisava limpá-lo antes de devolver para a dona.

Trocou aos tropeços do estacionamento para casa sentindo o Sol chegar. Parou no meio do caminho, na grama, sentindo o vento gelado da manhã batendo no rosto. Esperou o Sol nascer por completo, parada, a carteira e o celular na mão. O cheiro da grama veio depois. Tudo o que o olho alcança é seu, Bianca. Trata de dar valor a isso, porra.

Ouviu o chororô da bezerrinha e foi, direto, para a casa do Lipe. Leite, carai'. Que o Cabritim não acorda com menos de dez minutos de chororô ardido. Entrou sem pedir licença, misturou água com pó e deixou lá, prontinho. O Lipe estava à mesa.

— Êta, ferro. – Disse a ele, aos tropeços. – Há quanto tempo cê taí?

— A noite toda. – E ela sabia que era a noite toda, mesmo. É o Lipe, se

ele encarca que não vai dormir, o diabo não dorme.

— Tá, depois nós conversa, agora tô querendo deitar um cado. Tem cobertura do Heitor, hoje.

— Bia...

— DEPOIS, DIABO.

Tropeçando, passou por ele e foi para a porta. Porra de porta dura, não abre, sô. A maçaneta vira para tudo quanto é lado, mas, de que lado essa desgraça abre? A mão machucada do Lipe veio em socorro e abriu. A mão machucada do Lipe a seguiu pelo caminho todo, até a casa dela. A mãozona continuava ali, a ajudando com a própria maçaneta. Bração grande esse menino tem, óia, sô, estica de uma casa pra outra e não tem ombro. A mãozona a ajudou na bota, carai, uma mãozona dessas pra cima da Dê destroncha a bichinha. A mãozona a ajudou a se equilibrar quando a escada pareceu muito comprida e a ajudou a tirar a calça, também.

Ah, o menino tá todo aí, também. Diacho de água fria. Água fria não, meu couro não aguenta. Embaixo de esperneios, ele passou xampu na cabeça dela, condicionador, ensaboou a bucha de banho e deu a ela, cobrou que lavasse os pés, o rosto, deu outro sabonete na mão dela e cobrou que lavasse lá.

Sentiu a toalha em cima de si e foi esfriando. Carinhos. O Lipe não dizia nada, só a enxugava com cuidado, uma perna e depois a outra, um braço e depois o outro, enrolou a toalha na cabeça dela e pediu cinco minutos. Voltou com um roupão estranho de uma cor que ela jamais usaria e num tecido que ela não gosta.

— Ele não sabe o nome da própria filha. – Soltou de repente, enquanto o Lipe teimava em arrumar seus travesseiros.

— Quem, o Jorge?

— Tá achando que é Carolina.

— Ele não ajudou a escolher o nome da menina? – Parado com as mãos na coberta, aquilo para ele não fazia o menor sentido.

— Sabe Deus. – Deu de ombros, mais sóbria, olhando para ele sabendo que precisaria desabafar com alguém antes de fazer qualquer burrada. São anos, longos anos de beber, cair e fingir levantar.

Cansada, olhando para o primo sem vê-lo nos olhos e sabendo que com ele era seguro contar só pelo jeito como ele trata sua irmã, ergueu-se da cama e ensaiou dizer tudo.

Não, tudo não vai sair assim. Uma boca fechada por anos não desata a tagarelar só porque tem alguém ouvindo. Cutucou os cantinhos dos dedos pensando na melhor forma de contar, pensando se ele será um bom amigo ou se vai sair contando para todo mundo, olhou para as mãos machucadas

devidamente remediadas e sabia, assim, só sabia, que do jeito que ele era capaz de deixar o rosto do Jorge, jamais seria capaz de fazer com a Dê.

Sorriu pensando na irmã e no quanto ela estava protegida. Não vai dizer, acabou o tempo do dizer, mas morre de orgulho do jeito que a irmã é. Turrone e meio acelerada, teimosa e resolvendo tudo sem perguntar nada para ninguém, mas respeitada até os últimos fios de cabelo pelo homem que agora volta a ajeitar os travesseiros e não diz um pio.

— Você sabe que pode contar para mim o que quiser, não sabe? — As olheiras fundas do Lipe falam por ele. Esteve acordado e preocupado a noite inteira. — Sabe que, se não quiser contar tá tudo bem também, não sabe?

— Vai dormir, Demônio.

— Vou te contar uma história, mas ela não pode sair daqui — Ele disse, ainda muito abalado pela coisa toda, a envolvendo num abraço para que a Bia contasse com as estruturas dele para se segurar — Vou te contar que é para você saber o que é amor, tá?

Contou a história dele. De todas as vezes que se afogou na raiva, nunca pensou em erguer um dedo contra a dele. De todas as vezes em que ela se acostumou com poder, com se virar sozinha, com mini-jogos de manipulação (como aquele era), nunca cogitou resolver com a única coisa que tinha a mais que ela.

Lembrou-se do como assinaram Portugal, uma mão em cima da outra, duas cabeças e uma sentença, dois como se fossem um, por todo o caminho. Contou do como se enfurecia quando a Bia, esta Bia aqui, cobrava sobrinho e do como eles choravam quando viam um pauzinho só no teste de gravidez. Contou do como chorava na punheta porque estava cansado delas, a libido batendo no calcanhar, de raiva, de ódio. Do como a Dê não transava com gente em casa, do como para ela sexo parecia muita coisa, fazia parecer quase um favor e do como ele, por se sentir um idiota por querê-la tanto assim, se segurou por um ano todo, quando ela estava em Portugal e eles estavam juntos, para não fazê-la transar como se devesse sexo a ele.

Contou até da primeira vez deles, com camisinha assessorada pelo pai delas, sem látex. Da primeira masturbação. Do medo que ele tem do parto da Dê. O Lipe nunca gostou de sangue. Contou e chorava sobre o choro da Bia, só para ela ter alguma noção de que amor não é um homem chegar na sua casa, no seu reino, exigindo o que você não tem para dar.

Amor, ele dizia, é quando os dois dão tudo sem exigir nada. Colocam os tesouros na mesa por vontade. E chorando entendia, que às vezes a Dê exigiu dele muito mais do que tinha para dar, e que amor também é regular o quanto podemos dar antes de não sobrar mais nada na gente.

Chorando um pouquinho por entre as palavras doces, o Lipe entendia que a dele também deu tudo e mais um pouco e, abrindo a boca para falar dela sem ser para reclamar, sentia o peito inchar de orgulho e gratidão.

— Quando você conseguir me olhar nos olhos, a gente vai num terapeuta.

— Lipe, eu não sou louca.

— Não tô falando isso, Bia, você é muito mais forte do que eu, mas mesmo as pessoas muito fortes, umas hora, elas têm que colocar o que sentem para fora.

— Só vai sair o que não presta.

— Tem que sair tudo. – E ele mudou de assunto – Você vai deixar a Dê colocar esse cara na cadeia, pagar pelo que fez, se resolver com a lei e vai entender que estamos do seu lado. Só assim, Bia, que você vai entender que ele não é o amor da sua vida, não é nada maior do que nós somos, entendeu?

— ...

— Tá, agora deita um pouco, você tá cansada.

— Lipe, - ela o interrompeu, a voz miúda toda dolorida – deixa eu ficar aqui mais um pouco.

E se aninhou no peito dele, os braços à frente do corpo, cruzados como se se abraçasse e se defendesse, sentindo o beijo dele na cabeça.

— Tá tudo bem agora, Nina – ele sorriu um pouquinho, a abraçando mais forte – Fica calma.

— Você me lembra um pouco o abraço do meu pai...

Capítulo 4

Acordou atrasada, o coice no queixo, roupas que não pareciam suas. Um quimono de seda rosa bem clara, uma faixa na cintura que segurava a estrutura da roupa no corpo. Dormiu debaixo da mão quentinha de um cunhado que só ouviu, não julgou, não disse nada, só aceitou o que ela tinha para falar e chorou junto.

Os olhos ardiam de tanto chorar, que horas eram? Pareciam queimados. Olhando o próprio quarto que parecia de hóspedes, bem decorado, mas sem personalidade alguma, sabia que tinha de enfrentar todo mundo lá embaixo. As pessoas vão achar que ela agora queria vingança do Jorge, ou tinha ódio dele, as pessoas iam querer que ela fizesse alguma coisa, dia novo, ações novas, a hora de chorar já passou.

Deitada, o maxilar ardia como todo dia. Vai sempre arder, tem é que dar sorte de poder mastigar. O tranco do coice faz você parecer peso-pena. Cowboy aprende a voar em dois segundos, com as patas da Bela. Colocou as mãos perto das cicatrizes, na orelha e no queixo, empurrando-as contra o rosto. Dizem que se esquentar melhora, né?

Quem abriu a porta do quarto foi seu pai, o senhor loiro de olhar amigo, os olhos vermelhos também, uma bandeja de café da manhã e o terno azul marinho bem passado pelas mãos da esposa.

— Pai pode entrar?

Nem respondeu, só balançou a cabeça que sim e se sentou à cama com a mão no maxilar, sentindo a dor.

— Bom dia, filhota. – Ele disse, a voz grossa, o jeitão de CEO que a Dê herdou inteirinho e um sorriso que ela reconhece até no escuro. Puxou do bolso uma pomada que a Bia nunca usava e começou, gotinha por gotinha, a espalhar no queixo dela como uma massagem. – O médico manda você usar, mas você é teimosa igual uma mula.

— Essa merda não presta.

— Não discute, chega mais perto. – ele respondeu, pausando a massagem para que a menina dele se aproximasse – Tem que passar até esquentar, tem que ter paciência.

— Não vou fazer isso todo dia de manhã.

— Daí fica bicuda o resto do dia, né, Dona Bianca? Dez minutinhos de manhã – ele parou para puxar mais uma gotinha da pomada – e no café já está pronta para outra.

— A Dê te contou?

— Teu pai não é bobo.

— Nunca disse isso.

— Eu nunca confiei naquele Jorge e vocês ficaram de namoro antes de ele casar com a Beta, não foi?

— Não foi namoro.

— Teu pai não é moderno. Namoro resume. – E, sem preâmbulos, entrou no assunto sério: - Meu Anjo, o pai vai perguntar isso uma vez só e depois nunca mais toca nesse assunto.

Sabia o que vinha.

— Quantas vezes o Jorge ergueu a mão para você?

Não olhou nos olhos dele desde quando o viu entrar no quarto, tampouco o olhou ali. Não tinha coragem. Sabia que a família inteira devia estar lá embaixo, toda pronta para as curas, bálsamo nas feridas em forma de comida, sorrisos escondendo choros e discursos motivacionais escondendo perguntas cabeludas. A verdade é que perdeu as contas de quantas vezes brigou e respondeu ao Jorge até que ele perdesse a paciência.

O problema é que ninguém aceita cura enquanto não se descobre doente.

Olhando a bandeja de café da manhã, a xícara ornada, o pão frito quentinho com manteiga derretendo, até meio mamão sem sementes tinha, não quis responder. A resposta era óbvia. Mesmo se tivesse sido só uma vez que ele bateu: seria aceitável?

— Você já viu seu pai erguer a mão para a sua mãe alguma vez na vida? Briga você já viu, tá cansada de ver a gente brigando, mas você já me viu erguer a mão para a sua mãe, Bianca?

— Não, pai.

— O que você teria feito se me visse erguer a mão para a sua mãe?

— Eu tinha acabado com a raça do senhor. – E teria mesmo. Deus no céu, Dona Angélica na terra. A relação que Bianca construiu com o pai não é forte, mas que ela construiu com a mãe... Ninguém toca na Dona Botelho, ninguém nem olha duas vezes quando ela passa porque a cachorra de briga tá pronta, sempre pronta para pegar na jugular de quem se atrever.

— Pois é, então você vai ter que me ver acabar com a raça desse sujeito e vai ter que ver a Dê acabar com a raça dele, também. E você, quando tiver fortinha, também vai dar seu troco, tá me ouvindo? Ele mexeu com a família errada e tá na hora de entender que com Botelho não se mexe.

— Não quero ver a Dê metida nisso.

— Mas vai, sou eu quem estou mandando. – Entregou a xícara para ela e continuou – A Dê tá fazendo o que eu quero que ela faça.

— Mas eu não quero.

— Por que você sabe que a gente não vai deixar nem calça para ele vestir, né? Bianca, não tem nada que você peça, pode espremer o quanto quiser, mas o Jorge vai ter o que merece. Eu vou ser duro com você, minha filha, porque eu cansei de fazer vista grossa: tem um ano inteirinho que eu tô vendo você segurar as rédeas da Dê. A Dê quer levá-lo para a cadeia, você impede. A Dê quer impedir que ele cruze o seu caminho, você reclama, diz que sabe se virar, diz que não precisa de lei, que é moça adulta. Bia, Meu Anjo, você ficou adulta, o pai morre de orgulho de você, mas não está na hora de andar com as próprias pernas. Pega no meu braço, bebe seu café, e quando você for inteirinha a moça que eu morro de orgulho de chamar de filha, pode vir com ferradura e tudo, se eu me meter no seu caminho.

— ... quantas pessoas estão lá embaixo?

— Todo mundo.

— Dá para mandar todo mundo embora?

— Não. – Ele sorriu – Sua mãe tá te esperando para bater perna.

— Porra de bater perna.

— Você vai com ela e Alicinha comprar roupa decente.

— Trabalho, Seu André. Hoje eu trabalho.

— Cancela. Manda aquele Cecê lá fazer o trabalho dele.

— Ceceu*

— Vai, escova o dente, come o pãozinho que a Dê te fez e desce. Tem mais comida lá embaixo.

— Pode comer. Tô sem fome.

— Pai tá mandando.

A vontade que ela tinha era de dizer poucas e boas: nunca nem ligou para mim direito, Seu André, nunca deu nem o que o mosquito rói por mim, e agora vai querer tomar conta da minha vida?

Mas para pai não se responde. Conformou-se com a autoridade dele, continuou com aquela rouparia extravagante, presente que a Dê deu há muito tempo atrás, escovou os dentes, limpou as remelas e não trançou de novo os cabelos que o Lipe a obrigou destrançar antes de dormir.

— Vai trocar de roupa?

— Essa casa não é minha, não tenho roupa aqui.

— Não faz desfeita comigo, filhota.

— Nunca estive nem aí para mim. – Até respeitava a autoridade dele, mas não podia vê-lo cantar de galo logo agora, logo ali, quando todo mundo começaria a achar que manda nela. – Nunca deu nem duas palavrinhas comigo, Seu André. Vive na aba da Dê e passou a viver na aba da Alicinha depois que ela assumiu a queijaria, mas comigo sempre foi o mínimo. Não venha querer dar

uma de paizão na frente de todo mundo que eu não sou criança. Sei bem o meu lugar nessa família e o senhor só dá atenção para os que estão dispostos a cuidar dos seus queijos.

Cavalo ferido dá coice que é para se defender. Os olhinhos do Seu André se encheram de água, nunca nem pensou que desse menos atenção a uma filha do que dá para outra. Sempre supôs que a filha mais velha fosse independente demais, livre demais e sempre deu esta liberdade a ela por confiar, cegamente, nas suas decisões.

Bianca é a filha rebelde, sempre foi, pai sempre sabe. Chega em casa com um roxo e não olha nos olhos para explicar o que aconteceu. Fala como se fosse só um arranhão. Quebra parte da cara, come por canudinho por seis meses e se recusa a ficar em casa, a passar pomada do jeito certo, a querer atenção. Puxou a bandeja da cama, enxugou a xícara tão decorada que só podia ser utensílio da casa da Dê e desceu, descalça e sem olhar para trás, deixando um pai com o coração na mão sem saber nem o que responder.

Em filho grande surra não adianta. Em filho grande, o máximo que dá para fazer é tentar de novo. A mais velha viveu a infância mais problemática, mais desajustada. O pai passava por uma fase de dependência química, se curava, a mãe carregava o mundo nas costas.

E parte de ele ser conivente com as loucuras dela, com os hematomas, as respostas atravessadas, é por culpa. Deixa a menina fazer o que quiser e não responde porque não foi presente e não conseguiu dar a ela, na primeira infância, todo o amor que conseguiu dar para as outras duas.

Seu André só tinha que entender que a filha já passava dos trinta e dois. E se por um ano da vida dela precisou se ausentar para cuidar da dependência que o fez um paizão por todos os outros trinta e um, então era uma concessão e uma ausência mais que justificável.

Dona Angélica nunca o culpou por isso. Sabe que o grande motivo de o marido não ser mais um viciado em drogas é justamente essa cowboyzinha de falar grosso, peito machucado e que veio na hora, palavras dela, que Deus queria que viesse.

Por isso desceu atrás. Não vai falar o que quiser e achar que pode, menina. Ainda é teu pai, aquele. Desceu atrás e estava pronto para dar vexame, uns bons tapas na bunda e um puxão de orelha.

— Bianca, volte aqui.

Bianca é doida, mas não rasga dinheiro.

— Volte aqui. Agora.

Filho nenhum ouve o falar grosso do pai e continua calmo. Tenha quantos anos tenha, o tom da voz denuncia o chumbo que vem e Bianca sempre

foi profissional em tomar bronca. Deu meia volta na escada, o rosto desequilibrado de dor e tensão. Baixou a cabeça e entrou, tímida, pelo quartou que planejou não voltar.

— Senta.

Sentou-se.

— Seu Tio Carlos – se é para cada um usar o chumbo que tem, que Bianca soubesse que ele tem arsenal muito mais grosso do que ela – me contou que você andava de gracinha com o veterinário na fazenda. Fiquei quieto. Quantos anos você tinha? Quinze? E eu fiquei quieto. Lembra? Eu perguntei o que você tinha com Sérgio e você me disse, em alto e bom som, que só gostava do trabalho dele com as vacas. Nunca mais te perguntei nada. Seu Tio Carlos denunciava você. Viu você de graça com homem vinte e cinco anos mais velho, me alertou, perguntou se eu queria que ele colocasse um peão colado em você e eu confiei na sua palavra, Bianca. Coloco minha mão no fogo por você e suas irmãs. Fiquei quieto. Todas as vezes que você chegava em casa cheirando cachaça, cigarro, de cabelo molhado sem tomar banho em casa. Todas as vezes. Eu confio nas filhas que tenho e você é a única que sempre escondeu coisa de mim. Você acha que tem pai tonto, mas não tem. As filhas que Deus me deu são tudo o que tenho e eu cuido muito bem do que é meu, entendeu?

— Desculpa a grosseria.

— Esperei que você me contasse e passei quinze anos esperando isso. EU, teu pai, já ergui a mão para você?! Hoje tem a lei da palmada, mas naquela época amigo meu batia em filho por muito menos. Não canta grosso comigo que eu não sou seu amigo. E se você sabe o seu lugar nessa família, devia saber que é com a gente que você tem que contar. A Dê, agradece a Deus a irmã que você tem, viu o Jorge te passando a perna e mudou tudo. Deixou o príncipe dela esperando, foi para a puta que pariu, voltou, colocou o Jockey no seu nome, todo o braço de Cavalos da Holding é sua, no seu controle, ela até recebe menos pró-labore que você. Bianca, acorda para a vida. A gente confia tanto em você que se você não diz, a gente não pergunta, só aceita. Aceita as suas roupas surradas, seu falar bruto, a gente ama você desse jeito, não tem problema, mulher não tem que ser princesa, você mesma me ensinou isso, mas não venha, por favor, por tudo o que você ama, dizer que eu nunca te dei nem o mínimo. Eu te dei tudo, Meu Anjo. E confio em você até hoje se me disser que nunca teve coisa com o Sérgio.

— Eu tive.

— Eu sei que teve. E eu via os roxos que ele deixava em você.

— Era coice de cavalo. – Mentiu.

— Bianca... - Repreendeu.

— Desculpa, pai.

— Desculpa o pai também. — Chorou um choro de quase vinte anos de atraso — Eu não devia ter confiado tanto numa mocinha de quinze anos, devia ter prestado atenção e devia ter te impedido de fazer tudo o que queria.

— Desculpa, papai.

Se a Dê ouvisse do lado de fora se lembraria, automaticamente, do choro bêbado da estudante de veterinária quando é banhada, cantando as mesmas desculpas, colando um “papai” carinhoso no cabo das frases. A filha mais doce vem embrulhada no azedo.

E se desmancha inteirinha quando assim, ouvindo juras de amor fantasiados de bronca.

— Eu achei que você saberia se virar, se defender, se proteger, Meu Anjo. — Ele dizia, a arrastando para perto, num beijinho-bênção de pai que sabe que o melhor que pôde não é o suficiente. — Eu achei que a bruta não precisasse de cuidado, que não se abalaria por um veterinário de quarenta anos...

— Desculpa...

— Você é a razão pela qual sou vivo, você e sua mãe me deram vida, não fala que eu nunca cuidei de você que dói demais.

Capítulo 5

Desceu dando o braço para o pai, a cabeça encostada no braço dele. A filha mais alta e mais parecida com a Dona Jeca. Olhando o chão, tímida na própria casa, conferia a quantidade de pés. Todo mundo debandou de Minas para cá, cacete? Cruzou primeiro os olhos com a Alicinha e aquele cabelinho curtinho que combina com a carinha chupada e desmilinguida dela. É isso o que odeia de contar as coisas para o povo. Esse franzir de dó.

Dó a gente tem de cachorro, caralho. Tô grande, tô inteira, tô viva, vai pro diabo com a tua dó, inferno.

Subiu dos pés para os olhos com raiva. Só no coice o povo entende. A Dê já se embrulhava de chorar, essa sempre teve o berreiro solto. O Lipe sorria olhando para ela de braços dados com o pai e, finalmente, atrás dele, a mãe. Dona Angélica. Um bálsamo nos dias ruins, as mãos suaves e enrugadinhas mexendo num tacho de bolo. Limpava o rosto com as costas da mão, de costas para ela, na pia. Chorava? E quem foi o filho de cruz-credo que fez... ?

Nunca contou para a mãe porque até tudo bem decepcionar todo mundo, faz parte, quem tá vivo decepciona, mas Dona Gequinha não pode achar que aquela Cavallona ali, vestida de bonequinha por teima de cunhado, quebra. Porque se Dona Jeca vê filho quebrado, se quebra também.

E filho não é feito para quebrar mãe. Pode viver de recolher caco, mas mãe não pode saber. Já fez a parte dela, já sofreu, carregou o mundo nas costas, deu conta de tudo, na velhice filho tem que dar felicidade.

Não é? E olhar Dona Angélica limpado o rosto dói demais. O pai lhe deu um beijo só para desviar sua atenção, mas, como? Com carinho, o coração nos lábios, se afastou do pai e foi direto para o tacho e as mãos dela.

Num beijo quis dizer “me perdoa” e num olhar quis dizer que está tudo bem. Não sobrava palavra, nunca sobra. Sobrava coração acelerado, a certeza que cometera uma burrice sem precedentes, o sermão todo ouvido sem precisar ser dito. Dona Angélica tinha o rostinho abatido, triste e decepcionado. Ninguém disse o que aconteceu a ela, não falaram com todas as letras, olha, Dona, sua filha apanhou de namorado, mas ela sabia. No fundo, a mesma culpa que seu André sentia, ela sentia também.

Mãe ausente. Não ensinou para a filha como é ser amada e respeitada pelo companheiro.

E, no fundo, a Bia sabia que não era nada disso. Sabe como é ser amada, caramba, não nasceu ontem, sabia muito bem como é uma pareceria para criar filhos, sabia muito bem como é que um homem trata uma mulher quando ela

merece.

O problema é esse: nem naquele momento percebia. Nem diante da mãe, sua maior referência como gente. Não tem quem lhe diga, quem lhe aconselhe. Uma vez que se condena pelo gênio forte, não tem quem amenize. Pedia perdão não pelo namorado, mas pelo jeito. Chorava seco se arrependendo. Se fosse menos tihosa, menos bruta, menos irritada, menos acelerada, se resolvesse as coisas na base da conversa, se tivesse ouvidos mais apurados e paciências para lidar na conversa. Se fosse menos, tudo menos. Se sentisse menos, se coubesse num chorrinho tonto e dolorido igual ao de sua alma gêmea.

Olha a mãe, beija-lhe as mãos e pede para ela sentar. Senta, mãe, ela diz com os olhos, sem coragem de falar com a garganta. Deixa que eu misturo as coisa tudim. Mexendo num tacho de bolo, pelo menos, não tem que falar com ninguém. Está ocupada, tem coisa para fazer, a cabeça não está vazia e não está pensando malcriação.

A família dela entendia. A Bia sempre foi assim. Se afunda no trabalho e nas latinhas, mergulha em qualquer outra coisa para não ter que falar, para não ter que resolver, para não ter que se abrir com as mãos e puxar de lá de dentro toda a mágoa mal curada, toda ferida que não fecha, toda sorte de má-sortes que a fazia crer, de pés juntos, que os tapas e os puxões, que os socos e xingamentos eram todos por culpa dela.

E houveram. E não só de Jorge, ele era só o recente. O primeiro olhava e exigia submissão, mas cavalo selvagem não se doma, não se submete, não se rebaixa. Corcel voa e homem só entende mulher pelo que foi escrito na bíblia.

Homem não entende lenda em forma de mulher. Não entende liberdade em forma de gente, mãos em forma de cura, candura em forma de casco. A filha mais doce vinha embrulhada no azedo, Seu André sabia disso desde o dia em que a filhota nasceu, mas quem não é pai não é feito para saber.

E nenhum outro homem esteve disposto a descobrir.

— Toma, - Lipe entregou a forma untada para a Bia – que daqui a pouco a massa grita, de tanto que você tá batendo nela.

— Ai, Lipinho, só você... - Dona Geca sorriu, beijando o genro e secando o restinho das lágrimas que escorriam pelos cantinhos.

— A gente tá tomando café ou almoçando? – Ela perguntou, sorrindo um pouquinho, agradecida por ele não entrar no assunto que todo mundo estava doido para entrar.

— Cê não sabe que horas são?

— Para mim é de manhã, cabei de acordar.

— É, mas já é cinco da tarde, nem almoço tem mais.

— Porra, mas eu tô com fome.

- Fome de quê, filha? – A mãe já abria a geladeira para servi-la.
- Se bota um boi na minha frente eu como, tô colada nas costas.
- Sobrou um pouco de lombo do almoço, quer que esquento, Meu

Anjo?

- Deixa que eu esquento, mãe, senta aí.
- Para de graça, menina, não é para você fazer esforço, cê não tá bêim.
- Osh, como é que eu não tô bem? Não tô morta, não.

O olhar da mãe dizia: SENTA E AQUIETA O FACHO e, se ela não era louca de responder malcriação para o pai, para a mãe, muito menos. Sentou-se à mesa com as duas irmãs e então deu uma boa olhada em todo mundo.

Ê, povo sem ter mais o que fazer. Sai lá dos cafundós da minha Minas para vir aqui acudir eu. Sorriu um pouco grata e beijou a irmã-leão que se disfarça de mosquinha. No olhar da Dê tinha uma prece e um pedido de desculpas, mas não carecia. Ninguém tinha feito mais por ela do que aquela gordinha sentadinha com a mãozinha no bucho, sempre protegendo o filhotinho no forno.

- Você e eu, a gente tem que conversar?
- Só se você quiser, Bia.
- Não tô boa para palavreado, mas você gosta de prosa, então se quiser, a gente bota tudo na mesa.
- Tudo, tudo?
- Cansei de brigar.
- Eu só preciso saber até onde eu posso ir com o Jorge. – Muda do claro para o escuro muito depressa, essa daí. É sempre assim. Já engrossava o caldo sem nem colocá-lo na panela.
- Vai até onde cê quiser.
- Eu quero ele morto. – E escurecia. Alá o olho mais escuro que nem o Lipe vê. Gordinha Songa Monga é o caralho, nem o Lipe sabe o demônio com quem casou. A Bia sempre a via assim, nas bordas, quem realmente a Dê era quando não tinha ninguém para julgá-la. A Dê queria o que a Bia devia querer.
- Não, esquece isso aí.
- Então me diz até onde.
- ... mas vocês duas estão sempre me deixando de fora. – A Alicinha foi para o colo da Bia, sem deixar o diálogo prosseguir, tentando se encaixar onde não tinha espaço para ela. A Holding é o que é pelas duas gênios fortes da família. A Alicinha é alegre demais, tem hora. É boazinha demais, coração mole demais, ciumenta demais, desconfia muito. A Bia confia na Dê sem nem perguntar. Corpo de duas almas que se calam quando a menorzinha sorri feito princesa e teima em colocar flor em tudo.

— Depois. – A Bia respondeu.

— É sempre depois.

— Depois o quê? – A Alicinha continuava nesse ciúmes de irmã e nesse carinho sem precisão.

— Não é da sua conta, desmilinguida.

— Mas, ê, ferradura, hein?

— Você se intrometeu na minha conversa, não reclama do meu coice, não.

— Vocês que estão de assunto sério no meio de todo mundo. Quer segredo, vai para o quarto.

— Ela tá certa, Bia. – A Dê deu o braço a torcer para a Alicinha que não entendeu que esse ceder não era um curvar-se, mas um mudar de direção.

— Eu tô sempre certa.

— Eu falei “depois” para você.

— ... essa roupa ficou linda em você, Bia. – A Alicinha continuava querendo chamego. – Podia estar de sutiã e calcinha, mas, tudo bem, tá lindo do mesmo jeito.

O Guto, sentado ali com a bebê no colo, já tinha reparado na roupa há muito tempo. Foi arrastado, como sempre é, para dentro do drama familiar que ele não dá a mínima. A Dê o chamou para ir e ele foi, sempre é assim. Presente, mas sem se meter muito.

A viu descer as escadas só com aquele pano fino que marcava tudo, do bico do seio até a fenda da bunda, numa cor que combina com o corpo queimado de sol, leve e esvoaçante com o andar. A viu adiantar para a bancada da pia e o leve balançar de quem desconta frustração num tacho de bolo, mexendo e mexendo, o seio apoiando o tacho, a mão na colher, as pernas apoiadas, os músculos marcados.

A Bia ainda é mulher? A primeira pergunta que ele se fez, ao vê-la. E tem cabelo fora da trança? Quer dizer, ele não ria, não era engraçado, mas por quanto tempo ele dormiu?

O negócio de domar bicho arisco fez um belo serviço. Cicatriz tinha, você queria o quê? Mas era tudo tão perfeito debaixo daquele pano que não cobre nada, que ele até arriscava ser um pouco menos discreto só para ter certeza que longe da flanela e do jeans a Bia era assim.

— O Lipe que me obrigou a colocar essa rouparia extravagante.

— Fez muito bem, Lipe. – Alicinha sorria – Tá linda, a minha bichinha.

— De nada. – Só que o Lipe não falava com a Alicinha. Mandou um olhar comprido e meio satírico para o irmão, voltou a fazer o que quer que fizesse lá perto da pia e o Guto entendeu tudo.

— Esquece. – O Guto murmurou em resposta.

— Falou alguma coisa, Guto? – A Dê cobrou.

— Não.

Claro, jogada óbvia demais para ser do Lipe. Se ele casou com uma, quer logo que ele se case com a outra. E quem tem envergadura para aguentar um dramalhão desses? E quem tem paciência para aguentar esse caminhão de merda, essa indocilidade, esse jeito de achar que tá sempre certa?

Se o Guto acreditasse em Deus, pediria perdão por pensar assim da prima.

Só que o Guto mais que motivos para não acreditar e um deles dormia no arco de seu braço, quietinha na sua soneca da tarde que, se repetir todo o mês anterior, vai até onze horas da noite, acordará para mamar e só vai dormir de novo às duas da madrugada.

— Aqui, filhota. – Dona Geca disse, colocando um prato quente de comida e talheres bem ao lado do Guto. – Vem cá comer, deixa suas irmãs um pouco.

Comia e o cheiro brigava com o cheiro do café e do bolo. Devorou um prato de cabeça baixa. Sempre teve a boca boa, Dona Teresa falava e Dona Geca repete. Parou só para olhar para a bezerrinha entre um prato e outro. Sorriu ao vê-la quietinha, quantos meses, já? Quatro? Eita, lelê. Tá gordinha a bebezinha.

— E ela, Cabrito? – Mais um motivo para o Guto nem pensar no que o Lipe propunha. Cabrito. Porra de apelido mais eunuco do caralho. – Tá boa?

— Tá.

— Ouço o chorinho daqui de casa.

— Vive com fome.

— É um bom sinal, se tá com fome é porque tem saúde.

— Moça mais forte que ela não tem. – E ele não consegue se limitar a concordar. Fala da filha e se derrama. Morre de orgulho. Olha para o pinguinho de gente que já sofreu mais do que muito adulto e brilha. – Obrigado pelas mamadeiras.

Ele sabia? Olhou para ele sem jeito. Não era para ele saber, era só para ser e pronto, não precisava agradecer.

— Só não entendo o porque você não pega ela. Tudo bem você pegar.

— Tá.

— Tó, filha, come mais.

Outro prato, menos motivo para prosa. Encheu o garfo de feijão com farinha e se contentou em olhar para eles. Tão lindinha essa bezerrinha pretinha de boca rosinha! Olhava e se derretia. Era linda, mesmo.

E cada vez que ela olhava para a bebê, sentia menos peso. Com a

Carolzinha o peso era maior porque era a filha dele, mas aquela ali, não. E dormia, olha só como que dorme, tão lindinha, que dava vontade de colocar num casulo e rezar todo dia por ela, só para Deus protegê-la.

O que o irritava era que todo mundo colocava pressão. Pega a bebê, Bia, se arruma com o Guto, o Guto é Ferreira, Ferreira é filho do Digo, o Digo que é homem de criar menino. Dona Geca e o Lipe mal disfarçavam. Morriam por dentro com a boca entreaberta, doidos de vontade de dar pitaco, de colocar a Leninha no braço da Bia que parecia boi fugido de tanto que comia.

— Que que tem de sobremesa?

— Goiabada e quêj. – O Pai sorria, abrindo a geladeira. – Quer?

— Tá perguntando se o macaco quer banana. – Achou esquisito que tivesse isso dentro da própria geladeira, mas não disse nada. Viu o pai abrir o lacre do queijo deles, puxar uma goiabada pela metade, viu o cuidado dele de cortar fatias grossas porque sabe a filha que tem e sorriu ao ver ambas à sua frente.

Todos eles diziam, aos seus modos: estamos aqui, Bia. Estamos todos aqui, pelo tempo que quiser e precisar. Usa a gente.

— Quer, Cabrito? Pode pegar.

— Não gosto muito de doce.

— Ish.

— Nunca gostei.

— Tá, então come só o queijo.

Capítulo 6

— Pode parar. — O Guto foi logo se explicando. Voltaram da casa da Bia quando a Lena precisava de fraldas novas e o Lipe foi com ele só para não deixá-lo sozinho. O Lipe abriu a porta e o Guto entrou, o Guto subiu as escadas e o Lipe foi atrás. Puxaram o trocador da parede, tiraram a fralda suja, um limpa e o outro busca o creme conta assaduras.

— Parar com o quê?

— Não vou me arrumar com a Bia para não ficar de fora.

— Cê tá bem louco.

— Eu vi o “de nada”.

— ‘Tava brincando.

— Tá.

— Caralho, é brincadeira, eu vi você olhando e soltei de piada.

— Tá.

— Se quer saber, mesmo se vocês dois se arrumassem, você ia fazer mais mal do que bem para ela.

E alguma vez na vida eu fiz bem para alguém? Pensou, mas não disse. Terminava de limpar a bebê e selava a fralda ao redor da cintura dela sem dizer um pio porque nunca foi de gostar de drama.

— Não começa, Guto. — O Lipe fechou o rosto. — Não tô te empurrando para ninguém, não sou Santo Antônio nem cupido. Você sempre foi mais esperto que eu, taí até com filho já, então não vem jogando o seu olho comprido para cima de mim. Você olhou um cu e eu ri. Só isso.

— Tá, que seja.

— É, mas se você quer saber.

— Muda o disco, caralho, eu não quero saber de nada.

— ... a Bia vai te dar uma mãozona com a Madá, se você insistir. Ela sempre gostou de criança.

— Me viro.

— Eu sei, não tô chamando de incompetente, só que eu quero sair com você e a Manu e para onde eu quero ir a bebê não entra.

— Deixa com a Dê.

— Quero levar a Dê também.

— Deixo com a mãe.

— Não vai atrapalhar a mãe com isso.

— Mas isso quem decide é a mãe e ela nunca ligou de ficar com Madalena.

— Quer deixar de ser cusão? Deixa com a Bia, porra.

— Que deixar com Bia, nada. A outra mal se aguenta em pé com as encrencas que arruma, não vou deixar mais uma na mão dela.

— Tudo bem, deixa para lá, esquece o que eu falei.

— Já falei que ela pode pegar na minha filha, se ela quiser, que ela venha e pegue, nunca tive problema com gente da família.

— E a Bia é família?

— Você me obriga a achar que é.

— Cê tá foda.

Foda era apelido. Solta a torneirinha e o Guto vai-se todo em cutucões. Não tá bom nem para conversa, nem para brincadeira, nem para drama, nem para nada. Era a vez dele de querer barranco para morrer encostado e não ter que lidar com a vida. Deslizava pelo calor dos dias sem pressa, sem saber para onde ir e vivendo de alimentar uma pequena que não tinha culpa de nada. Esses eram os seus dias.

E em todos os espaços que tinha, pensava que não era esse o sonho de Gustavo que tinha o moleque que nunca perdoava mulher nenhuma.

Um dia, quando Holding era matéria de escola e os meninos Ferreira viviam para estudar e para cuidar da menorzinha, no mesmo dia em que o Lipe tomou coragem e deu um beijo na que viria ser seu amor e sua ruína, o Guto se escondia nos cantos escuros onde nem a fumaça do boi no rolete chegava, nem a luz, para pegar as primas sem nome.

Uma mais linda que a outra, família de fazer mulher bonita. Uma mais sem vergonha e mais curiosa que ele, amanhecia pegando a mais velha e entardecia com a novinha na boca. Dizia o que elas queriam ouvir. Amor e coisa de novela, juras de amor e o escambau. Tudo para encantar, Malhação era a novelinha favorita de todas elas, cada uma sonhando com um mocinho que as pegasse pelo braço e lhes desse um beijo roubado.

Guto era esse menino. Sempre mais peludo e mais encorpado que o Lipe. Nem sempre mais alto, é verdade, mas aquele verão fez milagres com seu tamanho e ele sabia disso. Sempre teve consciência de que crescia bonito igual ao pai, senão pior, porque a outra metade dele, a mãe, era linda e tinha sangue de barata.

Ele sempre quis dizer, mas nunca disse. O Lipe é a mãe até a página dois, só. O resto do livro é igualzinho ao pai. Chorão e fiel como um cachorro, briguento e boca dura, derretido que nem manteiga, tudo igual. Ele é que era a

essência da mãe. Sem piedade e duramente curioso com o mundo. Desafiador de terrenos e loucura de atravessar a Marginal na contramão. Ele o é, não o Lipe.

E temia nunca ser reconhecido. Não queria ter que dizer. Ele é a cara do pai, todo mundo sabe o que esperar. Derretido e cheio das piadas, todo bom de contar causos, solar; bem já foi dito uma vez. Ele é o lado escuro da Lua, terreno que ninguém bota o pé porque não vê. Ele é que é capaz de inventar salto de enfiar no cônjuge, que é capaz de sorrir com a amargura presa no canino, que escolhe quem fica, quem vai, quem morre, quem vive.

É com ele e com a mãe que as perdições acontecem, não com os sóis. Ele e a mãe que vêem gente morrer, que cuidam de funerais, que engolem o choro e vão para a luta. Ele quem tem sangue frio para ajudar em parto, em colocar a mão em água sangrenta só para ver bebê nascer, que vê parto no YouTube só para chorar quando o bebê sai. Ele, não o pai, nem o irmão. Ele.

E a mãe não ser capaz de se ver nele é que o quebra. Queria ter coragem de dizer, com todas as letras: Ei, eu sou seu, mãe. Parte, sua, seu filho. Mas ela só consegue ver o rosto. Só consegue ver a parte em que ele é um copia-e-cola do marido. Vê o bebê que volta colado no peito, o carinho e dedicação vinte e quatro horas por dia.

Incapaz de vê-lo como um igual, o Lipe namorando a Dê e ela se surpreendendo com um Guto que transa. Incapaz de vê-lo como um igual, o Guto quem ajuda no parto e o Lipe quem rouba a cena. Dona Fernanda nunca prestou atenção que o primeiro dos Ferreira a querer participar do parto não foi seu marido, mas seu filho.

Coisas que ele não tem coragem de falar porque queria ser visto. Tá vivo, não tá? Tá respirando, tá ali. Por que é que ela não vê?

Aliás, por que é que ninguém vê? Não quer deixar a Madalena com a mãe porque não consegue olhar para ela. Cheio de mágoa por cima da mulher que o criou. Respeita e ama mais do que a si mesmo, mas não consegue evitar de olhá-la fazendo planos só com o Lipe e ficar feliz por eles.

Tudo isso por quê? Por que de matemática só entende as estatísticas dos remédios? Por que não tem Cálculo 1 em medicina? E quem é ela para falar de que medicina não tem conta quando a profissão mais antiga do mundo é um sem-número de misturas de outras disciplinas, inclusive física?

Não ser visto, por outro lado, proporcionou saídas de emergências em situações em que o Lipe rouba a cena. O Lipe beijava a Dê na fogueira, coisinha mais casta e bestinha, o próprio dizia isso, e enquanto o amor rodava, ele comia pelas beiradas. Fazia uma chorar no canto enquanto a outra ria porque agora era a vez dela. Duas meninas na boca, nenhuma no coração.

Aprendeu a tocar violão não porque gostasse de modões, ele é moleque

urbano, gosta do que os moleques da sua idade gostam, não faz nem questão de procurar gostos paralelos. Aprendeu a tocar porque aprendeu logo que violão fatura fácil. A Bia dedilhava, ele seguia atrás e pronto, mais uma derretida no caminho, cantando o hino dos apaixonados, louca de pedra que deixaria que ele fizesse o que quisesse.

E, confiante assim, no alto da noite quando todo mundo já se recolhia para dentro porque o vento castigava, seus dedos doíam de tanto tocar violão, ele perguntou, à queima-roupa, para a única menina que nunca lhe deu bola: até Alicinha já passava envergonhada por ele, jeitinho de moça que não sabe onde enfiar as mãos quando o crush passa.

— Ei, Bia, me dá um beijo? – Mas era a Bia o desafio maior.

Toda esculpida no jeito duro e na boca sem freio, ainda feliz na casa dos pais e sabendo como passar por cima das dores, ela ensinava violão para o primo que desatou a chamar de Cabrito naquela mesma noite por cuidado e doçura. Olhou bem para ele, de cima a baixo, até que engana que é mais velho, o Cabritinho mais peludo, mas não por muito tempo.

O sorriso branquinho, ela pensou, quinze anos, tá na idade de fazer burrada, mas não aguenta o tranco, não. Não do jeito que ela é, nem do jeito que ela é capaz de desgraçar a cabeça de um cabra.

— Deixa de conversa, Cabrito. – E riu, não um riso de deboche, mas um riso solto de quem leva na brincadeira, porque era engraçado um moleque de quinze anos se meter a valente e não ter medo do coice.

— Não, sério, me dá um beijo.

— Ô, menino, cê tem a primarada toda pra fazer festa, vá caçar alguém da sua idade.

Seis anos a mais que ele, ela tem. Sabe do que tá falando, com um passado como o dela, só namoro errado, dá para entender quando não quer misturar uma sexualidade adulta com uma sexualidade adolescente. Sabe que se dá o tal do beijo só vai arrumar para a cabeça, o jogo se inverte, é ele que sai cantando o hino dos apaixonados falando obscenidades, a cabeça enterrada na areia recitando poemas de amor. Fosse da idade dela até arriscava, é ajeitadinho, ele, vai ficar um puta homão.

Mas não ali.

De novo acordada, olhava para o teto desde as quatro e meia da manhã. Cada dia mais difícil de sair da cama. Levantava só quando o Ceceu ligava para cobrar atraso. Não tinha muitos motivos para se erguer, também. Seu mundo

rodava sozinho, os peões cuidariam dos cavalos sem ela, a Dê agora tinha o Lipe, a Carolzinha e a Beta estavam bem e se recuperavam, aprendiam a ser uma.

Seus pais ainda dormiam no quarto ao lado, a Alicinha ocupava o outro. Aparato de família que não conseguia fugir, mas só precisava fingir depois das seis da manhã. Podia ser só ela na madrugada. Podia ficar de luto por si, ser melancólica, podia até chorar, se quisesse. Olhar bem para o lustre que não foi ela quem comprou e se debulhar em lágrimas sem saber mais o motivo.

Conglomerados. No primeiro andar chora, se recupera, sobe mais, pelas escadas. A solução está em continuar. Vai, Bia, sobe mais um, seu diploma vai te fazer feliz, seu Encrencado saudável vai te dar felicidade, sua irmã vai cuidar de tudo. Sobe, desgraça. Tem cura no topo.

Se pergunta quantos andares tem que subir. Olhando o spot de luz, apagado, conta os andares. Dez, quinze? E a saída fica onde? As escadas guiam, é por aqui. Acordar e dormir, da placenta para o tumulto, viver de engolir em seco, sem água para ajudar, viver de engolir sapo e arrotar rosas, dizer que está tudo bem, é claro que está, caramba, é a Bia, você já viu a Bia cair?

Mas cai. E vai subindo os degraus que consegue ver. Sem olhar para trás, encontrando novos monstros à medida que sobe. Não cai, não olha para trás, não para para pensar, não diminui a marcha. Só vai. Fecha os olhos, todos os degraus têm o mesmo tamanho. Só vai, Bia, não respira, não pensa.

No escuro da madrugada fica difícil progredir quando não tem ninguém olhando. Dá vontade de parar e procurar uma saída, nem que seja uma janela. Dá vontade de sumir do mundo, desistir dessa subida besta, esquecer da parentada-grude, da mãe que exige sucessos, da irmã que ergue castelo que ninguém nunca pediu. Dá vontade de procurar janela, pedir desculpa para o mundo pela boca dura, acelerar destinos dar de cara com o mundo lá embaixo. Será que a gente sente a queda, ou só dói depois que cai?

O bebê chora e ela desiste. Que horas são? Tá adiantada, a relógio. Cinco e meia, ainda tem mais meia hora para procurar janela. A bebê chora e não tem luz na janela do vizinho. É janela, até, mas não é nessa que ela pensa. A bebê chora alto, com fome. Será que o pai dela a colocou para dormir mais cedo ou será que sonhou com coisa ruim?

Dizem que os bebês não-batizados têm pesadelos mais que os outros.

Com frio e antes do amanhecer, saiu porta afora. Só um leitinho, não custa, ela já está de pé. Chacoalha bem para não ficar pelota, o pai sempre lava todas as mamadeiras antes de se deitar, até que está se saindo um belo de um pai, o Cabritinho. Só precisa acordar quando a bebê chora.

Mas não acorda. Ela já conta no relógio e já tem dez minutos de berreiro.

Não tem nem Lipe para acordar pisando duro e acudir essa menina, Meu Deus? Tudo bem que ele xinga muito, mas faz parte, acode ela, Lipe.

Ninguém. E vai subir e encarar a bezerrinha sozinha, no meio da noite? E tem quem? Subiu mais uma escada. O pai dormia sem camisa, o quarto dele tem cortina, ele que não fecha. Será que ele deixa aberto que é para ela ver?

Deixa de ruindade, menina. É o Guto. E dorme como uma pedra, o peito servindo de cama para uma nenenzinha toda cobertinha, embrulhadinha, pacotinho de lã e roupas. O pai só de cuecas e um sono pesado pra danar.

— Acorda, cavalo véi. — Disse, o chacoalhando pelo braço.

Tá vivo, essa desgraça? Como que pode dormir assim, gente? Pelo amor de Deus... Dorme assim que é para enganar a Dona Morte, não é possível. Finge-se de morto por uma montoeira de tempo e só acorda quando não tem mais ninguém vendo.

— Guto. Gustavo. Acorda. Ô, Guto.

Pedra. Pedra não, o morro todo. Pedra é uma só, dá para levantar no braço e arrastar. Esse daí não, nem arrastar dá, é pesado, dorme feito um morto, respira tão fundo e nem se incomoda com a luz da rua. Dorme não, diabo, padece.

E faz a gente ficar com dó. Tadinha da bezerra. Chora e esperneia com vontade, deve estar dizendo que odeia o sono do pai, tudo isso na língua dos bebês.

Vai ter que encarar, Bia. Vai ter que ir e segurar ela no colo. É o jeito, sô, tem mais alguém aí? Sabia segurar criança até bem demais, é como montar em cavalo, não tem como esquecer. Com gesto de amor e cuidado, arrastou os braços para mais perto da bebê até tirá-la, com o maior cuidado do mundo, do peito dele.

Quentinha. Que cheirinho bom que ela tem! Tá chorando e tá com fome, mas olha que coisa mais linda! No escuro do quarto e no escuro da própria alma, os olhinhos dela brilham e parece que colorem tudo!

É por isso que teu pai não te larga, né, coisinha? Por que ele sente isso também, não é? Ele te agarra quando mergulha no escuro e se recupera só de olhar esse mundaréu de verde. Desceu, com cuidado e olhando os degraus, direto para a mamadeira pronta. Ofereceu o bico e sorriu quando a viu pegá-lo. Vontade de ter leite na teta. Vontade de ser fonte de vida e parar de dar esse monte de coisarada sintética industrial. Vontade de ficar com ela no peito, bem pertinho, e ficar sentindo o cheirinho dela até pegar no sono.

Sorrindo a olhar com fome, o primeiro sorriso sincero vai saber desde quando, lavava a alma de nem sabia mais de quê. Mancha antiga de roupa suja que o dono esquece onde foi que sujou, só fica a mancha que vai se misturando

com outras até ninguém mais saber que cor que é aquela camisa.

Com uma mão apenas, preparou outra. É fácil quando tem um dosador com a marca certinha de quanto leite a gente tem que por. É só chacoalhar e pronto, oferecer para a bezerrinha que é capaz de sorver quatro doses pela manhã e mais uma, meia hora depois.

E foi assim que ela fez. Era sete horas, e depois oito. E ninguém naquela casa acordava. Já tomava a liberdade de trocar a fralda, de preparar um café para si, de mandar um Ceceu cuidar da própria vida e de se vestir num casaco da Dê, tamanho vento gelado naquela manhã.

Eis, quase nove, o cavalo levanta. Não tem ninguém em casa? Ele descia confuso e meio engraçado. Disfarçava sorriso, a desgraça. Descia de bermuda, mas sem camisa porque aquela era a casa dele, agora. O que ela falava mesmo do tal do Cabritinho que tem tudo de tudo, menos de INHO?

— Tive que tomar providências – Embananava-se com as palavras. Melhor mostrar que tem punhos e que eles são bons de briga, do que se rebaixar e esperar levar tiro. – Acordei você, Cabrito, cinco e meia da manhã, acordei você mais de uma vez, a bezerrinha num berreiro só e você nada de acordar.

— Calma, - êta, vozerão rouco lascado! – não tô brigando.

— Antes que brigue, tô só explicando. Não me quer com a mão na sua filha é só dizer.

Ele nem respondeu. Não gosta do como ela faz questão de mostrar que esmerilha a ferradura, ele tá cansado de saber que as tem. Coça a cabeça doido de vontade de mandá-la calar a boca, (mas sabe que é pior) e adianta para a cozinha. Café resolve tudo. Ele odeia esse troço amargo, mas os outros gostam, acham graça. Vê o coador cheio de borra, ela já o fez. Caralho, como que ergue trégua, agora?

Puxou duas canecas limpas do armário, cheios de firula, decoradas e coloridas, serviu-se e serviu-a. Fraco e doce, ele percebeu. O contrário do que eles são, esse café. Dá para ajudar a descer o pão, não é tinta pura igual ao da Dê.

Pegou dois pães do saco de pães de cima da mesa e fingiu que ela não estava lá, sem entender o que ele queria dizer, querendo puxar facas não se sabe de onde, nem porquê. Só abriu um buraco na parte mais macia do pão e enfiou manteiga para dentro, sem charme, nem nada.

— Você quer um convite especial? – Ele oferecia o outro lado da mesa, diante da caneca cheia de café que ele já pôs para ela.

— Já tomei café.

— Do jeito que eu te vi comendo ontem, cabe mais aí dentro.

Porra, e ainda fala mal do quando ela come?

— Quer que eu frite um pão para você? – Ele continuou.

— Não. – Respondeu, sentando-se na cadeira oferecida, esquentando uma mão na caneca quente.

Ele fritou mesmo assim. Não tem orelha, essa desgraça? Mas cheirava bem. Abriu um no meio, tostou até sair uma crosta dourada e entregou a ela, num prato, sem nem olhá-la no rosto, de volta para a frigideira para tostar a outra metade.

— Falei que não.

Cala essa matraca e come. Só isso.

— Tá com a mão na minha filha – ele argumentou sem um pinga de vontade disso – só fez café, tô vendo, comprei seis pães ontem de noite e tem seis pães aqui ainda. Tô falando pra comer, Bianca, não discute.

— Eu falei que não.

— Eu tenho que desenhar ou falar com todas as letras que isso é um “obrigado por cuidar da Madalena”?

Ah, é? Ah, já que é assim...

Tava com fome, mesmo. E pão tostadinho assim com manteiga é bom demais da conta. Um golinho de café fraco e quentinho, um bebê calminho e lindo cheirando bem e nenhum contra-argumento. Dava para aprender a levar a vida assim, rapidinho.

— Ontem mesmo te falei que tava tudo bem se quisesse pegar – E resmungava. – Vou brigar por causa de quê? Eu tô uma mula, não levanto nem fodendo, tô dando graças a Deus por você ter vindo aqui e eu nem curto muito esse negócio de Deus.

— Bezerrinha tá dando trabalho, né?

— Sempre deu. – Comentou, entregando a outra metade a ela – É um bebê, bebês dão trabalho. O maior sono que ela tem é das cinco às onze da noite, depois fica acordada até as três, quatro da manhã... Não dá para acompanhar, tô um bagaço.

Tava doida para que ele pedisse ajuda. Pergunta se ela pode acudir às seis da manhã só para ele descansar mais um pouquinho, que ela tilinta vários sim de resposta.

— Não pergunta onde tá a mãe dela. – Ele respondeu, virado de costas, a voz mais baixa e mais séria, sem olhá-la nos olhos.

— Nem ia. – Na verdade, nem passou por sua cabeça. E pensar no que ele passa, a fez pensar no que a Beta passou, sozinha e com o coração em frangalhos, vivendo dos favores dos outros, sem dinheiro e sem poder decidir o próprio destino. A fez se sentir uma vaca egoísta, também. Ser pai ou mãe, sozinho, deve ser uma barra.

E, por outro lado agradeceu, mais uma vez, à irmã que não a deixou virar uma grávida apanhando todo dia.

— Venho aqui de manhã acudir você. – Não esperou pedir. Tudo farinha do mesmo saco.

— Não.

— Então amanhã você acorda antes de eu vir, tá, Ferreira, que daí você escolhe o rumo da bezerrinha à vontade.

Fingiu que não o viu rir um pouquinho enquanto fritava mais um par de metades de pãozinhos com manteiga.

— Obrigado.

— É assim que se agradece quando alguém faz um favor, não é fritando pão que ninguém pediu. – Jamais que ela deixa a oportunidade passar.

— Você poderia entender como uma gentileza também e agradecer, Bianca, até porque não sou seu empregado.

— Mas eu não pedi.

— Agradece e cala a boca.

— Já acordou a Bela Adormecida – Disse, levantando-se da mesa e depois de devorar os pães que ele fez. – Já pode muito bem cuidar da menina. Tó, - passou Madalena do próprio braço para o braço dele e terminou – que eu tenho mais o que fazer do que ouvir malcriação de Cabrito.

— Bia?

— Quié.

— É Gustavo.

— Pois é, vi sua mãe e seu pai escolherem o seu nome.

E saíram os dois com um sorriso no canto da boca.

Capítulo 7

Um Guto moleque estudava no quarto, sozinho, um calor de rachar, lá fora. Química prega umas peças bem sem-vergonha em cima dos vestibulandos e ele morre de medo de cair em pegadinha. Acertou sessenta questões como treineiro no ano anterior e isso, para medicina, é um mau-resultado.

Usava uma técnica que aprendeu com a Dê, por uma das muitas conversas por Skype e marcações no Facebook: Pomodoro. Ele ajustava o celular para estudar, cabeça nos livros, por vinte e cinco minutos, ganhava o direito de olhar o celular por cinco minutos e, depois, voltava para estudar mais vinte e cinco.

De acordo com o planejamento semanal que seguia mais à risca que no ano anterior, quarta-feira é dia de química orgânica. Desenhava tabelas, decorou de trás para frente a ordem dos elementos e até o número atômico de alguns deles, mas ainda se pegava embananado por questões de nomenclaturas.

A porta bateu. PÁ! Um chamego na cachorra Mona que ainda estava viva à época e ele já sabia quem era. O pai faz festa com a cachorra, festa mesmo. A mãe não bate a porta, a Manu não chega em casa sozinha e o Lipe nunca é barulhento e está sempre no celular com a Dê.

Só podia ser um ser, o único ser no mundo, não-convidado, intruso, mal-educado, boca suja: Ela. Vivendo de favor, comendo da comida deles, debaixo do teto, dividindo quarto com a única outra menina da família, sobe as escadas, ainda, num escarcéu, riscando aquelas botas, fazendo barulheira com o cinto que é bem maior que seu útero.

Ela é um máximo vivendo lá em Minas. A parente-celebridade das Botelho, laça peão e boi numa corda só, sorri e você fica besta, é linda, é inteligente, é família e, por ser família e andar com os seus, até a boca-dura fica amigável.

Mas vivendo debaixo do mesmo teto a coisa muda. Fala palavrão e ensina de meninos para a sua irmãzinha que sequer menstrua. Deixa as coisas espalhadas, uma bagunça, chega cheirando a cavalo, a cecê vencido, pendura as calcinhas no box e nem lava direito, depois lembra e bate na porta, bem depois que ouve a descarga, para pedi-las de volta.

Coisas que faz um Guto, na tensão pré-vestibular, surtar de raiva.

— Taí, Cabrito? – Ela comenta, na porta do quarto que ela entra sem bater.

Não, ‘magina, meu clone que tá.

— Tô, procê. – Disse, como se fosse irmã mais velha. Colocou um

pacote ao lado do braço dele, fechado, de pão, pardo e manchado de gordura boa. – Tá passando muito tempo estudando, então trouxe esse agradim pra ver se acalma.

Pão de queijo, é claro. E essa daí come outra coisa?

— Vô lá embaixo e vô passar um cafézim quentim.

— Eu não tomo café.

— Sei que não, mas você tem que esticar as pernas. Tá novo demais para andar curvado assim. – Deu meia volta, não fez esperando um obrigado e nem fazia questão. – Aproveita, vai lá embaixo e pega uma maçã para deixar aí.

Desceu, mas não ouviu os passos dele atrás e então gritou:

— EU FALEI PRA DESCER, DIABO.

— Ô, mas cê é chata, hein. – Resmungou, mas não desobedeceu. Largou o lápis, empurrou a cadeira para perto da mesa e pegou o saquinho de pão.

— E não resmunga!

Ela ria quando se encontraram na cozinha.

— Pensa numa cadeia de cloro N-haloamina. – Ainda muito preso nos estudos, ele puxou assunto enquanto ela cortava seis laranjas numa tábua de carne.

— Liga o fogo aí pra mim, que eu esqueci de ligar. – Respondeu, puxando um espremedor de frutas no armário mais alto de todos enquanto ele acendia o queimador do fogão. – Mas continua falando, Cabrito, tô te ouvindo.

— Como eu classifico ela?

— Traz lá seu exercício que assim de cabeça eu não funciona.

Foi o tempo de ele subir e pegar o caderno, que ela terminou uma jarrinha de suco de laranja, num instantinho, mas não a dividiu em dois copos. Olhou bem para o caderno dele chupando um bagaço enquanto sua água não esquentava.

— Fácil: Hererogênea, saturada, ramificada. – Respondeu.

— Cacete, mas por que ramificada?

— Presta atenção, Cabrito: Tem metila ligado no anel e pelo menos um carbono terciário na cadeia.

— Ahhhhhh, caralho...

— Tendeu?

— E como você sabe disso?

— Nós puxa carroça, mas nós estuda também.

— Deixa que eu termino seu café.

— Favor trocado não aceito. – Fechou o caderno dele e quase o mandava embora da cozinha.

— ...

— Escolhe outra hora pra isso, agora fica parecendo que tá pagando troco. Sobe lá e estuda melhor cadeia ramificada, que cê tá precisando.

— Nossa, Bia, mas você é um caralho.

— ...e leva essa jarra de suco com você: cata um copo no armário e leva, que tô vendo um monte de latinha de Red Bull no seu lixo. Cê sabe do que é feito Red Bull, né?

Fica com medo de que roubem sua filha, quando percebe que tiraram-na de seu peito e sequer percebeu. Cansado e de janelão aberto, como todo dia. Vestiu-se, lavou-se e desceu, pronto para encontrá-la lá embaixo na mesa do café.

Ela não, elas. Que virou rotina a Bia ficar na cozinha até que ele conseguisse levantar e ser gente.

Depois da Bia, o Lipe até se acalmou um pouco, desligou a babá eletrônica, dorme despreocupado e acorda cedinho só se quiser. Tem feito bem para todo mundo. O Guto consegue dormir, o Lipe consegue fazer sabe-se lá o quê no próprio quarto com a dele e não fica puto da vida quando a bebê chora no quarto ao lado.

Só que não tinha ninguém na cozinha. A louça lavada, o café na garrafa, dois pães a menos no saco de pães. Ninguém. Nem sentiu vontade de comer, só queria saber dela.

Voltou para o quarto e calçou qualquer coisa. Se ela não está em casa e está com a Bia, tem que estar nos estábulos. Fechou a casa, cumprimentou o segurança que passa o dia na guarida olhando pornô no Whatsapp e andou pelos caminhos que nunca anda porque, o Lipe já disse isso uma vez:

A princesa não sai do castelo.

Não via a grama verdinha e o Sol gentil, nem os caminhos de pedra e as sinalizações de percusso, não via aos funcionários que sabiam quem ele era e davam-lhe bom dia pelo caminho. Não via nem o tamanho da garagem que a Dê teima em ter depois que o condomínio das Botelho termina.

Mas viu a Placa limpa e recém-fincada numa estaca que dizia: Proibido passar sem Credencial. O tal do estábulo dos Premium que ele só conhece de nome. Imaginou que fosse só uma casa de madeira com várias baias, um monte de peão iletrado e a Bia falando grosserias com todos eles.

Não imaginou que fosse assim, cheio de tecnologias, tão limpo que dá para estender toalha e fazer piquenique, e cheio de peão bruto que tem até mais honrarias na faculdade que ele.

Entrou pelo imponente portão de ferro só porque um funcionário sabia que ele era irmão do Marido da Dona Botelho e ficou quase encantado, se cavalos fosse sua vocação com certeza ficaria encantado, mas foi quase, com a pista de corrida em círculo e branca de tão limpa, protegidas por barras de ferro por onde cavalos supersônicos corriam até passar a linha de chegada.

Eram muitos cavalos. Não cabiam em seus dedos. O verde da grama contrastava com o branco da pista, o barro batido e escuro salpicado por cima das traves de segurança do circuito, os homens silenciosos e de chapéu. Entrava num reino totalmente oposto ao seu, aberto, curioso, livre. Cada cavalo ali tinha um nome de município, isso ele sabia, já lhe contaram, mas não sabia qual era qual, nem sabia a diferença dos pretos Puro Sangue Árabe para os marrons Ingleses e nem qual cavalo branco, o único branco da frota inteira, era aquele. Só sabiam que o que menos corria quebrava a barreira de som e não estalavam porque era feito de todo dia.

Um homem no epicentro do circuito usava uma prancheta e a caneta dele brilhava lá longe, conforme ele escrevia. Um cavalo topava na linha de chegada e ele anotava. Anotava o quê? Vai saber. Seguia com a cabeça até o cavalo cruzar a linha de chegada, pausava seu cronômetro e anotava.

Um loiro montado num cavalo caramelo corria com um sorriso no rosto, de capacete, igual àqueles capacetes que a gente vê em provas equinas nas olimpíadas. Usava um chicote na barriga do bicho, mais rápido que com força.

Os cavalos corriam, tão rápidos e tão fortes, todos eles brilhosos e lindos, que ele via perfeitamente quem era a Dona daquilo tudo, o porquê é o nome dela que enfeita o Hall de entrada e ele sabia que tinha mais para onde os olhos não viam.

Puxa carroça, a Filha da Mãe. Sorriu sem querer. E bateu um orgulho dela, da prima que não sabe e nem se contenta com seu lugar, ao ver tudo o que conseguia. De ambos os lados da pista, as casinhas de madeira que ele achou que veria, novinhas e envernizadas, com portas eletrônicas e senha por biometria.

Protegiam tesouros, ele entendeu. E cada cavalo ali tinha seu valor inestimável para a Dona, seu preço que ninguém paga, sua história com ela. O Dia abençoava a paisagem com um Sol brando, gostoso, que o fazia ao mesmo tempo não procurar sombra e querer explorar tudo antes de ouvir a boca que não amacia, e o prego que vive de martelar.

— Senhor tá procurando Dona Botelho, Seu Ferreira? – Antes que chegasse a qualquer outro pátio do império, um peão de óculos de Sol muito mais caros que os óculos de um designer médio o parou. – Ela mandou a gente ficar esperto caso o Senhor aparecesse.

— É para eu esperar lá fora?

— Lá fora? – Sorriu com os dentes perfeitos e esculpidos por dentista – Dona Botelho tá é para lá e para cá, hoje, feliz igual uma mula, por causa da sua bezerrinha.

Até Madalena tem apelido de bicho, pensou. Puta merda.

— Vem, Seu Ferreira.

Os cavalos todos eram segurados pelas guias enquanto Bianca atravessava o circuito e atingia o homem que marcava os tempos. Todos os cavalos, os dez, das dez pistas de corridas, parados, esperando Dona Bianca passar segurando uma coisinha vestida de verde e protegida pela mesma aba de chapéu que protegia a cabeça da mulher.

A diferença entre observar e espiar é que não tem desconfiança. E Gustavo, quando olha, observa. Passaria despercebido por qualquer um, mas nada passa despercebido aos olhos dele. Ele olha e te demora os olhos porque tem muito o que um corpo pode contar.

Ele olha e demora os olhos na cena, ignora o falar do peão contente por ver a patroa feliz um diazinho só na vida, porque tem muito o que ver. Os cavalos parados na linha de largada acompanham a mãe de todos eles com os olhos. Cada par de olho equino. Ela passa segurando a cabecinha de sua filha e todos os peões redobram o cuidado. Ela não precisa afirmar propriedade, só o é.

E liderança natural faz isso. O bando a segue, atendo às necessidades, os cavalos de patas velozes e os peões de mãos duras se contentam em esperar, o senhor que mede os tempos sorri ao vê-la passar, alisa a prancheta com cuidado para apresentá-la à dona de todos eles e depois, só depois, quando ela já passou em segurança, é que eles voltam o rumo.

Ela conversava com o homem que mede tempos segurando a filhinha pela bundinha. A cabecinha enfiada no cangote, debaixo do chapéu. Ela trocou o chapéu, hoje. Continua a molambenta, mas tirou o chapéu marrom, botou um preto que até o vô só usava em festa.

— Quer passar também, seu Ferreira?

— Eu posso ir lá?

O peão sorriu em falso. Você pode tudo, ele queria dizer. Tem o privilégio de morar na mesma casa que a mulher que assina cheques. Assentiu com a cabeça sem jeito com a súbita regalia e correu para não dar trabalho.

O senhor que anotava tempo olhou para ele o olhar dele conduziu o olhar da Bia que sorria e tinha o rosto limpo. As expressões da Bia, mesmo quando ela reclama do tempo ou fala de receitas, são sempre tensas e tristes. Ali, olhando para ele, repentinamente, desgrudada da prancheta, era a mesma prima da casa dos avós. Rindo piada ácida e falando maldade, mas sem querer dizer as maldades que dizia, falando por falar, por ser engraçado, por ser o jeito dela.

A Bia que ele conhece não falava para ofender. A que montou aquele império e que aceitou bênção de irmã também não.

Só a moça que cuida da sua filha todo dia é que sim.

— Perdoa, Cabrito. — Ela dizia, o olhando com os olhos escuros, a única das Botelho que não nasceu azul — Deu errado aqui com o Quim da Dê, tive que vir ver correndo e não consegui te acordar, trouxe a princesa, mas já ia devolver, eu juro.

— Não vou brigar. — Ele sorriu e ela percebeu que ele sorriu.

Se ele percebeu mudanças em seu espírito, ela também percebeu que há muito tempo que ele não era capaz de dar um sorriso.

— Não? — Ele sorrir a deixou sem jeito e o Ceceu viu. — Eita, tá doente?

— Eu sei que eu sou um ruim para acordar.

— É, isso é mesmo. — Abriu a conversa para o Ceceu e o apresentou — Esse é o pai da Princesinha, Ceceu.

— Ô, Doutor Ferreira, tudo bem com o senhor? Peonada tá encantada com o olhão da sua menina!

— Ninguém botou a mão, tá? — Ela respondia. — Tá tudo sujo, não deixei.

— Nem dona Bia mexeu com cavalo hoje, só aponta assim, feito madama.

Ele nem sabia o que dizer diante de tanta informação.

— É verdim demais, Nossa Senhora, mais que a grama.

— Você também é mineiro? — Ele finalmente achou uma brecha no discurso para se inserir.

— Todo mundo aqui é minêro, cê não sabia, não? Dona Bia sequestrou todo mundo.

— Tudo da fazenda do Tio Carlos, Cabrito. Quando as coisas começaram a apertar e virou muita tarefa pra eu sozinha, pedi ajuda pro Tio Carlos e o Tio Carlos exportou o Ceceu lá para Portugal.

— Levei família e tudo lá pra Europa.

— Estraguei o futuro do ôme.

— Estragô nada, sô, que minhas menina hoje é tudo formada em faculdade chique!

A Bia perde o compasso quando alguém fala das coisas que ela faz. Mediu o chão como se a benfeitoria não fosse pra ninguém saber e depois mudou de assunto:

— Bom, cê quer a bezerrinha, né? Tamo aqui cas história e ele doido para ir embora daqui.

— Não estou.

— Não está doido para ir embora daqui ou não está doido para pegar na

nenenzinha?

— Pra ir embora. – Porque para pegar Madalena tava doido, sim.

— Tó, Cabritin. – Disse, e só o Ceceu entendeu que era apelido de bem-querer. Entregou a bebê alerta e acordada para ele, toda cheia de cuidados, e colocou o próprio chapéu na cabeça dele. – E fica com isso também, senão pega Sol nela.

Na hora que ela colocou o chapéu na cabeça dele, o cavaleiro Loiro, Leonardo, entendeu mais que o gesto. O resto da peonada comentava: – Dona Bianca não dá chapéu nem se o cabra tiver com insolação.

— Dona Bia, pega meu chapéu, vai queimar o côro da senhora – Ceceu já tirava o chapéu da cabeça.

— Que nada, Ceceu, é bom que seca um pouco, ó, tô suando.

— Então leva o Doutor e a bezerrinha para a sombra, vai mostrar para eles o resto das coisa.

— Quer ir ver o resto, Cabrito?

Queria. Porque o que o espiar e o observar têm em comum é a curiosidade. Saíram da pista e foram direto para o primeiro estábulo à esquerda, onde a égua Bela, por não ser prioridade da mãe, não se atreveu a colocar as patas para fora da própria baia.

— Essa é minha perdição, Cabrito. – Deixou pai e filha para fora e foi, tirando do bolso da camisa, vários pedaços de maçã. – Sabe essas cicatrizes aqui, ó? Essa égua quem fez.

— Achei que isso era mentira.

— Que o quê? Que eu tomei no cu para domar essa moça? Não, sô, verdade. Dói todo dia que é pra eu lembrar que eu sô teimosa igualzinha ela.

— Não sabia que dói todo dia.

— Não é o tipo de coisa que nós fala pra parente.

— Cê sabe que eu sou médico, né?

— Sei, Cabra, ainda lembro do seu vestibular.

— Então por que não pede ajuda?

— Por que você só é médico, não virô Deus, não. – Deu maçã para a égua e começou, agachada ao lado dela, que mal quis se levantar, a escovar seu dorso com os dedos – Tenho é que dar graças a Deus por ter queixo, então eu não reclamo, não. Se fosse outros tempos, eu viveria a vida inteira comendo por canudo, mas Deus é grande, sabe o que faz.

A história que o passado do Guto conta é outra, Deus não é nem grande, nem sabia o que faz, mas, diante dela, não disse nada. É feio ficar pregando ateísmo na frente dos que creem.

— Cata essa escova aí pra mim? – Apontava para uma prateleira de ferro

com várias escovas e outros adereços. – Obrigada. – Com a escova, com o Guto no parado no meio do estábulo, a Bia voltava a uma prática antiga: a de tagarelar – Dá pra acreditar que ela é o cavalo mais rápido do mundo? Ói pra isso, o tamanho da preguiça. A bicha nem levanta.

— Ela é o cavalo mais rápido do mundo?

— Setenta e três quilômetros por hora em vinte segundos e meio. – Sorria – A Dê tá tentando botar a gente no Guinness. Dizem que tá velha demais, que nem devia correr, mas a doma chegou muito tarde, acho que compensou. Tivesse alguém domado essa moça três anos antes que ela seria um furacão.

— Ela já é um furacão.

— É, tô sabendo. Agora tamo tentando achar um namorado pra ela, mas tá difícil.

— Nenhum gosta?

— Ela que não gosta de nenhum! Dá coice em todo alazão que chega perto. Ói, importamos um americano, coismailinda, pretim igual ela, pensa num coice? O dono tá de cara virada pra Dê até hoje.

— Não pensa em inseminação artificial?

— É estupro. – E baixou a cabeça, indignada – Morro de dó de ver essas coisa. Tem dono que prende a égua pelas quatro pata, trava ela todinha e deixa o macho chegar. Deus do céu, isso é ruindade demais. Se não quer, não tem, é assim com as minhas égua, é assim com meus macho.

Se o Lipe estivesse ali, diria: É assim até com as suas égua, mas menos com você, Bia? E a Dê teria dado um sermão só pelas coisas que ela já ouviu sair da boca do Jorge e pelo que lhe contaram. O Guto sabe de tudo isso, é no ombro dele que a Dê vai chorar as pitangas, mas, honesto e sem espaço para cutucões que não dão em nada, ele percebe, vê a felicidade no olhar dela, e não diz palavra.

Se não consegue vê-la feliz sempre, então não vai ser ele a estragar seus cinco minutos.

— Pronto, tá escovada. Quer dar uma voltinha por aí, Cabrito?

— Tô com fome.

— Comeu nada, não?

— Vim correndo ver Madalena.

— Eita, então vamo pra casa, outro dia cê vê o resto.

— Eu vou, fique cuidando dos seus bichos.

— Ih, que nada, eu fico aqui só de crica. Todo mundo aqui sabe fazer tudo até de frente pra trás! Vamo', tô te falando, cê não toma café, mas eu espremo umas laranjas.

— Não posso deixar você fazer minha comida depois de cuidar da minha

filha.

— Cê levou uma vida de cachorro lá na Bahia, tá até amargo, tá na hora de alguém cuidar de você. Cuida da bezerrinha bem direitinho que pra mim tá mais que bom.

— Bia —

— Agradece e cala a boca. Diabo de homem teimoso! Tô falando, não tô? Cuida dela, que do resto cuido eu.

Capítulo 8

A família inteira dela, que veio em socorro assim que soube das últimas do Jorge, depois, quando começaram a ficar muito e a fazer da casa dela um lar, foi toda posta para fora. Coisa de uma semana. Voltem para suas casas, boi bravo não se derruba. Alicinha ligava todo dia, bem antes de deitar, os pais iam e vinham, quando queriam, acarinhavam a barriguinha da Dê, a crina da Bia e viviam, com Alicinha no comando da queijaria, a aposentadoria dos sonhos.

Até se davam ao luxo de viajar juntinhos, sozinhos, a lugares que viam apenas por fotos. Dona Angélica só sabia sorrir. Tudo caminhava, ela dizia, do jeitinho que Deus queria. Olhavam Rodrigo e Fernanda que ainda trabalhavam muito, mas que também não largavam o sorriso do rosto, e agradeciam a eles por nunca terem desistido de formar família e bando, junto das Botelho.

O Lipe e a Dê também, aos poucos, se ajustavam. Os pais saíram de cena e deixaram os filhos se virar com seus trabalhos e seus deveres. Depois de um belo de um arranca-rabo, a Dê agora não sai fazendo tudo sozinha, não esquece de avisar consulta médica, não coloca reuniões malucas na agenda sem antes avisar ao Marido que vai ter que viajar por três dias.

Aprendia a ser dois e o Lipe, feliz por também ter que se adaptar ao ritmo dela, sempre muito acelerado e silencioso, tentava tomar conta da Bia onde ela não era capaz de ver.

Enquanto a Bia tapava a sua escuridão com o raiozinho verde que Madalena era, o Lipe aparava as arestas. A chamava para almoçar junto, reunia as irmãs que até que sabiam suas funções dentro do organismo do Jockey, mas que não mais se cuidavam como antes.

Ele percebeu que as duas se distanciaram muito depois da volta ao Brasil. A Dê carregava mágoas da irmã e a Bia, simplesmente enfiava tudo embaixo do tapete. As fazia almoçar juntas, todo dia, mesmo que ninguém se falasse pela refeição toda. As fazia até jantarem juntas, na casa do Lipe, Madalena sambando entre os colos, o Guto que às vezes, muito raramente, mas mais que antes, arriscava um comentário ou um esboço de sorriso.

Depois da última visita do Jorge, Beta pediu férias. Não conseguia se concentrar. Queria ir para algum lugar, qualquer lugar, onde todos os seus problemas não lhe dessem bom dia. Foi proposto que fosse a Portugal, Gerente de Logística no escritório em Lisboa e, segurando Carolzinha num braço e as malas em outro, foi embora, mas falava todo dia, às vezes, o dia inteiro, com a Dê por Skype. A rota de cavalos europeus e árabes passava pela mão dela.

Num mês, depois que a Bia se intrometeu nos cuidados de Madalena, a

vida se encaixou. Todo mundo parecia mais feliz e mais disposto. Até seu Rodrigo percebeu, olhando os quatro que tinham uma mecânica própria, mas não disse nada.

Só Dona Fernanda que se sentia muito longe da neta e do filho do meio. Manuela também, sempre reclamando que o Guto não saía da toca. Do mesmo jeito que a Bia usava Madalena para fugir dos próprios problemas, o Guto também. Desde que voltou da Bahia não ousou pisar na casa dos pais nem mesmo uma vez. Se encontrava com eles, comia com eles, mas tudo dentro do Jockey, nunca na casa em que cresceu e se tornou médico.

As cartas do Conselho de Medicina chegavam. Seu Rodrigo sabia que tinha acontecido alguma coisa muito horrorosa com o filho, lá na Bahia, para ele voltar com uma filha debaixo do braço que é linda e ninguém ousa dizer o contrário, mas que não tem nenhum traço dele.

Dona Fernanda abriu uma das cartas porque ela não era comedida como o marido. Ainda mais se tratando dos filhos. Todas as cartas eram sérias e sóbrias, parecidas com intimação. Aos boletos das mensalidades do Conselho ela reconhece de cor, chega sempre e nunca tarda, mas as cartas que chegavam e as ligações que ela atendia quando estava em casa não eram de cobrança.

Abriu com uma régua, depois que o marido saiu para cuidar de seu restaurante e leu: “LICENÇA SUSPENSA ATÉ ESCLARECIMENTOS”. Seu filho, o mais doce dos garotos, o mais quietinho, o mais meigo, o único que descambou para a humanas, agora suspenso de ser médico?

E volta para casa carregando um bebê com pulseira de identificação de hospital? O que porra esse moleque fez? Roubou a criança? Andou de um lado para outro no próprio escritório, fingiu que trabalhava, mas não fez nada além de beber e fazer café novo enquanto tirava sarro da filha e suas maquetes em 3D.

Depois, disse ao marido que iria jantar na casa do filho, que não iria para o restaurante no fim do expediente. Sem calma alguma, a carta na lembrança, foi conduzida para a casa do Lipe no carro da esposa de seu filho e, assim que chegou, pediu cinco minutos com o filho-problema.

Encostou a porta e se encheu de paciência: em filho adulto surra não resolve. Fosse molequinho, uma engrossada na voz e três horas sem conversar com ele, pronto, era o suficiente. Nunca precisou bater. Invocava respeito e desgosto, na mesma figura. O viu sentar-se à cama com a filhotinha sempre colada no peito, o viu fechar o rosto porque, ele sempre foi melhor que ela nisso, ele a lia.

— A Senhora abriu carta que não era sua.

— Filho, me explica essa história direito. — Disse, os joelhos fracos pensando no pior, preocupação, e um leve torpor de desespero. — Filho, o que foi

que fizeram com você?

— Eu não tenho nada que explicar para a Senhora.

— Filho, eu sou sua mãe, você me deve explicação. Suspenso por tempo indeterminado? Que porra é essa? O que foi que você fez?

— Assunto meu.

— Assunto seu? É a minha neta!

— Não tem como você me obrigar a falar. – Não queria se chafurdar em sentimentos ruins, nem lamaçal de lágrimas. Só queria dizer que nem tudo tem que ser demonstração de carne crua.

Aquela não era a hora. E ele queria ter fibra de confrontar a mãe e dizer que aquela não era a vida dela, a história dela, que ela não podia fazer nada porque os tempos de poder dela já passaram.

Mas como virar para essa Senhorinha Genial que vibra com as conquistas dos rebentos, que se rasgou por dentro para dar luz aos filhos, que se quebrou e se consertou, que se curou e se feriu, como vai olhar nos olhos dela e dizer, com todas as letras, “isso não é da sua conta”?

Não vai. E não queria dizer também o quanto tudo aquilo dói. E não queria que ela lesse suas cartas, cutucasse suas feridas, o confrontasse daquele jeito.

Saíram palavras que não eram suas e que sequer faziam sentido para o contexto dela. Não conseguia olhar nos olhos dela, nem queria. Se a visse nos olhos se veria também.

— Eu tô de luto.

Alguém morreu, ela pensou. Alguém que você amou muito, meu filho? Um traço de risco no céu, um pedaço de história, e ela supunha lua cheia. Entendia uma complexidade de amores e relações pessoais, inventava de onde vinha sua neta. Juntou-se ao lado dele, catando seus cacos, pedindo desculpas silenciosas por mexer neles. Beijou-lhe o ombro, sentada ao seu lado, a cabeça não alcança. Como pode um bebê de três quilos virar um homenzarrão que mal cabe no arco de seus braços? Beijo-lhe o ombro, a cabecinha da neta que brincava com os pezinhos e pediu desculpas.

Tem todo um sistema novo o lidar com filho adulto. Ela entendia que só podia oferecer a mão e os braços amigos, não podia decidir-lhe o futuro, o guiá-lo. Só podia, naquele caso, esperar que o tivesse criado direito quando pôde decidir seus caminhos.

— Quem te ensinou a dar banho nela, Gutinho?

— Aprendi com uma enfermeira.

Era triste. Baixou os olhos num sorriso quebrado na ponta e deitou a cabeça em seu ombro, num carinho.

- Era pra eu ter te ensinado.
- Ainda tem um monte de coisa que eu não sei.
- Desculpa abrir suas cartas.
- Respeita o meu silêncio.
- ... mas você sabe que pode conversar comigo?
- ... eu só não quero.

Não deixaram as lágrimas vencerem as barreiras dos cílios de teimosos. E mudaram de assunto porque é assim que os dois são.

- Quer me ajudar no banho dela?
- Eu tô com a unha comprida, filho.
- Você sempre teve a unha comprida.
- Posso escolher a roupinha?
- Não tem muita cor para escolher.
- Ué, por que não?
- Eu ainda tô usando nela as roupas que vão ser do filho do Lipe.
- Guto, cê não comprou nadinha pra princesa?

Na testa dele estava escrito: “Com que dinheiro?”

- Mas você não falou que tinha dinheiro guardado?

Ele teria que explicar com o que gastou seu dinheiro, mas não quis.

- Não tá faltando nada para ela, nem vai, só que não tá sobrando agora.
- A mãe pode dar umas coisinhas?
- Você é a avó, né?

Dando banho na Madalena os dois se conectavam como há muito tempo não se uniam. Ela não ensinava nada a ele, só ajudava, segurava o xampu o a cabecinha da nenê, dizia para ele tomar cuidado com água na orelhinha, reclamava de pais e mães que metem brinco nas orelhas das filhas e que aquilo era a maior babaquice, mudava de assunto conversando, não, melhor, discursando sobre como o Lipe se vira sozinho na Consultoria e no como ele funciona como um bom líder, ri dos planos que ele tem para a Dê e pede ajuda da mãe para executá-los (só coisa que não presta) e vai, aos poucos e conforme envolve a nenê numa toalha felpuda, diminuindo a raiva e o nervoso de ver aquele montão de carta séria.

Depois, feliz no seu papel bem-executado de avó, ela é convidada a dar a mamadeira para a netinha, diz o quão bonita ficou aquela coisinha de vermelho, sorri pensando no outro neto que está para chegar e acalma.

De camarote, ela via a mecânica dos quatro funcionar. A Bia que chega e tira os sapatos para ajudar a irmã no jantar, o Guto que põe mesa e o Lipe que lava a louça, os quatro com conversas pela metade e rabichos de conversas que começaram outros dias, coisas que não fazia sentido para Fernanda e seu

universo, mas fazia sentido entre eles.

— Amanhã vai vir um cavalo doente. – A Bia puxou conversa, terminando seu copo de cerveja – Cê quer ver uma laringoplastia, Cabrito?

— Cirurgia?

— É, uai. – Não, esmaltação de casco. Tá dormindo, ô, Cabrito?

— Nunca vi cavalo aberto.

— É, achei que cê ia gostar.

— Que horas?

— A gente seda o cavalo umas nove horas da manhã, então se quiser, te acordo umas sete e meia, oito horas.

— Tá, beleza.

— Desculpa a mãe se intrometer – Se tem uma coisa que Dona Fernanda não sabe, isso se chama perder tempo.

— Mãe, - o Lipe advertia, o garfo na boca, ainda, mal deu tempo de tirar – por favor, não faz isso.

— ... mas vocês dois estão juntos?

Vários garfos congelados. Pergunta cretina. Até o Guto que não esboça reação se sentia constrangido. Olhava para o garfo e para a Dê do outro lado da mesa, a Bia olhava para o copo e para o prato e ninguém dizia nada.

— Junto, Tia, cê quer dizer *coisando*? – Só a Bia para ter coragem de sair dessa.

— É, ué.

— Não, Tia, que isso, ele é meu primo, ‘tamo aqui que nem família.

— Uma pena. – Pensa que acabou? – Deviam.

— Eu posso levar a Madá para o escritório, Guto, se você quiser ir lá com a Bia. Trago na hora do almoço. – O Lipe socorreu – Acho que a Manu vai gostar.

— Pode ser.

— Ou você pode ir lá buscar sua filha no escritório e aproveita para dar um beijo no seu pai e na sua irmã – A mãe já tinha dito o que queria dizer, não precisava continuar prolongando constrangimentos – Porque teu pai tá te chamando de ingrato e não é de hoje, viu?

— O pai também tem umas...

Capítulo 9

Levaram sua Madalena que ele nem viu. Conseguia acordar mais cedo sozinho, era avanço, sua mocinha conseguia dormir por mais tempo e ele, de tabela, também. Pegou no sono meia noite, parecia que ela queria que ele acordasse bem e disposto, parecia que ela sabia. Pegou no celular para ver as horas. Sem despertador, eram sete horas. Pensou logo na cirurgia.

O que podia dar errado? Era só a bosta de um cavalo. Bisturi, monitor cardíaco, tudo isso ele conhecia. Vai ter sangue, mas, porra, ele é médico, tem irmã menina. Sabe o que é sangue. Até pensou que roupa vestir. Médico tem que por calça, bermuda não pode. Olhou a sua seleção de camisetas da época da faculdade, todas compradas no primeiro e segundo anos, as únicas épocas da vida que sobraram tempo para ir a festas: não dá para ir pagar de médico com camiseta de faculdade.

Pendurada no guarda-roupas vazio de cabides, o Guto nunca teve muita roupa, uma camisa azul, passada, de gente adulta. Porra de quarto sem porta é esse, em que as pessoas entram e saem sem que ele veja. Será que o povo tá sabendo que ele dorme de cueca e que não usa cobertor? Será que o povo tá sabendo que homem fica de pau duro quando dorme? Porra de ficar entrando desse jeito.

Decidiram o que ele vestiria por ele. Olhou o jeito que foi passada a camisa e sabia que era coisa da Dê. O Lipe não passa as próprias camisas e sempre anda com vincos reforçados na gola e nas costuras. Só a Dê para se preocupar com esse tipo de coisa, também.

De todo jeito, vestiu. E se tinha camisa para ele, colocou jeans e sapatos, também. Fantasiado de Doutor Gustavo, pronto, olhando assim nem parece que tem a licença suspensa.

Tirou os sapatos, sentado na cama. Não vai colocar aquilo para andar na grama, esse sapato foi caro. Se rendeu e vestiu as botas que usava na Bahia. A camurça toda arranhada, ressecada, a que ele tinha e que a sola ainda estava boa o bastante para ser usada por mais pelo menos dois anos.

Sentiu-se um idiota se vestindo para cirurgia de cavalo. A dona de tudo aquilo anda com calça rasgada no joelho e não é estilo, é pior que ele, é relaxo e, se a mulher que comanda tudo e tem o nome no Hall só tem vaidade no chapéu, ele não precisa de camisa passada, nem calça jeans.

Mas desceu, não se rendeu à vontade de voltar para o quarto e colocar bermuda sem chinelo. Na mesa do café, o saco de pães de todo dia, e um chapéu pendurado na cadeira. Sozinho em casa podia se dar ao luxo de rir de deboche:

até que a Dê é boa em manipular os outros, baixa o rosto e fala o que o outro quer ouvir só para vê-lo ceder, mas às vezes ela tropeça, fica na camada do óbvio.

Ou não era coisa da Dê? Viu uma jarra de suco de laranja protegida por um pires para não ir mosquito. Coisa da própria. Chapéu preto que nem o do outro dia. Sinal que ela tá dando esse chapéu para ele? Cheirou por dentro, é apegado com cheiro, cheira tudo o que come, cheira a menina toda a vez que ela chega do colo dos outros, a cheira quando acorda, só não a cheira depois do banho porque cheiro artificial não tem muito o jeitão dele.

Dentro do chapéu tinha cheiro de dor de barriga, contas atrasadas, aluguel vencido. Tinha cheiro de tudo o que não prestava. Cheiro da Bia, bem onde ninguém tem direito de cheirar, bem do meio do cabelo, no canto de trás das orelhas. Cheiro de dificuldade financeira, instabilidade emocional, barranco, luz cortada.

E dentro a foto da Vó menininha. Não tinha mais que quinze anos, capaz. Do Vô, também. Os avós de coração da Bia e os avós de verdade do Guto, que ele mal lembra. A lembrança mais concreta que ele tem da avó é o beijinho de tchau que ele deu, antes de ela ser levada para dentro do hospital.

Nunca lhe contaram se a vovó já estava morta naquele dia, ou se não. Ele sabia, no fundo, ainda acha isso até hoje, que a vovó estava morta, mas ninguém abre a boca sobre o assunto, então ele não pergunta.

Olhando a vó na foto em preto e branco, ela parecia muito séria. Nessas fotos antigas sempre parece que o povo daquela época não sabia sorrir. Um pouco acima da foto dos avós, uma foto do Lipe e da Dê, se beijando de selinho no natal do ano passado, felizes. A mão dele sempre vai no ventre dela quando eles se beijam.

Com as duas fotos no chapéu, ele entendia mais da Bia do que a bocarra que não beija, só morde. Ele vê que ela crê no amor, que isso é tudo para ela, que ela acredita tanto no amor que colou no chapéu os dois casais que nasceram grudados e vão morrer grudados. Não colocou a foto dos pais, nem dos Tios, nem dos próprios avós de sangue. Colocou a foto dos que vão durar para sempre.

E isso é um sinal de alerta, ele sabe, mas, por outro lado, é a Bia. Que se quiser alguma coisa, vai falar na lata, não vai enviar convitinho assim, por chapéu.

Então ele entendeu que aquela era só o chapéu dela, o que ela só usa em ocasião especial, e ficou feliz em vê-lo na cadeira do café. Ela sempre foi assim, de todo jeito. Vai cuidando onde você não vê e te ofendendo onde vê. Te obrigada a fazer o que você não quer só porque sabe o que é melhor para você, te enche o saco quando você recusa, bate o pé e entra na briga,

sem nunca abandonar os seus.

É comum falarem de homem protetor, macho alfa do bando, essa coisara sem sentido que colocam de qualidade nos homens;

mas você já viu isso adjetivando uma mulher?

Comeu sem pressa e com fome, três pães e comeria um quarto se tivesse, lavou a louça, tirou o lixo e foi, a pé, para a área do Jockey que ele já conhece, mas não vai muito, não.

O que a Bia viu quando ele chegou no estábulo não foi a pessoa do primo sem emprego, dinheiro contado, desiludido da vida e com uma filha no lombo: Foi Gustavo. Tudo o que ela falava sobre se casar. Alazão, doismetro de bicho, nobre e bruto na mesma proporção. Que só se casaria e só teria filhos com um homem desses.

A camisa azul por dentro da calça, o jeans apertado, o cinto abraçando tudo aquilo e o chapéu dela. Ele aceitou o presente, então, olha ali ele de chapéu, a barba beijando seu rosto, os olhos cobertos pela aba.

Imagem que se estampa na retina, faz joelhos tremerem e, se ela não tivesse com o chicote que conduz a Égua Bela entre os dentes, seu maxilar de aço cairia.

Fingiu que ajeitava a sela na égua, mexeu nos pedais, mandou buscar até um cabresto para a coitada que não precisa disso, subiu rápido na cavala para não ter que chegar muito perto dele e quase caiu. Não, esse daí não. Tem mais de um bilhão de homem no mundo, Jesus Amado, tanto homem no caminho, vai logo ele caber, certinho, na forma?

Enfiou o chapéu para dentro da cabeça, entalado. Não vai nem cumprimentá-lo muito de perto, que é para não dar brecha. Em cima da sua égua ela vira dona do mundo, consegue se controlar, vira a pessoa mais calculista do mundo porque qualquer movimento menos firme que faça, é sua vida que vai parar debaixo da égua.

— Tô atrasado? — É claro que ele viu, ele quem é o observador entre os mosca-mortas. Viu e gostou do que viu, ria por dentro, era engraçado, não tinha amor lancinante rodando entre eles, nem paixão tórrida regada com gasolina. Tinha só o Doutor Gustavo que rodava na mão das outras residentes, que gostava de fazer dias de malfeito em festas capengas com as amigas de sua irmã, o cara de quem os outros caras falavam mal porque recalque entre homens existe sim e Gustavo é bonito demais, alto demais e encorpado demais para não ser notado.

E essa fase de decifrar mulheres já passou, ficou no primeiro ano da

escola.

Todas elas são óbvias, não sabe como os outros penam para ver. Quando fica puto com a mãe que não o vê como um semelhante também é por coisas como essa.

Vai um cara esquecer onde enfia as mãos perto da Dona Fernanda, para ver se ela bobeia. Pode até estar casada e é louca pelo marido, mas que ela saca na hora, ah, isso saca.

E ele sacou, também. Colocou a mãozona na égua, perto de onde a Bia estava sentada, só por diversão. A viu fechar mais ainda a cara, nem o olhou direito nos olhos. Deu tesão tanto assim, é, Bia?

— Tá não, Cabrito, tá no ponto. — E se perdeu até com as palavras.

— No ponto.

— No horário. Vou só aproveitar que essa daqui resolveu estirar as pernas e dar uma voltinha com ela, ‘guenta aí que mais um cadim a gente já vai pra lá.

Engraçado como ela saiu de lá rapidinho. Colocou a Bel em movimento, para o meio do circuito, o Ceceu que franzia a testa e ninguém via, atrás de seu chapéu, sem entender como a Dona Bia foi correr com a Bel esquecendo, ele via, a barrigueira aberta.

De fato, o jeito que aquela cavala corre, o Guto via, mais nenhum cavalo corria. Não corria, voava. Era tão rápida sem se aquecer, que chegava a dar duas voltas no tempo que outros cavalos, nas pistas ao lado, mal completavam uma. A crina da Bel e da Bia corriam contra o vento, ambas trançadas. De onde ele estava, via que a Bia não se sentava no animal, mas se mantinha em pé, curvada, força absurda sem luva com as mãos na corda da rédea.

Todos os outros cavaleiros se vestiam adequadamente, calças de montaria, capacete, luvas e peitoral de proteção. Não ela. Corria com o animal do Guinness sem qualquer cuidado e ficou preocupado por isso. Vai que qualquer dia ela cai, o que vai primeiro no chão é a cabeça.

No meio do percurso o bicho só parou, estacou no chão e era como se dissesse: cansei, me leva embora, não gosto mais disso. Empacou de a Bia ter que descer para puxá-la. Ouvia os outros peões nas margens do circuito xingando a égua e reclamando do quanto eles não deviam dar tanta moral para um bicho tão mal agradecido, mas a Bia, respeitosa e cheia de amor, não forçou, não bateu, não xingou.

Não quer correr, não tem problema. A Bia dizia, lá do outro lado. Vem para casa, Bel, você deve ter cansado, hoje. Vê se amanhã faz um esforcinho para sair, senão você vai sempre ficar cansada.

Puxou mais maçãs do bolso e acarinhou as orelhinhas, sem raiva ou

rancor. É assim que a Bel é, então é pelo que ela é que a Bia a ama. Sem maus tratos, nem reclamações.

Avançaram de volta para a baia da Bel, o Guto seguiu atrás, queria vê-la em seu habitat natural, queria vê-la no como ela não reclama do jeito do animal e do como mima. A via puxar o escovão da prateleira, destrançar a crina preta, trançar de novo e beijar entre os olhos.

— Tá pronta, Bel, a mãe volta de tardinha para dar seu jantar. Não dá trabalho para o Ceceu que ele não tem tanta paciência com você que nem eu e vai sobrar pra você, entendeu?

Viu aquele pedaço de mau caminho parado fora da baia da Bel, sorrindo. Tá procurando, não tá? Veio fantasiado assim porque tá procurando.

Mediu-o de baixo a cima, sem frescura nem pudor. Via tudo o que ele estava disposto a mostrar. Das botas arranhadas ao sorriso lindo, ao chapéu dela. O pior de tudo é que o chapéu do vô serve na cabeça dele muito melhor do que serve na cabeça dela.

— Tá parado aí fazendo o quê, Diabo?

— Esperando.

— Esperando, é?

Então toma.

Pegou o Cabritinho de jeito que ele pedia para ser pego desde os dezesseis anos e o pezinho do cabelo molhado. Tá pedindo castigo fazia tempo, o sem graça.

Enfiou a Bia para dentro de uma baia vazia. No estábulo mesmo, vazio, úmido, aberto, qualquer um podia flagrar, e cheirando a cavalo. As pernas bambeavam enquanto era arrastada, pela mão, roendo o cantinho do polegar igual menina pega fazendo besteira. A cabeça rodando de tanto pensamento indecente. Em um e dois, dentro do estábulo, três e quatro, no colo dele, as pernas laçando o Guto, os braços no ombro dele e as duas mãozonas do médico atoladas na própria bunda: É assim que a dança começa.

Entre a parede fina de madeira e ele, beijada de assar os lábios, com força e sem adversativas. Um não olhava para o outro. Não era sexo de entrega. Era mais fácil assim, sem pensar. Botou a mulher no chão só para baixar a calça. Com calça não dá para fazer muito. Desfez-se do próprio zíper e do cinto enquanto ela se desfez, quase sem vê-lo, cega de desejo e louca, da bota e da calça. Seu habitat natural: Na baia.

Voltou para o colo. Ele tinha camisinha? Que nada, ela tomava pílula. Não pensaram. Só deslizou o tronco devagar no colo dele, cega e fogo, encaixando-se nele. Melada e quente, ele sentia.

Enfiada entre duas paredes, subindo e descendo enganchada nele, o

cheiro dele misturado com todo o resto. É esse o teu macho de grande porte, Bia Botelho? Aquele que você dizia, anos atrás, do puro-sangue nobre e bruto? Abriu os olhos para ver bem nas fuças dele. Bem ali, porque transar não quer dizer casamento e sexo bom não quer dizer nada. Olhava para dentro dele, os olhões dele metidos dentro dela, bruto até dizer chega, laçada de fazer boi desgovernado se encontrar. É esse ou não é?

— Esse é teu lugar, Bia – Ele disse, gemido, entre arfadas. Voz melhor que essa vai ser difícil de achar, viu.

Orgulho não engrandece ninguém, pelo contrário, diminui. Escudo de menina. Armas de suicida. O lugar dela é mesmo ali, no estábulo, conquistando o mundo todo, colocando seus cavalos no pódio, cuidando de cada um como se fosse filho. O lugar dela não vai ser nunca no colo de um macho, sexo bom não quer dizer nada, se repetia. É só sexo. Não define, não transforma e não dita.

Não havia no Guto uma grama de dúvida, de desvio, de cogitações. Aquele era ele. Era ele todo ali, fincando bandeira porque é assim que ele é. Não tá ali pelo dinheiro, que se dane o dinheiro, ele é médico, chegou àquela ruína porque virou máquina. A sina dos Ferreira nunca foi ser rico. Também não é a necessidade de achar uma mãe para a sua pequena, não é carência. Ele nunca foi moleque de precisar de atenção. Nunca gostou muito do precisar. Ele queria, *era essa a diferença*. Acalma o leão que ruge agitado. Chegava a cantar, até. O leão finalmente cantando e dormindo em paz. Tinha causa, a calmaria. A Botelho Ruim era pequena, no fim das contas. E cabia inteira no colo.

Nunca a pegou no colo, pensou, engraçado. E era leve. O quadril largo, a cintura fina, a bunda grande, peito grande, delícia de mulher, cheirando como mulher tem que cheirar, suada, suja e gemendo baixinho. Arfando devagar, lá dentro do próprio cérebro, mulher que não tem vergonha de libido, que não tem prólogo. Sem enrolações. Presa num passado que ele não conhece, cheia de medo de repetí-los. Sonhando com sonhos que não quer mais. Engalfinhando-se no colo de qualquer sujeito para não ter que pensar que ela também nasceu do amor e pessoas que nascem do amor não são pedras.

O que ela quer dizer quando o olha assim? Ele não pensava, também não andava certo da cabeça. Dois loucos não fazem um são e nenhum dos dois estavam são há anos. Só queriam saber de ir adiante. Ela o apertava com força, tirando-lhe a camisa, querendo saber de tudo ao mesmo tempo, em ver o rosto dele congestionado, apaixonado pelo instante que durava, o peito, as costas, as mãozonas de macho que derrete calcinhas.

Escorria uma gota de suor, da nuca para os ombros e ele lambeu. Um cara que lambe-lhe o suor. Um cara que não quer saber de lavanda, nem de baunilha. Ele e ela e só. Ela tirava a própria camisa e oferecia o resto. Só

faltavam dizer. Os dois sentiam e era esse o problema. É perigoso, assim. Coisa de acabar um morto e um na cadeia. Dois cachorros que não ladram para moder, dois bichos grandes de briga. O outro Ferreira já disse uma vez que homem grande não aceita mulher pequena.

Era a primeira vez que não era ele o *outro* Ferreira. *Gustavo*, só isso. Ela gemeu o nome dele, entre uma estocada e outra. Gemeu o nome dele, para ele, sem perceber o que dizia. Nada de pai, nada de doutor, nada de réu, nem sobrenome, nem sina para cumprir. Nada de porra de Nina e toda a mitologia em cima disso. Só ele. Circular em si e mais ninguém. Identidade. E isso faz toda a diferença para um garoto que segue na sombra e que não faz questão de sair dela.

— Assume que teu lugar é aqui. — Gemeu de volta. Se era o lugar dele, tinha que ser o dela. Porra de primo, porra de Nina, porra de família. Porra de Ferreiras e Botelhos. Era uma Bianca para um Gustavo na primeira rebimboca que acharam porque cães que não ladram para morder também não barganham.

Não durou mais que quinze minutos e ela ficava linda quando chegava lá. O dia mais bonito do mundo. Entorta homem direito quando abre a boca, suspira e fecha os olhos. Sorte que o Guto nunca foi direito. Bianca é mulher que suspira? E quem diria, a mais escandalosa, a mais fogo das Botelho, a mais expansiva, logo o fogaréu. Suspirando bonitinho e cheia de melindre. Coisa que entope veias e dá pane em sistemas. Se já não fosse invertido, tinha-se ido todo. Convertido já estava, era bem claro. Explica o medo do cavaleiro loiro que tá sempre olhando feio para ele. Explica o tapete de macho que ela faz e pisa, sapateia. Explica tudo. Geme baixinho e fica carinhosa, convertida. Um fulano que consegue ver a Bia desse jeito, as mãos ásperas de puxar guia de cavalo o dia inteiro, mas com maciez de princesa. Toque que funde tampões de cabeça.

Ele ficou olhando para não esquecer mais. Um turbilhão de drama se aproxima, eles transaram, uau, grande bosta, agora é a vez do caminhão de merda. Agora começa a tristeza do orgulho, de cão se mordendo, toda a sorte de xingamento, rebaixamento, ofensa gratuita de mulher que não quer se machucar mais e ele sabe como é porque ela não é nem a primeira, nem a última a ocupar aquele trono.

Mas vai ter aquela vista para ele poder voltar quando tudo parecer apenas triste demais. Vai ter essa Bia que sonha com marido e filho, essa Bia que não é dona de Jockey, mas a mesma Bia que vê prazer em domar cavaleiros assustados e sussurrar para eles que tudo bem não querer correr.

Vai ter essa Bia cheia de carinho e melindre, torta de amor sem querer dizer. Convertida, ela também, dava para ver. Choque de águas. Se falando não funcionam, no silêncio, se encaixam. As cachoeiras mineiras e as marés

paulistas. Depois da tempestade sempre tem a calmaria e é assim que é a essência dela.

Tem leite na pedra, sim: E é doce.

Desmontou dele quando acabaram, queria abraçá-lo e ficar de carinhos, queria, podia jurar de pés juntos, mas vestiu a calça sem olhá-lo nos olhos, calçou as botas, enfiou a camisa para dentro da calça. Atordoada ou drogada? Não é possível distinguir.

— Anda, Cabrito. Se ajeita que tem cavalo dopado esperando a gente.

Então ele está errado? Não vai ter drama depois? É só isso e acabou?

Uma pena. Deviam.

Capítulo 10

Um dia, quando ela ainda morava de favor na casa dos Tios, chegou mais cedo do Jockey. Dia seguinte teria uma competição importante, vários cavalos da casa no páreo, o Jorge andava uma pilha de nervos e descontava tudo em todo mundo, queria que tudo fosse perfeito e todo mundo tentava fazer dar perfeito, que é para que ninguém fosse demitido.

Ela, com seus cavalos em terapia, se ofereceu para ajudá-lo. Tirava seus cavalos mais cedo da água, secava-os um por um e os colocava para dormir e depois ia, até altas horas da noite, resolver as coisas que o Jorge não conseguiria dar conta.

Na manhã seguinte ela se levantaria muito mais cedo que é para conseguir dar uma mão a ele antes da fisioterapia de seus bichos e, para isso, para seu próprio bem, chegou mais cedo na casa dos Tios.

Esperava, por ser duas horas da tarde, que ninguém estivesse em casa. Bebeu, uma tacada só, um copão de água gelada, largou carteira e celular no rack da tevê e subiu as escadas sentindo os pés cansados e suados dentro da bota.

Deu de cara com as roupas do Guto largadas no meio do corredor. Como pode, o mais asseado dos Ferreira? O Guto, pelo tempo em que ela vive com eles, é o mais ordeiro. Não deixa nem Manu andar amarrotada por aí, não espera ver as meias acabarem para por a roupa de todo mundo na máquina. Já o viu mais de uma vez recolhendo roupas dos outros do chão.

E agora ele largava coisas por aí?

Das duas, uma: ou estava doente, ou num piripaque. Abriu a porta do menino com tudo, PÁ: Guto? O quarto dele com a janela aberta, a cortina dando para a rua, a cama do Lipe, encostada na parede, desfeita e vazia. Os livros de engenharia do Lipe abertos em cima da escrivaninha dele, fotos da Dê e ele sorrindo presos na parede com durex.

Na cama ao lado, uma mocinha magrinha e cabelo curtinho em quatro apoios, virada para a porta, o sutiã fora dos peitos, balançada, para frente e para trás, o rosto fechado em êxtase, a boca vermelha e pequena entreaberta.

Atrás dela, o dorso moreno, grande, os braços esticados em cima das ancas dela, as mãos fechadas agarrando qualquer carne que visse. As veias dos braços estiradas, abertas, fluindo. Os ombros largos, o pescoço suado, a barba aparada e recém-feita.

Antes que o casal se entendesse flagrado, segundos em que a Bia via o Guto não como o garotinho que foi, mas o garoto que era. *O Guto transa?* Transa, e não é pouco. Estoca fundo e bate na bundinha branquinha da moça,

sorri com seus dentes branquinhos como quem entende que ela está gostando e gosta por vê-la gostando, a segura como se fosse cair dela, com força. E o barulho de foda dura de quem não tem medo de ser pego no flagra mesmo já entendendo que tinha alguém olhando.

É pedofilia você ficar com tesão de flagrar seu primo nessas horas?

— Você vai entrar ou vai sair? – A voz grossa, a sobancelha arqueada, o rosto vermelho. Nem se abalou constrangido, pelo contrário, pelo tom da fala, ele sabia (e acusava) que a errada era ela que entrava sem bater.

Ele tinha mesmo só dezesseis anos? E estudava cadeias ramificadas todos os dias, encurvado em cima de uma mesa pequena para seu tamanho, o garoto que cuidava da irmã, que ajudava a mãe com qualquer coisa que ela pedisse, que assistia o Brasileirão com o pai e sempre arrumava a cozinha com ele antes de dormir?

Era ele? Com braços daquele tamanho, corpo daquele tamanho, o rosto bravo de quem não gosta nem um pouco de ser atrapalhado durante a refeição, parecia mais velho e mais adulto que todos os homens com quem convive.

— Vai, some daqui, caralho.

Entrou num banho gelado que é para colocar as ideias no lugar. Não pode querer, primo, Xoxotinha. Jesus Amado, pensando na negação, barganhando consigo, com o mundo e com os próprios olhos, como é que pode, esses meninos crescem tão rápido...

Quer dizer, o que foi que a Tia Fê deu para esses meninos beberem? É o Lipe que se tranca com a Dê no quarto e que não sai nem por reza brava, é a Dê que vive vermelha onde a roupa cobre e se descobre, ela puxa para cobrir, é agora o Guto que não parece que transa, mas que devora.

Jesus amado.

Ôtro dia ele corria pela casa de Poços de Caldas, os dentinhos de leite, o mais doce dos Ferreira, sempre na saia da avó, dormindo com o um anjinho com o dedo na boca, ajudando o irmãozão com as crises de asma. Sempre estudando junto, servindo de apoio, cuidando dos seus.

E agora assim?! Que razão a Tia Fê colocou no pote dele?

Recusou-se a atender aos desejos, terminou o banho frio, aposentou as botas, secou os cabelos com a toalha e desceu as escadas, nem olhou para a porta do Guto que ficou fechada por bastante tempo depois.

Ignorou que tinha gente em casa, fez um lanche para si, fez só um café, nada de laranjas, zapeou por todos os canais até rir com a chamada na tela: “Você não é gay, é só uma fase”, em que uma moça muito feia ostentava aliança com um homem muito bonito e jurava que era amor de verdade, enquanto a apresentadora e a psicóloga davam orientações ao casal e o homem dizia, com

todas as letras:

— Eu quero o divóóóórciôôôôô!

Esses barracos de família sempre entretêm a gente. E durou o suficiente para que eles descessem, ela com o rosto vermelho, o vestido, o cabelo, o jeito de mocinha, o batom passado, magrinha, de mão dada com ele, o troglodita, camiseta branca toda amarrotada, colada nas costas do tanto que suava, as maçãs do rosto vermelhas e os cabelos despenteados.

O olhar que ele tinha para a Bia sustentava o diálogo de uma frase só: “Você não me engana, cachorra”. A moça baixou o olho ao ver a cowboy sentada no sofá, mas o Guto não, manteve os olhos lá dentro da roupa da Bia, anos-luz mais velho que ela.

— Vou só levar ela no metrô e já venho – Ele disse e a Bia entendeu um “você é a próxima”.

Não soube onde enfiar as mãos, o que fazer, como conversar com ele, enquanto ele esteve na rua. Só tinha Gustavo na sua frente, o olho de comer gente, a raiva de comer gente, as mãos de comer gente. A casa vazia, vento do entardecer, e um calor na planta do ventre que subia enquanto a novelinha água-com-açúcar mostrava casais orgulhosos que sempre vão se dar bem no final.

Chegou, passou por ela sem vê-la, foi para a cozinha, a Bia ouvia do sofá, abriu o armário, encheu um copão com água gelada e voltou para a sala. Na frente da televisão, para atrapalhar, mesmo. A Bia, que não sabia o que fazer nem com as mãos, nem diante do primo, só ficou estatelada, murcha e sem graça. Passava a narrativa do primo, a sua obrigação de falar de camisinhas como pessoa mais velha, as mãozonas que nem Jorge tinha, o olhar de “a mim você não engana”. Passava tudo.

E tudo, a colagem de facetas de um menino de alma velha, a fazia esquecer como é que se interpreta a máscara de moça bruta que sempre dá coice antes de perguntar.

— Desculpa ter sido grosso com você.

— Eu não devia ter entrado no seu quarto.

— Por que entrou?

— Vi suas roupas no chão e só pensei no pior. Você não larga roupa no chão.

— E depois?

— Depois o quê?

— Por que continuou no meu quarto quando viu que eu estava bem?

...

Ela calava e ele crescia. Bebeu do copo para esconder um sorriso. A viu percorrer o olho pelo corpo todo, sem frescura, sem drama, sem nem fingir que

não via.

— Quer subir?

— Vai pro caralho, Guto.

E ele subiu, sozinho, engolindo risada alta, meia dúzia de piada, mais dois quilos de certezas, mais cem metros de ego inflado.

Depois que se tem grana, se te falarem que fulano é especialista em alguma coisa, ele é e pronto. A Bia, com suas roupas surradas e o modo bruto de falar, era Veterinária Equina de referência. Vinham cavalos de todos os cantos para passar pela mão dela não só por causa dela, mas por causa também da equipe e da arena de recuperação que ela mantém só para pós-operatórios e as fisioterapias.

Cada caso que o povo conta que faz você abrir o bocão pensando: Essa mulher aí? O fazendeiro desavisado cruza com ela e vai se consultar com o Ceceu, veterinário também, que está sempre logo atrás, mas Ceceu logo coloca o homem na linha, mostra a patroa e ela nem sorri, não entra na gracinha que o Fazendeiro tenta fazer para disfarçar a gafe.

Pneumologista, ele pensa. Cada um com o seu mote de vida e os seus. A Bia e seu Encrenquinha asmático, o Guto com um Lipinho asmático. Pensou em fazer obstetrícia por causa da irmã, mas antes de prestar vestibular viu que eram ramos diferentes e nem era a mesma faculdade, medicina e obstetrícia são diferentes, então optou por cursar medicina e, depois, por se especializar em pulmões.

Só não o fez ainda porque perdeu cabelo e ânimo no processo. Terminou a residência, depressivo e estressado e não engatou na especialização. Parou. Prestou concurso na Bahia, passou e foi para lá, adeus mundo cruel.

Não pensava que a distância faria da Bia uma pneumologista como ele ainda queria ser. E vê-la conversar com um fazendeiro sobre o cavalo com a tal da Hemiplegia laringal o fazia pensar em si mesmo e no como ele estaria se não fosse seu episódio na Bahia.

Era uma casa, depois do redondel, no fundo do cercado que é a área dos prêmio, com tranca biométrica porta a porta, veterinários de chapéu e jaleco, pranchetas nas mãos e sempre um toque respeitoso quando a Bia passa por todos eles.

O cavalo, conforme Ceceu avisava, já tinha sido levado para a sedação. Um potro de dez meses, treinado, dócil, que começou a roncar nas corridas de oitocentos metros. Estrela, o nome. Porque nasceu com os pelos da testa mais

claros que o resto do corpo e se parece com uma estrelinha.

Bastou entrar no vestiário que o Guto começou a sentir a pressão cair. Ela emprestou uma roupa de cirurgia para ele, tudo verde, a touca, deu o sabão da assepsia. Tudo como nos humanos. E o Guto só se lembrava da última vez que esteve naquela posição. Parou de ouvi-la falar do cavalo Estrela, parou se sentir a imensa fixação que tinha nela desde que saíram do estábulo.

Sem saber, ela tocava na pior ferida que ele tinha. Sem saber e inocentemente, ela o arrastava de volta para a correnteza que ele achava que já conseguia se virar nadando sozinho. Sentado no banco de madeira que mais parecia banco de vestiário de academia, ele olhava para a ponta dos pés e não via.

— Tudo certo aí?

Não.

— Cê vai ver que é tranquilo, coisa de uma hora e tá pronto. – Ela não entendia. Não era médico, a desgraça? Por que tá fazendo charminho? Nem é uma cirurgia muito elaborada. É difícil, mas não é um bicho de sete cabeças, não.

— Eu sei que é rápido.

— Então por que ficou pálido?

— A última vez que estive numa sala dessas foi por causa da Madalena.

Sentiu-se com um privilégio do tamanho do mundo. Sequer conseguiu olhá-lo nos olhos. O Guto nunca falou nada sobre como a Princesa nasceu, nem mesmo um pio. E ali, vestido de tanto verde como ela, ele disse uma fraqueza e, ao mesmo tempo, uma força sua.

Teve vontade de segurá-lo pelas bochechas e dizer que está tudo bem. Arrastá-lo dali para um canto, fazer carinho nele, dizer umas coisas meio bobas e meio sem sentido. Não queria segurar na mão dele porque acabaram de transar, boa coisa o Guto não ia pensar, logo ia pensar em aproximações e aproximações dão espaço para amor e ele é o último homem na Terra a quem ela podia desgraçar a cabeça.

Quer dizer, ele tem uma princesinha para cuidar, e ela é ela, o problema em pessoa, os dramas e a boca dura. Não quer ver um homem doce e nobre que nem ele virar um animal selvagem só porque ela não sabe controlar os modos.

Então ficou quieta. Por dentro já estava cheia de vontade de abraçá-lo e dar colo, de sorrir e ficar de carinho, de dizer que está tudo bem agora porque aquele pedaço de chão é dela e ninguém é doido o suficiente para mexer com sua família.

— Você quer ir lá fora e tomar um ar? – Bastou-se.

— Eu tô querendo é dar o fora – Respondeu, sem graça e abatido.

— Vai não. – Colocou a mão em cima do joelho dele, num impulso que se arrependeu porque era ligação humana demais para dois bichos.

— Só vou dar trabalho.

— Tem problema não, garganta de bicho eu reconheço de olho fechado.

Entraram. Na mesa de inox, um cavalo em decúbito lateral, apagado. O anestesista monitorando batimentos cardíacos, um estagiário passava, lentamente, uma máquina de cabelos por sobre os pelos do bicho só na parte da futura incisão.

Viu a luz forte e ouvia o choro dela na cabeça, latejante, com dores, chamando a mãezinha. Por baixo da máscara chorava só de se lembrar. Não tinha que estar ali, era tudo muito cedo, muito recente, muito doloroso. As mãos tremiam. Viu a Bia puxar uma cadeira para ele, bem ao lado da dela, a viu pegar o bisturi, duas agulhas curvas, a viu enfiar uma câmera na goela do bicho.

— Cavalinho com hemiplegia fica intolerante em exercício – Ela dizia, o vendo se sentar, mas não mover um músculo da face – Paralisa a cartilagem aritenóide e entra menos ar. Fazendeiro atento se preocupa quando cavalo começa a roncar.

— Só... - pigarreou, entrando no assunto porque sabia que aquilo era uma Bia que tentava tranquilizá-lo – só cavalo que tem isso?

— Não, cachorro também. No caso desse aqui... - Pela televisão, conseguiam ver um anel vermelho, lá dentro da goela do bicho, a garganta dele dando olá aos médicos – parou o lado esquerdo. Não flexiona para passar ar, daí... - Ela pinçou a cartilagem com uma agulha fina e uma linha que o organismo não absorve e continuou – a gente puxa um pouco pro lado que é pra dar espaço.

— É só isso?

— Não, - com a agulha numa mão e a tesoura na outra, ela desviou os olhos da televisão para ele – trinta anos de pesquisa até chegar num método bom de recuperação não resulta num pontinho, né.

— Não tô sabendo da evolução das cirurgias em cavalo.

— Então, tô te mostrando. – Tirou os instrumentos de dentro da garganta e continuou – vai ter um pouco de sangue agora, tá tudo bem ter sangue?

— É, - respirou fundo. Nem percebeu quando foi que sua pressão voltou ao normal, mas ele se sentia mais curioso que nervoso e perceber isso foi bom – acho que sim.

— Qualquer coisa o Alê aqui te dá uma água e te leva lá pra fora. – Apontou para o estagiário que se sentia deslocado com aquela patroa que fala e que parece que tem mel na voz. – Cê faz isso, Alê?

— Faça, pô.

— Alex é filho do segurança nosso, do turno da manhã. Tá em que ano mesmo, Alê?

— No último.

— O pior de todos. Cê trabalha muito e o patrão sempre arranca o côro. — Riu sozinha com uma piada interna que deixava Alê um pouco sem graça de concordar e de discordar: a patroa é ela. — Tá querendo continuar aqui depois que acabar seu curso?

— Tô não.

— Caralho, eu não sou uma patroa tão ruim assim.

— Tô tentando uma vaga de especialização no Texas.

— Com quem?

— Ah, uma fazenda-escola de lá.

— Isso eu sei, - disse, sentindo a jugular do cavalo e mudando de assunto — Já sentiu jugular de cavalo, Cabrito?

— Não.

— Quer? — Nem esperou resposta — Bota a mão aqui, ó.

Era mais grossa que a de um humano. Debaixo da mão do médico de gente, a jugular de um cavalo parecia ter o dobro do diâmetro.

— Eu vou cortar Estrelinha agora, tudo bem procê?

— Tudo.

— Tá preparado?

Antes que ele respondesse, abria a área raspada pelo estagiário em duas e o Guto não ficou impressionado. Sentia-se seguro. Por cuidado com o animal, a Bia não disse nada. Trocava de instrumentos e recebia ajuda do estagiário sem que se falassem, sempre sincronizados. O Guto esticava a cabeça para ver, não ousou perguntar porque a via concentrada, mas toda vez que ele se esticava mais um pouco, ela baixava o braço para que ele enxergasse, abria mais o corte com os indicadores como uma cortina, para que o Guto visse.

— Quando você quiser, Alê, me manda por mensagem o nome da fazenda-escola que eu ligo para eles e falo bem de você.

— Não, Dona Bianca, não posso abusar assim da senhora.

— Menino, deixa de frescura. Tô falando pra fazer.

— É um processo rigoroso de três fases, inclui bolsa, muita burocracia.

— Acredita em mim: - E olhou feio para ele — Se eu ligar lá eles vão olhar seu currículo com mais carinho.

Tá metida assim, Dona Bianca? Não. A Dê pavimentou a estrada. Por Bianca, só os cavalos saberiam seu nome.

Chegaram ao ponto, antes da sutura final, em que o Guto enfiava o dedo lá dentro só para saber como é que é. Curioso, a Bia via, e por entender que

aquilo era um sinal de cura fosse do que o Guto sofresse, ela deixava e incentivava. Sorria às costas dele enquanto ele comentava do quão diferente era.

Saíram e deixaram o pós-operatório para o estagiário. Descartaram as luvas, lavaram as mãos e voltaram para o vestiário. Descartaram o avental verde, depois trocaram de roupa, um na frente do outro, um sem ver o outro.

De chapéu, olharam-se e percebiam: faziam uma boa dupla.

— Obrigado. – Disse, sem sorrir, do fundo do coração – Eu tava precisando disso.

— Você e eu, - ela sorriu o mesmo sorriso triste que o irmão dele dava – depois do almoço, quando cê voltar ca bezerrinha, vamos no psicólogo.

— Não tô bom pra isso.

— É, eu também não. – Passou os dedos por baixo do chapéu, afofando os cabelos – Também não tô, por isso que temo' que ir.

— Se eu for, é obrigado.

— Pois é, mas acho que chegou a hora.

Capítulo 11

O Lipe chegou do trabalho primeiro, subiu e arrumou a cama só porque a Dê gosta de dormir em cama arrumada, mas nunca têm tempo, os dois, de arrumar os lençóis pela manhã. Ele o faz mais de pretexto, porque assim conseguem ficar algum tempo sozinhos. Estica os lençóis, afofa os travesseiros e entra no banho. É o tempo certinho até ela chegar, tirar os sapatos na entrada do quarto e, enquanto ele termina o banho, ela limpa o rosto da maquiagem.

Mecânicas que os casais formam, quando passam a viver juntos, para conseguir um tempo sozinhos antes que tenham que lavar a roupa, passar um pano na casa, ou preparar o jantar.

O Lipe sabe, que se quisessem, teriam uma casa com cinco criados e um mordomo, poderiam ter, a esposa tem dinheiro para isso, mas eles nunca cresceram numa casa dessas, cheia de gente estranha, nunca precisaram de tanto. A Dê acumula dinheiro, investe a maior parte que tem porque não gasta com luxo besta, e divide as contas com o marido em sinal de respeito ao trabalho dele. Porque o Lipe trabalha, e trabalha muito. Trabalha tanto que foi pauta de briga outro dia o tanto que ele demora no escritório, uma vez que foi o Lipe quem impôs regra para chegarem até as sete horas da noite.

Cumprimentaram-se com um beijinho de casados enquanto ela abria um pacote novo de lenço demaquilante. Nem anel usavam, nem festa fizeram, mas para eles era como se estivesse casados, era verdadeiro para eles. Olharam-se nos olhos só para saber se estavam bem, ele aprendia ler onde ela não dizia e ela sorria de ver aquele rosto lindo diante do dela.

— Eu tenho uma notícia ruim. — Ela puxou assunto.

— Muito ruim?

— Você vai detestar. — Esperou que ele se sentasse na cama (molhado!) para enxugar os dedos dos pés e continuou — Semana que vem vou precisar viajar.

— Portugal?

— O escritório lá está com problemas. Desvio de verbas. A Beta percebeu que isso tem acontecido desde que eu me mudei para cá.

— O povo gosta de te passar a perna, hein.

— E parece que é com acomodação de cavalo. Discriminaram uma coisa na nota e, quando ela foi ver, não era nada disso. Tem gerente meu gastando em motel às minhas custas.

— É um bom jeito de torrar dinheiro, pelo menos. — E sorriu, só para que ela perdesse o tom sério.

— Não o meu. – Devolveu, brava porque não gosta de coisas erradas, soltando os cabelos e se desfazendo do blazer. – Enfim, semana que vem, Portugal. Tudo bem para você, Marido?

— Posso ir também?

O blazer ficou parado na mão dela por algum tempo. Claro que pode ir, desde o afastamento dela do Brasil, dez anos atrás, que ele sempre é convidado. Não conseguia sorrir porque foi de assalto, mas, depois do choque, não escondeu o sorriso e, enviando um olhar de amor pelo espelho da penteadeira, voltou a passar o lenço no rosto.

— Tá falando sério?

— Você sempre fala de lá, mas eu nunca nem vi. – Passou a toalha que acabara de enxugar os pés pelos cabelos molhados e voltou os olhos para ela – Eu nem sei como é o resto da sua vida, lá. Eu tô de boa semana que vem, acho que consigo acertar tudo com a mãe e levar um pouco de trabalho para fazer lá. Posso ir?

— Sempre, Amor.

— Que dia?

— Queria ir logo na segunda.

— Então tá. Vou passar no escritório no sábado para só deixar tudo no esquema e na segunda, sou seu.

Vestiu-se só para não descer pelado e a deixou para entrar no banho. Sentiu-se seguido por um sorriso feliz, rebateu com um sorriso feliz e continuou, escadas abaixo. Madalena deitada no sofá da sala mordida um brinquedinho, sob os cuidados da Bia sentada no carpete com roupas limpas, os cabelos molhados, mas trançados, como sempre. Brincavam e a risadinha engraçada da Madalena continuava mesmo quando ele passou da sala para a cozinha.

Não gosta de cozinhar, não é sua função no lar, então enquanto a Dê estava lá em cima, ele colocava as roupas para bater, depois da cozinha, e, depois, varria o que via, só para dar a sensação de casa limpa. A Bia sempre ajudava, oferecia-se para passar um pano ou ir ralando as cenouras, ou colocar o arroz no fogo, mas, com a Lena ali, ela só tinha olhos para a Lê.

Esvaziou os bolsos de um dos blazers dela e separou post-its com telefones. Não é incomum que ela os esquecesse. Um dia, por andar com coisa demais na cabeça, ela esqueceu uma surpresa para ele no bolso, mas ele fingiu que não viu, voltou o bilhete para o blazer, encostou a roupa em alguma cadeira e deixou lá, para quando ela se lembrasse, guardasse como devia ser guardado.

Era uma reserva numa churrascaria que eles foram só uma vez e o Lipe vivia falando dela. Servia a melhor picanha no alho da cidade e era, como toda churrascaria boa, longe, e cheia.

Separou uma caneta, notas fiscais, alguns post-its e, num deles, lia: Consulta médica. Podia ser alguma coisa que ela diria depois, pensou, então não disse nada. Com aquele mundo de roupa delicada, ele levava muito tempo só separando. As camisas dele podiam ir com os blazers dela, mas nunca com os vestidos e as calcinhas de uma Andressa mulher que só sabia usar renda e o Lipe nunca que iria reclamar disso.

Ouviu o alho dourando na panela e sabia que ela estava na cozinha. Cozinhando para quatro, pelo visto, porque nada de a Bia ir ajudá-la. Estranhou a Lena na sala sem o pai e se perguntou onde caralho o Guto estava, mas não disse nada. Tem feito mais bem a Bia ao redor da Lena, do que mal.

— Vou deixar as coisas do seu bolso no balcão, - puxou assunto depois de terminar de separar as roupas sujas – depois você vê o que vai para o lixo, tá?

— Putz, eu sempre esqueço de esvaziar bolso.

— É, - e é um saco separar tudo isso – mas pelo menos eu sei o que aconteceu no seu dia só de olhar seus bolsos.

O Guto desceu depois, banhado também, mais leve, quase sorridente. O Guto? Sorridente? Porréessa? Olhou o jeito como o Guto e a Bia se conversaram, o modo como a Bia não desgrudou da Lena mesmo quando o Guto chegou perto, o modo que o Guto falava mais baixo e com mais palavras perto da Bia.

Sacou logo, o Lipe é o tiro mais rápido do oeste.

Não, o segundo mais rápido: Casou-se com o primeiro.

— Marido, deixa de encarar eles assim.

— Cê tá vendo o que eu tô vendo?

— Tô, mas se você ficar olhando eles assim, daqui a pouco cê acha o que tá procurando.

— Não sei fingir costume pra essas coisas.

— Faça que nem eu:

— O que, dá bronca nos outros?

— Ignora.

— Ah, - O Lipe? Ignorar namorico dos outros? E por acaso o deixaram em paz quando era a sua vez? – mas nem fodendo.

— Vai sobrar chumbo pra você.

A Bia não foi preparar o jantar com a irmã. Ficaram na sala, os três, e nem foram para a mesa quando chamados. Ficaram lá, em pé, um de frente para o outro, a coisa toda rolando nas energias, entrosamento, clima, sorriso largo, fala cotidiana e um monte de sinal de que os dois queriam mais daquilo que aconteceu na baía, horas mais cedo.

Sentaram-se para comer, a Bia ligeiramente mais perto do Guto e da

Madá, o Lipe com formiga na cadeira quase pulando para dizer: Ahá! Peguei os pombinhos! E a Dê já com as toalhas quentes na mão, modo de dizer, é claro, para quando o Lipe ferrasse com tudo.

— Lipe, - a Bia disse, abertamente, sem medo, decidida depois de colocar um pedaço de bife macio e bem temperado na boca – cê vai comigo no psicólogo?

— Quando?

— Não sei, sô, cê que me chamô pra ir, cê escolhe quando. – Mastigou, abriu uma das duas latinhas de cerveja na mesa e continuou – Mas tem que ser logo que eu me conheço e sei que vou mudar de ideia.

— Cê também, Guto? – A Dê atirou no escuro, não tinha como ela saber. Só empurrou o Guto também porque sabia que seria bom.

— É.

O Lipe olhou para a dele, num diálogo mudo. Essa semana está acabando, não dá tempo de marcar, só vai ter para semana que vem e semana que vem... Um olhou para o outro, medindo prioridades. Os outros dois estão precisando de cuidados há tempos, desde que o resto da Botelhada voltou para Poços, essa é a primeira vez que a Bia fala de tratamento, que fala de si.

Olhando-se, eles decidiam. O Lipe não vai com a Dê, mais. Nem precisava mais passar sábado no escritório porque, isso ele sabia, aqueles dois estão, embora meio felizes ali, muito perto do precipício, cada um de um jeito.

— Promete que volta logo? – Ele verbalizou, doído por fazer o que não queria.

— Prometo. – Ela sussurrou com jeitinho de amor porque, mesmo que não conversasse muito com a irmã, sabia que ela precisava de ajuda e gostava que o Lipe estivesse ali por ela.

— Tá bom, Demônia – Ele respondeu para a Bia – Vou caçar umas indicações que eu tenho e a gente tenta.

— Mas, ó, se vocês dois tiverem outros planos, e aguento a minha sangria desatada. Não quero atrapalhar cês dois, não.

— Não, Bia...

— Que isso, você não atrapalha... - Justificavam-se ao mesmo tempo, tentando mentir.

— Então marca e vamo' comigo?

— Um psicólogo pra cada um, ou os dois no mesmo? – O Lipe tentava.

— Um cada um.

— É, mas eu prefiro ir sozinho. – O Guto respondeu.

— Mas cê vai, num vai, Cabrito?

Pela primeira vez em muito tempo, a Bia se sentia otimista quanto ao

futuro. Queria uma estrada nova, pavimentar tudo sozinha, do zero. Gostou, gostou e não foi pouco. Ainda melava só de lembrar depois da louça lavada, depois que o Guto se retirou para colocar a bebê para dormir, depois que a Dê subiu não porque estava cansada, cansada estava todo dia, seu trabalho é minguento, mas queria, já que ela não conseguia falar com a irmã, ao menos que ela tivesse com quem desabafar.

— Aconteceu, né?

— Rapaz, que qué isso. – O trejeito do cowboy, com ou sem chapéu, é o mesmo.

— E o lance do psicólogo é por causa disso?

— Ói, Lipinho, eu vi seu irmão na pior, tô indo é por causa dele.

— O que aconteceu?

Contou da cirurgia e o Lipe ficou feliz por eles. Não sabe o que aconteceu com o Guto, também têm pouco se falado, tanto a Bia como o Guto parece que têm vergonha da família, conseguem desabafar melhor com amigos, que com irmãos. A Bia se esvai inteira de contar, se o Lipe quiser, mas com a Dê, nem dez gramas.

O mesmo com o Guto. A Dê é a única que sabe de tudo, de cabo a rabo, nem tinha como não saber, foi o cartão de crédito dela que ele usou nos dias ruins e ela via as faturas, ia juntando as peças, colando sentidos. Só falou com ele para confrontar seus resultados e acertou quase todos.

No carpete de sala, o Lipe entendeu que o Guto anda ruim de ser médico, que treme de entrar em sala de cirurgia, que está mudo assim por coisas que lhe aconteceram e que, numa tentativa de vê-lo melhor, a Bia achou que seria melhor arrastá-lo a quem entende de trauma.

Nem conseguiu mais fazer piadinhas com namoricos porque os dois, ao contrário dele e da esposa, não são de namoricos. Em dez minutos que ficaram juntos, se comeram, lamberam os beijos e foram tratar de um cavalo roncador. Tudo na parte da manhã.

Sentados, cada um com uma cerveja, o Lipe desistiu até de contar da possível viagem a Portugal, achou melhor ficar quieto, a Bia não precisava saber. Se soubesse, não ia querer que a irmã grávida fosse sozinha para o país dos outros e, se bem todo mundo sabe, a Dê viajar por aí não é nenhum grande perigo.

— De todo jeito, fico feliz que esteja tudo dando certo. – Contentou-se, abrindo mão.

— Certo eu não sei, mas tá gostoso.

Capítulo 12

Todos os caminhos que ela percorre a fazem chegar sempre no mesmo destino. Não tem novidade boa, nem sexo maravilhoso, nem mãozona forte de parar boiada. É sempre sozinha que ela acorda, sempre olhando o mesmo lustre, sentindo o mesmo coice em seu maxilar de aço. A pomada que o pai trazia no bolso há mais de mês continua lá, no criado-mudo, inteira e intacta.

Olha a janela e está tudo quieto, sem chorinho, o pai dela dorme. Desde a primeira transa, no estábulo, ao lado da Baia da Bel, eles não pararam mais. Uma sensação amarga de ruim, essa, a de transar escondido, em espaços pequenos, em pé, sem carinhos. Um não olha no rosto do outro quando está quase lá, um não espera o outro. Só vão se enterrando um no outro sem cuidado nem expectativas, na esperança de encontrar qualquer resposta melhor do que a que tinham.

Sentia-se errada. Sentia-se não traindo a ele, ele é solteiro, eles não têm compromisso, mas no fundo, sentia-se traindo a si mesma. Deitada na cama olhando o dia passar pelo lustre que não mostra as horas, ela sente o velho vazio da solidão se instalar com uma pancada, toda vez que se separam.

As mãos dele não bastam, as sobrancelhas franzidas não bastam, o jeito como ele entra nela não basta, nada basta, nem o jeito dele de sorrir de prazer por ver que ela se converte inteira nas crenças dele. Nada basta porque ela sabe que ele está ali por diversão, não está caindo como ela está, não está diluindo como ela está.

Pensava que traía a si porque sentia gostar dele e daquela coisinha que ele traz no arco dos braços. Sentia-se caindo de novo, tudo de novo, ouvia seu coração bater mais rápido com ele por perto, sentia a mão gelando por pensar nele, por ver sua janela. Dava para sentir.

O Guto é o único dos Ferreira que transa sem o coração, ela sabe disso desde a época da escola dele, nem Manuzinha transa sem o coração, desalinhada, do mesmo jeito que o Guto. Ela sabe que ele se enterra nas pessoas para não ter que se ver, ela sabe que ele se perde no meio das pessoas para não ter que se achar.

Aos poucos, Madalena vai dormindo mais, se adequando aos horários. Cada dia demora mais a acordar e o pai, que consegue dormir mais, consegue levantar para atendê-la. Às seis da manhã da segunda-feira, conseguiu fechar a própria casa sem ouvir um chorinho e rumar para a arena dos Premium em tempo de tomar café com os peões, coisa que ela não faz, calcula enquanto caminha, há pelo menos três semanas.

A peonada inteira limpa o farelo do pão francês da roupa quando ela

chega, se apruma de um jeito respeitoso e delicado. Alexandra do restaurante do Jockey sempre manda deixar uma mesa do lado de fora do Estábulo da Bel, com coisas de café da manhã para que nenhum homem caia ou fraqueje durante o serviço.

A mesa já está atacada quando ela chega, mas todos param de pescar comida só para que ela o faça, mas a Bia anda ruim de sinal, a nossa menina, não está nem aí, nem percebe o cuidado de seus homens. Dá bom dia a todos, cumprimenta o Ceceu que é quem manda quando ela não está, quebra o gelo e fala alguma coisa sobre o tempo e se serve, colocando café na caneca de porcelana também a outro peão que estava prestes a se servir, quando a viu chegar.

— Você mentir não, tava com saudade disso aqui – Comem todos em pé, acham frescurada demais se sentar para comer, a maioria já sai de casa de café tomado, só come de novo porque a comida está ali, não podem fazer desfeita. Rodeiam a mesa e vão colocando os deveres em dia, lembrando tal e tal coisa que não podem deixar de fazer, conversando sobre cavalos e sobre mais uma vez que a Bel deu show para comer.

É, de todo o jeito, a reunião da peonada. Já saem, limpando farelos nas calças jeans, cada um para tocar seu próprio barco, ninguém acumula função porque a Bia gosta que cada um se responsabilize por uma área, sem desculpas para fazê-la malfeita. Ceceu, por gentileza com Dona Alexandra e sua equipe que nunca esquece de ninguém, enquanto o resto da peonada vai atrás de seu rumo, ele fica para ordenar tudo e juntar as louças sujas para ajudar quem vem recolher aquela comilança toda.

— E a princesinha? – Ele perguntou, quando viu que ela também ficou para trás para limpar tudo – Tá dormindo, ainda?

— Tá, daqui a pouco eu vou lá dar uma olhada nela.

— Doutor Gustavo parece um sujeito decente.

— E é.

— Bem sério ele, né? Um tipão calado, o oposto da senhora.

— De todos os Ferreira, ele é o único que não dá muita conversa.

— Vocês dois formam um belo casal.

— Pode parar por aí, não somos um casal.

— Como não?

— Não, Ceceu, tem nada de casal nós dois, não.

— Pensa com carinho nisso, Dona Bianca.

— Ceceu, eu respeito sua opinião com os cavalos. Não se mete na minha vida não, que vai sobrar procê, ôme.

— Dona Bianca, eu não tô falando de aparecido. – E falou no mesmo

tom que fala com as filhas – A senhora é como uma filha pra mim, deve saber disso, sabe o quando eu respeito e te quero bem. Se eu abri minha boca é porque sei do que tô dizendo. Tô vendo a senhora feliz por aí, mais mansa.

— Mansa?!

— Amansada, dá pra perceber. Tá sorrindo mais, a peonada já percebeu. Tá te fazendo bem, só isso que eu queria dizer.

Nem respondeu. Não vai amansar só porque tem um pinto novo. Não vai descalçar as botas, nem soltar os cabelos; não quer, nem pode. A brutidão é o que a faz gostar de si mesma, é como lida consigo, não é fortaleza porque quem vive de atacar não tem tempo para tijolos, é um lugar de afeto com seu Tio Carlos e com todas as Biancas que ela foi através dos anos.

Então não, não vai amansar. E se tá sorrindo mais, tanto melhor.

Mas se for para ser, é o jeito que os casais descrentes falam: “se for para ser” tem que ser com a bruta da fala dura, dos diálogos sem preâmbulos. Nem pode, pensou, saindo de perto do Ceceu direto para os cavalos do pós-operatório, no comando desse tanto de peão que nasceu desconfiado de que o lugar da mulher é atrás de um tacho de bolo.

E olhando Estrelinha, o Cavalo Roncador que nem é adulto ainda, olhando a secura da sutura, o jeito dele em repouso, o modo como ela e Gustavo operaram tão bem juntos, fica feliz, por um lado, de estar amansada. Não pode negar que o doutor lhe faz bem.

— Ele está com problema para comer, Alê?

— Não, Dona Bianca, Estrelinha tá se saindo bem demais.

— Bom.

— Fiz a assepsia o fim de semana todo, três vezes por dia, ainda não tirei o Tramal porque estou com dó do bichinho sofrer, mas se a senhora achar que está na hora, eu tiro.

— Continua assim, mantém o remédio. – Respondeu, meio prestando atenção no bicho, na gengiva um pouco esbranquiçada, no tártaro dos dentes, e metade ouvindo seu estagiário. – Roda um hemograma pra mim, só para descartar anemia.

— Já mandei para o laboratório, estou esperando o motoboy chegar.

— E o dono?

— Falei com ele hoje de manhã, ele concorda de fazer toda a fisioterapia aqui.

— Então me avisa quando o resultado chegar. Dependendo, a gente altera a dieta.

— Meu palpite é que não vai dar alteração, não. Estrelinha tá comendo bem.

— É, Alê, também acho que não, mas cê fez certo de checar o hemograma.

Deu meia-volta em retirada, só foi para a parte do hospital para evitar o Ceceu, sabia que Alex dava conta bem demais sozinho. Voltou pelo gramado pisoteado, passou pelo redondel de doma vazio, e voltou para o Estábulo. Encontrou dona Bel disposta, milagre, parecia que lia que a mãe precisava de algum alívio. Comeu da mão da Bia, aceitou todos os torrões de açúcar, nem rejeitou o bridão: pela primeira vez no ano, não teve que enfiar os polegares na boca da Bel para forçar o equipamento de montaria.

Sorrindo, vitoriosa, subiu na Bel fazendo carinhos na barriga, otimista. Deu um beijo entre as orelhas e foi, num trote delicado, até o circuito. Sorria, feliz como muito raro ficar. O Ceceu sorria de tabela. Que coisa deu na Bel? A peonada não colocou outro cavalo para correr nas pistas do lado, deixaram que a Bel brincasse, corresse feito moleca, entre as pistas, em zigue e zague, pulando obstáculos imaginários. Uma volta completa pela pista e um torrão de açúcar. Ceceu cronometrava e sorria. A Bel tá dando banho, hoje, não tá?

A Bia, também. É o cavalo sensível da frota. Sente a cavaleira mais que as irmãs dela, ou qualquer homem pelo caminho. Vê o jeito leve da dona, o passo apertado, os olhos brilhantes – e só sabe, numa ligação cósmica que não se traduz, não está nas línguas. A Bel avança tanto porque a Bia proporciona.

Cavalo reconhece perigo, vive há mais de seis mil anos caçado por humanos, é feito para servir de comida, de transporte, de objeto. Sabe que em humano não se confia, mas sempre baixa a guarda para as mulheres. E crianças.

A Bel dando pirueta como uma maluca, a Bia sorrindo como uma maluca, as duas de coração enegrecido se entendiam, a Bia era capaz de prever os movimentos da Bel, se entendiam enquanto não precisavam se falar. Um carinho, um toque de amor, todo o jeitinho meigo que a Bia usa para falar com o cavalo que esmiuçou, em um golpe, toda a sua arcada dentária inferior.

Ou o leitor pensa que maxilar funciona sem dentes? Todos falsos. Porcelana, bem acabados, branquinhos, cada pino ali na boca, o olho da cara. Sorri com seus dentes artificiais, metade da cara que não é sua, e trata sua agressora como um filho.

Cavalo que honra os perdões. E Ceceu sente vontade de chorar de vê-las, ele acompanhou todo o processo, a Bia com o rosto enfaixado, comendo por canudinho, a Dê que trocava de equipe médica e de país até achar alguém que fizesse sua irmã sorrir de novo.

Enquanto Cavaleiro e cavalo chispavam, dançavam entre as energias e faziam as pazes, o Doutor entrava, ele e a Princesa presa no peito por um sling que ganhou da Manu, na arena, sem saber que era dia de festa. Vestiu-se de

camisa e calças jeans de novo, tudo para ela, usava o chapéu preto. Sem ser convidado para a dança, olhava-as e sorria. É Ruim, a Botelho, é clichê dois irmãos casados com duas irmãs, mas como reverter o quadro depois que você já viu onde tudo ia dar?

Crescia. Crescia o que nunca teve tempo de crescer, ele nunca quis, nem ela, mas viviam se encontrando e lembrando que poderiam, se quisessem.

— Seu Gustavo, - O Guto mal viu quando o Ceceu saiu do meio da arena e veio ter com ele, no canto, ao lado do resto da peonada vidrada com o que via – o senhor conhece a história deste cavalo?

Pescava informações, nunca a ouviu toda. Sabia só o que a Dê contava. Sorrindo e sem querer ouvir a história, porque para ele bastava a vista, ele ouviu tudo, de cabo a rabo, desde o cavalo que viveu quatro anos preso no redondel, até o maxilar, até àquele momento ali.

E saber disso fazia a dança das duas valer muito mais do que valia.

A Bel podia estar morta, a essas horas.

A Bia podia estar condenada a comer de canudinho e nunca mais sorrir.

No entanto, pulavam as duas, cantavam o hino da liberdade debaixo de um Sol quente, gritavam sem voz, só pulos e corridas velozes, que ninguém, animal ou homem, é capaz de fazê-las parar.

E sintonizavam na mesma frequência, enviavam e recebiam mensagens com o corpo, com os olhos, com os pés. A Bia não usa chicote na Bel do jeito que usa nos demais cavalos, a Bia encosta, com muito cuidado, a ponta do chicote na barriga do bicho e é só, não precisa de mais.

Desceu do cavalo com o dobro do tamanho que tinha, o dobro do brilho, revigorada, imensa. Sorria bonito com o chapéu na cabeça, as pernas trêmulas de esforço, a trança quase totalmente desfeita. Olhou direto para ele, não perdeu as estruturas. Deu a guia do cavalo para um peão seu e foi, imponente e dona de tudo aquilo que ele via, os braços ao lado do corpo como duas asas frondosas que descansam depois de um voo livre.

Era um voo, ele sabia; e ela em cima daquele demônio era o mesmo que domar impossíveis. Tinha o futuro nas mãos, a mulher que desceu do cavalo. Tinha o certo e o errado, os céus e as terras, a devoção dos homens e o respeito das mulheres.

Ao mesmo tempo, continuava só ela. As mesmas calças rasgadas, as mesmas botas surradas, o mesmo cabelo ressecado e sem brilho, queimado de Sol, violentado pela areia, as manchas de Sol na pele, nos braços e nas mãos, os músculos perfeitamente desenhados e que as mocinhas de romances não deviam ter.

Não tem como uma entidade dessas cheirar baunilha e fazer beicinho

quando quer alguma coisa – ela tinha tudo. Olhando-o bem fundo nos olhos, sentindo o mesmo que ele, ouvindo o que ele não queria dizer, conversando com ele na mesma língua que conversava com seu cavalo, a única coisa que ela não tinha e que lhe doía a falta estava parado, bem ali, de camarote, sorrindo o mesmo sorriso que o dela, desejando o mesmo futuro que ela, lendo as mesmas linhas e traçando o mesmo destino.

Ela encostou nele, sem dizer nada, nem queria. Estragariam com qualquer frase, sabiam, deixa o diálogo para o Lipe e a Dê, eles é que são bons nisso.

Pegou a mãozona dele e se rodeou nela, abraçando também a pequena com o corpo, o puxou para baixo pelo queixo, encostou sua testa suada e suja na dele, e pronto. Está batizado, Gustavo, convertido, na frente de todo mundo, não mais pelos cantos como tem sido, não mais em segredo, não mais no privado. Essa coisa de silêncio e canto não é coisa dela, essa coisa de apertado e rápido não é com ela.

— Conseguiu acordar quando ela chorou? – Perguntou, sorrindo.

— Só para ser do contra, hoje acordei antes que ela.

— Tá aprendendo.

— Mas daí ficou vazio, lá. Vim te ver.

— Eu só tenho cavalo para mostrar.

— Tudo bem, nós gostamos.

— Almoça comigo?

— Hoje tem aquele psicólogo que o Lipe marcou – Ele lembrou.

— Eu sei, o meu tá marcado para amanhã.

— Então a gente não pode demorar muito – Sorriu, trocando de chapéu com ela.

— Caralho, já te dei o meu chapéu favorito, quer roubar esse também?

— Achei que tava emprestado.

— Cabe melhor em você do que cabe em mim, então fica com ele.

— O lance não é qual chapéu que você está – sorria sem mostrar os dentes – é o chapéu que eu estou.

— E que diferença que faz, Cabrito?

— Um dia te conto. – Se afastou, dando meia volta por onde tinha acabado de chegar.

— E onde vai?

— Daqui a pouco essa daqui tá com fome. Vim só dar oi.

Capítulo 13

Não perceberam que estavam sem a Dê na mesa do jantar. Segunda de noite o Lipe chegou em casa, não subiu para o banho, não arrumou a cama, não colocou roupa na máquina. Perguntou se a Bia e o Guto comeriam com ele, pediu delivery para três, pagou quando o Motoboy chegou, frustrado e com comida fria, depois de se perder no Jockey.

Não perceberam quando três pratos foram postos à mesa, não quatro. Nem quando o Lipe ainda perguntava do dia deles com a roupa do trabalho. Estranharam do motivo da comida comprada, mas não falaram nada, vai ver a Dê estava com preguiça de cozinhar, por isso ainda não desceu.

A Bia estava doida de vontade de perguntar como tinha sido o psicólogo do Guto. Imaginava-o médico de novo, feliz com a própria profissão, com projetos, com motes com sua bezerrinha. O via até paizão do jeito que parece que é, satisfeito e sorrindo grande de um jeito que nunca o viu sorrir.

Pensando bem, o Guto é o único dos Ferreira que parece que não sorri. Nunca se viu esse menino feliz do mesmo jeito que os irmãos. Nunca o viu entusiasmado, alegre, gargalhando.

Êta, menino.

E olhava-o, através da mesa, sem ver o Lipe ao lado, querendo saber o que ele tinha para contar. Queria ver progresso nele, alguma cura, alguma coisa que indicasse que o psicólogo que o tratou fosse dar qualquer jeito nele, qualquer coisa.

Na esperança que seu psicólogo, marcado para o dia seguinte, fosse dar algum jeito em si, também.

Crescia, sem ninguém dizer como nem para onde. O embate dos gigantes revela a seiva que escorre pelos cantos dos olhos e ambos mostram, mesmo sem querer mostrar, que são mais parecidos do que pensam.

Ela, mascando escuros, comia sem ver, pensando no que vinha depois. Procurava no semblante silencioso de pai que come só com meia atenção voltada para o prato enquanto a outra metade ouve o quarto silencioso onde sua princesinha dorme, algum indício de sucesso.

— Você foi, Cabrito?

— Fui.

— E como foi?

— Não entrei.

— Como não?

— .

— Como que não entrou, porra? Cê deu meia volta?

— ...

— Foi até lá, deu meia-volta e não entrou?

O Guto não tinha progressos para ela. Tudo ainda muito recente, muito dolorido. Ralou os joelhos nos asfaltos do mundo e ainda doem, não queria que ninguém visse, ninguém tocasse.

Só queria que parasse de arder.

Ela, cujas feridas são muito mais antigas, muito mais profundas, entendia o ferido ao lado como um igual, eram iguais até, mas de alma, não de feridas.

O caso é que ela o transformou num espelho. Via-se nele, transformava as suas angústias nas angústias dele, queria entender os desesperos dele na esperança que ele entendesse os próprios. Olhava-o com o garfo parado, moleque que não a olha de volta e viu só isso, não mais. Um covarde.

O Guto se recusar a pegar nas armas era um Guto que não queria construir futuro com ela. Que não queria melhorar com ela, que não queria chutar a bola no mesmo time que ela. Um Gustavo que se recusava a se tratar era um Gustavo com quem ela nunca poderia se contaminar porque, de repente, ele era reflexo do que ela era.

(E é por isso que a Bia se ocupa dele, se preocupa com os outros, com os cavalos. Enquanto os outros precisam de ajuda, ela não precisa olhar para dentro e não precisa ver que o túnel não tem saída).

— Que tipo de homem é você, Gustavo?

— Você, de todas as pessoas, é a única que não tem direito de me perguntar isso.

— Por quê? — E rebatia — Por que transamo'? Te orienta, viu, Cabrito, que se um tronco piscar duas vezes para mim, tô 'pondo pra dentro.

— Pois é, percebi.

— Como é? Cê tá ficando louco?

— Só concordando. Visto o tanto de dor de cabeça que você dá para a Dê, bastou piscar e mostrar o pau que você pula em cima.

Por que ele disse isso? Por que ele atacou neste ponto? O que foi que ela disse de tão absurdo que ele a atacou desse jeito? E logo a ela, que tem lhe feito tão bem, nesses dias últimos?

O telefone do Lipe tocou, a Bia sequer ouviu. Olhava para o Guto com tanta raiva de si e dele, que não via nada. Bastava um pouco de liberdade para o Guto ser como os outros? Logo ele, filho de quem é? Bastava só um pouco mais de cuidado e pronto, ele acha que tem o direito de tratá-la como um lixo?

Não, pensou. Dessa vez, não. Dessa vez ela não vai ser arrastada pelos cabelos, não vai ser maltratada de novo, não vai se submeter. Já bastam as outras

vezes. O Guto disse o que disse e nem a olhava nos olhos, nem fazia questão de procurar briga, só disse e deixou por isso mesmo, fingiu que pronto, passou.

— Alô, Dê?

— Pega isso aqui, - Tirou a carteira do bolso de trás e folheou o que tinha dentro até tirar, notas altas e contadas, quentinhas do banco e amarradas por elástico: dois mil reais – sua parte da cirurgia. Guardei o dia todo para te dar porque o que é justo é justo e eu fiquei com medo do que você pensaria, mas agora, toma – jogou lavagem para o porco, por cima da mesa, o dinheiro só não se embarçou porque estava amarrado, mas bateu no prato dele e o Guto, que no espírito passa longe de porco, olhou para a lavagem e enlouqueceu calado: - Pega essa grana e some. Quanto você precisa para sumir da minha terra? Cinquenta mil, cem mil? Vá embora, Gustavo, some da minha frente, deixa a princesa que eu cuido, só vá embora. Esquece que eu existo, esquece que a minha família existe, esquece que a minha irmã existe.

— Você tá certa, eu não devia ter vindo para cá – Friamente, apanhou as notas dobradas, lambeu o dedo como quem vira a página, puxou uma nota de cem reais e deu a ela – Isso aqui fica pelos seus serviços, o que é justo é justo, tá coberta de razão. Você não dura nem quinze minutos, tá bem gasta e bem maltratada, então cem reais tá bem pago por tudo.

— TÁ ME PAGANDO PELAS TRANSAS?

— E PRA QUE MAIS VOCÊ SERVIU?

Ninguém reparou que os dias do Lipe passaram a rodar invertidos. Que o menino que ficou para cuidar da família precisava de apoio e cuidado com as notícias que tinha pelo telefone. Ambos gritavam, já fora de seus lugares, a Bia perto do Guto querendo arrancar sua cabeça, o Guto perto da Bia sabendo exatamente como é que arranca a cabeça de uma pessoa da forma mais dolorosa possível.

— ME DIZ, BIA, PARA QUE MAIS VOCÊ SERVIU?

A gritaria não parou, então o Lipe se retirou da mesa para conseguir conversar com sua mulher.

— NÃO SERVIU PARA ME ALEGRA, NÃO FOI PARA ME SATISFAZER. QUER JOGAR GRANA PRA CIMA DE MIM, BIA? JOGA – Ele gritava com ela, nem tudo era culpa dela, mas para quem já estava ferido, qualquer coisa é motivo. Via, ali, na cara, o jeito e o olhar de medo que ela tinha. Tá com medo do Guto, Bia? Estava. E ele sabia. – É só isso o que você tem, só dinheiro. Se a Dê fosse menos burra, seu dinheiro seria dela, porque foi ela quem fez tudo isso, não você, então cata esse dinheiro e enfia tudo no rabo, que eu tô indo embora antes de fazer a maior besteira da minha vida.

— Eu nunca odiei tanto uma pessoa como eu te odeio, Gustavo.

— Só que você não é boa de vingança, Bia, o Jorge tá e não me deixa mentir, então eu caguei pro teu ódio.

Isso é o porquê do Guto entrar mudo e sair calado: Quando ele diz, ele fere. Anda sangrando demais para não morder com as palavras.

Olhando tão fundo dentro dos olhos dele, ela só conseguia ver o inevitável: “Você também, Gustavo?”.

— A Dê... - Tadinho do Lipinho. Voltou para a cozinha antes que os cavalos se mordessem, com os olhos tão molhados, que por um segundo, só um, os dois esqueceram que estavam brigando – tá sangrando no país dos outros e eu preciso da minha casa inteira pra poder ir até ela.

— Lipe...

— Li -

— Eu vou falar e não quero ouvir. Guto, me leva para o aeroporto e espera ligação da Dê, que amanhã ela vai precisar de uns papéis e falar com umas pessoas, mas eu não quero ela trabalhando, então eu preciso que você assuma o Brasil enquanto a Beta segura as pontas em Portugal, que é para o meu moleque sobreviver mais essa noite.

— Eu vou com você, Lipe.

— Não, a Dê não quer você lá, então você fica e tenta não expulsar ninguém da minha casa. – Disse, trêmulo e sério, voltando-se para o irmão – Guto, essa casa é minha, então você não sai daqui se não for por ordem minha.

“E Bia, sai da minha casa porque eu não tenho como lidar com você agora”.

— Você só tá colhendo o que plantou – E o Guto tinha maldade e veneno o suficiente para tripudiar.

Dilacerada, aos frangalhos, saiu da casa do Lipe, como ele mandou. A sua irmã, o maior amor da sua vida, está em dificuldade e não quer nem ajuda? Escorreu da casa do Lipe para a sua e fitou a sala vazia. Não vai conseguir ficar parada e não quer ligar para incomodar.

Pensou no como o Lipe iria a Portugal. O peito doía mais que o maxilar dói de manhã. Ela é confusa, é grossa, é mal-educada, é rude, é bruta. Mas nunca com os seus. Chorando, magoada pelas palavras do Guto, magoada pelo afastamento da Dê, puxou o celular e ligou para o único que poderia, às nove horas da noite de uma segunda-feira, dispor de um avião direto imediatamente.

— Minha irmã, Sheik. – Ela fungou do seu lado da linha – Tá em Portugal em apuros e o marido dela precisa ir para lá.

— Guarulhos ou Congonhas? – Ele perguntou, no meio de um jantar beneficente onde ele era o homenageado – Escolha e me dê dez minutos.

— Congonhas que é mais perto.

— Eu vou falar com um assessor meu, já te ligo.

Desligaram. E sem saber o que fazer com as mãos por dez minutos, tirou o chapéu e ficou olhando a janela. Esperava conseguir ver alguma coisa na sala dele, qualquer coisa, mas não via. Só as luzes acesas. O Lipe arrumava as malas? O Lipe procurava passagem aérea de emergência? Passaporte ele tem, não tem?

— Senhora Botelho, boa noite - ela atendeu e não viu o número. Não era a voz do Sheik – um representante nosso estará à sua espera no portão de embarque 4 em quarenta e cinco minutos, a senhora consegue chegar lá em tempo?

— Consigo.

— Qual o nome do passageiro?

Com as mãos trêmulas, anotou e repetiu o número do protocolo que o Lipe deveria entregar a um agente de embarque, desligou agradecida e correu, sem chapéu, da própria casa, para a casa do Lipe.

— Bia, eu falei...

— Perdoa, Felipe, não vi atrapalhar – Com os ombros caídos e sem olhá-lo nos olhos, segurava com as duas mãos o protocolo – Vá a Congonhas e entregue isso a um agente de embarque. Tem um avião esperando você no portão quatro.

Branca, a Bia estava. Pálida, com lágrimas e ranho escorrendo do nariz para os olhos, os cabelos amassados pelo chapéu e nenhum indício de brio. Triste e humilhada como não é a primeira, nem a última vez que fica. Quase sua segunda casa, esse lugar.

— Obrigado, Bia. Meu cartão não passa uma passagem internacional de emergência e eu tava ligando para o pai me emprestar o dele...

— Só cuida da minha irmã, tá? E se der, me liga quando chegar.

E não disse mais nada, nem tinha o que dizer. Deu meia-volta e fechou a porta quando saiu e ouviu, às suas costas:

— Você vai pedir desculpa a ela amanhã de manhã.

— Não.

Podia ter feito como mandaram. O povo sempre tem essa mania, de mandar a Bia encostar e ficar de canto, mas tem nela uma entidade que a faz continuar mesmo quando o mundo inteiro a puxa para baixo.

Foi essa teimosia que a fez domadora de cavalo, que a fez ser mãe do cavalo mais rápido do mundo, que a colocou de pé todas as vezes que o Jorge bebeu demais e brigou demais, que o outro aprontou pior. É uma doença isso, o

teimar contra o mundo, contra todos, e prosseguir.

Eles dizem – você é mulher! E ela diz; graças a Deus!

Emotiva demais, dizem. Problema demais, rude demais, impulsiva demais. Tá sempre agindo, parece que não pensa nunca. O antídoto para não parar é correr. Se encosta cinco minutos e olha ao redor, se vê onde está enfiada, não vai ter chances de continuar a procissão depois.

Tudo ainda dói. O primeiro que lhe ergueu a mão dói cada vez que os outros também fazem. O primeiro que disse a ela – você é mulher! Reverbera na covardia do segundo.

E o único denominador comum entre eles, é ela. Deitada na cama sem conseguir dormir, ela pensa que é ela quem torna todos eles violentos. Ela quem ergue a cabeça demais e vai contra eles, quem demonstra amor demais e se recusa a aceitar o que eles querem. É ela quem nunca aprendeu a calar a boca e que está sempre berrando: - eu tô certa, eu tô certa!

Ela quer acreditar, sabe que bater é errado, perde a razão quem bate, mas como fingir que o errado é o outro quando é sempre ela que começa a discussão? É sempre ela quem não concorda, quem não baixa a cabeça, e quem leva? É fácil dizer à vítima: “olha, docinho, a culpa não é sua”, mas o que fazer de verdade, como proibir que a vítima associe violência e culpa?

Não dá.

E a Bia deitada na cama é todas elas. Todos os dias de manhã. O maxilar dói, mas o que dói mais é o orgulho ferido. O que dói é onde homem não chega, onde punhos não batem. O que dói é o que resta deitado na cama pensando se voa pela janela ou se enterra tudo para debaixo do tapete para enfrentar mais um dia nessa meia-vida, nessa farsa em que a irmã dita o ritmo e ela finge que dança para não chatear ninguém.

Mas naquele dia de manhã sua irmã está sangrando no país dos outros e tem bezerro a caminho. Naquele dia de manhã a princesinha ainda vai acordar com fome e o tempo vai discriminar suas funções. Naquele dia de manhã não vai dar para deixar tudo de lado para chorar no canto porque o mundo é grande, suas chances são pequenas e tem gente que depende dela.

Não se olhou no espelho, não gostava de se encarar porque parecia que dizia a si mesma que estava tudo errado. Banhou-se depressa se limpando das lágrimas, se refazendo como todas já se refizeram um dia, escovou os dentes, fez seu próprio café da manhã com o pão de forma que tinha em casa, a única coisa mastigável lá, e partiu.

Não para o estábulo. Suas botas já sabiam o caminho do trabalho, mas o seu trabalho, naquele dia, não era ser a mãe dos potrinhos. A passos largos, na direção oposta de onde seus cavalinhos famintos acordavam, entre o clube quase

de lazer de tão urbano e o restaurante cinco estrelas referência da Veja comes e bebes, foi até o prédio de sete andares que o Lipe ergueu para Dê chamar de cérebro.

Por onde entram os problemas e saem as decisões. A recepcionista até sabia quem era aquela moça de calça surrada e chapéu impecável, mas nunca a tinha visto tão de perto. Imaginava uma loiraça belzebu quase sobre-humana de tão linda, os mitos que o povo inventa para mulher que doma cavalo igual homem são de cair o queixo.

Não imaginava que o semi-loiro fosse sol queimando o cabelo, nem que fosse tão desidratado, nem que sua pele tivesse tantas manchas de sol, nem que ela fosse tão rude, nem tão alta, nem que seu aperto de mão fosse áspero assim, muito menos que seu sorriso fosse amargo. Imaginava uma mulher resplandecente, brilhante como o sol, não assim. Não tão ardida.

— Tem algum recado para Dona Andressa?

— Isso a senhora tem que ver com a secretária dela.

— A Dê não tem secretária.

A recepcionista nem sabia que Dona Andressa não tinha secretária. E quem cuida dos recados da presidência? Ela mesma? Num cumprimento respeitoso e pouco simpático, apertou o botão do elevador e subiu. Muita gente ainda não tinha batido o ponto, era muito cedo, a própria recepcionista passava o reboco para ficar mais apresentável, ainda.

O último andar chegou logo, eram só sete andares. A sala dela parecia-se com ela. No fim do corredor, a maior de todas, um mural numa parede, cheia de post-its. É a sala da Dê, afinal. A agenda aberta em cima de um risque-e-rabisque, a caneta presente do pai delas pousada ao lado. Uma gaveteiro ao lado da mesa principal, só com documentos, cada gaveta devidamente identificada.

Na primeira gaveta, “Inbox”. Vai saber o que isso quer dizer. Olhava a mesa, aos post-its, ao lixo cheio, à poluição visual da sala.

Em cima da mesa, dividindo espaços com os deveres, fotos da família. Um Lipe moleque sujo de tinta, do dia do vestibular, as três irmãs novinhas abraçadas e posando para a foto, os pais se beijando, sorridentes, num aniversário ou qualquer data importante.

E de paisagem, pelas paredes de vidro, ela conseguia ver: Tudo o que o olho alcança é seu, Bianca:

E dá um trabalho do cão gerir tudo isso.

Capítulo 14

O que doeu foi ela reduzir tudo a dinheiro. O seu dia mais feliz em muito tempo, na sala de cirurgia sem tremer, com um cavalo aberto, ela e seu jeito doce de lidar com os traumas dele, ela e seu jeito quase macio de lidar com ele. O que doeu é não ter sido tão especial para ela, do jeito que foi para ele.

Isso doía. E ele pensava em progredir com aquilo, manter-se na vida dela, ele e a filha, fazer-se funcionar na lógica dela, dane-se se era de chapéu. O que doeu é que estava convertido e ela demonstrava, cruamente, que ele e um tronco eram a mesma coisa.

O que doía é que o Gustavo nunca teve tempo de namorar. Descobriu sexo, se encantou com ele, descobriu-se médico, estudou para isso e perdeu, uma atrás da outra, as chances que tinha de florear seu caminho. Perdeu-se cedo demais na vida corporativa dos médicos, na vida casa-trabalho. Não teve chances de aprender e se deixar amar alguém.

Não teve chances, pior dizendo, de ser amado do jeito que via o Lipe ser amado, do jeito que seu pai era amado. Deu-se de cara com afazeres, deveres, vestibulares, provas, residências, metas, objetivos, mas nunca, em canto nenhum, quis parar e olhar aos arredores.

E isso, ao se apaixonar perdidamente por uma mocinha de três quilos, o fez ver que perdia muita coisa no meio do caminho.

Por um segundo achou que merecia o que o pai e o irmão tinham. Por um segundo só, dentro daquela sala cirúrgica e não na baia do estábulo, enquanto ela apontava e conversava com ele porque o entendia por inteiro por ser feita na exata mesma forma, ele suspeitou que talvez, mas só isso, um porquê casual e despropositado, ele também merecesse amor.

Afinal, tem que ter um porquê um moleque gastar dez anos chorando na vida, se não for amor.

E tem que ter um porquê bem grande para fazer uma mulher gastar cinco anos miseráveis ao lado de um cara que não se toca que está fazendo merda.

O único problema é que era a Bia. E dar seu reino inteiro de mão beijada a ela estava fora de cogitação.

Acordou de uma noite mal dormida pensando na merda que seria eles dois no Jockey, sozinhos. Não se banhou, pegou uma camiseta qualquer, arrumou a filhinha o melhor que pôde, a colocou num carrinho que ele nunca quis saber de usar e foram, ele sem café da manhã, direto para a administração do Jockey.

A recepcionista se engasgou com o homenzarrão que atingiu o umbral da

entrada. É, ele sabe, é comum que elas façam isso. E se derretem toda de ver sua pretinha embrulhada num cobertor, dormindo feito um anjo.

— A Dê deve ter deixado recado, eu sou...

— Sim, Doutor Ferreira, o seu irmão deixou recado avisando...

— Posso subir?

— Claro, quer que eu te ajude com a mala?

Não. Apertou o botão do último andar e empurrou o carrinho de Madalena para dentro, re-pendurando a mochila de fraldas no ombro. Ar condicionado e uma música imbecil de fundo.

Nunca entendeu essas, também. Músicas de amor às oito da manhã numa rádio de elevador? E quem vai se interessar, melhor, quem vai se importar com o amor às oito da manhã?

Ele vai. Porque a Bia está na sala da Dê lendo um calhamaço e ela está no seu pior estado. Os olhos vermelhos não mentem. O que será que a magoa mais? A irmã que não quer sua ajuda, ou meia dúzia de palavras de um macho grotesco que exhibe seus dentes por medo de exhibir o coração?

Nenhum. Porque o que mais dói nela é si mesma.

Ela não vai fingir que a vida não dói só porque ele está lá. O jeito que ela o olha, na manhã seguinte, faz um Lipe gritar na sua cabeça: “Você não vai pedir desculpas?”. Devia. Se ele fosse um homem decente, pensa, o faria. Endurece ao máximo só para não se mostrar mole demais. Os dois estão errados, os dois puxaram a faca, mas é ele quem sente o dever de se desculpar porque não importa quem está errado, mas quem vai fazer dar certo.

Sem coragem, dá um bom dia seco, ríspido, semi-injuriado e magoado, ele também. Deixa Madalena dormindo num canto e circula pela sala, sem saber direito o que fazer porque nem sabe o que direito está fazendo ali.

— A Dê tá esperando um e-mail seu com essa papelada escaneada – Ela responde, empurrando um envelope para ele – Pedi para a Juliana escanear porque eu não sei mexer com aquela máquina, então só falta você enviar.

— Por que não enviou do seu?

— Não é e-mail meu que ela está esperando.

E ainda tinha mais essa, a Dê, que num ato de revolta, resolve descontar anos de mágoas, tudo de uma vez, para cima da irmã que não tem bola de cristal para adivinhar que há mágoas entre as duas.

— Tem esse computador aqui, – Ela se levantou da cadeira da presidente e deu espaço para ele – pode ficar.

E saiu da sala sem dizer um pio.

Não era ela o tipo que briga e chuta por tudo? Então por que tão silenciosa, tão passiva agora, quando tinha motivos reais de se rebelar, quando

tinha motivos reais para afiar os dentes?

Por que a Bia, quando gosta de alguém, perde as armas. E se o Guto tivesse o faro apurado que o Lipe tem, entenderia a declaração de amor que ela tinha acabado de dar.

Passou o dia inteiro sozinho enfurnado na sala, acalmando uma Andressa do outro lado do Atlântico alterada, estressada e que se recusava, a todo custo, a descansar. Sangramento, numa gravidez, nunca é bom sinal. E as coisas em Portugal não andavam nada bem. Enquanto era só desvio para motel, tudo bem, era pouco dinheiro, mas depois, quando a presidente chegou lá, os vários níveis de desvio de verba a fizeram vítima de um colapso nervoso real e preocupante.

Até o Sheik estava em Portugal com a Dê, ao lado do Lipe, com tanto medo quanto ele, falando para ela se acalmar. O Guto quis conversar com o médico da Dê, mas a Dê o proibiu porque sabia que eles conversariam e receitariam, juntos, um calmante mais forte do que ela já estava tomando.

Para a Dê, passar por tudo isso, com toda essa carga, é que era o pior de tudo. E a raiva pela irmã, em vez de elas conversarem, só aumentava.

Precisou Dona Angélica, da varanda da casa do seu Alcides, dar bronca de mãe, dura e sem retruques, para que uma Andressa aquietasse, mas isso já passava da hora do almoço, no Brasil. E o Lipe, que viajou dezesseis horas na madrugada, com vertigem e insônia, só conseguiu parar depois que a dele conseguiu parar.

Do Brasil, nem a Bia, nem o Guto, pararam. O Guto tentava dar conta de tudo, à maneira lógica de não mexer em nada, só resolver pendências, tudo diretamente reportado à Dê, enquanto a Bia agia por trás, no silêncio, resolvendo coisas que precisavam de seu nome, assinatura e dinheiro.

Em momento algum, naquele primeiro dia, os dois tocaram em assuntos substanciais. Só resolviam pepinos. Não almoçaram juntos, não compartilharam momentos com Madalena e muito menos se permitiram se olhar muito. Mais magoados que bravos estavam, cada um de um jeito. Ela, quieta e nos cantos, fora da sala da irmã, subindo e descendo pelos andares sem nunca pousar, ele, enfiado na sala da Dê, usando a mesa dela de trocador para a filha, conversando em inglês sobre assuntos que ele não entendia com o celular numa orelha e o chorinho entediado de uma mocinha que estranhava o ambiente em outra.

E de noite, vencido, o Guto fez a janta para ela. Não é bom de dizer, não gosta de ter que falar, então só chegou na casa dela que nunca teve tranca, colocou um punhado de ingredientes em cima da pia dela e cozinhou, sem dizer nada, nem pedir permissão ou lavar a louça.

— A sua casa não é essa. Pode voltar pra lá.

— Isso sou eu pedindo desculpas por ontem. – Tentou, colocando o pano

de prato sujo de molho no ombro, ao vê-la descer de cabelo molhado e trança – Não tá certo brigar assim.

— Desliga o fogo, Gustavo. Desculpas aceitas, mas pode ir.

— Bia...

Toda vez que aprontam com ela, seguram-lhe pelo braço, ou batem nela, eles vêm com desculpas doces. É o padrão se repetindo. São todos iguais e ela tem dedo podre, só escolhe os que não prestam. Todos iguais. Plantam o diabo no seu terreno, a deixam à deriva sem saber como lidar consigo e vêm, depois, com desculpinhas melosas.

Não dessa vez, pensou. Precisa por ordem em tudo, arrumar o barraco, dar jeito nas dores e nos orgulhos, dar jeito na sua cabeça, no seu coração, na própria vida. Não está certo. Olhava-o, mas não via a ele, Gustavo Ferreira, cunhado, primo, parceiro de molecagem. Via todos os homens anteriores, vinha punhos e dentes, via baixeiras indizíveis, via coerção e abuso.

Olhava para ele e só via passado. Esse era o problema. E poderia ser o príncipe encantado mais perfeito do mundo: depois da primeira briga, ela só veria passados porque é o que ela está acostumada a ver. É o que ensinaram a ela que tem.

Ele não podia dizer o que pensava. Nem sobre a transa, nem sobre o jeito doce dela de cuidar da Madalena até que ele acordasse, nem sobre a cirurgia, nem sobre as laranjas espremidas. Não poderia porque ele também não sabe e não entende o que isso é. Gosta, prefere com ela por perto, fica vazio quando ela não está e por isso foi vê-la na arena dos Premium montada numa cavalo-demônio, mas não entende e nem traduz em palavra sem parecer artificial e muito bobo.

Por isso, diante da recusa dela, não sabia como dizer o que queria dizer. Não era coisa de amor tórrido e cheio de paixão, não, pelo menos, ainda. Só queria dizer que queria mais daquilo, mais dela, mais da paz que ela transmitia, mais do sorriso que ela dava quando fazia alguma coisa de bom coração, mais do dar sem querer receber, mais; ele queria. Ele só queria alguma coisa que viesse dela e que deixou faltando quando brigaram.

— Você sabe quem foi que me criou, não sabe? – Disse, engolindo tudo o que não sabia dizer.

— Sei. E o que que tem?

— Acha, com a mãe que eu tenho, que eu seria capaz de bater em uma mulher?

O filho observador já entendeu essa parte, bem antes de ela contar a alguém. Bem antes de a Dê derramar sua piedade, sua culpa, seus nervosos. Mesmo que ninguém nunca tivesse dito nada, ele entendia bem porque viu o

rosto dela, de medo, quando a segurou pelo braço. Foi como erguer a mão a um cachorro que cansou de apanhar: ele baixa as orelhas e enfia o rabinho entre as pernas porque ele sabe o que vem depois.

— Vocês são todos iguais. — Desarmou, num pranto sentido, no canto dos olhos, sem querer chorar e sem querer passar por isso de novo.

— Não somos, Bia. Vem cá...

— Eu não posso passar por isso de novo!

— Eu sei, me perdoa, vem cá...

Ela queria ser abraçada, queria ser mimada nem que só um pouquinho, queria alguma demonstração de afeto depois de um dia inteiro de só levar na cabeça. Deixou ser abraçada por ele, sentiu-se rodeada por ele, encaixada dentro do arco do braço, o mesmo cuidado e a mesma proteção que via que ele tinha com a princesa. Sentia o cheiro de um dia inteiro de trabalho, o calor do corpo dele, os braços pesados, ouvia o roçar da barba dele em seu cabelo. Cruzou os braços à frente do corpo, se abraçando também, do mesmo jeito que se abraçou quando o Lipe a abraçou, no dia do Jorge.

— Não taca mais dinheiro em mim.

— Era o seu pagamento.

— Não faz mais isso comigo, Pequena, não me derrota, não me vence — Ele não precisava ter dito mais nada, mas disse: - E por favor, não vai mais pra longe.

Foi a coisa mais doce que já cruzou o ouvido da Bia. Claro, ela já ouviu coisas mais melosas que essa, mais elaboradas, mais frases de impacto.

Mas nenhum deles jamais pediu. E esse pedir, esse respeitar o que ela quisesse fazer, fazia diferença para uma moça de vivia de obedecer amores. Sorriu sem querer só porque tinha o poder de fazer tudo, mas, principalmente, de não fazer nada. Ele não mandou que ela ficasse perto, ele pediu. Com por favor. Como quem não pode obrigar.

Então ela se tocou que nenhum deles podia. Nenhum deles jamais pôde. Ela achava, num golpe muito elaborado de todos os anteriores, (e esse golpe é abuso, o nome) que ela não tinha saída, que se quisesse ficar com eles, assim teria que ser, obrigada, do jeito deles, sempre à maneira e ao tempo que quisessem.

O Guto pedir destrancou uma porta e uma série de simplezas que faziam a Bia entender seu próprio passado. Sintonias finas de gente que está tão acostumada a um padrão, que, quando vê o diferente, vê um mundo inteiro totalmente novo, se deslumbra.

E então, como tinha que ser e é sempre, da casa do Lipe, Madalena chorou alto.

— Tudo bem se a gente terminar de cozinhar lá? – Ele perguntou, meio sorrindo sem que ela visse – A fralda da minha filha deve estar suja.

— Não quer trazer ela pra cá?

— Não quero atrapalhar.

— Troca lá a fralda da princesa e traz pra cá. Vou dando conta da comida, enquanto isso.

— Era para eu cozinhar.

— É, mas a menina tá chorando, vai fazer o quê?

— Quer ir lá?

— O quê? Eu cuidar da Prinicesa?

— Quer ir lá?

Nem respondeu. Queria. Passou o dia todo com dó de vê-la enfiada no carrinho, estranhando a sala da Dê, trocada em cima da mesa dura de escritório. Passou o dia inteirinho querendo aninhá-la, trazê-la para casa, dar beijinho nos cabelos enroladinhos e ficar olhando para aquele olhar lindo que ela tem.

Foi e a achou na sala, rodeada de almofadas, coberta e protegida. Sorriu e sentiu o coração acalmar só de vê-la. Que paz nenenzinho dá, né? A fraldinha estava limpa, percebeu, está com fome, será? Foi para a cozinha e preparou a mamadeira dela. Sempre está com fome. Se não está com fome finge bem que está, porque aceita o mamar de bom grado.

Foram para a casa dela, as duas, atravessaram o gramado serenando com o cobertor em cima da cabeça da bebê. Ficaram pela sala e cozinha, brincando um pouco, as duas e o Guto que cozinhou, até que o jantar ficou pronto e, juntos comeram sem dizer muito.

A Bia nunca entendeu muito a graça que a Dê e o Lipe sentiam em ficar se paquerando de longe quando podiam se tocar. Nem nunca entendeu o tanto que a Dê olhava para o Lipe, o tanto que pareciam que se falavam até que foi a vez dela de ficar de namorico com um Ferreira.

Não era assim um longo caso de amor, os dois fazem questão de esclarecer sempre que podem. Era só bom o bastante para não pôr fim. O Guto comia e olhava as duas querendo dizer mais do que qualquer tagarela que se tem notícias, pensando em coisa que pai solteiro não pensa, imaginando coisa que o doutor Gustavo de antes diria que não tem tempo.

Era só um macarrão bem do sem graça, diga-se. O Guto cozinhou para não morrer de fome, mas não é bom nisso. Nenhum dos Ferreira é, ela já percebeu. Nem o Lipe, nem o Guto, nem a Tia Fê, nem Tio Digo. Eles até cozinham, mas não são muito apegados, não.

Para falar a verdade, era uma das piores coisas que a Bia já colocou na boca, mas era uma coisa vinda dele, ele se esforçou para fazer, se esforçava para

pedir desculpas e ela viu.

— Dá próxima, você vai ver a fraldinha dela e eu cozinho – não se conteve, olhando a bebê adormecida no próprio colo, raspando o prato.

— Tem alho. – Ele sorriu, entendendo o que ela queria dizer.

— Mas tá horrível.

— É só parar de comer.

— Jogar comida fora é pecado.

Mas morria de vontade de rir daquilo. Como pode, um homão feito desses, todo delicado com a princesa, Médico Formado, não saber fazer um macarrão? É só um macarrão, meu Deus, não é uma laparoscopia, nem cirurgia cardíaca, nem adivinhar o porquê um bebê chora... é só colocar macarrão na água fervente.

— Meu miojo é bom. – Ele via o jeito dela de quase rir e não ligou.

— Alguma coisa tem que ser, né.

— Tem um monte de coisa muito boa que eu sei fazer.

— Eu tô falando de comida.

— Também tô.

— Comida que dá pra comer, Ô, Cabrito.

— Aí está. – Sorriu, do jeito que tem sorriso, esticando um dos lados da boca, se acalmando. E lembrava da melhor amiga dizendo: “Você ainda vai sentir falta de quando ela não mais te chamar de Cabrito”. Realmente: aí está. Sentiu falta não da palavra, *Cabrito* é uma coisa muito besta, muito brocha.

Mas o jeito que ela usava para falar demonstrava carinho.

— Aí está o quê?

— Tá me chamando de Cabrito de novo.

Ele não ouviu o que ela disse porque não importava. Chamou de Cabrito, botou o mundo para rodar direito de novo, ordenou as coisas. Estavam de bem, sentia. Com macarrão e apelidos ruins, mas, do jeito certo.

— ... amanhã de manhã cê vai pro escritório? – Ela perguntou, depois que percebeu que ele não prestava atenção em uma palavra do que era dita.

— Até quando a Dê quiser. – E não entendeu o motivo da mudança de assunto – Por quê? Não me quer mais lá?

— Não, não é nada disso.

— Então... ?

— Eu preciso dar um jeito na vida.

— Maravilha, entra para o clube.

— Sozinha.

— Como é?

— Eu sei onde a gente vai dar, mas eu preciso dar um jeito na minha

cabeça.

— Bia... - E ele esticou mais o sorriso – eu só quero te comer.

— Não mente para mim, Cabrito, eu sei que não quer. – Ela falava sério e entendia que os únicos sorrisos que ele era capaz de dar eram esses, os cínicos. Desconfiou que a tristeza dele fosse funda demais e continuou, séria, honesta e crua: - A briga que a gente teve ontem me ajudou numa coisa.

— ...

— Você me segurou pelo braço, mas eu vi o Jorge e vi outra pessoa também.

— Eu sei.

— Pois é. – Deu outra garfada para ter tempo de agrupar os pensamentos que somou durante o dia e só abriu a boca quando vazia – E eu não posso fazer isso comigo de novo.

— Acha que eu seria capaz?

— Não interessa se é. Interessa o que eu penso e o que eu acho. E eu acho que eu sou capaz de desgraçar a cabeça de um sujeito até ele perder a paciência comigo.

Ouviu o discurso da vítima que se coloca no lugar de réu e entendia. Tudo muito cedo.

— Você tá certa – cedeu – eu vou perder a minha cabeça com você.

— Eu sei, eu não sou boa coisa.

— Hoje foi dia do seu psicólogo – Ele não pode concordar com uma coisa dessas. Ela não era boa coisa? E todos os exemplos contrários disso, ele faz o quê? Joga no lixo e vira a cara, fingindo que não aconteceram? – Você foi?

— Fui não.

— Vou pedir o telefone para o Lipe e remarcar. Se eu remarcar você vai?

— Já remarquei.

— Para quando?

— Amanhã. Liguei implorando para a mulher e pedi com emergência.

— Bom sinal.

— Quer que remarca o seu?

— Não tô bom para conversar com ninguém. – Confessou. – Desculpe.

— A vida é sua. – Consolava-se, mais do que consolava a ele. – O que importa é cabeça erguida e em pé.

— Pois é... - Ela não sabe ou finge que não vê que ele passa longe de ter cabeça erguida?

— Levanta, Cabrito – Suspirou, conformada – Por que se você cair, eu caio também e eu não tô podendo cair, tem sobrinho meu a caminho e minha irmã vai precisar muito de mim.

— A Dê te contou?
— Aquela demônia mal tá olhando na minha cara, vai contar o quê?
— ... - Ele não disse, só mudou de assunto – Mas vocês vão se acertar.
— Vamo, claro que vamo. – E se ergueu da mesa, retirou os dois pratos vazios e terminou – O problema é que sempre custa o meu pescoço.
— Por algumas coisas o pescoço vale a pena.
— É, - e sorriu, porque de burra e lerda, passava longe – por algumas coisas valem esperar, também.

Capítulo 15

O médico proibiu a Dê de pegar avião por um mês inteiro. Ficaram lá, no país dos outros, como o Lipe gosta de dizer, por um mês inteirinho. A Dê deixou tudo em suspenso, entregou na mão de Deus, seja o que fosse, largou o trabalho para cuidar de si, obedecendo a mãe, cega para tudo o que não fosse roupa de bebê e exames.

Quem segurou as pontas foi a Bia, mas ela não disse nada, não levou problema para a irmã, não fez questão de mostrar serviço. Contratou uma empresa séria de advocacia para cuidar do caso do desvio de verba em Portugal, garantiu que a Beta estivesse sempre em segurança e continuou, dia após dia, assumindo os negócios que eram seus.

Mansamente, aos poucos, tentava manter o nível de produção de seus trabalhos atrás de uma mesa, mesmo sabendo que, para atingir o nível dela, nem um ano inteiro daria conta, mas, conforme pegava o andamento das coisas e conseguia um ritmo só seu, deixou rapidamente de deixar prazos e pagamentos vencerem.

Sem querer, a Dê deu a ela o poder de fazer tudo e de ver com os próprios olhos coisas que a Bia só ouvia falar. Assinava a folha de pagamento de duzentas famílias, muitas delas cuja renda vinham exclusivamente do Jockey, pai e mãe de famílias dependiam de seu trabalho e de seus cavalos, o que fez que a Bia parasse de ver o Jockey como a perfumaria ao redor do estábulo de seus premium.

Haviam, ela contava, os salões de festa, o clube, a arena de turfe separada da arena de corrida onde seus cavalos treinavam, a arena dos premium, as piscinas, o hospital, os três restaurantes, mais os quiosques, o parque e as quadras de futebol. Cada uma delas com funcionários que ela não sabia o nome, mas que a conheciam e sabiam de seus feitos.

Na parte administrativa de sete andares, só ali, eram trinta famílias trabalhando. A Dê gostava de empregar pais e filhos, filhos recém-formados com pais experientes, esposas e maridos, amigos indicados por outros amigos, tudo, a Bia imaginava a Dê falando isso, porque deixavam as pessoas se sentindo em casa e trabalhavam com menos níveis de estresse.

Por um mês inteirinho, Gustavo esteve ao lado dela, de apoio, secretário, amigo, confidente, mas nunca mais do mesmo jeito que no estábulo. A Bia conseguia lidar com um Gustavo amigo, conseguia ser ela, doce e salgada, tudo ao mesmo tempo, conseguia pedir ajuda e oferecer ajuda; redecorou o escritório da irmã pensando no futuro e no amigo. Mandou colocar um berço, outra mesa

de escritório, adaptou o banheiro do andar presidencial para caber um trocador infantil, instalou cortinas nas paredes nuas de vidro só para caso a princesa quisesse uma soneca e deixou a mãe que quisesse, fazer o mesmo na sua própria sala.

Um mês só, foi, mas parecia uma revolução profunda. O modo da Bia de trabalhar era ainda mais pessoal que o modo da irmã, ainda mais humano, menos burocrático.

Mais burro, é verdade, a Bia nunca conseguiu a mesma produtividade, mas, ao mesmo tempo, as pessoas conseguiam entrar umas nas salas das outras e conversar de assuntos sérios sem a tensão que parecia uma luz vermelha gritando: “Problema, Problema!”.

Quando a irmã chegou de volta ao Brasil, a Bia não foi buscá-la no aeroporto. Ficou em casa, ela e os pais que vieram de Minas, só preparando a casa.

A mãe viu a diferença na filha mais velha, não entendia o porquê, nem o como, mas via. As duas faziam bolo de fubá e pão de queijo ao mesmo tempo que arrumavam o jantar, e não se falaram muito, a Bia não estava disponível porque no telefone celular falava com o fornecedor de ração.

Seu André, cortando salsinha numa tábua, no cantinho para não atrapalhar, olhava a filha e sorria. Tomou jeito, menina? E tá se saindo uma bela negociadora. Falava de porcentagens de desconto, o cérebro rodando rápido sem usar calculadora, a Bia e seu caipirês, seu jeito bruto de falar, meio rude, quase brigando com o fornecedor e ameaçando, sempre que possível:

— Deixa, Seu Marcos, eu vou caçar outro fornecedor.

Porque ela sabia que o trunfo na mão do fornecedor é que eles alimentavam o cavalo mais rápido do mundo. E o segundo, e o terceiro mais rápidos, também. A equipe brasileira olímpica inteira de cavalaria e a seleção de árabes e ingleses com mais prêmios.

Tanto é, que se um fazendeiro médio vai comprar ração de cavalo em loja, lê no pacote: A Ração que alimenta o cavalo mais rápido do mundo.

— Não, Dona Bianca, por favor... - E ela sabia que o fornecedor poderia fazer um preço melhor, ele vendia quase a preço de varejo um atacado mensal absurdo de grande – O que a senhora acha que fechar um contrato anual conosco?

— Eu quero saber é de desconto, cabra. Contrato é com a minha irmã.

Chegou, tarde da noite, de moletom e blusa, abatida, cansada, com olheiras fundas, amparada pelo marido, do aeroporto direto para a cama. Tinha as pernas fracas, bambas, doídas. A Bia queria ir até ela, quando ela chegou, dar um abraço e pedir desculpas, ser desculpada por coisas que nem faziam tanta

diferença, matar a saudade e a aflição que a consumiu por um mês inteirinho.

Nenhum dos dias em que a Bia assumiu o lugar da Dê, a Dê mandou notícias para ela. Para os pais sim, para o Guto sim, mas para a Bia, nada. Nem mesmo um “estou bem” genérico. Pareceu querer puni-la e a puniu se punindo no processo.

Sabendo disso, a Bia não se manifestou quando a irmã chegou. Deixou que os pais cuidassem dela, os sogros, todo mundo, mas ela preferiu só não ir. Ficou esquentando caldos para que a irmã comesse, colocando as roupas sujas dela na máquina, até separou calcinhas rendadas de vestidos elásticos, mas não foi até ela e muito menos deu-lhe um abraço.

Estavam brigadas, Seu André sabia, todos sabiam, a miudeza da Bia quando a irmã chegou foi tão clara, que ninguém a incentivou a ir ter com ela qualquer dedo de prosa. Sabiam, todos os envolvidos, que elas tinham seu próprio modo de discutir e se acertar.

O único que quis ajuda da Bia era o Lipe, aos pedaços, aflito sem sono, passando por barras que os maridos têm de passar ao lado de suas esposas. Sentou-se no sofá, exaurido enquanto a mãe e a irmã ajudavam sua mulher no banho, e pediu colo.

O Guto já tinha colocado sua filha para dormir no quarto, de porta aberta, para que ouvissem seu choro, quando o Lipe chegou. O viu mais magro, abatido e de olheiras fundas e só esperou. O Lipe é o Lipe porque ele se manifesta. Todo mundo sabe quando ele tem problema e prontamente o ajuda porque ele se deixa ser ajudado.

— Ô, Lipinho... - A Bia disse, abarcando a cabeça dele no ombro, o tomando num abraço.

Tudo o que o Lipe conseguiu fazer foi chorar. De cansaço e frustração misturado com uma porrada de medo de perder mulher e filho. Encostou o corpo no corpo da amiga, a cabeça no ombro dela e se esvaiu. Só isso. Desde que foi a Portugal, o Guto, ao lado, entendia, não se permitiu chorar para não assustar a dele. E foi forte pelos dois enquanto estiveram sozinhos, até que conseguisse ser fraco com os seus.

Uma pena, o Guto pensava, um pouco enciumado, que o Lipe tenha achado seu porto seguro na Bia, não nele.

— Como tá... - Perguntou, limpando os olhos – a Leninha?

— Tá comendo mais que eu e você juntos. – Entregou um sorriso sincero ao irmão, grande, esticado, a Bia via que era falso, mas era um sorriso tranquilo que o Lipe precisava ver. – Tá tudo bem por aqui.

— Tá? – Bem? Não foi “bem” que o Lipe deixou quando saíram.

— Uai, tá tudo bem, sim. – A Bia afastou o rosto do Lipe de seu ombro

para vê-lo melhor – Achou que a gente ia se matar, é?

— Matar não, mas achei que ia ter um belo de um arranca-rabo.

— Cê falou a palavra mágica, daí parei de dar coice.

— Qual palavra?

— Andressa.

— Soubesse que era só isso, tinha dito há muito tempo.

— Tome tento, viu, Lipe, que senão sobra procê.

— Cês dois... tão juntos?

— De namorico? – Ela não entendia como o Lipe passava da água para o vinho assim, tão rápido – Pelo amor de Deus, volta a chorar por causa da Dê.

— Ué, estão ou não estão?

— Ela não quer.

— Êpa, vamo' devagar aí, não é que eu não queira –

— Então cê quer, Bia? – E o Lipe em cima.

— Também não falei isso.

— Quer ou não quer? – O Guto sorria grande e não parecia falso – Tô confuso.

— Olha, eu vou ali que eu ganho mais. – E saiu, sem nem ter para onde, direto para a cozinha, tudo para não ter que responder.

— Quer, - o Guto respondeu por ela – só não agora.

— Mas você quer?

— O quê?

— Jogar xadrez.

— Quero.

— Bom, isso é um avanço dos grandes.

— É, talvez.

— Talvez não, porra, ela é a primeira, não é?

— Longe disso.

— Guto, eu não tô falando de trepar.

— Eu sei.

— Cê nunca amou ninguém que eu sei, vai se foder.

— Nunca deu tempo. E também não tô amando ela.

— O quê?

— Mano, ninguém no mundo cai de amor assim não, você que é retardado.

— Caí, o pai também, sua mãe também. Todo mundo cai, só você que não.

— Nunca aconteceu comigo. – Mas logo se corrigiu – Quer dizer, só com a Princesa.

“Princesa”. Bem do jeito que a Bia fala. O Lipe ouviu, sorriu, acalmou o coração porque estava em casa, falou de amenidades, encontrou os seus, sorriu, riu, e voltou, como tem que ser, para receber a esposa que já tinha saído do banho.

Grávida, todo o corpo dela dizia. A barriguinha despontando, cheinha de amor, os olhos cristalinos de tanta água que passava por eles. Em casa, a calma dela dizia, finalmente. Sorriu tímida para o marido, medrosa, amparada pela mão do pai, do banheiro deles para o quarto.

— Amor meu, pai vai ficar quanto tempo você quiser, tá? – Deitava a filhinha, a mão paterna em cima do ventre, os olhos carinhosos. Alicinha vinha atrás, arrumando os travesseiros nas costas dela, os olhos vermelhos de chorar.

— O pior já passou, não preciso de tanto cuidado.

— A gente sabe, mas é que você lá longe matou a gente de preocupação.

— Me desculpe...

— Não tem que pedir desculpas, ninguém podia adivinhar. – Bateu as mãos nas calças e trocou de assunto – Tá com fome? Quer um caldinho de feijão? Sua mãe e sua irmã passaram a tarde toda cozinhando para você.

— Caldinho aceito. – Sorriu, olhando para Alicinha que já saía do quarto para buscar. – Mas com pouco sal, tá? Tô proibida de comer muito tempero.

— Vou lá ajudar Alicinha com o prato. – Comentou, saindo do quarto.

— Pai!

— Oi.

— Tá todo mundo em casa?

Sorriram, os dois homens da vida dela. Tá, Dê, todo mundo em casa. A Bia tá no andar de baixo sem saber como falar com você, rodeando que nem mosca de padaria, cheia de angústias e medos de confrontar você.

— Tá, Amor meu. Todo mundo em casa.

— Ela também tá?

— Tá, filha.

— Mas não vai subir, Nina. – O Lipe se intrometeu, se sentando na cama.
– Deixa para amanhã, tá?

— Tô só preocupada.

— Já falei com ela, ela está bem.

— E o Guto?

— Tá bem também, lá embaixo.

— Pede para ele subir?

— Peço.

Não desceu para chamar. Só se esticou do parapeito, gritou um “GUUUUTOOOO” e pronto, Guto ali, com outra camiseta surrada, jeans e botas

de pisar em gramas e em pasto. Botas? Ela pensou. Botas? Olhou de novo. É, botas. Anda por onde a Bia tem andado, né, Cabrito?

— Vou pro banho, tá? – O Lipe sorriu para a dele, depois de um beijo na testa – Se atualizem nas fofocas enquanto tô no banho, que depois a gente vai dormir.

— Sim senhor, senhor mandão.

— É isso aí, Dê, casou, então trate de obedecer marido. – O Guto parecia menos nervoso e menos tenso agora, do que quando ela foi a Portugal. O que de diferente aconteceu?

Tranquilo por estar em casa, o Lipe entrou no banheiro do quarto, cansado e sujo da viagem, deixando-os sozinhos para fofocarem. Sabia que a Dê via seu irmão como um igual, alguém com afinidades suficientes para trocarem figurinhas por horas sem deixar o assunto morrer.

Sabia também que, se tivesse ficado um pouco mais com a Bia, saberia dos detalhes. Estão ou não estão juntos? Sempre foram meio amigados, ele não é tonto, conhece o irmão e a cunhada que tem, mas nunca soube ao certo o grau de amizade.

Sozinhos no quarto, o Guto atualizava a amiga em assuntos domésticos. Podia ser poético e bobo, artificial e sem graça, clichê até dizer chega e grosso. Podia ser grosso e não dizer nada, mas tinha tanta coisa a dizer, que morria de medo de assustá-la. Tinha tanta coisa para pular dos lábios, uma atrás da outra, torrente, um turbilhão de coisa que ele não conseguia entender e queria que ela explicasse.

— Guto, devagar.

— É, eu sei, cê tá grávida, mas eu sei que você odeia que te tratem que nem bibelô.

— Odeio.

— Então não me peça para ir devagar.

— Você devia dizer isso tudo pra ela.

— Não dá, não tá boa pra ficar junto.

— Nunca vai ficar.

— Vai, tá procurando se tratar.

— Ela?

— Cê deixou ela sozinha pra afundar, mas a bicha tá voando.

— Nunca deixei sozinha pra afundar.

— Não, só queria que tomasse muito no cu. NÉ?

— Nunca, Guto, não fala uma coisa dessas.

— Então seja honesta, caralho, que eu não sou seu marido pra ficar falando com o olho.

— Eu só queria que ela se ferrasse um pouco na administração de tudo, que é para dar valor ao que eu faço.

— Só falta ela beijar o chão que você pisa, o que você quer mais?

— Você sabe o que eu quero.

— Você tá louca.

— É, Mana – Tomou coragem de subir e enfrentar a irmã, dar um beijo da boas vindas a ela, oferecer cuidados, ouvidos, vigília, o que fosse necessário. E deu de cara com os dois mosca-mortas falando dela. Com as botas do trabalho assando seus pés desde as seis da manhã, as mãos sujas de salsinha porque passou a tarde cozinhando para ela, meio por pedido de desculpas e meio por cuidados de irmã, o maxilar que resolveu doer mais porque toda vez que fica nervosa trava os dentes e isso machuca o aço dentro da boca, e eles ali, falando dela. Como se ela fosse uma irresponsável louca que só faz o que tem vontade e não entende o que significa responsabilidade – O que mais você quer?

Problema. E o Lipe não saiu do banho em tempo de apartar.

— O que EU quero?

— Por favor, Dê, pega leve.

— Não se intromete, Gustavo.

— Dê, se você se alterar, é o Lipe quem vai sofrer.

— Não tô querendo briga, Dê. – A Bia não era burra – Volto outra hora.

— Não, essa é a melhor hora, Bia, pode vir, tô doida para conversar sério com você.

— Mana, não fica brava. – A Bia se sentou no canto da cama dela, sem se aproximar, já congestionando o rosto de tristeza e mágoa – Não me maltrata, eu sou seu braço direito, as suas duas pernas, seus olhos, seu cavalo e seu cavaleiro. Só vim aqui pedir pra você não me deixar mais por fora da sua saúde e do seu bezerrinho que isso me corta...

— Bia, eu sou meus olhos, meus ouvidos e meu próprio cavalo.

— Não fala assim, Dê, pelo amor de Deus.

— Eu tô há um ano sem investir, tô pedindo dinheiro para a Alicinha para dar jeito no rombo que o Jorge deixou. Eu nunca te impedi nem diminuí a verba que vai para teus cavalos e morro sem fazer isso, mas eu vi que não posso contar com você porque você é egoísta demais, tá achando que eu tô processando o Jorge por capricho, mas isso aqui não é o Rancho da Pamonha, olha o tanto de família que a gente emprega, tá pensando que prêmio de cavalo sustenta todo mundo? Você foi contra eu erguer o Clube do Jockey, foi contra eu abrir a Sede de Turfe, foi contra a gente se aliar à Federação de Hipismo, é contra eu abrir campeonato de turfe (e isso já nos rendeu um dinheiro muito fácil, você lembra bem), mas como você acha que a gente se mantém? Se não

sou eu, Bia, a gente ainda devia dinheiro para Delgado e Amarantes, então você me perdoa por querer que você se ferre um pouco na administração e querer mais de você do que o que você está disposta a dar.

— Depois vocês conversam. – O Guto tentou.

— Dê, não briga comigo, você sabe que eu nunca quis...

— Esse é seu problema, Bia! Você nunca quer nada! Você é capaz de se enfiar no meio do esterco do cavalo, mas não é capaz de perceber que tudo o que eu fiz e que eu faço é pelo nosso bem, pelo seu bem; e se eu falo para processar o Jorge é porque ele tá devendo duzentos milhões para você e é por pouco, bem pouco, que você não entrega tudo o que a nossa família ergueu de mão beijada para aquele filho da puta!

— Eu jamais faria isso!

— E eu não vi que você caiu no canto da sereia quando ele pegou Carolzinha no colo?!

— Bia, - o Lipe saiu do banho com a toalha no pescoço e sentenciou, sem disse-me-disse, direto e reto: - sai.

— Não, marido, deixa ela aqui que ela vai ouvir tudinho que tá engasgado desde que voltamos para o Brasil.

— Bia, eu não vou falar de novo.

— Eu nem tive tempo de casar ainda, Marido! – A Dê tem as glândulas frouxas, todo mundo sabe. Não segurou, nem nunca vai segurar, choro. Os olhinhos assados de tanto chorar de medo pelo bebezinho no ventre, agora choravam de angústia e raiva – Nem Lua de Mel a gente conseguiu tirar porque eu não consigo parar nem dois dias da semana e tudo por causa da turronice dela de achar que nosso dinheiro dá em árvore! Eu não aguento mais, marido, eu não aguento tanta carga! Eu não aguento mais proteger essa mulher, nem servir de tapete para ela pisar em cima! Ela me acha dinheirista, que eu vivo pelo dinheiro, me despreza nos esforços, já a vi falando que terno e grava não põe cavalo na pista, mas, me diz quem segura as pontas quando ela inventa de erguer hospital de cavalo bem no meio da nossa maior crise?! Me diz quem é que compra ração, quem paga os peões, quem manda limpar a arena, quem manda asfaltar de seis em seis meses? Me diz?! BOTA E CHAPÉU É O QUE NÃO É! Tira o chapéu e a marra, Bia, que cowboy aqui só tem eu! Eu quase tive que vender o escritório de Portugal por causa dela, Marido, e, ah! Quer saber do que mais, Bianca? Portugal também tá desviando verba!

Quase como todo cavalo solto no redondel pela primeira vez. Corre, dá coice, se esquiva, tenta machucar o domador para não ser pego. Assustada. Já encarou uma égua assim uma vez, ela lembra bem, dói sempre. A Bel e a Dê são as melhores do mundo, isto está claro.

E o problema delas é que elas atacam quando estão assustadas, mas com cavalo assustado a Bia aprendeu a lidar. Não havia nada no mundo que Bianca não aprendesse. Não havia coice no mundo que a derrubasse. Já tentaram, mil vezes, mas levantar-se não é opção. Vão tentar fazer-te cair, Amor. E vão quase conseguir todas as vezes.

Com o peito dolorido, os olhos molhados de receber tanta porrada de quem mais ama no mundo, do mesmo jeito que fez com a besta-cavalo, fez com a Dê: tentou de novo. É uma mulher grávida que sangrou sozinha bem longe de casa e do marido para tentar resolver um esquema de desvio de verba. É uma mulher grávida que tem medo de perder o marido se perder o filho, que tem medo de perder o trabalho se perder dinheiro, que tem medo de se perder, se perder tudo isso.

É uma mulher com gravidez de risco tão imersa nos problemas que não enxerga que seu aparato familiar são suas pernas. Que ela nunca esteve sozinha e não é agora que ficaria.

Com um sorriso comprido e honesto na face, esqueceu que o Lipe a mandava sair, que o Guto só queria que a Dê parasse com as ofensas, e se ajoelhou ao lado da cama, bem perto dos olhos dela, buscando lá no fundo onde as palavras ruins não existem e bem onde as memórias só as faziam irmãs.

— Eu sou teu cavalo, teus olhos e tuas pernas, Mana.

— Não, Bia...

— Eu, Mana. Eu. Nada caiu até agora, nada vai cair. A gente dormiu de tanto chorar por muitas vezes até chegar onde está não foi? Lembra eu chutando a cara do Amarantes, segurando o rosto na mão, falando enrolado porque eu não tinha mais queixo, tudo porque ele achou que podia contra nós? Lembra, Mana, Lampoul e você arrancando força do útero para proteger a gente? Dê, eu confio cegamente em você. Você que é minha alma gêmea, lembra disso? A minha estrela no deserto. É em você que eu confio, entrego meu coração na sua mão e faço o que você quiser, de olho fechado.

— Eu sei, Mana, mas eu não aguento mais...

— Com quantas equipes médicas você brigou para poder me dar um rosto de novo?

— Seis países e dezessete médicos. – Lembrava-se.

— E você ficou puta quando eu encarei a Bel de novo, não foi?

— Foi...

— Hoje ela é o cavalo mais rápido do mundo. – Sorriu, percebendo que já desarmava a irmã – Você sempre me protegeu, rezou por mim, pavimentou a minha estrada. Eu sei, Dê, exijo demais, tenho problema demais, mas você nunca desistiu de mim antes. Acredita em mim quando eu falo que não

decepção. Você apostou cem mil seu e quatrocentos do pai, eu nunca esqueço, tudo para eu fazer meu projeto em potro roncador e potro asmático. Foi ou não foi? Dobramos em um ano, triplicamos em dois anos, ‘tamo aqui, agora, onde as mulheres não vão, mandando nesse monte de peão macho, nossa escuderia nas olimpíadas, o Leo e o Benício com os seus filhotes rodando o mundo... É ou tô errada, Dona Botelho?!

— É, Mana.

— Então trata de me dar um sobrinho perfeito de olho igual ao seu... - beijou o rosto da irmã, as mãos e o ventre que só ali ela percebeu como andava grandinho e cheinho de amor – Que a gente deixou seu príncipe esperando por muito tempo para deixá-lo morrer na praia, não é?

— É, Bia...

— Então confia em mim, larga tudo nas minhas costas que eu sou capaz de cuidar da gente como você sempre cuidou.

— Desculpa te falar aquela montanha de coisa – Respondeu, enxugando as lágrimas e sentindo as mãos ásperas da irmã as enxugando também.

— Te amo, Dê, não esquece disso. Te amo e sempre amei, mais do que amei o Sérgio, o Jorge, ou qualquer cara que vier. No meu chapéu é você, a mãe e a bocudinha, ninguém mais, tá me ouvindo? Agora descansa, que eu vou ensinar seu marido a fazer o chá que você gosta porque ô família ruim de cozinhar, esses Ferreira.

— A gente tá ouvindo, Bia.

— E é segredo, Lipe? É você que não sabe nem fazer chá e teu irmão com o pior macarrão que já comi na vida.

Capítulo 16

Deitado na própria cama se sentia um irmão ruim. Um parente relapso. Via a Bia aos pedaços, o jeito silencioso dela pelos cantos, o jeito dela de falar sobre os homens que foram seus, mas bastava a irmã precisar, ela estava ali, inteira, como uma rocha. Ninguém nem via fraqueza na mulher que animava uma irmã com gravidez de risco.

E ele nem olhou direito para o Lipe. Esperava que ele conseguisse lidar com tudo sozinho? Logo o Lipe, que sempre o teve como seu melhor confidente? As mensagens da Manu vencem sem resposta. O pai e a mãe não vêem a neta há semanas.

Sorriu pensando no toquinho de amarrar burro. A Manu o chama para sair, quer contar de seus dias, só quer o irmão por perto, nasceu com ele, viveu a vida inteira ao lado dele, precisando ou não, ele era o Guto e o Guto que a Manu conhece e ama, sempre esteve lá por ela.

Olhou no relógio do celular e bateu saudades da baixinha. Dos dias do malfeito em que andavam por aí sem rumo, bêbados e risonhos, contando piadas sobre pintinhos e pontinhos coloridos no meio da floresta, revelando segredos que não eram segredos para ninguém e chorando, às vezes até sem motivos reais, bêbados fazem isso, um no ombro do outro.

Manu... Sorrindo, colocou o telefone na orelha.

— Caralho, esqueceu que tem irmã? – Ela também nunca foi de começar as conversas do jeito certo.

— Oi, Manu.

— Tá com voz de sono. Tá deitado, idoso?

— Botei Madalena para dormir e tô aqui com ela.

— E como tá a minha GoLdinha?

— Tá... bem, tá dormindo melhor, tá me deixando dormir.

— E você, pelo visto, continua mal.

— Tô indo.

— Tá, agora me fala porque cê me ligou: do que você precisa?

— Não tô precisando de nada.

— Você nem responde mensagem, seu bosta, tá me ligando é porque tem motivo. Dinheiro não pode ser que cê tá com a parte rica da família. O que é, o que cê quer?

— Nada, Manu.

— Então tá, então tchau.

— Manu!

— Ê, caralho. Não me enrola, Gustavo, que eu não tô num bom dia.

— É sério, liguei porque bateu saudade.

— Saudade cê mata vindo aqui, telefone é só pra pedir coisa. Tá com saudade, sai comigo, seu bosta, não fica de mimimi no telefone, não.

— Já te falaram que você é um doce?

— Pois é, você também. – Fez uma pausa respirando fundo e o Guto não entendeu o que tinha demais na voz dela que a deixava tão pior que sempre – Tô indo aí.

— Não, a Dê acabou de chegar de Portugal, o Lipe tá um bagaço, a Bia tá dando uma de mãe pra cima de todo mundo, melhor não, vamos deixar para outro dia.

— Eu falei que tô indo aí.

— Eu não devia ter te ligado hoje.

— Olha, Gustavo, primeiro você vai tomar no cu bem bonitinho, tá? Segundo, que cê só me ligou porque tá carente que eu sei. Vivia na minha cola quando era residente, me chamaria pra beber todo dia se eu tivesse grana, mas nem me falou que ia para Bahia, nem me falou que tava de saco cheio de tudo, nem me contou da Goldi, nem nada. Eu tô muito puta da minha cara, então não vem de grosseria comigo não, que cê só vai levar patada.

— ...eu vou ver se tem cerveja na geladeira.

— Isso, Gustavo. Que já chamei o Uber.

— Me liga quando chegar.

Com cuidado, deixou a bebê rodeada de travesseiros e a porta aberta. Não sabia se a irmã já tinha jantado, então preveniu que ela bebesse muito sem comer: achou bife para fritar na geladeira, já temperado, cortou pão em fatias e deixou tudo na mesa, para caso ela quisesse. Recebeu a mensagem de compartilhamento de viagem para saber se Manuzinha estava chegando, a viu encerrar a viagem, sabia que ela estava dentro dos portões do Jockey e só não foi recebê-la lá fora porque a bebê dormia e o Lipe se trancou no paraíso deles, do Box in a Box.

— Pai tá te chamando de Ingrato – Ela sorriu, atarraxada no pescoço do irmão, de saudades e carências. De cabelo branco descolorido e moletom escuro com uma caveira na frente, nenhum indício de que seu corpo era coberto de tatuagens conectadas, numa brincadeira do Lipe e dela que nunca tem fim. Se juntam e começam a imaginar tatuagens para fazer juntos, com significados matemáticos e cósmicos que não fazem a menor diferença para o Guto.

— O pai tá sempre reclamando de mim.

— Sempre não, só quando você faz merda.

Sempre. Ela trazia uma sacola de mercado com porcarias e um engradado

de cerveja. E dava tempo de ir no mercado, comprar coisas, e chegar tão rápido? Olhou a irmã se enfiar para dentro da casa do Lipe e entendeu que aquela sacola era de mercado, mas não significava que ela tinha ido ao mercado.

— Cê roubou cerveja da mãe? – Até porque, Seu Rodrigo não bebe cerveja.

— Amanhã reponho. Ela vai entender. – Olhou a travessa tampada com bifos e cebolas douradas, os pães cortados em rodela e sorriu – Caramba, a gente precisa se ver mais vezes.

— Eu sei que cê não jantou.

— Por isso mesmo que eu trouxe porcarias.

— A gente pode comer os dois, ué.

— Ó aí o Lipe fazendo efeito em você.

— No quê?

“Ué”.

— Convivências – Respondeu – Eu sou médico, eu cuido de gente, me contamina.

— Falando assim, parece que é doença.

— E é um tipo, sim.

— É?

— “Felipese”. – E riu, coitado, sozinho.

— “Felipite”.

— Inflamação nas Felipas.

— Não posso ir pro trabalho hoje, atacou minhas Felipas. – Ela ria, olhando o irmão, matando a saudade sem falar, sentando na cadeira da cozinha que ele puxou para ela.

— Posso fazer seu atestado, se você quiser.

— Não pode, sua licença tá suspensa – Falou sem querer ofender, mas ofendeu e percebeu. – A mãe falou.

— Não precisava ter falado disso.

— Desculpa.

— Eu estava matando saudade das piadas sem graça.

— Eu seeeeei!

— Então por que teve que tocar nesse assunto?

— Saiu, Gutão, desculpa!

— Cê é foda, Manu. Caralho, ‘tava tudo bem, por que foi me lembrar disso?

— Põe a cerveja para gelar senão esquenta – tentou, apontando para a sacola de mercado em cima da mesa – Já falei que foi sem querer.

— Tá, foda-se.

Comeram. Um puta climão pesado, os dois sentiam. Nem se olhavam. Pescavam salgadinhos abertos que abriram sem um oferecer para o outro, abriram cervejas sem tim-tim, o Guto pegou um bife inteiro e colocou no próprio prato, rasgando com a faca, sem cuidado nem silêncio, misturando o pão. Bravo, a Manu sabia. O Guto quando fica bravo faz barulho. Dependendo da braveza, abre as portas dos móveis e fecha com força só para fazer barulho.

Mas não diz nada.

— Tô namorando. – Ela tentou engrenar um assunto novo, depois que ele parou de assassinar o bife e já comia com algum prazer.

— Rafael ou Gabriel? – E ele comprava o assunto, mas desconfiado. Não a olhou nem mesmo uma vez.

— Por que é que tem que ter *ou*?

Parou de mastigar na metade e a olhou nos olhos, finalmente. Por que é que tem que ter *ou*? Por que só pode namorar um, ué. Ela não olhava para nada além do prato vazio. Suando nas mãos. Nervosa. Estava morrendo de vontade de contar para alguém desde a formatura do ensino médio, dois anos atrás. Manuzinha já tem vinte e bebe como um Opala 96.

— Eeeeei! – Comemorou o irmão mais velho ao ver os dois mais novos juntos à mesa – Monstrinha, que bom te ver!

O Guto olhava para a Manu sem dizer nada, doido de vontade de entender o que era aquele “*ou*”. Olhava num exame clínico milimétrico. Manu suava nas mãos, comia a beirada do lábio de cima e os olhos... tão pretos como os da mãe, tão óbvios. Molhados. Chorava de nervosa? E Manuela Ferreira é capaz de chorar?

É capaz de fazer berreiro e manha, mas, chorar? E por que tá chorando ao falar de namorado?

— Lipinho! – Ela disfarçou, recebendo um beijo na cabeça, sorrindo sem querer e se desamarrando da tensão do outro irmão – Fez boa viagem?

— Fiz, andar de jatinho é legal. – Sorriu antes de se virar para a torneira da pia e beber água sem copo.

— Caralho, cata um copo!

— Pra quê?

— Nossa, Lipe, trinta anos nas costas e continua bebendo água dessa maneira.

— Vinte e nove* - Corrigiu, limpando a boca nas costas da mão.

— E a Dê? – O Guto cortou. – Tá melhor? Tá mais calma?

— Tá, tá dormindo um pouco - respondeu, servindo a si e a irmã com bifes. O dela ele colocou num prato, com cuidado, apresentou faca e garfo, mas o dele, pegou com a mão mesmo e cortava o pedaço com os dentes.

— Nossa, Lipe, o que tá acontecendo com você? Que nojo, cata um prato!

— Manu, essa é a casa dele. – O Guto defendia.

— E daí? Só por que saiu da casa da mãe tem que comer que nem um cavalo?

— É só um bife. – E o Lipe apoiava.

— É! Mas, aff, Lipê, vou nem comentar nada, vai que é doença.

— Filipese. – O Guto sorria.

— Nojeira!

— Manu, eu só tô comendo rápido.

— Pra ficar com dor de barriga? – Fechou a cara, levantando da cadeira e caçando utensílios na cozinha que não era sua – Senta e come que nem gente! Que isso, pô! Dá licença. – e reclamava, revirando os armários até achar: um prato, garfo e faca, e um copo, onde ela derramou metade da sua cerveja aberta – Que nem gente, viu, ô, Bruto!

— Bruto. – O Lipe ria, obedecendo. – Logo eu?

— Senta e cala a boca, Felipe, não me tira do sério!

— A toquinho tá arisca, hoje. – O Lipe ria com o Guto como se a irmã não tivesse acabado de se sentar com ele.

— Daqui a pouco ela sobe no banquinho para te dar uns tapas.

— Eu sou alta, tá?!

— Ahã, senta aí e come seu bife.

— É, para uma mulher eu sou alta!

— Tá, tá, Manu. Senta aí e fica de boa. Mais chilique hoje eu não aguento.

— Teve chilique de quem, hoje? O que eu tô perdendo?

— A Dê quis arrancar o couro da Bia – O Guto respondeu pelo Lipe.

— Sééééério? Aquelas duas vivem grudadas, como que deu barraco, gente?

— Barraco bom de ver, até. Fizeram as pazes no final.

— Então nem foi tão barracão assim.

— É, espero que agora a Dê sossegue. Tá acabando comigo essa mania de CEO de cavalo dela.

— Mas o que tem a Dê que tá toda alterada, brigando com geral, te mandando lá pra Portugal? É o bebê?

— Descolamento da placenta. – O Lipe respirou bem fundo na hora de dizer a fonte dos problemas – É isso. Trinta e seis por cento descolado e o repouso é total, mas ela me ouve? Ouve porra nenhuma, fico de bibelô dela do lado falando: “Amor, aquieta seu cu, fica tranqüilinha, só hoje, pelo amor de

Deus”.

— Bibelô não, tá fazendo seu trabalho de marido.

— Tá bom, Advogado do Diabo, deixa eu contar pra minha irmã o que tá rolando, não precisa defender sua amiga o tempo inteiro.

— Ela já tá fazendo a pior parte, Lipe – A Manu, por acaso, servia e ajudante de advogado? – Então faça a sua, não reclame.

— Quanto a Dê tá pagando vocês?

— Quê?

— Eu não tô reclamando, Manu, tô só contando.

— ... e a Goldinha, - voltou-se para o Guto só para poder ignorar o Lipe – tá tudo bem com ela?

— Já falei que tá.

Ela só queria saber dos irmãos. Só queria saber o que eles têm feito, o que têm lido, o que têm assistido, qual time ganhou de qual, o que o Lipe inventou para fazer de babaquice, o que o Guto inventou de fazer, o que eles têm criado, pelo que têm passado. Só queria saber. Só queria matar saudades. A casa dos pais anda vazia demais, triste demais, solitária demais. Só ela em casa, às vezes, só os pais. E na maior parte do tempo: ninguém.

— E a mãe, se virou bem sem mim?

— É, por mensagem ela finge que tá tudo legal para não te assustar, mas só ela e a Clau não tá dando liga, não.

— Eu adiantei o que pude, lá em Portugal.

— Eu sei, o trabalho nem tá atrasado, estamos dentro do cronograma.

— Então qual a fita?

— A mãe é ruim de lidar com gente. Sempre foi. Você também é ruim, mas a mãe é pior ainda e nesse um mês que cê ficou fora, a mãe mandou três empreiteiras para a merda e um empresário ir se lascar.

— Mãe fazendo mãezice.

— É que os caras entram lá caçando você e achando que ela é sua secretária.

— Ela fica sentada naquela mesa bem de frente para a porta, você queria o quê?

— Vai lá e reclama com ela, ué, não comigo.

— ... os caras não têm bola de cristal.

— De todo jeito, cata o telefone deles que a mãe largou em algum canto e liga, assim que voltar para o batente, marcando reunião lá no pico do pai.

— Tá.

— Você é a cara da empresa, Lipe, não a mãe. A mãe tem que ficar escondida do cliente, só falar o necessário e sair logo.

— Ela nunca teve jeito com gente. – O Guto comentou, passando uma rodela de pão na gordura de carne da bandeja.

— Tem mais bife? – Manu olhou para o irmão – Que um só não matou minhas lombrigas.

— Fritei o que tinha.

— Mas não tem nada descongelado? – O Lipe estranhou, se levantando para olhar a própria geladeira – Porra, tem comida pra caramba.

— Eu vi esse monte de pote aí e nem abri, fiquei com preguiça.

— Caramba, tem comida até o fim da semana.

— Bota pra jogo – Ela sorriu, se levantando da cadeira para espiar o que tinha – Geeeeente, isso é Tutu?

— A comida favorita da Dê.

— A gente pode comer?

— Ué, se tá na geladeira é pra comer.

— Então bota um pouquinho aqui no meu prato, Lipinho, que se é o Tutu da Tia Geca, eu vou comer acreditando que Deus existe.

— Tem arroz também, Ogra. Quer?

— Claro.

A segunda rodada de comida começou melhor que a primeira. Atacaram, os ratinhos, à geladeira, abastecendo aos próprios copos também e esquentando tudo no micro-ondas, um prato por vez.

Na terceira rodada de comida que começaram a conversar de si mesmos. (Não atacaram muito o tutu porque era claramente comida para a Dê, mas não fizeram nenhuma cerimônia com o restante dos potes e das carnes já fritas, nem do feijão, nem do caldo, nem da costela assada, muito menos das sobremesas em potes de vidro, feitas de cremes em camadas, sem ninguém saber direito qual creme era o quê).

— Falou *ou* por que, hein, Ogra? – E o Guto, bebendo, já perdia as travas da língua. – Tá catando os dois?

— GUTO, não é pra falar!

— Uma porra que não é pra falar.

— Do que cês tão falando?

— Manu tá namorando. – E ria.

— Guto, você é uma putinha!

— Ué, Guto, tá fazendo piada por quê? Cê também tá. – Lipinho era O Lipinho, irmãozão da Manu, porque ele nunca deixou a Manu ficar por baixo.

— UKEEEEE? GUTO TÁ O QUÊ?

— Cala a boca, minha filha tá dormindo.

— Uma porra que eu vou calar a minha boca, Gustavo. Desembucha

agora!

— Só se você começar primeiro, Dona Flor.

— O Guto tá catando a Bia.

— Cala a boca, Lipe!

— O Guto tá catando quem? A Bia?? A NOSSA BIA??

— Foi uma vez só, vai se foder.

— Não foi não.

— Cala a boca, Lipe!

— É a Bia que eu tô pensando?

— E quantas Bias cê conhece, caralho?

— Foi só uns pegas.

— Se foi só umas pegas, Guto, por que ela te deu o chapéu dela?

O Guto não respondeu. Baixou o rosto, quase envergonhado. Peça de irmão é feita para ser assim, para constranger quando você já é pai, médico formado, adulto e dono do próprio nariz.

Porque se não for para deixar desconsertado, para que serve crescer junto?

— A Bia te deu o chapéu dela, Gu?

— Tô te falando, Ogra, o Guto tá convertido.

— Soldado abatido?!

— Nunca fui soldado.

— Nunca fomos. – O Lipe rebateu.

Pararam os três, bebendo cerveja, sem dizer nem rir de nada: É, nunca foram. Nasceram do amor.

— Tô catando os dois – Ela assumiu.

— Rafael & Gabriel?

— É.

— Vocês três nunca me enganaram. – O Lipe não ria, era um assunto sério, mas ele levava no rosto o mesmo sorriso de canto de boca que Seu Rodrigo levava, quando sabia das coisas e gostava de se vangloriar disso. – Você conversava mais com um e deixava o outro de canto, dava para ver, estampado assim, ó: TÁ! Que o outro estava se roendo de ciúmes de ser posto de canto.

— Tanto assim?

— Aquele dia que você deu a mão pro Rafa, rapaz, o Gabi tava que só faltava chorar.

“Rapaz”, o Guto ouviu. Olha a Bia contaminando o Lipe.

— Cê não pode apoiar um troço desses.

— Você que não pode deixar de apoiar. – O Lipe continuou, depois de trocar de latinha – Porque quando a mãe souber, essa daqui vai estar tão fodida,

que a gente vai precisar fingir que apoia.

— Fingir, Lipe?

— É, tem dois caras comendo a minha irmã, cê vai ter que me dar um tempão para assimilar isso. – Fez uma pausa trocando a cerveja quente dela por uma gelada – E não me olha com essa cara, porque eu te amo e você sabe, mas não dá para ficar tranquilo. Não agora.

— Não gostei, Manu. Nem vou fingir.

Com outros ela podia bater no peito e fazê-los engolir tudo o que disseram, podia reagir, mandar para aquele lugar. Com aqueles dois, não. Morria de medo do que eles diriam, do que seus pais diriam, morria de medo de ser vista como vadia e gulosa, por cogitar que eles possivelmente imaginariam onde cada um enfia o que e em que buraco.

— Não chora. – O Guto mandou.

— Não tô chorando!

— Tá sim. Não chora. – Repetiu – Porque se é isso o que você quer, se está segura com isso, então você não se magoa. Você impõe.

— Vocês são os primeiros a saber.

— Ficamos contentes, mas não estamos felizes.

— E você queria o quê? Hein?!

— Não grita, olha a minha filha.

— Dá um tempo pra ela. – O Lipe defendia – Há quanto tempo, já?

— Cinco anos.

— CINCO?

— ShhhH!

— Cacete, Manu.

— Essa família tem coisa com cinco anos, vou te falar. – O Guto resmungou, num tom jocoso, fazendo as contas. Estão juntos desde o primeiro ano do ensino médio? A Manuzinha, aquela Manuzinha de catorze/quinze anos, botinhas, meias até os joelhos e muito lápis preto no olho, já andava de bando e nem contou nada?

— Então é sério, porra, cê não tá catando ninguém.

— É sério, caralho, cê acha que eu ia andar por aí com dois caras se não fosse MUITO sério?

— Eu conheço várias que andariam com dois caras só por diversão.

— Mas eu não, Guto! Eu tô falando de coisa séria, de namoro firme! De dia dos Namorados com restaurante reservado, de aliança de compromisso, de um sempre mandar mensagem de bom dia pro outro! Eu tô falando muito sério!

— Eu nunca tive isso. – O Guto comentou.

— É, mas vai ter. – O Lipe comentou.

— Vou nada.
— Vaaaaai, ô se vai.
— Vou nada, tomei pé na bunda ontem.
— Tomou nada. Vai fazer até bem, cê vai ver.
— É, mas agora não tá legal, não.
— Então cê quer, né?
— Quer o quê? – Perguntou a baixinha.
— Jogar xadrez. – O Guto sorriu o primeiro sorriso grande em muito tempo, mas se levantou da cadeira e buscou uma longneck de vidro porque não queria que ninguém visse.

Capítulo 17

Ela estava tão nervosa que usou a tática da irmã e do pai. Vestiu-se o melhor que pôde, à sua maneira. Tirou a etiqueta de uma calça jeans nova que se perdia no armário cheio de roupas caras e nunca usadas, uma jaqueta de couro, branca, presente vai saber de quem e quando; violou o lacre de algum perfume, qualquer um servia, ela não gostava de nenhum. Olhou-se no espelho do banheiro do quarto: maquiagem? Para ficar com cara de palhaço? E o cabelo? Para dar jeito nisso, vão-se semanas de banho de creme. Deixou solto porque solto era diferente do preso de todo dia. Um cabelão aloirado, queimado de sol, pesado como os das irmãs, liso, dançando em cima das costas e estranhando, cada fio, como que pode tanta liberdade.

A grande novidade do dia é que foi convidada, pela própria psicóloga, a enfrentar outras mulheres, tudo reunida numa mesma sala, para falar o que sofreram. Largou a administração do Jockey mais cedo, voltou para casa, predisposta a ir e mostrar o melhor de si. Não vai falar para um bando de mulher aquilo que não conseguiu nem falar com a irmã. Não vai falar e, se é para ir, até vai, tudo bem, a doutora falou que vai fazer bem:

Mas não vai mesmo dar ao braço a torcer que é como elas. (Mesmo porque não é.). E convencia-se disso. Nenhuma delas é tão bruta, nem tão boca dura. E repetia essa desculpa boba como um mantra.

E estava tão na defensiva, que quando chegou no carro, nem sentia mais o cheiro doce e enjoativo do perfume. Vestida como uma empresária de Jockey, não como a Botelha mais velha que todo mundo conhece. O chapéu e a jaqueta de couro que lhe caía muito bem dava a impressão de ela ser como aqueles universitários que se acham cowboy bruto enquanto seguram uma latinha de cerveja na mão e vão a shows de outros metidos a cowboys, metidos a brutos que cantam de amores e bebedeiras.

Ou seja, ela sabia que era um disfarce. Pegou um carro emprestado da garagem da irmã, qualquer um servia, o menos afetado de todos era melhor. Dirigiu até o centro da cidade, por lugares de São Paulo que ela sabia que existia, mas nunca teve de ir. Entrou num Centro Social, não entendeu o que era aquilo. Era do governo? Rica demais, mimada demais para tudo isso, pensou. Viu uma menina de não mais que nove anos brincando com a irmã mais nova, no canto da parede do corredor ainda sem pintura nem reboco. As duas dividiam uma boneca sem rosto, não tinha mais tinta nos olhos, nem na boquinha.

Com o coração cortado só de ver uma menina brincar, perguntou para qualquer pessoa que passava onde ela devia estar e seguiu pelo corredor aberto

com chão de paralelepípedo até a única porta aberta que viu, onde, na frente, impresso numa folha de sulfite, indicava:

REUNIÃO: 19h.

Eram dezenove horas, uai. Então é lá, não é? Entrou, procurou um rosto conhecido, mas viu vários. Timidamente e retraída, do jeito que Bianca Botelho não é, procurou um lugar para sentar no círculo de mulheres que se reunia e conversavam baixinho umas com as outras, não achou cadeira vaga e sentiu-se deslocada. Não tem cadeira, então melhor ir embora.

Uma das mulheres ofereceu a própria cadeira, disse que ia buscar mais, fez questão que Bianca se sentasse, mas, deslocada, não conseguiu nem sentar, nem partir. Ficou em pé sem reagir até ver a mesma mulher chegar com outra cadeira. Bia Botelho sem saber onde enfiar as mãos. Sorriu em agradecimento, um sorriso amarelinho e sem graça, depois se sentiu obrigada a sentar e não falou nada até ver alguma coisa familiar no grupo.

Viu a própria psicóloga chegar trazendo a própria cadeira e a bolsa à tiracolo, sentou-se entre duas mulheres que ela parecia conhecer, cumprimentou-as com abraços apertados e um sorriso cativante, então olhou para Bianca com um sorriso de aprovação.

— E então: - disse, chamando atenção de todas, esfregando uma mão na outra, sorridente e ativa – o que temos feito de bom?

— Eu começo! – Estavam num círculo de cadeiras, cada mulher podia ver a outra com nitidez e proximidade, não mais que quinze mulheres numa sala que cheirava a mofo e que passava longe de iluminada, com seu forro de madeira e uma lâmpada fluorescente pendendo pelos contatos elétricos. A mulher que se pronunciou parecia ser avó, já, acumulava gordura na cintura ao ponto de não ter curvas, a blusa sem mangas repuxava nas voltas da barriga e bolinhas de desgaste embaixo do braço. Arrumou a blusa para falar, não tinha todos os dentes na boca e, quando falou, a Bia percebeu que metade do rosto dela não mexia. Derrame? – Arrumei um emprego, Dona Angélica.

Angélica: A psicóloga tinha o mesmo nome que sua mãe.

— Que coisa boa, Dona Marisa.

— Não é carteira assinada, é um bico, mas para começar tá bom, né? – Derrame não, *paulada*.

— O importante é ter seu dinheirinho.

— Nem fala, Dona Angélica, que é isso o que me faz acordar de manhã – Outra emendou, com um lenço na cabeça protegendo a falta de cabelos, um batom bem vermelho em cima do rosto pálido – Só de saber que a luz tá paga, dá uma paz na gente, né?

Coisas que a Bia nunca teve que se preocupar.

— Alguém mais quer compartilhar antes que eu apresente as novas colegas?

— ... - as que se conheciam cochichavam entre si, dizendo que nada de bom havia lhes acontecido.

— Bom, esta semana temos duas novas colegas. – Angélica disse, tirando a bolsa do colo e pendurando no espaldar da cadeira – Dona Lúcia e Dona Bianca. Dona Lúcia trabalha no mesmo lugar que a minha filha e foi minha baby que trouxe ela para cá; e Dona Bianca é minha paciente. Sejam muito bem-vindas, estamos contentes que estejam aqui e espero que a gente ache, juntas, uma saída para tudo isso.

O coração da Bia foi na boca só de pensar em ter que falar qualquer coisa sobre si mesma. Ela não é como elas. Não tem nem que estar ali, só queria um band-aid no coração ferido para conseguir ajudar a irmã a pôr um filho no mundo.

Não tinha coragem, nem vontade, de falar. Não queria ser obrigada, fica agressiva quando encurralada, só estava ali porque foi convidada, porque a psicóloga falou que seria bom. Estava a fim de ouvir, é claro, mas de falar?

E vai falar o quê?

— Tudo bem de vocês duas se apresentarem para o grupo? – Angélica perguntou. – Só o nome, quantos anos tem, o que faz da vida... Digam o que quiserem.

— Eu... - Dona Lúcia olhou para Dona Bia. Uma queria que a outra falasse para poder ficar para depois. – Tudo bem, eu vou. – Dona Lúcia disse, mexendo no cantinho dos dedos, sem olhar para a plateia – Eu sou Lúcia Cardoso, tenho quarenta e cinco anos, sou Pedagoga formada, tenho duas filhas e tô aqui... tô aqui... - Pigarreou. – Tô aqui... é muito difícil. A minha filha que me alertou primeiro, sabe? Ela me mostrou uma postagem de facebook e eu fiquei dias com isso na cabeça... Será mesmo? Então no aniversário da mãe dele eu quis colocar um vestido muito bonito que eu não usava há muito tempo e... e...

Dona Lúcia tinha as unhas roídas e os dedos nervosos. Falou pouco, morrendo de vergonha e não disse, em momento algum, o que aconteceu, com fatos. Só dizia como se sentia e que estava ali pelas filhas.

Depois foi a vez da Bia.

— ... A minha irmã está para ganhar neném. – Disse, depois de falar o nome.

O que mais a irritava é que esperava que elas derramassem suas misérias umas em cima das outras, se consolassem, vivessem de perguntar para Deus o porquê. Uma dizia como passou a semana, se o ex-ou-atual marido as

importunou, se elas conseguiam viver suas vidas, se tinham empregos, se o policial que as atendeu foi educado. O que mais a irritava é que parecia que só ela tinha um mundo de desgosto dentro do peito.

Falavam das evoluções. E ela se sentia uma coitada por estar ali. Falavam das filhas e dos netos, do que seria do fim de semana ou das férias que vinham, mas não falavam... daquilo.

A única coisa pela qual estava ali não ia à mesa. Não serviam o alimento que ela estava doida para comer. Não falavam como conseguiram aquela marca de queimadura, ou aquela cicatriz no rosto, ou como viraram tão gordas ou tão magras. Elas até riam! Como é que podiam rir?? Como é que acendiam cigarros, serviam-se cafés, contavam piadas e não falavam... ?

No fundo, sabia. Só ela, ninguém mais. No fundo, só.

Essa sensação passiva sobre o que fizeram com ela, esse parado que não é movimento, não é evolução, não é catástrofe. Esse estado de espírito de ódio de si mesma com burrice e servidão junto de uma vontade de largar tudo e fugir. E, depois, culpa por pensar em fugir do redondel.

E tem essa bosta de palavra, também. Vítima. Vítima de quem, cacete, de onde? E vítima por quê? Vítima é o caralho. Saiu de lá com o peso extra de não se encontrar naquelas mulheres. Não era para ser tipo uma reunião dos Alcóolatrás Anônimos? Onde todo mundo entende o outro e fala para seguir os tais doze passos?

Olhava a rua, se perdia no trânsito e xingava. Vítima merda nenhuma. Vítima ela é de coice de cavalo assustado, não de apanhar de macho. Apanhou foi porque procurou, porque peita qualquer cowboy topetudo, porque não se rebaixa do jeito que eles acham que ela tem que se rebaixar. Apanhou não porque era mulher, mas porque era bocuda pior que Alicinha.

Parou no farol, bem perto de casa, e viu um casal de mãos dadas.

Se apanhou por teimosia, então porque só apanhou daqueles para quem baixou as calças? O Ceceu não é doido, nem Amarantes e Delgado, que tomaram rasteira financeira da Dê, mas nunca ergueram a mão. Nem nenhum cliente do mediterrâneo, nem das arábias. Ela peitou homem no mundo todo, mas nem um por cento deles ergueu a mão.

Só... o farol abriu e buzinaaram atrás dela. Só os para quem ela se abriu como mulher.

Estacionou com o fel entalado na garganta. Só dá para ser um, então? Ou mulher, ou cowboy? Não dá para domar bicho e ser companheira de alguém? Não, né? Todos vão achar que são seu dono, que ela é cavalo também. Que ela vai ter que se curvar.

Estacionou, desligou o carro e saiu. Se é para escolher um, será cowboy.

Porque ser mulher dá desgosto demais.

Atravessou a garagem e foi, pensando mais do que vendo, até a própria casa. Não esperava ninguém, já era noite. Que horas? Não consultou o celular para saber, já era tarde e não queria ver ninguém. Precisava de um banho, desmontar-se da fantasia, trançar os cabelos, superar o perfume que de repente ficou doce demais de novo, tirar as botas perfeitas e novinhas. Precisava encaixar-se onde era o seu lugar.

E o Leo, o cavaleiro, esperando na porta, atrasava tudo. Vestido de cavaleiro, ainda, botas de montaria, calças e o colete. É bonitinho até, o europeu, vive falando isso, barganhando consigo. Sorria como um cachorro ao ver a dona, abanaria se tivesse rabinho. É doido na patroa, todo mundo sabe, o Ceceu já mandou que ele aquietar o facho, saiu de Portugal, da Coudelaria e Amarantes e Delgado só para ficar perto dela. Veio ao Brasil e nunca nem se adaptou, não sabe andar de metrô já comemorando mais de ano de estadia.

— Dona Bia... - Ele disse, com seu Português encerado, acompanhado de gírias de cowboys brasileiros – Só vim ver a senhora.

— Vai pra casa, Leo, não tem nada para você aqui.

— Dá uma volta comigo?

— Não.

— Passei o dia atrás da senhora, Dona Bia. Não nos vimos quando foi ver sua Bel, não consegui te achar na administração, me perdoe vir até aqui para encontrar a senhora, mas a saudade...

— Leo.

— Deixe que eu termine, Dona Bia.

— Não vai sair coelho desse mato.

— Eu sei, a senhora vive a me dispensar. – E não sorria, falava sério – Já entendi que não posso com a senhora. A senhora só tem que saber que pode comigo. Se precisar de um amigo, um ajudante, um secretário... Sei que acumulas funções devido ao estado da Presidente, mas há de saber que não estás sozinha – Os olhinhos suplicantes e nervosos o deixavam mais bonito e doce. O Leo, ela refletia, era sempre assim. Doce, cuidadoso e louco.

— Há quanto tempo você está me esperando aqui?

— Vi o carro da senhora partindo...

— Pelo menos três horas. – Ela cedeu sem sorrir, abrindo a porta de casa – Entra, tá serenando.

— Vim só...

— Tô mandando entrar.

Tudo nele não parecia atrativo, parecia... doce. Até o jeito sem jeito dele de se sentar à mesa e falar de como anda a Bel, de como o Ceceu está

preocupado. O jeito dele de sempre chamá-la por senhora mesmo depois de já terem se conhecido por baixo das roupas. Tudo nele era incrivelmente doce e submisso.

O corpo esguio dele lembrava um pouco o físico do Lipe. As pernas compridas e os joelhos magros, os dedos compridos de unhas curtas, a pele branca levemente amarelada de sol. Sorria sem maldade e o nariz se enrugava quando ria. Você poderia amá-lo se quisesse, Bianca. Poderia ver graça num homem que monta cavalos, mas não os doma, que tem só um cavalo para a vida toda. Disciplinado, calmo e doce, ela poderia parar seu relógio que anda ao contrário e amá-lo só pelo prazer de não deixar de ser mulher.

Poderia inclusive inventar família com ele. Parece menino bom para ser pai, olha o Lipe. Todo preocupado e ao redor da dele, sempre sonhando alto com seu moleque de olho azul enquanto, nos seus já trinta anos, ainda obedece mãe e cuida de irmã.

Poderia. E com a água de um café no fogo, inventou futuro com ele, sentindo-se um lixo por ser vítima, por olhar-se como essas mulheres que não se amam e que todo mundo já ouviu falar e já julgou um dia (inclusive ela, inclusive você).

O Leo, mesmo se ficar bravo, vai recuar, não vai reagir. Vai cuidar dela, vai ficar três horas no sereno, vai trocar de país para seguir com ela, vai chamá-la com respeito, é capaz de levar café na cama, é capaz de fazer almoço e janta, guardar todos os recados que ela receber. Vai saber cuidar dela, não vai?

— ... tem certeza que vai abandonar o redondel, Dona Bianca? Santarém já vai ficar pronto para a Doma e eu sei que a senhora...

Vai saber cuidar. E ela precisa disso, agora. Alguém que a coloque na cama, que diga que ela não é só passado. Alguém que minta e que lhe faça cafuné dizendo que tudo vai passar. Tascou um beijão desesperado, arrancando o coletezinho do cavaleiro engomado. Ele tem o que ela procura?

Não. Mas quem tem fome, tem pressa e tem níveis baixos de exigência. Consumia-se em carência e desespero, em tristeza, em dor. Queria ser viva só um pouco, só um tiquinho, queria saber como era ser amada sem se rebaixar, como era poder decidir e guiar, poder andar sem rédeas e ter para quem voltar quando se cansasse.

Queria, uma vez só na vida, não ser criminalizada por peitar demais, por ser bruta demais, bocuda demais. Queria não se odiar por um dia só. Só um, e, por querer muito e querer demais, subia com ele para seu quarto, arrastava-o pelos cabelos e beijos à cama, descolava as peles dos ossos só pelo prazer de sentir alguma coisa, sentia os beijos dele, os apertões, e queria mais. Não era o bastante. Ele todo não era o bastante, não apertava com força suficiente, não

tirava seus olhos e os comia. Não a consumia em chamas. Só a deixava à beira de qualquer coisa.

E quem está disposto a se jogar, encara buraco já sonhando com abismo.

Montou naquele cavaleiro como se ele fosse o seu cavalo, colocou-o no lugar que não era dele, assumiu o bobo da corte como rei do seu mundo, ouvia juras de amor e as camuflava em desejo. Aquilo era real para ele, visceral, coisa que não se peneira – não se separa e não se mente. Ele olhava, com olhos de amor, baços de desejo, os olhos brilhando amor e mel, o sorriso feliz e lindo, completo. Sentia-a por inteira e não procurava pelos peitos ou pela bunda, procurava pelas mãos dela. O tempo todo.

Fingia que ela, em algum momento, daria as mãos, ofereceria beijos calmos, sorria com amor e cuidado. Ele era todo assim. Buscando o leite que a pedra não vai dar. Segurava-a pelo rosto, mãos em concha, sorria gemendo baixinho, apaixonado, enquanto ela mal o tocava, exorcizando seus demônios.

Trocou de posição para não ter que olhar para ele. De quatro, só sentidos, sem beijos, sem sorrisos, sem amores. Não queria amor, não poderia dar amor, não tinha amor, só carência, dor e vontade.

Era, o que via pela janela sabia. Autodestrutiva. Aninhava a filha no peito e via a janela dela aberta. Com outro, Bianca Botelho? E nem se dá ao trabalho de fechar as cortinas? Ele a beijava pelo corpo todo, queimando não só de desejo, procurava pelas mãos dela e o outro Ferreira via tudo. A Bianca que transava com aquele loiro magrelo não era a Bianca que transava com ele. Não tinha nem alma, nem coração, nem suspiros. A Bianca que transava com aquele cara travava o maxilar e não dizia nada. Não suspirava nada. A Bianca que transava com aquele cara não era nem Bianca.

E ele não queria receber, quando a guerra acabasse, um palácio destruído. Cercou a filha com travesseiros e a cobriu confortavelmente, com esmero, mas depois, como um foguete, desceu as escadas, trêmulo da cabeça aos pés, e foi direto para a casa dela, que não tem tranca, nem portas.

Fincou os pés descalços no assoalho de madeira da porta do quarto dela. Não, não são dois adolescentes ralando os ossos, descobrindo a sexualidade, matando o tesão de fim de tarde. Aquilo é um cara apaixonado e um demônio. Um cara apaixonado e uma suicida.

Travou a batalha da guerra que valia lutar, fincado entre o corredor e o quarto dela e esperou. Ela vai parar. Ela vai olhar para ele, vai vê-lo ali.

E viu. Parou os olhos nos pés dele, primeiro, depois houveram joelhos, coxas e quadris para uma visão. E um rosto transtornado de fúria e desgosto, raiva e ciúmes. A camiseta ainda molhada de baba da filha, a respiração ofegante da corrida desesperada.

— Bia, - Leo foi quem quebrou o silêncio, com raiva e triste ao mesmo tempo – fala para ele ir embora.

— Eu posso entrar aí no meio, se vocês quiserem – “*Você vai entrar ou vai sair?*”.

— Eu não gosto dessas coisas – O Leo respondeu. – Vá embora.

— Bianca – e o outro disse o nome inteiro – o que você quer de mim?

Aberta, sem defesas, sem ter como atacar, de quatro, oferecida a um homem que não queria, de frente a outro que não chamou. Violada, e ofendida.

Saiu, sem conseguir dizer palavra, ergueu-se da cama, de cabeça baixa, e foi direto para o banheiro. Coisas que não têm perdão.

O Leo não quis briga, aquele cara parado ali não importava, importava-se com a pessoa trancada no banheiro que não fazia barulho. Bateu na porta pedindo desculpa, culpando-se por não ter fechado a porta. Pediu para poder entrar, perguntou se podia, mas nem forçou a maçaneta. Ficou ali, plantado. Pedindo. E o Guto achou aquele um bom adversário. Melhor que ele, até.

Não procurou briga, também. Ficou na porta olhando o homem nu bater. O viu se vestir, não disse palavra e não se moveu. Não era seu turno. O viu barganhar, dizer que desceria e faria um chá se ela quisesse, o viu se rebaixar pedindo perdão por coisas que não eram culpa sua, o viu se dar por vencido e limpar as lágrimas magoadas na mão, bater mais uma vez à porta do banheiro, e o viu partir.

Não sem antes descer e preparar um chá e deixar um bilhete.

Com o quarto vazio, pensou, era seu turno. E teria que enfrentar um mundo de drama, choramingo, perdões e beijos para sarar, mas não estava com espírito a tudo isso. Confuso até do porquê agiu assim se ela era uma mulher livre e se ela podia fazer o que bem entendesse com o seu corpo (inclusive cagadas, inclusive dar para o cara errado), desistiu de conversar. Não tinha disposição a nada disso, mais. Conversar com ela não adianta, brigar com ela não adianta. Sabia que entraria naquele banheiro e tomaria bofetadas, esculachos, trocaria palavras que se arrependeria segundos depois de tê-las solto pelos dentes.

Só queria... queria, mas não estava preparado para nada disso. Só queria... não estava preparado e sabia, que se acaso quisesse de verdade, teria insistido até suas últimas forças. É assim com Madalena, afinal. Resiste o máximo que pode, todo santo dia, num teste de força que não há te terminar nunca.

Ele pensa, desistindo de enfrentar o demônio afugentado na baia, pronto para correr quilômetros com a boca dura e o trato desumano com os iguais, não vai terminar pelo menos enquanto ele viver.

Com essa daí... continuou o raciocínio descendo as escadas e fingindo que não sentia no fundo do peito o choro sufocado que ela abafava, quebrada, no box do banheiro.

Não dá para querer ter sorte em tudo.

Capítulo 18

Não dormiu. Costumava ter o sono pesado e capotar no menor sinal de que podia ficar na horizontal. Ou qualquer suspeita de tempo livre onde sua cabeça pudesse encostar em algum canto para descansar o pescoço. Nem sabia o porquê não dormia, devaneou por tudo, pensava em um milhão de coisas e em nenhuma, prosseguia pelas famílias e pelos amigos, sem nunca parar em algum deles, habitava, passava e seguia para o próximo.

Desviava dos assuntos importantes não porque quisesse evitá-los, mas porque fugiam. Demorava um segundo em Bianca ou Madalena e algum afazer pendente tomava espaço. Ficou assim a noite toda. Olhando a janela, ouvindo uma cigarra ou um grilo, pensando na época da faculdade, nas novidades de Manuela, nos pais que não visita há muito tempo e nelas. Sempre circular. Rodava o mundo, visitava cada um dos entes queridos e depois estacionava nelas, mas nunca tempo suficiente para decidir alguma coisa, só o bastante para sentir um aperto no peito, alguma agonia de problema suspenso, e voltava, direto para a lata de leite que esvaziava, para um documento que a Dê teria que assinar ou qualquer coisa que, ele sabia, não era, de verdade, um problema.

Pegou no sono quando não podia. Quatro ou cinco horas da manhã, vai saber. A bebê babava em seu peito, como todos os dias, adormecida há muito debaixo da mãozona quente, de guarda-chuva que o pai tinha. Capotou, finalmente, sem perceber, naqueles sonos em que não parece que estamos dormindo. Dentro do sono continuava pensando, como se o corpo tivesse cansado do esperar que a cabeça parasse e decidisse descansar sozinho.

Nem ouviu a bebê chorar. O Lipe e a Dê, com a babá eletrônica desligada, se trancavam em seu box in a box e acreditavam, mesmo sem conferir, que o Guto agora sabia se virar. Madá chorava se remexendo em cima do pai, aquele choro ardido de bebê com fome, e o Guto pedra.

É claro, a Bia ouvia. Não conseguia sair da cama, prostrada na derrota, sabia que tinha um prédio inteiro para administrar, que o financeiro tinha que rodar a folha de pagamento, que ela teria que assinar pagamento por pagamento, coisa infinita, repetida e que levava um tempão, mas, mesmo assim, não queria. Nem podia. O corpo doía como se tivesse tomado outro coice. Psicossomático: o que doía não era o corpo, mas se refletia nele, em todo o canto, de dentro para fora. Atropelada. E a porra do Guto não acorda.

Num pulo, antes de desistir, sabendo que teria que enfrentá-lo e daria nele uma bela lição para largar de ser babaca, desceu as escadas sem escovar os dentes ou pentear os cabelos, só de camiseta e calcinha, e foi para o quarto da

pequena que pode até ter um pai nojento de tão orgulhoso, mas não tem culpa de nada.

Abriu a porta do quarto dele e lá estava. A pequena se remexia, berrando na orelha dele, debaixo da mão dele. Como que pode um cavalo dormir assim, meu Deus? Avançou: saiu com essa mão para lá, Cabrito dos infernos. Tirou a pequeninha do peito dele, desceu com ela, ô dó, gente, judiêra. Olhava a bebê, com raiva do pai, cheia de pena da pequena que berrava como se tivesse sido largada num prédio condenado a explodir. Preparou o leite com uma mão, a outra sacodindo o saquinho de berro, fazendo “Shh” a cada sacolejo na tentativa de acalmá-la.

Emborcou a mamadeira na pequena, morria de dó do tantão de lágrima que saíam de seus olhos verdinhos, verdinhos. A via soluçar de chorar, com a mamadeira na boquinha rosada, o coração apertadinho. Preparou outra quando aquela acabou, por precaução, e a via, devagarinho, atrasar o mamar enquanto fechava os olhinhos, cansada de tanto chorar.

Subiu com ela no colo para checar a fralda, sentia o molhado em seu braço enquanto ela mamava, caçou fraldas e roupas limpas na cômoda, ao lado do cavalo caído, só não morto porque respirava pesado e fundo. Deitou-a no cantinho da cama, abriu os botõezinhos do macacão, tirou uma perninha, depois a outra. Toda gordinha, Madalena era. Toda cheirosa e toda linda. Tirou a fralda encharcada, limpou, passou pomada e colocou outra. Depois tirou aquele macacão e trocou a roupinha dela.

Amamentada, limpa e dormindo, achou por bem colocá-la em cima do pai, de novo e fingir que não tinha passado ali. Tirou a mão do Guto de cima dele, enfiou a bebê de bruços no peito dele, pensando que esse era o melhor visto o mundaréu de coisa que tinha de tratar na administração e pronto, foi-se.

Deu meia-volta, mas não deu um passo. Sentiu um puxão, desfez a volta dada e foi puxada, como que calculada, certinho, parte pelo puxão e parte vontade própria, de volta para a cama, ao lado dele, bem pertinho da Madalena.

Ele estava acordado. Então porque caralhos não tomou vergonha na cara e fez o papá da menina?

— Vai querer quebrar o pau comigo na frente da menina? – Ela poderia ter dito isso com os dentes travados, cheia de raiva e rancor, mas no fundo, tinha mágoas. Falava já quase chorando, quebradiça, destrocada. Não tinha condições de puxar a faca porque brigar demandava ela inteira e ela não possuía nem dez por cento.

— Não quero brigar. – Ele disse, a voz de sono, embargada, contida. Respirava fundo, ainda, mole de sono e de mais coisas.

— Eu não vou ficar deitada aqui, Gustavo, eu tenho muita coisa pra

fazer.

— Eu sei, Pequena, te ajudo.

— Eu não quero ajuda, eu quero espaço. Te falei isso.

— No colo de outro cara? – Acordou. Essa de querer espaço não colava mais. Olhou bem de frente para ela, desperto, sem drama, nem fala mansa.

— Não me venha de ciúmes.

— Não tô com ciúmes.

Não? E isso é o quê? O congelar olhando a Bia dançando noutra cara, sem vontade, parece que cumprindo tabela, sem tesão, enchendo o estômago de adrenalina na hipótese de ser substituído, isso, caralho, era o quê?

Só não era ciúmes.

Ela, se acaso não estivesse tão circunscrita nos próprios problemas, até veria. Era ciúmes, sim, já amou outras vezes, entende como isso é até do avesso.

— Eu não vi – ele continuou – a Bia que eu vi comigo, com ele. Eu não vi vontade de dar, eu vi obrigação. Eu vi carência, eu vi você perdida. Por isso que eu fui. Quer dar por aí, dê, eu não sou nada seu, você deixou claro. Quer ficar só minha amiga e se curar para receber o sobrinho que vem, fique. Mas não faz isso comigo, Pequena, não me quebra.

Dentro do colo dele, ela era pequena. O colo dele não era espaço de briga porque, para ele, dar colo era dar proteção. Protegia a sua filha assim, no colo, com amor e mãos brandas.

Sempre conseguiu camuflar tudo ficando quieto. Quietos ninguém diz que o Guto está com raiva ou com ciúmes, nem que ele está eufórico ou extasiado. Odiava sentir isso, ciúmes e raiva, dor de cotovelo por causa do magrelo, impotência porque ela foi atrás dele e não de si, junto do dever de proteger quem nem pediu para ser protegido. Odiava ter que ser este cara, dar uma de pai para cima de uma mulher mais velha que ele. Odiava tanta coisa, que ficar quieto era melhor.

— Me perdoa. – Ele adotou a tática do outro, obrigado a falar porque ela não deu um pio – Desculpa não conseguir te tirar dessa, te ajudar a se curar, a te colocar de volta para os trilhos. Me perdoa, Pequena. Eu não sei o que fazer, para onde ir; você pede para eu me afastar e eu me afasto, você pede para que eu vá, eu vou, nem sei pra onde, não tem sentido ir embora quando a sua janela é do lado da minha e eu te vejo pular do precipício. Por que é que não pode contar para mim, vir pedir o meu colo, vir chorar no meu ombro, vir pedir ajuda para mim? O que eu te fiz, Pequena, para eu ser uma opção tão ruim?

— Ninguém te chamou. – Disse, sem sair do colo, brigando com as últimas forças que tinha.

— Eu sei que não, mas você acha que eu teria conseguido dormir te

vendo aberta para um cara sem nem olhar na cara dele?

— Isso não é problema meu.

— Isso é só problema meu.

— Não estamos juntos.

— E não estamos separados. Trabalhamos o dia inteiro juntos, você vive pelos cantos, não me diz nada, vive de me olhar. Eu não sou meu irmão, Bianca, eu não decifro olho, eu não sou seu amigo. Eu estou aqui porque não consigo ir embora e eu estou aqui porque você se importa comigo. A última vez que estive com um bisturi na mão... a última vez que eu estive numa sala de cirurgia...! Eu não posso ver você destruir o que me constrói. Eu não posso ver você se destruir. Fica comigo, Bia. Não me beija, não me abraça, tudo bem, eu não sei namorar. Eu só quero você segura e inteira porque é o último lapso de afeto que me mantém. Eu não consigo olhar na cara dos meus pais e dos meus irmãos e dizer a eles o que me aconteceu porque eles têm uma ideia formada do que é Gustavo Ferreira e eu não quero que eles me vejam como eu sou de verdade. A única pessoa que eu quero que saiba quem eu sou de verdade é você, e eu preciso de tempo para poder te mostrar tudo.

— Não posso.

— Não?

— Eu não sou boa, Gustavo.

— Eu não tô querendo uma mulher boa.

— Quer saber o que eu sou, Gustavo?

— O que você disser, não sai daqui.

— Eu sou uma menina de quinze anos que abortou para não apanhar mais. – E gritaria com ele, se descabelaria, atingiria o fundo do fundo do poço se a bebê, dormindo, não erguesse uma imensa bandeira branca de trégua que dizia: “Eu não mereço tudo isso”. – Quer mais? – continuou, controlando o tom da voz e o choro – Eu sou a amante de um veterinário de quarenta anos. QUER MAIS? Eu sou o que sobrou do que fizeram comigo e eu sou assim, bocuda assim; bruta assim, com raiva assim, Gustavo. E eu não vou mudar, eu não vou ser boa, eu não vou ser mãe, eu não vou ser esposa, eu não vou ser a Andressa, nem quero um Lipe, nem vou ser administradora. Eu domo cavalo, Gustavo. Eu seguro peão e égua na rédea. Eu não posso mudar, eu não quero mudar, porque se assim, peitando homem, tombando cavalo, eu já tomo no cu, imagina se eu fico boazinha.

— Bia...

— Quer mais, Diabo? Tem!

— O que tem mais, Bia?

— Eu tenho inveja da Roberta porque Carolzinha era para ser minha! Eu

quero o Jorge, e se não fosse a Dê, eu perdoaria o que ele fez comigo, eu teria um filho com ele, eu seria mulher dele e teria sido feliz sendo só isso. A Dê me deu o mundo todo, mas eu nunca pedi, eu não quis, eu não quero. Cada dia que eu entro naquela sala engomadinha eu penso em sumir. Ela vai continuar tocando a vida dela até mais fácil se eu não estiver por perto. Eu não pedi porra de Holding de queijo e cavalo, eu nunca quis merda de queijo, nunca quis empresa! O pai me deu a cadeira dele antes de dar para a Dê e eu não quis, por que agora eu tenho que querer? Eu quero só cavalo no quintal e filho! É pedir muito, caralho? É pedir muito? Qualquer pessoa trúpica num pinto, fica grávida e casa, menos eu!

— ...

— Ontem eu fui numa porra de uma reunião de mulher que apanhou e todas elas pareciam felizes! Como que pode essas porras apanharem mais que cachorro que caga errado e falarem de emprego, de vida melhor, de esperança, enquanto eu tenho tudo isso e quero só saber de sumir??! Que merda de defeito eu tenho que eu não posso ser feliz com o horizonte todo que é meu?! Que merda de defeito eu tenho que eu só escolho o cara errado? O certo passou pela minha porta, pediu desculpa, transa fazendo carinho e vive de me seguir mesmo sabendo que não vai conseguir nada. E eu não sou capaz nem de ir atrás dele, puta merda!

— Tá falando do Léo?

— Tô, filho da puta, cê acha que é melhor que ele?!

— Não, nem de longe.

— Pois é.

— Nunca que entram na minha transa e sou eu quem saio pedindo desculpa.

— POIS É.

— Nunca que eu sigo mulher que não me quer e fico insistindo.

— ... eu só escolho o merda errado.

— Quando tem a reunião das felizes de novo?

— Não fala assim delas, tem mulher lá que não mexe um lado do rosto de tanto que apanhou.

— Quando que é?

— Sei lá.

— Você vai.

— Você tá longe de ser cabra pra mandar em mim.

— Você vai e vai contar a elas o merda que eu sou. E vai contar para elas a merda que você fez com o cara certo. E vai contar como é que só escolhe cara errado e o como a mulher de quinze anos é ruim.

— Eu era uma menina de quinze anos.

— ... vai contar que você deseja estar no lugar da esposa do espancador e ser mãe da filha que ela tem. E vai contar para elas que queria ter um bando de catarrento com ele e daria seu Jockey todo por isso.

— Gustavo, eu não vou fazer isso.

— Porque você sabe que isso é errado. Você era uma menina de quinze anos. Te induziram na porrada a abortar. Sua irmã deixou o meu irmão esperando porque ela acredita em alma gêmea e acredita em você, mais do que acredita no amor. Eu sou um merda, você está certa disso, nem tiro sua razão, só um cara muito merda para fazer tudo o que fiz, mas você tem que ver que mesmo esse merda aqui te conhece o suficiente para entender quando você tá se destruindo e quando tá gozando. E você estava se destruindo com o cara certo.

— ...

— Autossabotagem não é fácil de reconhecer, vai por mim. Já fiz muito isso.

— Eu não estava me destruindo.

— Estava longe de gozar que eu sei. Não precisa responder pra mim, Bia, não sou juiz, tô longe de ser boa coisa.

— Talvez a gente se mereça, mesmo.

— Eu sei. Mas não vou te pedir em casamento.

— Anda, Cabrito, levanta, vai escovar os dentes que hoje vai ser foda.

— Põe meia na minha filha.

Capítulo 19

O livro de contas, depois dos pagamentos, parecia um descampado. A Bia mal acreditou quando leu. Pouco dinheiro na reserva depois de pagar uma parcela da dívida que o Jockey devia para a fábrica de queijo da Holding. Lembrou-se da Dê falado, do hospital novinho em folha que construía, da pista dos prêmio que asfalta de seis em seis meses, das piscinas e das gramas. Tudo isso vai uma dinheirama e, fazendo as contas, se o ritmo continuar assim, não vai ter Jockey no ano que vem.

Foi falar com a irmã no meio do expediente e a viu cozinhando, enquanto lia um contrato impresso, com uma música de fundo e o Lipe ali, cortando tempero, do mesmo jeito que o pai delas cortou a vida toda. Cozinhavam juntos, conversavam das cláusulas do contrato, ela lia algum parágrafo para ele e eles se comentavam.

Estranharam a cara da Bia. Ela, ali em casa, no meio do dia? Usava calças jeans inteiras, botas surradas, tirou o chapéu como sempre tira quando entra em casa, mas o manteve na mão, o rosto sério, olhando o chão.

— Precisamos falar sério, irmã. — Ela disse, sem oi.

— Claro, Bia, senta aí. — Respondeu, encostando o contrato em cima da geladeira — Quer uma água?

— Não vou ficar muito, desculpa atrapalhar.

— Você não atrapalha. — O Lipe respondeu, esticando um copo d'água gelada — Quer que eu saia?

— Não, sô. Você é família.

— Então diga, Bia, o que foi?

Explicou as contas que não fechavam. Disse os valores que a Dê conhecia de cor, explicou os gastos com asfaltamento, piscina, jardinagem, ração. Disse das folhas de pagamento e a reserva: gastam muito mais do que ganham.

— Desse jeito a gente não dura até o fim do ano.

O Lipe nem precisou olhar para a dele para saber o que ela diria.

— O que você quer fazer, Bianca?

— Eu não sei, mana, por isso que eu tô aqui. Não sei mexer nessas coisara financeira, eu só sei cuidar de cavalo.

— O que você quiser fazer, faça. — Não sorriu — Não estou em condições de cuidar disso, agora.

— Mas, Mana, é o nosso sonho! É tudo o que a gente sempre quis!

— É. — Não sorria e não olhava para a irmã — Mas eu não estou em

condições de cuidar disso agora.

— Eu não sei o que fazer. Eu só sei cuidar de cavalo.

— Não é mais questão de cuidar de cavalo, Bia, pelo amor de Deus, olha todo esse povo que está com a gente, os seus peões, os seus cavalos, os cavaleiros, o pessoal do restaurante, da limpeza, do atendimento, os seguranças, a Dona Alexandra que faz questão de mandar pão quentinho com café para os seus peões.

— Eu sei, cacete, eu sei!

— Então trate de cuidar de todos eles.

— Eu tô tentando, diabo!

— Honra o nome que a mãe te deu e que eu fiz conhecido no mundo inteiro, que agora chegou a parte difícil.

Respirou fundo, sabendo o que angaria um dinheiro rápido, indo contra tudo o que ela queria na vida. Vai se filiar à Federação de Hipismo, dar uma saleta toda decorada para aquele bando de pau murcho, vai conversar com a sua própria equipe de cavaleiros e fazer, muito a contragosto, o primeiro amistoso de turfe que a Dê tanto falava.

Só assim para salvar as contas? Não, mas quando o Sheik chegasse ao Jockey de São Paulo, quando o príncipe de Mônaco o fizesse, todos os olhos se voltariam a elas e, num instante, toda a má-impressão que o Jorge fez questão de deixar antes de ser expulso da terra que não era mais dele, vai sumir.

Não sorriu em resposta, também. Pegou o chapéu, bebeu a água para não fazer desfeita e deu as costas.

— Eu odeio quando você faz isso. – Ouviu o Lipe falando com a Dê.

— Você viu que foi a primeira vez na vida que ela disse “nosso sonho”?

E, por outro lado, devia isso à irmã que mal sai de casa: Um pouco de cuidado e esmero àquilo que levaram tanto tempo esculpindo juntas.

Por isso, em três telefonemas, arranjava tudo. Jantar, no lugar mais chique que conhecia, o Restaurante Espanhol do Tio Digo, com os velhinhos da Federação, para começarem a longa e talvez duradoura simbiose. Os velhinhos eram doidos no Jockey, tilintavam para saber o que a Bia guardava, com tanto segredo, atrás da área dos premium. Já tentaram aproximação até deram um prêmio qualquer a ela, no ano anterior, só para que se sentisse parte e vista, mas não adiantou, não.

A Bia não se vislumbra com esse tipo de coisa. Ela é cavalo de um bando só.

Combinou para a semana seguinte, numa quarta-feira, depois da reunião com as felizes, como o Guto disse. E pegou, novamente, o carro da irmã, direto para a psicóloga, pouco antes das sete da noite, não porque tinha uma consulta

marcada, mas porque precisava, desesperadamente, saber o porquê foi colocada no meio de um monte de mulher que almejava progresso enquanto ela só queria saber de olhar para trás.

— Ah, então você acha que elas estão melhor que você só porque não falam disso?

Não era um sinal divino, não era com um propósito requintado. Era só um grupo de mulheres que se reuniam, uma vez por semana, mais para fugir de seus presentes, que para falar de seus problemas. A psicóloga achou por bem que a Bia conhecesse outras pessoas como ela, não só mulheres pobres, nem só mulheres ricas, mas a parcela de mulheres que representava quem sofreu com isso – ou seja, qualquer mulher.

E a intenção, isso a Bia descobriu muito depois, era que a Bia visse que não adiantava ser meiga, educada, polida, estudada, submissa, mãe, dona de casa, ou o que quer que fosse. Não tinha um estereótipo, uma cartilha a ser seguida que prevenia agressão doméstica porque o problema não era a mulher, mas quem estava do lado, quem erguia a mão.

(E foi chocante a Bia descobrir que a mulher que não mexia o rosto de um lado, Dona Marisa, não apanhava de marido, mas de esposa).

Depois de voltar de mais uma reunião onde já conseguia rir das piadas, contar causos e também não falar de seus ex-amores, olhou no relógio e calculou o tempo. Tinha tempo de se vestir, trocar o jeans esfarrapado e pentear o cabelo, tudo antes de se encontrar, nove horas, com os velhinhos da Federação.

Olhou-se no espelho, pensou em vestir botas e calças, mas achou, nem sabia o porquê direito, que seria melhor que usasse um vestido. Logo ela? Catou logo três, um branco, um preto e um meio vermelho, todos lisos, estampa só existe xadrez no mundo da Bia, e foi se vestir na irmã mais por medo de se emperiquitar demais e ficar parecendo com uma palhaça.

— Espera! – A Dê sorriu largo, sentada na cama, o computador no colo e um chá de gengibre que o Lipe já aprendia direitinho como é que faz – Me explica direito, cê vai lá no Tio Digo fazer o quê?

— Diabo, já falei procê! Não fica de gracinha pra cima de mim não, sô, que não sou mulher disso.

— Calma, calma, calma... - Sorria. Fingia seriedade, mas, por dentro, sorria. Só precisou de um descolamento de placenta e virar uma inválida de tanto repouso para que a Bia assumisse o negócio que era dela – Vamos devagar: cê vai se aliar aos velhinhos da Federação? Hoje?!

— Ué, – Mineirês exagerado, era assim sempre que ela ficava nervosa, misturado com Filipese – já não falei, cacete? Me ajuda, branco, preto ou vermêi?

— O branco, sem dúvidas.

— Mas não vai marcar demais?

— Vai. E daí?

— Cê quer que eu vá que nem puta?

— Quero que você vá linda. Não é por isso que tá colocando vestido? Bia, bota o branco e se olha no espelho. Cê é um puta mulherão todo definido, todo perfeito, tem nem marca no corpo e eu morro de inveja, então, por favor, não me decepçiona.

Na frente da irmã, tirou a calça e a camisa e colocou. Um vestido branco liso, sem mangas, comprido e com uma fenda numa das pernas, com as costas nuas. Descalça, foi logo calçar as botas e se olhou no espelho. Até que não ficou nada mal, só era esquisito ficar sem sutiã.

— Se você quer saber a minha opinião, é assim mesmo que você devia ir.

— Cas botina?

— Desse jeitinho.

— Tá bom, então tô indo. Vou só catar celular e carteira.

— Bia...

— O quê? Que foi? Quer alguma coisa da rua?

— Por que você não leva o Guto junto?

— Ele tem mais o que fazer.

— É, mas ele tem trabalhado com a gente tanto quanto você, acho justo que ele esteja presente num evento importante como esse.

— Falando nisso, - cansada de se olhar no espelho, sentou-se ao lado da irmã – a gente precisa contratar ele de verdade. Tá salvando a nossa pele e nem cobrou nada, nem fala nada porque eu tenho certeza que ele acha que tá pagando uma dívida que tem com você, mas a verdade é que ele é o nosso braço direito e eu acho que a gente tem que honrar isso.

— Chama ele aqui no quarto.

A Bia não tinha o faro fino para isso. A Dê concordou tão rápido porque era exatamente o que ela queria. O Lipe teria revirado os olhos de desgosto porque odeia quando a Dê manipula os parentes, mas a bem da verdade, aquilo era sim, mexer nos peões.

Desceu as escadas esperando vê-lo na sala e o viu, de bermuda e nenhuma camisa, a bebê no colo, olhando o jornal que passava na tevê sem a menor vontade de assistir. Até esqueceu que estava de vestido porque estava de botas, confortável nos calçados. Se fossem sandálias, saberia, de cinco em cinco segundos, que estava de vestido porque odiava sandálias, mas, de botas, o vestido passava ileso.

Menos ao Guto. Não tem coisa com vestido igual o pai dele tem, mas não

é cego. Marcava tudo. Até a linha muito fina no estômago, que separava a cowboy no meio, a marca de músculo nos quadris, os seios cobertos pelo vestido, mas o decote que revelava tudo. Olhou e olhou de novo, só para ter certeza. Era a Bia, não tinha como não ser, não se camuflava em perfume, era só ela, os cabelos separados na metade, de tanto chapéu que usava. Era ela, estava claro.

Só que ao mesmo tempo se parecia, sem estar montada, com a moça que doma demônios com a rédea e os torna recordes mundiais.

— A Dê quer uma prosa com'cê.

— Vai sair?

— Vou, depois que terminar a conversa com ela, se veste, vamo' junto.

— Tá me chamando para sair, Botelho?

— Quem dera, é coisa de trabalho mesmo.

“Quem dera”, ele sorriu. Com a bebê no colo, avançou para ela, mexeu no cabelo dela, jogando-o para um dos lados, desfazendo o reparte ao meio. Deu um beijo no rosto dela, sedutor de um jeito que ele nem precisava ser, e subiu, sem dizer nada.

E ela passou vários minutos em pé, apoiada no corrimão da escada, sem entender o porquê de ele ter feito aquilo, se com ela, bastava só sorrir um cadinho a mais que ele teria o que quisesse.

Talvez faltasse dizê-lo.

Sabendo do que se trata, subiu até o quarto da Mosca-Morta. A viu com um sorriso feliz e já sabia o que ela iria pedir.

— Fica com a minha filha – Ele se sentou na cama dela, meio como se a mãe tivesse mandado um menino de treze anos lavar a louça: sabendo que teria que ir (afinal, ela é quem manda), mas sem um pinga de vontade.

— Ai, que bom, Mosquinha. – Sorriu de volta, emborcando um restinho de chá que tinha na caneca – Fico com a sua bebê com o maior prazer.

— Era só isso?

Entornou num discurso corporativista, ensaiado há muito. Disse que se gerava lucro a alguém, então o trabalho devia ser remunerado, que ele é de fundamental importância agora que ela estava em repouso total, pelo menos até que a Bia conseguisse tomar conta de tudo, explicou toda a base do capitalismo, como o trabalho mudou no século vinte e um e como o produto era tão importante quanto o serviço. Disse tudo o que era esperado que ela falasse na esperança de convencê-lo de trabalhar para ela do jeito que as pessoas empregam umas às outras, e não só fazendo um favor.

— Afinal, é contra a lei eu te pagar com moradia e comida.

— Eu não estou trabalhando – Rebateu. – E é só enquanto você está

inválida.

— Eu não tô inválida!

— Tá, eu sei, é só modo de falar.

— Vai, Guto, por favor!

— Se eu aceito, é como se eu enterrasse a minha carreira médica.

— Não, claro que não. Você sabe que pode largar quando quiser.

— Enquanto não tem compromisso, eu posso largar quando quiser, depois que você assinar minha carteira, vira trabalho. E eu, um dia, gostaria de voltar a clinicar.

— ... mas isso não vai ser nem hoje, nem mês que vem, né?

— Evidente que não.

— Então... ? E outra, que sua licença tá suspensa.

— Obrigado por me lembrar disso.

— Não falei para ofender!

— Eu sei, eu sei, ninguém fala. – Mas ofende.

— Vai, o que me diz? Vira Vice?

— Vice o quê?

— Presidente!

— É engraçado essas coisas de família. – Disse, embora não achasse nem um pouco engraçado – Tem um andar inteiro na administração que trabalha, se esforça e tem um desempenho melhor que o meu, mas basta eu nascer no berço certo, comer a pessoa certa, ou viver debaixo do teto da pessoa certa, que é o suficiente para que caia no meu colo um cargo desses.

— Todos estão devidamente remunerados e bem servidos – a Dê respondeu, ofendida – Nenhum deles recebe menos que o piso ou trabalha mais que quarenta horas semanais. Todos naquele andar têm participação nos lucros, assistência médico-dentária, seguro de vida e mais algumas regalias quando têm que viajar a serviço.

— Eu sei, eu sei...

— E mesmo assim são coniventes com desvio de verba.

— O quê?

— Não tem como todos eles, principalmente o financeiro, não ter sabido do desvio de verba de Portugal. A Beta, um mês lá, já sacava: como que ninguém aqui sacou?

— Todos têm medo de perder o emprego.

— Acredite: depois que eu apurar toda a situação, alguém realmente vai perder o emprego.

— Bom, eu não posso opinar no como você gere a sua empresa.

— Pode, vice-presidente.

— Se eu viro vice, quem é a presidente?

— A Bia.

— Mas, e você? Você era a presidente.

— Eu nunca mais vou ser. — Sorria, feliz com isso. — A Bia vai se adaptar, vai ver que o trabalho é todo dela, e eu vou viver de unir as duas pontas: tanto queijo, como cavalo. Então: - mudou de assunto — Aceita?

— Com uma condição:

— Lá vem.

— Eu posso ir morar na casa da Beta?

— Uai... Não tá feliz aqui não?

— Não, não é isso. É que o Lipe e você precisam de espaço, vivem trancados nesse quarto, se vestem para sair dele quando eu estou aqui... é legal morar com ele, a gente morou junto a vida toda, mas eu não aguento mais fazer parte da vida de casado de vocês dois.

— A gente não tem vida de casado.

— ... E eu tenho vontade de socar a cara do Lipe pelo jeito que ele te trata.

— Mas ele me trata muito bem!

— Pau mandado do caralho.

— Guto, você não vai ser diferente.

— Teu cu, que não.

— Guto, quando a gente casa, tudo muda.

— Lá vem a Divindade do casamento dizer para o solteiro como é que é casar.

— Não, eu não. — Sorriu. — A Bia quem vai.

— Tó, pega a minha filha — Respondeu, puto com o sorrisinho cínico que ela tinha no rosto — Que eu vou botar um terno.

— Então cê aceita? Tem mais alguma exigência?

— Aceito, vai, que se dane.

— Guto, - tomou a palavra, pegando a bebê no colo e sorrindo de sentir o peso dela nos braços — cê sabe que eu preciso de gente confiável para esse serviço, eu jamais conseguiria deixar a minha Bia e o sonho dela nas mãos de alguém de fora. Por isso é tão importante para mim que você aceite, por mais que depois ela tenha que se virar sozinha, agora não é a hora de ela fazer isso.

— Já entendi, Andressa, não precisa ficar me lambendo.

— Tudo bem então, Gustavo. — Sorria, ainda. — Eu vou mandar uma mensagem para a Betinha, ver se ela aceita, se ela tem planos de voltar ao Brasil logo, que daí eu mando limparem a casa dela bem limpinha antes de você entrar, tá?

— Não precisa mandar limpar nada, deixa que eu mesmo limpo. Só vê se ela aceita, se ela quer que eu pague aluguel para ela e quanto, que eu me viro com o resto.

— Sim, Guto.

— Mais alguma coisa a tratar comigo?

— Não, Guto.

— Então eu vou me fantasiar de gente.

O Lipe chegou em casa com uma pasta do prédio de Administração que a Dê pediu, com um por favor, para que ele fosse buscar. Flagrou um casal incomum, imponente e sisudo, um olhando para o outro sem falar nada, na sala de casa. Uma moça de branco e botinhas, e um homem de blazer e jeans. O Guto fica a cara do pai quando põe blazer escuro, o Lipe sabe, se parece bem mais com o pai que ele e, por vê-los juntos, puxou o celular e tirou uma foto.

— É tipo cometa, - ele disse, tirando sarro, mas também falando a verdade – quando eventos assim acontecem, ou a NASA tira foto, ou ninguém acredita que aconteceu.

— Toma seu rumo, Felipe.

— Vou tomar, mas, primeiro, olhem para a câmera.

Olharam. Nem sabiam o porquê olharam, talvez se sentissem como um cometa mesmo, do jeito que o Lipe disse.

Capítulo 20

— A pergunta que não quer calar é... - Ele sorria, grisalho, encantador ainda, homem de família bonita não envelhece feio, com a prancheta na mão, a caneta que a filha mais nova deu de presente em algum aniversário, o blazer preto em cima da jeans e da camisa que a esposa deu há anos e que ele não tira – Palco, janela ou bar?

— Tem uma reserva aí com o nome da Federação de Hipismo, Tio, falei com o senhor semana passada.

— Eu sei, Princesa – Ele sorriu, cumprimentando a Bia num abraço apertado de Tio saudoso – Mas você só mandou reservar uma mesa, não disse qual delas queria, por isso tô perguntando agora: onde você quer se sentar?

— Eu sou a primeira a chegar?

— Aham, você e o Ingrato.

— Para de me chamar assim, caralho – O Guto não cumprimentou o pai com o mesmo ardor, só deu a mão, assim, meio não querendo, e fingiu que não estava ausente da vida dele há um montão de meses.

— E aí, filhote, tudo certo?

— É, tudo.

— Tá de primeiro Damo, hoje?

— Tô de vice.

— Cês têm um tempinho para dar oi para o pessoal? O Antônio nem acredita que você já é pai, moleque.

— E o Dudu? – O Guto sorriu, lembrando do colega de infância – Taí, também?

— Tá, pô. Tudo igual, a única coisa que muda, às vezes, é o cardápio.

Entraram, de cara para o bar, com dois barmans girando coqueteleiras, em passinhos ensaiados, de frente a um casal jovem que estava mais preocupado em namorar e estabelecer algum laço, que ver a preparação do drink. Seu Rodrigo, do jeito que continua sendo, apontou para o Guto que nem tinha como esconder que era seu filho, e disse, aos empregados:

— Meu filho!

— O médico? – Um deles perguntou.

— É esse mesmo.

— Caramba, Digo, é tua cara!

— É nada, - e ele ria, arrastando o casal pelo corredor, ignorando a área da janela com alguns casais que queriam mais privacidade – sou bem mais bonito.

Rodaram na mão, bem do jeito que o Guto odeia, de todos os funcionários do restaurante. Todos os garçons sabiam quem era Gustavo, mas não o viam há tanto tempo, que quando o reviram, era como se ele fosse outra pessoa. Teve de cumprimentar e dizer que sua filha estava bem até para o mais novato dos funcionários porque, isso o leitor sabe, se o Rodrigo inventar de falar dos filhos, ele vai fazer da forma mais cativante e pessoal possível, dando a entender que o interlocutor também faz parte da família e, como parte da família, tem que saber as últimas novidades dela, também.

Até que finalmente se sentaram, recebidos com um jarro de sangria bem grande, numa das mesas centrais do palco, onde uma dançarina de flamenco dançava, a um som baixinho e ambiente, balançando suas castanholas.

— Essa é a merda de vir aqui. — O Guto reclamou, quando finalmente se sentou — Toda vez eu viro um animal de circo.

— Deixe de ser amargo, Cabrito, é teu pai, sempre foi assim, sempre vai ser.

— Não tô amargo, só não estou com saco.

— Pois trate de arranjar, que a velharia adora um dedo de prosa.

De fato, quando foram chegando, menos de negócio queriam falar, mais da Bia e dos cavalos dela. Um velhinho chegava, sorridente e de terno, como todos os outros, se impressionava com a beleza da cavaleira que só viam por fotos e muito de relance, cumprimentaram o acompanhante dela com o máximo de distância em respeito a ele, e engatavam num sem-número de assuntos que não tinham nada a ver com o que ela foi até lá tratar.

Aos poucos, quando as entradas começaram a chegar, a Bia se soltava e virava o Rodrigo local. Ela era a parente celebridade tanto como ele, cativava o público com seu jeito bruto e engraçado, alinhava a narrativa com a fome do público, adiava o suspense para gerar expectativa e sempre arrematava com um final satisfatório. O Guto pediu licença da mesa quando ela exibia, sob a curiosidadeafiada do público, a cicatriz da costeleta, fruto do seu maxilar de aço e foi, vendo-se livre de tanto ibope, graças a Deus, direto para a cozinha onde Antônio e Dudu, como sempre, brigavam.

— Quem tá vestindo o Dólmã, Eduardo?

— O Senhor, Chef.

— Então faça como eu mandei.

— Sim, Chef.

— Ô, Guto, desculpa o barraco. — Antônio limpava as costas da mão na bandana de rock presa na testa e continuava — Esses moleques saem da faculdade e acham que já podem comandar uma cozinha.

— Eu nunca questioneei sua autoridade, Pai. — O Dudu se intrometeu,

cabisbaixo e fazendo bico do mesmo jeito que quando tinha dez anos e o pai o proibia de comer algum doce.

— Não, só não gosta muito de fazer o que eu mando.

Sentiu uma mão quente por cima de seu ombro e, quando viu, era puxado da janela da cozinha para o bar. Seu pai, que com o passar dos anos, pegava a mesma mania do pai dele, a de puxar as pessoas para um abraço mesmo se elas quisessem conversar com outra pessoa, o levou para um par de bancos livres do bar. O Guto pediu uma cerveja, qualquer uma servia, só o pai que nunca gostou de cerveja pediu um Chivas sem gelo e recebeu quase duas doses, em vez de uma.

— É assim que cê serve as pessoas, Cláudio? – O Rodrigo sorria, num puxão de orelha – As pessoas pedem uma dose, você dá logo duas?

— Não, Seu Rodrigo, só para o senhor, tá com o filho aí, pô, achei que era bom caprichar.

— Sei...

— O cara só quis ser gentil, pai.

— Eu sei, moleque, tô só tirando uma casquinha. – Deu uma bicada com satisfação deixando à mostra o relógio que ganhou da esposa em alguma data importante por baixo do blazer e mudou de assunto – E minha neta, como tá?

— Continua no leite sintético.

— Mas tá bem, tá gordinha? Cê tá levando ela no médico? E as vacinas?

— Tá tudo de acordo.

— Leite sintético não é o melhor, mas ninguém morre de tomar, não.

— É o que eu posso fazer.

— Manuzinha tá sentindo a falta dos irmãos. – O pai dele queria conversar, entoar um assunto e continuar nele, matar a saudade na palavra, beber uma com o filho até sentir o coração limpo das mágoas e do abandono que sentia, mas o Guto não queria conversa e o pai dele percebeu.

— Todos vocês estão.

— Óbvio. – Sorriu, um pouco amargado – Tem quase trinta anos que sua mãe e eu não sabemos o que é ser só dois, o que você queria?

— Pois é, - e devolveu – o que você queria?

— Cê tá bravo com o pai, filho? – Desistiu de matar a saudade na palavra, depois que viu que o filho queria o mundo todo, menos conversa fiada.

— Tô não.

— Não liga, não aparece, não visita, não conversa... a gente tá sem saber o que fazer, filhote. Você sabe que pode contar com a gente, sempre pôde, mas você se enfiou lá com a Dê e nada faz você aparecer lá... só dá a entender que a gente fez alguma coisa errada e você não quer perdoar a gente.

— Jamais, – foi claro – eu só não quero levar meus problemas para vocês.

— Mas pra que a gente serve, se não é para ajudar você com seus problemas?

— Vocês têm uma ideia de quem eu sou... - sabia que ia doer falar isso, mas sabia também que com o pai poderia ser claro – que eu não quero que mudem. Se eu levo meu problema para vocês, vocês vão ver que eu não sou nada do que vocês me criaram para ser.

— Tá com vergonha da gente. – Suspirou, conformado. – Logo você, filho? Você, que é o único dos filhos que eu dei o calhamaço para ler, que entende sua mãe e eu melhor que os outros dois? O que pode ser mais vergonhoso que aquilo?

— Aquilo não é nem um pouco vergonhoso.

— Fico lisonjeado, mas discordo. – Como um carinho, colocou a mão no ombro do cavalo de briga e sorriu – Aquilo é vergonhoso pra caralho.

— É, talvez a parte do salto...

— Nem me faz lembrar. – Desviou os olhos dos olhos do filho por vergonha de, na hora que deu o calhamaço para que lesse, ter se esquecido que nem só de brigas e conversas aquilo se mantinha. Esqueceu que tinha um monte de putaria, como Manuzinha diz, trevosa.

— Mas mostra que vocês dois se erguem – sorriu, emborcando a cerveja num gole grande – e quem vocês dois são quando não estão na máscara de pai e mãe. Eu admiro isso em vocês.

— É?

— Por isso também que não quero levar meus problemas para casa. Vocês se esfarelam e depois prosperam, vocês dois e o Lipe. Vocês dois caem, depois engatinham e então correm. Eu... - Abriria o peito com o pai logo ali, no meio de um jantar onde ele servia de acompanhante? Abriria o peito quando conseguisse – eu não consigo nem acreditar que tem depois.

— Filhote...

— Eu tô num estado de letargia – podia usar essas palavras com o pai, o pai entenderia; se fosse com a mãe ou o Lipe, teria de parar de desabafar só para explicar o que letárgico significa – que eu tô indo na maré. Não decido, mas também não nego. Suspenderam meu registro de médico? Foda-se. A Bia tá precisando de ajuda com os cavalos? Foda-se. O Lipe quer que eu fique do lado da Dê? Foda-se. A Manu quer invadir a casa do Lipe no meio da noite só para meiar comida? Foda-se. Façam o que querem, não vou impedi-los, não quero ter que decidir, não quero ter que pensar; por mim, limpar fralda e chacoalhar leite em mamadeira tá mais que bom.

— Por que isso, filho?

— Por que se eu começar a decidir, então eu vou ter que lidar com coisas que eu não tenho estrutura para lidar.

— Com a mãe da minha neta?

— Exato. – E deu outro golão só para não ter que falar nela. – E não tem nada nesse mundo que eu queira fugir mais do que disso.

— Mas você tem que entender que não tá sozinho.

— O senhor não sabe o que é trauma.

— Verdade, não sei. – E lembrou da fatídica noite em que sua própria mãezinha morreu e ele não estava lá para acudir – Sua mãe quem sabe. Eu estive aqui, sentado neste mesmo bar, na única oportunidade que tive de saber o que é trauma.

— ... e eu não quero ter que dizer para o senhor o que é.

Então, como os pais fazem, pelas beiradas até atingir o centro da ferida, ele ficou ali, ouvindo o filho, expondo o próprio coração para ele, servindo-o numa bandeja de prata só para que o Guto percebesse que o coração do pai é de carne, não quebra e sabe que o filho é uma extensão do próprio corpo, não um estrangeiro esquisito a quem tem que aprender a tolerar.

— Eu não tô sozinho, - o Guto continuava – eu sei, tô cheio de gente ao redor o tempo todo, mas é como se eu não quisesse ninguém por perto.

— Só a Bia, né?

Só a Bia? Olhou-o pensando em falar meia dúzia de malcriadagem. Nem a Bia, caralho, quem é louco de mostrar do que é feito assim, na lata, a uma pessoa que só está disposta a conhecê-lo porque não sabe do que ele é feito? Nem a Bia, nem ninguém, nem Madalena quando começar a falar e se perguntar o porquê é tão mais pretinha que o pai.

— Nem ela.

— Não tô falando de agora, filho, agora é muito cedo – o foda é isso: o velho sempre entende a gente. – Tô falando que você está disposto a mostrar do que você é feito para ela, mas também, para mais ninguém.

— ... tô de vice dela, no Jockey.

— É? – Percebeu a mudança brusca de assunto do filho, mas preferiu prosseguir com ele.

— É, burrice, não vai durar, eu nem tenho experiência com cavalo.

— Mas ela confia em você, então basta.

— Ela não, a Dê confia. – Queria que tivesse sido a Bia, que a Bia tivesse o chamado para o cargo, que ela demonstrasse interesse e confiança, mas, nem para estar ali, sentado com o pai, foi a Bia quem chamou. Tudo foi a Dê.

Como sempre é.

— Tudo o que eu quero é ver você bem, Guto, o que eu puder fazer para te ver bem, você me fala. – “Mesmo se for para dar meu passo atrás e te ver se atropelando, filho”. O olho dele dizia e o Guto se sentiu mal de ver isso tão estampado e claro. – Só, se puder, ir ver a gente um pouco a mais, por favor, faça isso. A distância tá fazendo mais mal que bem. Parece que somos supérfluos.

— Não são.

— No fundo a gente sabe, mas a gente não tem bola de cristal, então ficam umas dúvidas e, às vezes, as dúvidas vencem.

— Seu Rodrigo... - Veio, tímido por saber quem era o homem sentado com uma cerveja na mão ao lado do patrão, pedir ajuda – tem um cliente que está reclamando...

— Eu sei, sempre tem um.

— É, seu Rodrigo, mas é melhor...

— Marca alguma coisa com a gente, Guto, vamos terminar essa conversa lá em casa. Eu não vou forçar nem estabelecer data, mas por favor, apareça. – O pai dele pediu, com os olhos molhados e tristes por ter que ir trabalhar, antes de dar um aperto no ombro do filho, semi-encerrar a conversa e sair.

Ficou lá, como cena de filme, bebendo uma única cerveja e olhando o barman atender aos outros. É complicado, ele sabe, tudo é complicado. Desde a sua relação com a vítima de violência doméstica, arredia que só ela, até a relação com seus pais e seus sonhos de filhos felizes e seus esforços para criá-los decentemente, até a sua própria relação consigo e sua carteira de médico cassada. Estatelado diante dos furacões, ele preferia ficar parado assim do que continuar e fazer merda.

Sentiu vontade de ligar para a Manu e falar com ela, ouvi-la falar de sua vida e seus dramas universitários de provas e prazos, de seus dramas quase adolescentes de ser mulher que transa com dois. Toda vez que se via vazio e solitário sentia vontade de ligar para ela, mas afogou tudo quando foi para a Bahia e não sabia mais se podia usar esse ombro amigo sem restrições agora, quando estava de volta.

E, outra, que ele tinha que voltar para a mesa e ficar calado sorrindo de tudo, olhando a Bia celebridade falar de si mesma para encantar a Federação, de forma que eles queiram sediar o próximo amistoso de Turfe ali, nas terras dela.

— Tá arrependido de vir, Cabrito?

Cabrito. Olhou para a mulher que vestia roupa de menos, tudo brilhando demais, os cabelos jogados para o lado do jeito que ele colocou e ela manteve. Cabrito um cacete.

Catou aquela mãozinha que não tem nada de macia, num gesto rápido, que não era para ser visto pelos outros porque não era espetáculo, e a enfiou, lá

dentro da calça, espremida entre o cinto e a barriga, direto para as suas bolas.

— Quem aqui é Cabrito, Bianca?

“Poder, Filhote”. Lembrava do pai falando para um Lipe muito perdido sem saber como se portar diante do grande amor da vida dele: “E zero controle”. Ela podia apertar se quisesse, e ele ficaria no chão estrebuchando até o dia seguinte, vexatório, mas ela não apertaria. Do jeito que olhava lá no fundo da alma daquela mulher, de fazê-la perder o rumo de casa e de entender que não tem cabrito no cavalo, ela não apertaria jamais.

Esta é a grandeza da mulher que se vira para o sujeito amado, sem firulas, crua como é. Que não faz joguinhos bestas de interesse. Jogada no chão, aceitou as mãos que a ajudavam a se erguer, aprendeu a engatinhar, a se apoiar nos ombros dos amigos. Ainda tropeçava, todo mundo tropeça, mas a grandeza dela é correr na própria velocidade, tudo de novo, só que desta vez, por ela. Honesta consigo, depois com os outros. Os olhos colados num Gustavo que lhe sorria era honestidade consigo. A falta de joguinhos com ele era honestidade consigo.

Olhá-lo e não desviar os olhos falava mais consigo, que com ele. Olhava-o porque ele estava lindo naquelas botas baixas, a jeans, o cinto o embrulhando para presente, a camisa por baixo do blazer. Dia do malfeito, não era? A calça ajustada para o corpo dele, a camisa ajustada para o corpo dele, o sorriso ajustado para o corpo dela. Parada com a mão do saco dele, poderia apertar e mostrá-lo com quantos paus se fazia uma canoa

Não se sabe se era obstinação de cowboy ao enfrentar um boi bravo, ou obstinação de mulher que cansou de esperar. Subiu as mãos da bola, Tateando-o todo até chegar na barriga e o viu respirar fundo, quase fechando os olhos. Poder, pois é. Nas mãos dela, não nas dele. Poder na mão dos homens trouxe duas guerras mundiais e milhares de povos colonizados.

Gustavo sentiu na cintura do que a Bia era feita. Lava corrosiva e objetivos. Turronice é coisa de menina, aquilo não era turronice, a Bia não tem nada de menina, e ela própria sentia isso a cada vez que via a ferida diminuir. Se o toma pela mão é porque decidiu, é porque tem uma coisa na cabeça, é porque não é e nem nunca foi mulher de se fazer de bonita e esperar que a gracinha tome uma atitude.

Olharam-se na meia luz. E vão dizer o quê? É um primeiro encontro, mas não são estranhos. Se entendem melhor no silêncio, mas o silêncio nunca levou ninguém para a Lua. Ainda tinham, um de frente para o outro, olhos alinhados, corações, cheiros e fluídos, as mãos coladas. A mão dela, a que não invadia calças, parecia pequena dentro da dele.

Colocou a mão dele nas próprias costas, se envolvendo num abraço,

avançou para perto dele, sentindo o cheiro de banho e de homem limpo. Sentia o toque da barba no seu maxilar de aço, a maciez da pele por detrás, o cheiro de macho pronto, a respiração baixa e rude. Cavalos que se revelam nos escuros. Animalidade sombria de médico às claras. A respiração dele, baixa e violenta, sem tocá-la com os lábios, a mão parada onde ela a colocou, os corpos muito perto sem se tocarem. Não vão se pedir em casamento, já confessaram, mas não vão se unir porque já não sabem mais como é estar inteiro?

Ela só sabe que não está pronta, não pode predizer dele. Olhava-o nos olhos e não queria dizer nada. Para onde foi o menino que cuidava do irmãozão? Para onde foi o menino que passava as roupas da irmã e engraxava, sem nunca dizer nada, às botas dela? Por acaso ele enfrentou a vida e endureceu? Respirando baixo assim, a mão colada nas costas dela, o outro braço parado ao lado do corpo, ele não era aquele menino. Ele não era o Ferreira do meio, o Ferreira disponível, o clichê que restava solteiro com uma filha precisando desesperadamente de uma mãe. Ele era o líder da tropa, bom, competente e íntegro o bastante para correr ao lado dela.

Dois cavalos de espírito selvagem. Por que você escondeu sua essência debaixo desse diploma de médico, Amor? Por que você escondeu sua ira des governada debaixo das boas ações? Por que não deixou que os outros vissem, Gustavo, quem você é de verdade? Se não tem palavra bonita para dizer, não diga, diabo, diga as tuas feias, diga as cruas.

Se você é do comer cru, por que se sujeita ao cozido?

Você por acaso tem vergonha de ser assim? Você por acaso acha que vão regular amor quando virem do que você é feito?

A Bia reconhece o líder da manada quando o vê. Reconhece as quatro patas, a animalidade, um puro sangue que não se impõe com palavras porque não precisa. O leão não reivindicou coroa, nasceu pronto.

Macho mais do torcer que do endireitar. Tinha coisas a dizer para ele, a se desculpar, a implorar de joelhos. Arrependia-se de usar a Dê de diplomata, de fazê-la contratá-lo. Devia ela, que passa o dia inteiro com ele, pedir uma coisa dessas. Atitudes que a enfraquecia no seu próprio ponto de vista. Tinha coisas a pedir. Com a mão dele ali, na porção descoberta pelo decote nas costas, queria que a outra mão a encontrasse também. Olhava-o lá no fundo dos olhos, onde os bichos grandes se reconhecem.

Olhava-o desbastando aquela camada bem montada de pele macia. Olhava procurando o couro. A parte altiva, o doismetro de bicho que trota. Conviveu por tempo demais com cavalos para se deixar enganar. Lá está um igual, que trota como ela, que não mede educações, que não são feitos para rebaixamentos. Sentada no seu trono, confortável na própria pele, olhando-o

assim, tão calmamente, ela esperava que ele assumisse o próprio trono, bem ao lado do dela.

— Foge daqui comigo, Bia.

Fugir? Ela não é mais mulher de fugir. A última vez que se viu fugindo foi do Brasil, dez anos atrás. Agora, aos passos muito lentos, compreendia isso com longas sessões de terapia e muita conta para pagar: é ela quem dá as cartas, não é mais ela a pessoa que foge.

Não o beijou como beijou as outras vezes. Foram bem poucas as vezes que o beijou, queria tê-lo beijado mais, devia tê-lo beijado mais. Beijou-o sem o desespero de arrancá-lo das roupas. Beijou-o como devia tê-lo beijado naquele estábulo apertado, como queria tê-lo beijado toda vez que o viu aos pedaços.

Beijou-o como beijou o Jorge na despedida e como nunca beijou o Leo.

Beijou-o do jeito que as Botelho beijam quando querem desgrçar a vida de um sujeito. As mãos na borda do rosto e o corpo espremido entre as costelas dele. Sentindo os braços compridos e grandes ao redor das costas, num aperto quente e gostoso, sentindo a ereção dele contra o próprio ventre, sentindo a respiração cada vez mais rude escapar por bocas ocupadas. Beijo lento de erro previsto e o sorriso de quem vê a vertigem linda.

— Tá lindo, Gustavo.

— Foge comigo.

— Não.

— Bia...

— Eu não fujo. – Não soltou dele, mas também não se soltou de si – Nem você é o tipo que foge. A gente vai lá, terminar o que começamos, e depois vamos para casa.

Capítulo 21

Saíram do restaurante os velhinhos todos satisfeitos. Olhavam para a Bia e não viam pessoa, viam monumento. Engrandeceu aos olhos de quem ela nunca fez questão, só de falar de seus próprios feitos. Deram tchau para ela, cada um esperando o valet trazer seu carro, como se fosse filha: beijo no rosto, nas mãos, mais um monte de palavras de brevidade, que se veriam o quanto antes, que a secretária de um vai mandar os documentos de a Bia não lembra o quê, que o agente de outro vai mandar os preparativos pelos correios, que ela deveria ir até a sede deles, para conhecer e fazer fotos, que ela poderia ser a cara do Hipismo Nacional, se quisesse, estampada em todos os comerciais e prospectos do país.

Deram tchau e ela acenou, cordialmente, até que o último velhinho estivesse em posse de seu carro, tomando a rua. Voltou, se despediu do Tio e o ouviu agradecer por escolher o restaurante dele para a reunião, despediu-se do Chef e do filho dele, e, em posse do carro emprestado da Dê, esperou que o Guto se sentasse no passageiro e saiu.

Nem mesmo uma palavra até em casa, não porque não tivesse o que dizer, mas porque dentro da sua cabeça, sentia-se melhor que muitos anos antes. Odiava ter que ser diplomática, sorrir e acenar, odiava a ideia de estampar capas, mas, por outro lado, enquanto falava e era ouvida por todos eles, quando via nos expoentes hípicas o gosto da satisfação, os olhos brilhantes apaixonados nela e no que ela foi capaz de fazer, inclusive seu mestrado, o investimento da irmã, a fisioterapia em cavalos condenados, ela se sentia como a Bianca menina, de quinze anos e o ventre oco, gostaria que a Bianca adulta se sentisse.

Sorria ante o volante, sem ver a rua passar, sem ver o Guto do lado, só a estrada e ela. Lembrava da Bianca, onze anos atrás, com o Encrenquinha na caçamba e as duas irmãs sobre o caminhão, olhando o céu, a sensação de impossível que aquilo lhe deu, a sensação de que poderia fazer tudo e ser tudo porque, essa ela só entendeu quando atingiu o portão para carros do Jockey:

Nunca esteve sozinha.

Sentiu, olhando a casa da irmã toda apagada, que devia agradecer e se desculpar por coisas que as duas evitam falar para não se magoar. Sentia uma flor que crescia no peito, enraizada dentro de si, um sentimento de amplitude que sentem só os que, algum dia, sentiram orgulho de si.

De repente, atravessando a grama escura em direção à sua casa, o Jorge ficou pequeno. E o Sérgio também. E eles não podiam mais nada contra ela porque, ao contrário do que eles acharam, ela estava em pé, permaneceu em pé, resistiu em pé mesmo que eles ainda tentem, mesmo que não saibam disso,

puxá-la para baixo.

Incubada por tanto tempo, enclausurada onde ninguém tinha a chave para libertá-la, sabendo que tinha poder e força para ir onde quisesse, parou na grama, na porta de casa. Não estava sozinha, o Guto a seguiu até a porta de casa, sem entender muito o que ela queria, o porquê não falava nada, o jeito de pisar duro característico dela, mas tão mais duro que o resto dos dias.

— Esse é o melhor dia da minha vida – Ela disse, olhando para ele sob a luz da entrada de casa.

— Por causa da Associação de Hipismo, ou... ?

O dia em que se deu conta. O dia em que falou de si mesma e não escondeu nada, não ofuscou nada, não falou com pesar ou tristeza. O dia em que sorriu e acenou, militou em favor do Jockey, do Seu Jockey, fez o que era preciso e não se sentiu roubada depois. O dia em que uma mulher é consciente de que não podem fazer nada contra si. Resplandece onde ninguém vê, brota onde ninguém rega, sorri por dentro e ilumina o fim de forma que consiga ver que o pretenso fim do poço não é poço – é túnel.

Lá está. Se seu corpo é seu templo, Bia, por que não deixá-lo entrar? Se o corpo é seu e as regras são todas suas, Bia, por que não deixá-lo aprender a reza sacra milenar, só sua, secreta e íntima que ele está doido para saber como é?

Se as regras são todas suas, se as terras são todas suas, se a sua irmã te deu o mundo na bandeja, por que não colocá-lo para rodar do jeito que gosta que rode? É dever e deleite entender que tudo o que o olho alcança é seu.

Olhando-o sem dizer nada, as portas do templo se abriram. Pronta? Passava longe de pronta, dia seguinte ainda vai vestir aquela jeans surrada e se submeter a uma besta-fera que não vai querer saber de correr e exhibir seus dotes, ainda vai entrar numa sala chique e mandar em todo mundo que acha que sabe qual é seu dever, mas não tão bem como sabem os seus peões. Dia seguinte ainda vai ser presidente em exercício, substituta, meio perdida.

Mas naquele dia, diante dele, diante de si, aflorando e fluindo onde pedra não é feita para fluir, estava pronta. E Gustavo, observador por instinto, entendia e via tudo.

— Se a gente vai esperar que o outro fique bem antes começar qualquer coisa, quando é que a gente vai se aceitar? – Ele desviou os olhos dos dela para dizer isso, não porque não possuía brio o bastante para dizê-lo olhando nos olhos, mas porque não queria briga – É possível que você e eu nunca nos curemos e é possível que a gente aprenda a lidar com a dor. A minha dor vai te contaminar do mesmo jeito que a sua me contamina.

— Eu nunca quis levar meus problemas para você.

— Eu sei. – Sorriu chegando mais perto dela, alinhando coração e olho –

Eu que não consigo ficar sem ver. Você demora para levantar da cama e eu sei o porquê. Você chora seco todo dia e eu sei o porquê. Você se tranca e não quer conversa, me evita e se abre para o Leo e eu sei o porquê. É tarde, agora, para você esquecer que eu estou do seu lado e vir me dizer que seus problemas não são os meus.

— Não são.

— É, eu entendo, você quer que a gente vá ao psicólogo e se anestesie, aprenda a lidar com os dilemas, ganhe um tapinha nas costas e aprenda a entender que nada é culpa nossa. O seu caso, Bianca, passa longe do meu. E eu não vou melhorar nunca e eu quero, um dia, que você entenda o porquê.

— Não diz que não vai melhorar.

— Se a gente esperar o outro ficar bom para só aí se misturar, quando a gente vai aprender a pular junto? O Lipe e a Dê são quem são porque pularam juntos. Meus pais e os seus são quem são porque pularam juntos. Ninguém nunca está bem, meu pai tinha largado a família em Minas quando encontrou a minha mãe. Seu pai era viciado em tudo quando encontrou a sua. O Lipe era insone e deu a liberdade para a Dê fazer o que quisesse com a vida deles. Separados, pulando juntos. O que eu quero saber, Bia... é quando é que você vai estar disposta a pular comigo.

Foi cruel ele dizer, no momento de euforia dela, na hora em que a boa fortuna é percebida, que ele não vai melhorar. Que ele não é quem ela sonha que ele seja, que ela não vai se curar das chagas. Foi cruel e ela sentiu o baque. Não tem luz nesta bosta? É viver de desenganhos e pronto, é isso?

O problema é que ela quer mais da vida do que viver de lamentar-se. Agora sabe disso.

— Eu não gosto de você pelos seus ganhos – Ele gosta? – Gosto pela teimosia de não parar. O que mais gosto em ti é a vida – E ela nunca vai reparar que isso é Manuel Bandeira – Você... - Ele ia se declarar, mas parou. Como é que fala isso sem parecer meloso, clichê e babaca? – A gente não precisa nem casar – Ele já tá falando em casório? – Eu só quero... eu só sei que... - Deixa quieto, melhor.

— Gustavo, - ela sorria. Dia de vitória. Em todos os sentidos. – você não toma café, mas você quer entrar?

Por que ele não conseguiu dizer? Não é o fim do mundo. Não vai morrer, nem entregar a cabeça de brinde, vai só falar o que tá entalado há algum tempo e que vem crescendo, como tem que ser. Só quer deixar claro a sua parte do acordo, para que ela entenda e faça o que quiser com isso. Inclusive nada.

Inclusive tudo.

Não respondeu sobre o querer entrar, ficou parado, olhando. Não tremia,

não tinha o coração disparado, se entendia muito bem, a maior parte do tempo passa dentro da própria cabeça, não se vê como um problema.

Só que fica difícil ter que falar. Sempre foi.

— Eu não terminei. — Disse de um modo rude, mas não era para ser. — Quando você entendeu que estava apaixonada no Jorge?

— Só estive. — E ele falar no Jorge não ajudava.

— Eu também nunca entendi. Você começou a me ajudar com Madalena e tudo foi ficando mais fácil. Ter o leite pronto, ou conseguir dormir mais um pouco, isso tirou um peso de mim. Ter você do lado tira um peso, divide a carga; e quando você não está, eu fico ansioso, esperando você chegar, vazio. Eu gosto de você, Bianca. E eu prefiro os dias em que você está, mas odeio quando você não fala comigo e fica agindo pelas beiradas. Desculpa o dia dos cem reais, aquilo foi uma babaquice e eu fico de te pedir desculpa todo dia, mas sempre aparece uma coisa nova para fazer e eu deixo para depois. Obrigado por cuidar de mim e eu queria, se você também quisesse, cuidar de você, um pouco.

— Você vive cuidando de mim.

Parou de dizer porque não tinha mais como continuar. Se quisesse, teria dito uma resma inteira de declarações ultra-românticas — tinha repertório para isso, lia e relia passagens cânones de coisas lindas a se dizer a uma mulher. Tudo já foi inventado, ele lembra. E poderia se armar de versos e prosas para inventar um Gustavo que tinha muito o que dizer.

Só não queria se camuflar. Lê e observa, mas nunca foi muito bom de falar. Não quer falar, porque se precisa falar, suas ações falharam. Mudo diante da mulher que sorria, que entendia onde ele não descrevia, supôs perdida a batalha ganha. Talvez tivesse sido melhor só deixar quieto.

— Eu devia ter pedido para você vir trabalhar comigo — Ela disse, abrindo a porta de casa num gesto simbólico que ele entendia muito bem — Mas, depois da briga por causa do último pagamento da cirurgia, achei que fosse levar a mal, por isso pedi para a Dê fazer. Devia ter eu falado.

— Devia.

— Você teria aceito?

— Se não tivesse tacado a carteira de trabalho na minha cara como fez com o dinheiro, por que não?

— Teria?

— O que me deixou puto na vez da cirurgia não foi a grana. Eu já entendi essa, você tem muito, não tô aqui por isso, não quero saber. O que me doeu foi você reduzir tudo a dinheiro. Você sabe, Botelho, que me fez pegar num bisturi sem tremer e que esse foi o máximo de avanço que eu tive desde que Madalena nasceu?

— Você disse.

— Você acha que isso significou pouco para mim?

— Eu sei que não.

— Eu sou o cara que tá preso entre a filha e a mulher que não são minhas. – Disse, finalmente, puxando a cadeira da cozinha para se sentar, cansado de rodear sem chegar a lugar nenhum, puto da vida por não conseguir se expressar, sabendo que a declaração a faria invadí-lo com um monte de perguntas. Cansado. Sentado à mesa, se a cabeça ou os ombros caíram foi porque ele não queria mais saber de se pôr no papel de pai e homem que consegue lidar com tudo.

— Erga a cabeça, Cabrito – Disse, parada diante dele – Que tem sobrinho a caminho e essa não é hora de cair.

— É, - pois é. – boa noite, Bia.

Levantou-se, tímido, e, sem olhar para ela, desistiu do convite. É, pensou, talvez fosse muito cedo. Talvez fosse muito adiantado. Com o fracasso na garganta depois de um dia de vitória para ela, deu as costas.

— Vai não.

— Tá tudo bem, eu não vou chorar nem tentar me matar.

— Sei que consegue se virar. – Sorriu, buscando-o pela mão, o fazendo olhá-la, beijando-lhe uma das mãos antes de voltá-la para a própria cintura – Mas eu só não quero que precise. Fica aqui. Eu quero você na minha vida, eu que fiz você ir comigo para o restaurante do seu pai, eu só escolhi lá por sua causa... Gustavo, você só vê o que quer, cacete? Porque a filha é sua. E a mulher também.

“Hoje eu fui alguém que a antiga eu se orgulharia de ver. E eu fiquei feliz de você estar junto para poder ver, também. Eu não tô boa, mas você tem razão. Se a gente esperar ficar bom para se misturar, do jeito que você disse, então a gente só vai tolerar o outro quando estiver bom. E eu não vou ficar boa, nem feliz, todo dia”.

— Não, - ele sorriu. Até está apaixonado e as borboletas todas, mas não a esse ponto – você é um caralho na maior parte dos dias.

— Quer reclamar? – Sorriu de volta, num certo orgulho de ser quem é – Cata a senha.

Sem dizer nada, ainda orgulhosa de si, serviu-se de uma cerveja e ofereceu outra para ele, sentou-se no sofá depois de tirar as botas e ficou lá, olhando-o despir-se do blazer e dos sapatos e se sentar, com tanto desleixo quanto ela.

— A gente pode – Ele disse, depois que ela cansou de caçar coisa nos canais para ver, virando-se para ela e a atingindo num sorriso que ela não

consegue escapar porque não era um sorriso de alegre – fingir que tá namorando e que eu sou o cara certo?

— Namorar, Gustavo?

— É, eu nunca fiz isso; eu sempre como sem rodeio.

— Pois é, eu lembro.

— A gente pode sair de vez em quando, conhecer um lugar novo, você pode ir na minha casa e eu posso ir para a sua, às vezes?

— Por sua casa, você quer dizer... a do Lipe?

— Não, a minha. – Continuava com o sorriso empenhado, passando o braço por baixo dela, cauteloso com os pés para não chutar a própria cerveja – A condição para ser seu empregado é se eu pudesse morar na casa da Beta.

— E a Dê aceitou esse absurdo?

— Disse que ia ver. Não tá claro se eu pago aluguel para a Beta, ou se eu moro lá por quanto tempo eu precisar, mas, a princípio, aceitou, sim.

— Ah, mas eu vou falar com ela, que porra é essa, a Dê tá louca?

— Eu pedi.

— Carai', por quê?

— Porque eu não sou só o irmão do Lipe e assistente da Dê. Eu sou eu, um pai, um homem. E eu tô de saco cheio de viver naquele conto de fada perfeito que o Lipe montou para eles.

— Eu achava que era a única que odiava o jeito dos dois – Sorriu. – Eu não odeio, não tenho ódio, mas, se o Lipe puder, ele fica vinte e quatro horas atarracado no pescoço da Dê, a menina mal sai do quarto, dá para ver que ela odeia o confinamento, mas quem diz que ela sai? Isso não é vida, não, pelo amor de Deus.

— Eu não gosto de falar mal deles. – Suspirou, desfazendo-se do sorriso sedutor – É o jeito deles, tem dado certo. A Dê precisa parar de se culpar dos anos de ausência e o Lipe precisa parar de ter medo que ela vá embora.

— Se é.

— Não são perfeitos, mas eles tentam. – Sorriu, como não tem sorriso há muito – Tenta você comigo?

— Tento. – Sorriu, olhando dos olhos para a boca, se ajeitando debaixo dele, sorrindo enquanto sentia a respiração dele tão perto e desfeita dos nós e das dúvidas que tinha acerca deles.

— É?

— Se a Dê não ligou para a Betina ainda, amanhã de manhã eu mesma ligo.

— Não se preocupa com isso.

— Faço questão, Gustavo, tô passando a entender agora que quanto mais

a gente é dono do nosso nariz, menos as pessoas quebram a gente.

— Fala de novo?

— Você não ouviu o que eu disse?

— Não, - beijou o rosto e a olhou bem fundo nos olhos – meu nome. Ninguém diz meu nome.

— Eu não vou dar para você hoje, Gustavo, larga de melação.

— Nem quero – Ainda estava um pouco magoado com o negócio do Leo.

– Eu não quero mais sexo com roupa, em dez minutos, às escondidas. – Se ela podia levar o Leo para a cama dela, podia levá-lo também.

— Não tô boa pra isso.

— Eu sei, Pequena – sorriu, se ajeitando no sofá, de novo, a mão por baixo do corpo dela, a puxando para o peito e aceitando qualquer programa imbecil que passava na tevê – Eu só quero ficar de carinho.

Capítulo 22

O maxilar quem a acordou. Deitada contra o peito dele até era confortável, mas era duro, e a resposta do implante, que tem temperamento próprio, veio antes do sol nascer – pulsava. Sentia o braço quente e pesado em cima de si, sentia a respiração pesada bater no topo de sua cabeça, a barriga dele empurrar e afrouxar no seu braço.

É, realmente, a primeira vez que Gustavo ama na vida? Parecia um pouco impossível, diante de um homem de vinte e seis, quase vinte e sete anos. Raciocinaria melhor se seu maxilar não doesse tanto. Entrou no banho já pensando no trabalho que enfrentaria, em redesenhar o próprio escritório para que o Guto tivesse mesa, convocar uma reunião geral e avisar, formalmente, que ele seria o Vice-Presidente por seis meses e, se fosse de sua vontade, que se estendesse por quantos mais meses quisesse.

Ao mesmo tempo, anotava mentalmente o que devia enviar para a federação: seus documentos, os documentos dos cavalos que viajariam, teria que mandar fazer o contrato de sociedade sem sequer saber como é que fazia um e mais um monte de pormenores que, conforme listava-os na cabeça, se lembrava. Assumia, aos poucos, todas as responsabilidades de empresária que sempre evitou ao máximo e, por não querer levar problemas para a Dê que já ocupava seus dias apurando os fatos de desvio de verba em Portugal, pensou em outra pessoa.

Seria um baque para o velhinho, pensou consigo, rindo, ligar ela, logo ela, para pedir ajuda dele. Seria um baque e um motivo de orgulho. Secando o cabelo na toalha e refazendo a trança de todo dia com ele ainda molhado, pensou na felicidade que seria para o pai. Pensou até na última vez que se viram, há um bom tempo atrás, e nas palavras injustas que disse.

Fez carinho nas costas de Gustavo, sabendo que ele jamais acordaria com um toque tão sutil, trouxe uma coberta do quarto para a sala e o cobriu, admirando-o um pouco e, quanto mais olhava, mais se desvencilhava de que aquele homem esparramado no seu sofá era o mesmo primo bonitinho que geria as crises de asma do irmão.

O mais doce dos Ferreiras agora é assim. E se lembrou de ele dizendo que as pessoas têm a impressão de um Gustavo Ferreira que não existe.

Só que existe, ela sabe, ainda estava lá o irmãozinho do Lipe. A cada vez que ele falava com ela e lutava para não ter que falar, ou a cada toque e a cada sorriso que deixava que visse, o jeito de perceber a filha, cuidar dela, era uma comprovação de que alguma coisa, divisora de águas na vida dele, que talhou o

leite, mas ainda era o Gustavo Ferreira que Dona Fernanda vivia carregando no colo e que nunca quis entregá-lo para o mundo.

Lembrou-se dele dizendo que estava preso na entre a filha e a mulher que não eram suas. Sorriu. Êta, cabra amargurado. Êta, vida sofrida. Como pode um moço novo desses achar que a vida acabou? O que mais pode ter acontecido na vida de um paulista, lá na Bahia, para voltar assim tão desiludido?

Se era a primeira vez que o Guto amava e se ela tinha a sorte de ser a primeira, daonde vinha aquela coisinha fofa que ele faz tanta questão de colar Ferreira no rabo do nome?

Sorriu, doce como o Leo seria, e deixou laranja espremida com um bilheteinho besta na geladeira, antes de partir: “vou pedir para Dona Alexandra separar um pãozinho para você, logo logo estou de volta”.

E jogou no lixo se sentindo muito babaca: “*Pãozinho*”. “*Logo Logo*”.

Partiu depois de não escrever bilhete nenhum. O Guto vai abrir a geladeira quando acordar, certeza, pensou, vai ver o suco lá.

Caminhou da própria casa, vendo o sol nascer por trás dos prédios depois que o Jockey acaba, até o estábulo dos prêmios. Queria se dar ao luxo, aproveitando que acordou cedo e com uma dor do cão no maxilar (que vai durar até o almoço, e que põe indisposto até o mais bem dormido dos homens) de mimar a égua Bel um pouquinho e tomar café com os seus.

— É, Ceceu – ela disse, recebendo uma caneca de café da mão dele – vou te promover a Dona Bia.

— Tá doida, Dona Bianca?

— Não vou conseguir ficar aqui todo dia igual antes.

— Percebemos. O Leozim chega a estar pálido.

— Com o Leo o negócio é mais embaixo. – E trocou de assunto porque isso não é coisa para o Ceceu tomar conta – Então depois passa no escritório da Dê para a gente conversar de aumento. Vou jogar a responsabilidade dos prêmios toda nas suas costas.

— Recuso.

— Tome tento, cabra, que você nunca foi de recusar trabalho.

— Dona Bia, umeno para dar as ordens do dia a senhora tem que estar presente.

— Eu nunca dou as ordens, cada um sabe o trabalho que tem.

— É, mas eles dão valor aos bichos porque a senhora dá e eles não são loucos de tratar a bicharada de qualquer jeito sabendo que a senhora vem sempre olhar. Não pode abandonar tudo de uma vez assim, não, que o negócio descamba rapidim.

— Por isso quero promover você.

— Não, Dona Bia. A senhora é que é quem manda. Eu tô aqui pra fazer funcionar. Não saí da fazenda do seu tio Carlos para virar chefe de estábulo, mas para ser seu braço direito. Se não for desse jeito, Dona Bianca...

— Vai abandonar o barco, cabra?

— Nunca, Dona Bianca, porque a senhora mudou o destino das minhas filhas e eu vou ser sempre grato por isso, mas...

— Eu preciso que você seja meus dois braços, Ceceu. Minha irmã vai ganhar neném e eu tô de presidente no lugar dela. Vou ficar presa naquela estufa até ela ganhar e depois disso eu não sei o que vai ser. Preciso de você aqui para ser meus olhos, meus ouvidos e meus braços.

— Isso eu faço com o maior prazer.

— Desde que eu venha aqui antes do galo cantar. – Completou o discurso dele.

— Faço questão. Ou vou montar na sua Bel e levar ela lá na frente da administração e fazer ela correr lá.

— Nem fodendo, Ceceu, que esse cavalo já tem até a forma do meu cu de tanto que eu uso.

— Olha a boca, menina.

— Mas cê entendeu? Tô clara?

— Sim, Dona Bia.

— Então cuida do meus bicho, que eu vou cuidar de todo mundo.

Tinha outra coisa para tratar ali, enquanto os peões comiam, antes de ir para a administração e cuidar da vida por lá. Tocou no Leo, de longe, sentindo-se culpada. Não vai ser mulher de fingir que não aconteceu e não olhá-lo na cara, mais. Ele é gente, trabalha com ela, é apaixonado nela e ela sabe, não é besta. Olhou fundo nos olhos dele, com alguma ternura nos braços e, afastados dos demais, pediu desculpas.

— Não tem que se desculpar, não foi a senhora.

— Foi também, Leo. – Disse, sorrindo com brandura, como se quisesse explicar o alfabeto a uma criança pequena.

— Jamais, Dona Bianca.

— Eu devia ter dito a você que não viesse para o Brasil, que não daríamos certos desde Portugal.

— Eu sempre soube – Sorria, embora seus olhos se enchessem de água.

— E veio para cá mesmo assim?

— Eu queria saber que tudo daria certo para a senhora.

— Obrigada, é muita gentileza sua. – Mas não tinha nem um pouco de necessidade.

— Eu sei o que a senhora vai falar, então, por favor, não fale.

— A gente pode ser amigo? – Ela barganhou.

— Não. – E ele não cedeu. – Não quero a senhora chorando no meu ombro quando se desiludir com ele, nem saber o que a senhora pensa sobre ele, nem vê-lo junto da senhora e ter de cumprimentá-lo.

— Menino, você está indo longe demais.

— E a senhora não foi longe demais de afogar as mágoas em mim?

Ele sabia, então? Ele entendia que aquela mulher deitada com ele era uma mulher perdida?

— Vim pedir desculpas também por isso.

— Eu não estou bravo com a senhora.

— Eu sei que não, mas devia.

— Não posso – Sorriu – A senhora ocupa um canto onde a raiva não chega.

Ela sorriu, quase sem jeito. O que mais tem para dizer?

— Se você quiser levar Ulisses para Portugal com você, tem gente para te ajudar.

— Dona Andressa não me deixaria levar o cavalo dela para lá.

— Deixaria, sim. – Manteve o sorriso, condescendente e culpada – Ela sabe que está em boas mãos. A única coisa que eu peço é que você faça a transferência só depois do amistoso.

— Quando for mais conveniente para a senhora.

— Nossa Escuderia ainda vai patrocinar você nas olimpíadas, então continue o bom trabalho.

— Promete ir me ver nas olimpíadas?

— Se a gente não competir contra, te visito.

Com o sentimento de adeus preso no sorriso, o abraçou e deu um beijo no rosto, limpou as lágrimas do moço que parecia tantos anos mais novo que ela, e voltou, como prometeu o bilhete que foi parar no lixo, trazendo meia dúzia de pães para ele, para casa.

Do porquê fazer isso, não sabia. Envergonhada pelo próprio cuidado, entrou em casa sem fazer barulho e o viu, a jarra de suco pela metade, a filha num braço e água para um café no fogo. Olharam-se sem dizer muito, não queriam dar bom dia. Ambos envergonhados. Ele, porque viu o bilhete no lixo e voltava para a casa dela, depois de ver a filha, para recebê-la; ela, porque desde que voltou ao Brasil, nunca passou na Dona Alexandra sequer para pegar pão para si.

— Senta, - ele puxou assunto, sem sorrir – teu café tá quase pronto.

Sentia-se como uma menina que põe sutiã para ir para a escola pela primeira vez. Desconfortável e deslocado. Não se comeram de noite, dormiram

juntos, abraçados, encaixando assuntos desconexos, um atrás do outro. Até riram juntos porque já foram amigos e a Bia até o ensinou a tocar violão quando os seis anos a mais dela faziam diferença.

— Tá tudo bem com a princesa?

— Tá, dormiu a noite inteira sozinha, a Dê falou.

— E você não gostou disso, pelo visto.

— Se ela dormiu bem e não se sentiu sozinha, tudo bem, por mim.

— Ela deve ter ido olhar de hora em hora só para saber se a bebezinha tá bem. É a Dê.

— Não duvido que foi bem tratada. – “É a Dê”.

— Quer dar ela aqui?

Por ele, não precisava. Aprendia a fazer tudo com uma mão só, a outra servindo de berço. Conseguia se virar bem e nunca se cansou. A viu chegar perto, com vontade de pegar sua menina, sorrindo receptiva e ele entregou sua filha, mas não sem antes dar um beijo no rosto dela, do mesmo teor safado de quando passou o cabelo dela para o lado, no dia anterior. Sorriu quando sentiu o peso da bebê sair dos braços e passou o cabelo, preso em trança, a mecha da frente, para o lado de novo.

— Bom dia, Pequena.

— ‘Dia, Gustavo.

— Senta, - ele disse, de novo, mas como se esta tivesse sido a primeira palavra que saíra de sua boca desde que se conhecem – teu café tá quase pronto.

Sentou-se sem dizer nada, olhando a bebê que crescia, engordava e parecia sempre mais linda. Cheirou seus cabelinhos, sua roupinha, sentiu as mãozinhas com cheiro de leite e as unhas cortadas. O Cabrito sabe que tem uma bênção nos braços?

— Aqui. – Ele ofereceu a caneca e perguntou – Frito?

— Frito o quê?

— Pão. Quer que frita?

— Carece não, pode deixar que eu mesma faço o meu.

— Senta, – Porra de homem que vivia de ler e que só usa uma frase só!— e toma teu café.

Já se comeram, não já? O pobre coitado tá até falando de casório (embora não vá admitir), já falou de namoro, de ficar de beijinho, de carinhos e a porra toda. Ela tá até ensaiando bilhetezinho para ele, cacete, porque é que tá tão medrosa? Parece cachorro com medo de apanhar!

Parece. E é. E se envergonha de baixar a guarda de novo, de saber o que pode acontecer e, de ele ficar falando “senta”. Tinha a princesinha no colo e com a princesinha no colo ela não briga, mas queria era manda-lo parar com o porra

de “senta”, ela já entendeu, tá tomando a bosta do café, não tá? Que tanto tá enchendo o saco?

Ele não toma café, Bia. Ele já foi pegar sua filha, a vida rodou, mas ele viu seu bilhete, tá ali encostado na beira do fogão sem ter qualquer aptidão para tal, usando o pão que você trouxe. Tá te fazendo café da manhã, Bia, presta atenção.

Continuou sem entender, querendo voltar para a grosseria porque com isso ela sabia lidar, com o Guto que parece que encanta cavalo, não sabia.

— Meu pai vem para cá depois do almoço – Disse, fazendo gracinha com a princesa, tentando não estragar tudo.

— A passeio?

— Chamei.

— Por causa da Dê?

— Não, por mim mesma. ‘Tamo ferrado, Cabrito. – Fingiu que ele não olhou torto quando foi chamado de Cabrito e continuou, embora tivesse anotado no canto do cérebro para não chamá-lo mais assim. – Quando a gente for lá para o escritório te mostro o livro-caixa.

— Tá ruim assim?

— Não assim, mas se a gente continuar nesse pé pelos próximos meses, não tem Jockey ano que vem.

— E a Dê?

— Esquece a Dê, é tudo comigo.

— Ela tem um plano, certeza.

— Sei que tem, eu conheço a tnhosa desde que nasceu, mas não vai ajudar, quer ver eu me virando.

— Isso quer dizer que eu não posso ajudar?

— Que isso, se você não ajudar, não consigo. – E o rosto tomado de vermelho como se ela, a mulher-fogo, encarnasse uma Dê de quinze anos. – Tô só falando que vou ter que me virar.

— Por isso os velhinhos no restaurante do meu pai.

— A Dê não tinha te falado?

— ... - Ela não precisou.

— Agora você sabe. – Mas só isso não bastava – Cê não sabia nem para onde a gente ia quando a Dê te chamou?

— Não. – Verdade, nem quis saber – Era com você e o vestido branco.

— Não vai dar, Cabrito – E frisou bem o “Cabrito”.

— O que?

— Você ficar me lambendo!

— O quê?

— Não gosto de lambida, não sei lidar com gente lambendo, não quero saber de ficar de gracinha com'cê desse jeito, não. 'Tamo se enroscando e até que tá legal, mas não fica de graça comigo, que eu não sei responder com graça.

— Eu não tô te lambendo.

— Tá fazendo café, já é a segunda vez que você enfrenta meu fogão, tá toda hora me mandando sentar... Não, não dá.

— Coma. – E mandou, colocando o prato à frente dela. – E não discute comigo.

Pronto, pensou. Enroscou com o sujeito, já tá achando que manda. São todos assim, tudo a mesma merda. Você se abre um pouquinho, dá confiança, abre a porta de casa, os livros dos negócios, o aceita finalmente e lá está o espírito de porco controlador que acha que pode mandar em Deus e no mundo.

Tinha os dentes cerrados dentro da boca, nunca que conseguiria mastigar. Ela devia saber que era só cuidado, porque é que não sabe? Ela devia entender que é só um café da manhã, que ele tá fazendo a comida porque ela tá com o bebê no colo, porque escreveu um bilhete e a Bia não escreve nada, nem mensagem de celular. Ela devia saber, mas, porque é que não sabe?

Ele conseguia ouvir a cavala respirando pesado, contrariada, comparando-o com o Jorge, sabia tanto que pensava no que dizer. Mandava comer e sentar porque ela não sabe como é ser cuidada pelos outros, porque ele quis cuidar, porque sabe que ela não comeu nada.

Mas ouvindo à respiração torta e descompassada, de moça furiosa, se arrependeu.

E devia fazer o quê? Ele é filho do Ferreira que aprendeu no ferro e no fogo como é cuidar do amor dele, irmão do Lipe e as Filipices que o fazem o garoto das flores. Queria que ele fosse o quê? Um grosso sem tato, um desequilibrado que só serve para sexo e meia dúzia de baixarias? Nem com as moças com quem só queria sexo fazia pouco caso, porque é que faria com ela, logo ela?

Arisca demais. Tudo a faz pensar no outro, a comparar, a medir. Gato escaldado.

— Se quiser que eu saia é só falar. – Disse, depois que já tinha comido um pão, à beira do fogão, só para não ter que encará-la. – Não mandei você sentar e comer porque eu tô mandando em você e quero que me obedeça.

— 'Magina que não. – Era voz de choro?

— Falei pra sentar porque eu queria comer com você. – Disse, se sentando ao lado dela, observando o jeito tímido e contraído com o que arrumava a bainha da roupa da filha dele, sem querer mirá-lo nos olhos – Você me põe numa posição que eu não sei sair. Tô dentro da sua casa, da sua família,

dos seus negócios. Tô aqui porque você me deixa estar. A hora que não quiser mais, eu sei o que é meu, aqui. O resto continua seu.

É difícil lutar contra um inimigo que não se manifesta. Que tá sempre de canto, de olho, pronto para atacar. O medo fica lá, inerte, esperançoso, sem agir. De repente todo o quadro está pintado de escuro e ela não consegue ver. Não sente chegar, só o vê sorrindo para ela, cínico.

E o sorriso que o medo dá não é um sorriso bonito como o dele.

— Melhor eu ir.

— A casa é sua, vou eu.

— Obrigada pelo café – Disse, empurrando metade do pão para dentro da boca, aguando com café para fazê-lo descer, levando consigo a outra metade do pãozinho porque aquilo não era desfeita e saiu, escorrida, confusa e perturbada.

Capítulo 23

No topo do prédio de Administração, o CEO loiro desceu do helicóptero trazendo uma mala de viagem e uma sacola ecológica de mercado. De terno e gravata, depois de uma negociação com a Bélgica para mais um lote de queijo mineiro, ele finalmente abria o primeiro sorriso do dia. Olhou para perto da porta do elevador e via a CEO do Botelho – *Breed and Race Horses* de chapéu tapando os olhos e as duas pernas afastadas como os cowboys fazem, exibindo o cinto grosso de fivela que lhe tapava todo o ventre.

— Odeio quando ‘ocês me obriga a andar nesse trem – Reclamou, dando um beijão na filha mais velha, passando o braço por cima de seu ombro – Chego todo chacoalhado.

— É mais rápido.

— É, tô sabendo, mas é um saco – Mostrou a sacola de mercado e sorriu com todos os dentes brancos e certinhos – Tem café na casa da Dê? Sua mãe mandou bolo de milho.

— Cremoso?

— E sua mãe não sabe que você gosta dele meladim?

— Ela devia ter vindo junto.

— Devia, mas alguém tem que botar ordem na casa.

— Janta comigo hoje, pai? – Ela pediu, apertando o botão do elevador – Só eu e você.

— Janto, uai. Você escolhe o restaurante.

Esperaram o elevador chegar e foram direto para o térreo, nem pararam na sala da presidência. Saíram do prédio e foram, depois que ela se ofereceu para pegar mala dele e ter que barganhar para pegar pelo menos a sacola, direto para a casa da Dê.

Como tem sido desde o descolamento da placenta, a Dê estava em casa, de vestido e chinelinho, sentada na mesa da cozinha conversando em inglês com um sujeito, rabiscando o verso de um contrato e fazendo contas rápidas.

Quem a via em casa de chinelinho até podia pensar que ela estava de folga, mas não estava. Compensava a falta de deslocamento com o dobro da carga de trabalho. Quando se cansava de cobrar o escritório de Portugal pela sua ineficiência no cuidado das verbas, se intrometia no escoamento de queijo nos países onde já tinha vendido cavalo uma vez.

— E a Bélgica? – Ela perguntou, tirando a mão do celular a apoiando a base do ventre inchado de amor que já se parecia com uma barriga de grávida – Deu tudo certo lá?

— Alicinha seguiu teus conselhos, Filhota – sorriu, olhando o frescor das bochechas dela, o jeito redondo do rosto e o olhar firme, meio paranoico, mas mais ameno e doce. Aos poucos, o pai sabia porque pai de menina sabe, o menino das flores vai fazendo sua menina virar menina de novo.

— Vendido?

— Vendido e re-vendido para daqui três meses.

— Eu te falei, não falei?

— Falô, Tinhosa!

— Eu gosto quando tô certa.

— Dê: - A Bia cortou. Essa desgraça de mulher não vai parar de trabalhar nunca, cacete? – Pai trouxe bolo de milho!

— Cadê teu desmilinguido?

— Tá trabalhando. – Sorriu, se levantando da cadeira para colocar água no fogo.

— E te deixou aqui sozinha?

— Eu tive que implorar para ele me deixar sozinha, chegamos a quebrar o pau. – Respondeu falando mais alto quando o queimador do fogão fez barulho.

— Tá bem arranjado, esse meu genro.

— Eu amo ele, pai, mas eu gosto é de ficar sozinha!

— ... e o nenê? – mudou de assunto, puxando a cadeira para se sentar – Tá bem? Já sabe se é menino ou se é menina?

— A gente não quer saber.

— COMOÉQUEÉ?

— Não vamos saber. Nada de chá de revelação, nem de exame, nem nada. Já falei pra médica do ultrassom: não fala que eu só quero saber quando eu ver.

— Sua mãe tá doida esperando saber disso.

— E eu não sei? Todo mundo tá. Para onde quer que eu ligue o povo todo pergunta.

— É porque é importante saber, Dê.

— E o que que muda, gente? Já decidimos e pronto.

— Você decidiu e o Lipe aceitou, né. Pra variar.

— Tá achando que seu genro é santo, é, pai? Ideia louca sai é da cabeça dele.

— Bia, põe a sacola do bolo na mesa, vai ficar aí de canto segurando?

— Ela tá sem jeito comigo, pai. – A Dê sorriu, fazendo graça, limpando a papelada de cima da mesa para arrumar o café – Por isso é que tá de canto.

— Brigaram.

— Não, não brigamos. – Disse, espalhando uma toalha de mesa bonita. –

Eu só não tô fazendo a vontade dela.

— Cacete, para de falar de mim como se eu não estivesse aqui! Virei assombração, carai?

— Uai, Bia, cê que tá de canto, dando pano pra manga pra essa conversa.

— Princesa, o que tá acontecendo? – O pai perguntou, depois de se levantar e tirar a sacola da mão da Bia, puxando a cadeira e a colocando sentada como se tivesse sete anos e nenhum brio.

— Na janta nós conversa.

— Tá, então apaga a parte da empresa e pensa na sua irmã. ‘Tamo aqui pra comer bolo e falar bobagem.

— Ela nem entra mais aqui em casa direito – A Dê choramingou, dispondo xícaras, pratinhos, colheres, guardanapos, tudo combinando com a toalha.

— Como não, Diabo? Ontem mesmo tava aqui escolhendo vestido!

— É, só entra para pedir coisa.

— Eu não quero ficar atrapalhando sua vida, tô cheia de coisa pra fazer, então não venho dar trabalho.

— Bia... - a Dê não olhou para o pai porque lia nos olhos dele: “eu não vim aqui para assistir briga de filha!”.

— Bia nada. – E a Bia, que não lia pessoas, só lia bicho, estava pronta para puxar a faca – Que eu não sô de meia palavra. Tem alguma coisa pra acertar comigo, acerta logo e não fica de indiretinha, não.

— Eu não tenho nada a acertar com você. – Sorriu, o mesmo sorriso sábio e idiota do pai – Você tem alguma coisa a acertar comigo?

Por que é que tá abandonando o nosso sonho? Por que é que tá me vendo confusa com as coisas do Jockey e não tá metendo a mão? Por que é que depois de Portugal você tá me deixando sozinha e não quer mais saber de mim? Não tô com ciúmes do seu bebê, eu tô doida para segurar ele nos braços, não é isso.

MAS ME LARGAR ASSIM? DEPOIS DE TUDO O QUE PASSAMOS JUNTAS?

— Não. – Respondeu, soltando fumaça pelas ventas, querendo dizer um monte, mas sem dizer nada.

— Então senta para esperar o café. – Disse a cínica, copiando o outro Mosquinha Morta.

— Eu espero que você tenha um plano, Gatinha – O pai disse para a filha do meio, desapontado. – Porque assim é só maltrato.

Silenciosos, assistiram à Dê preparando o café, tiraram o bolo da sacola, comeram nos pratos e xícaras combinando, elogiaram o bolo, sentiram falta da

mãe que ficou em Minas, sentiram saudades de Minas, a Bia sentiu ainda mais vontade de largar a vida em São Paulo para viver em Minas, de onde nunca devia ter saído, e, depois, vencida sem nem ter lutado, cansada desse chove-não-molha que rodeia toda a sua existência, voltou para casa com a companhia do pai porque dessa vez ele ficaria na casa dela, arrumou um quarto para ele, dispôs toalhas no banheiro, um roupão que ele tinha deixado da outra vez que esteve ali, mostrou a geladeira e deu liberdade para que fuçasse e voltou ao trabalho porque tinha uma reunião, ao cabo do dia, para mostrar aos empregados da Administração do Jockey que eles tinham um novo Vice-presidente.

(Vice-presidente esse que não pode nem ousar fazer gesto de carinho que já deixa a cavala arisca, mas, ainda assim, Vice).

Juntou todos no auditório do primeiro andar, a coisa mais chique e despropositada que a Bia já viu naquele Jockey, até com bar e garçonetes que serviam cafés de máquinas italianas só para o povo que trabalhava ali, e disse, séria como é quando trata de assuntos sérios, honesta como nasceu e solene como é quando não quer dar confiança ao auditório.

Não tinha problema algum em falar em público, sabia fazê-lo, teve que se indispor em salas ao redor do mundo para explicar para um bando de endinheirado como é que salva potro roncador, falava com a facilidade que a filha de Seu André tem que ter e do modo como a Dê não conseguia.

E, depois, sentiu os olhares julgadores de seus próprios empregados para cima de Gustavo. Aplaudiram com respeito como eram obrigados, mas por baixo da carcaça institucional um monte de hiena ria da leoa: O Doutor Gustavo só estava ali porque ele comia a Dona Bia, não porque era um rapaz direito, honesto, simples e de confiança que ultrapassa os requisitos de Vice. Estudo na área ele não tinha, nenhum, aprendia tudo com os outros, de vê-los fazer ou de mandar mensagens secretas para a Dê, mas ninguém se lembrava que a própria Dona Andressa não tinha estudo formal e está aí, assinando carteira de todo mundo.

— Antes que as conversinhas comecem pelos corredores – Disse, quando sentiu a bicharada rindo por trás das máscaras de gente – Foi a Andressa quem colocou Gustavo na posição de Vice. Se o Jockey fosse de qualquer um de vocês, vocês também elegeriam para vice um familiar de confiança.

Tudo às claras, pensou. Assim, se tiver conversinha fiada no corredor, não dura. E o povo não vai desconfiar que Gustavo está lá por comer a Dona, tornando a história numa versão inversa de Golpe do Baú.

Saiu, sem conversar nem olhar a ninguém, não falou nada com o Guto (de verdade, não falou nada com ele desde o café da manhã) e voltou para casa, a ponto de flagrar o pai passando um lustra-móveis em seu rack da sala.

— Faz favor, pai, cê é meu convidado.

— Então antes de chamar um convidado para a sua casa, vê se limpa – Riu, meio bronca, meio jocoso – Que não tem pó em cima desse rack, mocinha, tem véu.

— Nem vi. E então, vamos tomar banho e sair pra comer?

— Bia, para cinco segundos e olha pro teu pai: - pediu, largando o pano em cima do rack e se erguendo nos joelhos. – Você não parou o dia inteiro.

— Todo dia é isso.

— Tá tudo bagunçado, agora, eu sei, começo é assim, não dá para parar. – Segurou nas duas mãos da filha, enfiando goela a baixo um par de olhos claros e inquisitivos – Mas alguma hora você vai ter que se organizar, criar um hábito e descobrir qual o seu melhor jeito de lidar com as coisas. Assim, no atropelo, você vai perder os poucos parafusos que tem na cabeça.

— Tem muita coisa pra fazer.

— Eu sei, mas tô aqui, não tô? Então me usa.

— Eu ainda não consegui parar e colocar tudo o que tem pra fazer no papel.

— Fazer lista é um bom jeito – Sorriu, tirando o chapéu da cabeça dela, puxando o elástico da trança do cabelo – Pai te ensina os outros.

— Não funciono muito bem com papel.

— Sei que não. – Respondeu, desfazendo a trança dela – Mas o papel ajuda a tirar as coisas da cabeça. Às vezes é bom. Vou levar uma caneta pro jantar, daí a gente pensa junto.

— Tô precisando de um banho.

— Então vai, filha, que eu vou terminar de limpar isso, acho que é o tempo certinho.

— Tá com fome?

— Claro que não, comi aquele bolo e não é nem sete horas da noite. – E deu sua sugestão – A gente pode ficar em casa e fazer nossa própria comida.

— Não. Chega de homem cozinhando pra mim.

— Filhota, amor meu... - Riu, terminando de desfazer a trança dela – Teu pai é um lixo na cozinha, você é quem vai cozinhar.

— Mas nem que a vaca tussa! – E riu, desmontando da fachada sisuda e bruta – Tá louco que eu vou cozinhar pro senhor depois de um dia de cão que nem esse.

— Pedir uma pizza, quem sabe?

— Sair, Seu André – Pegou o elástico do pulso do pai e continuou – Vou só enxaguar e já desço.

— Pra onde a gente vai precisa de roupa chique?

— Eu ainda não sei pra onde vamos, mas não precisa.

Se não fosse a cascudice, até se pareceria com a sua filha estudante de veterinária, de uns dez ou doze anos atrás. De short e camiseta, chinelo e os cabelos molhados soltos, pronta em cinco minutos, como sempre foi.

— Sem chapéu e bota você parece surfista.

— Por causa do cabelo queimado?

— Do conjunto da obra.

Pegaram, como de costume, um carro da Dê emprestado. Com a carteira no bolso de trás do short e o celular embrenhado no sutiã, tirou o chinelo para dirigir e subiu, naquele começo de noite quente, para a Consolação. Sabia que algum bar aberto teria, desses de mesinhas do lado de fora, cerveja com algum tira-gosto, para que pudessem conversar e ficar quieto olhando a rua, sem a pompa que os restaurantes que estão aberto de noite têm.

— Tá bão aqui, pai?

— Cê quem manda, filhota. Tô de acompanhante.

Ocuparam uma mesa de quatro lugares depois de deixarem o carro num estacionamento coberto, pediram um suco e uma cerveja e se confundiram com o cardápio. Não era só para ser um bar, cacete? Por que é que tem tanta coisa pra escolher? Pediram para o garçom deixar o cardápio na mesa enquanto não se decidiam e se embraçaram com o papel na mesa.

— A gente pode beber a cerveja e escolher outro lugar.

— Até lula eles têm, quanta frescurada.

— Pois é, - sorriu, feliz por ser um pouco parecida com o pai, nessas horas. A Dê se dá bem com locais chiques com nomes impronunciáveis em comida, mas ela não. – Não gosto de coisa de mar.

— Nem eu! – E soltou a máxima que fazia aquele senhor era mesmo o pai dela – Minha Minas não tem mar, eu que não vou comer esses treco de mar.

— Então vamo'bora.

— Vai chegar o suco que cê pediu, filha.

— Que se dane, vamo'.

Levantaram, deixaram dez reais no caixa, da cerveja que o pai saiu tomando, e subiram a rua sem rumo. Marcaram na cabeça a altura do número do estacionamento, o pai dava um gole na cerveja e passava para a menina, que bebia e devolvia para ele.

— Tá tudo aberto nesse raio de cidade.

— Esse é o bom daqui. Tá sempre assim.

— Esse povo não dorme, não?

— Os patrões dormem. – Apontou para atravessarem a rua, viram uma loja de lustres aberta, não entenderam quem é que sai para comprar lustre àquela

hora, continuaram na rua sentindo o vento noturno no rosto, o pai dela, bonitão como sempre foi, loiro de olho claro e um sorriso lindo, deu o braço para a filha e continuou, de queixo erguido, fuzilado pelas moças do ponto de ônibus.

— Deixa a mãe ver isso, Seu André, que sobra pra você.

— Sobra nada, - respondeu, incomodado – que não sou homem disso e sua mãe sabe.

— Mas tá gatão mesmo.

— Ainda bem que não tô careca igual meu pai.

— Cê devia ter tirado esse terno, isso sim. Um calor do cão e você de uniforme.

— Só vou tomar banho pra dormir. A hora que eu arrancar essa roupa é pra capotar, cê me conhece.

— É, a Dê faz a mesma coisa.

— Falando nela, - dobraram a rua, em direção à paulista – cê sabe que ela não faz por mal, né?

— Faz sim, ô se faz. – Esperaram na faixa para o sinal fechar, antes de atravessar.

— Minha Nossa Senhora, não para de passar carro. Quanta gente!

— Ó, do outro lado da rua tem balcão de bar. Quer sentar no balcão com a sua filha?

— Uai, sô, pode ser.

Sentaram. Era um bar charmoso, comprido e estreito, com um balcão comprido cheio de bancos de um lado, e mesa espremidas do outro, embaixo de lustres grandes de luzes douradas que eles passaram um tempo rindo, imaginando que compraram na loja de lustre que nunca fecha.

— Olha, moço – A Bia foi direta com o balconista – A gente só quer sentar, conversar e comer alguma coisa normal de gente, não quer nada dessas coisas gourmet de nome difícil, não. Cê tem isso?

— Vocês bebem – Ele constatou, olhando a cerveja na mão do homem loiro, todo sorrisos para a mulher muito bonita e direta que tinha à frente – Por que não pedem outra cerveja e uma porção de batata? Tem cheddar, bacon, parmesão... e vai combinar com o que estão tomando.

— Por mim pode ser. – E perguntou ao pai – Por você tudo bem?

— Melhor que lula.

— Ôme difícil de agradar, esse – Comentou, simpática. Aceitou à sugestão dele e esperou a própria cerveja. – Obrigada.

— Agora que estamos devidamente sentados, Bianca – O pai puxou assunto, secando a sua long neck já amarga – O que é todo esse mistério? Não que o pai não goste, filha, não é isso, mas porque você me chamou para São

Paulo e tá me levando para sair?

Esvaziou os pulmões e os encheu, só para tomar tempo de alinhar o que tinha de dizer. Queria pedir ajuda, uma saída, queria os dotes dele de lidar com fábricas, funcionários, fornecedores. Disse do livro-caixa e do fundo de reserva, fez as contas e pediu para seu contador refazê-las só para ter certeza: estão quebrando.

— Mas, filha, como que o Jockey tá falindo, se até ontem vocês estavam na Forbes? Se a Dê tem cliente dando carro milionário para ela, onde que cês tão falindo, pelo amor de Deus?

— Lá fora, pai. Aqui no Brasil estamos fracas.

— Como, se estão aqui há mais de um ano?

— Eu.

— Você o quê?

— Eu, pai, eu não deixei a Dê fazer nada. Lá fora a gente tem até escuderia e cavalo competindo nas olimpíadas, mas, aqui, quando a Dê quis, eu impedi que ela mexesse os pauzinhos e ela não mexeu. A Dê não tá mais ganhando carro de cliente porque eu não deixo. E estamos fracas porque eu não quis que ela fizesse o que faz de melhor.

— E por quê?

— Eu não queria voltar – Era essa a verdade. Encarar de novo tudo o que deixou para trás? – Eu não queria Jockey, não queria roubar nada do Jorge, isso aqui é tudo dele, não é meu, e eu não quero fazer isso crescer em cima da desgraça dele.

— Enquanto ele crescia em cima da sua desgraça tudo bem, né?

— Não falei isso.

— Filha, você sabe o porquê a Dê insistiu tanto de abrir o Breed And Race Horses? O cara botou um contrato na sua frente: “Qualquer avanço tecnológico ou monetário proveniente da sua especialização é propriedade dele e você RECUSA qualquer lucro vindouro do mesmo”. – Citou a cláusula como se a lesse, da vez que aquilo caiu em seu colo, vindo do advogado do Jorge, da vez que a Bia foi à São Paulo sem avisar a irmã, quando ainda eram estudantes morando de aluguel em Belo Horizonte – E a senhora ainda trabalharia por um valor mensal fixo, com correção bianual de inflação, por dez anos, se não fosse a Dê perceber que o Jorge ia lucrar absurdos com o seu mestrado e especialização. Se não fosse a sua irmã transformar a fábrica em Holding e botar você de cabeça da área de cavalos, você sabe onde estaria, não sabe?

“Grávida”, lembrou. “E apanhando todo dia”.

— Ele passou a perna em você, sua irmã te protegeu. Ele agrediu você, sua irmã te levou para Portugal. Pagou uma multa exorbitante por isso.

— Ela nunca me falou disso!

— Nem vai, eu quem tô te falando. A Dê incorporou o Jockey às propriedades da família, queria demitir o Jorge porque sabia que ele ia destruir tudo, mas você insistiu, queria-o de diretor Geral, ficou; você lembra, né? Foi ano passado, não pode ter esquecido. Um rombo de duzentos milhões e um Jockey parecendo lamaçal. E você ainda acha que tá roubando algo dele?! Bianca, você não é nenhuma menina, seja honesta consigo; se você não quer o Jockey, tem todo o direito de não querer, você mesma disse que nunca pediu por ele, venda-o se quiser, vai ter gente querendo comprar, que daí você pega a Beladona e cavalga o prado inteiro chorando as pitangas, se quiser.

— Eu não posso fazer isso com a Dê.

— Aí tá seu problema: O Jockey não é da Dê. Ela já comprou aquilo pensando no que ela queria e o que vocês duas querem já não é a mesma coisa há anos! A menina de dezoito anos queria o Jockey por uma vingança pessoal contra o Jorge, mas a de trinta quer tudo o que ela montou, o que é dela: a Holding, o queijo e o cavalo, quer tomar o meu lugar e a mesa de cedro do vô. Nunca que seu vô Alcides ia imaginar queijo que saiu da porteira dele entrando na Bélgica e na China e agora estamos nesses países por causa da sua irmã. Um dia essa mulher ainda sonha em voltar para a casa do Vô e comandar tudo de lá. Filha, não se engane: o sonho de cavalo foi e sempre será só seu.

— A Dê não seria capaz.

— De quê? Aquela mineirinha come-quieto é capaz de esperar cinquenta anos até você assumir seu lugar, ela não tem pressa e eu não sei de quem ela herdou tanta engenhosidade assim, mas é desse jeito que ela é e eu a amo por ser assim. Não confunda a ambição da sua irmã com maldade, a gente sabe o tamanho do coração daquela menina, tem coisas que ela fez por você e você nem imagina e ela nunca vai te contar. Se você pedisse agora para ela escolher entre o Lipe e você, você sabe a resposta.

— Eu jamais faria isso.

— Mas tem que ter noção das coisas, sim, senhora. — Pediu outra cerveja para o balconista e foi atendido de prontidão — Obrigado — Deu um gole porque sabia que para perder as estribeiras com ela e toda essa história bastava muito pouco, e só depois continuou — Nem sei porque estamos falando dela se tudo isso é sobre você. Os lugares por onde vocês duas me levaram, as áreas mundo afora onde li seu nome, que assisti você dando palestra! Gatinha, filhota do pai...! Para de comer bola. Chega de se iludir com um pilantra de chapéu, você tem uma tropa inteira que corre contigo, teu pai tá aqui, tuas irmãs estão aqui, tem até Ferreira no balaio, do que mais você precisa? Vê se mira e atira logo, vê se escolhe o que quer. Se for para vender o Jockey coloco eu mesmo a placa na

frente, mas se não for, se aceitar que o Jockey é coisa sua e de mais ninguém, toma providência. Vê se cuida de cavalo e de gente, de folha de pagamento, de investimento e licença-maternidade, de contador e de imposto e tudo o mais. Se for para ser seu, que seja seu, você é a Dona, e não empregada da Dê.

“Tudo o que o olho alcança é seu, mas foi à base de muito suor e lágrima que tua irmã botou seu nome na entrada. É simbólico para o Jorge, que vai entender (se é que não entendeu) que com Botelho não se brinca, é simbólico para a Dê porque a mesma mulher que curou seu Encrenquinha agora consegue erguer uma casa para você e para ele, mas para você não é questão de símbolo; é real pra cacete, então honra isso, minha filha: bota teu sangue”.

— Eu tô perdida, pai.

— Tá não, que perdido é o cabra que não tem futuro: e você tem vários.

— Você me ajuda?

— Nasci pra isso. – Sorriu, olhando nos olhos molhados da sua menina mais velha, sentindo o nariz coçar por dentro, segurando para não chorar junto. – Eu sei que você tem coragem e fibra o suficiente para ser o melhor Cowboy do mundo. Você já é, todo mundo sabe, tem príncipe e Sheik nesse mundão sonhando acordado com você, tem homem que daria tudo para ter sido ele a domar a Bel, eu sei; você sabe. Eu não fiz filha fraca, você perdeu um maxilar para um cavalo e fez dele o bicho mais rápido do mundo. Você compra as brigas da sua irmã e recebe o chumbo no lugar dela, sempre foi assim, eu sei, você sabe. Ela é tão ambiciosa assim porque é você quem dá a cara a tapa, você construiu a segurança que a Dê tem hoje e sabe disso, se não sabe, é hora de saber. Você fez o cavalo mais rápido do mundo e o demônio de saias que ela é, mas foi ela que te fez cowboy. Eu não posso ser mais orgulhoso que isso e morro de amor quando eu vejo a minha Alicinha, aquela bichinha desbocada e toda paz-e-amor sentada na minha sala, tomando meu lugar no queijo e estudando três línguas ao mesmo tempo, só para ser dez por cento parecida com o que vocês duas são. Para um pai não dá para ser mais feliz que isso.

— A Alicinha não precisa de nada disso.

— Não é questão de precisar, ela quer. A Dê coloca ela num avião para a Bélgica e a bichinha vai, sem medo, nem liga para avisar que chegou, chegou em casa ontem, sorrindo feito uma maluca, um contrato na mão e um cheque que quando eu li, nem acreditei. Correu contar para a Dê porque a Dê e você inspiram a minha mais nova porque ela sabe que a Dê não virou esse mulherão sozinha. Teve você em todas as etapas.

— Tudo o que eu mais quero nessa vida é ver elas felizes.

— Eu sei, muito altruísta da sua parte, mas quando é que você vai ser feliz? Quando é que você vai se olhar no espelho e parar de trançar cabelo

molhado, vai parar de usar roupa rasgada, vai se olhar enquanto gente, vai deixar o Ferreira entrar na sua vida, vai tomar frente do teu império? Hein, amor?

— Eu não te disse nada do Ferreira.

— Teu pai não é bobo. – Riu, vendo a batatinha chegar – Que não é de hoje que você olha comprido para ele.

— Eu não olho.

— Pelo menos agora eu sei que vocês dois estão de casinho.

— Não estamos.

— Tudo bem. – Por que tão orgulhosa, meu Deus? – Isso não é a pauta, agora.

— Tá cheirando bem.

— Como que come esse treco? – Ele olhou o um quilo de batatinha chafurdada de cheddar, parmesão e bacon e um porta-palitos que acompanhava a bandeja – Tem que comer de palitinho?

— Mané palito, vamo' comer coa'mão.

— Mas cê entendeu tudo o que o pai disse? – Ele ficou contente em comer, mas detestou a mão melecada.

— 'Tendi, pai. Tô meio esquisita de saber que a Dê não compartilha do sonho comigo, mas, fazer o quê?

— Não é que ela não compartilha.

— É, tô sabendo. Só não vai ser feliz sendo presidente do meu Jockey.

— É pouco. – Sorriu. – Você conhece sua irmã. Era o suficiente para a moça de dezoito anos, mas não é o suficiente para a mulher de trinta.

— Tudo bem, vou me virar.

— Eu sei que vai, mas saiba que não tá sozinha.

— Eu quero aprender a ser sozinha. – Deu o primeiro gole da cerveja que amargava aberta e fez cara feia por perceber que não estava tão gelada como gostaria. – Porque eu fiquei esse tempo todo achando que ela só estava de licença por causa da barriga.

— Também está.

— ... mas o que ela tá fazendo de verdade é usando isso para se desligar de todo o Jockey e me ensinar a me virar.

— Isso é bem a cara dela.

— Ela podia ter dito.

— Bom, isso você vai ter que se resolver com ela.

— Amanhã. Que hoje já deu minha cota de discussão.

— Então 'tucha batata pra dentro, que isso daqui é batata pra cacete.

— Até parece que cê não come.

— Tô velho, preciso cortar gordura. Colesterol alto.

— Amanhã cê corta.

Capítulo 24

Continuou tudo normal no dia seguinte e nos depois. O pai ficou ao seu lado, ocupou o quarto adjacente e a mesa adjacente à dela, na sala da presidência. Trabalharam, nada demais. O Guto, por respeito, sequer falou com ela nos dias em que seu André assumiu o posto de braço direito. Desejava bom dia, revisava problemas da administração do Jockey, mas não se aproximou nem dez por cento do que o dia do restaurante com os velhinhos.

Por dentro, o pai dela sabia, o Guto não, ela se preparava para o primeiro passo com a sua própria perna. Vai vender o Jockey, Dona Bia? Ou vai assumí-lo como seu e dominar cada grama e centímetro de chão daquele lugar? Refletia. Ia dormir mais cedo e o Guto não assistia mais, já tinha se mudado para a casa da Beta e, de lá, do outro lado da casa do Lipe, não via nada.

Não faltou a nenhuma sessão de terapia, foi à reunião das felizes e chorou com a história de Dona Lúcia, a pedagoga, que tinha mais coragem e já conseguia se abrir com as outras.

Toda vez, a Bia entendia, que uma mulher se sentia livre para se abrir no grupo de apoio, todas elas voltavam chorando para casa. Reviviam os próprios abusos e entendiam melhor tanto a outra moça, como a si mesmo. Dona Lúcia contava uma história parecida com a sua e do Sérgio, principalmente a parte da gravidez. Todas choraram e, no final, no impulso, ofereceu emprego à Dona Marisa, a mulher cuja face não mexe de um lado, porque na semana anterior perdeu o bico que fazia como saladeira porque as outras funcionárias do patrão descobriram que ela era homossexual.

— Dona Marisa, - A Bia disse, antes que Dona Marisa conseguisse atingir o portão de saída – A Senhora tá procurando emprego ainda?

— Tô, minha filha, mas eu só tenho a quarta série, então fica difícil.

— Eu tenho uma vaga lá onde eu trabalho – Mentiu – Quer que eu converse com a minha patroa?

— Quero – Disse, sorrindo com a metade do rosto – Você faria isso?

— Eu posso ver com ela, lá é um restaurante grande, sempre precisa de mais gente. Cê tem algum telefone pra contato?

— Tem o orelhão na frente da minha casa – Barganhou, envergonhada – Serve ele?

— O que der para chegar na senhora serve.

— Então anota aí.

Disse o telefone que conhecia de cabeça, a Bia anotou no celular e, depois, voltou para casa com uma sensação esquisita de quem tinha mais que

isso para fazer. Escovou os dentes se olhando no espelho, se olhando para dentro, sabendo que não estava sozinha em casa: o pai ainda ocupava o quarto ao lado e, pelo silêncio, dormia. Pegou o celular, mas não tinha muito o que fazer com ele na mão: não manda mensagem para ninguém, então também não recebe. Não participa dos grupos da família, não tem Facebook, não tira foto. O celular servia tanto como um relógio – e raramente como um telefone.

Mas tinham os contatos. Deitada na cama, passou a lista de contatos com o dedo, olhando. Tinha alguém com quem falar, ou só não queria ficar sozinha? Rodou todas as letras do alfabeto, do A ao G, parou no G, depois desceu e subiu de novo para o G, mas depois desistiu e parou em qualquer letra sem ver.

Roberta. Tinha com quem falar, sim. Foi uma péssima amiga para a ex-esposa de seu abusador. Tinham tanta coisa em comum, por que é que só trocaram confidências na hora da agressão, mas não se lamberam até se curarem?

Mandou uma mensagem para ela, lembrando-se que estava em Portugal, que o fuso horário era outro e que podia ser bem de noite. Perguntou se estava acordada e foi respondida. E então ligou:

— Tá tudo bem com a senhora, Dona Bia?

— Tá sim, Betinha. Tá tudo bem aí? Como você tá?

— Ai, as coisas estão começando a melhorar agora. Depois do desvio de verba a coisa degingolou de um jeito que tem Tuga aqui cuspiando no meu café.

— Não brinca?

— Teeeeem, Dona Bia, falo isso pra senhora porque a gente é amiga, mas não conta para a Dê não, que isso é coisa para eu resolver.

— Quer voltar pro Brasil, Bê?

— Não.

— Tem certeza?

— Se eu puder, não volto nunca mais praí.

— Por causa do Jorge?

— Também, mas por causa de tudo. – A Bia ouviu um longo silêncio e entendeu que a Beta tinha tirado o telefone da orelha para fazer alguma coisa – Pronto, Dona Bia. Desculpa eu, é que a Carolzinha tá fazendo uma bagunceira com os brinquedos...

— E ela, como tá?

— Tá muito bem tratada. Dona Andressa é um anjo, tem creche no escritório, então eu posso almoçar com Carolzinha e voltar a trabalhar sabendo que tá tudo bem com ela.

— Isso é uma boa.

— Se é. Tô bem aqui, Dona Bia, não precisa se preocupar não, não quero

dar trabalho para você. Vocês duas me deram a oportunidade de trocar de ares, de evoluir, então eu vou agarrar a isso com todas as minhas forças e enquanto eu for útil aqui para Dona Andressa, é aqui mesmo que eu vou ficar.

— Desculpa tocar nesse assunto.

— A Senhora pode tocar no assunto que quiser, depois que eu vim para cá esse assunto do Jorge não dói mais.

— Não?

— Não. Sabe, Dona Bia, mudar de país e enfrentar esse escritório tão hostil me deu muitas certezas de que o que eu quero, eu consigo. Tô aqui, não tô? Tem tubarão lá com medo da camarãozinha aqui e isso é muito bom. Bota a cabeça da gente em pé, lá no alto.

— Lá onde nenhum homem baixa, né?

— Exato! – E riu – Sabe, tô até saindo outra vez.

— Saindo para se divertir?

— É, fiz uns amigos, mês passado eu contratei uma babá para ficar com Carolzinha e me dei um dia de folga. Dancei até cair meu joelho e só voltei para casa na manhã do dia seguinte.

— Cacete...

— Pois é, fiquei ruim o resto da semana, parecia uma pata de tão torta, mas, sabe, se a senhora ligou só para saber como é que eu estou, estou muito bem, viu? Graças à você e Dona Andressa.

— Fico tranquila.

— E você, Bia? Tá satisfeita com a vida que leva?

Não.

— Se precisar de alguma coisa... é só falar. – A Beta comentou – O que tiver no meu alcance, Dona Bia, por favor, a senhora me diga.

— As coisas aqui estão melhorando, sabe? – Mentiu. Porque nem piorando, nem melhorando estavam.

— É, fiquei sabendo da filiação com a Federação... chegou um e-mail formal a todos da parte de logística. Gostei, viu? É assim mesmo que se faz.

— É, talvez haja uma partida de turfe aqui, quem sabe... cê vem?

— Vou nada. Praí não volto tão cedo, Dona Bia. Não querendo fazer desfeita, mas até falei para Dona Andressa que ela podia dar a minha casa para o cunhado dela para que ele usasse o quanto quisesse, claro que sem aluguel, não sou louca de cobrar aluguel da casa que eu ganhei de vocês.

Nem sabia mais o que dizer para ela.

— Eu só liguei para saber como você estava, Beta.

— Bondade sua. Tô muito bem, sim.

Desligaram depois de cumprimentos. A Bia, sem jeito, a Beta, sem

entender o porquê da ligação. Com o celular no canto da cama, ficou rolando a lista de contatos até cair no sono e não sonhar com nada.

Dia seguinte passou na Dona Alexandra do restaurante só para perguntar se duas mãos a mais a atrapalhariam e, diante da resposta de uma Dona Alexandra que parecia pular de alegria em ouvir “funcionária nova”, fez seu pai ligar para Dona Marisa por vergonha de dizer que ela mesma era a patroa de si.

— Filha, - o pai disse – então a gente não vende o Jockey?

— Não.

E ela fingiu não ver que o pai dava pulinhos de alegria.

— Posso perguntar por quê? – Ele tentou.

— Não.

— Não?

— Porque é óbvio, sô. Eu vou fazer o quê da minha vida, se não for para cuidar de cavalo? Se o que a Dê quer é virar dona de Holding, não vai ter Holding se eu pular fora. Se a Alicinha tá feliz vendendo queijo, se ela quer ser como a gente, então eu faço a minha parte com gosto e tento não ficar pensando no que eu tô perdendo.

— Te garanto, Gatinha: Dá para ser mãe de rebento e de cavalo.

— O senhor sabe, né?

— Que você é doida para ser mãe?

Não era bem isso.

— Sei, filhota, desde o dia em que o Ferreira chegou trazendo a bebezinha dele que eu sei que você é doida para ter meia dúzia. Te garanto, amor meu, dá pra fazer tudo.

— Deus de ouça, pai.

— Agora vai lá falar coa’ tua irmã, que vocês duas estão há muito tempo brigadas para não se falarem.

— Não, agora não.

— Uai...

— Eu tenho uma coisa muito mais séria e alguém muito mais bravo comigo, nesse momento.

— Então vamos fazer assim: Vai você cuidar da sua vida com o Ferreira, que eu vou pra casa cuidar da sua mãe.

— Vai não.

— Filha, são duas semanas que eu tô fora de casa. Tô com uma saudade do cão da sua mãe. Daqui a pouco ela nem sabe mais quem sou eu...

— Então eu levo o senhor para o aeroporto primeiro, depois volto e cuido da minha vida.

Capítulo 25

Era um homem diante de um enigma sem entender o que vinha depois. Decifra-me ou devoro-te. Decifra-me ou devoro-me. Parecia isso, um jogo de gato e rato sem ter porquê. Eles queriam ir além da transa e dos confessionários? Eles queriam ir além do que eram?

Essa mania de ser quem somos ainda vai nos levar além: Porra nenhuma. Essa mania da Bia de ser filha da puta ainda vai botar tudo no chão. Duas semanas sem um nem olhar na cara do outro, direito. Ele dá bom dia, ela responde, se fecha na sala com o pai e isso é tudo. Às vezes pergunta de Madalena, às vezes diz alguma coisa sobre o trabalho.

No resto do tempo é o mais profundo silêncio.

Olhou-se, julgando-se, mais um dia voltando para casa, sem a filha dormindinha no colo. Mais um dia de cão, mais um dia em que não tem tempo de brincar com ela como queria. As coisas no trabalho engrossaram assim que o Seu André chegou. Cansado. Trabalha sentado o dia inteiro, diabo, como é que cansa tanto?

Estresse. Lidar com pessoas cansa.

Às vezes deixa a filha com a Dê, ou paga por fora para uma babá que passa o dia dentro de sua casa fazendo o que ele deveria fazer. Trabalhando perde tempo da infância de uma Madalena que nem sempre vai ser pequenininha assim.

Não dava para largar. O dinheiro era bom, de Vice-presidente, guardava para quando quisesse voltar a clinicar. Não dava para largar assim porque, implicitamente, ele sabia, era o melhor que conseguiria para a sua filha que ainda vai precisar de muita coisa ao longo da vida.

Andava arrastando o passo, de volta para a casa da Beta que agora era sua. Cansado. Vencido não, cansado. Dele ninguém vence. Queria encontra-la dormindo com a barriguinha quentinha, no sono das princesas e aceitar o convite dela: chegar, se embalar ao redor da pacotinha e ceder, assim, mansamente. Sem banho. Só se deitar e afundar a tristeza e as dúvidas no ombrinho curto de uma mocinha que é nova demais para entender, mas acaba que cura tudo.

— Vai parar de falar comigo?

Plantada na porta dele. Vai saber desde que horas. Sem sua fantasia de mulher, só ela, o cinto e o chapéu do vô, a calça atolada no rabo, sentada na porta da casa dele, de campana, balançando uma garrafa de água entre os joelhos e sacolas de compras de mercado encostadas no batente.

— Não fica bravo comigo.

E saiu num fiapinho de voz de filho que pede desculpa para o pai. Olhava-o de baixo para cima, ela era pequena para ele, os olhos mareados. Olhava-o, numa frase de menos de cinco palavras, mais sincera que ele em todos os dias que ficou calado. Quem é o ruim, hein, Gustavo Ferreira? A mulher que vai atrás do que quer e de quem, mesmo morrendo de medo de se estrear de novo, ou o homem que fica se dizendo não a cada cinco minutos?

Se é para se jogar, vê se aprende direito a lição do Lipinho: se é para se jogar, aceita que pode ter queda e que nem todos os dias serão bons.

— Senti sua falta. — Ele disse, aceitando que estava cansado e que não era hora de embate.

— Você já jantou?

— Comi um trem.

“Trem”, ela sorriu.

— Posso fazer sua comida?

— Eu tô cansado. Você vai brigar comigo se eu deixar você entrar? — Perguntou já pegando as sacolas do chão e abrindo a porta de casa.

Uma moça estava sentada no sofá da sala com a televisão ligada, segurando sua pretinha dormindo nos braços. O Guto agora tem babá?

— Boa noite, Aline — Ele disse para ela.

— Boa noite, Doutor Gustavo. — Sorriu, sem olhar a cowboy do lado, se levantando.

— Deixa eu só lavar a mão...

Ele foi para a cozinha lavar as mãos e as duas moças da sala se olharam. Não se conheciam e a tal da Aline parecia mocinha demais. Não tem mais que dezessete anos, com certeza. A Bia não sabia quem era a moça, mas a moça sabia quem era a Bia: patroa de seu pai e sua mãe, páreo que não dá nem para competir contra.

— Posso pegar ela?

— Aqui, Doutor — A mocinha disse, passando a pequena para os braços do pai.

— Pode ir, Aline, seu pai e sua mãe já ligaram perguntando de você. Desculpe o atraso, hoje.

— Tá tudo bem, Doutor. Até amanhã. — Pegou a mochila da escola parada atrás da porta e se foi sem que o Guto visse porque, de saudades, o mundo dele era só o arco de seu braço.

— Foi tudo bem com ela, amor? — Ele cochichava com a bebê dormindo, focinhando o cheirinho dela, sorrindo pelas dobrinhas dos braços e enroladinhos dos cabelos numa dancinha lenta com os pés, servindo de balanço para a filha — Ela te tratou bem, hoje? Desculpa ficar tanto tempo longe, Nina.

Só de vê-lo se derretia. E se sentia mal de tê-lo só visto de longe, não ter participado da vida dele, durante esses dias.

Por um lado, sabia, foi bom. Tinha metas do que precisava fazer para não deixar o Jockey falir, o pai analisou tudo o que elas tinham de posse nos outros países (inclusive contatos) e foi fazendo listas intermináveis junto dela, pensando no que fariam e no que poderiam deixar de fazer, também.

Mas, por outro, vê-lo agarradinho na bebê e vê-lo sorrir daquele jeito secreto e encantado a fazia se arrepender de não ter dormido no sofá da sala, babando em seu ombro, ou de não ter buscado mais pão para o café.

— Vou só colocar ela na cama – Respondeu, depois que se pegou visto – Você espera?

— Vou colocando a comida no fogo.

Queria-o. Morria de medo por isso, mas o queria e nem conseguia fingir. Pensava nele segurando a bebê como se fosse a coisa mais preciosa de seu mundo, no jeito como ele a segurava, como a colocava no colo, no jeito de sorrir com os olhos quando só queria ficar de carinho, no menino, no rapaz e no homem. Tudo nele parecia, com a distância, encantador e lindo.

Num desses lapsos, (e eles sempre aconteciam de noite) sentia vontade de conversar com ele, saber da mudança da casa, vê-lo falar de um jeito que quase nunca fala, ouvi-lo como ele não gosta de falar. Queria tudo o que viesse dele, mesmo se fosse para vê-lo de bisturi na mão, trêmulo da cabeça aos pés. Sorria, tirando a salsinha do maço, picando tudo pequenininho, misturando com o alho.

Não cozinha há anos. Nem para si, nunca para os outros. Se está com fome, fila a boia na casa da Dê ou enche o saco da Dona Alexandra, mete manteiga num pão e sela com café, mas, cozinhar que é bom, a mão boa que ela tem para temperar feijão, isso nem Dona Angélica entende o porquê parou.

Nem ela. Se pegou tentando lembrar das medidas, são duas de água para uma de arroz, né? Erro besta. Tinha um peito de frango descongelado na mão e não conseguia se lembrar do tempero da mãe. Se vai cominho ou se vai curry.

Sentiu as mãos dele nas costas primeiro, de leve, ganhando as costelas e os espaços do estômago. Mãozona boa ele tinha, ela se lembrava muito bem. Quente e pesada, mão de homem, mas mão de médico também. Sabiam como chegar, como tocar e como ficar. Sentiu os braços chegarem depois das mãos, embalando o que nem se lembrava mais querer se embalar, sentiu o peito dele nas costas, depois, quente e aconchegante. Abraçada assim, sentia-se tão errada, fazendo tanta besteira na vida, que a vontade era de pedir desculpa por tudo. Culpada. Abraçada assim, esquecendo se vai curry ou o que é que vai no lugar dele, sentia tudo o que não era para sentir.

Ele não disse palavra. Não queria. Encostou a testa na cabeça dela, aspirando os cabelos suados, o cheiro que sempre fala ruim com ele, contas atrasadas e tudo o mais, soltando o ar como se escrevesse um livro inteiro de confissões. Não vai chorar, nem tem porquê, mas então por que essa vontade louca, de repente?

Ela sentia também. O momento em que ninguém é maior que ninguém, um não seria capaz de ferir o outro, de maldizer o outro, de ofender, de diminuir. O momento em que se reconheciam como iguais, exatamente do jeito como ela viu um cavalo no restaurante do Tio Digo por trás das mãos de médico e colo de pai zeloso, ele via uma mulher por trás das esporas e da sela. Sequer se olhavam, as mãos dela meladas de frango cru e as dele embrenhadas nela.

Vinha como são as coisas de verdade. Sem ninguém nem tentar esconder. Vinha e laçava os dois, ao mesmo tempo, numa corda só, sensação de que nada seria maior ou menos dolorido. Vinha como uma boa-nova, merecida, ausente há muito, molhada, iluminando duas cabeças como se fosse só uma.

Dói lembrar que são do amor. Que o amor salvou o pai dos dois. Que são tão do amor que se deixam enganar e confundir. Doía pensar que tudo podia se repetir. Que a morte podia chegar, que a raiva podia chegar. Doía de medo de tudo e de ninguém além de si, doía de pensar que perdiam tempo temendo o imprevisível.

Num golpe: e lá está. E flui entre duas cabeças, entre dois corpos, medo perdendo espaço. O medo e o amor têm cor tão parecidas que um esconde o outro. Ela sabe o que pode dar errado, já viveu errados por demais. Sabe tanto o que pode dar errado que deixou que o medo coordenasse sua cabeça.

E em alguma parte dela o medo nunca vai embora.

Tanto é, que olhando as próprias mãos, tentava entender o que era aquele calor esquisito que vinha dos olhos. É difícil de reconhecer quando não dói do mesmo jeito. Olhando as mãos sujas, sentindo o coração dele batendo nas costas, a respiração pesada dele que dizia tanto, queria saber o que dizer, para onde ir, o que fazer depois. Tudo parecia pequeno.

Enxaguou a mão na pia, rápido e de qualquer jeito. Tinha que fazer alguma coisa, ela é cowboy assim porque era feita do agir, não do falar. Cavalo não fala. Tentou sorrir e não conseguiu, tentou pensar em beijo e achou pouco. Queria que ele entendesse o que ela sentia e que ele visse que não é falta de amor, o distanciar-se e querer ausências.

Virou-se de frente para ele, sentindo o afrouxar dos braços dele, afastou os cabelos do rosto dele e então viu:

A mesma sensação de achar beijo pouco. A mesma emoção escorrida dos olhos que não sabem como é chorar por outra coisa senão de tristeza. O mesmo

olhar condoído de alegrias estranhas que não fazem sentido. É como dar cama a um cão de rua: ele não vai se acostumar logo com o macio e vai querer voltar para o asfalto antes de entender que macios e quentinhos são gostosos.

Ela não é cowboy de pranto e médicos são treinados a dar notícias ruins sem se abalar. Via nele tanto de si, o mesmo choro preso nas pálpebras, o mesmo corar de bochechas confusas, o mesmo sentir esquisito que consumia o peito inteiro. Sentiam. Olhavam-se e se viam, as mãos dela foram para as bochechas dele, para o rosto todo, as orelhas e o maxilar, sentindo o cavalo que tinha diante de si, o reconhecendo seu semelhante e entendendo coisas que nunca lhe contaram.

Tá chorando também, o Gustavo. E tá sentindo a saudade que ela tem, o carinho que ela dá, o cuidado que ela também tem. Nunca amparam e nunca cuidam do Guto porque ele é feito para cuidar. Ele é quem cuida e todo mundo se acostuma rápido a ser cuidado.

— Eu sonhei com você por tanto tempo – disse, engolindo o pranto e acarinhando a crina dele – que eu vi você onde não tinha. – Ela era alta, mas o Guto era maior. Teve de ficar na pontinha dos pés para beijá-lo a testa – Posso ficar com você hoje?

— Você não vai embora? – Se ela não pudesse enxergar, a voz trêmula e baixa denunciaria. Tudo do que ele era feito estava ali, aos olhos, de frente para ela, emocionado e falando baixo, silencioso e sem alarde, todo para dentro e inteiro diante dela. O Gustavo que não existe no mundo dos outros, o que ele nunca quis que ninguém visse, tem uma camada de couro duro e arranhado, mas embaixo, só tem coração.

— Vô não, Amor – Fez carinho e o beijou nos lados do rosto – desculpa ter tanto medo.

— Também tenho.

— Eu sei. – Sorriu – Tá tudo tão claro que não tem como não saber.

— Madalena não é minha filha.

— É sim.

— Você tem que saber de tudo antes de me escolher.

— Eu vou saber, tudo tem seu tempo. – O puxou para mais perto e encostou seu hálito junto do dele, mas sem beijá-lo, olhando fundo nos olhos – Amor é assim, se acalma, não fica nervoso.

— É ruim.

— Eu sei.

— Eu fico o tempo inteiro querendo te ver e procurando a sua ajuda.

— Também fico.

— Não é assim que tem que ser.

— É exatamente assim. Olha pra mim. – Sorria. Enfrentava o medo, sorria diante do cavalo arisco, sabia que podia tomar coice e perder o maxilar, entendia que não tinha como prever desgraças, alinhava vontade com ações e brilhava:

Ela é inteira assim.

— Olha, Gustavo – Sorria de um jeito que mostrava para ele que era seguro – Eu sou sua terra firme, chega de vagar por aí. Eu quero você mais do que eu preciso.

— Eu preciso de você bem mais do que eu quero.

— Faz isso não, Amor, que é mentira. Precisar cê não precisa.

Ele não respondeu. Não por falta resposta, mas porque não queria dizer que precisava. Sentia, neste tempo em que o pai dela tomou sua vida e viveu em função dela, que ele não cabia. Não tinha espaço, nem existência. É engraçada essa coisa de amor e o Guto ainda não tinha percebido. Torna o querer um precisar sem distinção, o coloca numa posição de escravo feliz só por ouvir resposta para um bom dia.

Pela primeira vez, em muito tempo, se sentia encaixada num espaço-tempo perfeito, bem do jeito que o Lipe falou, onde não tem nada errado, criminoso, vexatório ou ridículo. Tudo se encaixava. Ela olhava para ele, o via nas fraquezas e nas forças, entendia os remendos por baixo do couro duro e estava pronta para beijar cada sutura na mesma proporção que queria que ele beijasse as suas.

Com os braços, rodeou o pescoço dele, alinhando coração e suspiro, se encaixando no arco dos braços, sentindo o peito quente e sujo depois de um dia de trabalho encostar no seu. Olhava-o bem fundo nos olhos, lá onde as estrias douradas revelam a beleza do olho castanho, se aproximava devagarzinho e se unia.

Tudo o que o olho alcança é seu, Bianca.

Sentiu os lábios dela encostarem nos seus, primeiro de beijo-declaração, de cuidado e querendo dizer o que a boca não conseguia. Saudades. Desde a última vez que se beijaram parece que passou uma vida. Roçava a barba macia nela sem querer, sentia as mãos dela ao redor de si, ouvia a respiração que levava pouco tempo para descompassar e se perder.

Clichê de gente simples da roça. Coisa de casinha de cerca com cerca, queijo de comadre e leite de compadre, coisa de molecada que cresceu junto, brigou junto, brincou junto. Dois irmãos juntados com duas irmãs, os corações para fora e os corações para dentro.

Crescia, não como crescia entre os outros dois, nutrido e fortalecido com o tempo, raiz longa e profunda. Crescia sem ninguém saber como. Resistia.

O mocinho que engraxava botas e brigava se falassem palavrão na frente de sua irmã não era mais o mesmo que se forma médico e abandona tudo para viver de cuidar de uma bebezinha novinha demais para entender como vem ao mundo. Morreu, também não volta mais.

O que resta e vinga no contato são duas entidades. O cavalo que ninguém sabe se voa e as cinzas de um bicho que ninguém sabe o que é. O que vinga no contato entre eles é o que a vida fez deles.

E o que vão responder para o mundo.

Capítulo 26

Sentados, comiam a comida que fizeram juntos, um olhando para o outro, garfo na mão, sem saber como continuar. Agora estão juntos, né? Então agora eles podem se tocar e ficar de carinho, né? Então agora ela não vai relinchar quando ele chegar de mansinho e não falar nada, vai?

Estão juntos, não estão? Então agora pode abraçar e pode beijar, pode dormir na mesma cama e transar devagarinho deitado em vez de em pé? E será que ela vai deixar? E será que ele vai querer?

Estavam com fome, mas não conseguiam comer. Pensavam demais no que podiam, no que estavam dispostos, nos próximos passos. Ela olhava do prato para ele e desistia de falar qualquer coisa. Ele via, queria que ela dissesse, mas não sabia como deixar que fale sem envergonhá-la.

Pareciam, logo eles, dois moleques em idade escolar, sem saber como lidar com o outro. Bobos e tímidos e sem graça. Se aceitavam, ótimo, ainda bem, cansa esse joguinho de não-querer.

— Tamo' falindo – Ela jogou, cansada de tentar puxar outros assuntos.

— É, eu vi seu pai do seu lado tentando consertar.

— Mas quem vai ter que dar jeito sou eu mesma.

— Sempre foi.

— ... - Sempre? E ele não conhece Andressa, caralho? – Jantei com o pai um dia desses e a gente colocou as cartas na mesa. Ele disse que se eu quisesse, podia vender.

Vender? E vai viver de quê? Ele sabe tanto como qualquer caboclo daquela terra que se Bianca Botelho não for dona de cavalo, não serve para mais nada. Parou a comida na boca, olhando para ela sem entender para onde ia essa conversa sem pé nem cabeça.

— Você não vai vender.

— Não dá. Tem tudo isso de família aqui, vivendo do que trabalha. – Usava desculpas. Até pensou na parte social da coisa, é claro, sangue da barata essa Botelho não tem, mas também não ficou pesando muito. As pessoas teriam que trabalhar, fosse no Jockey dela, fosse no Jockey de outro. O caso não é de gente. – Não posso vender e deixar que eles...

— E desde quando você se importa?

— Com o quê?

— Com quem trabalha para você.

— Tome tento, Gustavo, que falando assim pareço sem coração.

— . – Parou para reformular. Tudo muito novo para ela entender que ele

não coloca amaciante na palavra – Você não pode usar as pessoas de desculpa. – E não funcionou muito bem – O que é que te impede de vender?

— Tudo, caralho! – Aí está. Se é para ser de verdade, que seja de verdade. Colocar pessoa como obstáculo para vender não é coisa que Bianca faz. – Eu não sei fazer outra coisa, eu não quero fazer outra coisa, aqui tudo é meu, meus cavalos, a parte dos ricos que vêm aqui botar os rebentos no lombo de bicho para tirar foto pra parentada, a piscina dos bichos e dos humanos que usam isso aqui de clube. Eu não quero vender, cacete, não vou vender e vou dar um jeito de desviar da cagada!

— Aí está. – Sorriu engolindo a comida, mais contente com a resposta. – E o que tá pensando em fazer?

— Eu vou passar um tempo fora pavimentando a estrada que a Dê abriu.

— Quê?

— Cê queria saber, não queria? Então. Eu vou lá para fora, vou encontrar Sheik, príncipe, fazendeiro, escola, faculdade, os caraios todos, vou mostrar a Bel mundo afora, vou sorrir e acenar, entrar em jantar e vender meu peixe, vou colocar Portugal na linha e mostrar para eles que quem manda nessa merda sou eu, e voltar para o Brasil em tempo de ajudar minha irmã no parto.

— Não.

— Cê não é ninguém para falar não pra mim, Cabrito.

— Não.

— Não o que, sô! Cabeí de vir aqui fazer tua comida e fazer as pazes e você já acha que pode mandar em mim? Prest'enção, Cabritin. Que do mesmo jeito que cê entrou na minha vida, cê sai, que eu não sou mulher mais de aguentar macho desaforado.

— Você não vai me fazer sofrer do mesmo jeito que a Dê fez com o Lipe. Pode esquecer. Já passei por esse drama com ele uma vez e não me submeto de novo.

— Eu sei, espera aí, não junta lé com cré que não vai casar. Eu quero você, quero ver cê virar médico de novo, quero ver tua pequena crescer e me derreter de chorar na formatura dela; não tô falando para você sofrer, tô falando para segurar o tranco comigo tanto como vice, quanto como meu macho, é pedir muito? Eu vou ficar uns meses lá fora, vô vender minha alma para quem pagar mais caro, talvez bote um potro no bucho da Bel, venda umas coberturas do Lisses e do Heitor, vou lembrar o povo que Bia Botelho existe e que não morre, e depois volto para ver o bezerrinho da minha irmã nascer. Eu preciso de você aqui, Gustavo, me dando apoio, correndo comigo. É pedir muito?

— Cê veio toda mansa fazendo minha comida que é pra eu aceitar.

— Não, eu não preciso de você, Gustavo, eu quero você. Gente pra me

ajudar eu tenho, tem pai, tem irmã, tem gente com doutorado com cargo menor que o seu, não é disso que eu tô falando. Eu vim aqui toda mansa porque eu quero garantir que você é meu antes de eu sair por aí.

— .

— Marcar ‘ocê com ferro, Doutor. Que é pra não ter nenhuma branquinha magrinha deitada na minha cama quando eu voltar.

— Você sabe que a Dê tem quatro meses, né?

— Deve ser cinco, já. Parei de contar as semanas.

— São quatro ou cinco meses com você fora. – Sorriu. “Droga de família que tem coisa com cinco”.

— Volto de vez em quando para marcar meu território, Gustavo. Não é adeus, não são cinco anos, são meses. E eu venho para casa de vez em quando.

— Vem para casa?

— Cacete, nem que seja para fazer você lavar minha roupa suja, eu venho!

— E depois?

— Depois o quê, diabo?

— E depois desses cinco meses?

— Espero não precisar viajar e ainda bolar uma partida de Turfe com a Federação, estando o Sheik presente, mais o príncipe de Mônaco, mais aquele Tobias amalucado da Áustria, o que vivia dando moscato para a Dê. Eu não sei quem é aquele demônio, mas o bicho tem grana e contato bom.

— E depois?

— Vai tomar no seu cu, cacete! Lá tenho bola de cristal?

— Fala baixo, minha filha tá dormindo.

— Então para de perguntar sobre depois! Eu não sei, Gustavo! Espero que dê certo e que eu tenha sossego e um pouco de dinheiro, mas pode dar errado e eu tenha que vender as calcinhas para pagar o salário do povo ano que vem.

— Melhor não. – Não sorriu, mas era piada. A Dê já teria percebido, mas a Bia não é boa de perceber detalhe de gente – Que as calcinhas que você usa não servem nem para mendigo.

— Até você vai começar a reclamar da minha roupa? É só pano!

— Bia, você até fica bonitinha de vestido, mas é de cowboy que cê me ganha.

— Puta que pariu – É assim que você fica quando recebe um elogio, Bianca? – Por essa eu não esperava. De chapéu e os cacetes?

— Sem perfume, sem salto, sem vestido, sem porra nenhuma.

— Puta homem das cavernas do caralho.

— Resta saber quem puxa os cabelos de quem, Bia, porque você tá longe de ser moderna.

— Não, modernos são seus irmãos. Eu não tenho nada de moderna.

— Das cavernas.

— Caverna o quê, Cabrito. Eu morro, mas não fico presa em caverna merda nenhuma.

— Das cavernas. Me vê de bota e camisa e tá derretendo. Não me engana.

— Também... - e é assim que você fica quando tá com vergonha? – como a Dê fala, chega a dar calor.

— Você vai dizer que não tá boa, se eu tirar sua roupa?

— Diz que tá tudo bem eu ficar fora por uns meses.

— Resolvo tudo por aqui e peço ajuda da Dê no que eu não souber.

— ‘brigada, Gustavo.

— Obrigada um caralho, que isso vai custar caro.

— É?

— Muito caro.

— Caro quanto? Quem sabe quando eu voltar cheia da grana dê para eu pagar.

— Três dias sem sair de casa, Botelho.

— Menino, – sorriu. Já não comiam há muito, sequer se mexiam, só trocavam farpas. Levantou da mesa da cozinha dele, desafivelando cinto e abrindo os botões da camisa – a vontade que eu tô de te comer desde os seus dezesseis anos, três dias não dá nem para o cheiro.

— É? – Ele também, pronto para cobrar um valor estratosférico pelo favor, sorria, serpenteando da cadeira para perto dela.

— Ô se é.

— Começando hoje? – Sorriu, colando o corpo dela ainda preso no sutiã ao próprio corpo, sentindo o calor e o cheiro, o jeito como ela derretia devagarinho, o olhar mudado de mulher que sabe o que vem depois dessa meia dúzia de palavra que não serve a nada.

— Só preciso sair de casa para trabalhar.

— Das sete às quatro.

— Às quatro?

— Chega de sair do escritório às dez da noite. Deixo você sair mais cedo de casa se for para ver seus cavalos e chegar mais tarde se for para terapia.

— De resto... ?

— Em casa.

— Na minha.

— Não, aqui, que tem infraestrutura para a Madalena.

— Afasta um pouco, Gustavo, deixa eu te ver.

— Não tem nada pra ver.

— O preço é alto, deixa eu ver o que eu tô levando.

Afastou dele, vários passos para trás, de costas para a sala separada por móveis e tapetes, como é na casa dela, não por paredes, como é na casa do Lipe. Sentiu o macio debaixo dos pés e olhou para o tapete da sala. Sorria largo porque a vista era linda. De jeans e camisa, ainda, vestido como o pai dele, homem de negócios, sem chapéu. Não faltava nada. Chapéu não fazia cowboy e a cowboy ali era ela, não ele.

O viu tirar a camisa, desafivelar a calça, sorria olhando tudo aquilo. Era lindo como os outros não eram. Músculos nos lugares certos, grande em tudo, no porte, nas ações e na altura. Uma envergadura de oceano, aquele menino tinha. Lindo, da cabeça aos pés, na pontinha de escárnio do sorriso até os cabelos compridos que precisavam de corte; das coxas grossas e rijas de homem que vagou demais até as mãos grandes, pesadas e delicadas.

Esquentava só de ver. Não tinha fetiche, particularidade ou partes do corpo que gostava mais. Só o queria e esquentava fácil. Olhava, sorrindo, sofrendo de ver. Completo, ela via. Lindo. E não faltava nada. Queria que ele continuasse, tirasse as calças, o resto da roupa. Olhava como se já o comesse, como se já o tivesse dentro de si.

— Continua? – Perguntou, tirando a camisa do corpo.

Descia o olho da cara para o peito e do peito para as calças, sem pudor e nem vergonha. Três dias sem sair de casa: três não, uma semana, que três é pouco. Para matar a vontade que estão desde moleques?

Três dias não dá nem para o cheiro.

— Você acaba comigo toda vez que sorri assim. Misericórdia.

Sensual como um filho da puta. Difícil homem ser sensual. Geralmente eles ficam parados com cara de cachorro com fome e deixam que as mulheres façam o jogo. Sorrindo daquele jeito, abrindo a calça devagarinho, deixando ser visto e decifrado, se aquilo ali não era um cabra que sabia muito bem como jogar, então Bianca não entendia mais nada de sexo.

— Não tira a cueca não. – Pediu, se sentando no sofá depois de tirar a calça, sem nenhum cuidado – Não acaba com o mistério, Gustavo. Deixa assim.

— Então acaba o mistério para mim.

Se desfez do resto da roupa que ainda tinha no corpo, sem sorrir, olhando para ele, quase o chamando, doida de vontade de mostrar para ele com quantos paus se fazia um estábulo. Forte como tem que ser uma Domadora de Cavalos, mulher como tinha que ser a esposa do Doutor, abria as pernas, sem sequer

esperá-lo, colocou ambos os pés no sofá e então.

— Parece que eu te conheço há mil anos. – Disse, a voz mínima e de perna aberta, se mostrando, sem vergonha alguma e sem o menor pudor – E parece que eu posso fazer o que for que você não vai me criticar, não vai me impedir, não vai mandar em mim.

— Isso, Bianca, me faz de idiota.

— Se eu digo que eu não estou boa, você sabe o que eu quero dizer e não tenta me convencer o contrário. Parece que eu posso ser doida de pedra e um pouco boba e você não vai ligar para isso. Vai ser bobo e de pedra que nem eu.

— Se atreva.

Desceu a mão do braço do sofá para a cintura e da cintura para dentro. Deitou a cabeça para trás e ia embora o arrancando junto. Ia sozinha, sempre um passo adiantado, sem chama-lo para acompanhar. Entre aquela carinha de quem tem o segredo do reino e não quer compartilhar ou o barulho seco de quando ela ia e vinha de dentro de si, Gustavo não sabia o que era o pior.

Foi para perto dela e ela fechou a perna, vermelha, ofegante, sem ter terminado. Sorria sacana e sem um pinga de vergonha na cara, estendendo a mão melada. Os dedinhos de unhas curtas e a palma áspera de puxar corda de guia de cavalo. Linda, inteira linda. O fez lambar o que saía de dentro, mas não o deixava lambar a fonte. Fez que ia voltar a mão para lá, mas Gustavo até que é louco, mas não rasga dinheiro.

— Se não vai me deixar brincar junto, não vai brincar sozinha.

— Você brinca com o seu brinquedo e eu brinco com o meu.

Com um pé no ombro dele para impedi-lo de se aproximar, voltou a mão para lá, as pernas escancaradas, o olhando fundo nos olhos, quase se descolando da realidade. Absurdo. O deixava literalmente na mão e não se importava. Para um homem casado há anos, talvez esse tipo de perversidade seja divertida, mas para um que nunca comeu a mulher como gostaria, esse aticar e negar é pior do que negar logo de uma vez.

— Se for gozar chamando meu nome eu te ponho para fora da minha casa.

— Não põe, não.

— Se atreva.

Escancarou as pernas dela, com força na parte interna da coxa, ela tirou o pé do ombro dele, sorria e amarrava o rosto, quase chegando lá, ele avançou para o beijo, a sentia inteira quente e cheirando ruim, um cheiro muito próprio de mulher com tesão misturado com sujeira do dia de trabalho, poeira do asfalto e alugueis atrasados, ela sorriu o olhando nos olhos, aceitou o beijo, gemeu melindre como sempre gemia pertinho dele, sentiu uma das mãos dele sair da

coxa dela, tomou um puxão forte para ir para a beirada do assento e sorriu sentindo a quentura dele.

— Me deixa brincar também, Pequena.

Não precisou dizer que deixava, todo o semblante maravilhado dela respondia. Sorria grande, toda vermelha, o peito inchado, o clitóris inchado, tudo melado, toda pronta e pedindo. Devagarinho, segurando a mão dela lá dentro, ele entrou feito seda, sem machucar, sem ofender, sem querer tomar posse.

Derretia também dos jogos de sedução. Com ele perto assim, a boca colada, os braços apertados na sua bunda, ajoelhado diante da própria deusa, ela perdia noção de ativo e passivo, os dois comandavam, se alinhavam e se seguiam, a mão dela enfiada no meio dos dois, a mão dele que forçava a mão dela a seguir o ritmo deles.

Olhava para ela com doçura, mesmo quando muito louco para continuar. Não tinha nem como temer ser trapaceada, Bia, porque os Ferreiras não moram no perigo. Todos nasceram do amor e amam demais a mãe para pensar em colocar uma mulher em risco. Sorria não só o Gustavo, pai da Madalena, mas também o filho da Fernanda, irmão do Lipe, primo de coração dela, moleque que compartilha do mesmo avô que ela.

— Vai mais devagar – Pediu. É viril como as mulheres não podem ser e áspera como as mocinhas dos livros não são. Sorria olhando para ele, o Gustavo ainda vai aprender, toda cheia de melindre. Inverte quando cai de amor, se entorta inteira. Por isso escorregava no jogo, ambos sabem jogar muito bem, mas não precisavam. Nasceu do amor ela também, deu vida nova para o pai quando nasceu e, por isso, por mais que acredite que talvez nunca tenha um final feliz igual histórias de novelas, sempre busca por ele.

Das outras vezes não eram tão íntimos, não tinham significados. Não eram pátio de amor, eram só cheques descontados às pressas. Eram só isso, depósito. Ali, olhando, demorando o toque, tardando o beijo, ali sim eles se reconheciam.

Tirou a mão de dentro de si e rodeou o pescoço dele com as duas mãos, colando no corpo dele mais ainda, agarrando as ancas dele com as pernas e sorrindo.

— O que foi, Pequena? Por que tirou a mão?

— ...

Ele a beijou do jeito que queria ter beijado da primeira vez, não cheio de amor e pureza porque ele não era assim, quer carinho e quer toque gentil, aprende aos poucos a gostar do melindre e o jeito como ela fala seu nome, mas não consegue fechar-se em algodão quando assim. Não foi assim que ele aprendeu a ficar pelado diante de uma mulher, não foi com amor, nem carinho.

Então, enquanto ele se deslumbra com o jeito carinhoso dela de sorrir e de beijar, ele tenta aprender que nem só de estocada dura e de puxão de cabelo a coisa funciona.

(Embora, por vezes, é exatamente assim que ela prefere que ele seja),

Mesmo quando se roem nas beiradas, o toque importa para o homem que nunca se importou com isso. Segurar com cuidado ou tenacidade tanto fazia.

— Eu tô quase, vai mais devagar.

— E que que tem?

— Se eu gozar agora acaba.

— A gente faz de novo.

— Eu não consigo várias. Fica dando choquinho. – Você já viu a Bia falando nos diminutivos?

— Vem comigo, Pequena.

Capítulo 27

Crescia a barriguinha. Inchava de amor, aos poucos, sempre com medo de mais descolamento da placenta. Conversava com o time de Portugal, do Brasil, com a Bia, da última vez, em Bruxelas. Sempre na mesa da cozinha. A mãe vinha de Minas, fazia cafuné e bolo de milho, deixava, às escondidas, que ela bebesse um golinho de café só para matar a saudade, Alicinha dava sinais lá da China, esquivava de um Sheik que sempre queria saber mais dela, fingia que ela era a patinha feia das três, e o Lipe tentava fingir que não via o tráfico de café para dentro da casa dele.

Dona Fernanda, mesmo sem conseguir desvendar o mistério do Guto e da Madalena, aos poucos, sorrateiramente, foi se inserindo de volta na vida dos filhos. Sentia saudade deles, síndrome do ninho vazio o tempo todo. Arrastava Manuzinha que sempre chegava na casa da Dê com bico, o marido que chegava sempre mais tarde e ficava, mesmo que a comida não fosse tão boa como a das Botelho, até depois do jantar que, por vezes, ela mesma quem fazia.

O Guto, a mãe via, crescia. Que raio deu nesse menino ninguém sabia, mas tinha coisa. Continuava sem sorrir, mas quem convivesse com ele via, logo via, ele andava menos tenso. Menos com raiva do mundo, menos irritado. Deixava a sua menininha sambar no colo das tias, no colo da avó, aceitava um sem-número de apelidos imbecis que a menina ganhava, (O pior deles era GoLdinha, assim, como o Cebolinha fala, coisa da Manu) e gostava de vê-la interagir.

Aos poucos a menina sorria, tomava sua mamadeira sozinha, dormia muito mais do que antes, chorava menos. Ele, aos poucos, também se enfiava no trabalho mais do que o de costume, tapava buracos, chegava cedo, saía tarde, ficava mais tempo com a filha, dispensou a babá mocinha porque ela passava bem mais tempo dentro de casa e a trabalho do que merece passar uma mocinha tão novinha.

E, de noite, quando os dois não conseguiam mais esconder as saudades, se conversavam por celular. Ela tentava manter a graça e as piadas do seu falar duro, mas não conseguia por muito tempo, não. A Bia, o Guto sabe desde molequinho, ela não é nada sem a própria família.

Deitada em camas de hotéis chiques, contando de casos chiques, mandando e-mails com assinaturas chiques e tirando fotos chiques, aquela era uma Bia frustrada. Vivia dizendo, do mesmo jeito que a Dê já disse uma vez, que vai acabar logo. Que bastava fazer isso ou fazer aquilo, que tinha que levar a Bel a só mais um lugar e pronto, podia voltar.

E sempre retardava a chegada. Passou dois meses fora, direto, sem escala no Brasil. E voltou só para dois dias, o tempo de trocar a roupa suja da mala por roupa limpa antes de enfrentar mais catorze horas de voo.

Por um lado a Dê estava contente de ver a irmã tomar o que era seu, cercar suas posses e tomar conta delas, via seu esforço e, intimamente, sentia-se vingada pelo trabalho exagerado por anos sem qualquer reconhecimento da Bia: agora a própria Bia sabia o quanto era duro manter tudo funcionando.

Mas por outro... via o que a Bia perdia em casa. Via o estreitamento de laços das duas famílias (que não era mais a mesma coisa desde que a Dê foi a Portugal na primeira vez), via o jeito como a Tia Fê já entrava na casa dela como se fosse a sua, como bastava uma desculpinha qualquer para que os dois, o Tio e a Tia, estivessem lá com seu ácido estomacal jogado para cima dos filhos e por quem mais quisesse ser pauta de piadinhas.

No dia em que a Bia anunciou pisar no Brasil, de novo, por só um dia e nada mais, a Dê, para reparar um pouco a saudade que sabe que a irmã tem da família, chamou todo mundo para um almoço em casa.

A parte mineira da família chegou um dia antes, de helicóptero, Seu André reclamando do chacoalhar e do barulho, Dona Angélica comentando a vista que tinha lá de cima. Instalaram-se na casa vazia da Bianca, cozinham como gostavam, encheram a casa de música e jantar gostoso, esperaram a filha chegar e foram dormir cedo.

Só o Lipe e o Guto que não dormiram cedo para espera a Bia chegar porque a Manu não deixou. Sentados os três do lado de fora, matando pernilongo no braço e se coçando com uma latinha de cerveja cada, a Manu fritava, dentro da cabeça, com vontade de apresentar os dois namorados para a mãe, bem no dia seguinte, quando a Bia voltaria.

— Você tem que entender que vai dar merda – o Guto tranquilizou.

— Que amor de irmão!

— Ué, mas vai! Ô, se vai. Deixa o pai ver a princesinha dele com dois caras para você ver.

— Assim cê não me ajuda, Lipe!

— Fala baixo, a minha filha tá dormindo na sala.

— Toda hora tem que falar baixo!

— Mas você quer que ela acorde?

— É, mas não podia colocar ela no berço, no quarto, agasalhada e quentinha?

— Poderia, mas assim eu não escuto se ela chorar.

— Porra de falar baixo – Tão nervosa, mas tão nervosa, que catava sua latinha pela metade e andava, dois passos para cá e dois para lá, na frente dos

dois irmãos sentados na soleira. – E então: cês me ajudam?

— Não. – Juntos, em coro.

— Tem que me ajudar!

— Manu, é a mãe – o Lipe respondeu, cansado de ver a menina andar de um lado para o outro, a puxou para se sentar um degrau abaixo do deles. – Senta o cu, cacete, tá me dando nervoso você de um lado para outro.

— O jeito é você aceitar que vai levar chumbo e manter a opinião firme. Quer os dois, tá feliz assim? Então você não abaixa a cabeça, você fala e espera o chumbo.

— É, Manu, se você pedir desculpa por estar com quem você quer, vai parecer que tá errada.

— E você tá errada? – Provocou o irmão do meio.

— Não!

— Então pronto. – O Lipe continuou, descendo um degrau para ficar no mesmo nível que a irmã – E não tem como fazer isso ficar fácil. Prepara o peito para tomar chumbo e deixa que a mãe e o pai conversar para entenderem o que fazer com você.

— Apresentar eles para o pai e a mãe é uma má ideia, né?

E precisa perguntar?

Estava Sol no almoço de boas-vindas da Bia. Tão Sol, que ninguém aguentou ver a piscina e não cobiçá-la. Queriam-na. Mais que isso, arrastaram a mesa para fora e as comidas. A piscina atraindo as almas mais fracas, a mesa ainda vazia, só com suco, as coisas gostosas de comer ainda no forno e geladeiras. Manuzinha foi a primeira a cair na água, arrastando o pai dela pela mão. O Guto vigiava a filhotinha dele enquanto Dona Angélica se encantava com a menina, elogiando o tamanho dos olhos dela e a carinha de sapeca arteira que ela tinha: Carinha de quem vai aprontar muito.

— Cadê teus macho, Ogra? – O Lipe perguntou com as mãos melecadas de protetor solar, depois de besuntar a gordinha dele que não bronzeia.

— Não fala assim. – Ela respondeu, envergonhada, nervosa, comendo a beirada dos dedos.

Viu o pai avançar para a borda da piscina, o viu sorrindo de ver a esposa arrancar o vestido besta de verão e entrar na piscina com ele.

— Estão chegando, já entraram no Jockey – O Guto respondeu, percebendo que o Lipe falava daquele jeito com ela porque estava nervoso por ela.

Dos três, o único calmo era o Guto porque sabia que tudo acabaria bem. Não pode ser muito esquisito um relacionamento poliamoroso para o casal que se casou numa cerimônia junto de um casal lésbico.

Ou pode? Manuela sabe o que quer, teve de quem aprender, e agora espanta quando mostra que aprendeu direitinho.

— Eu vou buscar eles. — O Lipe, de camiseta e sunga, secou a mão melecada no peito da camiseta e procurou os chinelos. — Vem comigo, vamos acabar logo com isso.

— Lipe, entre na piscina. — Gustavo mandou. — Refresca o gênio, que isso não é coisa nossa.

— Nem fodendo que eu vou deixar a Manu sozinha nessa.

— Tem que estar. — Não era abandono. Ele acreditava que ela só tinha que se rebelar e enfrentar os pais sozinha.

— Guto, eu tô precisando de ajuda, não fala para o Lipe ir para a piscina.

— Você teve a nossa ajuda ontem. Hoje você tem que se virar sozinha.

— Como caralhos você tá calmo? — O Lipe não entendia.

— Não tô. — Mentiu.

Trêmula dos pés à cabeça, de mão dada com Gabriel e à frente de Rafael que evitava olhar para os pais da moça, Manu entrou na casa do irmão. O Lipe sabia o papel que tinha, o Guto, perto dos pais, também. Rodrigo e Fernanda, surpresos com o aparecimento dos Carrapatos (eram assim que eram chamados desde o ensino fundamental, porque pareciam grudados onde quer que Manuela fosse), saíram da água e não perceberam a posição de tensão que todos os Ferreiras se colocaram.

Dona Angélica com seu marido, os dois ali no meio do palco, por conviver muito com a Ferreirada, reconhece de longe quando vai dar ruim: sempre se fecham em roda de forma que um conseguia ver bem a cara do outro. Por prever cenas, acharam melhor se afastar com a bonequinha de olho verde que ria de tudo o tempo todo, e foram contemplar a briga bem ali onde as duas princesas deles estavam, na borda da piscina, protegidas por guarda-sol.

— Cacete, tão parecidos que parecem irmãos. — Sorriu Dona Fernanda, coitada, inocente de tudo, com o rosto molhado, cumprimentou ambas visitas com um ar meio nostálgico — Faz um tempão que eu não vejo vocês dois...

— Mãe... - A Manu se tremia tanto, que falava com a mãe de braços cruzados.

— O que foi, Manu? Tá nervosa por quê? — O pai deu um aperto de mão nos dois rapazes e não entendia muito bem o porque os Ferreiras faziam roda por causa de dois meninos que cresceram junto da Ferreira mais novinha.

— Mãe... - E ela mal se atrevia a olhar para o pai.

— Tá me deixando nervosa, Manu. Se tem alguma coisa pra falar, fala logo de uma vez que fora da piscina o vento tá gelado.

— Eu tô namorando.

— Grande coisa – E ria, a coitada da mãe – Com quase vinte anos, se não tivesse namorando, aí sim que eu estaria preocupada.

— Com ele ou com ele? – O pai perguntou, também levando tudo numa brincadeira saudável e tonta.

— ... Só não tô entendendo o porque trouxe os dois aqui, fizeram roda, só para contar a grande notícia que minha filha tem... - Entendeu. O sorriso esmaeceu do rosto, sumiu. Os dois irmãos Ferreiras mais velhos viram, primeiro, sobranceiras congeladas, confusas. No pai e na mãe. Viu o braço do pai circundar as costas da mãe, dando apoio e procurando apoio também, o pai também entendeu depois, olhando para o rosto da Manu sem vê-la.

— Mãe...

— Fica quieta, Manu. – O Guto disse, a proibindo de pedir desculpas. Sabia que a caçula se arrependeria, se curvaria e se culparia e não queria que ela fizesse isso. – Eles já entenderam.

— Tudo o que os dois irmãos dela têm de bonzinhos, essa daí tem de desajuizada. – Reclamava, cheia de muxoxo de decepções, buscando uma toalha na cadeira de plástico para proteger a Goldinha do vento frio.

— Mãe, - o Guto se sentou na borda da piscina, movimento só para quebrar a tensão da roda, sentindo a água nas pernas e o Sol esturricando as costas descobertas – não adianta ficar brava. Os dois gostam muito dela, ela gosta muito dos dois.

— Gostam mesmo? Isso me parece dois caras tirando proveito de uma moça. – O pai não se moveu um milímetro.

— Não vou me fazer de sogra legal e falsa, Manu. Não gosto da ideia. Não acho que seja assim. Já basta um filho esperar cinco anos por uma mulher, meu outro filho ser pai solteiro, agora vem essa daí enrolada com dois sujeitos. Porra, eu sou normal, por que eu não posso ter filho normal?

— Normaliza o amor, Dona Fernanda. – E Rafael, de óculos e os cabelos um pouquinho maiores que os do Gabriel, foi o primeiro. Ele conhecia Dona Fernanda, eles frequentaram por anos, enquanto estavam na escola, a casa dela. Sempre foram os três, desde moleques. Todas as fotos de aniversário, formatura, evento na escola e estavam sempre os três. – Diz pra mim o que é normal. É normal um sujeito casar, ter filhos, largar tudo nas costas da mulher e chegar de vez em quando só para dizer um eu te amo?

Ele dizia como se soubesse, mas não sabia. Na cabeça do menino era só uma situação hipotética e continuou:

— Normaliza o amor e me diz até que ponto é normal. Traça um gráfico e me mostra, Dona Fernanda, que eu não sei. A gente já tentou fazer dar certo só com dois, juro para a senhora, mas não deu. Não completa. Não tem motivo para me odiar. Eu não estou aqui para fazer mal nem para a Manu, nem para o Gabi. Eu só estou aqui do mesmo jeito que seu filho mais velho esperou cinco anos, seu filho do meio é pai solteiro e seu marido está aí do lado da senhora. – A pausa dramática que ele fez só dizia: “é, a Manu me conta tudo” – Quer me odiar, me odeie, mas não porque tem alguém lá fora que aceita que o amor seja entre dois sujeitos abusivos, mas não entre três sujeitos livres.

— Mãe, – E aí veio a rainha trevosa – eu nasci do amor, não nasci?

— Nasceu, Nina. – E Seu Rodrigo já assumia um lado.

— Então porque vocês estão querendo que eu não viva dele?

— Não dá para viver do amor só com Um? – A Fê barganhava.

— A senhora vive do amor sem o meu pai?

A Fê não respondeu.

— A senhora conhece a gente. – O Gabi, de olhos claros, continuou – Meus pais conhecem a senhora, os pais do Rafa conhecem a senhora, a senhora me conhece. Acha, que se fôssemos o que a senhora acha que a gente é, a Manu teria nos aceitado? O jeito que ela fala de você e tudo o que você ensinou para ela... A gente não é estranho. Não somos dois fulanos que apareceram do nada. A gente tem história com a família da senhora e com a sua filha.

— Venham, - O Lipe intercedeu, desfazendo a roda do jeito que o Guto já desfazia, falando com o Rafa e o Gabi – Isso é coisa de mãe com filha.

— De pai, também. – O Rodrigo disse, olhando para a Manu quase inteira, além de trêmula, chorosa.

— Espero que tenham trazido sunga – O Lipe assumia a responsabilidade de anfitrião, arrastando os dois meninos que não queriam sair de lá.

— Vão lá com o Lipinho, eu já vou – Ela disse, baixinho para o Gabi que estava perto dela.

E os quatro rapazes saíram.

— Eu passei a minha vida inteira cuidada por dois. Eu já andei pensando sobre isso e não cheguei a conclusão de nada, só estou dizendo o que está na minha cabeça. O Guto e o Lipe sempre cuidaram de mim, do jeito deles, mas cuidaram. O Guto que me põe limite e o Lipe que me deixa ser doida. Achei o Rafa e o Gabi por acaso, a gente deu certo por acaso. Eu gosto deles, eles gostam de mim. Não me envergonha e não me rebaixa, mãe. Não me humilha.

— Eu não sei lidar com isso.

— Ninguém sabe. – Ela limpou o focinho curto como o da mãe – Foi estranho para a gente, também. Cresceu e ninguém sabe como. Num dia o Gabi

chegou e disse que gostava de mim. O Rafa se afastou da gente e a gente sentiu falta dele. A gente terminou tudo e chamou o Rafa de volta. Aí o Rafa disse que não podia voltar a andar com a gente porque partia o coração dele de ver a gente junto. Foram anos, mãe. Não foi da noite para o dia. Até o Rafa entender que gostava do Gabi do jeito que eu gosto... Até eu entender que um gostava do outro também. Mãe, você vê a gente e acha que é fácil, mas não é. E o ciúmes? E a desconfiança? Tem dia que eu fico olhando os dois e parece que eu sou a estranha no ninho. É que nem se o pai estivesse dividido em dois: O que você faz? Vai embora para não sofrer ou fica e encara que são dois? É foda. – Nem sequer acreditava que conseguia falar tudo isso sem tremer, nem gaguejar – Eu não estou nessa para tirar onda.

— Os meninos também se gostam entre si. – E a Fê não perguntava.

— Pois é.

— Nossa, isso é moderno demais.

— E eu achando que na nossa época, Fê, você é que era moderna.

— Vai, leva eles para a água. – A Fê disse. – Tá solão demais para esses meninos ficarem de jeans. Depois a gente vê o que faz.

— Vem comigo. – O Dio disse para a esposa dele, arrastando-a para o lavabo do andar de baixo da casa do Lipe, enquanto a Manu procurava aos irmãos e aos namorados.

— Olha só que vida injusta – A Alicinha, ainda sentada na cadeira de praia, olhava a Manu cortejada, sentada na borda da piscina, pelos dois namorados – Uns com tanto, uns sem nada.

— Puta merda, menina, para de reclamar um pouco. – A Dê respondeu, deitada do lado da irmã e protegida por um chapéu chique de palha, mais preocupada com a Bia que não chegava, do que com a dor de cotovelo da irmã mais nova.

— E o pior que ela é igualzinha à Tia Fê, né? – A Alicinha ignorava e continuava – Botou coleira e arrasta os dois. Tô vendo dois Tios Digos nesses dois namorados da Manu, ou tô vendo coisa?

— Igual cachorrinho. – A Dê ria, derretida olhando o Lipe brincar com a sobrinha dele, do outro lado da piscina.

— Ah, sim, ri mesmo, porque seu marido faz o tipo beeeeeeeem machão, tá?

— Tá falando do Lipe?

— Cê virou a Manu pra estar com dois maridos?

— Alice, faz um favor, fica quietinha.

— ... Mas essa almoço sai ou não sai? Fome do cão. Cadê a Bia?

— Não quis que ninguém a buscasse no Aeroporto. – Reclamou. – Nem avisou quando aterrissou. Tô preocupada.

— Não fica, é a Bia, ela sabe se virar.

— Eu sei que sabe, mas custava avisar?

Quando chegou, horas depois, chegou já pronta para cair na água. Arrastava uma mala de rodinhas e uma camisa flanela aberta sobre os ombros, um short minúsculo atolado lá e aberto na frente mostrando parte do do biquíni comprado às pressas no aeroporto mesmo.

Entrou pela porta de serviço que dava para a piscina, parou a mala em qualquer lugar e olhou a paisagem. Sensação de casa. Menos morena que da última vez que esteve no Brasil porque para onde ela foi só tinha gelo, mas linda, de todo jeito. Tirou a flanela e largou em qualquer canto, pediu a bênção da mãe, do pai, beijou as irmãs e olhou ao redor: Cadê?

— Tá trocando a fralda da Lelê – Lá vinha mais um apelido idiota, dessa vez, vindo do Lipe – Daqui a pouco desce.

Ajeitou o cabelão para trás das costas, jogando uma mecha para o lado, do jeito que ele arrumava seu cabelo, farejou a mesa de comida à procura de alguma coisa para pôr na boca e só achou sucos.

— Não tem comida nessa casa, não?

— A gente estava esperando você chegar, menina. – O pai respondeu.

— Então pelo amor de Deus, suspende a espera, tô varada de fome.

— Tem comida no avião, não?

— E quem mata a fome com biscoito e pão?

Entrou na casa de novo. Se Maomé não vai até a montanha, deixa que ela vai. Atravessou a cozinha, desesperada de saudade e o viu descendo a escada. A pretinha sorrindo para uma brincadeira do pai, o pai todo alegre e feliz com ela no colo, só de sunga molhada e nenhuma esperança de que tivesse chegado.

— Você está aí. – Ela disse, sorrindo, pronta para pular no colo dele e dar vexame bem ali, no meio da sala.

Esperou, pacientemente, que ele colocasse a bebê no sofá, e tascou um beijão nele, bem do jeito que ela não queria nem ter parado de fazer, já tascando a mão no único lugar coberto por roupa, sentindo os peitos puxados por entre os vãos do biquíni. Homem de comer e pedir mais. E ele não parou também, não. A viu de short como não a via há anos e perdeu feio o rumo de casa.

— Que lindo o casazinho. – E quem os pegou no flagra se não Dona Fernanda?

— Caralho, tia.

— Nunca tinha visto chave de pinto. — E ela ria, olhando os dois ajeitando a roupa e os beijos inchados. — Sempre vi chave de xota, mas de pinto, essa é a primeira vez.

— Nossa, Tia, você sabe mesmo estragar o clima.

— Alegria de sogra é essa, filha. — E se ria toda, achando a maior graça — Me dá essa Madalena aqui, que a coitada não tem que ver esse tipo de coisa.

O Guto escondeu uma risada alta e para fora, olhando a mãe que adorava constranger os outros, diante de uma Bia puta da vida.

— Chave de pinto — E saiu pela porta da sala segurando Madalenazinha, rindo alto e para o teto — Finalmente algum Ferreira macho de verdade.

— Quanto tempo dessa vez? — O Guto perguntava, sabendo que não era definitivo.

— Amanhã tô indo para Dubai. — A cabeça, o coração e a xota, todos descompassados, ainda entorpecidos e um pouco lentos, todos pedindo mais horas para ficar e dar o que ele merecia.

— Então hoje você não dorme.

O Lipe focinhava a Dê, lá da cadeira de praia. Viram Fernanda, rindo, sair para a piscina com a bebê e a Bia saindo depois, aos trotes, puta da vida, vermelha, de farol aceso e sem perceber um bico para fora do biquíni. Um trovão puto em forma de mulher. A Dê riu primeiro e o Guto saiu calmo como se nada tivesse acontecido, uma pose que ele assume quando está certo.

— E aí, o que a gente perdeu? — A Tia Ana chegava com a filha Mariana, loirinha, dois anos mais nova que a Manu. Era a cara da Tia Bia, que vinha atrás num vestido azul que combinava com ela e a pose de mulher-celebridade que ela sempre teve.

— Praticamente tudo. — Rodrigo saiu da piscina e se secava antes de cumprimentar o casal, enquanto a Fê as atacava com braços saudosos e nostálgicos.

— Ah, mas do jeito que vocês são, arrumam mais treta que é para a gente poder assistir.

— Que amor você, Ana, esperando treta na minha família.

— Claro, né querido, não viemos lindas desse jeito para nada. — A Bia concordava com a mulher, rindo-se e cumprimentando Rodrigo com os mesmos braços de saudade que a Fê cumprimentava a Ana.

— Cês duas não mudam, né?

Capítulo 28

São quarenta cavalos, ela alterava as contas que o Guto fazia, ao redor do mundo, todos vendendo cobertura, todos correndo, o Leo fazendo um ótimo trabalho com seu alazão Ulisses, ela correndo com a Bel por pura exibição, mais as consultas a alas inteiras de cavalos com problemas respiratórios.

A grande sacada da Bia, o motivo de a Dê ter começado tudo isso, é que a Bia resolveu colocar na água, antes da cirurgia, potrinhos com problemas respiratórios. Fazia terapia em bichinhos e, na sua tese, defendia a utilização de terapia física em vez de cortes e meses de recuperação. Ensinava, nas palestras que dava e workshops ao redor do mundo, a outros veterinários como é seu método, o jeito como respeitava o fôlego do cavalo, a maneira como a cirurgia não era a única saída, mas a última.

E nisso, depois que meteu as caras e foi sozinha divulgar seu próprio trabalho, já rendia frutos. Conseguia entrar em arenas de turfe exclusivas, conversar com criadores de cavalos que não se misturam, comprar um ou dois cavalos árabes puríssimos e vender outras centenas de coberturas com os cavalos puros que já tinha.

Na ponta do lápis, ela sabia e o Guto, a ouvindo falar, abraçado nela, ambos deitados na cama e cansados do dia que não tinha fim, se não fosse o fato de a Dê estar com bezerro no forno, ela com certeza estenderia suas viagens por mais um ano até conseguir recuperar todo o dinheiro que perdeu por confiar na pessoa errada.

— Mas, do jeito que anda – virou-se de frente para ele, distinguindo, no escuro, o lençol da pele dele – já está bom por demais.

— Desse jeito você vai acabar com seus cavalos antes de conseguir cobrir o rombo que o Jorge deixou.

— Eu estou respeitando a velocidade deles, Gu, sou mãe, nunca que coloco dinheiro em cima do bem-estar deles.

— ...

— Tá puxado para todo mundo, para mim, para os cavalos, para a Bel, para o Leo, para todo mundo, mas até a gente recuperar essa grana, não vou parar.

— Tem outro jeito.

— Tem não, Amor.

— Deixa eu retomar o processo contra o Jorge.

— Não fala nesse assunto, pelo amor de Deus, não aqui, não agora, não nesse quarto.

— Bia...

— Não, Guto, não. Não traz esse cara para o quarto, não fala dele, não quero.

— Eu vejo você tomando avião o tempo todo, tá dando resultado, mas duzentos milhões são duzentos milhões.

— Eu quero enterrar esse assunto.

— Não posso deixar você fazer isso.

— Eu não quero ter que depor, não quero julgamento, não quero vê-lo, não quero me gastar com isso. É muito tempo, muito desgaste, muito trabalho. Deixa, Guto. Deixa que eu me viro do meu jeito.

— Bia...

— Não dá. Não quero. Eu passei meses só para me perdoar de tudo, ainda odeio quando lembro, eu não quero nem pensar nisso que já sobe o sangue. Por favor, Guto, não traz isso de volta para a minha vida que dói demais...

— Deixa na minha mão.

— Não posso jogar essa bucha para você.

— É o meu trabalho. A gente entra com um acordo, sentando e conversando com um advogado, eu já sondei alguns, dá para a gente recuperar de setenta a noventa por cento sem ter que ir à julgamento.

— Tudo isso?

— Cem eu acho impossível. Ter todo o dinheiro de volta eu não arriscaria, mas noventa por cento é melhor que zero.

— E como cê vai fazer isso?

— Deixa comigo. – Não quis dizer que ele já tinha tudo pronto. – Eu só quero você de volta em casa logo, não tá dando certo assim.

— Tá ruim, né?

— Não vou esconder que tá.

— Eu vou trazer uma partida pra cá. Vou trazer o Sheik e o príncipe e a cambada toda de ricoço, vou colocar a Federação dos velhotinhos para ver como é que as coisas são quando acontecem no Jockey de São Paulo, vou pedir para o Leo voltar para o Brasil com o Lisses, junto do Jockey do Flamengo e pronto, Cabrito, daí eu paro de viajar. Depois de um amistoso desses não tem como o circuito de hipismo esquecer que o Jockey de São Paulo está vivo.

— Como você quiser.

— E você, se acha que é uma boa tentar acordo com o Jorge, faça o que for melhor.

— Cê confia em mim?

— Confio, Amor. Faz o que achar melhor e se quiser que eu assine alguma coisa, manda por e-mail que assino assim que pisar em Dubai.

— Você contratou segurança para essa viagem?

— Contratei, sô. – Sorriu, lembrando da irmã que não viajava sem segurança armada – Mulher sozinha e com grana na mão é chamariz de perigo.

— Fico mais tranquilo.

— ... mas saiba que não foi isso o que salvou a gente da outra vez, viu? Segurança armada bota medo, mas não faz muito, não. Só não viramos escravas nas arábias porque a Dê defendeu a gente.

— Com aquela mãozica de nada?

— O quê? Rapaz, catou um arebaba lá da areia e deu uma moqueta bem dada nele, bem quando me puxava para fora do carro que levava a gente pelo deserto. – Sabendo que não dormiria, pelada, se levantou da cama e começou a vestir as roupas de cowboy – Dei um soco inglês para ela só por cuidado e ela já me defendeu com aquilo por duas vezes.

— Vai onde?

— Buscar pão. Capouquim sua Madalena acorda, deve ser cinco ou cinco e meia, já.

— E tem pão lá na Alexandra?

— Tá saindo do forno. Com sorte trago quentim.

— Que horas seu voo sai?

— Onze horas.

— Então dá.

— Dá pra quê, sô?

— Ainda não matei tudo.

De saudades. De costas para ele, abotoando a calça, sorriu sabendo o que ele não matou. Diferente dos dez anos que passou longe do Brasil, dessa vez tudo tinha sentido, tudo fazia parte de um plano maior. Não deslizava entre os hotéis, como era antes, com desprezo. Não tratava os outros, como era antes, com descaso. Tudo, o tempo todo, a fazia lembrar que ela tinha chão para onde voltar, tinha os dela para tomar conta. Levantava de manhã pensando na irmã e no Guto, rezando, sem nunca contar para ninguém, para que Deus protegesse eles.

Às vezes, sentada sozinha num hotel chique, café colonial servido no quarto, ela se pegava pensando no pão com manteiga frito que o Guto fazia e a mandava comer e no como ela detestou o modo como ele falava: “Senta e come” como se fosse pai.

E também se arrependia amargamente de ter se envergonhado tanto só de ter ido buscar um pãozinho para o café.

Nunca viu graça, ao contrário da Dê, no tomar café da manhã. A Dê, a Bia sabe, se pudesse, tomava café da manhã em todas as refeições, mas ela só

engolia a comida e pronto, sem pensar nos rituais.

Sentada à mesa com o Guto e Madalena, melhor, sentindo falta disso, é que ela foi entender também que o que era servido à mesa não importava. Bastava que ele estivesse com ela, do outro lado da mesa, comendo junto e falando amenidades.

Fazia parecer que estavam fazendo alguma coisa direito, assim, só para variar.

Por isso, sem preguiça alguma, calçou as botas sem meia e foi, andando, até o polo central de distribuição do restaurante, de onde partia toda a comida de todos os muitos restaurantes do Jockey, parou no balcão baixo e cheiroso, montado na varanda de grande casa com amplas janelas e muitas mulheres de touca e branco trabalhando sem parar.

— Bom dia, Dona Bianca – Todo mundo sabe quem Dona Bianca é, mas a Bia não sabia quem eram todos. Se culpava, sempre que via um sorriso saudosos, por não saber seus nomes.

— Bom dia. Tem pão véi?

— Teeeeeeeem. Vou lá dentro buscar.

Enquanto ela esperava, viu Dona Marisa colocar uma bandeja grande de frango temperado sobre o balcão, sem vê-la, compenetrada no trabalho. Passou por baixo do balcão da varanda e ficou plantada esperando o carrinho de golfe que vinha, a dez quilômetros por hora, com duas outras senhorinhas no volante, para buscar a bandeja.

— Bom dia, Dona Marisa – Uma das senhorinhas do carrinho de golfe disse.

— Bom dia, Carla.

— Mas tá bonito esse frangão, hein?

— Espera aí que tem mais duas bandejas lá dentro.

Foi, atarefada e sem olhar para os lados, buscar duas bandejas lá dentro da casa. Colocou cada uma delas no balcão, passou por baixo, pegou uma e pediu que uma das senhoras do carrinho pegasse a outra.

— Bom dia, Dona Bianca. – A senhora que passou por ela disse – Bonito dia, né?

— Bom Dia, parece que vem solão por aí.

E continuaram, as três, a acomodar as três bandejas na parte de trás do carrinho de golfe, com cuidado, conversando só sobre o trabalho. Em momento nenhum, enquanto o carrinho não foi embora, Dona Marisa parou para olhar quem era aquela pessoa longilínea de chapéu no meio do caminho.

E também, quando viu o jeito, o chapéu, entendeu que a moça que todo mundo fala que é dona do Jockey, a que doma cavalo sem relho, a tal da lenda

que todo mundo cochicha sobre, era a mesma mulher que meses antes entrou num centro social público, sentou-se em cadeiras desconfortáveis, envergonhada, e disse que sua patroa poderia ter uma vaga de assistente de cozinha.

— Dona Bianca... - Dona Marisa disse, toda trêmula de emoção, olhando a lenda e a mulher, entendendo a complexidade e o tamanho que aquela cowboy tinha.

— Tá puxado o trabalho? – E a Bianca sorriu, emocionada também, não porque algum subordinado seu sabia da sua história de abuso, mas porque via, dentro dos olhos da outra, o seu próprio tamanho.

— Tá não, Dona Alexandra não deixa ninguém trabalhar além da conta. – Num gesto de carinho, Dona Marisa, sorrindo com só metade do rosto, beijou as mãos da Bia, depois o rosto. Não disse muito, tinha vergonha do pouco estudo e por não falar palavras bonitas, mas o gesto dizia tudo – Deus te abençoe, Dona Bianca.

— Amém.

Pegou o pãozinho assim que a outra mulher entregou a sacola de papel e voltou, chorando, o caminho inteiro de volta para casa.

— Tá tudo bem, Pequena? – Chorando tanto assim só de ir buscar pão?

O gosto pega errado na boca a primeira vez que a gente chora e não é de dor.

— Tô pensando em fazer merda. – Sentados na sala da casa que agora era dele, a Manu brincava com Madalena que contava sete meses e já respondia às brincadeiras. A tia se escondia nas mãos e a bebê ria, ria alto, risadinha gostosa de ouvir, Madalena tinha, não tinha um, depois de ouvir a risada, que conseguisse ficar sério.

— Lá vem. – Manu não queria parar de brincar. Nunca teve irmão mais novo para tomar conta, mas, depois que a pretinha apareceu para iluminar o caminho do irmão, apaixonou-se cegamente e, se pudesse, vivia com a bochecha dela na boca.

— Conversei com a Mariana, lembra dela?

— Aquela branquinha magrinha que cê comia?

— É. – E era, mesmo.

— Que que tem?

— Tô pensando em fazer merda.

— Gustavo, fazer merda não explica. Ou você fala, ou me deixa.

— Ela fez um acordo entre as partes para o Jorge assinar. Tô pensando

em aparecer lá na casa dele.

— Cê nem sabe onde ele mora!

— A Dê sabe.

— Ah, claro que você vai atrapalhar a gravidade com coisa assim.

— Vai ser um alívio para ela ter esse assunto resolvido.

— E você vai sozinho?

— Claro. Não vou colocar você de frente com ele.

— Ah, mas não vai mesmo.

— Eu sei.

— Não, digo, sozinho. Mas você não vai mesmo.

— Manu, não me torra.

Pegou o telefone do vão do sofá, segurando Madalena pela bundinha. Escreveu alguma coisa rápida para alguém e, em cinco minutos, menos que isso, o Lipe estava lá, com a roupa do trabalho, todo vestido de social e gel no cabelo. Carregava um pote de sorvete numa das mãos.

— Quié?

— Tem sorvete nesse pote?

— Tem não, Manu, tem bolo.

— Chocolate?

— Não, fubá.

— Guuuuuuuto – choramingava – cê faz cafééééé?

— Toda hora tem que ter café.

— Ué, o Lipe trouxe bolo, quer que eu coma ele seco? – Sorria porque sabe que o Guto não toma café, mas mesmo assim se levantava para passar um – Cê quem fez, Lipe?

— Eu não, a Dê.

— E ela, tá bem? Vou passar lá depois daqui.

— Tá comendo até os reboco, mas tá bem. Outro dia peguei ela olhando apaixonada para o rack da tevê – ria, sentando no espaço vago que o Guto deixou – e eu vi que ela estava louca para comer lustra-móveis.

— Puuutz.

— Pois é.

— A gente precisa conversar da reforma do MASP.

— Esquece. – O Lipe coçava a cabeça não porque tinha coceira, mas porque a Manu já tinha falado disso a droga da semana inteira. – Não vai rolar, a mãe não vai querer, eu não vou querer, a gente não lida com reforma, a gente nem sabe fazer essa merda.

— Mas, Lipe, eu quero! É a porra do MASP! Cê sabe quem foi que fez?

— Eu não tô nem aí.

— Pelo amor de Deus, larga de ser quadrado! Eu vou fazer a reforma dessa merda quer você queira, quer não.

— Isso que dá, - o Lipe falou não com a Manu, mas com o Guto – isso que dá, Guto, você incentivar a Manu a não pedir desculpas e peitar pai e mãe.

— Você queria que ela fosse bobinha que nem você e obedecesse a mãe a droga do tempo todo?

— ISH. – Tão adulta que só faltava mostrar a língua – TOOOOOOOMA!

— Não, não é isso. É que essa babaquice de achar que a gente é agência de arquiteto tá me fodendo.

— Ou a gente começa a fazer alguma coisa que eu gosto, ou eu largo e vou trabalhar para alguém. Chega, Lipe, chega! Eu fico o dia todo só projetando maquete das pontes de vocês, vão se foder! Que isso, tô sendo desperdiçada!

— Você quer que eu e a mãe larguemos as pontes para reparar sobrado?

— VOCÊ TÁ CHAMANDO O MASP DE SOBRADO????

— Quantos andares aquilo tem? Dois andares é sobrado.

— Ia ser o meu primeiro grande trabalho.

— Você pode fazer mais que isso.

— Você e a mãe deixam?

— Ué, tem trabalho sobrando, se você quiser.

— Eu não quero essa chatice de corda!

— Manu, - o Guto deixou a água esquentando e voltou – não tá feliz, pede a conta. Você não é engenheira e nem quer ser, então, se não tá feliz, mete o pé. Sua faculdade deve ter um monte de estágio legal e você já tem bagagem suficiente em diversas pontes pelo mundo para entrar numa empresa onde te façam reformar o diabo que você quiser.

— Parece que reformar coisa é muito legal, mas EU NUNCA POSSO, porque O LIPE NUNCA DEIXA.

— Não é que eu não deixo, Manu, Minha Nossa Senhora.

— Não, né? – E os olhinhos cheios d’água – Magiina!

— É que a gente faz ponte, conserta dique, monta porto, consulta para aeroporto, estádio, a gente trabalha grande. Reformar não tá no nosso escopo, é só isso.

— E que que tem trabalhar pequenininho de vez em quando?

— A mãe, a Clau e eu não sabemos. – Baixou a cabeça porque, no fundo, doía no Lipe ter que sempre cortar as asinhas da irmã. – A gente faz o que a gente sabe, a gente não liga para cor, textura, iluminação e essas coisas que você liga.

— Já percebi, aquele escritório parece escritório de advogado de porta de cadeia, nem parece que vocês três são tudo isso quando a gente olha para aquela

sala feia de doer!

— Se você quer trabalhar no negócio do MASP, eu falo com o responsável e vejo de você prestar estágio com eles, tá? – Doía no Lipe o mesmo que doía na mãe deles: como assim, Manuela Ferreira não quer saber de Engenharia? – Não chora, não fica brava comigo, não tô fazendo por mal.

— Você promete?

— Prometo, o responsável da reforma era colega da mãe. Se for não-remunerado você aceita?

— Não, - o Guto respondeu por ela – trabalho é trabalho.

— Cê ouviu o Gutão.

— E Agora ele é o “ÃO”, né?

— É, Lipinho Lindo!

— Afinal de contas: - trocou de assunto – para que caralhos eu fui chamado aqui? Daqui a pouco a demônia se intoxica com lustra-móveis e eu tô aqui!

— Ela sabe que não pode comer, aquieta o rabo.

— Saber ela sabe, mas você não viu o olho apaixonado dela pro rack!

— Cê não tá velho demais para ter ciúmes, não?

— Manu, por que você não vai dar o rabo pra lá, hein?

— Não posso. – Ia falar besteira, mas, diferente da mãe dela que se remexe na cadeira e se debate inteira de ansiedade, ela se esconde entre os ombros e fica vermelhinha – Tô menstruada.

— Pelo amor de Deus, cara. AFF.

— Cê ainda não transou menstruada? – Aquele era o médico, o irmão, ou o demônio do dia do Malfeito? Sorria, indo olhar a água do café, sabendo que o que falaria depois deixaria todo mundo morto de vergonha – Seus namorados estão perdendo a melhor parte.

— Sangue?

— Não. O como você fica fácil.

— Porr... - Nem sequer se atreveu a olhar para o Lipe porque sabia que o irmão se fingia, igualzinho à esposa dele, de morto. – Tá falando que eu fico fácil quando tô nesses dias?

— Não, Manu, não tô falando de você, tô falando de todas.

— Guto, vamo’ fazer assim: cê fica quietinho e deixa os adultos conversarem.

— Eu vou nessa. – O Lipe se levantou do sofá, depois de dar um beijinho na Lena que não sabia o que era calma.

— Fica. – O Guto pediu – Que já que a Manu te chamou, preciso pedir um favor.

— Uau. O médico que não precisa de ninguém tá querendo ajuda?

— Tô querendo vigia, ajuda, não tô não.

— Vai roubar um banco, caralho?

Ia. Tem banco por aí que não tem o que as Botelho têm e o que o Jorge roubou. Como é que ele ficou no Brasil com uma quantia dessas? O Lipe tagarelava no banco do passageiro da frente, em um dos carros da esposa: se um cara rouba uma dinheirama dessas, como é que continua vizinho da vítima? Tinha é que se meter lá para a Europa, rodar o mundo gastando tutu, sumir do mundo!

Tinha, o Lipe falava, no banco do passageiro, que esquecer que as Botelho existiam, tinha que guardar uma parte do dinheiro para a filhinha Carol. Reclamava e com razão, sem nunca ter conseguido fazer muito. Lembrava da Bia despedaçada em seu colo e sentia como se fosse com sua irmã.

No bando do motorista, o Guto dirigia o carro automático com as duas mãos no volante, sentindo pesar na calça jeans a bênção que a Dê lhe deu porque, no fundo, sabia o que faria.

Saltaram de frente ao prédio nos jardins os três Ferreiras, a pequenininha do banco de trás, os dois no banco da frente. O Lipe e o Guto, sérios e bravos, pareciam mais irmãos quando alguém mexia com seus amores. Eram filhos do mesmo pai e da mesma mãe, mesmo que, nos dias normais, um fosse o tagarela meio louco e o outro, silencioso e meio bruto. A pequenininha trás carregava o acordo e a caneta da Dê no bolso, era trabalho dela dar a pasta para ele assinar.

Tocaram o interfone, o porteiro perguntou o nome deles, Manuela disse que se chamava Bianca e, só porque ela disse se chamar Bianca, o porteiro abriu a porta e indicou o caminho do elevador.

Silenciosos. A Manu não tinha medo, nunca foi menina de temer, mas o Lipe, mesmo que o Guto não gostasse, era o irmão mais velho e conhecia o irmãozinho. Tinha medo que aquilo mexesse demais com ele, que o Guto não se controlasse e fizesse coisa pior.

O Guto tinha tamanho e envergadura para cuidar do Jorge do jeito que ele merecia, mas o problema disso é que ficou uma coisinha de fraldas em casa esperando ele voltar e isso é o que enchia o coração do Lipe de medo.

Os dois sabiam como brigar, às escondidas e enquanto moleques, já brigaram muito, já até defenderam as Botelho do resto da primarada mineira e ninguém nunca ficou sabendo. O problema é que quando o Guto resolve colocar alguém para dentro do coração, ele para de enxergar com a razão.

Coisa que o irmãozão dele sabia e entendia perfeitamente, mesmo sem saber a história completa, do como é que Madalena ganhou o sobrenome de Ferreira.

Um homem, vestido de jeans e camisa, mantinha a porta da casa aberta. Só tinha uma porta no andar da cobertura e era o dele. Sorria enquanto o elevador se abria e não gostou nem um pouco quando viu que a moça que disse que se chamava Bianca não se parecia em nada com a Sua Bianca.

— Desculpe, - disse, cortês e polido – creio que os três erraram o andar.

— Você se chama Jorge? – Manuzinha perguntou.

— Eu não conheço a senhorita.

— É, - ela sorriu, entrando no apartamento dele, pavimentando o caminho para os dois brutamontes que já tinham o sangue borbulhando nas veias – mas vai conhecer.

Capítulo 29

Quando o Lipe chegou na minha casa, correndo, sugerindo para a gente colocar toda a nossa vida no papel, recusei. Foi mais ou menos na época em que ele recebeu, da mãe, o calhamaço que o pai escreveu para ela, há mil anos atrás. Ele disse (sempre pareceu moleque, com quarenta anos ainda parecia quinze e sempre falava rápido, nunca dá oi nem bom dia, tá sempre com os olhos brilhando e falando merda) que a gente tinha que fazer alguma coisa para ajudar o pai, que ele andou lendo artigos acadêmicos sobre leitura e música ser exercício para o cérebro, que a gente tinha que fazer alguma coisa e que valia a pena tentar.

Para ele era fácil dizer. Ele tinha toda esta história de príncipe encantado apaixonado na vilã da Disney, o negócio de esperar sonhando batendo punheta, o fato de que ele assinou o contrato dela com caneta e disse nunca se arrepender das escolhas que fez e tal, tal, tal.

Mas, para mim, era revirar a entranha em busca de coisas que eu fiz questão de esquecer. Era trazer de volta coisas que a Pequena e eu enterramos e mal gostamos de falar. Escrever sempre escrevi, mas para mim, nunca para o mundo. Eu nunca quis que soubessem do que eu era feito porque Ferreira que é Ferreira é feito de laço e eu sou feito de mar.

Eu nunca contei para ela daquele dia e pensei muito antes de escrever sobre isso. Todo dia, no fim do dia, desde que concordei em fazer isso pelo pai, nos juntamos e lembramos da vida. Ela senta, conversa comigo, descalça as botas, desfaz a trança e tira o chapéu, nunca gostou de escrever e tudo o que está escrito é feito por mão minha, mas eu sempre lia para ela no dia seguinte e, por vezes, antes de sair para o trabalho, corrigia uma coisa ou duas porque ela tem memória melhor que eu.

Quando eu escrevi a primeira versão deste dia deixei tudo de fora. Eu me envergonho do como fiz e do que fiz, não que ele não merecesse, mas porque isso fazia de mim alguém exatamente como ele.

Nunca contei porque eu tinha medo que ela me visse como o via. Que ela entendesse que eu também sou agressivo e pávio curto, que prefiro calar porque calado não arrumo briga. Eu temia que ela tivesse medo de mim e temia que, com medo de mim, ela repetisse os mesmos comportamentos que tinha com ele.

Na hora em que li a ela, trêmulo de medo, a primeira versão, ela me cortou antes do fim.

— Tome tento, Gustavo, que você não é homem disso. – Ela disse.

Não sou. Ela me conhece melhor do que eu me conheço e mesmo se eu

nunca tivesse escrito nada, ela ainda assim me leria.

— Se não quer que eu leia, não leio, mas mentirada você não vai contar.

Então eu rasguei as folhas, respirei fundo e reescrevi:

Tomando a frente da situação que eu fiz questão de buscar, olhei para Manuela que estava com os dois pés dentro da casa do Jorge e disse:

— Você fica.

— O quê?

— Fica aqui. Você não entra.

E não entrou. Entramos o Lipe e eu na casa dele, a Manu ficou plantada do lado de fora do andar, me olhando com raiva, quase chorosa, sem entender o porquê de ser cortada.

O Lipe estava lá de meu guia. Ele sabia do que eu era capaz, ele entendia o que eu estava prestes a fazer, mesmo sem eu ter falado nada. O Jorge, um pouco confuso ainda, olhava do Lipe para mim e se concentrava no Lipe que tinha o rosto sério, tão sério, que eu só o vi daquele jeito naquele dia e nunca mais.

— Você eu sei quem é, - disse, apontando para o Lipe – mas você eu não reconheço.

— Nunca fomos apresentados.

A mão que encontrou o rosto dele era abençoada pelo soco inglês que os dentes dele já conheceram uma vez. Tanta coisa para dizer. Tentar roubar o trabalho de uma moça-prodígio que teria dado seu talento com cavalos só pelo prazer de cuidar deles? Perder o Jockey por incompetência administrativa, continuar gerente dele por caridade da mulher, e destruir o próprio patrimônio só para não dá-lo de mão beijada a uma outra moça que fez de tudo um pouco para fazer a irmã sorrir?

O segundo e terceiro e quarto socos na cara vieram macios. Eram fáceis. Estava na minha frente um dos motivos de a Bia precisar ficar longe, um dos motivos de a Bia ser tão esquiva e arredia. Um dos motivos pelo qual ela não se aceita fazendo gentileza e não quer que façam por ela. Estava ali, escapando do soco e se escorando no braço do sofá que ele comprou com o dinheiro dela, sofrendo e quase chorando do jeito que a Bia não fez quando era ela na posição dele e ele na minha posição.

— Você não bate de volta em homem? – Perguntei. – Só vira macho quando tá batendo em mulher?

O olhar dele para mim, de medo e de raiva. Eu nunca vou esquecer. Caído com o nariz sangrando, sentado com as pernas abertas, ele olhava para mim e continuava sem dizer nada. Ele entendia quem eu era, aquele homem não era burro. Ergueu-se, apoiando no assento do sofá, pôs de pé e disse:

— Aquela potranca nunca reclamou.

— Então vê se não reclama também.

Eu pensei que seria mais difícil bater num homem que não conheço. Eu bati nele como quem limpa sujeira, meio à contragosto. Ele olhava para mim, limpava o nariz na manga da camisa, erguia a cabeça como se pudesse me olhar por cima, como se ele fosse a nata e eu o chorume.

— Você vai devolver o dinheiro dela para ela e vai ser agora.

— Você vai ter que me bater bem mais do que isso, se quiser o dinheiro de volta.

— Fácil.

Com um pouco mais de calor que eu falasse, um pouco mais que eu mergulhasse na situação, eu sabia o que poderia dar. Um homem do meu tamanho, jeans e camisa, parecido comigo, ex da minha, abusador e ladrão, que fez o que fez com a minha Pequena. Tentou de tudo para colocar uma entidade como ela debaixo do calcanhar.

Podia eu ser preso. Podia ser condenado e passar a vida olhando a minha filha crescer por foto. Eu entrei na casa do cara de forma premeditada, eu sabia, a advogada me alertou. Tentou me dissuadir disso, desaconselhou, mas uma vez que eu metia uma coisa na cabeça, meu caro:

O Lipe estava ali de guia. O Jorge, que não era burro, sabia que estava apanhando, mas que tinha razão num tribunal. Podia acabar comigo e tinha provas, o porteiro e as câmeras do circuito interno, e eu nem sabia mais onde estava o soco inglês da Dê de tanto que batia. Os dentes dele já machucavam os meus ossos quando o Lipe me segurou pelo pescoço. Na primeira vez que o Lipe me segurou eu só batia porque o Jorge pediu, mas na segunda vez que fui segurado –

Sabe o que é andar por aí, o coração cheio de fúria, escovar os dentes, fazer o café que eu não tomo, acordar Madalena, sorrir para minha mãe e irmã, e aceitar o afago delas com um monstro do dobro do meu tamanho gritando no cangote? Você não sabe e não vai ficar com dó de mim. Você não tem esse direito. Um monstro chamado culpa que te amarga de dentro para fora. Converte seu sangue vermelho tingido de amor em chorume. Talha suas fibras. E você finge que continua o mesmo, que a sombra é seu habitat enquanto sabe, por viver demais no escuro, o que é um escuro saudável e o que não é.

Eu fingi sangue frio para não deixar todas as minhas desgraças contaminarem o que eu queria fazer. Eu poderia ter sentado com aquele cara e tomado um café com ele em nome do que eu queria fazer porque, enquanto eu conseguisse me controlar, eu ainda era um Gustavo.

Mas no segundo em que o Lipe me mandou parar e o Jorge riu, eu só

deixei o mundo cair. É fácil fazer isso. Esperto, o Jorge brincava comigo. Ria e revidava o soco, fazia chacota, desmoralizava. Ria, limpando o sangue e devolvendo o murro, não tinha raiva de mim, eu não era nada dele, e sabia apanhar.

— Você é o parasita mais frouxo que já conheci – Falei, entre as lufadas de ar que consegui puxar enquanto o braço do Lipe me sufocava – Você perdeu a chance que tinha com a mulher mais talentosa que eu já conheci. Você conseguiu acabar com a segurança da mulher mais inteligente e paciente que nós dois já conhecemos.

— Eu não perdi nada. – Como ele conseguia sorrir? Como ele conseguia levantar a cabeça, levantar-se de novo, fincar os dois pés no assoalho e olhar para mim como se o mundo fosse dele?

O Gustavo daquele dia e o Gustavo de hoje não entendem.

— Eu vou fazer você e ela perderem tudo – Limpava o sangue da cara com as fraldas da camisa. – Quer bater mais? Ainda dá tempo.

— Transfere o dinheiro para a minha conta.

— Qual é seu nome, mesmo? – Foi, enquanto o Lipe ainda me segurava, da sala para a cozinha separado por um balcão. Abriu o armário, puxou um copo, encheu com água do filtro e bebeu fazendo careta de dor. – Devo admitir, você é bom disso.

— Eu vou te soltar – O Lipe disse para mim – Só não faz besteira.

Soltou, mas eu não me movi um centímetro.

— Você vê, - colocou o copo na pia e continuou – o problema da Bia é que ela se apaixonou rápido demais. Você é o cara da vez, né? Já reparou o quanto somos parecidos? O mesmo tipo físico, o mesmo jeito de se vestir, o mesmo pavio curto, o mesmo jeito de achar que tudo vai se resolver na porrada... Seja lá qual for seu nome, moleque, ela sempre vai te olhar como se você fosse eu. Pode até nunca mais me querer, mas ela vai sempre olhar para você pensando em mim.

— Você nunca mais vai chegar perto dela.

— É, talvez não. – Sorriu com seu dente faltando e sua gengiva ferida – Mas ela nunca vai esquecer quem fui. Eu marquei, garoto. A Doma que ela faz e pela qual é famosa? Eu quem ensinei. O Jeito de segurar cavalo na rédea sem luva? É meu. Os maneirismos com chapéu? Meu. Parte do que você ama fui eu quem esculpi. Você é o brinquedo da vez. Toda vez que ela faz esforço para não me querer, ela encontra um brinquedo. Antes de você, enquanto estávamos juntos, foram cinco: Um peão e quatro clientes. – E na minha cabeça só veio o Leo – É isso o que importa para ela? O dinheiro? É isso o que ela de mim? Um ladrão? É por isso que ela mandou reforço para a minha casa? Minha Bianca de

dez anos atrás não era isso. – Puxou o celular do bolso, ficou quieto enquanto clicava em coisas, a luz do aparelho iluminava diferente o rosto dele cada vez que ele clicava em algo – Me fala sua conta: Transfiro.

Falei a conta da Bia, que eu sabia de cor pelo tanto de dinheiro que eu movimentava por ela. Primeiro ele tentou por celular, mas por celular o limite é pouco, com bem menos zeros que o que eu esperava. Depois, ele tentou por telefone. Chamava alguém pelo nome de Daniel, perguntou da família, riu e fez careta quando se lembrou que o rosto estava machucado. Depois falou mais e pediu: “Transfere de volta para a conta da Potranca”.

— Pronto, garoto. Três quartos do total está na conta dela. Tá feliz? Vai voltar para ela abanando o rabinho, buscando aceitação e cafuné, agora?

— Tá faltando um quarto.

— ... Eu esperei que ela viesse contestar esse dinheiro – Retomou, insatisfeito – E eu teria devolvido se ela tivesse vindo. Você e a Tinhosa podem achar que eu queria dinheiro, mas isso aí e nada pra mim é a mesma coisa.

— Você a teve.

— Tive, mas não aguentei esperar dez anos. Eu bato palmas para você, Felipe, que teve coragem de esperar tudo isso. Coloquei alguém no lugar dela e não fui feliz nem no dia do meu casamento.

— É engraçado você falar dela desse jeito – eu não estava preocupado em virar o jogo ou de ganhar – Porque ela nunca fala de você. Não teve um segundo da vida dela com você que ela mencione com felicidade. Você pegou uma menina feliz e só soube tratá-la do jeito que você não trata nem seus cavalos. Se você é tão importante assim na vida dela, por que é que ela não quer nem saber do seu nome? Por que é que ela não está aqui agora? Por que é que ela trocou você tantas vezes, por que é que ela é capaz de abrir mão do sonho de ter filhos e ser mãe só para nunca mais ter que cruzar com você? Você olha para mim de cima para baixo, ri da minha raiva, Jorge, mas foi você quem perdeu. Você perde todo dia enquanto ela está se dando bem sem você. Você age e anda por aí como quem ganhou, mas é ela quem ganha. É ela quem prospera, ela quem domou o cavalo mais rápido do mundo e é ela quem tem o título de Dona do Jockey que você herdou e não foi capaz de manter.

— Eu fui capaz de manter, a Tinhosa que me roubou.

— Você tentou roubar a Bianca da Andressa, o que você queria? – O Lipe se intrometeu.

— Você não vai fazer falta alguma. Tudo está na mão da Bia, agora. Você acha que a Andressa Manipula a Bia e até manipulou mesmo, mas finalmente tivemos a autorização da Bia de vir até você. Andressa quis te colocar na cadeia, tem todas as provas contra, tem testemunho, tem documentos, tem gravações,

tem o caralho todo. E você só está solto porque Bianca quer. A Bia não tá mais volátil, Jorge. A Bia tá ganhando de você, esqueceu que você existe, tá prosperando sozinha e pavimentando a estrada que a Andressa carpiu. Vê, você está tão na mão da Bia que está solto. Se não é Bianca frear Andressa, Jorge, você estaria preso. Ou morto.

— Ei, - O Lipe sorriu lá do sofá – como que é o gosto do jogo invertido?

— Ela pode te quebrar, mas te deixa fluir porque cavalo assustado a gente deixa correr até cansar.

— Ei, - o Lipe provocava de novo – como é que é não ser feliz nem no dia do casamento, hein?

— Eu tenho que admitir, Jorge, você é ótimo de apanhar. Eu estava precisando bater em alguém, nem era em você, meu problema não é pessoal contigo, mas obrigado, mesmo, de se oferecer. Lavou minha alma.

— Agora tenha a bondade de vir aqui assinar o contrato que acaba, de uma vez por todas, a nossa história com você. – O Lipe abriu a pasta que Mariana, a minha Advogada, preparou com bastante cuidado – Porque ninguém aqui quer ser acusado por agressão ou roubo já que você ofereceu a cara, assim, de tão bom grado...

— Tanto a cara, quanto o dinheiro. Ainda falta bastante dinheiro, mas acho que a Bianca não vai se preocupar em te dar uma esmola de aposentadoria.

— Vou te ensinar uma coisa, garoto –

— Vai não, Tio. Presta atenção: – O Lipe avançou com o acordo e a caneta na mão – Você perdeu. É duro, eu sei, mas a minha amiga tem o direito de ser feliz. Seja com ele, seja sozinha, seja com mil caras que ela use de brinquedo, não tem problema: ela vai ser feliz e você vai ter a chance de ver tudo e de ser sustentado pelo dinheiro que ela fez mesmo depois de tanta sabotagem que você armou.

— Sinceramente, por que você não se mata? Não serve para cuidar de filho, não serve de marido, não serve de administrador, não serve de homem, não serve de nada. Por que é que você não se mata e deixa o caminho da Bia livre? – Perguntei.

— E, sinceramente, se roubar não era pelo dinheiro, por que é que você roubou?

— Nem vingança você sabe tramar, Jorge. Se mata, cara. Faz esse favor pra nós.

Ele não chorou na minha frente. Ele não chorou, mas pegou a caneta, deu visto em folha por folha, sem ver, assinou nas folhas com o nome dele, colocou a data, os documentos.

Tudo isso sem falar um “a”.

— Em qual cartório você tem firma aberta?

— Perdizes.

Antes de sairmos da casa dele, eu procurei meu soco inglês e só saí depois de achá-lo.

Manuzinha tinha aberto a porta e estava, da soleira, assistindo tudo, vai saber há quanto tempo. Olhava de mim para o Lipe com os olhos cheios d'água, parte horrorizada, com medo, a outra parte, orgulhosa. Agarrou meu pescoço quando a gente saiu e foi o elevador todo choramingando no meu peito.

De lá fomos para o cartório e reconhecemos firma por semelhança.

De noite, depois que coloquei minha filha na cama, depois de tomar bronca da Dê e dos meus pais que flagraram as minhas mãos aos frangalhos, o jornal noticiou:

Ex-dono do Jockey é encontrado morto. A suspeita é que o empresário tenha se jogado da cobertura onde morava, na esquina da Rua França com a Rua Athenas, nos Jardins.

Capítulo 30

É, você sabe quem está falando, você esperou por mim desde o começo: se você fala no seu livro, se o Lipe fala no livro dele, por que é que o Guto não fala?

É simples. O Guto que você conhece só é lindo porque ele não te disse nada. O Guto é esta quimera toda que você imagina, sonha poder tocar, mas não toca. Mil suposições sobre o como ele transa, mil suposições do como ele pensa e das coisas que não diz.

Moleque que chama A Ordem e o Caos por irmãos, confunde pais por amigos, mulheres por buracos, pessoas por coisas. Homem mais do entortar que do endireitar, não é o que falam por aí? Homem que queima a casa para se queimar junto. Dentro e fora ao mesmo tempo, em todos os lugares e em lugar nenhum. Pai que rouba criança e a toma por filha, médico-assassino. É, pois é, anota aí: todos esses e mais um monte.

A Bia fez uma chamada por vídeo, de novo em Bruxelas, assim que soube quem morreu. Chorava? E cabia luto para aquele filho da puta? Madalena me oferecia um pato de borracha que fazia um barulho agudo, comum, desses brinquedos de apertar, sentada no tapete de E.V.A no chão do escritório presidencial enquanto eu olhava para uma planilha de cavalos que não fazia o menor sentido porque Bianca trata os bichos por nome como se eu soubesse qual nome é qual de qual raça.

— Eu só precisava falar um cadim c’ocê. – Disse, sem chapéu, sentada à mesa, sozinha, enquanto garçons engomados passavam atrás dela.

— Está tudo bem?

— Tá não.

— O que foi?

— Ele morreu.

Eu não pude nem fingir surpresa.

— Eu sei, eu não devia estar triste nem me importar – Arregaçou a manga da camisa bonita e de mulher que usava, diferente das flanelas surradas que usava comigo – Mas é que eu tô.

— Tá triste?

— Você tem alguma coisa a ver com isso, Gu?

— Ele se jogou do último andar.

— Eu sei, eu sei! Mas ele transferiu o dinheiro de volta para mim e se jogou. O que eu fiz, Cabrito? O que eu fiz? Eu matei ele?

— Ele fez muito bem em morrer.

— Não fala assim.
— Não vou ficar triste, Pequena.
— Ele morreu – Deixou a cabeça cair e coçava a testa, mais pensando que falando comigo. – E a Betinha, Gu? E Carolzinha, meu Pai?
— Elas estão melhores sem ele.
— Eu sei!
— Bia... volta para casa.
— Já vou voltar.
— A Dê tá de sete meses, já.
— Falei que já volto.
— Então volte. Não tá bom você longe pensando besteira.
— Não tô pensando besteira, tô chocada.
— Estou vendo.
— Eu nunca quis que ele morresse.
— Você ainda ama ele? – Você tá me usando de brinquedo para não voltar para ele, Pequena?
— Não é amor.
— Então o quê?

Com a mão na testa, como se protegesse do Sol, ficou segundos sem falar nada. Imaginei que estivesse olhando para a minha cara do mesmo jeito que eu olhava para ela. No vídeo parece que a gente só se olha no olho quando está olhando para a câmera, não quando está olhando para o olho de verdade. Suspeitei que me olhasse no olho que ela via, mas eu olhei para a câmera.

— Não faz isso, Cabrito, não duvida de mim. O cabra que eu amei por anos se matou.
— O cara que bateu em você morreu e foi tarde.
— Não é assim que eu tô pensando.
— Mas é como devia pensar.
— Vou desligar.
— Por favor, não.
— Dá um beijinho na Madalena por mim. Diz que tô morrendo de saudade.

E desligou. Quando ela leu este segundo rascunho do como foi que o Jorge se matou, que nós, Lipe e eu, fomos à casa dele horas antes de ele se jogar, a Bia chorou tudo de novo. Olhou bem no fundo dos meus olhos, sentia o que eu sentia. Entendeu que no fundo da minha alma eu me sentia culpado pela morte dele e entendeu mais ainda o porquê eu tinha tanto ódio pelo fato de ele ter morrido.

Morreu ganhando. Ele bateu na minha mulher? Bateu. Roubou? Roubou.

Fez da vida dela um inferno e ainda levou mais uma mulher para o buraco? Levou.

E na hora que morreu ainda fez de mim um culpado. Fico pensando até hoje se eu devia ter dito as coisas que disse ou se devia ter aparecido lá. Querendo ou não, eu sou um otário de boa índole que quer passar longe da morte de qualquer sujeito.

Não só isso, ainda deixou nos três Ferreiras a sensação de culpa e de inferno. O Lipe olhava para mim, nos dias seguintes, e pedia perdão. Sempre. Olhava e pedia desculpa sem dizer. O olhar dele é o único que eu decifro. Eu entendo gesto e maneiras de falar, tônus e tom, oitavas e modos como as pessoas reagem às situações, mas nunca, em toda a minha vida, entendi o modo como as pessoas olhavam. A Dê entende o olhar do Lipe e eu entendo também.

Assim que apareceu a notícia da morte do Jorge, a Dê olhou para nós dois e só sabia. Olhar é coisa dela. Parece que tem um sexto sentido que vive de identificar o que ninguém fala.

Talvez por isso essa daí tenha prosperado tanto na vida.

Com as coisas que passei na Bahia, se o homem que fez mal à mãe da minha filha tivesse se matado, penso, eu não ficaria nem um pouco chocado. Eu sairia de casa, compraria fogos de artifício e entraria em todas as missas do mundo só para lembrar Deus quem esse merda era. Só para ajudar, na hora que Ele lesse a carta do julgamento final, quem foi aquele homem e o mal que ele fez.

Minha família não é nem um pouco religiosa. A gente acredita no amor e basta, às vezes deixa escapar expressões católicas, mais de vício de linguagem que credence.

Mas se alguém me fala que Julgamento Final existe, eu acredito. É preciso ter algum tipo de vingança divina. Morte é pouco, eu queria mais. Morreu, acabou, passou. E eu queria que tanto o Jorge quanto o outro sofressem o que as fizeram passar.

Por outro lado, tentei tapar as fístulas do meu couro com alegrias. A barriga da Dê, grande daquele jeito, sete meses, já, sempre me vinha à mente como um troféu. Era uma bomba relógio que ia explodir na minha mão, eu sabia, ela nem precisava pedir, eu estaria no parto dela com tudo o que tem de bom em mim.

Prosperou, a filha da puta. E bota meu irmão de quatro, chupando o dedo, besta de tão bobo.

Eu sempre lembro de os dois, naquelas conversas intermináveis deles, sentarem para discutir qual o nome do bebê que não tinha sexo. Sete meses e a Dê tinha tanto medo que o Lipe se desapontasse caso nascesse menina, que

resolveu só descobrir o sexo no nascimento.

— Teresa se for menina – O Lipe dizia – Igual à vó.

— Madalena e Teresa – A Dê sorria – Guto, o que você acha?

— Acho ruim.

— Acha Teresa um nome feio?

— Vocês dois só sabem olhar para o passado.

— Grosso.

— Você perguntou.

— E Olga? – O Lipe só não se sentava mais perto da esposa porque não tinham cadeiras à mesa que coubessem os dois. – Vai falar que a gente só olha para o passado?

— Arthur se for menino, tá decidido.

— É, mas toda vez que a gente vai pensar em nome de menina nunca sai.

— Olga é bom – Comentei – Pelo menos é alguma coisa original em vocês dois.

— Guto! – A Dê fica engraçada e vermelha quando fica brava – Sai da minha casa!

— Como é que é?

— Que coisa mais chata! Vai se ferrar, deixa a gente decidir nome!

— Dê, - o Lipe se escondia atrás da Dê para rir – cê sabe que ele só está amargo assim porque a Bia está longe.

— Você tá bravo assim porque não consegue transar, Guto?

— Ela está desde os seus quatro meses nessa palhaçada.

— Marido, - cínica, manipuladora e infantil – você ficava assim também?

— Eu tinha muito estudo para dar conta. – Coçou a cabeça, desgostoso porque odiava se lembrar do seu tempo de afastamento – Então eu esquecia que tinha pinto.

— Tá acabando, Guto.

Todo dia essa conversinha. Sina de Ferreira é sentar e esperar igual princesa de torre alta. O pai que deixou a mãe esperando, a Dê que deixou o Lipe, a Bia que me deixa. Eu sento numa mesa cheia de gente mais graduada que eu, ouço os conselhos que eles dão, vejo que nenhum deles me respeita. Ocupar a presidência, ou, a vice, como o meu caso, era tomar decisões difíceis. Foi isso o que a Bia me deixou fazendo enquanto vivia em turnê com seus cavalos.

Todo dia de manhã eu encontrava um diretor. A Dê escolheu a dedo cada um dos diretores que fariam parte do quadro de funcionários da irmã. A economista já trabalhou no banco Central. O Diretor de logística já trabalhou na equipe olímpica de hipismo da França. A Advogada fazia parte, além de

trabalhar no Jockey, de um projeto social na ONU. Não eram qualquer um e eu só fui percebendo isso conforme fui ficando sozinho entre eles.

Cada vez que nos reuníamos eles exigiam coisas que eu não tinha o direito de decidir porque eu não era o Dono daquilo. A Bia confiava em mim e fico grato por isso, mas não era o tipo de coisa que eu gostava de lidar e, muito menos, que eu tivesse repertório para. A maior parte das nossas conversas, à noite, eram sobre essas decisões que eu não podia tomar sozinho. Ligava, muitas vezes sem saber em qual fuso-horário ela estava, esperava ser atendido, deixava recado caso não fosse, e ela retornava quando conseguisse.

Depois que ficou sabendo da morte do Jorge, ficou dois dias sem retornar minhas ligações. Eu fui obrigado a decidir, mesmo sem saber como, em duas situações. Uma, em que tirava parte do dinheiro da manutenção do asfalto comum para continuar asfaltando a arena dos Prêmio, outra, sobre contratação de funcionários. Venceu nosso contrato com uma terceirizada da limpeza e, segundo o advogado, a terceirizada não repassava o salário de cinquenta funcionários havia três meses.

Eu pensava como um trabalhador ainda. As cinquenta pessoas sem salários há três meses viviam de quê? Eles vinham trabalhar com fome? Eles deixavam filhos com fome em casa? A minha vontade era contratar todas elas, carteira assinada, dispor assessoria jurídica gratuita para que elas recebessem o dinheiro que eu já tinha pago ao ex-patrão delas.

A economista sugeria que nós trocássemos de terceirizada por questão de imagem. Se saísse no jornal que o Jockey não pagava seus funcionários há três meses, a coisa ia ficar feia. O diretor de relações humanas me dizia que, dentro das leis, nós não somos obrigados a nada porque não são nossos funcionários. E reforçava a opinião da economista.

Nenhum deles pensava do lado do empregado que seria dispensado do emprego no Jockey, sem salário, e talvez demitidos, caso eu não renovasse o contrato com a terceirizada e nem os contratasse diretamente. Eles agiam pelo melhor interesse do patrão que visa lucro máximo, era para isso que eles trabalhavam e recebiam seus salários.

Eu sabia o que a Bia faria, agiria exatamente como eu, contrataria todos eles com carteira assinada diretamente para o Jockey, mas do ponto de vista econômico, eu não sabia o que fazer.

Pedi para o diretor de RH calcular, junto do contador de quem mais fosse, quanto nos custaria cinquenta funcionários a mais por mês. A economista quis dizer que isso, na nossa atual condição, era um tiro no pé, e, pelos corredores, mais tarde, ouvi ela dizer:

— Isso que dá colocar um médico na função de Presidente.

Isso que dava colocar um ser humano na condição de presidente. Sorri quando passei por ela, carregando minha menina nos braços, sem responder. Ela sabia que eu tinha ouvido, mas alguém com a arrogância de já ter trabalhado no Banco Central, de ter um currículo impecável e dourado, não tem medo de ser mandado embora.

Também, eu entendia perfeitamente o que ela queria dizer com isso. Um médico. Ninguém sabia que eu ainda estava suspenso e que eu morria de medo de bisturi. Na cabeça de todo mundo eu era médico e, pela primeira vez em muito tempo, ouvir aquele desprezo dela foi bom.

Eu era um médico, não um presidente. Fatores econômicos, quanto de lucro, quanto de gasto, quanto de juros, nada disso me importava. As minhas decisões, quando ainda clinicava, é que eram importantes. Na minha mão estava a decisão de quem morria e quem vivia. Era isso o que eu decidia. Trocar remédios para minimizar efeito colateral, qualidade de vida para pais e para crianças.

Ouvindo ela dizer tal coisa me dava orgulho de quem eu fui e isso, por um segundo, não teve nada a ver com o desastre na Bahia, mas com quem eu estudei para ser e o que eu fazia. O impacto que eu tinha na vida das pessoas.

Ainda mais porque eu carregava Madalena no colo, a síntese de tudo o que eu estudei para ser, bem ali, deitada em mim, sonolenta e ensaiando um “Papá” quase prestes a sair.

Bati à porta da Dê à procura de alguma solução para a segunda coisa que eu fui obrigado a decidir sem a Bia. Pedi conselho, confuso porque a minha parte médica queria dar emprego e a minha parte Vice sabia que devia não deixar tudo falir.

— Faça o que seu coração mandar.

— Deu para virar Mestre dos Magos, caralho?

— Não, é sério. – Disse, abrindo a porta para eu entrar, mas não entrei – Você e a Bia são muito parecidos. O que você decidir vai ser a mesma coisa que a Bia decidiria.

— A Economista tá falando...

— Eu sei, ela sempre faz isso. É a pedra necessária no sapato, ela está lá para isso. Cuida dos nossos investimentos, do nosso capital, e tá sempre falando que não temos dinheiro suficiente.

— Mas a gente tem mais um tanto que o Jorge devolveu e mais outro tanto do que a Bia conseguiu fazer lá fora.

— Então eu nem sei o que você está me enchendo o saco, Cabrito.

— Não fala Cabrito.

— Por que, Cabrito? Tá com saudade da minha irmã?

— Vai se foder, Dê.

— Tira a minha sobrinha do sereno.

— Não tá serenando.

— Tira ela agora. Vai! Xô! – E entrou na própria casa reclamando.

Sozinho, no escuro, vi uma coisa que ainda não tinha visto. O esquisito é que eu vi a casa da Bia acesa. É por isso que não me atende tem dois dias? Por isso que me deixa sem saber o que fazer com cinquenta pessoas que não têm salário há três meses?

Capítulo 31

— Eu não consegui lidar comigo. — Respondeu, quando abriu a porta — Eu já ia lá falar com você, estava só esperando você chegar. Acabei de ligar para a recepcionista do administrativo para saber se você ainda estava lá e ela disse que já tinha saído. — Tudo de uma vez, sem dar tempo de eu entender nada.

— Veio para casa por causa da morte do Jorge?

— Vim. — Deu espaço para eu entrar e, enquanto eu entrava, segurou na mãozinha da Madalena que não lembrava quem aquela mulher era. — Ê, saudade que eu ‘tava de você, princesa.

— Não fica de melação com a minha filha. — Respondi, antes de ver meu irmão sentado no sofá dela, fazendo cara de tristeza.

— O que cê tá fazendo aqui, caralho?

— Eu precisava falar com alguém. — Ela respondeu.

— Tá falando com Deus e o mundo, só não tá falando comigo?

— Não, Cabrito, não fala uma coisa dessas, pelo amor de Deus.

— Então o que está acontecendo? Tem dois dias que nem telefone você atende.

— Eu não consegui.

— Por quê? Por que aquele porra morreu?!

Um misto de passado com tristeza. Ferida de novo, dolorida, o coração arrancado das costelas. Descosturada, cheia de rebarbas, olhando o médico e esperando receber anestésias. Morria de medo. A mala de viagens encostada na porta mostrava que ela tinha acabado de chegar. Os olhos vermelhos, mas secos, mostrava choro recente. O jeito que o Lipe estava sentado no sofá mostrava uma Bianca ocupando seu peito segundos atrás.

Me perguntei se eu era mesmo um brinquedo, do jeito que o Jorge falou. Por isso tá sofrendo a morte dele? Por isso não quis denunciá-lo, não quis colocá-lo na prisão, por isso que estava disposta a deixar o assunto do dinheiro quieto?

— Bianca, você ainda ama ele?

Eu não podia ficar com uma mulher que não me amasse o suficiente para me perdoar. Eu não podia, olhando o jeito assustado dela, permanecer com alguém que não me compreendesse o suficiente para aceitar o que eu fiz.

Se sou responsável pela morte do Jorge ou não, se sou o motor que o colocou na janela de frente para a avenida, isso eu não sei. Nunca soube, mas olhando o jeito dela assustado, choroso, magoado, perdido, eu esperei qualquer resposta.

— Por favor, diz que não. — Pedi.

Eu a lia? Enigmas não se leem. Eu a observava. Tinha um chorinho preso entre os dentes da frente. Tinha raiva de si e do mundo. Eu não sou feito de baixares, queria me erguer junto dela, mas não sabia como. Entendia que não podia fazer promessas, nem sabia dizer o que eu queria porque já lhe disseram o mesmo outras vezes e todas acabaram mal.

Eu digo que não tem vitória se um dos dois perder, mas eu esperava que ela perdesse. No fundo, eu esperava que se rendesse. Que ela deixasse de ser boca suja e ruim comigo, que deixasse de ser quem é para ser uma mocinha limpinha para mim.

Com ela me olhando assim, eu sabia que me amava. Buscava nela algum tipo de rendição, absolvição pelas coisas que fiz e ainda não contei a ela.

E ela ia se moldar, se eu deixasse. Se eu pedisse, ela pularia. Se eu falasse vem, ela iria. A Bia é besta assim, hoje eu sei, naquela época eu não sabia. Coração do tamanho do mundo, maior que a cabeça, maior que o senso, maior que qualquer coisa, só não maior que as mágoas.

E ia olhar para ela, sabendo que ela é assim, e ia deixá-la se contorcer até caber numa latinha de sardinha? Amor não é isso. Não vai ser vitória se ninguém crescer.

Um cavalo não cabe numa lata. Uma mulher e um cavalo têm a mesma medida. Não disse um pio. Só me olhou assim, bem fundo nos olhos, como já me olhou uma outra vez. Não falou de vergonha, só isso. Depois que eu entendi. Porque é esquisito. Porque parece uma periquita desgovernada perto de mim, uma adolescente besta. Fica com vontade de buscar pão e escrever bilhete idiota, fazer suco de laranja e de pôr a mesa, me arrumar para o trabalho e desejar que eu volte inteiro para casa.

— Diz alguma coisa, Pequena.

— O último para quem eu disse alguma coisa acabou comigo.

— Ele não era seu último.

— Você tem alguma coisa a ver com a morte dele, Gustavo?

— Não. — Menti. E o Lipe me olhou tão fundo, que era como se eu mentisse também a ele. — Não tive.

— Eu não posso amar outro homem violento.

— Eu sou violento. Se mexem na minha família, nos meus pais, nos meus irmãos, Bia, eu não tenho sangue de barata. Queria ter, mas eu sou médico, eu me contamina, eu nunca conseguiria deixar as coisas passarem sem me comover com elas.

— Isso explica as suas mãos.

— Eu nem tentei me controlar.

— Você bateu muito nele?

— Bati.

— Ele te bateu também?

— Não.

— Ergueu a mão para você?

— Não. Não tem marca na minha cara, Pequena.

— Devia.

— Quer deixar umas?

— Não fica de graça.

— Eu nunca vou erguer a mão para você, Pequena. Eu não valho de muita coisa, fiz muita merda na vida, tem coisa que eu não te contei ainda e você tem todo o direito de me odiar por elas, mas eu nunca vou erguer a mão para você, amor. Não fica com medo de mim, não me recusa.

— Eu vou levar essa mocinha daqui – O Lipe sorriu, se metendo entre os dois, puxando Madalena dos meus braços. – Que cês dois precisam de tempo.

— Eu consigo arrumar tempo para as duas.

— Me agradeça depois. – Saiu sem dizer mais nada, conversando com Madalena para que o pai dela ouvisse: - Menina, seu pai só não é mais teimoso porque nasceu depois de mim. Fosse ele o irmão mais velho, ele seria o cara mais chato da Via Láctea.

A Bia riu, desfazendo da raiva e da tensão, só de ouvir o Lipinho falar com Madalena porta afora.

— Eu não tô amando ele.

— Que bom.

— Mas doeu saber que tá morto.

— Eu o enterraria com as minhas próprias mãos.

— Parte de mim foi moldada com ele.

— Ele disse.

— E eu não tô pronta para me despedir dessa parte de mim.

— Eu te amo por essa parte, também. – Saiu sem pensar e eu quis engolir o que disse no segundo em que atravessou a barreira dos meus dentes – O que faz você ser você é pelo que passou. E eu gosto do como você é.

— Você não diria isso se soubesse de tudo.

— Não posso consertar seu passado.

— Nem quero isso de você.

— O que eu posso fazer pelo seu presente, Pequena, tô fazendo. Seja honesta comigo, não mente pra mim, não me usa.

— Eu ia falar com você assim que você saísse do administrativo, mas eu precisava falar com o Lipe antes.

- Eu entendo.
- Entende? Não tá bravo comigo?
- Tô não.
- Então tá tudo bem se eu for aí te dar beijo de oi?
- É.
- Isso é um sim, Cabrito?
- Já falei para não me chamar –

Chama como quiser. Estávamos, naquela parte da vida, tão frágeis, que tínhamos medo de nos quebrar no toque. Ela me olhava, dizia me querer, dizia estar disposta, vinha de braços abertos e eu entendia como perigo. Eu a olhava, dizia o mesmo, queria, provocava o contato, e ela recuava com medo de quebrar.

Desconfiados. O tempo inteiro. Um passo distante de mim e os olhos dela se molhavam. Tinha saudades, a Pequena. Passou o braço pelo meu pescoço, colando o peito no meu, sorrindo pequeno e se esticando inteira para alcançar a minha boca.

- Senti sua falta, Amor – Ela disse.
- Não vai dizer que me ama?
- A única pessoa a quem eu disse isso foi para a Dê.
- Não falou para mais ninguém?
- Não.
- Vem cá. – Respondi, a puxando do chão para o meu colo, subindo as escadas com ela nos braços, refazendo o caminho até a cama dela que eu já não via há muito – Eu vou fazer você falar.
- Não me obriga, Gustavo.
- Eu não sou homem disso.
- Eu tô suja.
- Não ligo.

Naquele ponto, eu não sabia muitos jeitos de fazer uma mulher gostar de mim. Gentilezas e cuidados eu guardava para a minha irmã e para a minha mãe, com o resto das mulheres eu era o que elas queriam que eu fosse. Vendo a Bia sair do meu colo e me beijar não como a gente beija quando quer transar, mas daquele jeito cuidadoso e todo cheio de melindre que ela sabia beijar, eu me perdia no modo como lidar com ela.

Parecia tudo invertido. Era para ela ser a Bianca que todo mundo conhece, não era? Era para ser a Bianca da fala bruta e do coice sem aviso, mas tudo invertia e ela ficava tão doce e cuidadosa que eu não conseguia entender o que ela queria de mim.

Sexo para a Bianca é declaração de amor. O jeito nojento do como ela se abria para o Leo era outra coisa. Sexo para a Bianca faz a gente se sentir bobo de

tão amado que fica, o jeito como ela trata você quando não tem ninguém olhando é como se ela deixasse a armadura do lado de fora de casa e se recusasse a usá-las do seu lado. Aquela Bianca ali, beijando devagar e tirando a minha roupa era o que eu procurava quando resolvi voltar para casa.

O filho que habita tem casa, agora. Entre o construir e o quebrar eu habito. Com leveza no toque, me beijando as mãos com os olhos molhados, me colocou sentado na cama sem me dizer palavra. Olhava para mim com o mesmo olhar doce que me olhou da primeira vez, do lado da potranca Bel, naquele estábulo sujo. Já me amava desde lá, Pequena?

Já me amava desde o dia em que me ensinou tocar violão e me negou um beijo, a mesma noite em que o Lipe e a Dê aprenderam a se encontrar e se perder?

Já te amo desde agora, Pequena. Desde que me aceita grande e me aceita minúsculo e que não quer saber da minha ruína. Desde que sabe que eu sou só o arco do braço e este colo que você não usa e se nega a deitar. Nunca te amei, Bianca. Se é amor o que eles falaram para você, se é amor a desculpa que usaram para marcar você, nunca nem vou te amar.

Com uma mão, abria o zíper da minha calça e não queria saber de esperar. Se despia sem cuidado, era só roupa, abria a própria calça e a deixava cair sem me dar tempo de ver tudo.

Não, Bia. Me deixa olhar para você. Você não pode ficar semanas longe e não me dar o privilégio de ver cada palmo de pele que você tem. Outra calcinha esgarçada, outra calça surrada, as botas arranhadas de barro estrangeiro, a flanela manchada de suor e cavalos.

Por baixo do elmo tem flor. Da pedra sai leite – e é doce. Ela sorri me vendo olhar, entendendo que eu não sou muito diferente da irmã dela. Com a mão que eu retardei o descascar das roupas, eu sinto as cicatrizes que ela tem. Uma delas eu lembro quando foi, a gente era moleque e ela pulou uma cerca de arame farpado. Só disse para a mãe que se machucou uma semana depois, quando o corte inflamou e ela não sabia o que fazer.

— Eu vou ter que esperar você por mais tempo?

— Tá falando das viagens?

— Tô.

— Vai não. – Sorriu. – Deixei tudo arranjado, daqui duas semanas tem nosso primeiro amistoso. Vem sheik, vem príncipe –

— Eu não quero falar de trabalho agora.

— Você quem perguntou, caralho.

— Só perguntei se veio para ficar.

— Vim, Cabrito.

— A gente pode se mudar para a sua casa?

— Você e a princesa?

— Tô cansado de ir para lugares que não são meus.

— Vem, - ela disse, sorrindo, sentando no meu colo e me colocando para dentro sem tirar a minha calça, tomando o que era dela, assumindo o que era seu, laçando a minha cintura com as pernas e meu pescoço com os braços – que eu cansei de levar vida de cão.

O cheiro que fala ruim comigo, que brota da raiz dos cabelos, fica pior entre os seios. Ela arqueja sussurrando qualquer coisa e eu vou junto, para frente, sentindo o corpo dela bambear e tremer. A pele rija das costas, da cintura e dos quadris, tudo quente e encrustado deste torpor.

Meu coração é menor que o mundo. Eu não posso fazer desaparecer seus medos, mas eu posso ficar do seu lado para te ajudar. Segurar na sua mão e dizer que está tudo bem. Que não precisa ficar nervosa e que a sua irmã vai te amar mesmo se você não estiver pronta para montar no seu cavalo ruim. Eu não posso tirar todos os obstáculos do mundo, mas eu prometo que eu vou pular todos eles, junto com você, ninguém deixando ninguém para trás.

Me beijou o rosto e me olhava fundo nos olhos. Sem grandes emoções e nem grandes espetáculos, nós nunca fomos de espetáculo. O máximo que podemos fazer é ser a gente mesmo, um buscando maneiras de se vestir no couro do outro, um buscando maneiras de facilitar o encaixe no outro.

Me olhava de um jeito que eu nunca fui olhado. Sorrindo. Gostava do que via e sorria olhando as partes que eu não mostro. Me lia, mais do que me domava, aquilo não era doma. Me lia.

— Eu te amo. – Olhando enquanto ela se perdia, procurando me perder também, eu finalmente disse sem me arrepender – Desculpe não ter dito isso antes.

— Não me machuca, Gustavo. Vê se não me machuca.

— Casa comigo, Bia. Me dá um lugar no mundo, que eu não aguento mais vagar sozinho.

— Seu lugar é aqui. – Foi isso o que eu disse a ela na nossa primeira vez.
– É aqui que é seu lugar.

Horas depois, com mais fome do que vontade de ficar deitado, vi na pia um papel queimado. Automaticamente pensei numa carta de suicida que o Jorge talvez tenha escrito, mas até a gente começar a escrever isso daqui, eu nunca nem tinha lembrado disso.

Quando a confrontei para saber o que aquilo era, quase vinte anos depois, ela confirmou minhas suspeitas: era uma carta de suicídio que ela queimou sem nunca ter lido. O Lipe a convenceu de não ler porque dizia que aquela era a última agressão que ele tentava contra ela. O último gesto de um cabra perdido, ela dizia.

— E você se arrependeu de não ter lido? – Perguntei.

— Nem por um dia da minha vida, Gu.

Daí eu finalmente tive certeza que ele perdeu e que nós não.

Capítulo 32

Cada detalhe do tal amistoso eu sabia. Quem estaria no aeroporto para pegar os cavalos que vinham, remanescentes, do exterior. Quem estaria no aeroporto para pegar as equipes. Qual equipe se instalaria em qual estábulo, quantos cavalos, quantos cavaleiros, quais canais de televisão, quantas entrevistas com a Bia, a equipe de áudio, vídeo e iluminação, quantos câmeras e a equipe de andaimes que montou os spots do vídeo, a equipe de emergência. Eu via e revia cada detalhe, não deixava nada passar.

Assinei carteira de cinquenta funcionários de limpeza no dia seguinte e deixei que a advogada do Jockey lidasse apenas com o processo trabalhista contra a terceirizada. Trabalhava como gente grande, ocupado, atendendo telefone, afiando meu inglês colegial e bom só na hora de ler.

Deixei a Dê de fora e ela me xingava todo dia, estava louca para meter as garrinhas no trabalho da irmã, doida para estar lá, me ajudar, se ocupar. Largar um pouco o trabalho maçante de importação/exportação e processos. Queria a adrenalina que ela via em mim e na irmã dela, mas nós dois não víamos adrenalina, víamos estafa. Trabalho para nós não era como para ela, não era diversão, era trabalho, na raiz da palavra.

Chegávamos em casa tão cansados de lidar com pessoas, que não nos falávamos. Buscávamos cafunés e silêncio. Sequer televisão ligávamos. Ela ia para o banho e me arrastava, molhada e ensaboada, para dentro do chuveiro. Sorria, bendizia com os dentes, mas não sentia a mínima vontade de conversar.

No meio dos dias, compartilhando da mesma sala, pisando de meia em lugar que filha minha brinca, falando baixo enquanto ela dormia, trocando fraldas em bilíngue com gente que eu nunca vi, ela me benzia com as mãos. Lia o contrato do Jockey Fluminense com a mão no meu cabelo, nas minhas costas, acarinhando a minha barba. Tentávamos nos concentrar no trabalho, sabíamos da importância dele, queríamos que tudo corresse bem, mas, a cada vez que nos víamos em silêncio, queríamos ir para casa.

Em tese, as minhas coisas continuavam na casa da Beta, mas, na prática, tudo o que eu usava todo dia tinha sido levado para a casa dela. Madalena nunca teve berço, então dormia em cama, onde caísse de sono, nos meus braços, no meu peito, no peito da Bia, entre a gente, no tapete da sala, no sofá. Nos encaixávamos não só como dois, mas como três. Eu, já macaco velho de acordar com chorinho de princesa, guardava minhas últimas palavras para Madalena, que balbuciava, como que conversasse, nas madrugadas que estranhava a noite, o sono, o sonho ou a cama.

Na noite prévia, antes do amistoso, ignoramos o trabalho. Nos fechamos no ninho, dançamos ao som do silêncio, beijávamos a palma da mãozinha de Madalena que nunca foi egoísta e compartilhava conosco qualquer coisa que alcançasse. Comemorávamos o trabalho duro ao nosso modo, sem coisas, sem fala. A televisão no volume mínimo, a chuva caindo lá fora, a luz da cozinha acesa. Toda uma louça suja para lavar e nenhuma disposição. Ela me sorria, o cabelo solto, longe da trança, os pés descalços e nenhuma calça. Brincava no tapete da sala com um sorriso largo, tranquilo, em paz conosco.

Andava de quatro pela sala, indo atrás de Madalena que começava a engatinhar, puxando o que fosse puxável. Oferecia o controle da tevê só porque era o objeto de interesse da menina, conversava de volta, brincava de cheirar o cangote, aspirando o cheirinho calmo de bebê e ria, feliz, de ouvir a risadinha engraçada da minha.

Por um segundo eu me senti inteiro e feliz. Olhava as duas, não me atrevia a fazer parte da comunhão delas, permanecia no sofá, descalço, de jeans e camiseta antiga, na velha vestimenta que eu usava para sair, mas que agora uso em casa. As duas se olhavam, travavam amizades, sorriam, e depois me olhavam como se eu fosse a pessoa a quem devessem contas.

Neste segundo em que me senti feliz e inteiro, a sensação de sabotagem me botava impostor. Eu me lembrava, no segundo seguinte, da guarda provisória da menina. De que a Bia estaria no amistoso de Turfe, que eu talvez tenha sido responsável pela morte do Jorge, que meus pais viriam e não me veriam médico, mas administrador de um negócio que não é meu.

— Tá pensando em quê? – Ela perguntou, ajoelhada no chão, buscando espaço entre os meus joelhos.

Me lia. Tinha visto a minha súbita mudança de semblante?

— Amanhã – Menti. – Você recebeu mensagem do Sheik?

— Botei Alicinha para cuidar dele. Tava me devendo um favor, uai, cobrei.

— E ela te mandou alguma mensagem?

— Tá reclamando. – Sorriu, fazendo “vem” com as mãos para uma Madalena que queria fazer parte da conversa.

— Então sinal que está tudo bem.

Me forcei a pensar em outra coisa para não mostrar a síndrome de impostor que me culpava por ter sido feliz por um segundo inteiro. Pensei em dizer para ela não correr no dia seguinte, mas me calei. Não posso fazer isso. Pensei em barganhar com ela, mas me calei. Por que a vontade de forçá-la a não correr, logo eu, que ajudei em tudo o que pude e assumi como minhas responsabilidades dela só para que tivesse tempo hábil de treino antes de colocar

a besta-cavalo na arena?

Fui dormir com a sensação de que devia ter pedido para não correr. Coloquei Madalena dorminhoca no peito, senti a Bia que vinha lentamente buscando meu ombro, vi a mãozinha da Madalena buscando a mão de Bianca e, mesmo assim, mesmo que as duas tenham demorado tão pouco tempo a dormir, eu fiquei às claras até o peso da menina ser incômodo, até o meu braço formigar e só dormir sem lembrar como.

Dia seguinte fui acordado por elas, cansado, nunca gostei de dormir pouco. Conheço médicos que se entopem de vitaminas naturais e água quando enfrentam plantões de trinta e seis, quarenta e oito horas, mas eu nunca consegui me contentar com comida. Precisava dormir e, além do mais, coisa natureba não é a minha: detono um pratão de pedreiro custando dez reais no boteco da esquina, mas não me venha de alface e frutinhas que estarei com fome uma hora depois.

— Levanta, dorminhoco, que tá ficando tarde.

Finjo que ela não fica me olhando muito, procurando sarna para se coçar, enquanto eu levanto. Quando eu desço, Madalena está sentada na cadeira alta, presa por cinto porque ainda tombava para frente de vez em quando, perto da mesa, fazendo lambança com maçã cortada em tamanho minúsculo, batendo no prato e rindo, divertida, sozinha sem medo, enquanto a Bia espremia laranja.

Algo da noite anterior, o medo de que ela corresse com a Bel, restava, mas olhando Madalena com outra roupa, cheirosa e brincalhona, entendi o aviso do meu âmagô como besteira e me sentei.

— Posso pegar? – Perguntei, olhando Madalena oferecendo uma de suas maçãs. – É? Obrigado.

— Aqui, Gu – A Bia colocou na minha frente, se sentando para comer também, um copo de suco de laranja fresca, mais quatro pães fritos.

— Obrigado – Agradei, trocando de assunto – Tá tudo bem lá com os cavalos?

— Dei uma voltinha lá antes de acordar vocês, tá tudo bem, a Bel tá num dia bom, o Ceceu tá até contente com tanto cavalo de fora hospedado com ele, a equipe da Áustria, da Bélgica e do Flamengo já estão aqui, cada um tem seu tempo de treino, tá todo mundo em ordem.

— Vou terminar aqui, me trocar e fazer a social enquanto você se prepara.

— Carece não.

— O que foi? A Dê tá roubando meu emprego?

— Querendo ou não eles são todos amigos dela, né?

— Tá fazendo isso por ela. – Quando a via imersa na questão do turfe,

entendi que era ela cuidando do que era seu, assim como as viagens e as peregrinações; mas, ali, percebendo o como ela manipulava a manipuladora, entendi que era só gesto de amor.

— Minha bichinha tá muito tempo trancada em casa. — Respondeu, sem sorrir, por vergonha de ser pega num gesto de amor.

— Você devia dizer quando faz as coisas por amor a alguém. — Comentei, puxando um dos pães do prato, de desculpa, para não ter que olhar para ela. — Assim ninguém se confunde.

— Se eu tiver que falar, não vai ser de amor.

— Ela não vai perceber.

— Não tem problema. - Sorriu, pensando na irmã, pegando um pão frito também. — Agora, Ferreira, quando cê ficar pronto e arrumado, vai encontrar sua família que está toda no segundo andar do restaurante.

— Não, claro que não.

— Vai, e vai me olhar de lá. Não quero meu Vice metido no meio dos cavalos, vai e dá tchauzinho, igual Miss Universo, para todo mundo que cê ver.

— Uma porra que eu vou, Botelho.

Fui. Antes da parte do Jockey que é como um clube esportivo para pessoas com muito dinheiro, havia a arena, com entrada própria vinda da Marginal, com estacionamento, entrada separada, salão de recepção, naquele dia, com moças bem vestidas e sorridentes servindo champanhes em bandejas de prata. Entrei, com meu terno bem alinhado, jeans e botas, cumprimentando com um aceno os velhinhos da Federação que eu já conhecia do dia no restaurante do meu pai, passando direto para o ar livre, as arquibancadas bem enfeitadas, com flores e fitas mais parecendo um casamento, carpete de madeira, cobertura em concha, em vidro, por cima dos assentos onde, em cada sessão, não havia mais que trinta lugares e dois garçons cada.

Em tese, quando o Jockey era do Jorge, a ideia era fazer daquilo um espaço onde os ricos conseguissem apostar, sentar, comer, gastar uma dinheirama e assistir cavalos ultravelozes tanto na pista como em painéis de LED erguidos no centro da estrutura, suspensos do chão e na altura dos olhos da plateia.

Ali, mantivemos toda a estrutura e, no camarote mais alto, como um estádio de futebol moderno onde o show era numa arena circular, a minha família se misturava com os Botelho e todos os convidados de honra da Dê.

De vestido azul colado no corpo, a barriga sentando em cima da perna, os braços de fora e um salto alto que ninguém prudente usaria no oitavo mês de gravidez, ela sorria a um branquelo de olho claro e um senhor, já devia ter uns quarenta, queimado de Sol, moreno, de barba feita e olho verde, não verde como

o da minha princesa, um verde cinzento que não fabricam no Brasil.

Antes que eu conseguisse chegar ao camarote, fui parado, entre as sessões que se enchiam pelas socialites e gente que não se interessa por cavalo, mas pela repercussão que poderia dar estar no mesmo local que ricos gringos, fui interrompido por três produtores diferentes, em momentos diferentes.

Cada um deles, que já sabiam quem eu era, arrumavam suas camisas descoladas nos braços tatuados, ajeitavam seus óculos de Sol presos como tiaras na cabeça, e vinham falar comigo como se estivessem descontraídos, informais, mas nervosos e suando por onde a roupa cobria.

Um vinha me falar que o áudio estava pronto, outro, que só esperava o comando do diretor do espetáculo para rodar as câmeras e transmitir o show pelos painéis de LED, e o produtor do Mestre de Cerimônias, que vinha de Barretos a pedido da Bia, já estava devidamente a postos, esperando o seu momento de entrar no centro da arena com um microfone na mão. Contavam, como se tivessem combinado, de como estava tudo lindo e perfeito, me davam tapinhas nos ombros, sorriam com seus dentes amarelados de café e cigarro e então saiam, todos, cada um para o seu lado.

Depois de lidar com a parte técnica pessoalmente porque não tínhamos pessoal para isso, mas pretendíamos ter, acaso fôssemos continuar com os torneios de turfe, entrei no camarote da minha família com Madalena nos braços. Meus pais vieram em minha direção, fazendo piadinhas do quanto eu estava arrumado, relacionando meu terno com exames de fezes e rindo entre si, num jogo de palavras que só tinha graça para eles.

A minha mãe, provavelmente depois que o pai encheu muito o saco, botou vestido e salto. Arrumou o cabelo, passou batom, mas não largou o relógio pequeno e escuro que vivia com ela desde que virou professora. Sorria, continua linda a minha mãe, me dando um abraço apertado e dando os parabéns pelo trabalho, enquanto o meu pai, ainda inconformado por ter pago tão caro nos meus livros de medicina, embora estivesse feliz de me ver mais tranquilo que em qualquer outro momento desde que voltei da Bahia, tecia comentários bestas sobre o como eu não era médico.

Deixei minha pequena com eles, cumprimentei Manuela vestida de preto e chapelão, munida de seus dois carrapatos, os dois de camisa e arrumados, sempre colados nela e muito juntos; cumprimentei o Lipe que, de guarda da barriga e da esposa dele, se contentava em não atrapalhar o jeito feliz e alegre da Dê, a mulher de vestido azul como os olhos, entre os dois homens estrangeiros.

— Ah, Guto! — Ela se ergueu, só para me cumprimentar, fazendo a mesa toda se levantar também — Tá tudo tão lindo! Meu Deus do Céu, como eu queria que esse momento chegasse!

— Pois é, Megera, considere feito.

— Obrigada! – Disse, encostando primeiro a barriga em mim, depois os braços – Obrigada por ajudar a minha irmã.

— Faço com gosto.

— Eu sei, - demora tão pouco para chorar, que eu ainda me pergunto onde é que ela esconde a força, quando chora assim – deixa eu apresentar esses dois:

Assim que a Dê tomou ar para me dizer quem eram, meu pai me puxou da mesa ainda toda em pé para me receber, sem cerimônia, evocando todos os seus direitos de pai, para me falar qualquer bendizer de Madalena.

— Guto, - A minha mãe cortou o pai e eu fiquei feliz que tenha feito – acho melhor cê descer e dar a bênção na Bia.

— Eu já vou lá.

— É, vai lá sim, ela é toda bruta, mas deve estar nervosa. Tá entrando muita gente.

— A casa tá lotada, todos os ingressos estão vendidos. – Comentei, concordando.

— Quanto custa um ingresso para ver cavalo correndo? – O pai disse, ainda muito absorto na minha filha para parar de fazer piada – Por que nessa bosta só tem grã-fino.

— Custa caro.

Muito caro. Mais de cinco mil reais cada cadeirinha daquela ali. Turfe é esporte de rico, manter cavalo é caro, cavalo de corrida é mais caro ainda. Não é a toa que a Dê ganhava carro de presente de cliente e que cada vez que um cavalo transa com outro sai um cheque de quase cem mil direto para a conta da Bia. Todo esse circo é só para o povo todo se mostrar com grana.

Eu sabia, descendo do camarote deles, que com a Bia a relação não era se mostrar com grana, o jeito como anda, as roupas que carrega, isso tudo demonstrava seu amor de verdade com cavalos, que ter cavalos com raça e pedigree era coisa da Dê, que a ela bastaria qualquer vira-lata manso que cedesse o lombo.

Mas, quando vi a Bia na arena dos prêmio, de branco, inteira de uniforme de cavaleiro, a primeira vez na vida que a vi de uniforme de montaria, botas, jaqueta, calça, tudo de couro imaculado, montada no cavalo de olhar ruim e que se mexia muito, como se estivesse tão ansiosa como a dona, entendi que para a Dê não era só questão de luxo (era questão de luxo porque a Dê gosta, ela transita bem onde nem Ferreira, nem Botelho, são feitos para transitar) mas também porque a Bia funcionava nessa lógica de correr para chegar em primeiro, neste lugar de pose esfíngica de elegância. A Dê, que espia muito

melhor que eu, as frestas que ninguém mostra, entendia na irmã o que a própria irmã se recusava de ver.

A Bia podia cuspir feito um bruto, falar feito um bruto, xingar, se vestir, comer, tudo como um bruto, mas quando subia no cavalo de olhar ruim – e desse mal já sofri uma vez, - ela comandava o cavalo, a arena, o jogo e o Jockey. Estava ali a Presidente e ninguém ousaria, nem os peões que percebiam isso nela bem melhor que seus outros funcionários diplomados que trabalhavam sob o ar-condicionado, de cruzar seu caminho.

Assim, ajeitando a sela do cavalo, montada, com a tira de proteção do capacete passado pelo cotovelo, ela ia na frente. O recorde do cavalo era o recorde dela e a ruindade do cavalo era a ruindade dela. Misticamente falando também.

— Viu seu pai e sua mãe? – Sorriu, feliz de me ver.

— Vi.

— Era para você ficar lá com eles.

— Não vai entrar na baia da arena sem mim.

— Como que não, Gustavo, o Ceceu tá preparando tudo, lá, diabo. Com quem cê deixou a princesa?

— Com os avós dela.

— E meus pais, cê viu?

— Vi não.

— Não deu nem oi para os meus pais?

Nem vi teus pais. Estava preocupado com a dona da festa e o jeito feliz dela de receber seus convidados.

— Cadê teu chapéu? – Perguntei, olhando o capacete preso no braço e nenhuma proteção para a cabeça.

— Deixei na baia da Bel.

— Por quê?

— Porque só tenho uma cabeça, caralho! Coloco capacete e chapéu como, porra? Caralho, Gustavo, deixa –

Reclamava. E continuou relinchando enquanto eu voltava para a baia da Bel, caçava o chapéu e voltava com ele para ela. Estava nervosa, eu via. Suava pela cicatriz do maxilar, escorrendo até o queixo, e aparava na lapela da jaqueta de couro.

— Tá com sede?

— Pior que eu tô.

— Onde tem água aqui?

— Deixa que eu vô.

— Onde que tem?

— Depois do estábulo da Bel tem banheiro, na cozinha, tem copo, tem bebedouro, tem café...

Botei o chapéu na cabeça dela, busquei água tanto para ela, reaproveitando uma garrafa de meio litro em cima da pia da pequena cozinha dos peões, quanto para o cavalo dela, num balde.

— Tá bonito demais, ô, Vice, para ficar servindo cavalo.

Que fosse. Era bom que ela entendesse, que o Sheik, que o príncipe, que todo mundo, entendesse a minha função ali. Arranquei terno e camisa, sentindo o calor assar meu couro, recebendo olhar de fogo. Não veio sorriso, ela baixou a frente do chapéu e fez cara de má olhando para mim, as duas mãos na guia da Bel, as pernas separadas.

— Tá feliz agora? Vê se me trata direito, Pequena, não tô aqui de capacho. Sei que cê tá nervosa, eu também estaria e tô aqui de seu.

— Desculpa. – respondeu, miúda, quase nem parecendo ela.

— Dá a guia dela – pedi, puxando a guia da Bel da mão dela, conduzindo as duas, a Bia segurando a garrafa d'água, passando pelo meio da arena dos prêmio para encurtar caminho até chegar na arena dos ricos.

Toda a plateia buscava alguma coisa para ver enquanto nada acontecia. As pessoas chegavam, se admiravam com a qualidade do espaço, com o enfeite das coisas, sentavam, pediam alguma coisa de beber aos garçons disponíveis e depois morriam de tédio. A Bia e eu, por um segundo, entrando pelo lado oposto por onde as pessoas entravam, por trás da mureta cheia de propaganda de rações e assessorios equinos, até de moda, que delimitava o espaço da arena, roubamos atenção.

Era a presidente, eu quase podia ouvi-los cochichar. E aquele cara sem chapéu e sem camisa, de bota e de jeans é o Vice. Era assim que a gente devia ser visto, comentado, perturbado. A presidente no cavalo, não atrás de uma mesa assinando papel, mas ali, no meio de campo, enquanto o Vice fazia seu trabalho de vice, não, melhor, mais que isso:

Escudeiro.

A primeira vez que a gente percebeu que podia voar. Asa a gente tinha, já tinha percebido, mas passando por trás do espetáculo, à vista alheia, eu entendia que segurava a guia do Pégaso, eu mesmo voando também.

— Pega isso aqui, Gustavo – Ela disse, sorrindo, quando eu parei de puxar a guia da Bel para deixar uma dupla do áudio passar com case preto de rodinhas – Que tá solão demais pro seu couro.

Colocou o próprio chapéu na minha cabeça, vestiu o capacete e eu dei continuidade no andar, marchando, entendendo que talvez eu nunca voltasse a ser médico e, pela primeira vez na vida, não me sentindo um perdedor por isso.

Avancei até a baia, antes da largada, num espaço de um metro de largura e dois de comprimento, de onde, quando o Mestre de Cerimônias atirasse contra o céu, ela correria como uma louca em círculo até chegar ali de novo.

Na baia do lado, por ripas de madeira, ela cumprimentou um adversário que se hidratava não com água, mas algum preparo químico indicado por algum personal trainer qualificado. Ela me olhou, depois de ver a garrafinha besta na mão do oponente, rindo de chacota.

— Chucro é foda. — Falava de nós dois, acarinhando a crina solta da Bel, penteada, que se agitava no menor dos carinhos. — Bel tá puta, hoje.

— E vai correr com ela assim?

— Tá puta porque não tá correndo. Precisava ver o show que deu hoje de manhã, rapaz, fosse a partida naquela hora, a gente tinha é levado ôro.

— Vai levar ouro agora também.

— Olha, Cabrito — E quando falava Cabrito, depois que a impedi de me chamar assim, falava para me afrontar — Se eu soubesse que era assim que a gente ia combinar, sem você querer me colocar em vestido de moça e sem querer me educar para ser dama, eu tinha me enroscado com você lá naquela baia da primeira vez.

— O azar foi seu. Você lembra que eu quis.

— Queria era me comer de novo.

— Lógico.

— Doutor, - Veio um peão me chamar, esbaforido, suado e correndo.

— Que foi, José? — A Bia perguntou.

— É coisa com o Doutor, Dona Bianca. — Ele respondeu, sem jeito — Dá licença daí, que Ceceu me mandou aprumar a Bel.

— Vou ver se tá tudo bem por aí — Respondi para a Bia.

— Volta para me dar a bênção antes da largada. — Ela pediu.

Voltei para o estábulo dos prêmio e cacei minha camisa. Sem camisa era só encenação para a Bia, que gostava do que via, que precisava de distração. Vesti, sem terno, e cumprimentei algum cavaleiro gringo que sabia quem eu era, falou bem do hotel que foi instalado, agradeceu a primeira oportunidade que tinha de correr no Brasil, destacou que não esperava tamanho porte olímpico no nosso Jockey (e, subentende-se que ele nivelava nosso país de terceiro mundo por baixo), falou alguma outra amenidade e perguntou se Joaquim tinha cavaleiro.

Logo um dos cavalos preferidos da Dê. Ulisses vive com o Leo, vai para onde o Leo for, Heitor vive com Benício, vai para onde ele for, e passa mais tempo na Europa que no Brasil, mas Joaquim e Snow, o cavalo branco e o cavalo negro, os dois, viviam sem cavaleiros fixos desde que ambos cavaleiros,

Portugueses, se recusaram a se mudar para o Brasil.

— After the ride – Depois da corrida, eu disse a ele, em inglês macarrônico, e continuei – Quando todos estivermos descansados e se sua equipe liberar você, apresento Joaquim e vamos ver se ele gosta de você.

— Deal. – Combinado, respondeu, chutando a terra batida, as mãos na cintura e um porte altivo.

Depois vi o Ceceu correr em minha direção, esbaforido, para me chamar:

— Ela tá com um cara estranho e ele não vai embora.

Acelerei o passo, quase tive que demitir um segurança novo que não me deixava entrar na arena dos ricos porque eu não tinha uma tal pulseira, e só pude ver o tal cara estranho de costas: chapéu na cabeça, branco como leite, camisa xadrez. Tinha jeito de cowboy velho montado na grana e eu pensei que *aquela* fosse o Sheik. Avancei o mais rápido que pude, ela montada no cavalo de olhar ruim, os pés apoiados nas barras laterais da baia, eu de frente para a bunda do cavalo e da bunda dela, o Sol das dez da manhã queimando como o meio-dia.

— Cheguei. – Sorri.

— Porra, Cabrito, achei que não vinha mais.

— Tá tudo bem, Bia? O sheik tá atrapalhando, quer que eu vá falar com ele?

— O Sheik? – Ela não entendeu, me olhou confusa, limpando os olhos. Empunhou um sorriso, procurando as luvas brancas de couro no bolso da jaqueta, vestindo-as. – Não, Gustavo, tá tudo certo.

Me puxou o mais perto que pôde, segurando a gola da minha camisa, num beijo finalmente, meio como o do estábulo, meio como o do restaurante do meu pai, embebido em veneno e coisa ruim, cheio de terceiras e quartas intenções. Sorriu, depois, olhando para os meus lábios, as bordas do meu rosto, toda feita de promessas para os depois.

— Te encontro depois da Linha de Chegada – Me disse, sorrindo muito, muito suja.

— Te espero depois da Linha, Bia.

— Me chama de Pequena de novo?

— Te espero depois da Linha, Pequena.

Os olhos se encheram de lágrimas e eu não entendi porquê. Eram lágrimas felizes? Pareciam lágrimas tristes. Me beijou o rosto, as mãos, e alinhou o capacete na cabeça. Me piscou uma última vez antes de mandar o Ceceu fechar o portão da baia, selando as duas, mulher e cavalo, num cubículo que só será aberto quando o Mestre de Cerimônias disparar a arma.

Afastei-me e o Ceceu me acenou com o chapéu dele na mão, acenei de volta com o chapéu dela. Fiel escudeiro de uma Zorro que não desvenda

mistérios, nem mata ninguém. Heroica num jeito muito subjetivo e só dela. Passei pela muralha da segurança, num passo rápido para poder subir a arquibancada e ver tudo de camarote, junto do motivo de tudo isso e o resto da minha família.

— Guto, esse daqui é o sheik... - Olhei no celular e era dez e cinco. O Mestre de Cerimônias já cumprimentava, no meio da arena, rodeando as próprias pernas, fala fabricada para ser rústica e comemorativa. No camarote da nossa família eu finalmente vi os pais da Bia, ambos calados, de mãos dadas e apreensivos, coisa que eu supus que ficavam cada vez que a Bia subia num cavalo para correr, mas fui surpreendido por uma Andressa que não me deixaria escapar uma segunda vez das apresentações.

— Esse é o Sheik? – Perguntei para a Dê, de mão dada com o marido e toda feliz e radiante. O Sheik não usava chapéu de cowboy, nem camisa de flanela. Aquele sim cheirava a dinheiro. Era o moreno de nariz comprido, terno e gravata num solão desgraçado.

— É, ué, cê tá vendo mais alguém cagando dinheiro, aqui? – O Lipe perguntou.

— Sua esposa – Eu sorri sem vontade, cumprimentando o tal sheik com duas palavras, ele disse mais umas duas, claramente não foi com a minha cara (e isso é bom), depois cumprimentei outro fulano branquelo de olho claro que eu descobri se chamar Tobias, e então procurei espaço entre meus pais e minha filha.

Naquela hora eu não entendi o porquê eu estava com a sensação de alguma coisa desencaixada, de alguma coisa estranha, a mesma que não me deixou dormir à noite. Tentei relacionar o cara estranho que deu choro na Bia cinco minutos antes de ela correr com um cavalo que não bate bem da cabeça à sensação ruim, mas não entendi o que um tinha que ver com o outro e não liguei mais.

Talvez eu tenha confundido que aquele chorinho tenha sido de tristeza, talvez fosse mesmo de felicidade, ainda não aprendi a ler todos os sinais dela. Meu pai segurou no meu ombro, a minha mãe me deu as mãos, como se pressentissem o mesmo que eu, enquanto a netinha deles, no colo do meu pai, mordida uma joaninha de plástico recém-ganha.

Pressentisse o quê? Não sabíamos. Mas tinha alguma coisa estranha. A Dê olhava fixamente para a pista e para a Baía da Bia, de número quatro, na pista quatro, alheia às conversas paralelas de todas as pessoas que estavam ali por ela e para ela.

Olhei todos os Botelho presente e entendi que todos eles se recusavam a dar a bênção na Bia antes, só depois. Por isso nenhum deles tinha descido para

ter com ela.

O Pannel de LED mostrava a cara de todos os dez competidores, cada um rezando as suas preces, a Bia na tela, de capacete, orando as rezas da mãe dela. Rezei com ela sem saber como. Depois veio o disparo da arma, as portas das baias foram soltas, todas de uma vez, simultaneamente, a arena toda surtado, gritando enlouquecida, tudo quanto era santo e língua estrangeira soltado como palavrão, cheques com cinco dígitos voando, uma aposta mais doida que a outra.

A pista mostrava, claramente, o cavalo ruim mais rápido que os outros. Uns quatro segundos, o Sheik dizia, dividindo entre admiração e amor. Quatro cabeças, ele dizia, repetindo, esquecido de como usar inglês, xingando em árabe, bem do lado do cara que falava alguma língua eslava que eu não entendia porque todas me parecem iguais.

Minha mãe olhava para aquilo, ela que foi a favorita entre os peões mais velhos, a favorita do meu vô, do tio Carlos e da parentada velha, a família nossa é toda apaixonada em mulher desconjuntada, ela também enlouquecida e gritando como eu gritava no final das libertadores, apertando a minha mão, querendo me contaminar sem entender como é que foi parar aos berros, igual todo mundo, só de ver cavalo fazer o que cavalo faz.

Todo o clima era de calor e movimento, mas eu não contive o medo. Meu pai com a mão no meu ombro previa o que eu não fui capaz de prever, mas vi, ao mesmo tempo em que todo mundo viu. A Dê, sentada na cadeira, não sei se se previa ou se esperava para ver, mas estava no rosto dela a sensação e o medo que eu tinha no peito.

Foi questão de segundos. Um estalo de dedos e o cavalo ruim, campeão, se transformou num inverso feio e perigoso. Não se sabe se a Bia bagunçava o cavalo destruindo a sintonia cunhada entre as duas, ou se o cavalo temperamental quem perdeu a tampa. Cavalo que já a machucou uma vez. Que a faz sentir dor todo dia de manhã. Cavalo ruim, adestrado tardiamente. Quatro segundos adiantados e depois, caído na pista, cara no asfalto, tropeçado, levando consigo os cavalos adjacentes e seus cavaleiros.

Não foi só um tombo, o cavalo caiu de cabeça e a Bia caiu de cabeça. A Bia não se ergueu, mas o cavalo sim. E pisou nela, assustado, querendo correr para longe dali, afugentado, com medo, dando coice em quem se aproximasse.

Traumatismo craniano, pensei primeiro, olhando a Bia caída na pista, cruzando eu mesmo, às pressas, a galope todos os degraus e sessões particulares à frente e mais baratos que o camarote da minha família, ouvindo passos apressados atrás de mim.

Era o Sheik que vinha, o Sheik de verdade, correndo tão desesperado como eu.

Depois pensei nos pormenores. Trauma torácico. Politraumatismo. Hemorragia. A Bia caiu e não levantou: tossia? Os demais cavaleiros a viram caída, mas continuaram. O cavaleiro ao lado já se erguia, limpava o joelho ralado, xingando. Por que é que não se levanta, Bia? Acidente dos graves e um choro de menina que vinha na minha cabeça, o choro mais dolorido que já ouvi em toda a minha vida.

— Cata o cavalo dela – Eu mandei o Sheik que não entendeu uma palavra. Inglês não é minha língua de desespero – Vai com o Ceceu e cata o cavalo.

— I’m calling an helicopter, we’ll put her in the best hospital in the city-
Adiantei para a Bia, caída debaixo do Sol, e abri a jaqueta dela. Vi que a ambulância instalada do lado de fora da pista já se adiantava para dentro. Unidade Intensiva: A.B.C.D.E. Airway, Breathing, Circulation. Manutenção da via aérea pérvia. O Paramédico veio com o colar cervical, me pediu para que eu afastasse, anunciei que era médico. O Choro mais doído da minha vida martelando no fundo da minha cabeça. Perfuração do Tórax. Alteração Hemodinâmica, pensei, certo do fim. Traqueia e coração desviados, eu bem podia crer porque Deus já me testou assim uma vez.

Em qual linha você disse que vai me encontrar, Amor? Na linha reta do monitor cardíaco?

Passei a mão pelo esterno, uma costela, duas costelas. Segundo espaço intercostal, perguntei ao paramédico qual jelco ele tinha. Gritei sem querer. Médico não pode mexer em amigo, tá, então faço o quê, deixo morrer? O Conselho de Medicina não entendeu isso uma vez, não vai entender de novo.

Fica comigo, Pequena, não é nessa linha.

Ar nas pleuras, futuro choque, tudo previsto, minutos adiante da minha vista. Perfurei como pude. Entramos na ambulância, sangue manchando sua roupa chique, vasando pelo vão do jelco: Sangue nos pulmões.

Péssimo dia para voltar a clinicar.

Capítulo 33

Na ambulância, segurando a mão da Bia, eu liguei para o meu antigo trabalho. Queria operar a Bia lá, com os equipamentos, com a equipe, com as salas deles porque eu conheço e, por mais que seja lugar de gente afetada, confio. Boa parte dos meus colegas de faculdade estão lá e eu sei que eles me ajudariam. Apertava a mão da Bia e apertava o celular, não sei qual eu apertava mais forte.

O diretor da Unidade pediu para falar comigo, nunca tinha acontecido. O chefe do departamento de cirurgia geral se ofereceu para me acompanhar na cirurgia, um velhinho de setenta anos que inventou boa parte dos tratamentos que nós usamos e aprendemos na faculdade. Foi ele que me aconselhou a sair do hospital, aliás. Disse que eu reclamava de barriga cheia e que, se eu achava ruim os procedimentos, a etiqueta, a pompa de um hospital de primeiro mundo como aquele, que eu visse como era fora da bolha.

Fui. Pedi demissão e fui. Me enfiei num vilarejo e voltei cheio de mágoas. Agora ele me recebe de volta, nós nem éramos do mesmo departamento, mas nossos horários de almoço coincidiam e ele tinha a sabedoria que os velhos têm. Sempre me disse que eu escolhi a especialização errada, dizia que eu combinava muito mais com cirurgia geral do que com pneumologias. Talvez ele estivesse certo.

Entramos na sala de cirurgia, eu, ele, uma amiga cardiologista que eu não via há muito, um anestesista que sempre contava vantagem quando o time dele ganhava, duas enfermeiras experientes e que me empurravam para as filhas delas toda vez que me viam. Com uma inclusive, até jantei, mas não passei disso. A menina era religiosa: sexo só depois do casamento.

Entrei na sala de cirurgia, naquele ambiente familiar, com pessoas que eu conhecia, primeiro sem pensar em passados, com medo pela Bia, mas funcional. Me lavei, vesti a máscara, tudo de novo, outro cavalo, o avental e as luvas. Doutor Gustavo tomava posse. Péssimo dia para clinicar. Com a Bia é sempre assim, na marra, no extremo, sem massagem.

— Tá pronto, Doutor Gustavo? – A Cardiologista estava feliz em me ver ali. Fomos amigos de faculdade, fizemos residência juntos e ela nunca gostou de me ver fora do jaleco porque nós trabalhamos muito, viramos muitas noites em claro, para eu largar o osso assim, sem mais e sem menos.

— Tô não.

— É assim que é bom. – O velhinho me sorriu, rindo de mim um pouco, a mão no meu ombro, homem que primeiro funcionou como professor, depois

como mentor e agora tinha comigo um tom familiar, quase paterno.

A Bia nunca ouviu o que eu disse naquela sala, durante as duas primeiras horas de cirurgia. Enquanto a abria e olhava o estrago, enquanto media danos e continha sangramentos, só os primeiros procedimentos, eu contava àquelas cinco pessoas sobre quem era a Bia e como que ela foi parar ali. contei mais para mim que para eles, tentando manter os olhos secos, as mãos ocupadas, os dias de pão de queijo, sucos de laranja que ela nunca tomava, pão francês que tinha vergonha de ir buscar, o tempo separado que ela me pediu, o como ela era forte e do mundo de abismos que ela escalou:

Primeiro o primeiro amor abusivo, depois o Cavalinho Encrenca, depois Portugal, o Sheik, o rio de dinheiro, a Irmã Manipuladora, o maxilar de aço que não deixou a gente fazer uma tomografia, o cavalo que ninguém doma. Todas as ações e fatos que fazem a Bia ser a Bia e que me fazem morrer de orgulho dela, mesmo se tivéssemos sido só primos, só isso, a vida inteira.

A enfermeira me esticou um lenço, eu sequer percebi que chorava, era um desses raros prantos que não te rasgam quando saem. Não doía mais chorar. Me fazia crer que ela ia sair dali porque perto do que ela já enfrentou, uma costela quebrada, um pulmão perfurado e algum trauma não é de nada.

Até que veio a primeira parada cardíaca e eu perdi a concentração. Perdíamos a minha Bia e tudo o que era choro de alegria, certeza de que ela ia sair dali, virou um caos. Eu perdi a concentração, me enchi de cortisol, aquela não era uma paciente comum e eu sabia, nunca que eu conseguiria enfrentar morte de novo. Então veio a segunda parada cardíaca, a linha errada que ela cruzava, o chorinho de menina entrando na minha cabeça e o mar de gatilhos. Do nada, entre uma sístole e outra diástole, eu sucumbi e fui tragado por um mar de coisas que não era a hora de lembrar.

— Vai lá para fora, filho. — O Velhinho me disse. — Fica lá fora — Ele pegou o bisturi da minha mão, as três mulheres me olhavam com misto de compaixão e pena, o anestesista chorava limpando os olhos nos ombros do avental.

Saí. Abandonei porque eu sabia que eu não era prioridade, passei a porta de madeira, depois a porta dupla de plástico e fiquei ali, enfiado entre uma planta alta e a dobra da parede, sozinho. Eu podia ter saído do centro cirúrgico e buscado abrigo na minha família, ela estava toda ali, apreensiva e com medo, mas eu não conseguia olhar sequer para o meu reflexo no espelho.

Era a primeira vez, em quase dois anos, que o choro dela vinha tão forte na minha cabeça. Sem ver o caminho decorado, busquei um banheiro e entrei. Me fechei numa cabine, sem conseguir dizer, nem pensar em nada, trêmulo de cima a baixo. Aquela roupa de médico parecia fantasia de carnaval. Parei as

mãos nos joelhos procurando estabilidade, mas meus joelhos também tremiam. Primeiro eu perco a *Nice*, agora eu perco a *Bia*. Toda mulher que cruza meu caminho eu mato.

Dois anos atrás, três talvez, perdi as contas, eu era um médico paulista chegando numa vila de pescadores, vícios de médico da capital, de paulista preguiçoso e com facilidades que eu só percebi depois do embate cultural. Médico formado na USP numa cidadezinha que não tem médico nenhum? É o doutor que logo ia almoçar na casa do prefeito, que todo mundo cumprimentava com gosto, que recebia pagamento em comida e grande fartura de peixe. Era o doutor. USP é só uma sigla, vale tanto como IBGE.

Nos primeiros meses, eu pensei que nunca iria sair de lá. Você se acostuma na posição de benfeitor, de quase-herói. Conhecia a criança e as grávidas pelo nome, os homens. Entrei na justiça mais de uma vez, com ajuda do pessoal da época do cursinho, agora tudo advogado, tudo *pro-bono* também, exigindo cuidados especiais para pacientes meus que não tinham sequer água encanada. Eu estava feliz ali, de frente para o mar, num emprego que me importava, que fazia a diferença.

Tive a ideia de pegar a criança, uma vez por dia, e fazer, pouca gente tinha problema respiratório naquela cidade, eram bem poucas, a qualidade de vida, a quantidade de exercícios físicos, as brincadeiras, tudo era o contrário do paulista de apartamento. Mas eu tive a ideia de pegar a criança e nadar, uma vez por dia, bem pertinho do pôr do Sol, naquele mar lindo que eles tinham. Criança filho de pescador já nasce sabendo nadar. Tudo peixinho melhor que eu e, entre essa criança, até uns adolescentes, tinha uma menina muito pequena, sorriso branco, o olho verde que nem minha Pacotinha. Era Eurenice o nome dela. Sempre muito amuada no cantinho, sempre muito quietinha, mas virava o peixinho mais feliz do mundo dentro da água. E dizia, sempre que me via:

— Doutor, vai ter natação hoje?

— Vai, Nice, vê se não come muito para poder nadar!

Vê como eu era? Eu era aquele moleque que cuidava do irmão. Fazia alguma coisa de importante, era visto, era esperado nos lugares onde ia, sem sombra, sem mácula. Era o homem que o Gustavo menino queria que eu fosse.

Até que essa menininha de olhar tímido, nove anos tinha, apareceu no meu consultório com dores de barriga. Sozinha, eu não conhecia os pais dela. Tateei já procurando apendicite, prisão de ventre, até cólica de menarca, mas não achei nada. Mandeí um exame de sangue para a capital e o resultado veio uma semana depois: *grávida*.

Como uma menina de nove anos pode estar grávida? Entrei na casa de madeira que era dela e a vi varrendo o chão, as mãozinhas molhadas da louça

recém-lavada, a comida no fogo. Menina, cadê tua mãe? Não tinha mãe. Menina, cadê teu pai? Não tinha pai. Quem cuida de você? O padrasto que tinha acabado de ir para o mar e só voltaria em quinze dias.

Nove anos e vivia sozinha. Cuidando do lar como uma mulher feita, esperando o padrasto como se fosse marido. Fiquei com ela até o padrasto voltar, eu não sabia que era essa a vida que aquela menina-peixinho tinha. Eu a via num short, toda feliz pulando para dentro do mar, sempre muito alegre quando entrava, mas não imaginava que era essa a vida que ela levava. Esposa do padrasto. Ficamos quinze dias dentro daquela casa, eu assumi os cuidados com ela, a via reclamar de dorzinhas, vomitando sempre, tinha dia que ela não queria sair da cama porque se gravidez numa adulta não é fácil, não queira imaginar o que é uma gravidez numa criança.

Quando o padrasto voltou, o que ele achou quando me viu não foi a presença de um médico e da instituição que protegia uma menina que não tinha idade para ficar só, mas entendeu que eu ocupava o lugar dele, marido agora da menina de nove anos, debaixo do teto dele. Me ameaçou com uma peixeira e batia na menina grávida com tanta força, na minha frente, que ela curvou o corpinho e chorava baixinho fazendo careta, apertando os olhinhos a cada golpe. Entrei no meio e arrastei a menina de lá como pude, protegendo o corpo dela com o meu, escandalizado, ultrajado e querendo voltar lá depois só para catar outra faca e resolver as coisas como os homens do cangaço resolvem.

A comoção foi geral. O médico roubou a menina-peixinho? O padrasto uma ira. O prefeito na sinuca de bico, o único que usava camisa de manga comprida, a população contra mim. Roubei a menina? A assistente social apareceu, preguiçosa, mascando chicletes. A guarda é do padrasto, não minha. A menina tem nove anos. Falei da gravidez? Falei. Falei do como ela vivia? Falei. Adiantou?

Me convidaram para fora da cidade. O prefeito conversou com o prefeito da cidade vizinha, Umburana, fui para lá. Acabou a sensação de que eu era encaixado no mundo. Entrei num hospital simples, mas equipado, com bons profissionais. Atendia a maior parte das cidades ao redor, muitos casos para eu resolver, muitos casos graves, muito trabalho. Perto do mar, também. A mesma sensação de que eu servia para alguma coisa? Não mais. Era trabalho. Uma casa colada no hospital, vivendo de comida forte, bem temperada, a galinha que era morta no café da manhã estava no prato na hora do almoço.

Montei, de novo, outra equipe de natação. Só com os pequenos, a gente via a mudança, a catarreira que o mar levava embora, exercício físico. Seis horas da tarde eu largava o jaleco, a pose de bom-moço, e me jogava no mar com quem quisesse se jogar junto. Nunca esqueci da menina-peixe. Entrei com

processo para ter a guarda dela, processo para pedir DNA do filho dela, registrei queixa contra o padrasto. Nada surtia efeito, me contavam que a barriga da menina crescia, quatro meses e depois cinco, eu sem poder entrar na cidade porque a história que corria por lá era que eu era o pai da criança, que eu roubei a menina-peixe. Se me vissem, os pescadores me juraram de morte.

Ninguém dizia nada, cidade pequena, todo mundo tem medo de tudo, mas no fundo, todo mundo pensava como eu. O médico não é pai da criança, pai da criança é o padrasto. As grávidas que eu atendia em casa, às vezes, só para poupá-las da andança sem fundamento, nenhuma delas disse coisa. Só sabiam olhar para baixo e curvar a boca, com medo dos maridos que, muitas vezes, também eram pescadores.

Em todos os meses que passei lá eu sequer me engalfinhei com qualquer solteira porque eu sabia que seria problema, o povo fala da vida de todo mundo. Eu me envolver com uma solteira sem querer casamento e pronto, acabou sossego para a moça. Por isso nenhuma me dava bola, nem eu dava bola para ninguém.

Só que a menina-peixe queria que eu fosse pai do filho dela. Mitologia de criança. Ela me via como príncipe encantado e dizia que ia se casar comigo. Que eu era o pai da filhinha dela e que a gente ia formar uma família. Dizia isso como qualquer criança diz que vai para a Disney depois que vê um comercial na tevê, e o padrasto endossava, deixava a menina cantar para o mundo que ia se casar comigo.

O meu primeiro pedido de guarda da menina foi negado. A assistente social não depôs a meu favor, depôs a favor do guardião legal. Seis meses de gravidez e eu com medo do que seria dela depois que o bebê nascesse.

Com sete meses eu vi, tinha dias que eu gostava de dormir na rede, do lado de fora, no alpendre simples da casa que eu alugava sozinho, vi a caminhonete do prefeito da cidade de onde parti. Parou, muito rapidamente, como se fosse para não ser visto, deixou um tiquinho de gente na rua que dava para a minha casa e foi embora. Levantei correndo da rede e fui atrás de quem era.

O chorinho dela batendo contra as minhas costelas. Gustavo era o aguaceiro de água salgada, enfiado num banheiro de hospital, esperando a Bia sair da cirurgia. Qual foi a hora do óbito? O choro da Menina-peixe batendo na minha cabeça, no presente, como já martelou no meu ouvido por uma noite inteira.

Coloquei Eurenice, nove anos, para dentro da minha casa. A bolsa estourada, sete meses. Chamando a mãezinha dela, morrendo de medo, sangue do shortinho minúsculo para os joelinhos cinzentos. Nove anos, o bebê não vai

sair daqueles quadris, não tem espaço. Coloquei a menina no meu colo, cheia de dores, pressão baixa, sangrando. Não parti de casa. A intenção era essa, sair de lá direto para o hospital, mas ela me disse que estava se sentindo estranha e que a bebê estava saindo.

Eu não sou parteiro, não sou obstetra. Alguém precisa dizer para as pessoas que médico não é tudo a mesma coisa. Liguei para o hospital enquanto a deitava na minha cama, pensando nos próximos passos. Pedi ajuda do obstetra que não estava de plantão e me disseram que passariam a mensagem para ele.

E eu ali, no meu próprio quarto, a menina sangrando no colchão, se revirando de dor como se aquilo fosse só um braço quebrado, do jeito que as crianças se reviram de dor, chorinho magoado que durou, eu não estou mentindo, durou a noite toda.

Carreguei no colo a menina, pelos cinco quarteirões que distam o hospital. A noite caída e eu lembrava, sentado naquele banheiro, da paisagem escura, sem iluminação na rua, cachorro uivando junto com o uivo da minha mocinha grávida.

Entrei pela recepção, uma técnica em enfermagem entendeu o problema, me mostrou uma maca no corredor, disse que ninguém do hospital foi avisado para chamar o obstetra de plantão e eu gritei com ela, a única que me ajudou, reclamando de sua incompetência.

Me lavei na pia, me olhando no espelho e reunindo todos os conhecimentos que adquiri dentro e fora da faculdade. Choro que vai e que volta.

A Peixinha deitada com as perninhas abertas, dilatada ao máximo que podia, sem pelos, como que alguém podia querer maldade com uma menina daquele tamanho? Era minúscula, eu não sei como o corpo dela aguentou uma gestação até os sete meses.

Sem anestesista no hospital, sangrando, sem obstetra, e um bebê que corava. Corava? E vai sair sem judiar da mãezinha?

Eu revivo aquela noite e não sei qual foi meu erro. Tê-la levado para o Hospital? E quem lhe faria o parto? Meu erro não foi ter feito cesárea. Como eu faria cesárea ali? Pedi que ela fizesse força e ela fez, chamando a mãezinha. Não tinha anestesista nenhum, também. Não tinha nenhum médico, todos só trabalhavam até as seis da tarde.

Ela perguntou se a gente ia casar depois que a Bonequinha nascesse. Disse que queria um nome de princesa, mas não conhecia muitos nomes de princesa. E fazia força, chorando alto. Perguntei há quantas horas ela já estava com dor e me disse que começou antes do almoço. Tudo errado. Como olhar para uma menina em trabalho de parto há mais de doze horas, menina essa que

eu queria a guarda, e dizer para ela que a princesinha seria linda e que nós não nos casaríamos porque isso se tratava de um crime?

Prometi casamento. Sorrindo, enquanto ela empurrava com força, chorando e chamando a mãe, falei que iríamos a São Paulo, que nunca mais pisaríamos ali, que nos casaríamos e seríamos felizes.

Não houve Cardiologista simpática que me mandasse embora. Só havia eu de médico, ali. Complicações demais, eu não sou obstetra, eu fiz o que pude, mas não pude fazer tudo.

Madalena nasceu da cor da mãe, chocolate, os olhinhos fechados, minúscula e prematura. Eurenice se rasgou inteira, por dentro e por fora. Sangrava tanto que eu não continha. Tremia, fraca e pálida, os olhinhos sem brilho, os lábios roxos. Mandeí a técnica de enfermagem, a única disposta a me ajudar, a chamar mais alguém.

Ao menos Eurenice viu a filha, abraçada nela, a beijando muito. Morreu no arco do meu braço. Depois de eu dizer que a filhinha dela tinha cara de princesa, a mesma carinha da mãe, ela sorriu me olhando os olhos, como se soubesse e desfaleceu. Igualzinha à mãe, minha Pacotinha é.

A hora do óbito da Menina-Peixe foi sete horas da manhã. Atravessou a noite e desistiu no final. Mediquei, examinei, costurei, remendei, injetei, cortei. Não aguentou. Depois o Obstetra chegou, olhos remelentos de sono, cara de pau, jogando a culpa em mim, horrorizado com o estado da sala de cirurgia dele. Reclamava que fiz tudo errado no parto da menina, que eu era incompetente.

Ao menos o pediatra se preocupou com a bebê que não tinha nome, icterícia, ela nasceu, tinha dificuldade de respirar sozinha, sopro no coração. E ficou mais de três meses na UTI neonatal, só faltou morrer também. Se morresse não teria eu para contar esta história. Essas situações com partos e bebês são muito pessoais para mim, olha de onde eu vim, olha como a Minha Manu nasceu. É tão pessoal que eu morria de medo do parto da Dê.

De primeira, eu não dei nome para a filha da Peixinho. A assistente social que assumiu o caso conhecia a outra assistente que depôs contra mim já estava à par de tudo. Dizia que colocaria a menina para adoção, se o padrasto, responsável legal e único parente da Peixinho, não a quisesse.

Eu pensei, odiando a circunstância, o hospital, os médicos, o sistema: Que tipo de pessoa que trabalha em ajudar criança prefere colocar um bebê aos cuidados de um abusador do que comigo? Pedi com mais urgência um teste de DNA. A advogada que calhava de ser minha amiga de cursinho veio até Umburana, com o próprio dinheiro, e dançou em cima da cabeça de todo mundo. Eu tenho a guarda provisória da Pacotinha porque o processo ainda corre.

Agora eu permaneço aqui, sozinho, entre quatro paredes de um cubículo,

sentado numa privada fechada, segurando o último suspiro da Bia. Quando eu sair desse banheiro eu sei o que vão me contar. Quando eu sair desse banheiro vão me dizer o que eu já sei e eu não tenho maxilar de aço para aguentar tanta porrada da vida. Já basta tudo isso. Gatilhos.

A minha Madalena agora é uma bebê saudável, feliz, que quase não chora, vive querendo descobrir o que tem atrás da tomada da parede, oito meses de idade corrigida, que dorme comigo e não sabe de nada do dia que nasceu, mas já houve, entre um Nome e um bebê, mais drama e mais lágrima do que uma pessoa média pode aguentar na vida.

Quer saber como que foi que eu dei o nome de Madalena para a minha Pacotinha? Eu lembrei, entre uma viagem com a Advogada até o Fórum de Salvador, das viagens de carro que eu e meus pais fazíamos quando íamos para a casa do Vô, em Minas. Eu lembro que quando a Manu nasceu a gente trocou o nome de Madalena na música, para Manuela.

Manuela, Manuela, você é meu bem-querer!

Liguei para a Manu, naquele dia. Pedi para ela me contar da vida dela, dos dias dela, do como andava a Faculdade. Ela me disse, daquele jeito alegre que arranca você dos problemas, que estava estudando para uma prova, mas que tinha vergonha de pedir ajuda da mãe com Cálculo III. Tinha vergonha de não saber o que o Lipe e a mãe já sabiam. A Manu não tem medo de mais nada nessa vida, além do de decepcionar a mãe. Eu sorri com aquilo, porque eu também tenho medo de decepcionar minha mãe.

Então, quando voltei do fórum, numa das primeiras vezes que fui, Madalena ainda não tinha saído do risco. Revi toda a minha infância e os meus medos, tão diferentes e tão simples, ao contrário do que foram os medos da Nice. Liguei para a minha mãe e perguntei se ela estava bem, se o pai estava bem, se ela estava feliz. Lembro que só falei duas ou três palavras com ela, não mais. Ouvir a voz da minha família, naquela época, acabava comigo. Minha mãe me querendo de volta, com medo. Meu pai me chamando de ingrato. A Manu me entendendo e escondendo as saudades nas entrelinhas. E o Lipe. Que já estava colorido de novo, feliz por ter se ajeitado com a dele, fazendo piada imbecil e dizendo da vida.

Eu botei na minha Pacotinha o segundo nome mais significativo da minha infância. Eu sempre achei, com sete ou oito anos, que eu fosse me casar com uma Madalena, porque eu gostava de dizer a essa Madalena que eu nunca conheci que ela era meu bem-querer.

Nunca imaginei que fosse virar pai de uma.

Mas na primeira vez que eu disse o nome dela em voz alta... A primeira vez que eu Juntei Madalena com o meu sobrenome, não houve espaço para

nenhum outro. Era *Madalena Ferreira*. Eu ainda tenho muito a brigar, a bater, a subornar e a pedir até conseguir colar o Ferreira depois do nome dela. É só Madalena Santos por enquanto, mas vai ser Ferreira.

E, se eu der um pouco de sorte, vai ser Botelho também.

Capítulo 34

Você acorda num dia pensando que é só mais um dia. Você acorda todo dia pensando no que tem para fazer, nos lugares que tem que ir, nas mesas que tem que reservar, na proposta que te fizeram. Acorda todo dia sentindo o cheirinho infante da sua filha, o calor e a bundinha gordinha coberta de fralda. Você acorda todo dia pensando que é só mais um dia comum, mais uma vez de repeteco.

Até que você levanta da cama sem sua filha, pensando numa mulher, pela primeira vez em muito tempo, se arruma do jeito que ela gosta de ver, sai de casa e encara o mundo. Para o dia não ter mais fim. Enfiado naquele banheiro, evacuando os meus desesperos entre uma porta e uma privada. Levantando e erguendo, a roupa toda suada, sangue da Bia na frente do avental. Ensaiaando levantar dali e ouvir a bela notícia de um futuro que não vai ser. Lá morria uma Bia. Duas paradas cardíacas depois de um pisoteamento e eu não tenho a capacidade de estar lá por ela. Duas paradas cardíacas, um maxilar de aço, porradas que se curam e um passado que ela não me conta de todo. Não sei até hoje se o cavalo é Bela ou se é Beladona. É Bel para ela.

E eu não sou capaz de ir lá ao menos tentar por mim, eu e o que eu fui, médico com diplominha de ouro, toda essa pompa de médico bem-formado, resgatá-la do limbo com vida. Vai morrer, Bia? Vai cruzar a linha e me esperar do lado de lá?

Coisas que não consigo erguer a cabeça e levantar para saber. Abaixado entre a privada e a porta, preso num passado e em processos. É Ferreira a minha filha e não volta para Umburana. É tão Ferreira quanto eu. E a Peixinho seria uma Ferreira também, se tivesse aguentado um pouquinho mais, se não tivesse esperado por um obstetra que se livra da culpa da ausência num caso tão grave quanto era aquele.

Eu registrei formalmente uma queixa contra ele, mas não vai ser de nada. A Peixinho morreu por negligência, mas não só do Obstetra, mas de um prefeito que largou a menina na porta da minha casa só depois de ela muito chorar de dor, de uma Assistente Social que depôs contra mim, me negando a guarda da menina grávida e nem vamos falar do padrasto. Quando bati no Jorge, bati também nele. Nove anos. E nada de ninguém querer fazer o DNA e aceitar que eu sabia, desde o começo, que a minha Pacotinha é fruto de estupro de vulnerável.

Meninas de nove anos não podem consentir. Meninas de nove anos não abrem as pernas e chamam homens de quarenta, e não tem Cristo que me faça

acreditar nessa merda que contam por aí. Não me prenderam porque sabem que é mitologia infantil o fato de a Peixinho querer casar comigo. Não registraram sequer queixa contra mim, só me negaram a guarda e deixaram as coisas como são em cidades pequenas.

Eu esperei que o tempo curasse meu aperto no peito. A Bia entrou na terapia e escalou para fora de mais um abismo, mas eu só esperei que fosse aguentar mais, conforme via a minha filha crescer e dar risadinhas tão calmas e protegidas que me fizesse esquecer de todo um mosaico de atrocidades.

Dá para esquecer um negócio desses? Dá para superar? Eu era a mão que tirava uma vida dentro de outra vida, como se arrancasse a alma do corpo. Pode dizer o que for: traumatiza. Você não estava lá. Deixa sequelas que te fazem esquecer que seu sonho sempre foi ser médico, porque, em horas como aquela, você queria ter estudado mais, aprendido mais coisa, ter ouvido mais conselhos só para saber o que fazer quando tem uma menina sangrando na maca, chorando e chamando a mãe.

Eu só fui estudar sobre partos depois que eu soube que a Dê estava grávida. Eu não queria que aquilo se repetisse com ela, eu não queria outro obstetra negligente, eu não a queria chorando de dor, porque eu sei que aquela mulher e aquele barrigão eram o sonho da vida do meu irmão.

Então, no quarto, entre uma soneca da minha filha e outra, eu estudei tudo o que eu devia ter estudado antes de fazer o parto da Peixinho. Fiquei seis meses com o CRM suspenso por causa da Peixinho e das outras mentiras que chegaram aos ouvidos do conselho regional; ainda corria àquela época um processo de cassação ao meu registro, mas não deu em nada. Eu podia ter voltado antes de clinicar no corpo da Bia, mas não quis. Não vale a pena. Uma vez que você perde a fé, você perde a fé.

Tautologias. E aqui estou enfiado no banheiro do meu antigo emprego, meu mentor, meus amigos, meus familiares. *Na marra*. Sempre assim, no vai ou no racha. Eu não sou mole, eu não sou frouxo, mas o que a Bia faz é me usar de brinquedo. Numa hora quer dar, na outra diz que não, na hora seguinte está metendo a mão na minha sunga, e depois sai no mundo dizendo não-me-queres.

Agora está aí, Cavalona Velha. Me deixando sozinho no mundo, no meio-fio da árvore dos irmãos, entre o construir e o quebrar, segurando um pacotinho no braço e o coração para fora do peito. E agora você está aí, Cavalona Velha, me deixando no segundo tempo, sem me dar tempo de arrumar o meio-de-campo, sem querer saber se estou pronto e me ofendendo por não ter coragem de contar a minha história na terapia.

Bia, se os tempos fossem outros, eu já tinha feito um filho em você: Para te laçar na vida, botar ordem na sua baia, te dar o golpe do baú, quebrar teus

nãos em meias-sílabas de suspiro bem daquele seu jeito de melindre e beber querosene com vodka dizendo que a vida é linda com molotov na mão.

Bia, em outros tempos, cinco meses de viagem no mundo à puta que te pariu.

Mas dividido entre a Peixe e a Cavala eu fico. Eu resto. As minhas mitologias se resumem a passados bestas de menino-herói e homem-destroços. Se resumem a dias perfeitos e noites. No meio do dia eu vou como a noite e teu sol me queima bem mais do que previ. Na marra, me tira da sombra e eu me vejo bem como sou. Só isso e tudo isso, embaralhado, bagunçado, caleidoscópio de sensações incompletas. Não consigo terminar de chorar, não consigo terminar de sorrir. Tudo na bosta do meio-fio. Sempre no meio, nunca um lado, nunca outro.

Vai me deixar sem Sol logo agora, Bia? Eu não posso atravessar a linha ainda, eu tenho uma filha para criar, minha sobrinha tá vindo, eu tenho âncoras e rituais que envolvem comida. Eu não posso me lançar nessa loucura, Bia. Se lança na minha.

Só hoje.

— Filho.

Quem era aquele cara que te deixou sem norte, Bia? Quem era aquele cara que te tirou o centro e te fez perder o controle do bicho de olhar ruim? Você sabe cuidar daquele cavalo, você ama aquele cavalo porque ele é ruim como você, então o que aquele cowboy montado na grana te disse para te tirar o senso?

Ou fui eu?

Quando eu digo que você tem cheiro de dificuldade é nisso. Eu amo seu cheiro, mesmo quando tá suada e suja de cavalo. Seu cheiro de dificuldade é esse seu gênio ruim do caralho que não me pede para ficar, nem me manda sair. Que numa hora tá toda bonitinha deitada em mim e noutra, jorrando lava pelas ventas como se eu tivesse sapateado nas suas bolas.

Só para deixar claro, eu gosto. Mesmo quando tá soltando fogo pelas ventas. Mostra que é de verdade. Que se for para machucar, vai machucar, se for para lambar, vai lambar. Sem meio-termo. Eu não aguento mais esse fica-não-vai. Homem de se queimar junto onde? Homem do entortar? Homem do fazer cu doce e não sair do lugar, arrastado, sem direção. Movido com a maré, lixo que fica. Que joga charme na mulher só para saber que é homem enquanto age como um moleque que nem para sofrer as próprias dores e se encharcar nelas tem coragem.

— Filho. Abre a porta, é teu pai.

— Tá aberta.

Ele me via inteiro e eu morri de vergonha. Chorei, chorei, chorei, dividido entre o peixe e a cavala até não aguentar mais. Ele chorava, também.

Não tinha acabado de chegar no banheiro, vai saber há quanto tempo está ouvindo choro de macho desiludido. Meu pai sempre teve dessas de ouvir pelos cantos e se fazer de invisível.

Trinta anos a mais que eu. As rugas ao redor dos olhos, a barba feita, os cabelos grisalhos e a vida bonita. Toda vez que eu olho para o meu espelho mais velho lembro da minha mãe dizendo que homem da família bonita não envelhece feio. A prova de que tentar de novo valia a pena estava ali, na minha cara. Ele também já chorou escondido no banheiro, mais de uma vez, pela mãe dele e pela minha. Ele não sabe o que eu passei, sempre me entendeu como moleque que sofre sozinho e respeitou o meu espaço, sabe os filhos que tem. Eu não sou como o Lipe que põe a família inteira para sofrer junto.

Eu sou desses que aguenta até onde dá e depois se debulha onde ninguém vê. Nunca fui homem de espetáculo. Meu pai e o Lipe gostam disso, mas eu não.

— Lava teu rosto, meu Guto. — Ele me disse, espelho meu que se debulha comigo, sentindo a dor que não é dele, homem que adquire sabedoria enquanto erra. A Bia costumava chamar você de geleião, Pai. — Vem cá.

Não tinha mais choro quando ele me abraçou. Faz tempo que ele não me abraça, senti falta. Minha mãe me faz carinho, vive ao meu redor como se eu fosse ainda o moleque de sete anos que assiste partos no Youtube, acho que eu sou o filho que mais ganha carinho dela, mas o meu pai mantém aquela distância segura. Não avança se eu não avançar primeiro e eu nunca avanço.

— Um dia a gente vai sair só você e eu, e a gente vai manguaçar. — Ele me disse — Chega de chorar, filhote. Não fiz filho para sofrer desse jeito.

— Já parei — Argumentei, limpando os olhos com as mãos.

— Você não tá chorando de hoje, nem de ontem. Tá chorando sal todo dia, você não me engana chorando seco. Precisa conversar com alguém. A do Lipe faz o trabalho dela, mas ela não te lê como eu te leio. Vai falar comigo e vai me dar um pouco da carga. Não fiz filho para carregar fardo pesado e você é novo demais para ser amargo desse jeito.

— A Bia tá viva?

— Francamente, filho, com tanta mulher nesse mundo, olha o tamanho desse mundo, por que foi escolher uma que dá mais trabalho do que a sua mãe dá pra mim? Não aprende com os erros dos outros, não? Não te dei um toletão de quinhentas páginas para você ler, moleque? Não aprendeu porra nenhuma, né?

— Me dê bronca depois.

— Não, vou dar bronca agora, porque agora você vai me escutar, depois não vai.

Ele não disse nada enquanto me via sentado, a cabeça baixa, as mãos

fracas. Fraco de sentimento demais e falta de comida; pressão baixa. Chorar mina com a gente. Quantas horas passei ali? Pareceu pouco. Foi só o tempo de eu me destruir inteiro pensando na vida.

— Ela tá viva?

— Ninguém tem notícias.

Ele falava comigo sem palavras. Me segurava pelos ombros, me abraçava com carinho, a gente nunca precisou falar muito. Ajoelhou na minha frente, me olhando, o lábio trêmulo de pai que me lê. É, Rodrigo. Só você imagina o quanto dói.

— Se serve de alguma coisa... O pai dela apostou 500 paus comigo.

— Valendo o quê?

— Aposto de família, ele apostou que o Lipe ia casar com a Dê e você com a Bia.

— Você perdeu 1000 reais.

— É. – Sorriu. – Eu jurava que o Lipe ia acabar com a Bia. Do jeito que aqueles dois eram, eu podia jurar.

— É, a Bia sempre se deu melhor com o Lipe.

— Mas ela sempre respeitou você mais. Sabe... - Ele puxou papel do suporte e limpou a minha boca, depois puxou mais e, enquanto tagarelava, limpava meus olhos – Você dizia que queria A e ela sempre fez todo mundo mudar de B para A só porque o Cabrito (porra de apelido de merda, esse, filho) queria A.

— Mentira.

— Mentira nada, tira prova com a tua mãe, que levava a moleca para sair como mulher adulta e sabe da Bia mais do que eu e você. Eu lembro que sua mãe falava, remedando a Bia “a Senhora fez dois filhos lindos, Tia Fê, mas o Guto...”.

— Fogo no rabo de bêbada.

— Provável. – Deu e ombros, se erguendo do chão, jogando o papel que limpou meu rosto no lixo e desamarrando a máscara do meu pescoço – Fogo no rabo de sóbria também, que aquela lá nunca me enganou, não. Basta você chegar que ela se abria toda, quando morava lá em casa. Como pode, né? Duas irmãs, uma tão diferente da outra.

— Seus filhos também. Um tão diferente do outro.

— Que nada, tudo igual. Tudo capacho de mulher. Não ensinei nenhum dos dois direito e a Manu está indo para o mesmo lugar. Faz tudo o que os (não acostumei, nem nunca vou acostumar), faz tudo o que os namorados querem.

Me beijou o rosto, ajeitando meu cabelo para trás, me olhando bem fundo nos olhos. Tá com orgulho. O pai sempre achou uns momentos idiotas para

sentir orgulho dos filhos. Disse que passou da hora de cortar o cabelo. Lavei o rosto na pia e ele me estendeu a toalha de papel, me abraçando mais um tanto antes de me obrigar a tirar aquele avental e sair do banheiro.

A Dê estava do lado de fora, esperando meu pai me resgatar de lá. Os olhos cheios d'água, cabisbaixa e os lábios trêmulos, olhando para mim com alguma compaixão e alívio.

— Ê, Cabrito... - Ela disse, a voz toda comida de choro, avançando na minha direção, me tomando num abraço na pontinha dos pés. – Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada...

Ela é a única que sabe o esforço que foi entrar de novo na ala cirúrgica. Me beijou o rosto um monte de vezes e depois me beijou as mãos. Por que é que as Botelho beijam mãos?

— Vamos para a Cantina, Cabrito. Você está feio.

Já era de noite, lá fora. O Dia terminou e eu não vi. Ninguém sabe da Bia? A cirurgia já terminou, não é possível. Não tinha trauma para todas essas horas, a Bia não aguentaria, depois de duas paradas cardíacas, por tanto tempo.

Entramos pelo elevador e subimos até a cantina que cheirava café quente. Sentei numa mesa qualquer, a Dê buscando comida com o meu pai, os dois que são meus braços.

— Eu achei que você não ia entrar na cirurgia da Bia... - Meu pai comentou, depois que voltou trazendo uma vitamina de maçã e um lanche cheio de salada, me obrigando a comer. – Achei que depois de demitido, você fosse virar só um visitante que nem o resto da família.

— Eu conheço todo mundo, aqui. Mande a ambulância vir para cá. Cadê minha filha?

Estava com o Lipe e a minha mãe, na sala de espera. Os pais da Bia estavam amuados num canto, de mãos dadas, os olhos inchados e sem chão. Era a filhinha deles. A tia Geca me olhou segurando as lágrimas condoídas, o Tio André, transtornado. Ninguém lhes deu notícia e se eu, que sabia das duas paradas cardíacas, estava que não me aguentava, imagino eles.

— Alguma notícia da minha Boneca, Guto?

— Eu vou ver para a senhora. – Eu disse a ela, meia vitamina na mão, depois que chequei a minha filha e beijei a minha mãe dividida entre o orgulho de ter o filho quase-salvador do dia e a tristeza de ver a heroína dela abatida em combate.

Por mais engraçado que pareça, eu sei que a minha mãe admira muito a Bia. Elas se parecem, no fim. Talvez a minha Bia seja muito mais cara de pau que a minha mãe, mas a minha mãe foi parte importante na formação dessa mulher que virou a Bia. No jeito que trabalha, na obstinação focada, no jeito

como fala com homem e manda neles com gosto. Se não fosse Portugal e todo aquele tempo, a Bia seria a melhor amiga da minha mãe, bem ao lado da Tia Bia, esposa da Tia Ana.

Acenei com a cabeça para o Sheik, ao europeu, ao Leo e ao Ceceu, os quatro que esperavam alguma notícia e entrei de novo, à procura de alguma informação da Bia, nem que fosse notícia ruim.

Encontrei Mariana, a Cardiologista, parada perto da enfermaria, trocando informações rápidas com uma enfermeira plantonista. Já estava sem jaleco, a mochila nas costas e os cabelos soltos. Ia embora e não ia me dizer nada?

— Onde você estava? – Me olhava curiosa, até um pouco brava. – Eu mandei mensagem no seu celular e nada de você responder. Achei que tivesse ido embora!

— Jamais. Cadê minha Bia?

— Vem comigo. – Me conduziu até o fim do corredor, vestindo a segunda alça da mochila, apertando o botão do elevador. Subiu comigo até o andar da UTI, conferindo no aplicativo dos médicos qual quarto mesmo era o da Bianca Botelho. Parou na porta, antes. – Guto, ela está sob efeito da anestesia, ainda.

— Então ela está viva?

— E eu traria você para cá se ela estivesse morta? Guto, largou a profissão e ficou besta?

— Me trata que nem parente dela.

— A costela ainda vão uns três meses de tratamento, mais fisioterapia, pelo menos. O pulmão, estamos dando antibiótico, vamos ver como ele responde. Tá respirando por aparelho, respondendo bem, mas estamos com medo do como ele vai responder até o fim da semana.

— Então ela está viva.

— Você quer que eu te trate que nem paciente ou que nem retardado?

Eu sou um imã para mulher ignorante.

— Vai lá – Continuou – Só seu número estava escrito no prontuário dela e você não atendia.

Bati na porta da Bia, esperando resposta.

— Ah, antes que eu esqueça, passa na sala do Moacir, tá? Ele está doido para te ter de volta na equipe. Conversa com ele, não faz mal conversar. O velhinho sempre gostou de você.

Dei tchau para a doutora e entrei no quarto do mesmo jeito que meu pai me encontrou no banheiro: sem um pinga de força e zero brio. Todo trêmulo de novo porque, por algumas horas, eu vivi um futuro sem ela e num passado só de desgraças.

Capítulo 35

Saiu da cirurgia e foi direto para o quarto. Mil pés de altura e uma envergadura de oceano ele tinha, quando entrou no quarto dela. Enorme. Dores e coração do tamanho do mundo. Entre o construir e o quebrar ele vai. Bateu na porta dela, esperou alguém de dentro chamar, mas não chamaram. Entrou mesmo assim. Lá estava. Chegava a parecer anjinha, deitada assim. Um mar de ruídos, todos surdos. Nunca vai entender que graça tem domar cavalo arisco e ser sempre vítima dele. Não sabe se esta insistência é orgulho ou o quê. Burrice tentar domar o indomável. Burrice dar um esforço desses de presente para a irmã.

Você quase parte e me deixa só, Pequena. Quase vai sem volta. Sentou-se na cadeira ao lado da cama dela, olhando o embrulhinho que pareceu minúsculo. Respirava entubada, muito ruidosamente, muito baixinho. Dreno no pulmão perfurado, as costelas que se colarão sozinhas, sem gesso, o soro enfiado num cateter, numa veia do braço. Dormia.

Escoriações pelo rosto e braços: *caiu, a minha pequena.* Talvez ela nunca diga o porquê perdeu o controle do bicho, mas agora, ali, quieta como em poucos dias, sozinha, ele olhava para ela e a via como era. Você é do construir ou do quebrar? *É do me quebrar e do me montar, sempre essa dor com você. Não basta ter entrado pela porta sem pedir licença, não basta me deixar de pau duro enquanto xinga, tem que ser esse vulcão que explode quando bem quer e bota todo mundo para correr.*

Tem que ser esse gatilho do caralho que coloca homem feito chorando escondido com medo de ser pego no flagra, resgatado por um pai e uma amiga que choram sem saber porquê direito – só choram.

Sentou-se ao lado dela, ele também cansado, e mandou mensagem para a família. Disse que a Bia estava bem, que dormia. A Manu foi a primeira a xingar dizendo que podiam ter avisado isso antes. Dona Angélica pediu, muito e muitas vezes, para ver a Boneca. Tem chamado a Bia assim. Boneca. E seu André chamava o Guto por Filho. Do jeito que este homem é com as filhas, ser chamado por filho é uma honra.

Subiram os dois, de joelhos bambos, a enfermeira deixou quinze minutos só porque era o Doutor Gustavo. Em UTI não se entra. Dona Angélica afastou os cabelinhos da filha do rosto, ajeitando a coberta por cima do corpo dela, enquanto o pai, aos pés da cama, não dizia nada – só a olhava. O rosto todo marcado de lágrima, vermelho pelo limpar. Tá viva, é o que importa. Mais uma cicatriz para o demônio que nunca aceitou, nem nunca vai aceitar ser só mulher.

— Sua mãe pediu para dizer que vai cuidar da sua filhinha. — Dona Angélica disse, ajeitando os cabelos dele e o beijando no rosto — Vai ficar aqui e cuidar da minha?

— Eu não quero tirar seu direito de mãe, Tia. — Ele respondeu — Se a senhora quiser ficar aqui com ela, eu vou embora, não quero atrapalhar.

— Não, - ela disse, sorrindo um sorriso triste, olhando-o além dos olhos, num jeito que parecia com o jeito das avós, Dona Teresa, bem perto dos últimos dias. Uma tristeza embargada num carinho manso — fica você com ela, Guto. Ela vai gostar de acordar e te ver aqui.

Seu André abraçou-o depois, carinho paterno cheio de obrigados, o coração medindo uma azeitona. Beijou-lhe o rosto e a mão, antes de sair, abraçado na esposa, o coração mais calmo e a tristeza doída. O Guto ficou, sentado na cadeira, o coração acelerado ainda, esperando que ela acordasse.

Noite difícil. A Bia atravessou a pior noite da vida. O que foi um bom diagnóstico depois da cirurgia se invertia. O Guto não quis assumir o dever de médico de novo. Não quis pensar, só queria ficar ali e torcer por ela, limpando-lhe a testa, fazendo-lhe carinhos. Aprendia do pior modo o como é assumir o caso de pessoas queridas e não queria carregar para o túmulo mais culpas como as que tinha com a Peixinho.

De manhã ela também não respirava sozinha, induzida num sono para não sofrer demais. Passou dias assim, dormindo. Sem falar, sem comer, sem se erguer. A família ia e vinha, deixava flores e agradados, beijinhos na testa e ele ali. Trocando de turnos com um Lipe silencioso e triste, fazendo seu papel de melhor amigo e irmão do noivo. A família inteira de Luto antecipado. Nem a Manu quis saber de gracejos e piadinhas, não houve clima. Tiraram o dreno do peito dela antes que ela acordasse. Arrastavam-na do raio-x para os demais exames e ela não acordava. Não se mexia.

Por um lado, era melhor assim, o médico velhinho dizia. Do quarto para o quinto dia, o Guto foi para casa, o Lipe ficou de campana. Foi trabalhar porque tinha que trabalhar, mas não queria. Luto antecipado tem prazo de validade. Por mais que doa, o mundo continua e ele cobra. Trabalhou o dia todo, respondendo e-mails educados, coordenando os passos dos funcionários, agradecendo aos cuidados e desejos de melhoras para a Presidente. Sempre olhando as horas e o celular, esperando a boa-nova.

Ao menos, houve tempo para ele. Ao menos ele pensava consigo, deglutindo as sobras do langor, alinhando pensamentos e ações. Chorou como nunca, naquele banheiro. E depois? O que sobra no depois? Revisou a vida estampada na cara. Vai se erguer, Cabrito?

Não houve boa-nova. Nem no dia seguinte, nem nos outros. Acordava

beijando os cabelinhos enrolados da filha, escovava os dentinhos que nasciam com uma dedeira, debaixo do teto da Bia, comiam e, com ela nos braços, partia. Ia trabalhar e depois se enfiava no hospital, evitando passar pelos mesmos corredores que o Chefe da Cirurgia Geral, evitando receber o convite para voltar a trabalhar lá.

Mariana, a Cardiologista, amiga da época da faculdade, ficou impressionada quando soube quem era a moça combalida. Gustavo Ferreira, O Gustavo Ferreira, laçado, literalmente, por uma Cowboy? Ela se ria. Impossível.

E era impossível, ao menos com o Gustavo da Faculdade. O cara que entornava tequila sem cara feia, dia do malfeito atrás de malfeito. Três garotas na cama, ele no meio do nó, ela também. Bons tempos, ela ria, suspirando nostalgia com saudade da molecagem. Nunca virou amor. Pega e não se apegas, eles diziam. E apostavam quem bebia mais porque eram jovens, eram divertidos e davam um duro danado durante o dia.

A recompensa pelo esforço sempre foi o desvio. Homem correto durante o dia, vermelho encarnado durante a noite. E se ia, largando uns suspiros ali, umas moças pedindo bis acolá, um ou outro jogo de futebol com os amigos; entre um chamado de urgência e outro ele se ia.

E agora isso. A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou. E agora, José? Mariana o olhava, sabendo que ele tinha uma filha para criar, sabendo que ele não era mais médico, sabendo de partes das coisas, sem entender direito quem foi que o roubou do vermelho-sangue e dos confetes.

— Você já foi divertido, Guto.

— Eu já fui enviado do satanás, isso sim. – Corrigia, orgulhoso, pedindo pão na chapa na cantina. – Divertido você chama suas amigas.

— Tá muito apaixonado? – Ela perguntou, no tira-teima. – O bastante para não gastar quinze minutos comigo?

— Esquece que eu tenho pinto, Mariana.

— Tanto assim?

— . – Tinha tanto para dar de exemplo, que não disse nada.

— Me chama para o casório, pelo menos?

E ela nem ligou. Sorria olhando-o, pensando que poderia ter aproveitado mais, olhando as horas, o tempo que ainda tinha do intervalo. Precisava parar com essa vida de transar de quinze em quinze, também.

Mas, também, nesse mar de homem egoísta de merda? Nesse mar de babaca? Fica difícil escolher um cara e não cair no tédio, não cair no marasmo, não ser controlada. Mariana o olhava querendo um pouco disso, também, mas não muito. Bêbado sempre diz que nunca mais vai beber, mas continua. Com ela, a mesma coisa. Até que lhe tatuassem os lábios de baixo, ou, até que ela tatuasse

alguém, vai continuar de quinze em quinze, minutos ou dias não se sabe muito bem.

— Bom, vou indo. Quer que passa no quarto da sua? Quem sabe ela não acordou, né?

— Já vou indo também. — Os dois na cantina, saídos do caixa, ele terminou de mastigar seu salgado, checkou as horas, e esperou que ela agrupasse o tablet com as consultas, o cartão de débito e a necessidade.

— Já falei para você, passa na merda do Moacir. — Reclamou, apertando o botão do elevador — Ele tá me perguntando de cinco em cinco minutos se você apareceu por aqui hoje, porque ele não te acha em lugar nenhum. Agora me explica, Guto: - O elevador chegou, eles entraram — Como que eu sempre esbarro com você e ele nunca esbarra? Tá fugindo da cruz, Demônio?

— Tô. — Taxativo. — Não tá na minha hora de assinar carteira.

— Então falaaaaaaaaa. — Revirou os olhos. — O Gustavo que eu conheço não fica de cu doce.

É, ela está certa. Já reparou como o fogo é? Queima tudo e não faz barulho. Destrói tudo e antes que percebam, fica incontrolável. O Guto já foi isso e não faz tanto tempo assim. Olhando para a Cardiologista, ele se lembra de como foi porque ele era, enquanto ela falava, exatamente como ela.

Mariana ficou no andar que quis, mas ele foi para o andar do Cirurgião Geral. Vai vomitar tudo o que tem para vomitar e depois vai parar de fugir dele pelos corredores.

Encontrou-o escrevendo mais um artigo acadêmico, que horas eram? O velho se sacrifica demais. Meia-noite não é horário de ninguém, ainda mais um velhinho como ele.

— Entra, Gustavo, até que enfim. Fecha a porta senão vem alguém me atrapalhar.

— Quer que eu volte outra hora?

— Para você fugir? — Estendeu a mão, indicando a cadeira adiante, fechando a tampa do notebook — Senta aí, filho, vamos conversar.

E Gustavo contou o seu problema no Conselho Regional, o que fazia para pagar as contas, o modo como ele estava traumatizado pelos fatos. Contou o caso da Menina-Peixinho e foi honesto, aliviando-se, jogando logo na mesa o fato de que ele nunca, jamais, vai voltar a ser médico de novo.

— Seu problema com o Conselho eu resolvo. — Ele sorriu, anotando um bilhete para si próprio, para se lembrar do dia seguinte — Vou escrever uma carta de recomendação para a Ângela, vou dar suas credenciais, recomendar eu mesmo e dizer que você foi meu pupilo. Vou inclusive conversar com o conselho da Bahia sobre este obstetra, ver quem pode mexer o pauzinho onde, porque isso

é coisa séria e parece que ninguém está te levando a sério.

— E não estão.

— Política. Eles estão te levando a sério, o problema é que estão colocando panos quentes, filho. Você vai me dar todos os documentos que você tem sobre o caso. Você tem advogada?

— Tenho.

— Deixa o telefone dela anotado aqui, Gustavo – Disse, estendendo um bloco de notas e uma caneta por sobre a mesa. – Que amanhã de manhã já converso com ela.

— Obrigado.

— Um disparate você não ter vindo conversar comigo. Isso é alarmante e inadmissível.

Pois é.

Sempre gostou desse moleque. Médico a gente vê só assim, nos extremos. Dentro de um consultório é uma coisa, roendo batente e chorando a morte de paciente é outra. Dramas na profissão todo mundo tem, uns reclamam do salário, outros reclamam das condições, mas tem uns, mesmo com tudo isso de melhoria a ser feita, ainda vai lá e dá seu melhor com o instrumento e conhecimento que tem. Gustavo era desses. Médico recém-formado, mas a alma de um titã.

— Agora... - tirou os óculos da cara, como quando queria falar sério, mediu aquele homenzarrão vestido de empresário e sorriu – O que me diz de uma especialização?

— Esquece. Não clinico mais.

— Tá, mas e comigo?

— Nunca mais. Depois dessa? – Era falar que a bile subia à boca e o choro suspenso voltava – Depois dela? Eu não clinico nunca mais.

— Traumatologia, quem sabe?

— Não.

— Menino, – E nunca que o chefe ia perder um profissional como ele – você não se matou de estudar para abandonar tudo antes da especialização.

— Eu acho um tempo bem gasto, o se matar de estudar por anos só para salvar a vida de alguém.

— Mas você matou uma menina, também. Você não acha que tem que estudar mais, para uma próxima vez, conseguir salvá-la?

— Se não fosse eu, teriam morrido as duas. – Orgulho. Finalmente. E as lágrimas que teimavam em permanecer na borda dos olhos, enquanto o chefe tocava sua ferida, partiram sobre as bochechas e ele não se envergonhou delas. – Não vai ter próxima vez, Moacir. Trabalhei duro por anos sem saber o porquê,

mas agora eu tenho um porquê e esse motivo é minha filha. Não volto, não clínico e você não vai reassinar minha carteira.

— Te dou três meses e volto a te procurar. É tudo muito recente, eu entendo.

— Não, você não entende, não.

— Compadeço da dor, Gustavo, admiro a sua grandeza de tomar a responsabilidade para si, mas se todos os médicos abandonassem a carreira no primeiro caso em que se envolvem emocionalmente, não haveria faculdade no mundo com tempo de formar gente nova. Ser médico é se envolver, a gente cuida de gente, já falei para você, a gente se contamina!

— Não dá para esquecer.

— Mas tem que esquecer, Filho.

— Não é só a cirurgia, Moacir. Não é só o banho de sangue de uma menina de nove anos. É a gravidez da minha filha, são os meses em que ela ficou numa incubadora, foi o quadril que ela rasgou quando nasceu, é a Bianca com sangue nos pulmões, sem conseguir respirar, morta na mesa, é o meu futuro. Eu não entro mais em consultório nenhum depois de passar por tudo isso. Entre ser médico e ser feliz, eu escolho ser feliz.

— Não dá para ser feliz sendo médico?

— E olhar essa gente endinheirada reclamando que o filho com catarro tá demorando para ser atendido enquanto eu estou cuidando de uma idosa com trombose cujo filho só sabe reclamar que ela dá gasto demais? Não. Tem coisas nessa vida, Moacir, que eu não mereço. E por mais que este seja o melhor hospital do país, que eu seja o melhor médico da minha turma, não foi para isso que eu estudei.

— E vai jogar tudo isso fora?

— Não joguei fora. – Sorriu, com lágrimas nos olhos – Os anos que eu estudei e os caminhos que eu escolhi me fizeram chegar até ela, então eu não me arrependo de nada e faria tudo de novo.

— Tem lugar para você aqui, Gustavo.

— Tem lugar para mim onde eu for.

O filho que habita.

Com gosto, o Guto sumiu. Sensação de que as coisas voltavam ao lugar. Só faltava a Botelho Ruim acordar. Voltou para o elevador, apertou o andar dela, checkou o celular. Mariana mandando mensagem dizendo que a sortuda era sortuda em dobro. Trapaceava a morte e chamava, depois que o tubo saiu da garganta arranhando suas cordas vocais, pelo nome completo que ele tinha.

Inteiro sorriso, quase nunca sorri tão grande como sorria ali, o peito leve duas vezes. Chorou sem sentir as lágrimas enquanto o elevador lerdo demorava

para subir. Secou as lágrimas nas mãos, no ombro da camisa sem conseguir contê-las. Quantos dias? Quase duas semanas. O sobrinho deles só estava esperando a Bia sair da cama para vir ao mundo. Coisas entrando nos eixos é assim mesmo, Guto, te acalma. Ninguém vai te recriminar por estar feliz.

— Pode guardar o pranto, Cabrito – Ela disse, num fiapinho de voz, rouquinha e fraca, mas ela – Não é dessa vez que você fica viúvo.

Um pouco de boa-vontade no mundo, uma necessidade de nunca ficar só, Universo que se equilibra e ali está. A moleca bocuda falando das suas, mais uma cicatriz para o lombo, mais um susto na família e na mãezinha que já entra na terceira idade. Não cheirava bem, cheirava a hospital, a remela de duas semanas, bafo de quem emenda um sono no outro, a curativos e pomadas. Vai doer quando colocar os pés no chão, vai doer erguer os braços, vai tudo doer. Só não vai mais doer na parte onde ninguém vê. Ali parou.

A primeira coisa que fez quando chegou perto não foi beijo. Sorria inteiro, na pontinha da boca linda, nos olhos molhados, na mão firme que segurava na dela. Sem dizer, esse era ele, sem estragar com palavra errada. Olhava-a, sorriso lindo esse Cabrito tem. Dá vontade de beijar e ficar falando o quanto ele é lindo, tudo que nem tonta.

— Parece outro, o meu Cabrito. – Sorriu, tossindo e sentindo muita dor na voz mínima que tinha. – Tá bonito.

— Não fala. – Ele pediu, segurando na mão dela, os olhos cravados nos dela, molhados, desmanchados, bonitos.

Engoliu a saliva grossa que tinha na boca. Faltava tom e presença. Tudo doía. O que não doía pela queda e pelo pisoteamento, doía por ter ficado deitada. Quis se levantar, mas a dor no peito era demais. Pediu para que ele empurrasse a parte de cima da cama, barganhando consigo e a impossibilidade de levantar. Gustavo apertou o botão da cama automática que foi, aos poucos, se levantando. Doeu e a cara dela não foi boa.

— O Ceceu está cuidando dos seus bichos – O Guto mudou de assunto. – O Leo também. E o Sheik e o outro cara vêm todo dia ver como você está. A Dê vai ficar feliz de saber que você acordou. O Lipe descobriu uma revista que só fala de cavalo e ficou lendo em voz alta enquanto você dormia, até deixou ela por aqui, não sei onde foi parar...

— Gustavo, - nunca imaginou ter que dizer isso – fica quieto um pouco.

— Desculpa, Pequena. – Chamar assim sem avisar que vai é muito golpe baixo. Primeiro chama de Amor, sem perceber que chamou, só disse, como se na cabeça dele ele já a chamasse assim há muito. Agora chama de Pequena. Pequena fala errado demais com a couraça dura e bocuda que ela tem. Pequena é dizer uma coisa muito delicada, muito de amor. Pegou errado no ouvido a

primeira vez que ele disse, mas as palavras fluíram muito leves para pegar errado. Ninguém chama a Bia por diminutivos. Ninguém chama a Botelho Ruim por nomes de carinho a não ser a mãe. Boneca e filhota. Agora Amor e Pequena. Para acabar com o resto de estruturas que ela tinha, com o resto de barreiras que tem.

— Eu quero tomar banho, lavar a cabeça. — Preferiu dizer, olhando para ele tentando entender o que tinha de diferente nele.

— Posso ajudar?

Lambida. Nunca foi lambida por ninguém, não sabia como era isso. Só a Alicinha lhe lambia, sempre um gracejo de amor, preparando banho quente, um café no fim da tarde, trazendo um ou outro doce gostoso de padaria, isso quando ia a São Paulo. Por homem nunca foi lambida. Fazia diferença aprender, ele estava disposto a mostrar como é, sorria bonito, inteiro bonito. Como pode um homem ser tão bonito, gente? A barba e o sorriso na cara. Precisava cortar esse cabelo. Se ela era a visão de um futuro lindo para ele, o que ele era, parado ali, querendo falar mais, ele, que nunca gostou muito disso? Recompensa para aqueles que persistem. Prêmio por ter deixado uma porrada de coisa para trás e ter olhado sempre para frente.

O sentido da vida é esse, não é? Ele a incentivava a sair da cama, dava a mão para ela, tirava a coberta de cima, tudo cheio de carinho e cuidado: Sempre para frente.

Gustavo tirou o cateter do braço dela, depois a convidou a descer, devagarzinho. Colocou o pé no chão, não foi o que doeu, foi o dorso todo. Pareceu que não ia aguentar. A musculatura que mantinha tudo no lugar apertava onde doía. Peito, costelas, costas. Travou o maxilar, com raiva da dor. E depois se sentou na cama, procurando descanso.

— Eu vou buscar a cadeira de banho para você. — Ele disse, entrando no banheiro, buscando uma daquelas cadeiras de roda que tem uma tampa de privada no lugar do assento. — Posso tirar sua camisola?

E vai dizer o quê? Que não? E vai tomar banho com ajuda dele como? A enfermeira já lhe tirou a sonda, foi a primeira coisa que tirou. Assentiu timidamente, envergonhada. Sem nenhuma maldade, sem pensar qualquer outra coisa, ele a ajudou a tirar a camisola, passou os cabelos dela para trás das costas e a ajudou a se sentar, nua, fraca e com vergonha, na cadeira de banho.

— Eu vou ficar um pouco falante hoje, espero que você não se importe — Ele sorria, sempre um sorriso grudado. Sorriso que não vai sair da cara dele nunca mais.

— Cuidado para não se molhar. — Ela disse, ouvindo o chuveiro ligar, o vendo regular a mangueira do chuveirinho que tinha o tamanho de uma ducha.

— Não tem problema. — Beijou-lhe o topo da cabeça, buscando o xampu que a irmã trouxe há quase uma semana, arrumados ali pela outra irmã. — Se você quiser que eu fique calado eu fico, mas eu queria te contar umas coisas.

— Você não precisa me contar. — Ela sentia a água bater na cabeça e sentia um alívio, um carinho da mão dele. Chegava a fechar o olho sem querer.

— Tudo bem, mas eu quero. Ficou tanto tempo guardado que parece que eu preciso contar para todo mundo, agora.

Então, conforme a água do banho limpava-lhe o corpo dolorido, conforme ele acarinhava o couro duro, enquanto ela não conseguia se banhar sozinha de tão mínima e reduzida, ele tirou o peso do próprio peito, pronto para dividir aquilo com ela. Não economizou palavra, nem o choro que veio, nem a dor. Só disse. Tudo de uma vez, passo a passo do como a sua Pacotinha nasceu.

Deu saudade da menina. Vontade de apertar e beijá-la muito. Ouvir a risadinha meiga e animada e não cansar de dizer o quanto ela era linda. Nunca cansou de dizer o quanto a Madalena era linda, nem nunca vai cansar.

Orgulhava-se? De ter passado por aquilo e sobrevivido para contar, de repente, sim. Contando uma segunda vez se dava conta do quanto aquela história era linda. Do quanto era lindo o fato de a Pacotinha ter sobrevivido, do quanto era linda a mãe dela. De repente, dividindo o pranto com a Bia que também tinha que aprender a dividir a carga, sentia o que nunca sentiu, em relação a essa história: orgulho. Fez o que fez, foi onde foi, brigou, tomou as dores.

Tudo vale a pena, lembra? E a alma dele não passa na porta.

Passou a medir mil pés de altura e um oceano de largura para ela, também. Agora sim, Gustavo. Agora, e assim. A água do chuveiro levava as lágrimas dela embora, orgulhosa dele, morta de orgulho, feliz por ter a honra de saber. Entende de quedas melhor que todo mundo, mas não sabia ler toda cartilha dos levantares.

Sorte, como a Cardiologista disse. Tudo no tempo que Deus quer, Dona Angélica diria. Tudo do jeito que tem que ser, sem mais e sem menos. Se cair do cavalo ruim acionou gatilho no Guto e o fez ver que ele não é perdedor, muito pelo contrário, então foi sorte o ter caído.

— Menina-Peixinho não, Amor. — Ela disse. Querendo dizer o que disse e os arredores, a voz mínima e rouca, muito colada nos sentires e nas emoções. — Sereia. Do mar. Especial demais para ser daqui. Sereia, Amor. A Mãezinha da Princesa é sereia.

— Uma sereia pretinha. — Ele sorriu, secando as pernas dela, depois do banho, ainda no banheiro.

— Uma sereia pretinha e olhões verdes. Você tem foto da Nice? Deve ser linda que que nem nossa Madalena. — Agora sim, isso era avanço. Agora sim

sentia orgulho dele, vontade dele, cega de amor como fica quando enlouquece. Agora sim. Pode ir, Bia. Corre lá. O Guto tá pronto e passa longe de Cabrito. Sorriu, vendo a porteira aberta, uma mão divina que lhe tirava o cabresto, alguém dando o tiro da largada: – Te amo, Gustavo.

Ele olhou para ela, parado com a toalha sobre os pés, um pouco surpreso. Não esperava isso vindo dela. De fato, não foram muitas as vezes que ouviu essas palavras. Uma vez vinda do pai, uma vez vinda da mãe. Uma ou duas meninas mais loucas, mas não mais. Não sabia o gosto que tinha e no como pega errado no ouvido.

— Eu tô feliz por você ter contado isso para mim. – Ela via o jeito dele, a maneira como a olhava ainda surpreso. As lágrimas que caíram do rosto dele foram o ponto alto. Perfeito. Muito emocionado, silenciosamente emocionado. Tão doído, aquele pranto foi. O Guto chorando é coisa que ninguém aguenta ver. Parece que o mundo tá girando o contrário. Nascia lua no meio dia. Ali, ele parado com a toalha, água dos olhos molhando a barba, não era mais choro de lua trocada. Era um pranto bonito de ver.

O primeiro amor é só o primeiro. Haverão mais. Andar errado na vida até achá-lo. Vagar no mundo e então lá está: Esperando. Lindo como nunca antes, toda uma visão nova. Não é primo, não é Cabrito, não é macho, nem irmão do Lipe. É Gustavo. Com todas as três sílabas e todas as honrarias que merece.

Coração de Gigante, porte de gigante. Algo do menino que sobra vai se espalhando num rosto adulto, iluminando um corpo sem cor. Não precisa dizer de volta, Gustavo, não falei para ouvir. Falei porque quis falar.

— Me dá a escova de dente. – Pediu, procurando com os olhos entre os potes ao redor da pia.

— Deixa eu terminar de te secar.

— Não, seca enquanto escovo.

Sem responder, ele estendeu a escova com pasta. Devagar, escovou os dentes, com ajuda dele, cuspidno no copo conforme ele mandava, com o mesmo cuidado que usava todas as manhãs com Madalena. Só faltou dar o mesmo apelido.

— Abaixa aqui, por favor.

A embrulhando com a toalha, como se a Bia tivesse vinte anos a menos, vícios de pai que não vão mudar nunca, ele baixou diante da cadeira dela, o sorriso que não vai mais embora. Vence quem reconhece a vitória do outro primeiro. Um homem, uma mulher, dois cavalos que chegavam juntos na linha. E o prêmio. Se abaixou um pouquinho para chegar mais perto, com saudades, combalida, voltando vencedora. Umas costelas não são nada. Dor de corpo sara. Estancaram o sangramento que vem de lá de dentro. Estancaram a ferida que

andava sangrando há anos:

Divide a carga você também, Bia.

Beijou-o, querendo erguer os braços e laçá-lo pelos ombros, mas não pôde. Beijou-o só o que conseguiu, tocando a barba com as pontas dos dedos, as mãos dele nos joelhos, sem avançar, nem recuar.

— Vem, - ele disse, se erguendo, marcado por dentro e por fora – que você não está bem para ficar só de toalha.

Capítulo 36

Beijava o curativo do peito dela toda vez que o refazia. Quinze dias vivendo de comida sem sal, dentro dos corredores do hospital, mandando a irmã de barrigão voltar para casa no minuto em que pisava em seu quarto. Ele a beijava sem dizer nada. Silêncio que ela decodificava aos poucos. Ele ia quando podia, antes do trabalho e na volta. Acordava ao redor dele, passava o dia ao redor da Alicinha e dos pais. Todos os dias. Se perguntava se seria assim também quando saísse do hospital e sabia a resposta. Lá fora tudo voltaria ao normal. Lá fora ela era a Botelho Ruim.

Não quer mais ser a Botelho Ruim, Bia? Com ele, não. Não tem como colocar armadura depois da batalha vencida. Ali era um Gustavo desarmado, ajoelhado na cama alta, mãos em gaze e remédios, todo o cuidado do mundo e a cabeça baixa. Dá, alguém responda isso, dá para se esconder na trincheira diante de um Sol que se ergue lindo, lá onde acaba a área da guerra e começa o paraíso?

De repente tinha medo de sair de lá. E se cansava de ficar tão parada. Nunca gostou de celulares; celular, na mão dela, serve para ver as horas, mas foi obrigada. Mandava no Ceceu de longe. Usava para receber fotos dos seus bichos, doida de vontade de voltar para as baías. Nem mandava mais o Sheik para lugares diversos quando ele ia vê-la, sempre cuidadoso e distante porque sabia que ela não era mulher para ele. Usava-o para mandar recados ao Ceceu. E mandava o Leo, de volta ao Brasil enquanto ela não saísse do hospital, realizar trabalhos que nunca foram seus.

— Bia, - A Alice tentava, toda vez que via a Bia no celular com o Ceceu (que tinha mais paciência com a moribunda que qualquer sujeito no universo) – me dá esse telefone.

— Calma, cacete. Não ‘cabei.

— Bia.

E a lista de afazeres escorria pelo quarto, da boca dela para os ouvidos do Ceceu até que ela se esgotasse da lufada de ar e o deixasse trabalhar. Voltou-se para a irmã e não entendeu o que era aquela cara de desaprovação. Não pode cuidar dos cavalos, não pode sair daquele lugar e ainda por cima não pode saber como seus filhotes estão?

— Bia, não é para você trabalhar.

— E o que eu tô fazendo é trabalho desde quando? Tá me vendo montada nos meus bichos? Tá me vendo de chapéu? Eu tô tão aqui que não aguento mais!

— Você não tá trabalhando e nem deixa o Ceceu trabalhar.

— Como não deixo?

— Quantas vezes você liga para por dia?

— Só duas.

— Bia, ou o Ceceu te atende, ou ele trabalha.

— Se ele estivesse incomodado com as vezes que eu ligo, ele mesmo diria, ele não é homem de mandar recado.

Só que tinha uma luz neon que piscava na testa dela: Patroa. E o Ceceu preza muito o trabalho que tem, para dizer verdades na orelha dela.

— Eu vou ligar menos. – Se consolou, sentindo-se culpada, coçando a cabeça – Falta muito para eu sair daqui?

— Bia, você precisa de férias.

— Eu já tô tirando férias. Ó esse mundaréu de nada que eu tô fazendo aqui!

— Não, isso não é férias. Tô falando de férias, férias.

— Cê tá é doida que eu vou deixar meus filhotes tudo sem mãe. Já estão lá sem eu saber como estão, não fico nem mais um dia sem eles, depois que eu sair daqui.

A Alta demorou e ela só foi liberada porque o Guto prometeu ao Moacir que ele cuidaria dela em casa. A Bia não saiu de lá com a roupa do corpo, como entrou. Saiu com malas. Coisas que as irmãs traziam, coisas que ganhava. Uma bíblia de indicações médicas, remédios, três ou quatro guias de fisioterapia. As costelas descoladas demorariam muito a se colar.

Para acabar logo com a discussão na frente do médico, dizia que sim, que aprendeu a lição, que não vai mais subir na potranca indomável, que não vai mais usá-la em competição, mas quem ouvia àquela promessa fajuta dela, já lia a verdade que escapava junto. Verdade seja dita: ela vai montar na Bel primeiro, fazer as pazes, pedir desculpa por ter sido relapsa quando estava no comando das duas.

O Guto esperou, pelo menos, que depois que chegasse em casa ela fosse descansar, que demorasse até o dia seguinte para ver seus filhos, mas não conseguiu segurá-la por mais de duas horas em casa.

A geladeira dela abastecida, os lençóis trocados. Obedeceu quando o Guto a mandou tomar banho, comeu o café da tarde que a mãe preparou com carinho, riu das brincadeiras da Manuela com Madalena, mas bastou cada um ir para o seu canto que ela se enfiou no estábulo dos cavalos premium, direto e reto para uma Bel que guardava rancor.

Os homens dela sabiam que era isso o que ela faria. Conheciam-na onde a família não queria conhecer. Nunca que Bianca Botelho vai para casa sem passar na Baía dos filhos. Muito carinho e torrão de açúcar para cada um, muito beijinho perto das orelhas. Não se sabe se cavalo gostava de carinho assim, ou se

ela os acostumava mal. Focinhavam-na, um por vez esperando seu carinho, bem onde o machucado curava devagar.

Cavalo sabe que mulher não é ameaça, parece. Ali, a Bia sozinha com seus amores, recebia as lambidas e os beijava perto da orelha, os acarinhava com cuidado, pedindo desculpa pela ausência. Depois, na última baia, já coberta para dormir, ela encarou a Potranca Bel com o coração miudinho, cheia de dores e culpas.

Uma longa conversa com o cavalo, quase pranto. Fazia as pazes. Ofereceu torrão de açúcar e depois maçã, acarinhando o espaço da barriga dela que não tinha pelo, queimado de atrito, na queda. A Bel também se machucou, ralou-se toda no asfalto novinho da pista de corrida. A orelhinha esquerda inchada, também. Contaram que ela não aceitou sair da baia com ninguém e a Bia, culpada, pensou que a potranca não fosse sair com ela, também.

Mas saiu. E a Bia quase chorou de emoção de fortalecer seu vínculo com o cavalo ruim como ela. Foi recomendado que sequer erguesse os braços: Agradeceu quando colocou a cela, agradeceu quando colocou o cabresto. Agradeceu quando colocou a guia e beijou-a por todo o rosto enquanto a guiava, a pé, até a pista.

— Bel... - A Bia quase chorava de saudade e medo por não dar conta da cavalona desafiadora que tinha na guia.

Se tem um ponto alto na carreira dessa Botelho, não foi o momento em que foi a Portugal por ser muito boa de Doma, não foi passando a perna no Jorge, não foi quando abriram a *Botelho Breed & Race Horses*. Foi no dia em que ela saiu da cama com maxilar de aço, quase depressiva de tanto nada que fazia, e decidiu tentar de novo. Domar o bicho que ninguém domou. Quatro anos num redondel porque tinham medo do cavalo.

Assim que saiu da cama, a prótese inchada ainda, fez uma pequena mala com roupas, mandou instalar um banheiro químico dentro do redondel da Bel e se instalou, como se ela também fosse cavalo, lá dentro com ela.

Nos primeiros quinze dias, a Dê ficava doida: nem para banho. Nem para comer. Se sentia fome, mandava vir marmita para si lá para dentro, nada de sair. Comia observando o cavalo que a observava de volta, mastigando feno, desconfiada. Dormia em cima do feno, num cobertor, fizesse sol ou fizesse chuva.

No primeiro mês, não conseguiu mais que dar um torrão de açúcar, um para o cavalo, outro para si. E dois banhos.

Ao final do terceiro mês, quando a Dê cansou de gritar com ela, cansou de tentar ter alguma racionalidade, as duas dormiam juntas, cavalona e cavalinha, a Bia montava na Bel sem sela, sem cabresto, sem guia. Colocava a

mãozica na crina da cavalonga e forçava para baixo, parecia encantamento, quem viu conta até hoje: segurando a crina do cavalo colocava-a deitada, mansa, sem se mover. Era capaz de dar carinho até fazê-la dormir e, na primeira volta livre, quando tomava o cavalo por seu e fincava a bandeira no animal impossível, assustou-se com a velocidade.

Agora, sozinha na pista iluminada por postes altos, a noite caía. Viu Leo primeiro e revirou os olhos, bosta de macho que não se põe no lugar dele. Depois viu o Sheik que aparecia devagarinho, ele também que a conhecia um bocado. Leo num canto, sentado num banco, de vigia. E o Sheik, que não atreveu se aproximar e tinha mais amor pelos cavalos que por ela.

Tentou subir sozinha, a dor lancinante das costelas foi pior que a dor do peito. Dor de cegar. Não vai conseguir subir? Era premonitório: será que não vai conseguir subir nunca mais? Sentiu a água salgada pela barreira dos olhos, a dor da costela misturada com a dor no coração. Não vai subir, Botelho?

Pela cerca, o Leo e o Sheik se levantaram, mas nenhum deles deram o primeiro passo: só tinham medo que caísse.

— Bel, a mãe precisa de um favor. — Sorriu, querendo chorar, sentindo o peito se comprimir numa onda de angústia porque cuidar de cavalo era tudo o que não podia deixar de fazer na vida.

— BIA! — O Leo tentou — ESPERA FICAR BOA DE NOVO!

— VAI EMBORA DAQUI! — Queria gritar, botar os bofes para fora e urrar com ele, descontar nele o desespero de não conseguir subir, mas não saiu mais do que um ronco rouco como alguém que passa a vida inteira no cigarro querendo correr uma maratona — Porra de moleque do caralho. — E retomou com a égua: - Bel, baixa um pouco, amor. A Mãe tá ruim.

Pela crina, sem conseguir erguer o braço direito, só com o esquerdo, puxou a crina da égua para baixo, não como um moleque que puxa o cabelo da menina a quem não sabe fazer-se notar, mas forçando o dorso inteiro para baixo, usando a crina só de alça, sem machucar.

Deste modo, como se a cavala soubesse o que a mãe queria, sem sentir pressão suficiente no dorso para se render, ela baixou as patas dianteiras primeiro, curvando a cabeça para o chão, como se entendesse que aquela era a sua dona e a quem servisse.

As patas traseiras encostaram-se no chão um momento depois que as dianteiras baixaram. Não a deitou de lado, mas subiu no cavalo baixo com menos esforço, ouviu o bufido da égua e pediu, movimentando a guia, que se erguesse.

De volta ao lugar que era o seu. Tentou puxar todo o ar do mundo pelos pulmões, mas não conseguiu. Olhava o céu, a pista vazia, sabia que era loucura

correr naquele estado e não tentou, só queria provar-se viva outra vez, inteira, pulando mais este obstáculo da vida e, dessa vez, sentindo-se bem sozinha, mesmo que vigiada de perto por todo mundo.

No topo daquele cavalo (que para ela era o mesmo que o topo do mundo), olhava ao redor, olhava a pista vazia, aos estábulos fechados com cavalos bem cuidados dentro, todos cobertos e protegidos do tempo, lá ao fundo via o hospital que ergueu quando a irmã mandou poupar dinheiro, depois, via o muro de aço erguido para proteger aos cavalos que valiam uma fortuna e luzes que representavam outras áreas do Jockey que era seu.

Deu no noticiário das nove que a presidente do Jockey estava internada depois de uma queda com o cavalo mais rápido do mundo. Os jornais escreveram sobre ela e o cavalo, alguém fotografou Gustavo sem camisa guiando o cavalo premiado e a Bia até a baía do amistoso, em pleno voo sem saber que eram alados, alguns portais de notícias quiseram saber quem eram e como ninguém nunca falou deles antes, o Jornal televisivo fez uma nota rápida e todos os fazendeiros até Goiás tinham conhecimento de quem era Bianca Botelho.

Lá fora, a Dê mostrava para ela enquanto se recuperava, na cama de hospital: a fama da mulher que caiu com o cavalo mais rápido no mundo se espalhou, não de forma negativa como é esperado quando alguém cai, mas de forma positiva porque eles sabiam que em outros amistosos e outras competições, Bianca, a única mulher e brasileira que se arriscava, era sempre vencedora quando seu cavalo decidia competir também.

O Jockey do Flamengo pedia um retorno, outra partida, rivalidade carioca e paulista que nunca foi superada e ela disse, ainda deitada na cama, que só faria outro amistoso se eles demitissem o veterinário chefe, diretor de todos os veterinários do Jockey.

O que tinha, por ter caído, não era mais raiva de si. Por ter se levantado, o que tinha era raiva dele e não se perdoaria se o deixasse vencer de novo.

Com quinze anos, pensava. Com tempo e sem conseguir cuidar de seus cavalinhos, teve tempo suficiente para pensar em tudo o que se prevenia de pensar enquanto trabalhava:

Ele fez o que fez porque ela só tinha quinze anos. Ele conseguiu usar uma mocinha de amante, arrebatá-la na porrada em motéis imundos por Poços de Caldas, pedir desculpas com canduras bestas, fazer um filho nela e mandá-la tirar por medo de ser descoberto. Ele sabia que o tal amor que cantava era crime: ela só acreditava que era amor.

Com trinta e poucos não permitiu ser vencida. Tinha o que ele não tinha, possuía recursos, contatos, poder e dinheiro. Podia pedir que o Jockey vizinho

demitisse seu veterinário chefe só por capricho e sabe, se conseguisse amizade suficiente com o dono de lá, que ele seria demitido e, mesmo que ninguém mais soubesse, ele saberia o porquê.

Por isso fazia tanta questão de montar na Bel de novo. Tudo doía a cada sacolejo de trote que a cavala dava, sentia como se as costelas a espetassem por dentro, mal coordenava a respiração e sentia falta de ar por conta da dor, das lágrimas e do cansaço.

Mas, por dentro, montar na Bel era dizer para si que ela foi onde ninguém vai. Que a irmã dela a colocou neste pedestal de conquistas, que ela faz o que quiser porque ela sabe o que é melhor para si. Sustentando famílias com seu próprio trabalho, vigiada de perto por amigos queridos, amada por um homem bom, justo e de coração mole demais (embora a boca fosse por demasiado dura), não se permitiria jamais, mesmo que a presença dele a tivesse confundido o suficiente para cair do cavalo, perder-se por um sujeito que só queria saber de vencer uma menininha de quinze anos.

Toda vez que ela acorda e sai da cama, ela os vence, Gustavo bem já disse uma vez. Vida miserável, essa, a de ser subjugada por dois homens que não se conheciam. Vida miserável essa, a de encontrar pelo caminho gente que tinha um perfil claro do que era mulher e que queria condená-la a essa caixinha besta que impede que mulheres sejam o que são de verdade.

A Pégaso.

— Vem, Pequena, - ele disse, sorrindo porque lia no jeito dela, nas lágrimas dela, tudo o que ela pensava – te ajudo a descer.

— Não briga comigo – Ela chorou quando deixou a palavra encostar na língua. – Eu só vim aqui –

— Não tô aqui pra brigar. – Cortou, parando a mão na lombar do cavalo, sentindo mar escorrer dos olhos também – Você não vai conseguir fazer a Bel deitar para descer, só tô aqui para te ajudar.

— Eu não quero descer agora.

— Dá a guia dela pra mim.

De novo. À frente, devagar porque a Bel tendia sempre a ir muito mais rápido, ele conduzia ambas sem falar nada, guiando os passos das duas, sem olhar a nenhuma delas, sorrindo porque, de repente, ele também se via encaixado e acertado, sob o perdão do mundo por não ter sabido salvar uma mãezinha, sob a desculpa do amor que o faria continuar até muitos anos depois do primeiro arrebatamento, de peito aberto porque era a primeira vez na vida em que não precisava mentir quem era, nem sobre o que tinha feito, nem sobre o que sentia.

Ele não viu, mas ela viu. Gustavo à frente, a corda que guiava a égua sobre um dos ombros, a cabeça baixa e o barulho das botas riscando o chão que

ele próprio mandou pavimentar, ela entendia que tipo de pássaro ele era:

Fênix. Na noite, tudo o que ele toca queima. Irmão que habita, sim, isso é verdade, entre os Ferreira é ele quem dá casa; mas, no mundo, sozinho, como ele gosta de ser, o farol é ele. Homem de se queimar junto e voar para onde ninguém vai. Fazer o que ninguém faz.

O Fênix.

— Vai descer agora?

— Não, espera, não se mexe.

— O que foi?

— Pega a crina da Bel, mas não puxa.

— Eu não vou fazer o que ninguém além de você fez. Com você em cima dela, ela vai te jogar para longe e você não tá boa.

— Confia, caralho. Pega a porra da crina.

Antes de pegar a crina, olhou bem dentro dos olhos da Bel, deu um beijo no rosto dela, chegou com a mão na barriga do bicho, num carinho cauteloso, se fazendo presente e tentando explicar, sem palavras, que ele é homem, mas não é ameaça.

Com cuidado, sem que a Bia pedisse de novo, com as duas mãos, uma, na crina bem abaixo do pescoço, outra, na lombar da Bel, bem depois que a Bia estava sentada, forçando os dois lados para fora e para baixo, sorrindo e encantando a Bel ele também, ela se ajoelhou no chão, sob o jugo dele, e a Bia desmontou.

— Coloca ela lá no estábulo comigo?

Capítulo 37

Cura? Não, não, para isso não tem cura. História não cura, o tempo esmaece os fatos, mas eles estão lá: você aprende a conviver e muda os óculos. Deixa de se ver como vítima, passa a ser heroína da própria vida. Ela vence. Todo dia que sai para tomar café do lado de fora de casa só para contemplar tudo o que é seu, ela vence, mesmo quando seu maxilar dói. Essa é a punição aos malfeitores: nenhum deles conseguiu fazê-la bonitinha e comportada, asseada e limpa. Eles não conseguiram deitá-la na lona. Na verdade, eles não conseguiram nada. Não é vitória para ninguém induzir uma menina de quinze anos a abortar só para não ter que sustentar um filho fora do casamento. Não é vitória para ninguém o bater no amor da gente e submetê-la a corretivos por ser selvagem. Os louros são todos dela. Todo o resto é perda para eles.

— Respira, amor. — O Lipe diz para a dele, todo nervoso sem querer parecer. — Não esquece de respirar.

Eu sabia que não aguentaria parto da minha melhor amiga sem chorar. Eu chorei tanto como no dia em que minha Madalena nasceu e não conseguia dizer o porquê. Já passavam das vinte horas de trabalho de parto, seriam muitas mais e eu, que passei ileso das seis primeiras, não conseguia mais me manter completo. Despedaçava a cada chorinho dolorido e acarinhado que ela soltava sem querer.

O que nós quatro temos, que não dividimos com mais ninguém? No quarto dos dois, no box-in-a-box separado do mundo por uma camada de óleo, o sistema de bluetooth tocava uma playlist que o Lipe já tinha pronta há semanas.

Sempre com muxoxos baixinhos, fluía entre a cama e o chuveiro quente, amparada pelo marido, paparicada com chás calmantes e chocolates o tempo todo até chegar a hora e entrar, com ajuda, na piscina inflável e infantil cheia de água quente.

— Minha nossa Senhora, essa doeu. — E fez cara feia, franzindo a testa, chorando, agoniada das dores que se vem e se vão, mas não terminam.

— Falta pouquinho, princesa. — A Bia, que esperou por este momento quase como a irmã, acarinhava os cabelos dela, segurando-lhe a mão esquerda nos lábios, afastando o suor que escorria da testa para a têmpora.

Ocupei a mesma posição que ocupava há vinte anos no parto da Manu. A mesma doula da Madalena, que quase não tem mais força nas mãos e usa óculos fundo de garrafa para ver de perto, sorri para mim, sentada numa cadeira por perto, lembrando do menininho viciado em partos do Youtube que agora não consegue ser o mesmo menino calmo de antes. Por baixo da minha pele, de nervos, gatilhos e mágoas, fluía uma lava ardida, nervosa, que eu tentava fingir

que não existia porque aquele parto não tinha nada que ver com a carnificina e descaso que foi o outro.

A Dê, por outro lado, olhava para mim e chorava de emoção. Sempre soube da minha história. Era com ela que eu me consultava quando não tinha mais ninguém. Foi com o dinheiro dela, num cartão que ela me emprestou e eu me recusei a usar até ter um bebê sem mãe e prematuro nos braços. Me via chorar e sorria, chorando também, agradecida, por saber o quanto me era difícil estar ali, naquele cenário, ouvindo queixas de dor, vendo o sangue escorrer pelas pernas, sentir tudo aquilo de novo.

A Bia, com olhos apaixonados, se dividia entre fazer carinho na irmã e esperar que a bebê quisesse vir ao mundo. Estava tudo como tinha que ser: a dilatação aumentando um pouco por vez, a minha mão que ia até a cabecinha do bebê e tinha o privilégio de acarinhá-la ainda dentro da mãe, os choros baixinhos de mãezinha assustada e os cheiros de velas aromáticas – o Lipe pediu para a mãe comprar as mesmas velas que iluminaram o parto da Manu.

Eu disse a ele: Lipe, fica atrás da Dê e faz massagem na lombar. Não solta dela, o parto é seu também. Com os olhos molhados e o sorriso triste característicos do meu irmão, eu podia ver que ele morria de medo de dar alguma coisa errada. O meu irmão de quase trinta anos era de novo o menino de nove anos assustado e triste de ver o amor dele passando por tanta dor. De bermuda, atrás da esposa, apoiava a lombar dela com as mãos e a segurava de cócoras para que não caísse.

Ficava repetindo, por vezes, com ternura, confessando que não tinha medo que viesse menina. Moleca de olho azul, ele falava. Sabia que a esposa não queria saber o sexo por medo de desapontá-lo. Dizia, baixinho e só para ela que aquele barrigão cheio de amor que chutava muito nos dias quentes era a coisa mais bonita que ela já tinha feito por ele.

Nos olhos da Bia eu via exatamente o que ela queria.

— Quando eu pedir, Dê, você faz bastante força – Cansado de chorar e de olhos cozidos, eu segurava uma das pernas da Dê e sorria.

— Não chora, Amor. – A Bia pedia, olhando para mim.

Não dá para não chorar. Eu queria que o parto da minha pretinha tivesse sido um quinto de bonito como era esse.

— Não chora, Guto. – A Dê pedia, ela também cheia de água nos olhos.

— Tá tudo bem, Nina – Eu disse para a Dê – Não é só choro de tristeza. – Limpei os olhos nos pulsos molhados com a água da piscina e sorri, olhando para a Dê e para o Lipe, sob o Sol da manhã que batia na janela fechada. – Traz o bebê pro mundo?

— Faz força, Nina. – O Lipe pedia, baixinho, segurando na mão dela e

servindo de apoio, sorrindo e chorando, olhando-a com amor nos olhos enquanto ela empurrava com tudo o que tinha, urro que vinha do baixo-ventre, a mão dele cada vez mais esmagada pela dela, a Bia esperando o bebê ali, do meu lado, nós dois olhando para a Dê e a força que ela tinha. – Faz força, Nina. Traz nosso amor.

E a Dê empurrou. E empurrou. E o Lipe servia de apoio para ela, cantava as palavras de amor, de incentivo, todo ali sem vergonha nem medo, o moleque de flor roubada todo ali, todo emocionado e congestionado de amor, esperando para ver que rostinho tinha o filho dele.

Do mesmo jeitinho que a Manu, a bebê quando saiu, não se tocou que estava fora do útero. A água era quentinha, o ambiente era calmo e ela flutuava na água. Juntou os bracinhos pertinho do corpinho e era como se dormisse.

— Quer contar para a sua outra Nina que ela já saiu de dentro da mãe? – Sorri, manchado de lágrimas, todo emocionado e sentido, de ver que a bebê era menina.

Tão pequenininha! Tão frágil! O Lipe olhava para ela e sorria, todo cheio de lágrimas, um choro feliz que brotava. Cinco anos, uma Vaca Megera e agora isso. Com cuidado, pegou a bebê da água e, com instruções da Bia, a bebê não chorou – só espirrou. Foi assim que a menina veio ao mundo: sem chorar. Abriu os olhinhos enquanto a doula fechava a cortina para diminuir a quantidade de luz ali dentro e logo se abrigou ali no vão do peito da mãe, que, fraca, se sentou na água e não quis sair, abraçada na bebê, ligada a ela pelo cordão umbilical.

As doulas chamam esse momento de hora dourada. Bem quando a mãe vê o que tem carregado há nove meses. Segurando a cabecinha toda sujinha da filha, de sebo e de sangue, ela olhava, se enchia de choro, olhava o marido, mal acreditava que seu corpo era capaz de produzir uma coisinha tão perfeita e tão pequena.

— Olga. – O Lipe e a Dê disseram, um olhando para o outro.

— Olga? – O Lipe perguntou, afastando os cabelos dela da testa molhada, acariciando as bordas de seu rosto.

— É, Marido. – A Dê completou, com amor.

Ficaram ali, abraçadinhos, os três, até enquanto a Dê quis. E eu pedi para a doula cortar o cordão e preparar a bebê porque eu não podia mais. Consegui, por quase trinta horas, me manter são e ocupado o suficiente para não perder a cabeça. Bebês e mães e choro de dor são meu ponto fraco e eu fingi, enquanto era necessário, que não confundia o choro de dor da Dê com o choro de dor da mãe da minha filha.

No momento em que eu percebi que os três estavam bem, que o parto não foi nada parecido com o parto da minha filha, eu respirei fundo buscando

algum controle para sair intacto, sem atrapalhá-los, e fui embora.

Passei do quarto para o corredor e do corredor para as escadas sem ver. Decorei o caminho daquela casa, subia e descia as escadas sem ver os degraus, reconhecia tudo no escuro por já ter sido a minha casa.

— Gu? – Ouvi a Bia atrás de mim – Tá tudo bem?

— Vai ajudar a Dê com o bebê. – Ela precisava mais dela do que eu.

— Não, deixa eles lá. – Sorriu. – Muita ajuda quem não atrapalha.

— Vai passar – Sorri o pior sorriso que podia sorrir, enfiei as mãos para dentro do bolso para não mostrar que tremia e saí.

— Eu sei que vai passar, mas não precisa. Vem, Gustavo, dá a mão para mim, te ajudo.

— Não posso.

— Não me afasta, Gu, por favor, deixa eu te ajudar.

— Eu nem sei como que eu quero a sua ajuda.

— Não vou deixar você sozinho. Vem, amor, vamos para casa.

Me fechou num universo quente e molhado, de um metro por um metro e meio, mais ou menos limpo, dentro do banheiro da casa que agora era nossa. Me deixou chorar debaixo do chuveiro, mas eu não queria chorar, me dava espaço entre as escápulas, me acarinhava onde conseguia, sem me rodear o pescoço porque ainda não conseguia erguer os braços.

— Eu não quero chorar.

— Então não chore.

— Eu só não sei o que fazer.

Lavou o corpo de seu homem como se fosse a primeira vez que o visse, como se quisesse lavar a alma também. O Guto repetia, como matraca velha: cuida do braço, não faz força, mas ela continuava, mula turrone que era, esfregando o sabão contra o corpo, beijando a pele molhada, aspirando o cheiro natural dele, identificando a carne e o couro, procurando calmarias no corpo-fluído de lava e nervos desajustados como o fio desencapado de um contato elétrico.

— Vamo'cortar esse cabelo?

— Faz comigo o que quiser.

— Não posso – entenda como quiser – você vai acabar com as minhas costelas.

Não perdoa nem quando rememora luto? E usava de desculpas:

— Você me conhece tem uns trinta anos, menino. Deve ter descobrido

que boa coisa não sou.

— Agora não. – Ele respondeu, honesto – Que cabeí de sair de um parto.

— Tô sabendo. – Sorriu, devolvendo o sabão para a saboneteira – ‘Tava lá. Lava seu cabelo, Guto, não consigo lavar, tá muito alto pra mim.

— Quer que lava o seu também?

Virou-se de costas para ele, dizendo que sim, tentando suspender a vontade que tinha, toda vez que presenciava partos, em ter seu próprio. Sentia a mão dele, perfumada de xampu, na raiz de seus cabelos, por trás das orelhas, na nuca. Nem um pouco delicadas, eram, mas se tornavam, quando chegavam perto dela assim, sem querer mal.

Sorriu envergonhada por querer maldade com um homem enlutado, sentindo o arrepio brotar da cabeça e correr até a planta dos pés, os bicos dos peitos pesarem, cheia de vontade, a boca salivando de desejo. Promíscua, lembrava. Também sempre foi. E o Guto teve trinta anos para entender o que levava para casa quando resolveu se render. Mal podia ver um sujeito de chapéu que estava ali, no ombro dele, cheia de fala mansa e mau-caratismo, jogando na cara dele a calça atolada, os braços firmes, a peitaria indecente que Deus lhe deu.

— Para, Pequena – O “para” que os homens conhecem como “continua” quando dito pelas mulheres, e que ela entendeu como “não me força”. – Agora não.

— Eu já entendi, tô quietinha aqui na minha, você quem tá buscando briga.

Toda vez que ele lava seu cabelo, desde que caiu da Bel, é a mesma coisa. Quer se ver empurrada contra o azulejo frio, espremida entre os braços dele, laçando-o com as pernas. O ponto fraco que sequer sabia que era um ponto fraco porque ninguém, com uma bunda daquele tamanho, peitos daquele tamanho, toda feita para viver na horizontal, se lembrou que ela tem cabelos e lhe fez carinho ali.

Os mesmos cabelos, ria baixinho para que ele não visse, enquanto tentava se controlar do fogaréu, que ele um dia disse que eram bem maltratados. E que ela não durava nem quinze minutos.

Alguém algum dia disse para o médico que ela durava sim, bem mais que quinze minutos? Bastavam colocá-la em cima do touro certo que ela durava bem mais que os oito segundos que diziam limite. Fazia o balé que peão nenhum no mundo superava e dançava, como se fosse dança mesmo, até o touro se dar por liquidado.

Mas ali não era hora disso. A Dê tinha virado mãezinha, o Lipe estava todo encantado com seu reino e seu castelo, prontinho e tinindo por ser pai, a família inteira esperando ligação deles para comemorar a bênção.

E ele ali, coitado. Sem conseguir cantar a vitória do irmão, com uma puta molhada de peito duro só de pensar receber um mínimo de carinho que fosse.

Parto sempre dava vontade nela de ter filho. Antes eram só com as potrancas, fosse o ritual que fosse, parto é bênção e a Bia nunca achou nem nojento, nem dolorido, nem feio. Era lindo. Enquanto beijava a mão da irmã, agradecia em silêncio pela dádiva de assistir e por ser o seu homem aquele que primeiro colocou a mão na cria.

E o jeito como o Guto a chamava de Nina... O jeito, com os olhos tão molhados que pareciam até mais claros, que ele segurava nela, inteira peladinha e frágil naquele barrigão, sorrindo e com voz de veludo, dando a mão para ela e comandando o Lipe. Se pudesse ser ela ali, naquela banheirica de nada, paparicada por ele, chamada de diminutivos tontos e ouvindo aquela voz maravilhosa dele...

Daria quase tudo no mundo para que fosse ela, nem que fosse só uma vez, umazinha só...

Não disse nada. Sentiu sua cabeça puxada para debaixo da torrente, sabia que ele já enxaguava, sentiu a maciez do condicionador, as mãos dele desembaraçando seus fios, sentia moleza pelo carinho, tudo isso com as palavras travadas nos dentes, louca de vontade de pedir para ficar grávida.

Em respeito, não disse. Ele tem trauma com parto, a Princesa nem falava ainda, tudo muito recente, ele guardou aquilo tudo consigo por muito tempo e só agora é que tinha coragem de contar, só agora que podia pensar em se tratar, em esquecer da dor, em conviver com os despojos da guerra, em concentrar seus esforços para ter a guarda definitiva da menina.

— Quando a Dê sair do resguardo, depois que a bebezinha aprender a pegar o peito sem machucar a tetinha dela, a gente vai, você e eu, lá para a terra da Madalena e vai resolver o que quer que você tenha deixado suspenso.

— Não posso.

— Não só pode, Gustavo, como vai. Que eu não tenho tudo isso de recurso, advogado, auxílio e contato para você ficar na mão de pescador. Se ele quiser dinheiro a gente vai dar dinheiro, se ele quiser briga a gente vai dar briga, se ele só quiser pisar no seu calo, Amor, a gente vai mostrar pra ele que em calo de Botelho não se pisa.

— Ferreira.

— Ferreira o quê?

— Em calo de Ferreira não se pisa.

— Tome tento, Gustavo, que você, seu pai e seu irmão são tudo feito de calo pisado.

— Como é que é?

— Não tô falando novidade, sô. Prest'enção no Lipe e no seu pai que tá na cara, ó, para todo mundo ver. Pensa nuns cabra que gosta de pisão.

— Engole as palavras, Botelho. Que a gente não é trouxa, não.

— Não tô falando de trouxice, tô falando é de homem que gosta de ser capacho.

— Fala direito comigo.

— Ué, - ué – e tô errada?

— Se você tá achando que homem que trata o amor direito é capacho, sua mãe te deu uma educação de merda. – Quem fala o que quer... - Tudo o que o Lipe e eu somos a gente deve ao nosso pai, e se você tá achando que tem capacho aqui, eu acho melhor caçar outra mulher pra por no teu lugar.

— Não fala isso.

— Fala direito comigo. – Repetiu, colocando a cabeça dela embaixo do jato do chuveiro de novo – A gente é o que é, Botelho. Todos com parafuso a menos e com queda por mulher doida, é verdade, mas isso não te dá o direito de chamar a gente de capacho.

— Desculpa.

— Menos o meu pai, - cedeu, diluindo a bronca numa piadinha – que ele gosta de pé. Daí tudo bem chamar ele de capacho.

Ela sorriu de volta, um pouco confusa com a bronca.

— O homem mais forte que eu conheço acabou de ganhar filha e eu nem consegui ficar lá para ver cortar o cordão.

— Ele vai entender, Gus.

— Mas eu não vou. – Desligou o chuveiro – Você vai cortar meu cabelo?

— Se você quiser...

— Porque se não for, eu tenho que ir lá na casa da Dê fazer comida para ela.

— Eu vou junto, uai, porque tá me excluindo?

— Não tô. – Estava – É que eu me prometi que assim que a Dê ganhasse neném eu faria com ela o que as mãezinhas antigas fazem com as filhas.

Com uma máquina veterinária de cortar pelos que a Bia tinha desde quando fazia residência em cachorros domésticos, sentou-se na privada com um roupão cobrindo o corpo e fez o Guto se sentar no chão, com ombros e costas protegidos por uma toalha, e enquanto ela passava a máquina, ele contava da tradição que ele ouvia das mãezinhas antigas sobre fazer pirão de peixe para dar sustância na filha que ganhou neném.

— E eu sempre guardei comigo que precisava fazer isso com as mulheres da minha família.

— Por isso que tem pescada e cabeça de peixe na geladeira?

— É, fui no mercado.

Sem erguer o braço, passou a máquina na cabeça dele e, depois, com cuidado, acarinhou toda a crina para ter certeza de que estava tudo do mesmo tamanho. Parecia outro. Ele sorriu sem entender o olho brilhante dela, tirou a toalha do redor dos ombros e a máquina da mão dela. Viu-se no espelho: parecia de novo o Guto que foi para a Bahia, não mais o Guto que voltava.

Para ela, parecia-se mais com o Guto que ela acreditava que existia depois da amargura e do caos. Um Guto forte, equilibrado e levemente promíscuo. A pontinha quebrada do sorriso era como a da mãe: mostra que não presta nem um pouco.

— Tô esquisito. – Comentou, reparando nos cabelos soltos, cortados, menores que cílios, ao redor dos ombros – Você pode dar uma olhada na minha menina enquanto eu me lavo de novo?

— Tá esquisito não. – Sorriu, abrindo a porta do banheiro e saindo sem roupão, seca o suficiente para se vestir – Tá lindo.

— Você fala isso o tempo todo.

— É que pra mim você é lindo o tempo todo – Respondeu, sabendo que ele não ouviria.

Capítulo 38

Com a simplicidade que o Guto não acha nos pais, nem nos irmãos, nem nos agregados da família, ele entrou na casa do irmão, vazia ainda, sabendo que os dois curtiam a novidade e que se amavam mais do que já se amaram qualquer dia, ele abria escamas de peixe, quebrava espinhas, preparava, ele e a dele, numa infusão cheirosa que regava a casa inteira, como se ele soubesse cozinhar.

Se ela já não soubesse que ele era o cara certo, tinha descoberto ali. Ele cuida da irmã dela o tanto que ela gostaria de cuidar, ele fala com a irmã dela o tanto que ela gostaria de falar. Os anos, os vãos, ela sabe, tudo as afastou. Tem agora um abismo que as separa, um mar de mágoas que as duas já disseram ser passado, um mar de decepções que ambas já disseram ter esquecido, mas nunca deixaram, ao passo que falavam, de fato, de lado.

Ainda se amavam, ela sabia, cortando cheiro verde para ele, que aquilo era o máximo de amor que conseguia demonstrar recentemente. Tinha tanta coisa para dizer! Tanta coisa para comemorar! Vivia falando que a irmã estava grávida e faria tudo antes de o bebê nascer para ajudá-la onde fosse possível, mas tinha vergonha de entrar no quarto dela e oferecer ajuda. Agora ela tinha gente demais, não eram só mais as duas, abraçadas com um rombo na conta, sem saber como fazer para cobrir. Agora ela tinha o Lipe, tinha o Guto, seu confidente. Agora ela tinha até a Alicinha que vivia dependurada no telefone.

Agora. Tudo tão diferente! Sorria pensando no nomezinho da bebê nova: Olga. Por que será, né? Não que não goste, não é isso, mas parece que Andressa é nome de criança e Olga é que é o nome da mãe.

O Guto pediu o cheiro verde cortado para jogar dentro da sopa, ela deu, tudo cortadinho bem pequenininho, perguntou se queria que cortasse outra coisa, ele falou para cortar mais alho e mais cebola e ela foi, sem dizer nada, pensando que o ele é que era o confidente de sua irmã, no fundo. Que eles sempre se conversaram mais e que eles sempre se deram melhor.

Queria cuidar e proteger e acarinhar a irmã, mas, como fazer isso, depois de tantos anos sendo protegida e acarinhada? Se não está grávida e apanhando todo dia é por causa dela. Se tem um monte de cavalinho no quintal é por causa dela, não é?

Triste, pensava nas contribuições que tinha feito para a irmã e não conseguiu pensar em nenhuma. Sempre precisando, sempre pedindo, sempre enfiando os pés pelas mãos. O que foi que você deu pela sua irmã, Bia?

Contentou-se em fazer o pirão, bem forte e bem pesado, do jeito que o Guto falou que tinha que ser, nem contestou que coisas pesadas para uma mulher

pós-parto parecia uma ideia idiota, só mexeu, cortou, baixou o fogo e continuou às sombras e, quando ele pediu para fazer uma bandeja bem bonita para ela, (porque ele não tinha tato nenhum para decorações), agrupou prato, copo, talheres e guardanapos e mais nada.

— Assim não tá bonito, Bia.

—E você acha que eu levo jeito com frufu?

— Tá faltando flor.

O Guto falando isso? O que é que a Dê tem que arranca flor de mato seco? Catou qualquer flor que estivesse na cozinha, o Lipe, nesses tempos de quase parto, enchia a casa de flor para a dele, em cada canto tinha um pouco, bastou escolher, enfiar num vaso de bico estreito, arrumar o pirão de um jeito harmonioso no prato e pronto, ali estava. Comida de pós-parto do jeito que ele ficou careca de tanto ver as mocinhas baianas ganhando das avozinhas.

Sentados à cama como dois moleques, um do lado do outro, o Lipe segurava um embrulhinho minúsculo perto do peito, olhava para ele, o rosto inteiro vermelho de tanto chorar. Sozinhos, a Dê olhava para os seus dois amores e, os olhos azuis que nunca enganaram ninguém continuavam escorridos.

— Dê, - o Guto interrompeu – cê tá com fome?

— Pior que eu tô.

— Nem falou nada...

— Ai, marido, é que quis ficar olhando vocês dois mais um pouquinho.

— Quer que leva aí na cama, ou você quer vir aqui na mesa?

— Traz aqui, Guto? – Barganhou, sorrindo – eu não tenho mais nem perna.

— Amanhã cê tá boa pra outra. – Respondeu, sorrindo, levando a bandeja para ela, ajustando as pernas dela entre as pernas da bandeja, tirando o vaso de flor porque até fica bonito, mas bem pouco funcional.

— Deeeeeeeeeus que me livre – sorria, vermelha, suada, um pouco descabelada e incrivelmente feliz.

— Não fala assim, Nina.

— É porque não foi você que pariu três quilos e uns quebrados, né? – E ria pegando os garfos – Porquê meu Deus do céu, eu não quero passar por isso de novo tão cedo. – Aspirou a fumacinha cheirosa e densa da mistura amarela do prato – Gente, que isso aqui tá cheiroso demais.

O Guto ficou contente em vê-la comer, sorrir, fazer piada e continuar olhando, embora um pouco ácida, apaixonada para um Lipe que também só fingia ter parado de chorar.

— Bia, - o Lipe sorriu, oferecendo a pequena Olga aos braços dela – dá oi pra sua sobrinha.

— Eu tô com a mão suja.

— Tava fazendo comida, como que tá com a mão suja? – O Guto interrompeu.

— Ué, é só lavar – E o Lipe completou.

— Não, é melhor não. Posso deixar ela cair.

— Deixe de doce – O Lipe não entendeu a frescura, mas a Dê entendia e só conseguiu sorrir triste, do mesmo jeito que o marido sorria, às vezes.

Com a comida entalada na garganta, sem conseguir nem engolir, nem cuspir, fruto de um choro que vinha compulsivo, a Dê respondeu logo antes de não conseguir nunca mais:

— Por que não tá querendo pegar minha filha?

— Eu posso mesmo, Mana?

— Ela é nossa, Bia.

Sem que ela retrucasse mais, o Lipe colocou a bebê nos braços da Bia e assistia, voltando a se sentar com a esposa, à Bia maravilhada com o pacotinho enrugado, com carinha de joelho, sonolento e todinho vestido de vermelho, que contrastavam com a pele muito branca e o cabelo – era cabeluda! – todo pretinho.

— É Ferreira, ela – O Lipe sorriu – Nasceu de olho escuro.

— E daí?

— É, igual à mãe. – E sorria. Acabou seu sonho de moleque de olho azul, Lipe? – A moleca mal nasceu e tá que nem a mãe: tudo o que eu peço não faz.

— Ai, marido, não fala uma coisa dessa.

— É só brincadeira. – O Guto protegia.

Ninguém nunca previu que o casamento do Pégasus com a Fênix desse em filhote de Sereia. Uma mala cada um, eu carregaria as dela, se ela quisesse. Avião comercial, um par de poltronas e medos do tamanho do Universo. A Pacotinha ficou com os avós, era mais seguro. Um dia ela vai me perguntar porquê nasceu pretinha com pais brancos e eu vou ter que contar. Um dia ela vai ter orgulho e pena da mãe, vai ficar brava comigo e com o mundo. Um dia ela vai pisar naquela terra onde eu pisei, vai olhar a casinha simples em que nasceu e vai entender, melhor que todo mundo: veio de uma Sereia.

Menina-peixinho não, Amor: Sereia.

Naquele dia, com menos de dois anos, sem meu sobrenome colado no dela, ainda não era a hora. Não consegui dormir, revirei na cama a noite toda. A Bia me dizia, com diminutivos bestas, carinhos mansos, sem querer me tocar

demaís, que vai dar tudo certo. Que a ideia dela é boa, que os advogados sabiam o que estavam fazendo e, se a vara da infância não é rápida o suficiente, então o dinheiro era.

Fico pensando quanto de dinheiro é suficiente. Fico pensando se comprar a minha filha é uma boa solução. Está errado. Dinheiro não resolve muito, mas o que eu faço? Nego? Digo a ela, soberbo e besta, que não preciso? E faço o que quando a juíza decidir que é melhor que a minha filha volte para a custódia dos avós maternos?

A Bia deu adeus para a irmã, beijou a Dê, as duas bebês, sorria com os olhos cheios d'água, beijou a mãe e o pai, os meus pais e depois o Lipe e a Manu. Deu tchau para todo mundo e me esperou, decidida, como se fosse mais uma corrida de cavalo ruim. Com as malas despachadas, só uma mochila nas costas, ela esperava que eu me despedisse de todo mundo. Minha mãe se encheu de dor. Faz, acontece, mete ponte onde não tem, manda meio mundo tomar no cu, mas não mexa com os filhos dela. O olhar da minha mãe, a senhorinha de boca mordaz que sempre me pediu desculpas por não saber lidar comigo, chorava para dentro, a boca amarga como se eu não fosse mais voltar.

— Vai voltar, meu filho?

— Sempre. Cuida da minha filha.

— Cuida da minha nora. – Ela sorriu, me beijando a testa e o rosto, sempre a pontinha de veneno que escorre sem que ela se preocupe em limpar. – Vê se toma cuidado com ela. Tá pálida e não tá boa para aventuras.

— De repente deu para gostar dela?

— Sempre foi minha Botelho favorita. É um cacto, não dá para abraçar nem colocar no colo de tão chata. Seu pai ama a Dê, mas eu gosto mesmo é da Bia.

— Identificação.

— Pode ser. – Limpou os olhos me soltando da despedida, conformada – Vê se volta mais colorido, Amor da Mãe. Deixa ela te pintar um pouquinho, tá?

— Mas não muito.

— Vem cá... - Me beijou o rosto, já todo melado de lágrima, como se eu fosse embora para nunca mais voltar. Me beijou sorrindo, as duas mãozonas dos tamanhos das minhas nas minhas têmporas. – Depois que você voltar, vamos encher a cara.

— Faz tempo que tá me dizendo isso.

— O Lipe, você e eu.

— E vai deixar a mãe de fora?

— Vou dar um jeito de convencer sua mãe.

— Vai pensando, então. – Beije-o de volta, beije a minha filha mais um

pouco e aceitei a mão da Bia, a voz da moça do aeroporto avisando do voo para Salvador.

São Paulo foi ficando pequena, lá embaixo. Foi diminuindo no meio da tarde até só ser nuvens, até só ser atmosfera e depois só ser a Bia. Da última vez que me sentei num avião, fui em busca de alguma coisa que me preenchesse. Achei. E que engraçado é esse gosto, o de ter alguma coisa onde me segurar.

Na minha outra vida, as coisas mudaram tanto que dá para chamar a minha vida de outra vida. *Na minha outra vida*. Na minha outra vida houve uma esperança de sucesso, uma esperança de que algo fosse mudar e melhorar. O que morreu daquela vida foi a esperança e isso não é ruim. Já diziam que a pior coisa que um sujeito pode ter é esperança, porque esperança não é ação, esperança é imaginação disfarçada.

Naquela vida eu queria uma melhora, uma cor, um sabor novo. E depois a menina mais linda do mundo, aquela que não tinha uma mácula, uma culpa, um palavrão colado na boca, só tinha bondade e felicidades enquanto nadava como um peixinho, a menina que não tinha carma algum para troco, se foi desse mundo e me deixou aquele pacotinho verde pretinho lindo que não vai para lugar nenhum enquanto não tiver idade para querer ir. Não houve esperança para ela, então não tem que ter esperança para mim.

Só posso fazer o meu melhor, só isso. Só posso cuidar do presente que aquela peixinho me deu e garantir para a minha Madalena um futuro diferente do futuro dela. Não posso esperar que as coisas se resolvam. Não tem resolução para a morte e para a porrada de desgraças que me antecederam. Só posso fazer o meu melhor.

Juntar o meu melhor com o melhor dessa cavala que dorme no meu peito.

Porque assim, enquanto tudo depender de mim e das minhas ações, das minhas vontades, dos meus desejos de potência, eu não vou culpar mais ninguém. Aquele velho fez o que fez com a peixinha porque deixaram. Porque não houve estado, assistente social, juiz ou professor que visse. Porque não houve ninguém. Todos esperaram uma ação e eu não quero ser o sujeito que espera.

Eu já vi o que a espera faz comigo, o que a espera fez com o Lipe. Mina a gente da nossa própria ação. Capa a gente e Ferreira pode até ter nascido para ser capacho, brigo com a Bia quando ela diz, mas ela tem razão, se querem chamar de capacho o cara que respeita mulher, que faz as vontades do amor dele, beleza, capacho então.

Mas Ferreira não nasceu para ser capado. Não nasceu para antessala de dentista, não nasceu para morrer de braços cruzados. Eu vi o quanto dói parir, eu vi uma mocinha linda morrer para dar luz e eu não posso fazer essa desfeita com

a minha mãe. Não posso supor que do dia para a noite as coisas vão melhorar porque eu tive esperanças de que elas mudassem. Eu tenho que ir lá. Eu sei disso, agora eu sei. A gente cresce e passa por uns maus bocados que é para ver se acorda, não é? A gente cresce e tenta não morrer na praia.

Na ponte entre Salvador e São Paulo, hoje eu sei. Olho para os anos anteriores e me dou um tempo para sentir a vitória que eu chamei de derrota. Nem sempre vitória vem num pódio, com coroa de louros e medalhas de ouro. Às vezes a gente só entende que venceu depois de muito chorar derrota. E é prepotência cantar vitória antes? E quando é a hora de cantar? No túmulo?

Tem gente que passa do útero para o túmulo sem cantar vitória uma vez na vida. Sempre deixou para cantar quando fosse a hora, só que as cortinas nunca se abriram. Ninguém abre a cortina para você. Se a vida é um espetáculo, eu não faço parte dele e a Bia também não. A gente aprende, cada um do seu jeito, que ou canta a vitória que dá para cantar, ou morre com o canto rouco.

Chega de terminar com verso manco. Chega de engolir o canto. Nem quando eu passei em medicina eu me permiti ficar feliz. Pensava sempre que era só mais um passo. Nem quando eu me formei, nem quando eu estive no melhor hospital do país, contratado, carteira assinada. Busquei uma felicidade fora da minha cidade, um algo além que me completasse, mas eu não vi, agora eu entendo, eu não vi que o que faltavam não eram louros. Não eram palmas. Era eu parar. Respirar fundo, olhar para dentro de mim e ver.

Certo, sou um moleque de alma velha. Certo, eu não gosto de falar. Certo. Você só tem suas mãos e seus estudos. Sua concentração, sua fome de saber de gente, de entender pessoas. Certo, você não vai ser como o Lipe e seu pai, você é moleque de bastidor. Certo, Gustavo. Respira, menino. Vai para o mundo e lida com ele.

Engraçado pensar que quem me ensinou a lutar não foi uma mulher, não foram meus pais, não foi uma terapia. Quem me ensinou a lutar foi aquela coisinha pequena com a risadinha mais doce do mundo, e carrega na boca o ensaio da palavra de duas sílabas que faz de mim o homem mais forte do mundo: Papai.

Lutar dói, Madalena. Obrigado por me ensinar isso. Lutar dói, mas voltar para casa e te ver é um prêmio que compensa tudo.

Lutar é diferente de fazer porque lutar, em alguma hora, te faz voltar para casa. Você sai, luta, se machuca, depois volta. Você muda quando volta e todo mundo percebe. Lutar te dá intervalos de calma que você identifica porque não está acostumado. Ela deitada no meu peito, calma, nos intervalos das próprias lutas. Isso é tempo de paz.

Você não luta por uma profissão. Você não luta por um cargo melhor, um

diploma. Você luta por conflitos internos, por futuros melhores, por pessoas. Fazer faculdade e lutar por um futuro diferente nunca serão sinônimos. O problema é saber qual batalha você vai chamar de sua.

A cavaleira deitada no meu peito decidiu entrar na minha guerra. Entrou com os dois pés na porta e, quando eu já me dava por vencido, sangrando no mar, resolveu vir. Beija as feridas que não vê e, mesmo quando cai, me cura. Sempre nos extremos. Só aparece quando eu não tenho mais saída. Uma entidade mística, ela também. Qual?

Cavalo voador. Pégaso, ex-machina de um divino oculto que sabe a hora das coisas.

— Esse caralho de avião não dá comida, não?

— Já passou, Pequena.

— Já? E nem para me chamar, diabo?

— Come o meu.

— Você não comeu?

— Sem fome.

— Tá nervoso, é?

— Pra caralho.

— Não fica. — Começou a se espreguiçar, esticando os braços, mas voltando rápido, fazendo careta de dor. Nunca entendo como ela consegue esquecer que está remendada. — Não aguento mais essa merda de costela. O cortinho que cê fez nimim já foi, nem parece que teve, mas costela, rapaz, puta merda, é cada fígada de me deixar vesga.

— Não fala nem de brincadeira.

— Não vai ser a última, vê se acostuma logo. Eu vivia dando susto na Dê, mas agora que você assumiu o posto de fiel escudeiro, vê se acostuma. Eu caio já levantando.

— Tome tento, Bianca. Que para tomar susto eu já tenho a Pacotinha.

— Você, para pegar trejeito dos outros, é dois palitos, né? Outro dia estava soltando um “Minha Nossa Senhora” do jeitinho que a Dê fala, agora tá aí, usando o meu “tome tento”. Droga de homem sem criatividade.

— Meu negócio sempre foi gente. Quem lida com gente se contamina, não tem outra. Quando estamos longe falo como você e na maioria das vezes dá saudade.

Lá está uma cavala que sabe lidar com palavrão, xingamento, porrada, com cavalo arisco, briga de homem bêbado, briga de homem rejeitado e de ego ferido, mas não sabe o que fazer quando abro a boca para dizer uma coisa de amor.

— Já baixei as minhas trincheiras para você, Pequena. Não estou com

medo mais de falar uma coisa errada, de ser direto demais, de passar vergonha dizendo o que quero dizer. Qualquer erro que der a gente conserta, confio nisso. Passa a baixar a trincheira para mim e vê de se acostumar com um Gustavo meio falante do seu lado.

— Meio falante sempre?

— Talvez.

— Que nem o Lipe e a Dê?

— Não, pelo amor de Deus, que nem aqueles dois, não.

— Ufa. – Ela riu, puxando o pacote de bolacha fechado sobre a mesa armada do assento. – Que eu não sei o que faço se te derem água na concha do feijão.

— Mais falante com você, não tagarela. Que aqueles dois não têm filtro.

— Acho bonito. – Enfiou uma bolacha inteira na boca e foi falando entre as mastigadas. – Eles falam demais. É DR o dia inteiro se deixar.

— Mas parece que funciona para eles.

— É, para eles.

— Não me vem com DR, Bianca.

— É, te largo. – E ria, cara de menina arteira, mordendo outra bolacha. Moleca desembestada. Sempre foi. Confesso que eu sentia falta dessa molecagem. – Eu tô num dilema do cacete. Não quero mais te chamar de Cabrito, mas chamar de Gustavo a merda do tempo inteiro... ?

— Cabrito é foda.

— Cabrito é apelido de amigo. Você não é mais meu amigo.

— Esse é seu dilema do cacete?

— Antes era casar ou comprar bicicleta, fui lá e comprei cavalo. Agora o dilema é esse. É o que tem, Gustavo, não me amola.

— Sempre um amor de menina.

— Amor de menina só se fode.

— Ai de você se falar isso para a Madalena quando ela tiver idade de entender.

— Um caralho, Gustavo. Que eu não vou querer criar menina besta, não. Vai aprender a ser competitiva, boca dura, estudiosa e não vai levar desaforo nenhum para casa, não. Não sei se a Dê aprendeu a ser um amor de menina, ou se a ensinaram a ser assim, só sei que chegou uma hora da vida da Dê em que ela se odiava por ser acostumada a fazer tudo do contrário que queria. Eu não quero filha amarga, tá me entendendo? Que ela aprenda com os erros dela, tudo bem errar, errando a gente cresce, só que não vai ser mocinha comportada aceitando tudo, mas não vai mesmo. Toma uns tabefes em casa que é para não tomar tabefe na rua.

E então ela se tocou sobre o que dizia. Parou de falar quando se entendeu. Olhou bem fundo nos meus olhos, do mesmo jeito que quando disse eu te amo da primeira vez. Parou com uma bolacha na mão, quase como menina pega fazendo besteira.

— Quer colar seu sobrenome no nome da minha filha?

— Não brinca com essas coisas.

— Eu não brinco. Quer ou não quer?

— Tá muito cedo.

— Tá no tempo certo. Madalena Botelho Ferreira Santos.

— Não vai nem caber no RG.

— Quer ou não quer, Pequena?

— Mesmo se a gente se separar? O que vai acontecer se a gente se separar? Arrancar meu nome do nome da sua filha?

— Guarda compartilhada.

— Jura?

— Tão sua quanto minha.

— De verdade?

— Se for para a gente se separar, as famílias ainda serão unidas. Seus pais ainda serão avós da minha filha, do mesmo jeito que os meus são. Bia, ela é Botelho-Ferreira desde o dia que chegou. Se a gente se separar, nos separamos. Vida que segue e tudo continua igual. Ou seu pai vai pegar menos a minha filha no colo só porque eu não quero mais a filha dele? Ou sua mãe vai parar de te perguntar por telefone como que a Madá está?

— Guto... - É bonito esse pranto nela. Parece menina que ganha cachorro de presente de Natal. Os olhos e a alma transbordando. Eu sei qual é a sua grande vontade, Bia. Deixa você melhorar das costelas e eu melhorar de tudo que a gente coloca mais um filho no mundo.

— Me diz que quer. – Falei.

— Quero! Posso colar seu nome depois do meu, também?

— Nasceu colado.

— É, mas nasceu colado que nem primo.

A gente fala de casamento meio não falando. Sempre foi assim. Minha mãe não quis casar e, mesmo casada com o meu pai, ainda falava mal de casamento. Acabou criando esse não-casamento como tradição e costume entre a gente. O Lipe beija a dele, já a pediu em casamento não sei mais quantas vezes, mas não firma nada com o Estado. Agora eu que beijo a minha, fala não falando, acorda e dorme na mesma cama, divide os mesmos interesses, mas não firma nada com o Estado.

Casamento com o Estado é para garantir herança e repasse de posses. E

ninguém entre os Ferreira nasceu para ser rico de outra riqueza que não a do amor.

Desembarcaram, pegaram as malas e enfrentaram mais cinco horas de ônibus para dentro do Estado. Os prédios rarearam, as pessoas bem-vestidas rarearam, os asfaltos. O Guto deixou de ser falante quando sentiu tudo voltando outra vez. Quase tremia e a Bia via. Pegava-lhe a mão, ela também sentindo a tensão do que não viveu, mas poderia ter vivido. Dizia que estava tudo bem e que tudo vai acabar logo. Atingiram a cidade ao anoitecer, foram direto para a casa que o Guto lembrava ser da Peixinha. Uma senhorinha arrastava as chinelas para atender a porta: a mãe da Peixinha?

Chorou sem dizer nada só de ver o Guto. Sabia e sentia fundo a história inteira. Cadê seu marido, Dona? Era tia da Peixinha. Olhava a casa do padraсто enquanto ele estava no mar desde quando não houve mais Peixinha para ele usar de esposa. Volta quando? Volta amanhã.

Procuraram um hotel, uma pousada, qualquer coisa. Acharam somente na cidade vizinha. Passaram a noite em claro de nervoso. Um fingia para o outro que dormia, de olhos fechados sem se mexer muito na cama para não se acordarem. Um pegava o outro de olhos abertos, estalados no teto, o ventilador no talo de tanto calor, as janelas abertas. Ninguém enganava ninguém.

— Quer conversar? – Ela tentou. – Só para fugir um pouco.

— Cavalo faz pneumotórax?

— Faz. Toracocentese também.

— Quase tudo a mesma coisa.

— Nem tudo, Guto. A aorta do cavalo a gente sente pelo reto.

— Tem que enfiar o dedo no cu do cavalo para sentir a aorta?

— Tem. Na maior parte das vezes o bicho tá sedado.

— Prefiro gente.

— É, porque enfiar o dedo no cu do paciente humano é bem melhor.

— Eu nunca enfiei o dedo no cu de ninguém.

— Nem na residência?

— Não me lembra dessa época.

— Foi ontem, menino, deixe de ser besta.

— Quase ontem.

— Quando eu penso que você já é médico formado me dá uma tristeza...

— Tristeza nada.

— Tô velha o bastante para o cabritinho ser médico.

- Tá gostosa.
- Eu limpei sua bunda, Guto.
- Quando eu ficar velho vai limpar de novo.
- Toma seu rumo, vai.

Ele riu primeiro e ela o seguiu. Ela sabia que podia ser boba e chorona com ele, podia ser toda tesão e fluídos, toda raiva e cólera, toda melindre e meninice. Ele comportava qualquer faceta que ela inventasse e não a recriminaria, jamais, por algo que pensou em dizer. O engraçado de estar com ele era poder ser doida e boba sem temer represálias. Poder esquentar de raiva sem nunca ser recriminada por ter raiva demais. Livre, pensou. E que estranho o gosto de ser livre em dupla.

— A gente vai conseguir isso, Guto. Não perde o sono, vai dar tudo certo.

— Você também, Bia. Vê se dorme.

— Estou com medo de não conseguir controlar você. Quando foi a última vez que você viu este cara?

— No julgamento de custódia.

— Há quanto tempo foi isso?

— Dois anos.

— Estou com medo do que você vai fazer.

— Vou me controlar.

— Eu espero que sim. Não trouxe sedativo para cavalo desse tamanho.

O abraçou bem apertado, virando-o de lado na cama, conchinha invertida. Ela o mantinha numa conchinha que não o comportava de todo. Sentia o cheiro do cangote dele, o cheiro do cabelo, da pele banhada. A melhor posição do mundo. Aspirava o cheiro dele, homem de pele limpa, e acendia sozinha pensando nos malabares que não podia fazer. As mãos antes calmas paradas no abraço mexiam da barriga para o peito, do peito para os braços, dos braços para os ombros. Os peitos colados na quentura das costas dele.

— Você nunca me espera. — Ele reclamou.

— É que eu fico pronta antes.

— Não fica.

Ele desceu a mão dela para a borda da própria cueca. Não fica pronta antes mesmo. Ela vinha com as compras da feira, ele já tinha o almoço pronto.

— Eu nem estou fazendo nada...

— Começou a me cheirar, mulher, já sei que está de malcriação.

— Boa noite, Amor.

— Monta aqui, cowboy.

— Não, Guto, não posso, dói muito. Agora que tá colando bonitinho, a

cartela de remédio até já acabou, eu não quero bronca de médico.

— Vem cá, te ajudo.

— Da última vez você disse a mesma coisa.

— Então fica olhando.

Vez dele de dar o troco. Ele foi um menino bonzinho. Ele foi um moleque amigo. Não tem mais nada nele que se assemelhe a um menino, nem a alma restou. Endureceu a couraça, largou de ternura, quase se esquece dos afetos e quando amarra as sobancelhas, homem de se queimar junto, virando-se de frente para ela, baixando a frente da cueca e indo embora sozinho, num vai-e-vem nada de lento nem pudico, ela que acelere o passo.

Ou acelera, ou perde o bonde. Muito bonitinho o médico que adota uma mocinha, que vai cedo e volta tarde da noite do trabalho, que trabalha em frente a um carpete de EVA infantil, que acorda cedo e dá banho na menina; pai de rituais matinais e tal e coisa, mas ele não é nem um pouco menos homem por isso. Pelo contrário. É homem justamente porque escolheu as batalhas que escolheu. Traduzido em brutidão cavalgar ele vai embora e ela ali, doida para mostrar com quantos paus se faz canoa.

A diferença de quem vai na frente não é a lerdeza do passo, mas quem escuta o tiro de largada primeiro. Demoraram para entender que falavam a mesma língua. Ele vai embora e vai gozar chamando o nome dela, de propósito, de ruim que é. Vai embora e ela ali, babando pelos cantinhos, endoidecida de vontade de domar um sujeito que não sabe o que é ter o peito colado com linha.

Pelo contrário. Um sujeito que sabe exatamente o que é ter o peito colado com linha porque foi ele quem colou. Tirou a mãozinha comportada dela de cima da cama e colocou-a bem ali. Envolveu-se com a mão dela e coordenou o movimento.

— Monta em mim, cowboy. – E a voz de homem com tesão era a pior parte.

— Para, Guto. Não posso.

— Senta na minha cara.

— Não gosto.

Ele parou. Por esta novidade ele não esperava. Bia Botelho não gosta de sexo oral? Por isso que tá sempre desviando disso?

— Não gosta?

— É, de melequeira na minha flor eu não gosto.

— Porra de melequeira, Bia.

— É, te chupo com o maior prazer, gosto muito, muito mesmo, mas não gosto disso.

— Mas já-

— Já, Guto. Não é falta de fazer. Todo cara que quer me amarrar começa chupando. Não tem graça.

— Eu também quero te amarrar.

— Mais? Rapaz, já tá me dando a filha, quer me amarrar mais como?

— Deita.

— Eu tô deitada, diabo.

— Deita direito. Não fica nervosa.

— Tô falando que não gosto.

— É, mas eu gosto. E nenhuma antes de você se arrependeu de ter deixado. Se é com você que eu vou fazer isso até meu pau cair, então uma vez ou outra você vai ter que me deixar fazer.

— Tá – Ela se virou de barriga para cima na cama, arrancando a calcinha, tudo na mais pura má vontade. – Que seja.

— Vamos fazer isso ficar divertido. – Ele se ergueu da cama, buscou o celular, colocou um alarme retroativo para cinco minutos – Você tem que ser sincera, senão não tem graça. Eu tenho cinco minutos para te fazer mudar de ideia. Me dá cinco minutos?

— Cinco minutos de tédio eu aguento.

Ele sorriu. Ela ainda vai descobrir que ele gosta muito de impossíveis. Acionou o alarme retroativo e sequer tocou-a lá. Foi direto para a boca e a Bia não entendeu. O combinado não era a boca de baixo? Tomou-a num beijo bruto, forte, a barba lhe raspando o maxilar, o pescoço, o colo, os peitos. E ficou ali, apertando e sugando, boca e depois mamilos, sem nunca chegar onde queria chegar. Via-a contorcer-se, melar-se sem ser com muito, soltar os suspiros baixinhos escapados de moça que entende a estratégia dele e não quer ser vencida.

Ela tentou burlar o jogo e desceu com a mão para si, direto para o melado e o botão inchado, mas ele não a deixou. Cinco minutos são cinco minutos e ele ainda não tinha perdido. Segurando os dois mamilos com força, a força na medida certa, ele desceu com a boca.

Lambida de baixo para cima só ali, sem invadir nem entrar, só ali por cima, uma depois da outra. Um movimento constante de língua quente e macia mais como pincel do que como lambida. Vai perder, Bia? Vai dizer para ele que esse negócio é bom sim, se feito no momento certo? Vai perder. E vai gozar sem chamar pelo nome dele, afundando o rosto dele para mais perto de si, a cabeça coordenando a mão ou a mão coordenando a cabeça, os sons que cresciam.

Ela não chamou pelo nome dele enquanto terminava só para não dar o braço a torcer. Má perdedora.

— A melequeira quem fez não fui eu. – Ele disse, em quatro apoios na

cama, o alarme retroativo que apitava sabe-se lá há quanto, analisando a vista de mulher inchada por gemer bonito.

— É, mas pode limpar.

— Negativo.

E entrou devagar sem machucar, bem quando todos os poros da pele dela estalavam de sensíveis.

Capítulo 39

Não comeram pela manhã. Dia do vai ou do racha? Dia da cola. Sentados na mesa de café da manhã da pousada, simples sem muitas opções de comida, só café preto, pães e muitas frutas. Olhavam-se, um de frente para o outro, entendendo o que era aquela agitação e aquele silêncio. Não se falaram porque sabiam o que diriam.

Deram-se as mãos procurando algum sinal de lar. Ela enterrou o chapéu na cabeça, escondendo os olhos. Atravessaram o portão da pousada, as malas já feitas para a partida, ele com a pasta do acordo impresso lá em São Paulo. A Bia carregava só o talão de cheque, o celular e o cartão do banco no bolso da calça.

Entraram no carro do filho do dono da pousada, silenciosos e agradecidos pela gentileza dele de levá-los até onde queriam ir e, em meia hora de vista de um mar de ressaca, batiam na porta daquele que devia estar não livre, mas morto.

Atendeu a porta uma versão mais pobre, mais morena, mais sofrida de um Sérgio carioca. Os vincos do rosto aparentavam mais do que os cinquenta anos que ele de fato tinha. Olhava para o Gustavo e nem se atentou à moça ao lado. Olhava para ele sem medo, ou ignorante demais para não saber que o que fazia com a Peixinha era errado, ou burro demais para supor que a menina quisesse o que ele propunha. Fato é que, de camisa e shorts, arrastando a chinela, os olhos cansados de homem que virou a noite no mar, o sal por cima da pele como uma areia fina, ele olhava para o Guto como se falasse com um igual.

— Lindalva me disse que o senhor estava na cidade.

— Só por hoje. – O Guto disse, sério com a voz firme. – Posso entrar?

— Veio acertar as contas comigo, Doutor?

— Não é comigo que você tem as contas a acertar.

— Vejo que finalmente vai casar com uma moça da sua idade.

— Eu nunca me casaria com a Eurenice.

— Não é o que a menina dizia por aí... - E abriu espaço para o Doutor e a Moça entrarem, oferecendo duas das quatro cadeiras da pequena cozinha de chão de barro que o Gustavo se lembrava de ver a menina varrendo, pelo menos, três vezes por dia. – O doutor me deu um prejuízo daqueles quando levou a menina embora. Lindalva! Põe café para a visita!

Arrastava a chinelinha de outro cômodo para a cozinha a mesma senhorinha do dia anterior.

— Não quero café.

— Desfeita.

— Aqui estão os papéis da guarda definitiva para o senhor assinar. – Gustavo tirou os papéis da pasta e mostrou as canetas. – Só assinar.

— Eu quero a minha neta aqui, comigo. Já falei isso para o senhor e se Deus quiser, ela volta.

— E por mim ela nunca mais vê a sua cara. – O Guto estava calmo, mas a calma dele era uma membrana muito fina que a Bia via. Colocou a mão em cima da dele como se dissesse para se acalmar.

— A questão... Qual é seu nome mesmo? – A Bia achou melhor assumir a negociação.

— É Francisco.

— Seu Francisco, a sua neta está levando uma vida de princesa em São Paulo. Ela tem mais família que qualquer um que eu conheço, daqui a pouco entra na escolinha. O senhor não acha que ela merece o bom e o melhor?

— E você é... ?

— A mãe. – Era a primeira vez na vida que tais palavras saíram de sua boca e não para falar dos cavalos. – E eu faço qualquer coisa para ter ela comigo.

— Qualquer coisa?

— Só dizer o preço.

Era pobre, tinha o bilhete da loteria em forma de cowboy. Só dizer o preço. Fácil demais? Aquela mulher cheirava a dinheiro. O chapéu, as botas, as calças. Até as mãos e o porte. O doutor era o doutor, mas aquela ali... aquela ali entendia de dinheiro. Analisou o chapéu com mais cuidado. Moça Cowboy, Moça Cowboy...

— Você tem fazenda, moça?

— Tenho haras. – E o Guto apertou a mão dela como se dissesse: “não dá conversa para esse cara”. – Sou médica de cavalo.

— E quantos cavalos você tem?

— Alguns.

— Me diga um número? Mais de cinquenta?

— Vou dar um número e você vê se aceita. Cinquenta mil para dar a guarda da sua neta para mim. Cinquenta mil.

— Quanto custa o seu melhor cavalo?

— Vai aceitar os cinquenta mil ou não?

— Quantos cavalos a senhora tem?

— Meus, são mais de cem. – Ela se deu por vencida. – E tem os outros.

— Então um cavalo a mais, um cavalo a menos...

— Vai querer um cavalo e trazer para esse fim de mundo?!

— Você traz ele para mim.

— Francisco... - A senhorinha se intrometeu.

— CALADA. Mulher minha não se mete em conversa.

— Você quer um cavalo. – A Bia repetiu.

— O seu melhor cavalo. Pode trazer.

— E vai fazer o que com um bicho desse nesse fim de mundo?

— É daqueles cavalos que se vê na tevê, não é? – Ele sorriu, soberbo.

Não queria dinheiro nenhum, só queria dar a eles o mesmo desgosto que ele sentiu quando se viu sem a menina. Não queria dinheiro, só queria dar o troco. Eles tiraram uma coisa dele, ele tira uma coisa deles.

O Guto leu isso na cara daquele cara. Leu e queimou por dentro. Ele não quer saber de dinheiro, não quer saber de dar a guarda da filha que ele fez com a afilhada. Só quer saber de não sair por baixo e de dar o troco no doutor de São Paulo.

Ele disse “melhor cavalo” e a Bia automaticamente pensou na Bel. Podia ser qualquer cavalo, mas ele queria o melhor e o melhor era a potranca ruim. Baixou os olhos pensando na Bel amarrada noite e dia naquele quintalzinho sem espaço, vivendo num calor absurdo, apanhando por não ser obediente e por ser temperamental. Não disse qualquer outra palavra por medo delas.

Mesmo se não for a Bel, se for o Quim, o Ulisses ou o Heitor, mesmo se for até o coitado do Baldim, Itabira mansa, qualquer bicho. Vai sujeitar um bicho àquelas condições e àquela desumanização?

Vai. Vai porque é da Madalena que eles estão falando. Vai, porque pior do que saber que um bicho seu sofre é saber que uma menininha sofre. Ver tudo o que ela pode ser um dia escorrer pelo ralo porque a Bia preferiu salvar seus cavalos. Desfez-se de um pedaço de si, separando-se da cola que sempre a uniu aos bichos bem mais do que a uniu aos humanos:

— Eu tenho três cavalos muito bons. Dois machos e uma Fêmea. Um domesticado, um manso e um arisco. Pode escolher.

— Bia...

— Isso é comigo, Guto.

— Quero a fêmea.

A pontada no peito foi funda. Uma pata voraz de bicho sem escrúpulos. Ruindade pura. Respirou fundo sentindo as lágrimas, puxou o celular do bolso e ligou para o Ceceu:

— Embala a Bel para viagem. Coloca no próximo avião para Salvador.

— Bia, você tá maluca?

— Não discute, Ceceu.

O Guto não olhava para a Bia aos pedaços se desfazendo do símbolo máximo da própria carreira. Olhava para a cara do abusador de menina. Olhava-o e via o brilho nos olhos dele, a felicidade que ele tinha de subjugar uma mulher

daquele tamanho às suas vontades porque, de acordo com a lei, ele era o tutor da neta.

— Agora você assina. – Ela respondeu, toda quebrantada. – Que a minha parte eu fiz.

— Com gosto. A moça tem caneta?

Assinou evistou todas as páginas. A Bia indicava uma linha que faltasse assinar, limpando as lágrimas, ele sorria, feliz, e assinava.

— Agora o Doutor vai com o senhor registrar isso em cartório e eu fico aqui com Lindalva. Onde fica o Cartório mais perto?

— Na cidade. – E por cidade ele queria dizer a cidade vizinha.

— Doutor, - ela falou, olhando para o Guto que não entendia nada – leva Francisco para registrar tudo em cartório.

— É frouxo – E Francisco sorriu – Vai deixar tua mulher ditar as regras do teu jogo?

Sem responder, o Guto obedeceu: pegou o contrato, olhou da mulher para o pescador e saiu, com um melão entalado na garganta, mas saiu. Gustavo já tinha as partes dele assinadas desde São Paulo, só faltava a parte do avô da Peixinha.

— Vamos por aqui, Doutor – Francisco comentou, guiando Gustavo pela estrada de barro, à pé.

Iam a pé? A Bia não sabia. Ficou do lado de dentro do casebre olhando a mulher velha e assustada, com a vassoura na mão e os olhos cheios d'água.

— Você sabe que eu não vou dar cavalo nenhum.

— Sei, Dona.

A Bia escreveu num cheque algum valor para aquela mulher. Sabia que ela estava ali por falta de lugares para ir. Deu um cheque-alforria de vida de escravidão que ela levava, o suficiente para que se erguesse numa outra terra, numa outra vida.

— Lindalva de quê?

— Santos Arruda.

— Vai embora daqui. Faz suas malas e vai embora. Ele vai descontar em você a frustração que não vai conseguir descontar em mim. É o melhor que você faz, vai por mim.

— Eu sempre soube que não era do Doutor. – Respondeu. – Todo mundo sabe. Doutor Gustavo sempre foi muito respeitoso até com as assanhadas, ninguém nunca viu ele com mulher aqui na vila.

— E por que é que não fez nada?

— O que tem para fazer? A mulher que veio aqui é mulher do prefeito.

— Que mulher?

— A que cuida do social, como é que fala, Dona? Não sei.

— A Assistente social?

— Ela.

Isso explica um mundaréu de coisa, ela pensou.

— A mãe da Eurenice morreu foi de quê?

— Morreu foi de parto mesmo. Morreu ela e foi junto o menino.

— E a Eurenice ficou com o Padrasto.

— E vai ficar com quem?

— Com a senhora!

— Eu tava em Salvador, voltei foi esse ano.

Esperaram. O Sol, na hora do almoço, parecia colado na cara. Forte e pungente, tão forte, que queimava a parte onde o chapéu não cobria. Lindalva só tinha arroz, a pescaria foi fraca, ela disse, ofereceu arroz para a visita e almoçaram as duas, depois do almoço ameaçou chover, a Bia se ofereceu para lavar as vasilhas, soube que Lindalva era puta em Salvador e, quanto mais ouvia das histórias da mulher, menos se arrependia do cheque escrito.

— Não sobrou nada da Eurenice aqui?

— Tem uma boneca e um bichinho.

— Posso ver?

Se encantou com os dois brinquedos esfarrapados e o cuidado da menina que a Bia só conhece por lembrança alheia. A boneca usava um vestidinho rosa, limpinho, limpinho, um dos olhos não tinha mais tinta, mas o cabelinho ainda estava amarrado em duas chuquinhas.

— A senhora arrumou a boneca assim que ela partiu?

— Precisou não.

O urso cheirava a guardado e barro, mas também inteiro, fora um risco a caneta no focinho. Era um daqueles ursinhos azuis do comercial de amaciante, que a Nice não teve tempo de saber do que se tratava porque o Urso era mais velho que ela.

— Eu posso levar comigo?

— A bebê tá bem mesmo?

— Quer ver foto? – Puxou a cadeira da cozinha e se sentou de novo, mostrando o celular com todas as poucas fotos que tinha, a maioria que recebia por mensagem dos outros.

— Essa aqui é ela no primeiro banho de piscina.

— Tá gordinha.

— É, minha cunhada chama ela assim: Gordinha.

— Família grande a da senhora.

— Pois é. Essa outra gordinha aqui é minha irmã.

— Nem se parece com a senhora.

— Todo mundo fala.

Passava as fotos e mostrava Madalena rindo, com dentinhos nascendo, com algum mordedor na boca, quando ela não resistiu e tirou uma foto do Guto dormindo com Madalena em cima, da foto das duas primas, a Olga e ela, a mais velha dando beijinho na mais nova. Passou fotos de cavalo que não eram tão interessantes para o momento e então, a foto que o Lipe tirou, de um Guto arrumado e uma Bia arrumada, os dois, sorrindo para a câmera, deu um aperto no peito da Bia que quase a fez chorar, desmontada, ali na frente da mulher.

— A senhora tá bonitona na foto.

— Na vida normal eu não sou assim, não.

— Doutor Gustavo também.

Vieram correndo dois meninos, rindo e um pouco assustados, descalços.

— DONA LINDA, O SEU CHICO TÁ BRIGANDO NA PRACINHA!

Eu já queria ter feito isso. Eu já devia ter feito. Assim que eu vi o rostinho da Madalena saindo da mãezinha dela, eu devia já ter acertado as contas. Preferi ficar e cuidar da menina, mas devia é ter dado um jeito no pai dela. No primeiro “a” que me disse, no caminho da volta, vi que o homem que destrói meninas de nove anos não chega nem perto do meu tamanho.

De armas ele só tinha os punhos. De armas ele tinha os punhos e eu tinha anos de angústia acumulada. Quase um ano me dobrando pela metade, me misturando num amargor, me diluindo e me perdendo. A Minha Madalena Ferreira já vai fazer um ano em breve e eu não fui capaz, nesse tempo, de dar o que aquele cara merecia.

Ali, ele tentando alguma coisa de ruim com a segunda mulher da minha vida, isso bastou. Primeiro ele tentou lutar de igual para igual, mas ele não sabe o que é lutar com um leão. Só deixei sair. Uma pena que a Bia tenha visto. Só coloquei todo esse tempo para fora, os dias de choro interminável, a corda bamba da vida em que a Minha Pacotinha se equilibrou até aprender a dançar nela. Ali.

O inferno foi ali. E não era quente, às cinco da tarde. Cheirava a peixe, barro e sal, frio como no inverno. Dei nele, sentindo a Bia me segurando pelo pescoço, me gritando para parar, sentindo o sangue quente dele nas minhas mãos.

Vai ser menos um no mundo, pensei, com ele debaixo de mim, o focinho todo melado de sangue, a cabeça que dançava ao sabor das minhas mãos. O

barulho oco era gostoso e eu não sentia dor. Eu só dava o que ele merecia, eu só dava o que eu merecia, depois de tanto tempo preso, inútil, recuado. Não mais, pensei, um soco atrás do outro, a chinela da tal da Lindalva no meu campo de visão, a Bia me segurando pelo pescoço, o cabelo roçando na minha barba.

Chega, pensava eu. Acabou. Não tem justiça nesse mundo, então que vencesse o mais forte. Olho por olho. Ele venceu minha Peixinha, mas não vai me vencer. No mundo dos homens ele era um rato e eu, ali eu sabia quem eu era. Ali eu entendia o Gustavo Ferreira. Ali eu era o leão todo. Rugindo alto e sem culpa por rugir alto demais. Ali, sangue que se espalhava pelo barro gelado, ali eu era tudo.

Instante de vingança. Lapso de vida que traz de volta o que você sentiu indo embora um pouco por dia. Vivo sem precisar fazer mulher gozar para alimentar meu ego. Vivo sem precisar de muito. Vivo.

Gustavo Ferreira é homem.

Ali, montado naquele bicho, os joelhos prendendo os braços dele, uma mão no pescoço dele, sufocando-o, a outra trabalhando rápido. Um e mais um e mais um. E mais um, agora é a sua hora, Chico, passe a rezar que o diabo tá vindo. E mais um. E mais um.

— Para, Cabrito. Por favor. — A Bia chorava, sabe-se lá há quanto, esgotada, vencida e rouca. Dizia isso há muito e eu não ouvi.

O que me manteve no limiar do bicho e do homem foi ela. O que segurou na unha a minha humanidade foi ela. Chorando baixinho pedindo não como o furacão que ela é, mas pedindo como a minha. Não farei isso, Bia. Porque você não quer, porque por mim, eu faria.

Gustavo Ferreira é bicho. Desacordado, olha lá o rato. Não aguenta porrada de homem feito? É fácil bater em criança, né? É fácil. Com homem ele não aguenta. A vizinhança toda olhava, ninguém fazia nada. Lindalva chorava com as duas mãos na boca, a Bia me segurando pelo pescoço, os pés ao redor da minha cintura servindo de âncora e eu nem sentia o peso dela nas costas.

Acorda, desgraça.

Até hoje eu penso no porquê ninguém, fora a Bia, teve coragem de me parar. Eles sabiam que eu estava certo. Eles sabiam que a menina em São Paulo não era filha do Doutor com a Peixinha. Os pescadores sabiam e mesmo sendo comum, eles sabiam que estava errado. Ninguém mete a colher na casa de ninguém, cada um cuida de si e Deus cuida de todos, mas nenhum pescador que viu a surra no Chico se moveu para me tirar de cima dele.

— Não é assim que a Dê resolve as coisas. — Sussurrou.

— Você não vai dar a Bel para ele!

— A gente fala disso no hotel.

Tem uma hora na vida da gente que não tem mais o que fazer além do certo. Já tentei de tudo, já entrei com liminar, até que consegui a provisória, mas não era grande coisa. Já denunciei até o prefeito para o Ministério Público, já denunciei o hospital que cuidou da Peixinha, já fiz tudo o que o papel permitia.

Mas algumas coisas a gente só consegue assim. Eu não vou dar uma de coitado e dizer que eu não gostei de fazer o que fiz. Gostei. Gostei porque era o que eu merecia. Eu merecia colocar aquilo para fora. Ele merecia apanhar, ele matou uma menina. Ele abusou dela até plantar um bebê e depois a largou na minha casa quando a viu sangrando. Não foi no funeral da Peixinha, não quis saber de assinar as entradas de óbito. Um pesadelo em forma de homem e ele merecia mais do que apanhar.

Uma pena que a Bia tenha visto. Abraçada nas minhas costas, os pés laçando a minha cintura, montada no bicho de duas patas, ela chorava triste e chorou triste, escondida nas minhas costas até a gente chegar no quarto.

É, Bia. Vamos para casa. Com os papéis assinados presos no cós da calça, abri espaço entre os pescadores calados como se Francisco já estivesse morto, e saí daquele inferno, do meu inferno. Ainda que no Vale das Sombras, Pequena.

Com o atestado de que a minha filha é minha, com a mulher que manteve a minha humanidade dentro do meu peito, saí do vale em chamas para nunca mais. Nunca mais boto o pé ali. Nunca mais quero saber daquele lugar, daquelas pessoas, daquele homem. Condenem-no, não condenem-no. Não interessa. O que é meu é meu e ninguém tira.

Madalena não corre o risco de repetir o futuro da mãe. Madalena vai ser desajustada e um pouco turrone do jeito que os Ferreira e as Botelho são, agora eu entendo.

Mas vai ser feliz.

Andei com a Bia no lombo até quase fora da cidadezinha. O Sol queimava, não choveu, o mar de testemunho e a gente galopando para longe. O chorinho dela foi sumindo até só sobrar uma Pequena cansada. Vencida, Pequena? Agora que a gente ganhou? Agora que eu tirei de mim um peso que não é mais meu?

Não tinha espírito para sorrir. Minhas mãos meladas de sangue segurando os punhos dela, de apoio. Ainda montada nas minhas costas. Os nós dos dedos inchados, meu espírito trêmulo porque não é fácil você se ver no ponto de quebra. É ali que a gente sabe quem a gente é, e foi ali que eu entendi o meu tamanho.

Parei de dar passos para trás. Parei de seguir ao sabor dos outros. Agora vai, Pequena. E, como meu pai diz, vai ser tudo lindo.

Entramos na pequena pousada depois de mais de meia hora de trote. O filho da Dona nos olhava como se já soubesse o que tinha acontecido. Baixou os olhos para nós e entramos no nosso quarto alugado direto para o chuveiro, de roupa e tudo.

Liguei a água fria e ficamos ali, ela não mais no meu lombo, sem me olhar nos olhos, chorando como se fosse ela quem tivesse apanhado. Água do chuveiro lavando as botas, o cinto, as lágrimas e o sangue-origem do sangue da minha filha. Difícil. Olhar a Madalena e ver a Peixinho é lindo, mas olhar a Madalena e ver que ela também é fruto de estupro, isso me dói demais. No começo eu só pensava nisso. Nunca amei menos, mas dói.

— Acabou, agora. — Eu disse a ela, dizendo a mim, também. — Não chora, Pequena.

— Eu achei que você ia matar ele.

— Eu ia.

— Guto...

— Eu ia.

— E eu fico como com você na cadeia?

— Você vai dar a Bel para ele.

— Eu teria dado tudo, não tem problema. Construo de novo.

— Você vai a Bel, a sua Bel, para aquele cara. Ele não merece porra nenhuma, se fosse decente já tinha me dado a guarda da filha dele para cuidar!

— É, Guto. — Ela disse, tirando o chapéu encharcado da cabeça, passando os cabelos para trás. — O que a gente tem é a Madalena, então por ela e por você eu teria dado tudo.

— Bia...

— Ainda dou. Essa era a minha ideia quando sugeri de a gente vir para cá. Dar o que ele quisesse, no preço que ele quisesse. Toda vez que eu te vejo olhando a Madalena parece que eu leio seu pensamento. Dói de ver. Você parece que se despede dela todo dia porque não sabe se vai tê-la por muito mais tempo. Isso me corta o coração. O fato de ela não ter seu sobrenome te dói, eu sei. E você já fez tudo o que podia fazer. Os processos contra o prefeito, contra o hospital, contra aquele cara, eles vão demorar anos. Não tem nada que a gente possa fazer. Se a saída era comprar a guarda da Madalena, então eu não vejo problema nisso e faço com gosto.

— Me desculpe ter feito você me ver daquele jeito.

— A Dê me ensinou uma coisa, nesses anos todos: Homem, quando fica puto, não pensa. Noventa por cento dos negócios a Dê fechou com homem de cabeça quente. O padrasto da Peixinho queria tanto ganhar de você, colocar você no seu lugar, te fazer sangrar ou o que fosse, que ele foi até o cartório sem

nenhuma garantia de que eu vá dar a Bel para ele.

— Você falou que ia dar.

— É, mas você tem prova?

Filha da puta.

— Mas agora você complicou tudo.

— Você tá com medo de mim?

— Não fiquei com medo. Eu achei que eu ia ficar, mas não fiquei. Eu vi um pai indo até o fundo por uma filhinha e eu achei lindo.

— Bia...

— Tô achando lindo desde o dia que você apareceu com ela. Tem um fundinho doce em tudo isso.

— Obrigado a estar disposta a dar tudo. Por ir bem longe comigo e me guiar quando eu não vejo mais saída.

— Obrigada por me guiar também, Amor.

— A gente vai embora daqui e vai para casa. Eu quero contar para a minha filha que ela tem duas mães e três sobrenomes.

— E será que eu posso dar banho nela, quando a gente chegar em casa?

— A gente toma banho junto. Bia?

— O que foi?

— Eu também vou dar meu tudo.

— Eu sei que vai.

Capítulo 40

(Dio)

O meu menino, que sumiu de casa depois de recém-formado, não era mais o menino que voltava para a minha casa com uma cowboy à tiracolo e varrendo a minha casa em busca da filha. Tinha acabado de chegar da Bahia e todos nós nos juntamos aqui em casa para recebê-lo. Disseram que era para uma tal lua de mel, mas, logo aqueles dois? Não enganaram ninguém. Na Bahia ainda, de onde o Guto tinha trazido a Madalena há menos de um ano? Tinha nele um ar feliz. Tinha nele um gosto de final, logo nele, o menino que não chegou nem nos trinta.

Moleque de alma velha.

Cumprimentou a mãe, primeiro. A Nina não pode vê-lo que chora. Enche os olhos de guaraná de lágrimas e fica toda emocionada. Não consegue explicar o que tem naquele filho, o do meio, que a faz chorar só de vê-lo. Nem quer explicar, também. Só o toma no peito, mal crê que o menininho que chorava cheirando o vestido da mãe, trancado no guarda-roupas, ficou um homem daquele tamanho, maior que eu de altura e nos gestos. A Nina chora e a gente sabe o porquê. Orgulho melancólico. Olha-o como se visse o passado que ele não faz questão de contar e sente, como mãe, que ele não merecia passar por nada daquilo.

E por outro lado, ainda bem que passou. Monstro de uma envergadura de oceano. Abria as asas bem naquela sala e queimou, naquele fogo silencioso que o Guto era, sem querer chamar atenção, só o sendo. Cinzento e fogo, renasceu só procurando o que lhe fazia bem. Passados são passados, filhote. Homem é o sujeito que supera, ergue a cabeça e enfrenta.

Sorriu beijando o rosto da mãe dele, depois veio me cumprimentar, sem dizer nada, ele também emocionado. Só me abraçou recebendo as boas vindas, me beijando o rosto. Nem mesmo uma palavra. Não é de chorar, só de vibrar por dentro até todo mundo entender. A Nina dizia que não sabia como lidar com o filho do meio, mas ela não viu que ela sofre do mesmo jeito que ele. Recuam, dão um passo atrás e ficam na sombra, sem atrapalhar, só ali. Não foi assim que você se permitiu, Nina, por cinco anos, até se cansar disso e me dar um pé na bunda?

Ela não viu que o filho do meio, tão a minha cara, é do jeito dela, também. Filho nosso, Nina, como ser diferente? Passou de mim para a Dê, num beijo-amigo, cumprimento de iguais. A menina ficou na ponta dos pés para

abraçá-lo e cochichou alguma coisa para ele, os dois riram, mas não fizeram questão de compartilhar conosco. A Manu foi depois, ela diz que cresceu, tem dois carrapatos para grudar, mas como que eu olho para ela, a mocinha que ficou doida quando ganhou a impressora 3D de herança do irmão da época do ITA, pulando no colo do Guto e vejo que cresceu? Como eu aceito que cresceu?

Encheu-o de beijo, sem nenhum decoro. Limpou o rosto dele das lágrimas que ele não vai deixar sair e não disse nada. Sabia que ele queria pegar a filhinha mais do que tudo e estávamos todos no caminho. Só que tinha o Lipe, ainda, que descia as escadas com a Olga no colo, de fraldas limpas.

— Por que não me ligou para te buscar no aeroporto?

— Não precisou.

— Eu fiquei que nem louco te mandando mensagem, seu porra.

— Toda vez você fica.

— E você nem para responder.

— Tava comigo, Lipe. – A Bia sorriu de cumprimento.

— Mas é por isso mesmo. – Respondeu, examinando bem o semblante pálido e cansado dela, cumprimentou o irmão.

A Bia só cumprimentou todos nós depois de cumprimentar a Nina. Primeiro a Nina, depois o Lipe, os dois com beijos nas mãos. Acho bonito esse gesto das Botelho, veio da Geca que beijava as mãos da minha mãe sempre que a via. A Bia pede a bênção da minha Nina, que nunca nem soube dar a bênção, beija-lhe a mão e, no Lipe, ela beija as mãos e o rosto. Um jeitão antigo na moça que não tem muito mais que trinta.

Engraçado. Enquanto o meu filho mais velho parece que não cresce, a Dê e o Lipe sempre como dois moleques, o Guto e a Bia, sempre muito velhos. Balanço. E eu, idiota, perdi mil nessa brincadeira.

Pago com gosto. O Guto puxou a menininha do chão e a esticou por cima dos olhos, a avaliando por inteira, o choro de completude querendo vir para a beirada. Encheu-a de beijinho enquanto a Bia vinha por cima, querendo atacá-la com beijinhos, mas sem conseguir. Ainda não virou a mãe, essas intimidades, só com o tempo. Já tinha o fundamental, o amor de proteção. Olhava da Madalena para o Guto, de um para o outro, querendo avançar etapas e pegar na menina, abraçá-la e ser abraçada como a mãe.

Falavam-se, o Guto conversando com a menina, bem baixinho na orelha dela. Madalena Ferreira, logo, Botelho também. A primeira geração Botelho-Ferreira. Pai do Céu, coitado do mundo. A Madalena, agora a Olga e a contagem não para aí, todo mundo sabe. Terão mais crianças nessa família e vai restar a mim e à Nina a velhice.

Ninguém quis atrapalhar a futura mãe, a filha e o pai, os três naquele

momento de início, a Bia abraçada no Guto, a Madalena olhando para ela com aqueles olhos imensos e verdes, ouvindo o pai dela explicar como seria dali para frente como se ela tivesse idade para entender e concordar.

— Não sei como você prefere a Dê. — A Nina veio para perto de mim, rindo baixinho. — Olha essa Bianca, Dio.

— Só você tem essa competição besta.

— ... Eles estão fazendo o que você não fez: Casaram com as primas.

— É. — Eu não sei se ela falava aquilo para me provocar.

— Pai, segura a janta, o Rafa e o Gabi estão chegando. Dá quinze minutos antes de colocar todo mundo na mesa?

— Quinze. — A Fê respondeu para a filha — Manda eles apertarem o passo.

— Tá na hora de você parar de pegar no pé dela. — Comentei. — Tá durando mais do que o necessário. Você, na idade dela, não era lá essas coisas, também.

— Mas eu não tinha dois.

— Que se conheciam, né, porque era cheia dos namorados. Eu já fui um, lembra? Pega leve, Fê. Pelo menos hoje. O Guto acabou de chegar, é para ser um dia feliz. Não estraga.

— Tá falando para a pessoa errada. — E se ria, me guiando para a cozinha com a mesa arrumada — Até parece que eu sou de dar show.

— Não, sua aparição é de quinze segundos, só o suficiente para acabar com as duas horas de show. — Liguei o fogo das panelas enquanto ela colocava a salada à mesa.

— Tá ficando velho, tá ficando chato...

— Vou pegar esses quinze minutos e te mostrar o velho, Ranzinza.

— Ranzinza?

— É, vive para dar bronca na Manu e discutir com o Lipe.

— Ai, Dio...

— Quer subir por quinze?

— Não.

— Ranzinza.

— Para de me chamar disso!

— Me dá isso, Nina. — Peguei o engradado de cerveja que ela tinha acabado de pegar da geladeira — Liga o forno e coloca a carne para esquentar, que eu levo cerveja para a molecada.

— Deixa duas aqui para mim, que senão eles acabam com todas.

— Duas?

— Além de velho, virou patrulha de copo?

— Me chama de velho de novo.

— Velho!

— Me chama de velho.

— Ai, Dio, eu falei não!

— É A GENTE DEIXAR A VELHARADA POR CINCO MINUTOS...

- Manu tem horas que nasceu mais parecida com a mãe do que deveria. Ela deve ter um radar que apita dentro dela dizendo “putaria dos meus pais”. Incrível como essa menina aparece quando menos deveria. Deu o quê? Cinco minutos desde que ela pediu quinze minutos? Ainda faltam dez, Manu, vai pra lá.

— Fala para eu pegar leve com a Ogra, Dio. Vai, fala. – A Fê cochichava, colada na geladeira, bem pertinho de mim, as mãos na gola da minha camisa e os olhões bonitos colados nos meus.

— Manu, depois você reclama quando a sua mãe pega pesado com você.

— Ouxe, eu pego pesado com vocês porque vocês pegam pesado comigo. Vai, mãe, se comporta, o Rafa chegou.

— Eu não tô acreditando que ela mandou eu me comportar.

— Vai, Nina, vai ser ranzinza com o Rafa.

— Tô liberada para ser filha da puta, Dio? – A Fê falou alto que era para a Manu ouvir.

— Tá.

— Pai, não!

— Vai lá, Fê. Dá seu melhor.

— PAAAAAAI.

— Ninguém mandou. – E ri, deixando a Fê escorregar pelo espaço entre a geladeira e eu, rebolando, feliz demais por poder fazer troça com o namorado da Manu.

— Pai, por favor. – E a Manu pedia toda bonitinha. De onde saiu um gênio desse, meu Deus? De mim que não foi. – Pai, é sério.

— MAS OLHA SÓ QUEM TÁ AQUI. – A gente ouvia a Fê feliz até demais, lá na sala. – Cadê teu clone, Rafael?

— Pai, controla a mãe.

— Teve o que pediu, Ogra. Agora vai lá, entra no jogo.

— Eu não posso medir força com a mãe...

— Não, medir força você nem tem como. Só aprenda a lidar com ela, Manu. Os carrapatos também, manda os dois ter jogo de cintura, que ou é isso, ou é isso.

Voltamos lá para a sala, a Manu descalça e de vestido, toda tatuada, visão agressiva e dois olhinhos quase chorosos por não saber lidar com a zombaria da mãe. Deu um beijinho tímido, quase não querendo beijar, no namorado número

um. Depois puxou o celular para conferir onde o número dois estava.

O Guto e a Bia sentados no sofá, ambos cansados e Madalena enérgica, toda falante. O Lipe guardando algumas coisas na mochila da Olga enquanto a menina mamava na mãe, quase dormente.

Fomos comer, depois. A alegria e o amor dançando entre as Ninas e os Ferreira. Nem a Boca Dura da minha Nina resistiu por muito tempo, depois que o Guto, o que nunca foi de falar, começou a contar, para os que sabiam e os que não sabiam, toda a história da Madalena.

O que aquele menino dizia não era feliz, nem bonito. Dizia com lágrima nos olhos, a Bia segurando-lhe a mão por baixo da mesa, ela sorridente e orgulhosa dele. Entendi finalmente o que ele quis dizer com trauma. Ali, o moleque que era cinza até um tempo atrás, queimou com as asas abertas, pássaro livre que voa para onde quiser, queima o que quiser e volta para contar como foi. Habita dentro e fora de casa. A irmã quebra, o irmão constrói e ele habita. Habitava a mesa inteira, olhando sempre para a mãe que não sabia muito. Não estragou a janta, embora demorássemos muito para engolir a comida. Temperou do jeito dele, sempre um pouco duro e um pouco intenso demais.

Mas era ele, afinal.

— Por que você não pediu ajuda? – O Lipe foi o primeiro a quebrar o silêncio. Ele também não sabia e se sentiu ofendido por ser o último a saber.

— Não quis atrapalhar.

— Atrapalhar, Guto?

— Calma, Marido. – A Dê intervinha.

— Você também sabia?

— Você ajudou, Lipe. – O Guto tentava.

— É, muita ajuda quem não atrapalha, né?

— Tô com o Lipe. – A Nina continuou – Estamos aqui só de bibelô?

— Mãe...

— “Mãe” nada. Come o pão que o diabo amassou sozinho, enfrenta sozinho e a gente tá aqui de quê? Enfeite? A gente podia ter ajudado mais. A menina tá com quase um ano e só agora que eu sei de tudo isso?

— O que a gente fez de errado? – A Manu também entrou na briga. – Você nunca foi de falar e a gente respeitou. Primeiro eu achei que você estivesse quietão porque a gente nunca deu ouvido ao que você disse, sempre ouvimos o Lipe mais do que ouvimos a você, Guto, tudo bem, somos culpados por isso, mas... Não falar uma coisa séria dessas? Ficar se remoendo à toa? E se a Goldi tivesse voltado para aquele cara? Você ia contar quando? Deu tudo certo, ainda bem, mas... Guto! Isso?! Qual o seu problema, caralho?

— Eu não quis contar.

— Que você não quis, a gente viu. — O Lipe abriu o lacre de outra cerveja, triste e cabisbaixo. — A gente teria feito mais.

— Você não é um exército de um homem só, Guto. — A Nina disse. — Você não nasceu de chocadeira e seu pai e eu não demos tudo o que tínhamos, não nos esforçamos tanto para você nem lembrar que nós existimos.

— Mãe...

— Tá errado, Guto. Cala a boca. — E a Manu foi a primeira a se erguer da mesa, chorosa. Os dois carrapatos se olharam, olharam para a Manu saindo, olharam para a mesa e continuaram sentados.

— Manu, volta aqui. — O Guto pediu, se erguendo da mesa também.

— Pra quê? Quantas vezes você me ligou querendo saber como estava o meu dia, eu sabendo que o seu estava uma bosta e eu tagarelei só para te acalmar? Quantas, Guto? Quantas vezes? Por que não se abriu comigo, não me chamou de canto e pediu ajuda? Tinha que ter esperado a Bia cair do cavalo para se curar? Tinha que ter esperado tudo isso? Guto... Qual a porra do seu problema? Você não gosta da gente? É isso?

— Manu.

— Cala a boca! Cala a boca!

Ele a abraçou, sabendo que não estava certo. A abraçou com cuidado, beijando-lhe a face, os cabelos pintados de branco, cochichando coisa na orelha dela.

— Não te perdoo. — Disse, amarga.

— Eu não disse por não conseguir. — Dizia para a Manu, mas para a mãe e o Lipe, também. — Eu não disse porque não saiu. Não porque não confio em vocês ou qualquer porra. Eu não disse porque eu não conseguia falar. Ainda não consigo e, quando consegui, saiu de uma vez. A Dê me ouviu primeiro, depois a Bia. A Bia tinha acabado de sair da cama quando ouviu. Eu nem dei tempo de ela saber que teve parada cardíaca na mesa. Não foi fácil. Não é fácil abrir a minha boca e falar que a minha filha é fruto de um estupro de uma menina de nove anos que morreu na minha mão. Estão felizes? É isso. Não é nada bonito, não é legal, não é romântico. Imagina uma menina de nove anos dando luz a um filho. Imagina ela se rasgando e chorando de sangrar a noite toda, chamando a mãe, porque é isso o que as crianças fazem quando alguma coisa dói, e eu remendando que nem louco para ela morrer no final. Tá feliz? Quer me virar a cara, Manu, vira. Vira você também, Lipe. Mas virem a cara e se lembrem que eu não falei porque não saiu e não porque não confio em vocês.

— Manu, - mandei. — Volta pra mesa.

— Todo mundo tem seu tempo. — o Guto voltou para a mesa primeiro. — Você teve seus cinco anos, mãe. — E atirou sem avisar. — Você teve seus dez anos,

Lipe. (Nem vem falar que foram só cinco, porque eu estive do seu lado e mesmo estando com a Dê um mês por ano eu sei o quanto você se fodeu). E o meu tempo foi esse. Todo mundo tem seu tempo. A Dê teve, a Bia está passando pelo seu. Cada um sabe onde o sapato aperta e eu não estou me fazendo de soberano de porra nenhuma. Só estou dizendo que não tem a ver com confiança. Tem a ver comigo e o meu tempo. Se agora eu consigo falar, então estou falando. Quem quiser virar a cara para mim, que vire.

— Manu, - a Bia pediu com uma ternura que não era dela. – Volta para mesa.

— Não te perdoo. – Repetiu, bicuda, voltando para a mesa, recebendo afago de um carrapato, depois o outro.

— Me desculpe, Manu. – Abriu uma latinha – Mas eu não estou pedindo perdão.

— Vamos embora, Dê.

— Lipe... - A Dê tentou.

— Vamos embora. – O Lipe se ergueu da mesa, deu um beijo em mim, outro na Fê e depois saiu da cozinha, buscando a mochila da Olguinha que dormia nos braços da mãe.

— Me desculpa, Guto. – A Dê pediu, nos beijando, beijando a irmã, a Madalena no colo da Bia, os carrapatos e a Manu.

Foram embora. Depois que o Lipe se foi sem fazer cena, só se foi, escorrido, o jantar terminou amargo. O Guto não comeu mais. Quietamente, amargo, triste por não ter sido compreendido, limpou os pratos da mesa sob os olhos magoados da mãe, lavou a louça, recusou a sobremesa porque nunca foi de comer doce e, só depois disso, foi-se embora, beijando a mãe mesmo sem que ela quisesse ser beijada.

— Dá um tempo a eles. – Eu disse, me despedindo do Guto e da Bia, colocando uma manta sobre a minha neta dorminhoca.

— E quem me dá tempo?

— Vai para casa, descansa, filhote. Lá para o meio da semana a gente sai e resolve isso.

— Diz para a mãe que amanhã passo aqui.

— Deixa que com a sua mãe eu resolvo.

— Diz para a mãe que amanhã eu passo aqui.

— Como você quiser, filho. Agora vai. Não fica triste, isso não é nada. É só preocupação de família, não leva a mal.

— Eu tenho que ser compreensivo com todo mundo a merda do tempo inteiro.

— Já passou seu tempo de ser compreendido. – Ele teve com quem

aprender o atirar sem avisar e cabia a mim receber o balaço com alguma dignidade. – Devia ter se apoiado na sua família, mas não se apoiou. Todo mundo tem seu tempo, verdade, mas os cinco anos da sua mãe foi comigo. O Lipe teve a sua ajuda, a ajuda de todo mundo, sejam cinco ou dez anos. A Manu nunca largou do pé do Lipe, nem você. E você se meteu nessa sozinho como se fosse filho de chocadeira. Decidiu contar agora, parabéns, obrigado. Mas não tira o direito deles de ficarem bravos.

Respirou, conformado. E me deu tchau, fechando a porta do Uber para a Bia e Madalena adormecida no peito dela.

Tive que lidar com duas Ninas chorosas, naquela noite. A história da Sereinha chocou mais do que o Guto previa. A Fê chorou triste, abraçada numa Manu que também foi dormir triste. As duas, mulheres, que sabem o que é ter medo de homem, choraram de dor por causa da mãe da Goldi, mas também porque o Guto não teve coragem de contar nada a ninguém. Traídas, elas se sentiam.

— Pai, por que você não tá bravo?

Fiquei sabendo de tudo ali, também, mas eu não soube responder. Eu só não estava.

Capítulo 41

— Eles não estão bravos com você. – Ela me disse quando o rapaz do Uber deu a partida no carro, ainda na frente da casa dos meus pais.

— A sua definição de bravo é o quê?

— Ninguém está decepcionado com você, não é isso, não leve para esse lado.

— Você não viu o mesmo auê da Manu que eu?

— Vi, Guto. – Respirou fundo, vencida – Só estou dizendo que aquilo não era de raiva.

— Era de quê?

— Família. – Sorriu por cima do ombro da Madalena, nós dois no banco de trás – É assim que é, Gu. Eles estão bravos porque você escolheu passar pelos seus obstáculos sozinho. Eles queriam ter passado junto de você, segurando na sua mão, erguendo a sua cabeça.

— Como se você tivesse contado com a sua...

— Não tô brigando. – Erguia a bandeira da trégua porque demorávamos bem pouco para entender tudo errado – Só que eu sei, hoje, que se eu tivesse contado com a minha família, você não tinha nem conhecido mais nenhuma outra mulher além de mim.

— Partindo do princípio que a família serve para entender abismo.

— É, a sua entenderia. A minha mãe não entenderia o que uma menina de quinze anos estava fazendo com um cara de mais de trinta, mas... No seu caso, isso é diferente. Seu pai teria te catado no colo, sua família inteira teria. Eles são assim, sempre foram. O Lipe tá puto porque ele tá achando que não ajudou em nada, eu entendo ele. Se fosse com a minha irmã e ela tivesse escondido uma coisa séria dessas, eu também estaria puta da minha cara.

— Ele me ajudou mais do que acha. Se não fosse o tempo que fiquei na casa dele até conseguir me mexer, onde eu estaria? Ele e a Dê foram muito importantes. Eu cheguei aqui de volta sem quase nenhuma fralda, nem mamadeira, muito menos dinheiro. Lembra? Éramos só a Pacotinha e eu, e os dois me deram o quarto da Olga e nem se importaram.

— Bom... Diga isso a eles.

— A Manu, também. Cuidando da Pacotinha toda vez que eu precisava sair, meus pais que sempre viram babás dela... Caralho, tenho que desenhar? Todo mundo me ajuda até hoje, eles só não sabiam qual o contexto da ajuda, mas ajudavam.

— Então diga isso a eles. Vai lá, pega a Ogrinha no colo e enche de

beijinho. Não planta mais discórdia, cada um precisa de um tipo de ajuda. Eu precisei do meu pai pegando na minha mão e me guiando, mas você só precisou me comer, brigar comigo e me abrir no meio com um bisturi.

Eu ri sem nem saber porquê.

— Foi ou não foi, Guto?

— A cara que você fez quando o Lipe te expulsou da casa dele me dá pena até hoje.

— “Você só colheu o que plantou”.

— Não sou muito melhor que isso.

— Me trata melhor que aquilo porque eu sou mereço mais, Guto. Se vier de malcriação comigo, rapaz...

— Tem mais coisa em jogo, agora.

— Sempre teve. – Confessou. – Desde que você é moleque.

— Tá confessando que me ama desde menina, Cavala?

— Não, devagar com o andor. Eu queria mesmo era dar. Na época que eu morei de favor na casa da sua mãe, caralho, ô vontade que eu tinha de dar pra você.

— Tinha?

— Você não lembra?

— ...

— “Você vai entrar ou vai sair?”

Ah, isso. Tá sabendo que é essa a moça que é minha advogada, hoje em dia? Não passou em medicina no mesmo ano que eu, mas ano seguinte entrou na SanFran. Continuamos meio amigos até que ela decidiu se fechar para balanço e casar. Nem lembro o que passou na minha cabeça àquela hora, para dizer aquilo. Só fiquei puto de ver a Bia ali, parada com cara de nada, olhando.

— É, Guto. Tô para sentar em você já faz é tempo.

Com o carro estacionado, tirei Madalena do colo da Bia e esperei que ela saísse do carro, no tempo dela e das costelas que ela tem reclamado mais que o normal desde que montou em mim para me conter de matar o Padrasto da Peixinha, e entramos em casa, não sem antes ver que a casa do Lipe estava toda acesa, ainda. Pensei em ir lá e conversar com ele, mas achei melhor não. Era tarde e dia seguinte ele trabalharia cedo. Entrei em casa, a Bia trocou a roupa da Madalena e juntos, desde que me mudei para a casa dela temos feito isso, a colocamos para dormir na nossa cama.

Pedi para ver as costelas dela assim que descemos e ela se recusou, disse que estava tudo certo, que só doía um pouquinho, mas eu pedi de novo, a sentei no braço do sofá e tateei pelas costelas enquanto ela relinchava e depois usou de golpe baixo como se eu estivesse mexendo nas costelas só de putaria:

— Guto, eu tô cansada. Não começa.

— Toda vez é isso.

— Como é que é?

— Fala muito mais do que faz. Fora da cama você tá sempre me chamando para deitar, quando eu chamo para a cama você fica toda cheia de não-me-toques.

— Só tô falando que tô cansada.

— Eu chego perto e você já fica chorando que as costelas doem, que não gosta que te lambam, que isso, que aquilo... Sinceramente, de todas, você é a mais manhosa.

— De todas quantas? Esquece as suas todas ou pode dar o fora.

— Ih, é ciumenta. – E fui arrancando a camisa, as coisas do bolso, os sapatos.

— Tome tento, Gustavo.

— Tô no banho. – Disse, subindo as escadas de novo com a roupa toda na mão, entrando no banheiro dela, esperando que ela viesse atrás, mas não veio. É a Bia, ela não vem atrás nem por decreto. Se enfeza, faz bico, manda você para aquele lugar, mas não vem.

Ou vem? Liguei o chuveiro e lá estava: pelada, os cabelos longe da trança, fechando a porta do banheiro com cuidado para não acordar a menina. Não sorria, pelo contrário. Não era cara de raiva, era cara de outra coisa. Cara de quem quer sentar em você faz tempo.

— Anda na linha comigo. – Mandou, abrindo a porta do box.

— Quem vê pensa que eu-

— Anda na linha comigo e não me faz de idiota, Gustavo.

— Tá bom, Bia. Desculpa.

— Bom.

— Sai da linha comigo, Pequena. – Nunca foi de pedir introduções, não sei porque começava com elas. A puxei para dentro do box, fechando a porta logo depois. Ainda montada no misto de raiva e de mandona, me advertindo de coisas que não precisam. – Tem uma parte de mim que você ainda não conhece e eu quero te mostrar.

— É?

— É, a parte que andou vagando sozinho e com umas doidas, por aí.

— Ah, a parte que não vale nada? – E sorriu, derretida, descendo os olhos da minha cara para o resto.

— É, a parte que você quer ver desde os meus dezesseis anos.

Re-re-re-batizamos o box. Virei-a de costas para mim e fui entrando, sem massagem, bem daquele jeito. Água no meio da gente, as mãos dela se apoiando

e as pernas afastadas. Gemia baixinho, cada vez se apoiando menos, caindo. Cansada, eu sabia. Troquei de posição, a coloquei no colo, encostada no azulejo frio, apertada entre a parede e eu, abraçada em mim, as pernas ao meu redor. Subindo e descendo devagar porque eu ainda me lembrava da costela o suficiente para me importar.

E depois fora do box. Levei a Madalena para o quarto do lado, de hóspedes ainda, a menininha nem se mexeu, sono pesado igual o meu. E re-re-batizamos a cama, também. O cabelo molhado, o banho muito mal-tomado, o corpo dolorido. Deitou-se na cama e não fez cerimônia alguma, me chamando para dentro, as sobancelhas coladas, a boca entreaberta e o suspiro baixinho de moça que confessa amor sem palavras. De todas, Pequena, você é a mais manhosa. Por favor, não mude isso.

Dormiu abraçada em mim, me chamando de diminutivos e me dando as boas vindas ao reino dela, lugar onde bem poucos estiveram. Levantei para beber uma água e puxei o celular. Se o Lipe estivesse acordado, o chamaria para conversar.

— Tá acordado? – Perguntei, digitando.

— Tô. – Isso era mau sinal. O Lipe vive de não dormir.

— Aparece aí.

Vesti uma bermuda e saí de casa, duas cervejas na mão. Ele também, duas cervejas na mão. É esquisito morar do lado. Ele tinha a expressão cansada. Faz tempo que a gente não conversa de verdade. Só um checa se o outro está bem e é tudo. De sentar e conversar mesmo, faz tempo.

— Pai mandou mensagem. Perguntou se vocês chegaram bem. – Ele disse primeiro, sentando na escada do alpendre da própria casa.

— Você já respondeu?

— Já, falei que chegaram. O Pai falou que a mãe e a Manu dormiram de tanto chorar.

— Tudo isso por que eu não contei?

— Para elas é pior, elas são mulheres. A Dê disse que chorou um bocado quando você contou, também.

— A Bia não. – Comentei. – Não fica puto com a Dê, ela não tem culpa. Eu que pedi para ela não contar.

— Não tô puto com a Dê, tô puto com você. Tá todo mundo puto com você.

— De novo essa porra de querer que eu contasse o que eu não queria.

— A gente serve pra quê? É uma história linda, Guto, parabéns. Mas a gente não vale nem pra ajudar? A gente serve de apoio para ser babá da Madalena, mas não serve de ombro amigo?

— Não ter contado não tem nada a ver com você.

— É, mas se fosse o contrário, se fosse eu com uma bomba dessas, você ia querer ter ficado sabendo, então... não desmereça a raiva dos outros. Nem é raiva, aliás. Estamos só de escanteio e a gente faz e sempre fez o que pôde, por você e pela menina.

— Você fez aquilo que você sempre faz.

— O quê? Nada?

— Você abriu sua casa, não me fez perguntas e me aceitou calado. Eu precisava disso. Você, assim que eu cheguei, ofereceu a casa. Deu as coisas da Olga que nem era a Olga ainda, para a Madalena. Eu precisava disso, só disso. Foi mais do que ajuda, Lipe, foi fundamental, inclusive você não ter me pressionado para contar.

— A Manu acha que a culpa é dela, até hoje, pelo fato de você ter ido embora.

— Com a Manu eu me resolvo depois. Você sempre foi o cara de me ligar e pedir conselho, só que eu não sou assim. Você, a mãe, a Manu, são outras pessoas, têm visões diferentes do mundo. Eu sou assim. Não tenta me obrigar a falar quando não quero, sai torto. Tem hora que a gente não consegue falar nada e eu me respeitei antes de respeitar vocês. Não é que eu não quero ajuda, ou que eu tô querendo dar uma e herói.

— E você pelo menos achou o que estava buscando?

— Se eu soubesse que o que eu estava buscando quando fui embora não estava em outro estado ou em outras pessoas... Eu teria muito menos dor de cabeça.

— É, não teria a Lelê.

— Nem a Bia, nem vocês todos chorando com dor de corno, nem nada. Parece que eu precisava de uma prova de fogo. Tive, tô de volta. Vida que segue. Não me puxa de volta para um passado que eu tô terminando de mastigar. Conteí quando foi a hora. Agora vê se olha para a Madalena com os mesmos olhos, porque se ficar olhando para a minha filha fazendo cara de “Ah, coitadinha” eu quebro a tua cara e as tuas pontes no meio.

— Ui, Mona. Tá brava, é?

— Saudades da Mona.

— Quebra minha cara nada. Todo pose de troglodita, uhh, sou malzão, mas é botar choro na mãe e na irmã que fica aí, todo roendo a testa.

— Isso aqui, ó – eu ri, mostrando as juntas dos dedos inchadas – foi o que fiz com o último.

— Quebrou mesmo a cara do tal do Padrasto?

— O que você faria no meu lugar?

— Não sei, velho. – Coçou a cabeça, sem nem querer pensar muito no tema – Não sei o que faço se mexem com a minha.

— É, a vontade é de matar. – Confessei.

— E a Bia? Tá de boa depois de ver você bater no sujeito?

— Foi a primeira coisa que eu pensei: Que vai mexer com os gatilhos dela e etecétera, mas, que nada.

— Ela tá de boa, então?

— Parece que tá.

— Logo mais ela vai querer me contar de tudo. – Lamentou.

— Tudo?

— Esse *tudo* que cê tá falando eu já sei.

— Ninguém mandou você ser melhor amigo dela.

— Aquela bicha não cala a boca. Eu já sei como que o Leo transa, como que o Jorge transava, vish... Sei qual peão desse lugar que ela queria, qual não queria. Guto, bota juízo nela, pelo amor de nossa Senhora. Agora que cê tá ficando bom e de volta, vê se bota juízo nela.

— ... É bom ela te contar um pouco do como que eu transo, que daí você aprende.

— Vaaaaai tomar no seu cu, vai. Vou falar para a Dê te usar de ombro amigo.

— Mais? – Sorri olhando o Lipe calcular do quanto eu sei sobre eles dois.

— A Dê não é dessas. – Se consolava. – Aquela lá, para falar de qualquer coisa disso, se enche de vergonha.

— Vai nessas, que a Dê de santa só tem a cara. Tá no grupo de putaria da Manu. – Dedurei – As Botelho tem um grupo só para falar de pinto. Até a mãe tá nessa.

— Uau, e isso é novidade pra você?

— Achei que você não soubesse.

— Uns dias atrás a Dê quase mandou o meu no grupo. Eu não esquento com isso não. – Rompeu o lacre da primeira cerveja – Se ela quer ver pinto, que veja. Tô aqui se precisar e não sou dono de ninguém.

— Não gosto muito dessa ideia, não. – Comentei.

— Então fala com a Bia. Quero ver você fazer ela sair do grupo, mas... enfim, boa sorte. Aliás, parabéns por ter se juntado com ela. Tô feliz.

— É, tá sendo bom.

— Vai casar?

— Tô querendo.

— Quer fazer um casório só?

— Vocês dois vão fazer a maior festa do caralho, cheio de frescura e patê com torrada, não, obrigado.

— Que nada. – Matou meia lata num gole e continuou – Estamos querendo casar nesse quintal mesmo, nem usar o salão de festa, nem nada. Casar aqui.

— Aqui? Milagre. Logo a Dê e aquele monte de sócio afetado que ela tem.

— Mudou muito. – E disse isso num tom triste.

— Vou falar com a Bia sobre isso.

— Faz de surpresa.

— Casamento não é coisa de fazer de surpresa.

— É, senhor sou-sério-demais-para-contar-as-coisas-para-minha-família-e-para-fazer-surpresa-para-os-outros. Não vai beber não, caralho? Só eu vou beber nessa porra? – Me esticou a latinha que suava – Bebe. De viado com cerveja só o pai, você bebe. Então beba.

— Tá bruto que nem a Bia. Convivência é uma merda.

— A Bia é quem tá bruta que nem eu. – E riu sabendo que não era verdade. – Agora, falando sério. Faz de surpresa. A gente arranja tudo e depois a Dê inventa uma história para colocar a Bia num vestido.

— Por mim a Bia nem casa de vestido.

— De Bota e tudo?

— . – Dei um gole. Três da manhã e eu estou falando de casamento na porta de casa? – De bota e tudo.

— Então tá, mais fácil ainda, que nem história tem que inventar. – Terminou de beber a própria e parou de reclamar que eu não abri nenhuma – De surpresa, então. Vou te mandar os e-mails das coisas que a gente já tem, depois. Manda a lista de convidado quando tiver um tempo e a gente já vai acertando tudo.

— Depois. Essa semana você esquece que eu existo.

— Vai viajar de novo?

— Não, quero re-re-re-batizar tudo porque agora eu sei que é de verdade e a Bia precisa de uns dias de folga antes de voltar a mexer com cavalos.

— Parece cachorro.

— É, vou mijar na sua casa, também.

— ... É só dar descarga depois.

— ...As coisas entre a gente estão tranquilas?

— Tranquilo. Fazer o que se eu tenho um irmão pau-no-cu, né? Vai lá e beija a mãe, beija a Manu, pede desculpa para elas, leva flor, sei lá. Comigo tá tranquilo, mas com elas não. Vê se não demora um ano para pedir desculpa, que

senão você vai ver o pai puto da vida também. – Reuniu a lata e as cervejas fechadas e foi entrando em casa – agora vai lá mijar em tudo, que daqui a pouco a moleca acorda.

— Vai demorar um pouco para dormir a noite toda.

— Tô sabendo, mas tá tudo bem. – Sorriu – A gente não consegue deixá-la chorando sozinha no berço até dormir, então... Uma hora ela dorme, sem pressa, acabou de nascer.

— É, eu também não consegui deixar a Pacotinha chorar até dormir.

— Dá a sensação de que somos desalmados.

— Se é.

— Lembra a Manu? O pai também não fez isso. Tá viva, ó. Meio grude, mas tá viva, então... Beleza, vou lá. A Dê estava no banho quando você mandou mensagem, deve ter saído.

— Tá, dá um beijo nela por mim.

— Tá. – E entrou. Eu também procurei meu rumo e entrei em casa, trancando tudo, apagando as luzes. Lavei uns copos que estavam na pia, coloquei o par de cervejas de volta na geladeira e subi. Madalena dormia no quarto ao lado, cercada de almofadas, sem problema algum de estar no quarto novo, e eu deitei com a Bia de novo, concluindo o dia que começou lá em Salvador e foi terminar agora.

Comprido, pensei. E valeu cada segundo.

Rompi o escritório da mãe sem pedir licença. Era o escritório da minha mãe, eu não tenho que pedir licença. Era de tarde, fui sozinho, Madalena dormia junto da Olga, no meu escritório, debaixo da vigia da Dê. Manu construía, no chão da própria sala, com as peças da impressora 3D, uma maquete do MASP reformado. Vai ficar bonito, parece. Perguntei da mãe, mas a Manu me virou a cara, fazendo birra, coisa de menina.

— Me desculpa, Manu. – Pedi, mais porque ela queria ouvir, do que porque eu realmente queria pedir. – Desculpa, Monstrinha. Não fica de cara virada pra mim.

— Eu fui a última a saber. Como que você conta para as Botelho e não conta pra mim, Guto! Pra mim!

— Cada um me ajudou da maneira que sabia ajudar. – Beije-a e, mesmo que ela quisesse ser solta do abraço, não seria – Você me manteve longe da loucura mais vezes do que sabe. Você foi a primeira a tomar a Madalena como sobrinha, a cuidar dela, a meter apelido. Manu... Você não sabia que estava

ajudando, mas estava. Não faz birra comigo. Não contei para você porque você é uma das pessoas mais importantes da minha vida e eu não queria trazer problema para você.

Chorou mais um monte no meu ombro, cochichando, toda melidre, que não gostou de ser a última a saber, mas que também estava toda sentida por dentro por saber o que aconteceu com a Peixinha. É, a primeira vez que você escuta essa história, o baque é grande, tem que ser aliás, não é brincadeira. Talvez eu devesse ter sido mais brando quando contei. Depois, quando parou, me beijou, limpou o rosto com as duas mãos e me sorriu:

— E afinal, cadê a minha Goldi?

— Tá dormindo com a Olga.

— Olga é um nome tão difícil de dar apelido.

— Nome de adulto.

— Eu tento chamar de Pandinha, mas não pega.

— Pandinha é bom.

— Baixa aqui e não comenta com o pai:

— O que foi?

— Pai tá chamando uma de Vermelha e a outra de Verde, mas eu odeio.

Tô tentando chamar a Olguinha de Pandinha, mas ninguém ajuda.

— Eu chamo ela de Pandinha com você. Vamos ver se pega. – Sorri, beijando-a no topo da cabeça e querendo enfrentar a sala do chefe – Cadê a mãe?

— Com o pai na copa. – O pai no escritório da mãe? – Bate na porta antes, vai por mim.

Saí da sala ampla e fui para a copa, a porta fechada. Não bati, só entrei. A mãe sentada no colo do pai à pequena mesa no meio do cômodo, cabisbaixa, toda chorosa. Conversavam sério, o pai na pose de homem de negócios que eu nasci o vendo possuir, e os olhos mareados também.

— Chegou o ingrato. – O pai disse.

— Cheguei o assunto. – Corrigi. – Que de ingrato eu passo longe. Me dá cinco minutos, mãe?

— Dou, né, vou fazer o quê? – Quando tá mansa assim é que eu sei que está magoada de verdade. Não tem veneno na mágoa. O pai, sabendo disso, colocou a mãe sentada na cadeira e saiu.

— Não fica brava comigo. – Tentei, me ajoelhando ao lado da cadeira.

— Tudo o que vocês quiseram saber, você e seu irmão, das coisas mais cabeludas até as bestas, tudo, a gente sempre disse. Lembra na menstruação da Manu? A gente riu, tirou de letra, você e o Lipe pegaram um baldinho para limpar o sofá e ninguém fez cara feia. O Lipe com a Dê, você dando conselho

pelo telefone, a gente sentando para comer hambúrguer, para tomar sorvete. Tudo isso você lembra, não lembra? Seu pai e eu sempre entrando em cada fria porque preferia ser sincero, que ameno. Para você nem me dizer nada de um troço sério desses? Guto, o que você quer que eu faça? Eu não sei mais o que fazer!

— Eu não escondi.

— Não, foi lindo o como eu fiquei sabendo da procedência da minha neta.

— Eu não escondi, mãe. Eu não sei a senhora, mas eu tenho que lidar com o que eu vou dizer, antes de dizer, senão sai torto. Sai torto de todo jeito, mas sai pior quando eu não lido com o que tenho que dizer. Não contar não foi porque eu não confio na senhora, eu ponho minha mão no fogo por você, pelo pai, pelo Lipe, pela Manu. Não é isso. É que eu não conseguia nem falar Eurenice, que é o nome da mãe da Pacotinha. Eu só conseguia chamá-la de mãe. Entende? Eu não sou feito de fala. Não adianta. A senhora casou com um cara que fala pelos cotovelos, mas não fez filho igual ele. Eu chamei a Madalena de Madalena por causa da Senhora e só por causa da Senhora, porque eu quero ser um pai como a senhora é mãe. Não fica brava comigo, não fiz de maldade.

— Guto...

— Voltei quando deu para voltar, quando eu conseguia chamar a minha filha de filha, quando eu não chorava mais toda noite pensando na Peixinha. Você, eu falei isso para a Manu, para o Lipe, e vou falar para a Senhora também: você me ajudou muito, mesmo sem saber como. Só o fato de eu ter chegado aqui e não ter sido bombardeado de pergunta, só isso, sem contar o acolhimento, já foi tudo. Eu estava com medo das perguntas, mas vocês não fizeram e eu fiquei confortável em ficar. Obrigado por ter ficado com a Madalena toda vez que precisei sair, por cuidar dela, por me ensinar um monte de coisa, mãe, não fiz por mal, me entenda um pouco, também. A senhora espera que o seu filho do meio seja tão transparente quanto as bordas, mas eu não sou. Não tem o que fazer.

— Logo o que lida com gente. — Disse, limpando os olhos.

— Logo ele. — Repeti, beijando-lhe as mãos. — Não chora. Corta o coração ver a senhora chorar.

— Desculpa, então, ter exigido saber antes.

— Não tem que pedir desculpa. Eu não sei o que eu faria se a Pacotinha aparecesse em casa com outra Pacotinha e se recusasse a contar o que aconteceu.

— É, Guto. A gente morre de orgulho de quem você é, mas tem horas que não dá para ser só compreensão. Só seu pai, não sei como é que ele consegue ficar tranquilo.

— Ele não está nada tranquilo. — Eu conheço aquele lá. Se faz de forte

para as mocinhas dele, mas a verdade é que ele está tão ou mais abalado com a história quanto o resto deles, só não disse. – Ele só vai ter coragem de abordar esse assunto comigo na próxima vez que me chamar para ver o brasileiro.

— Só ano que vem, então – suspirou meio rindo, meio chorando.

— Ou quando a gente encher a cara.

— É, não estou entendendo do porquê ele quer tanto embebedar os filhos – E isso saiu da boca da minha mãe, a mulher que embebedou o Lipe quando ele virou corno.

— Chuto que seja saudade. Só pretexto.

— Tô querendo ir também e ver a cena, mas ele tá me proibindo.

— Faz que nem sempre, Dona Fernanda: só aparece. Ele não tem como impedir a senhora quando já estiver lá, né?

— Ele já deu o local?

— Não, mas quando ele definir, te mando.

— Promete? O Lipe tá precisando sair da linha um pouco, tá muito preso nesse negócio de pai-e-marido. Perdeu quase a graça toda.

— ... Madalena conheceu os cavalos hoje de manhã. – Troquei de assunto.

— E como foi?

— Princesa. A Bia tá que não se aguenta, tá espalhando para todo mundo que todos os cavalos baixaram a crina para a Madalena, quando ela entrou no estábulo.

— Coisa de princesa, mesmo. Eu queria ter visto isso.

— É, mas será que a Bia nunca percebeu que os cavalos sempre baixam a crina para ela quando ela entra no estábulo, logo de manhã?

— Os cavalos baixam?

— Todo dia.

— Vai ver acostumou, nem percebe mais.

— Rainha e Princesa. – Eu disse, sentindo o gosto e a força disso. Mãe forte para uma mocinha forte. Cada uma com seus passados difíceis. Cavalo sente e eu senti também.

— Tão lindo. – Me beijou o rosto, orgulhosa de mim. – Imagina a Bia de barrigão, segurando a Madalena, entrando no estábulo dos bichos dela?

— Não vou imaginar não, vai estragar a realidade.

— Vai acontecer.

— Vai.

— E você, vai voltar para a medicina?

— Vou não.

— Nunca mais?

— Nunca mais não sei, mas agora, nem pensar. Só quero resolver o resto da situação da guarda com a Marcela e pronto, sossegar meu facho que tô merecendo.

— Marcela: eu conheço, não conheço?

— Conhece, vivia lá em casa.

— É aquela magrinha de cabelo chanelzinho, toda pequenininha e sempre risonha?

— É, aquela mesma.

— Eita, quando a Bia descobrir.

— Já sabe.

— De tudo?

— É, pô. Tem uma história muito boa com a Marcela e a Bia de quando eu era moleque.

— Com as duas, Manuêlo?

— Calma, não chegou nem perto do que o que a Manu faz com os carrapatos.

— Então conta.

Contei e ela riu, dizendo que faria o mesmo que eu. Se a fulana tá olhando tanto, que entre no balaio. Filho de quem sou, pois sim, sem tirar nem por.

Capítulo 42

O combinado era ninguém dirigir. Para sair de lá catando cavaco mesmo, palavras de Seu Rodrigo. Saíram de um taxi, a Manu e o pai, os dois chegaram primeiro ao inferninho onde a Manu chama todo garçom pelo nome, com uma pista de dança onde todo mundo dança com todo mundo e ninguém fica com frescura de ver uma pessoa de saia, ou de barba. Tendo os genitais que tiverem.

O Guto saiu de outro taxi com o Lipe, os dois com o coração dividido, a Bia o mandando ir logo, a Dê se prontificando a ficar com as bebês, caso a Bia quisesse ir beber com os Ferreira. A Alice, que não era boba, voou para a casa das irmãs para a reunião das Botelho.

Dona Fernanda foi chamada para a reunião das Botelho, mas não foi chamada para a reunião dos Ferreira, logo ela, a Miller, a mais Ferreira entre os Ferreira.

Pelo menos, não pelo Rodrigo. Os filhos todos a chamaram, deram o endereço e o Lipe até se ofereceu para buscá-la em casa, ela quem não quis porque não queria chegar lá quando estavam todos sóbrios. Queria chegar lá só quando o Rodrigo já tivesse virado um velho chorão perdido entre os copos, contando para quem quisesse ouvir sobre uma, só uma, das várias brigas homéricas que ele teve com a esposa.

Ninguém entendia exatamente essa necessidade do Rodrigo de beber com os filhos. A primeira ideia dele era beber só com os filhos homens, mas a Manu foi logo cortando a ideia. “Beber só com os filhos homens por quê? Vai falar mal das mulheres, seu Rodrigo?”. Ela não entendia que ele queria deixar os dois meninos, o Lipe casado e enfrentando dias nem sempre fáceis com a bebê pequena em casa e o Guto, com a profundidade que o Guto tem.

Para o pai dela, o relacionamento da Manu era só de brincadeira. Não via que os Carrapatos eram para grudar e não mais soltar, com a mesma seriedade que ele via no casamento da Dê com o Lipe e agora, da Bia com o Guto.

Demoraram apenas três rodadas de destilado, três ou quatro cervejas, tequila com limão e vai saber Deus o que tinham naqueles copos, para que a primeira pergunta a ela viesse:

— Manu, como é esse negócio de dois caras? – E foi o Lipe quem perguntou.

— O que você quer saber?

— Tudo.

— Quer saber como é que eu transo – Ela traduziu e nem olhou para o pai, que caçava o garçom para pedir uma dose, dupla de preferência, de alguma

coisa muito forte. – Quer saber o quê? Quem entra atrás e quem entra na frente?

— Não, assim não, só quero saber-

— As vezes ninguém entra em lugar nenhum e as vezes entra. Que nem o pai e a mãe: se a mãe come o cu do pai, ninguém sabe, mas você supõe que seja o contrário ...

— Filha, - e Rodrigo não achou nenhum garçom – Pega leve.

— Não pego. – E ela era dura na queda para perder a dignidade com álcool. Sequer arrastava a fala: aquela ainda era A Monstrinha – Acho bom eu ter vindo, já que estamos nesses termos, que daí vocês me levam a sério.

— Eu te levo a sério, Ogra.

— Leva nada, Lipe. Você ainda acha que eu vá me decidir entre os dois ou que vá largá-los.

— Bom, pode acontecer com qualquer um...

— Pode, mas ninguém supõe que você vá terminar com a Dê, né?

— Você que pensa.

— Ninguém acha que seu casamento seja de brincadeira. Todo mundo sabe que você virou Botelho, mas ninguém acredita que os dois tenham virado Ferreiras.

— Mas não viraram. – Rodrigo respondeu.

— Mas podem. Lide com isso, que eles podem. Eu não fico perguntando por exemplo, quem come quem, na relação de vocês. Se a Dê come você, ou se você come a Dê, tanto faz. Mas daí, uma magrelinha que nem eu chega com dois sujeitos a tiracolo e vocês já estão aí, supondo.

— Manu, todo mundo sabe como uma mulher e um homem transam. – O Guto entrou no meio – É a primeira vez que a gente ouve falar de relacionamento a três sem ser para a putaria. Se é ofensivo falar disso, você nos desculpe, mas para a gente é novidade.

— A gente aceita, - Rodrigo continuou – mas é estranho para caralho.

— Tá. – Respirou fundo, olhando para os homens da própria família, contra o muro e aceitando ser vencida – São três bocas, três cus, uma xoxota e dois paus. Misturem.

— Eles se comem?

— Se eles estiverem com vontade, por que não?

— Uau. – Foi só isso o que o pai da moça conseguiu dizer.

— E eles se comem enquanto você não está olhando?

— Não... Quer dizer, pode ser, não tem problema. A gente levou anos para fazer os três lidarem bem com os três. Rolava muito ciúmes, mas agora a gente não liga. Acontece muito de eu começar com um e só depois o outro chegar.

— Você é a Líder?

— Líder, Lipe, você quer dizer, quem coloca a cara na frente? Geralmente. Eles ficam com medo de me deixar de lado... Antes era comum, como o Rafa e o Gabi são muito amigos e trabalham juntos, eles decidiam coisas e me deixavam de lado. Foi a maior briga, aliás. Eles são homens, né. O Lipe e o Guto sempre fizeram isso, também. Se decidem sobre o que vão fazer e só depois me contam. Com eles, a mesma coisa. Daí, como eles não querem mais isso acontecendo, nem eu, é claro, acaba eu tomando a frente.

— E está tudo bem para você, tomar a frente sempre?

— Eu me sinto melhor. – Sorriu, virando a dose de tequila que ainda não tinha dono – Eu me sinto livre. Se eu quiser ser doida, ou meio boba, agora eu sei que não tem problema.

— A Bia me disse isso uma vez.

— Sobre ser doida?

— É, a primeira vez que eu ouvi isso veio dela. – Sorriu para o Guto, deitando a cabeça no ombro do pai – Aprendi muito com aquela doida, no tempo em que morou lá em casa.

— Tá explicado – Rodrigo disse, se enchendo de piada – Agora eu sei porquê você é assim, Manu: Bianca.

— Eu sou assim porque eu nasci da sua mulher. – Riu, beijando o rosto do pai e se aconchegando no ombro dele.

E beberam. Continuaram falando da Manu e seus dois carrapatos, da Dê, da Bia, deles mesmos. Beberam até começar o chororô, o Rodrigo chorando por causa da dele, o Lipe por causa da dele, o Guto só olhando tudo aquilo de drama engraçado e a Manu, a que sempre teve parafusos a menos, ela e o irmão que sempre aguentaram beber muito, dando corda para as lamúrias de um pai e um irmão trêbados.

— É, pai, conta daquele negócio com o Salto que a mãe te fez. – O Guto ria, olhando o pai beber e chorar.

— A sua mãe é desalmada.

— Que salto, Guto? – A Manu ainda não sabia.

— Escuta, Manu. Me agradece depois.

— ... A Sua mãe, Ogra, fez um salto alto fino pra caraio e enfiou no meu cacete.

— UKE???? – O Lipe ria alto, muito alto, as bochechas vermelhas e os olhos um pouco fora de órbita.

— E como que foi, Pai? – O Guto sabia muito como lidar com pessoas.

— A melhor... - Pegou um restinho de vodka pura que restava na mesa – A melhor... Puta merda.

— Cê gostou?

— Se eu gostei? Eu sou um cabaco. Peço de joelho se ela quiser.

— O que tem demais um cano lá dentro do pinto? – O Lipe ou ficava lerdo, ou era tonto.

— Ahhh, filhote. – E se ria – Se você com trinta anos não faz ideia, não é seu pai que vai te mostrar.

— Sonda não é legal. – O Guto já tinha visto a mãe no topo da escada, mas não disse nada.

— Sei lá diabéisso, sonda nunca usei. – Rodrigo continuava – Mas a hora que ela quiser, quantas vezes quiser, é só falar “deita”, que tô deitado.

— Você tem que aprender, Dio, que embebedar os filhos significa deixá-los bêbados primeiro – Fernanda estava lá, de salto e saia, no topo da soberania, sem querer saber se o marido a queria em casa cuidando das netas, ou dormindo sozinha na cama.

— Ô, Delícia. – Ele disse, num cumprimento muito do idiota. – O Guto estava perguntando de como é que você...

— É, Dio, o bar todo já ouviu você falar que gosta de ser arrombado no pau.

— Vamoemboradaqui?

— Não, tô sóbria. – Ela respondeu, sentando na cadeira que o Lipe foi buscar na mesa ao lado. – A gente só vai embora daqui quando eu estiver pior que você.

— Manu, chama lá seu amigo e manda trazer umas batatinhas. – Ele recuou, sabendo que se continuar bebendo no ritmo que estava, não vai conseguir chegar lúcido até a parte divertida onde a Fê também fica bêbada.

— Eu quero isso. – O Lipe disse, apoiando o cotovelo na mesa.

— Quer o quê? Conta e filho ingrato? – A Fê riu, olhando a filha sair para buscar um garçom.

— Não. Isso. O que vocês dois tem.

— Moleque: é só deixar de ser frouxo. – Rodrigo ria e o Guto riu também – Só isso o que o pai tem para dizer para você.

— Quis casar com a mulher que fodeu sua cabeça, não quis? Fez filho na megera, então, agora, ó: chega. – Disse a mãe.

— Toda hora é alguém falando mal da Dê.

— Não, pelo contrário – Ela continuou – Você casou com uma mulher que não cabe no quarteirão. Aquela mocinha bonitinha lá virou um puta mulherão e eu admiro muito isso nela. A coragem dela, mesmo que de um jeito torto. O problema, Lipe, é que você casou com uma mulher dessa e não sabe lidar. Fica aí chorando quando ela tem que ir para Portugal, fica aí chorando que

ela chega tarde em casa, fica aí chorando que ela isso, que ela aquilo. Moleque, vira homem. Bota essa mulher para correr um pouco atrás de você e vê se deixa de ser tão dócil. Que isso, meu filho. Você nunca foi dócil, agora tá aí “deixa eu ir para casa que a Dê tá x”; “deixa eu ir para casa que a Dê tá y”.

— Eu lembro de você contando moeda para ir vê-la no aniversário dela, todo feliz, sempre fazendo plano, surpresa, sempre atrás de alguma coisa e agora tá aí, parado nessa vida de marido e pai... Filho, quando você casou, você queria isso?

— Por um lado, queria.

— Assim, tão apagadinho?

— Não, mãe, assim não.

— Acontece com todos os casais, filhote – Rodrigo retomava – Sempre vai ter uma hora de merda que você vai ficar descontente, não tem outra.

— Eu que o diga, viu, Dio? Abre teu olho, Lipe. Volta a ser moleque besta, que essa sua faceta de pai de família tá chata. Volta a encontrar uma felicidade quando chega em casa, sem tanto “eu tenho que”, que senão só vai dar merda. Acredita na sua mãe e na mulher que ficou cinco anos sem saber o que é transar direito.

— A Dê também – Disse, o melhor-amigo, porta-voz da Vaca Megera – Vive me perguntando o que pode fazer para te deixar mais feliz. Faz tempo que ela não chega tarde, que chega até mais cedo que você, que não dá um pio sobre o trabalho quando tá em casa. A Dê tá tentando, então tenta você também.

— Mas a Dê já te converteu? – A Fê ria para o Guto, enquanto o garçom vinha com a Manu, os dois conversando com uma bandeja cheia de bebida nova, mas nenhuma comida. – O que essa menina tem que converte todo mundo para o lado dela??

— Não tem lado – E o tapa na cara vinha do Guto – Vocês que ficam nessa de separar a Dê do Lipe como se eles fossem duas pessoas. A Dê funciona com o Lipe, se ele está bem, ela também está. Ela não me converteu, vocês que continuam com birra dela e, se ela tivesse aparecido com a Pacotinha, vocês a odiariam. Porque eu também fui embora, eu também não pedi permissão, ignorei ligação e eu também só voltei quando me senti bem. Lipe, você esperou porque quis. Podia ter seguido com a vida, mas esperou. A culpa não é dela de você ter esperado, porque, afinal, quem terminou? Ela não tem que ficar pagando por “erros” passados, ela já resolveu isso, vocês disseram a ela que isto já estava resolvido, então chega. Se a quiseram de volta, tratem-na direito.

— Olha para isso, Nina – Rodrigo continuou – E vamos parar de odiar a Nina do Lipe?

— Eu não odeio.

— Só não gosta muito. – O Lipe completou. – Tem gente que funciona como duas pessoas, mas a gente funciona como um só.

— Então funcionem. – Disse a mãe – Que só te vejo por aí colhendo migalha.

— Que nem seu marido? Que abriu restaurante, que largou gerência de empresa para te dar mais atenção? Então, mãe: A senhora tem que entender que eu sou o Rodrigo de outra pessoa, a Fernanda é ela. Eu não voou mais alto porque eu não quero. Se eu voar muito alto, sair por aí plantando ponte no mundo, é a minha família que vai para o buraco.

— Então porque você está tão morno, filho?

— Vai passar.

— Vai? – A Manu se intrometeu – Vai mesmo? O que você não está contando, Lipinho? Tem alguma coisa ou não tem?

— É coisa nossa.

— Mais do que salto-sonda no pinto?

— Mais. – E vinha junto um choro-bêbado meio desabafo.

— Lipinho, o que foi?

— Perdemos o tesão.

— Os dois?!

— Uma vez a cada três meses, tá que nem feriado.

— Ih, Lipinho... Você também não anda muito a fim?

— Não.

— Não é cansaço não, amor? – A mãe não sabia disso.

— Também.

— Vão viajar. – O Guto disse. – Eu fico com a Olga, vão viajar.

— Tá faltando alguma coisa e a gente não sabe bem o quê.

— Acabou o amor? – O pai perguntou, agradecendo ao garçom que vinha com as batatinhas.

— E eu vivo sem ela? Eu sei que ela não vive sem mim, mas... sei lá, depois da Olga... tudo mudou.

— E muda mesmo. – A mãe continuou – Muda tudo e nunca mais é a mesma coisa.

— A diferença é que quando você se toca disso, precisa mudar os ares pra não ficar doido nem sem graça. Vai, meu filho, vai viajar com a sua Nina e deixa a Olga com a gente um pouquinho.

— É, depois vocês voltam e casam. – O Guto disse, abrindo uma latinha de cerveja para acompanhar as batatinhas. – Eu espero.

— Vê se não vai contar tudo isso para ela, Guto. É coisa minha.

— Tenho cara de leva-e-traz?

— Pelo menos você e a Bia estão bem, né? — A mãe trocou de assunto.

— É, ainda falta re-re-batizar umas coisas.

Já amanhecia quando os Ferreira todos se cansaram de beber e comer. Dançaram na pista de dança, comeram, encheram a cara até o ponto do tesão subir, passar, sobrar lágrimas e depois, só sobrar cansaço. Fizeram festa, a primeira festa com todos adultos, a Manu com liberdades para falar dos seus, o Lipe para falar das suas Ninas, o Guto como mediador. Beberam como nunca beberam e depois, liquidados, foram embora.

O Lipe chegou em casa, cheirando a álcool, vazio de ter desabafado coisas que não se pode desabafar com o parceiro de vida, encontrou a Nina dele deitada com a Olguinha feito duas anjinhas e, sem querer atrapalhar, foi para a sala. Não tinha equilíbrio suficiente para tomar banho, então só se esparramou no sofá, fechou os olhos e foi tudo.

— Acorda o papai, amor. — A Dê falava com a bebê que mal se mexia ainda.

— Papai acordou, nenê. — Com uma ressaca dos diabos, bêbado ou sóbrio não se sabia, se ergueu do sofá, deu um beijão no rostinho da filha e depois olhou a sua Dê. — Ê, Nina. — Ele disse, sem bom dia, porque ele nunca inicia a conversa do jeito certo.

— Ê, Marido.

— Depois de tudo isso que a gente pastou, você e eu, é assim que agora a gente tá?

— Vem conversar comigo na cozinha, - ela disse, com tom de amor — comprei ontem o danone que você gosta.

E ele foi, de camisa e jeans ainda, sabendo que não vai ser a última vez. Vida real é difícil, mesmo. A graça está toda nisso.

Capítulo 43

Um mês depois

Era, de novo, deus e o diabo na terra do barro batido. Não se sabia mais qual divindade era qual. Uma mulher, um cavalo ruim e um escudeiro. Na mesma pista da queda. Os mesmos adversários, os mesmos problemas. A família no alto de seu camarote, todos apreensivos, esperando a largada. Ainda faltava meia hora e ela sabia que não havia adversário maior que seu passado.

A diferença é que agora ela não estava sozinha. Ele armava a amazona para a batalha contra si. As piores batalhas sempre serão as internas. Ele, com cuidado, colocou o cabresto no cavalo ruim, arrumou a guia, as fivelas todas, a sela. Em silêncio. Sem querer pensar nos seus próprios demônios, com medo de vê-la, outra vez, caída na pista. Cumprimentou o cavalo ruim sem palavras e esperou. Era só o que ele podia fazer porque ela disse, com todas as letras:

— Eu vou sozinha.

Era uma coisa que só ela podia fazer. Não havia dinheiro ou cavalo para troca. Ela queria, como disse na maldormida noite anterior, enfrentá-lo sozinha. Queria ela chegar nele e dizer o que a Bia mocinha, de quinze anos, gostaria de ter tido a coragem de dizer.

Por isso, banhou-se, arrumou-se no couro branco dos cavaleiros de elite, calça, botas de montaria, a jaqueta. Com o capacete embaixo o braço, respirando fundo, sentindo o vento matinal passar por seus cabelos molhados e soltos, entrou no estábulo emprestado ao adversário e o viu lá. De primeira, o coração disparado. É mais fácil ter a coragem de fazer, do que fazer. Era mais fácil imaginar o que dizer, do que de fato, abrir a boca e falar. Lá estava o Sérgio escovando, com amor, os pelos da barriga de um Árabe.

Ergueu-se quando ouviu o barulho da bota no assoalho úmido do estábulo, mas não disse nada. Olhou para a mulher diante de si, aquela que caiu da última vez e ele também, com mais coragem que ação:

— Tomei um susto quando você caiu. — Ele disse, quase manso.

— Não vou cair de novo.

Demitido do Flamengo porque ela mexeu seus pauzinhos, mas com uma extensa carreira que falava por ele, arranjou emprego de novo, com salário mais alto, numa equipe olímpica, cuidando não de frotas, mas só de três cavalos. A vida de um homem não se perturba quando descobrem que ele é um abusador.

Mas ali, era só um homem na terra do barro batido. Não era um deus, não

era um diabo, não era nada. Era só um homem que se curvava ao sabor do tempo, envelhecido, menos másculo, enrugado e embranquecido. Era só o fim da vida de um homem que não mereceu viver. Sorria olhando para ela, tudo aquilo de mulher que nunca foi baixa, mentirosa, traíra ou infiel. Ela resplandecia mesmo diante de um homem como ele, mas ele... ele definhava.

Solene, com o capacete debaixo do braço, ela via o que ele sempre foi. Só um cara. Apanhou dele e não tem como provar que apanhou, sofreu na mão dele e não tem como provar que sofreu. Como judiar de um sujeito quase vinte anos depois? Não tem como. A melhor coisa que ela pode fazer é continuar na estrada que ele queria que ela tivesse parado. O melhor troco é continuar vivendo. Gente como ele vive de apodrecer os outros, e é fracasso deles quando a vítima vigora.

Só que isso, ele continuar vivendo impune, isso não é justo. Ele abusou de uma menina, ele forçou um aborto, prometeu mundos, casamentos e fundos. Iludiu uma criança que queria ser adulta logo e brincou muito com isso. A Bia de quinze era uma meio menina e meio mulher, na idade de fazer besteira de brincar de adulto, descobrir o próprio corpo, mas com alguém da própria idade. Com os mesmos interesses, os mesmos questionamentos e os mesmos valores. Aquilo ali, parado diante dela? Era um adulto. Era um sujeito consciente de que não devia alimentar uma ilusão numa moça tão jovem.

Continuar vivendo é o fluxo natural. Tudo passa. Ela, ali diante dele, majestosamente, imensa com envergadura de paisagem, é como uma mulher diante de uma barata: asqueroso sim, mas inofensivo. Ele era inofensivo. O susto da queda não foi por medo, por gostar dele ainda, não foi nada daquilo e ela, olhando para ele, agora ela sabia. Era mais medo do próprio passado, porque agora ela está onde homem nenhum alcança:

Confortável na própria pele. E homem nenhum arranca isso. Diminui isso. Liquida. Homem nenhum chega numa mulher que entendeu o próprio passado, lidou com isso e sobreviveu. Sobrevivente é uma classe mágica de mulher que se torna imune àquilo que tentou matá-la primeiro.

— Eu tinha um monte de coisa para te dizer, Sérgio. Um monte.

— Só temos uns vinte minutos. — Sorriu sugestivamente, dando uma boa olhada na delícia encapada de branco que nunca mais lhe servirá no bico — Quer entrar aqui comigo?

Ela chegou perto dele, mas não foi para entrar em droga de baia nenhuma. Tirou o capacete debaixo do braço e, com ele, deu-lhe uma porrada no nariz tão forte, moça que segura cavalo arisco na guia, que domou a Bel, que entra no estábulo e é mãe de todos os cavalos. Brio e fibra não só metaforicamente falando. A Bia não acorda as cinco da manhã todo dia para dar

tapa fraco: Uma capacetada muito da bem dada. Sérgio segurando o nariz entre os joelhos falava melhor do que mil acertos de contas.

Saiu de lá, do próprio estábulo, inteira trêmula. Não pensava em nada, só vai conseguir pensar quando se sentar na Bel e respirar fundo, esperando o tiro da largada. Andou do estábulo emprestado para o estábulo da Bel, o caminho do herói que deixa o campo de batalha, a volta do inferno. Um pé depois de outro sem olhar para o grande espetáculo lá fora. Era dia de festa e todo mundo queria falar com a Bia, se certificar que a moça Amazona vai correr com o cavalo-diabo e dizer, secretamente, que estão todos torcendo por ela.

Devia ser uma sensação boa, o descontar nele os anos de tortura. Por que não é? Por que remexe com fatos tratados na terapia, com iras e quenturas da boca do estômago? Bater num sujeito que te bateu não devia ser revigorante? Continuou caminhando para o escudeiro. Tinha horários. Encontrou-o, mas não olhou-o nos olhos. Queria chorar. Passou, não passou? E por que ainda dói?

Ferida que vai doer sempre. Aprendeu a lidar com ela, o tempo consome as dores, mas vai doer, ainda. Dizer que venceu uma situação dessas não é honesto. Ela olhava para as mãos do Guto, acuada ainda, segurando o capacete pelo fecho de segurança.

— Fez o que queria ter feito?

— Passa um pano no meu capacete. – Ela disse, uma voz ruim e um jeito de menina que quer colo.

— Deixa o capacete aqui, olha para mim.

Não se falaram e ela olhava a ele como um espelho. Não tá boa para correr e o Guto tinha medos do tamanho do mundo. Em qual largada a gente vai se encontrar dessa vez, Pequena? Segurou-se nele e chorou sem saber direito o porquê, só chorou. Deixou a amargura escorrer pelos olhos, a cabeça apoiada no ombro dele, o seu porto seguro para os dias que não vão ficar fáceis. Ela só precisa entender que não vai deixar de ser forte, se fraquejar.

— Vai correr ainda? – O que ele queria dizer era para ela não correr.

— Vou. – E ela entendia as entrelinhas. Limpou as lágrimas, respirou fundo e sacudiu as extremidades do corpo. Vai correr sim porque até correr de novo era o troco para um Universo que testa aquela mulher muito mais do que merecia ser testada.

— Então sobe na Bel que eu já venho.

Entrou na baia do cavalo inteiro já preparado para a corrida, fez-lhe carinho na testa, na barriga, nas orelhinhas. Disse mimos de amor e cantou seu grito de guerra, dizendo que daquela vez, nenhuma das duas vão cair. A Bia não vai se deixar levar por um passado, com um futuro inteiro a ser construído, ainda. Com um monte de cor para pintar o mundo, ela não vai ficar olhando para

o preto e branco. Beijou a testa do cavalo e montou com cuidado, puxando as luvas de couro tão brancas quanto o resto da roupa, de dentro da jaqueta.

— Eu não vou limpar isso. — Ele disse, trazendo o capacete de volta, apontando para o sangue pouco e escorrido no kevlar preto — Porque isso é sinal de uma Bia mais forte. É o sangue dele que está aqui e você não está vendo o que eu estou vendo, mas vai ver. Tô orgulhoso, Pequena, então eu não vou limpar nada. — Na outra mão ele trazia uma fita durex grossa e plastificou o capacete para o sangue não sair mais. Depois entregou a ela. — Só não esquece quem fica do outro lado te esperando.

— Nunca. — Disse, sorrindo meio chorando, ajeitando o capacete na mão.

E então ela viu que ele saiu de perto colocar uma foto dos três, ele, a Madalena e ela, num dia qualquer de Domingo. Ela dormia abraçada na Madalena que também dormia e ele sorria para a câmera, dentro do capacete dela.

— Não esquece de quem fica do outro lado te esperando e mantém teus olhos em mim.

Enquanto ela vestia o capacete, ele abriu a porteira da baia, tirou a camisa de flanela e, segurando a guia do cavalo que não segue ninguém, ele conduziu, mulher e besta, para o campo de batalha.

Tudo o que ela via na frente era ele. O pezinho do cabelo molhado de suor como aquele moleque de dezesseis, o casco duro de pai que ameaça estupradores, os músculos das costas, a estrutura óssea larga e a envergadura. Ela olhava sorrindo um pouco besta, sem ver quem mais quer que fosse, no caminho entre o estábulo e a pista.

No mar, o que guia um marinheiro são as estrelas e os faróis. No céu escuro dos dois pássaros, quem guia é aquele que brilha. A Fênix. Gustavo era a guia dela e, sorrindo, colocou a dupla dentro da baia da arena, já na pista montada para mais uma partida de turfe, devolveu a guia do cavalo para a dona. Quando tempo mais? Cinco minutos? Ele conferiu o celular: nove e cinquenta e seis da manhã. Só quatro minutos.

Deu-lhe um último beijo antes do encontro na largada. Ele ainda tinha medo, mas fazia parecer que não. Não queria ser ele o sujeito a trazê-la e trazê-la de volta à vida. A Madalena também não merece ver sua futura mãe caída no chão e toda aquela cena de novo. Beijou dizendo tudo o que sai torto e mostrando, com mãos e língua, o que a espera depois.

— Te encontro depois da Linha, Amor.

— Te encontro depois da Linha, Nina. — Respondeu, com os olhos mareados.

E então ele as fechou sozinhas na baia, olhou as fivelas da sela, da bota

da Bia, do cabresto. Só de precaução. Depois fez o que os escudeiros fazem:

Esperam e torcem.

O tiro de largada soou e ele não quis ver. Tremia, mas escondia porque não era bom que a Bia o visse tremer. Segurando-se nas vigas da baia, olhando para o chão de terra batida, ele só queria ouvir o tiro de encerramento. Não interessava para ele quem ganhava, isso era coisa para os outros e ele não é feito de espetáculos. Interessava é em qual linha se encontrariam. Com a cabeça voltada para baixo, as mãos apoiadas na viga, ele esperou os menos de trinta segundos como se fossem horas. E depois outro tiro. E então ele saiu correndo para encontrá-la na outra linha porque, dessa vez, eles falavam da mesma linha: a de chegada. Onde os dois são campeões e a Bel, o cavalo mais rápido do mundo.

O Lipe e a Dê não se casaram antes porque resolveram esperar. Sabiam. Era vontade deles esperar pelo Guto e a Bia. Primeiro, quiseram casar quando o Guto voltasse, mas o Guto voltou com uma novidade dentro do blusão que era maior que tudo. Uma filhote de sereia, pretinha e linda. Depois, quiseram casar quando viram que a raiva entre a Bia e o Guto era mais de amor, que de ódio. Depois, quiseram casar todas as vezes que reatavam das brigas por carinho e atenção. Por dentro eram casados, desde os dezessete anos e o mar de erros e acertos, mas toda vez que não viam a festa do amor concretizado, esperavam para poder comemorar com todo mundo.

Naquela manhã, a Dê se arrumava com a irmã e a Beta no próprio closet, um vestido bonito, um arranjo de cabelo, a barriga que crescia de novo. Grávida do segundo filho e uma felicidade, uma completude que não cabia no mundo. O Lipe se vestia no quarto do Guto, os dois, em silêncio, virados para o espelho.

A única pessoa que ainda não sabia do casamento era a noiva mais velha. Saiu cedo da manhã para cuidar dos bichos, o Ceceu e a peonada toda avisada de que haveria um casório, mas ela, às cegas.

O primeiro desafio de todos era: como fazer um casamento sem que a Bia visse? O pátio na frente de casa foi descartado. Ficaram, o Lipe e a Dê, por horas discutindo sobre isso até que se lembraram de um outro pátio do amor, menor e mais íntimo, de onde brotaram todas as histórias de amor. Voltaram para uma casa em Minas, numa fábrica de queijo, onde os avós cultivaram amor até que o legado sobrasse num apelido.

Já te contaram, Leitor, que essa família se ama nos apelidos?

A Dê entrou primeiro num helicóptero, ela, a Alicinha e a irmã de

coração que estava de volta só para a ocasião. Depois, num segundo helicóptero, os noivos e Madalena. Os pais dos noivos já estavam lá,, a irmã e os carrapatos, desde a noite anterior. Aos poucos a casa em São Paulo foi ficando vazia antes mesmo das dez da manhã.

Então, seu André, que esteve em São Paulo desde a noite anterior, vestido como se veste todo dia, disse para a Bia que a mãe não estava muito bem. Só assim para a turrona largar os bichos. Disse que um helicóptero a esperava no descampado (e esperava mesmo) e que Dona Angélica estava num tal hospital.

Sem nada nos bolsos, sem pintura na cara, sem qualquer ornato, de bota e jeans e o coração da boca por motivos errados, ela entrou no helicóptero, olhou para o pai, viu o jeitão calmo dele e não entendeu: por que tão calmo? O helicóptero levantou voo, o piloto não dizia nada, seu André olhava para ela e lhe sorria, mas não explicava do porquê tão calmo.

Alguma brincadeira de mal gosto, por certo. Só podia. Seu André? Que treme nas bases só de ouvir falar em helicóptero? Que treme mais ainda e se enfia num helicóptero só de pensar que a mulher não passa bem? Não, ele não brinca assim. Olhou-o mais um pouco, não decifrou e então perguntou:

— Pra onde tá me arrastando?

— Se o pai soubesse que faltava só um pouco de carinho, filhota, o pai já tinha te dado isso há muito tempo. — Ele disse, quase todo embargado no choro, pelo microfone do fone de proteção.

— Tá falando de quê?

— Pai tá orgulhoso.

— Pra onde tá me levando, caralho? Quantas vezes vai me fazer perguntar?

Ele não respondeu. Não era seu papel. Olhava para a filha mais velha, a menina mais orgulhosa, teimosa, malvada, competitiva e de coração puro que ele conheceu. A boca mais dura num raio de mil quilômetros. O coração mais mole. O doce mais mordaz numa geração de moças. Olhava-a e via de novo, restaurada, cacto coisa nenhuma, rosa selvagem. Calça atolada na bunda e botinhas, num arrastar mineiro idolatrador de pão de queijo bem mais do que um mineiro comum. Toda ali de novo. Tentando fazer dar certo com um bruto e uma pequeninha doce, seiva de pedra dura.

Tentando. Vivia de tentar. Se não acertava, não era por falta de tentativa, mas por falta de exemplo. Se não acertou em muitas vezes, é porque tentava sozinha num ideal de vida que ela não quer alcançar nunca. Sempre tentando chegar, sempre tentando melhorar. Remediando os joelhos nas quedas, secando as lágrimas nas costas das mãos e colocando homens mínimos em seus devidos

lugares com capacetadas e muito falar duro.

É assim que ela vence. Mede forças com o impossível e segue uma luz que não se apaga, em meio ao céu escuro. Dois pássaros que brincam de impossíveis. Ela é guiada pelo fogo da fênix e traz no peito e na ponta das asas a luz para acendê-lo quando se apaga. E quem diria, que da Fênix e do Pégasus, viesse um filhote de sereia? E quem diria. E quem diria que depois de um aborto na adolescência, carregasse de novo no ventre a síntese de um amor e um sonho? Estava grávida e não disse a ninguém. Não sabia fazer surpresas como a irmã, que arma esquemas mirabolantes só para ver chorinho de amor no príncipe dela.

Só queria contar, mas não sabia como. Só queria chegar no seu e dizer, do jeito que eles são, sem palco, que estava grávida. Não tinha coragem porque gravidez é motivo de festa e ela não sabe como dar festas.

O pai não falava nada e não saía do celular. E ela sem querer contar sua própria surpresa. Desceram na fazenda do avô, bem perto da casa grande, mas não o bastante para que ela entendesse tudo. Seu André fez questão de dar o braço para a filha que queria adiantar o passo e entrar logo em casa para saber o que de tão ruim acontecia, que ninguém a explicava nada.

E então, conforme se afastavam do helicóptero, ela via nascer uma tenda branca, lá no jardim dos avós. Vestiu novamente seu chapéu de todo dia, de braço dado com o pai sem entender.

E então entendeu.

Lá estava a primeira noiva, de vestido, toda arrumada. De braço dado com o príncipe dela, o moleque que não cresce. E do lado deles, o outro noivo, vestido de noivo, terno e flor no bolso, bruto um pouco cascudo demais, mãos de médico e guiador de cavalo-mulheres. Sorria lindo sem dizer palavra, o carpete branco em cima do jardim gramado, famílias dos dois lados dos bancos, até uma parentada que não se vê todo dia por distância e falta de assuntos. Todo mundo sabia.

Debaixo de um Sol de almoço, tenta de vários véus, flores nas bordas dos bancos, o padre como tem que ser, a irmã mais nova, alma gêmea e sócia para toda a vida, o melhor amigo, e pai de uma princesa, e ele. A Beta, a Alicinha, a Manu Monstrinha, a Olguinha. A Tia Fê e o Tio Digo Geleirão. Todo mundo. Quem não chorava, sorria muito.

E ela ali, de calça e botinhas, sem ornato, sem entender do porquê fazer isso. Podia ter metido um vestido, diabo, precisava ir assim, vestida de peão?

O que ela não entendia era que aquele era o uniforme de uma rainha. Era a vestimenta que caracteriza a realeza do jeito que ela era. O Guto ficou bravo com todo mundo que sugeriu vestir a Bia de outro jeito. O chapéu de elmo, a flanela de armadura, peito que aguenta tudo, mas não devia. Brincando em meio

às bestas, doma à base de carinho e torrão de açúcar, mãos ásperas do tanto brigar. Estava vestida como tinha de estar. Sorriu de ver que ele também estava vestido como devia estar. De pai e de marido e de noivo e amigo e amante. De amigo, mas naquele dia, de noivo. O dela.

Vestido de sonho de menina.

Os joelhos bambearam quando o viu como sonho de menina. Aquele tipo de sonho bobo secreto que não se conta a ninguém por achar bobo demais. A Madalena no colo do vô paterno, toda feliz por reconhecer a mulher que, aos poucos, ela passa a entender quem é. Continuou caminhando olhando para ele e só para ele, ninguém mais. Se não é nos extremos, então não é. Se não é à força, sem planos, no desembesto, então não serve. Não é assim que é, Bia? Mais desembesto do que um pai que coloca na igreja, por meio de um helicóptero? Não tem.

Sorriu no altar, beijando primeiro as mãos do futuro marido. Beijou-lhe a testa, recebeu o beijinho carinhoso no rosto e disse, sem querer segurar mais, inteirinha envolvida de amor e trocas:

— Tô grávida. — Cochichou.

Competiam surpresas. Tomara que nunca vençam. O jeito do Guto de saber que estava grávido foi o mesmo jeito emocionado, congestionado e lindo que o Lipe recebeu a notícia, e como Rodrigo quando recebeu as três notícias. Os Ferreiras têm um jeito só deles.

Cantaram então, a vitória meio-de-caminho que podiam cantar. Não era final, mas era uma vitória. As irmãs e os irmãos, filharada que vai nascer tudo com a mesma cara, casinha cerca-com-cerca, história de gente simples até a página dois. Dançaram nos cantares tristes, choraram nos cantares felizes e, aos poucos, foram criando uma música muda, própria e deles, tom de tudo isso, sem ninguém querer escrever o final porque: Essa o Rodrigo já sabe e vai ensinar aos filhos.

O “Eu aceito” não é final. O Eu aceito é só um mote. Vestiram, O Guto e a Bia, o anel de casamento que já foi do Tio Digo com a Tia Fê, o Lipe e a Dê, o anel de casamento dos avós. Que é para que não esqueçam que a felicidade é deles, mas não começou neles. Laço que se estica, flecha lançada que vem bem antes deles e não vai acabar ali.

Se eles quiserem e trabalharem para isso, não vai acabar nunca.

Epílogo

Houve um tempo, pai, que a mãe chorava o tempo todo depois de receber seu diagnóstico. Como pode, depois de tudo, todas as idas e voltas, o senhor se esquecer? Como pode? Como pode o senhor se esquecer que fomos nós, seus filhos, quem te ajudamos a trazer Manuzinha para o mundo? Como pôde o senhor, tagarela, acordar mudo na sua própria casa, sem reconhecer quem eram aquelas pessoas ao seu redor?

Tem coisas que não são justas. Um dia o senhor virou para Madalena e perguntou a ela quem era. É a única pretinha da família. Bia é queimada de Sol, mas, pretinha, só Madalena. Filhota minha dormiu chorando agarrada comigo e nem tem mais idade disso. Um dia o Senhor sorriu para Olga de um Jeito estranho. Todos nós entendemos. Olguinha tem o jeitão da sua mulher, não tem? Está dando trabalho para o Lipe do mesmo jeito que a mãe dava para você. Senão mais.

Decidimos escrever tudo depois que o senhor releu seus calhamaços. A mãe, numa tentativa de trazer um pouco de você de volta, te deu aquilo que já a conquistou uma segunda vez. Víamos o senhor trancado no seu quarto, dia após dia, relendo aquilo com uma devoção tão grande, tão você de novo, que o Lipe virou para mim qualquer dia e me disse:

— Guto, escreve a sua história comigo.

De primeira, não quis. Se fosse para seguir a mesma linha que o senhor seguiu, eu não conseguiria. Pensei comigo: como escrever as minhas transas e as minhas taras malucas, os meus dias ruins, confessar os meus crimes num papel? Hemingway, você citou, disse que não havia nada para escrever, só restava sangrar. E como eu ia deixar você ver o meu sangue?

Houve um dia que você brigou com a mãe porque não entendia quem era aquele moço que a abraçava com tanto amor. Teve ciúmes do seu próprio filho e eu entendi que o Lipe estava certo. Ou escrevíamos e deixávamos de recordação, ou tudo o que o senhor viveu seria pó. *Só pó, fotografia e umas lembranças.*

Você não vai mais chorar quando ver a tatuagem que a mãe fez para você? “Encosta e me observa”. Você não vai mais morrer de rir de ver um salto altão? É assim que você vai embora, pai, um pouco por dia, se desgarrando de tudo isso que o senhor, o vô e seus dois filhos construíram? Olha para a Janela, pai. Vai ver o dia lindo lá fora, vai ver suas meninas brincando, todas as Ninas da família, e não vai mais se comover com elas? Não vai mais olhar para os meus filhos, meus três filhos? É, pai. Depois de Madalena fiz mais dois naquela cavala.

E Lipe fez mais, também. Olguinha que não tem nada de Inha e Artur, o Azul. O senhor devia lembrar dele, sentado no escritório da mãe dele, dando conselhos para ela, do mesmo jeito que ela fazia com o pai. Arthur André, igualzinho à mãe e o vô. Não sei de onde o gênio ruim da Olga saiu, com um irmão tão doce.

Quer dizer, sei sim. E a dona desse Gênio ruim está fazendo teu café. Ela ainda bebe café daquele jeito sugestivo, igualzinha. E conserva a ponte nos ombros. A mãe continua linda, pai. O Senhor tem que se lembrar. E ela fica amarga e triste de ver que o senhor a abandona todo dia mais um pouquinho.

Tem que se lembrar de Madalena domando seu primeiro cavalo aos seis anos. Tem que se lembrar que filhota minha é igualzinha à mãe e que a segunda, Fernanda Angélica, leva os olhos azuis das Botelho, mesmo eu não tendo olho azul, nem minha Cavala. Fernanda tem os olhinhos iguais os da Bisa, mas não é nem um pouco doce que nem a Bisa era, é ruim feito sua esposa e a minha. Doma cavalo, tira peão feito de moleque e laça qualquer um com aqueles olhos azuis que tem. Eu sou um pai desgraçado de má-sorte que só soube fazer filha ruim.

O Senhor não se lembra mesmo a desgraceira que dá, quando Junta Olga, Madalena e Fernanda? O Senhor não se lembra mesmo de as três saírem sozinhas à noite, fugidas, para ir na festa de não sei quem? O Senhor não pode se esquecer.

Lipe e eu erramos a mão. Os meninos saíram doces. Meu Rodrigo só não é mais obediente por falta de ordem. Doma cavalo com as irmãs, diz que quer ser veterinário e mata a mãe de orgulho, mas não tem a mesma maldade que as irmãs. Ele leva o seu cabelo, lê como eu lia na idade dele, vive assistindo parto de bezerro no Youtube. Ele te lembra alguém? Por favor, diga que sim.

Meu Rodrigo tem muito de mim e de você, mas tem muito do Lipe, também. Gosta de dar flor para a mãe e quando fica sozinho com ela, eles são melhores amigos. Conta o que a mãe quer saber, desabafa com ela e sempre dorme debaixo de cafuné. Meu filhote mais novo é tão educado e gentil que não parece meu. Parece do Lipe. Não sei de onde esse moleque nasceu. Trocado na maternidade.

Algumas vezes eu olho para o filho do Lipe e para o meu e é como se eu visse nós dois, de novo. Primos com gosto de irmão. Arthur tem a mesma idade que Fernanda, mas não se dá muito com ela, prefere o meu Rodrigo, com dois anos de diferença. Os dois são como eu era com o Lipe, na adolescência. Nenhum dos filhos da geração Botelho-Ferreira têm vocação para engenharia e a sua esposa reclama um bocado, mas o Lipe não liga, nem eu. Temos nosso império bem aqui, do lado da fora da janela. E se eles quiserem ser pipoqueiros,

desde que consigam pagar pelas próprias contas, que sejam.

Mas nós sabemos que sua esposa liga para isso. Nós sabemos porque nós a conhecemos. E se alguma célula sua ainda se lembra onde foi que você foi amarrar seu burro, há de se lembrar que ela não te ter por perto a torna duas vezes mais rabugenta. Duas vezes mais venenosa e duas vezes mais triste.

Faça um esforço, pai. Sai desse quarto e venha comer na mesa. Sai desse quarto, aceite a condição que tem e vem viver o que ainda tem para viver. Leva a sua Nina para comer fora, vai visitar seu amigo Antônio. Dá uma volta no restaurante que o Dudu tem e peça aquele Gazpacho que o senhor gosta. Sai da cama, pai.

Por que tem uma coisa que o senhor ensinou a todos nós, no primeiro calhamaço. Na verdade, em todos os dias da minha vida. Chamou os filhos para encher a cara porque nos viu metidos e doidos nos nossos próprios problemas. Não criou filho do jeito que criou, não engoliu sapo, não se desfez da própria carreira para ver filho sofrendo. Saiba, pai, que também me desfiz da minha. Nunca me encaixei como médico porque meu coração estava em casa. Nunca me encaixei, o senhor sabe, mas em casa, com os meus bezerrinhos, que eu entendi a maior parte das coisas que o senhor escreveu e me dizia e em casa: com eles que eu me sentia encaixado.

Só fui entender o que o senhor me dizia nas muitas vezes que assistíamos brasileiro, quando era eu o pai doido que arrastava filho para o pronto-socorro às três da madrugada. Quando era eu o homem doido que via a esposa afastada e não sabia o que fazer para puxar a guia dela para mais perto.

Mas, de todas as coisas que o senhor me ensinou, as melhores de todas sempre foram: Boas intenções também vão para o céu e que tentar de novo não faz vergonha. O seu cair e se levantar, o seu trocar de rumo, o seu refazer-se me inspira até hoje. Me faz mais perceptivo a coisas que a Bia não é e me faz melhor em coisas que eu nunca fui bom.

E foi o senhor quem primeiro me mostrou a diferença entre amor e paixão. E que paixão nas segundas, terceiras e quartas vezes, depois de instaurado o amor, tem um gosto muito melhor. Engraçado dizer que foi o senhor que me mostrou isso, não a Bia. Por isso que escrevi. Por isso que muitas das coisas estão não na minha voz, nem na voz do Lipe, mas na voz da Bia e na minha. Numa terceira voz que fazia todo sentido ser, quando Bia e eu nos sentávamos, tarde da noite, com as crias todas dormindo, para escrever. Nos encontramos dois jovens idiotas e teimosos de novo. Nos vimos dois imbecis quebrados que tinham medo de brigar porque sabem que, se pagarmos, é para não sair da briga.

Continuamos assim, aliás. Ou ficamos os dois calados, ou estamos

gritando. Entramos no estábulo e brigamos até suspirarmos baixinho na baia vazia, a única que nos recusamos a alugar, a baia que foi o pátio da primeira transa nossa. É, pai. Você me ensinou que brigar pode ser bom. Você quem me ensinou que colocar as coisas para fora é melhor que engolí-las. Você quem me disse que ganhar menos (ou não ganhar nada) é mas bonito que limitar os sonhos de alguém que você ama em prol de umas cifras que no fundo, nem te fazem tão bem assim.

E que homem de família bonita nunca envelhece feio. Você que me ensinou o que é um objetivo. O que são metas. O que são recompensas. Eu não sou mais médico tem muito tempo. E ajudo a Dê se ela precisar, ainda sou Vice da Bia em tudo. Continuo habitando terrenos e sou feliz assim. Não mudaria nem se quisesse. O Lipe é feliz continuando a erguer pontes com a Manu e os dela, mas eu sou feliz assim. Habitando. Me encaixando nos espaços vazios e completando-os. Você quem me disse que tem espaço para mim aqui e eu nunca duvidei.

Tem espaço para o senhor, também. Sua cadeira na hora do almoço está sempre vazia. Te espera. A Mãe te espera, seus filhos e seus netos sempre te esperam. Só não esquece que o tempo passa. A gente te espera, mas o tempo não perdoa e o senhor está volátil. Um dia não me reconhece e outro dia, pensa que sou um espelho. Se dê um instante de lembrança e não se esqueça.

E se esquecer, volte e releia. Tá tudo aí. Bia e eu, o Lipe e a Dê, todos nós nos esforçamos para deixar gravado aqui, para o Senhor que sempre gostou muito de ler, todo o nosso suor, nossas frustrações, nossos espíritos. Nossos dias bons e ruins. Você esteve conosco na maioria deles. E se falamos demais, bom, é que tem coisas que falam muito fundo na alma da gente e a gente precisou colocar. Sem mentiras, nem máscaras, nem rodeios. Cru, do jeito que o senhor foi cru quando escreveu aquela carta quilométrica de amor para a mãe.

Todos aqueles pensamentos e devaneios e ideias loucas, no fundo, foram feitos com amor, não foi? Todas aquelas coisas que o senhor fez questão de escrever, todas elas foram feitas do fundo do peito, lá onde ninguém vê. O Senhor sangrou também e nós nos cortamos um pouquinho, num pacto que une nós quatro, para sangrar e deixar que o senhor veja e saiba o que nós somos.

Um médico, uma veterinária, uma administradora e um engenheiro. Dois irmãos casados com duas irmãs porque a sua mãe, Seu Rodrigo, tratou as Botelho como se fossem cria delas. Porque a Sua mãe, Seu Rodrigo, quis casar a minha sogra com o Senhor e graças a Deus, não conseguiu. Porque a minha mãe, Seu Rodrigo, a sua Esposa, é uma mulher doida de pedra que entorta, com todos os anos que tem, anos esses muito bem-vividos, homens feitos. E derrama aquela pontinha de amor revestida em veneno em todos nós. Até estranhamos quando

não tem. Uma pena que o senhor esteja aí, enfiado nessa cama e não veja a festa que é quando aquela doida, minha mãezinha, inventa de beber e recordar momentos tão vergonhosos que fazem todos nós parecermos moleques de onze anos.

A vida está lá fora, pai. Uma pena que o senhor esteja se esquecendo disso. Nós faremos um esforço para te fazer lembrar. Nós te ajudaremos a não se esquecer do que importa.

E, se por ventura você não for mais capaz de lembrar, estaremos aqui para te contar, quantas vezes quiser ouvir, o quão engraçado é quando junta Botelho-Ferreira. E que o senhor ainda tenha fibra para se proteger do veneno da sua esposa e dos seus filhos porque nós nunca te pouparemos.

Mesmo velho, gagá e de pau mole.

Agora vai. Ergue da cama e vem.

Com lágrimas nos olhos, Rodrigo fechou a pasta com as folhas enumeradas, olhou ao redor, os frascos de remédios na cabeceira da cama, o quarto apagado e a luz solar que vinha de lá de fora. Velhinho, encontrou-se no espelho. A barbinha branca, os cabelinhos brancos, a tez enrugadinha. A dogtag que a filha mais nova lhe fez, na 3D, com endereço, telefone, nome completo e tipo sanguíneo, acaso se perdesse de novo na rua.

Abriu a porta do próprio quarto arrastando as chinelinhas almofadadas, puxou o roupão para mais perto do corpo, sentindo o vento frio. Angélica, aquela Angélica de anos atrás, enrugada como ele, feliz como ele não se lembrava porquê, mexia numa panela na cozinha, ao lado do netinho de olho claro que só podia ser o tal do Azul.

— Sua mãe gostava de ovo cozidinho assim, Tutu. — Ela dizia para ele. Rodrigo esperava encontrar um juvenzinho pequeno, criança até. Não um moleque a cara de um Lipe de olhos claros, na casa dos vinte anos. O tempo realmente passou, não foi? Como que ele não se lembra de tudo? - Já te contei de quando ela passou na UFMG?

— Já, vó, umas vinte vezes. — E tinha vozerão de homem, já. Cortava para ela, com gosto e cuidado, um punhado de cheiro verde numa tábua de carne.

— Vai ouvir vinte e uma. — E ela se ria, contando de quando a mãe daquele cavalo gentil passou na faculdade à qual nunca completou.

— Pai! — E quem era aquele homem grisalho, o rosto jovial, as entradas na testa, a camisa e o jeans? O Lipe ou o Guto? Qual deles era o mais moreno?

O mais alto era quem, o Lipe, ou o Guto? E a barba por fazer, de quem era? O Lipe ou o Guto? Não sabia. – Quer ir tomar um banho antes do almoço? Vem, troca essa roupa, a sua esposa está lá fora arrumando a mesa, fica bonito pra ela.

Ele só acenou a cabeça sem responder, com medo de errar o nome dele. Entrou no banheiro com ajuda do filho, recebeu a toalha, a muda de roupas, os sapatos. Agradeceu ainda confuso sem saber quem era aquele, ligou o chuveiro e banhou-se, com autonomia, sem ajuda. Sabia que o filho lhe esperava do lado de fora, conversava e ria alto. Uma risada gostosa, aquele moleque tinha. *Era o Guto*. O som da Risada o denunciava. Era o moleque calado que pediu o Box do Harry Potter de presente e que via neném nascer pelo Youtube.

Só saiu do banheiro quando estava pronto. Arrumado para rever a esposa. Sentiu falta dela, uma saudade funda e dolorida sem lembrar quando foi a última vez que a viu. De camisa e jeans, sapatos e os cabelos molhados. Lembrava um velho ele. Recebeu a aprovação do filho por vê-lo arrumado longe do roupão depressivo que usava há meses e foi guiado para o lado de fora.

A filharada, a netaiada, o compadre André e Dona Angélica. A pretinha de cabelo enrolado, filhote de sereia, a Menina nomeada Fernanda com olhar doce de Teresa, a Menina nomeada Olga com jeitão de Fernanda e os dois meninos: Tutu e Rodrigo. A Bia lhe deu um beijo na cabeça sem dizer nada, continua um mulherão de olhar ruim, mas sorriso resplandecente doído de lindo. O Lipe brigava com a Olga do jeito que brigava com a mãe. Passeou o olhar por todos eles e não achou. Cadê a dele?

O fizeram sentar-se à ponta da mesa, oposto ao lado de Seu André, ele também alto, mais velho e de cabeleira branca. Toda a primeira geração com o pé na cova, ele pensou consigo, rindo por dentro. A segunda geração ali, tudo formado, pai de família. A Dê, aquela mocinha doce que sempre foi gorda, sorria num vestido de verão para o marido enquanto ele brigava com a filha mais velha deles. Deu-lhe um beijo no rosto quando ele voltou, todo furioso e vermelho, cansado de brigar sempre pelas mesmas coisas.

— Não tem limite. Puta merda.

— Se acalma, Marido, olha quem veio para a mesa. – A Dê apontou, sorrindo feliz e o Lipe o olhou, também. Continua moleque. Sorriu congestionado pelas lágrimas felizes de ver o pai fora da cama. Rodrigo se lembrou das lágrimas congestionadas dele quando recebeu a notícia da primeira gravidez. Homem com alma de moleque.

— Funcionou. – Ele disse, feliz, direto para os braços do pai. Sangrar no papel funcionou. Lá estava o pai de todos, o líder da manada, de onde o amor brota e por onde flui.

— Cadê ela? – Rodrigo perguntou. Aos poucos todos se sentavam à mesa

para o almoço, as meninas e os meninos, os adultos, as crianças e os velhos.

— Tô aqui, querido. — Manuzinha continuava boca aberta e tonta. E livre. Fruto do amor doido. Inteira tatuada, de cabelo natural agora. As unhas vermelhas, um salto alto gigantesco, dona de uma entidade maligna que apodrecia qualquer canteiro florido. E um sorriso maravilhoso que ele sabia bem de onde vinha. Acompanhada dos meninos que ele não lembra mais o nome. Continuam os três? Mas que raio de cola é essa que gruda dois homens feitos numa mulher só?

Se Fernanda estivesse ali, ela com certeza chamaria de chave de xota. E riu-se olhando para Manuzinha que o beijou com carinho enquanto ele sentia o cheirinho do perfume cítrico que ela usava.

— E ela?

— Tá passando batom, pai, aquieta o rabo.

Aquietou-se depois da bronca. Todos sentados, felizes, o Lipe recebendo beijinhos da mocinha dele, o Guto sorrindo para a cavala dele, a Madalena trocando confidências com a Olga; Angélica e André apaixonados nos netos. E ela? Tudo bem, família linda, bem Disney, mas cadê ela?

De maiô, chapéu na cabeça, os cabelos branquinhos, batom do jeito que ela sempre usou, mais puxado para o vinho que para o vermelho, óculos de sol. As manchas do sol, as pelancas da idade, as pernas gordinhas de velhinha, os peitos que amamentaram dois brutamontes e uma desmiolada. O mesmo coração pulsando louco dentro do peito. A mesma felicidade de moleque quando a via. Pode isso, velho desse jeito e um coração doido desses? Pode. Implorar seu cu com setenta anos de idade. Ou mais. Viagra, cialis e o que for.

Vai matar o velho, o Lipe riu, falando baixinho. É agora que o pai empacota. A Fê sorriu com aquele jeito maldoso dela, dando boas-vindas ao marido que não saía do quarto mais, feliz como ele, o coração doido como o dele, batidas de beija-flor, tudo passando muito rápido dentro da cabeça dela até que ela foi a primeira a chorar secretamente, lágrimas felizes e tristes, o passado passando bem rápido.

Para ele, não era só uma mulher na terceira idade que se sentava ao seu lado, no almoço. Não era só a companheira de viagem de uma vida toda. Era aquela da terceira idade, a leoa de meia-idade, a gatinha jovem. Era a devassa do salto alto, a genial professora de faculdade, a matrona feminista do discurso revoltado, a conselheira de nora e de filho. Era a mulher gozando muito e sem gozar nada, camaleoa que se adapta e que não deixa que pisem nela. Era ela. Rainha do seu mundo. E ela sabia, sem precisar que digam nada, que eles fizeram dar certo. Que eles ralaram muito mais que o joelho nas quedas. Que eles caíram e levantaram, secretamente dentro do quarto com diálogos que nunca

terminavam, muitas mais vezes do que contaram.

E vingaram. Ali estava o prêmio. Estavam velhos e não se arrependiam de nada. E não se desgrudavam do passado porque era tudo o que tinham. Não se desgrudavam e brotava, de uma olhada e uma reconhecida, a paixão entre eles pela enésima vez na vida.

Como tem que ser, ele a pegou pela mão, sorrindo muito e feliz por ver que ali estava a mulher que lutou a vida toda para ter, a mulher que lutou a vida toda por ele também, beijou-lhe os dedos enrugadinhos, a mão de pele fina e depois os lábios.

— Bem-vindo de volta, Dio. — Ela sorriu, a voz mais rouca e mais frágil, limpando os olhos molhados.

— Nina. — Ele chorou. — Tá com fome?

— Não.

Então ele a puxou para fora da mesa.

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Epílogo](#)